



# O CONSUMO DE ÁLCOOL PELOS JOVENS DOS ENSINOS BÁSICO (9.º ANO) E SECUNDÁRIO NO DISTRITO DE BEJA:

CONTRIBUTOS PARA A DEFINIÇÃO DE UM PROGRAMA DE PREVENÇÃO, EM EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE

---

*Teresa Margarida Lebrinha de Sousa Tavares*

Tese apresentada à Universidade de Évora para obtenção do Grau de Doutor em Ciências da Educação

ORIENTADORES: *Prof. Doutor Jorge Manuel Rodrigues Bonito*  
*Prof.ª Doutora Maria Manuela Oliveira*

ÉVORA, ABRIL DE 2014







# O CONSUMO DE ÁLCOOL PELOS JOVENS DOS ENSINOS BÁSICO (9.º ANO) E SECUNDÁRIO NO DISTRITO DE BEJA:

CONTRIBUTOS PARA A DEFINIÇÃO DE UM PROGRAMA  
DE PREVENÇÃO, EM EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE

---

*Teresa Margarida Lebrinha de Sousa Tavares*

Tese apresentada à Universidade de Évora  
para obtenção do Grau de Doutor em Ciências da Educação

ORIENTADORES: *Prof. Doutor Jorge Manuel Rodrigues Bonito*

*Prof.ª Doutora Maria Manuela Oliveira*

ÉVORA, ABRIL 2014

INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO E FORMAÇÃO AVANÇADA



## **Dedicatória**

Gostaria de dedicar o meu trabalho a todos os que, de alguma maneira, me ajudaram e acompanharam na sua realização. Muito obrigada!

*“Quando acreditamos apaixonadamente em algo que ainda não existe, nós o criamos.  
O inexistente é o que não desejamos o suficiente.”*

**Franz Kafka**



## **Agradecimentos**

Ao meu Orientador, Prof. Doutor Jorge Bonito, que sempre me apoiou e orientou na minha investigação, com o rigor e exigência que o caracterizam.

À minha Coorientadora, Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Manuela Oliveira, que me ajudou a não desesperrar com o tratamento estatístico de tantos dados.

Aos meus pais, que me deram todo o apoio e “atenuando a dor” das propinas, fizeram com que eu nunca pudesse sequer pensar em desistir.

À minha filha Joana, que apesar das reclamações, compreendeu a minha falta de disponibilidade e ainda me ajudou a contar os questionários.

Ao meu companheiro Zé, que sempre me incentivou e desde o início acreditou mais em mim do que eu própria.

Ao Professor Doutor Domingos Neto, ao Prof. Doutor António Neto, à Professora Doutora Margarida Gaspar de Matos, à Técnica Superior Mestre Fernanda Feijão, ao Professor Doutor Pedro Gamito, ao Prof. Mestre Cesário Almeida, à Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Margarida Antunes ao Enf.<sup>o</sup> Mestre Hélder Marques, pelos contributos, sugestões e colaboração.

À Prof.<sup>a</sup> Mestre Fátima Santos, pelo contributo na revisão da Língua Portuguesa do questionário.

À Prof.<sup>a</sup> Lucília Lourenço, que me ajudou com as retroversões para inglês.

Aos Diretores dos Agrupamentos e das Escolas do distrito de Beja, que se disponibilizaram para colaborar nesta investigação, em especial à Direção da Escola Secundária c/ 3.<sup>o</sup> Ciclo D. Manuel I, de Beja.

Aos alunos que voluntária e anonimamente responderam ao questionário.

Às minhas colegas da equipa do Projeto de Promoção e Educação para a Saúde – Prof.<sup>a</sup> Dores Sardinha e Prof.<sup>a</sup> Ana Castro, pelo contributo no programa de prevenção de consumos, nomeadamente de álcool, desenvolvido na Escola Secundária c/ 3.<sup>o</sup> ciclo D. Manuel I, de Beja.

Aos meus colegas de doutoramento em Ciências da Educação e do mestrado em Educação para a Saúde, nomeadamente à Prof.<sup>a</sup> Mestre Maria Aurora Boné, que partilharam informações, conhecimentos, angústias e alegrias.

À Polícia de Segurança Pública, pela disponibilidade da informação solicitada, relacionada com o consumo de álcool, pelos jovens.

Aos meus familiares e amigos que compreenderam as minhas ausências.



## RESUMO

### O CONSUMO DE ÁLCOOL PELOS JOVENS DOS ENSINOS BÁSICO (9.º ANO) E SECUNDÁRIO NO DISTRITO DE BEJA: CONTRIBUTOS PARA A DEFINIÇÃO DE UM PROGRAMA DE PREVENÇÃO, EM EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE

O álcool é, atualmente, a substância psicoativa mais consumida no mundo, registando-se um grande aumento do consumo pelos jovens. Partindo desta realidade, este estudo pretendeu caracterizar o fenómeno dos consumos, procurando capacitar os adolescentes para as escolhas acertadas. Foi desenvolvido um estudo aprofundado dos hábitos de consumo dos adolescentes, dos seus comportamentos e das suas atitudes, bem como das suas representações acerca dos efeitos do consumo do álcool, tendo em conta os diferentes contextos sociais, dos alunos do 9.º ano de escolaridade e do ensino secundário do distrito de Beja. Foi aplicado um inquérito por questionário, construído de origem, a 501 alunos, juntamente com o *Alcohol Use Disorder Identification Test*, entre maio e junho de 2011. A informação foi tratada com recurso do *IBM SPSS Statistics 21.0*, com diversos testes estatísticos, entre os quais a análise de medidas de tendência central e de dispersão, testes de correlação do Qui-quadrado, V de Cramer e de Kendall, Análise Fatorial e Regressão Linear. Com base nos resultados encontrados, foi elaborado e implementado um programa de intervenção preventiva do consumo de álcool em meio escolar.

Os principais resultados apontam para a maioria dos alunos já ter consumido álcool, tratando-se da substância psicoativa mais consumida. Os alunos tendem a consumir bebidas alcoólicas cada vez mais precocemente, iniciando-se entre os 13 e os 15 anos de idade. Os consumos fazem-se com os amigos, em contextos festivos, aos fins de semana e preferencialmente à noite, para obter alegria e diversão, tendo a maior parte consumido a última bebida na última semana (maior parte rapazes) ou entre a última semana e um mês (maior parte raparigas), anterior à aplicação do questionário, o que corresponde a um consumo atual. Os rapazes consomem essencialmente cerveja, preferindo as raparigas bebidas destiladas/espirituosas. Apesar da maioria dos alunos ter referido que nunca se embriagou nem praticou o *binge drinking*, essas tendências diminuem com a idade e com o ano de escolaridade, predominando nos rapazes. Os

alunos que já se embriagaram fazendo-o menos de 12 vezes por ano, procuram alegria, desinibição, euforia e excitação.

A maioria não consome outras substâncias quando está embriagada, mas esta percentagem diminui com o aumento da idade, e quando o fazem consomem preferencialmente tabaco e cannabis. Apesar da maior parte dos alunos das diferentes faixas etárias apresentar consumos e baixo risco, os consumos abusivos aumentam com a idade e 1,7% revelam consumos preocupantes de dependência do álcool.

A maioria dos adolescentes considera que o consumo de álcool não facilita a integração no grupo de amigos, todavia defende que o mesmo consumo ajuda-os a serem aceites pelo grupo de amigos e, conseqüentemente a sentirem-se mais integrados e identificados com os pares.

Na globalidade, a avaliação do programa de prevenção de consumo de álcool foi bastante satisfatória, tendo a maioria dos alunos sido envolvida nas sessões e no desenvolvimento dos trabalhos.

Devido à limitação temporal para o desenvolvimento do programa de prevenção, este não foi suficiente para mudar os hábitos de consumo dos adolescentes. Parece ter sido eficaz no âmbito da informação e do esclarecimento sobre os efeitos do álcool, bem como na clarificação de factos e mitos associados ao consumo de bebidas alcoólicas. A intervenção foi manifestamente insuficiente para trabalhar as competências dos alunos para resistir ao consumo de bebidas alcoólicas, bem como a sua capacidade de resistir à pressão dos pares.

**Palavras-chave:** Álcool, hábitos, consumo, adolescentes, educação para a saúde

## **ABSTRACT**

### ***ALCOHOL CONSUMPTION BY YOUNG PEOPLE FROM ELEMENTARY (9<sup>th</sup> GRADE) AND HIGH SCHOOLS IN THE DISTRICT OF BEJA: CONTRIBUTIONS FOR THE DEFINITION OF A PREVENTION PROGRAM IN EDUCATION FOR HEALTH***

*Alcohol is currently the most used psychoactive substance in the world, and it is increasingly being consumed by young people. Bearing this reality in mind, this study aimed at characterizing the consumption phenomenon, and helping teens to make the right decisions. A thorough research work has been done on teenagers' drinking habits, their behaviours and attitudes, as well as on the way they described the effects of being under the influence of alcohol, taking into account the different social backgrounds of 9<sup>th</sup> grade and secondary school students from the district of Beja. Between May and June 2011, a survey created from scratch was delivered to 501 students, together with the Alcohol Use Disorder Identification Test. The data were analysed with the help of the IBM SPSS Statistics 21.0, with different statistical tests, among which are the analysis of the measures of the central trend and of dispersion, the correlation Chi-squared, Cramer and Kendall V correlation tests, Factorial Analysis and Linear Regression. Based on the results, a programme was designed and implemented to prevent alcohol consumption in a school environment.*

*The main results show that most students have already consumed alcohol, which was the psychoactive substance they had used the most. Students tend to start drinking earlier and earlier, when they are aged 13 to 15 years old. They do it with friends, in parties, during the weekends, mainly at night, in order to feel good and to have fun. Most of them had drunk their last drink over the past week (mostly boys) or sometime between the past week or one month (mostly girls), prior to delivering the survey, which corresponds to the present consumption. Boys drink mostly beer whereas girls prefer liquors or spirits. Even though most students mentioned that they have never got drunk or practiced binge drinking, these trends decrease with one's age and level of study, prevailing in boys. Students who have already got drunk, having done so less than 12 times a year, seek to have fun, disinhibition, euphoria and excitement.*

*Most people don't use other substances when they are drunk, but this percentage decreases as people get older and, when they do, they use mostly tobacco and cannabis.*

*Even though most students from different age groups present low risk consumptions, the abusive consumptions increase with age and 1.7% reveal concerning consumptions of alcohol dependency.*

*Most teenagers think alcohol consumption doesn't make the integration into a group of friends easier, but they argue that this consumption helps them being accepted by the group of friends and, therefore, to feel more integrated and identified with their peers.*

*As a whole, the assessment of the program to prevent alcohol consumption was quite satisfactory and most students got involved in the sessions and in the development of the works.*

*Since the development of the prevention program was quite limited in time, this was not enough to change the consumption habits of teenagers. It seems to have been effective in the scope of information and elucidation on the side effects of alcohol, as well as in the clarification of facts and myths associated to the consumption of alcoholic drinks. The intervention was clearly insufficient to work students' skills to fight the consumption of alcoholic drinks, as well as their ability to overcome peer pressure.*

**Keywords:** *alcohol, habits, consumption, teens, education for health*

## ÍNDICE

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO .....	1
CAPÍTULO 2 – REVISÃO DE LITERATURA.....	5
2.1. O consumo do álcool .....	5
2.1.1. Enquadramento geral.....	5
2.1.2. Breve história das bebidas alcoólicas .....	7
2.1.3. Etiologia do consumo de álcool: do consumo ocasional à dependência.....	9
2.1.4. Fatores de risco e fatores de proteção .....	12
2.1.5. Problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas .....	14
2.1.6. Mitos e pré-conceitos acerca do álcool .....	16
2.1.7. Consumo do álcool pelos jovens em Portugal .....	20
2.1.8. Contraordenação, acidentes e violação do código penal associados aos consumo de álcool.....	43
2.1.9. Prevenção do consumo de álcool .....	45
2.2. A escola promotora de saúde .....	49
CAPÍTULO 3 – MÉTODOS E MATERIAIS .....	57
3.1. Desenho da Investigação .....	57
3.2. Participantes.....	59
3.3. Instrumentos de recolha de informação .....	62
3.4. Análise da informação dos questionários .....	64
CAPÍTULO 4 – RESULTADOS E SUA DISCUSSÃO.....	65
4.1. Análise da consistência interna do questionário .....	65
4.2. Medidas de Tendência Central e Frequências das respostas ao questionário aplicado antes do programa de intervenção preventiva .....	66
4.3. <i>Teste T</i> – Idades .....	206
4.4. Medidas de Associação.....	210
4.5. Análise Fatorial.....	416
4.6. Regressão Linear.....	434
CAPÍTULO 5 - INTERVENÇÃO EM PREVENÇÃO.....	455
5.1. Métodos e Materiais.....	455
5.2. Resultados pós-Programa de Prevenção de Consumo de Álcool .....	461
5.3. Resultados dos questionários de satisfação do Programa de Prevenção de Consumo de Álcool .....	587

5.3.1. Alunos .....	587
5.3.2. Professores .....	601
CAPÍTULO 6 – CONCLUSÕES .....	609
BIBLIOGRAFIA .....	619

## Listagem de Abreviaturas

**ANSR** – Autoridade Nacional de Saúde Escolar

*AUDIT* – *Alcohol Use Disorders Identification Test*

**CISA** – Centro de Informação sobre Saúde e Álcool

**CID-8** – Classificação Internacional de Doenças (8.<sup>a</sup> edição)

**DGIDC** – Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular

*DSM-V* – *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (5.<sup>a</sup> edição)

**ECATD** – Estudo sobre Consumo de Álcool, Tabaco e outras Drogas

**EPS** – Escola Promotora de Saúde

**EpS** – Educação para a Saúde

*ESPAD* – *European School Survey Project on Alcohol and Other Drugs*

**GTES** – Grupo de Trabalho de Educação Sexual

*HBSC* – *Health Behavior in School-Aged Children*

**IDT** – Instituto da droga e da Toxicodependência

**INME** – Inquérito Nacional em Meio Escolar

**INSA** – Inquérito Nacional de Saúde

*NIAAA* - *National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism*

**OCDE** – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

**OEDT** – Observatório Europeu da Droga e Toxicodependência

**OMS** – Organização Mundial de Saúde

**P12M** – Prevalência nos últimos 12 meses (consumo recente)

**P30D** – Prevalência nos últimos 30 dias (consumo atual)

**PACA** – Plano de Ação Contra o Alcoolismo

**PLV** – Prevalência ao longo da vida

**PNRPLA** – Plano Nacional para a Redução dos Problemas Ligados ao Álcool

**PNS** – Plano Nacional de Saúde

**PNSE** – Programa Nacional de Saúde Escolar

**Rede SHE** – Rede de Escolas pela Saúde na Europa

**REEPS** – Rede Europeia de Escolas Promotoras de Saúde

**RNEPS** – Rede Nacional de Escolas Promotoras de Saúde

**SPA** – substâncias psicoativas

**SICAD** – Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências.

**SPSS** – *Statistical Product and Service Solution*

**WHO** – *World Health Organization*

## CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO

Sendo o álcool classificado como uma substância psicoativa (SPA) lícita, o seu consumo é praticamente despenalizado, sendo por isso, a droga mais amplamente consumida. O Decreto-Lei n.º 50/2013, de 16 de abril, estabelece a proibição de venda e consumo de bebidas espirituosas ou equivalentes a menores de 18 anos, qualquer tipo de bebidas alcoólicas (espirituosas e não espirituosas) a menores de 16 anos, bem como a quem se apresente notoriamente embriagado ou aparente possuir anomalia psíquica (art.º 3.º). Quem não respeitar o disposto no referido artigo, tem por consequência a notificação da ocorrência ao representante legal do menor (art.º 7.º), podendo haver ainda a aplicação de coimas (art.º 8.º).

O álcool não é entendido pela sociedade como uma “droga”, sendo uma substância bem tolerada pela sociedade. Trata-se de uma substância associada à diversão, a comemorações, a brindes, a cerimónias religiosas, a hábitos sociais, a tradições, à medicina e até encarada como fonte de inspiração. Para além disso, o efeito do seu consumo excessivo resulta num estado de embriaguez que é momentâneo e passageiro, podendo desaparecer ao fim de 6-7 horas. Muitas vezes tem-se a ideia de que o álcool cria menos dependência, ou que, pelo menos, não cria dependência facilmente. Contudo, uma simples curiosidade ou um mero hábito social pode gerar graves problemas de dependência, cujas consequências a nível biológico, social, psicológico, emocional, económico, podem condicionar todo o percurso de vida. Para além disso, estão intimamente enraizados na sociedade, determinados mitos e pré-conceitos acerca do álcool, que dificultam a mudança de mentalidades, hábitos e comportamentos.

A nível familiar é mais aceite o álcool que o tabaco, sendo muitas vezes a própria família a estimular o seu consumo, junto dos jovens. É frequente vermos os homens da família a incitarem filhos, sobrinhos e netos a consumirem bebidas alcoólicas (vinho ou cerveja) para se “emanciparem” na sua masculinidade. Diz-se, em jargão: “É de homem! E homem que é homem bebe!”

Assim, sendo a escola um dos locais onde os jovens passam a maior parte do tempo, é um local privilegiado para trabalhar no sentido da mudança de mentalidades, e comportamentos dos alunos face ao álcool. Pretende-se que a escola eduque também para a saúde, ou seja, que promova junto dos jovens estilos de vida saudável.

Presentemente vivemos numa sociedade onde os adolescentes e jovens são facilmente assediados pela publicidade, que entra diariamente nas nossas casas. Para além disso, os adolescentes e jovens de hoje têm mais dinheiro e com maior facilidade que os de outrora, assumindo mais liberdade para sair à noite com os amigos e chegar mais tarde a casa, contribuindo para um aumento do consumo de bebidas alcoólicas.

Numa sociedade em constante mudança e evolução, surgem fenómenos e experiências novas, nem sempre saudáveis para o cidadão. *Binge drinking* é atualmente um conceito novo e moderno entre os jovens, que segundo a OMS, consiste na ingestão de cinco ou mais bebidas, num único dia ou momento (WHO, 2011). Corresponde à “bebedeira rápida e fácil”. Os jovens saem e bebem abundantemente, com o objetivo de se alcoolizarem rapidamente, ingerindo, geralmente, mais de quatro bebidas alcoólicas, com vista a atingirem celeremente um estado de euforia. Este consumo abusivo pode empurrar facilmente os jovens para a dependência.

A motivação para este estudo surge de uma preocupação de compreender este fenómeno e de encontrar estratégias educativas capazes de o prevenir. Pelo facto de verificar que os jovens se divertem em contexto de consumos de bebidas alcoólicas, torna-se imperioso fazer um estudo aprofundado dos seus hábitos de consumo de álcool, dos seus comportamentos e atitudes quando consomem, bem como das suas representações acerca dos efeitos desse consumo, tendo em conta os diferentes contextos sociais. Assim, para desenvolver o nosso estudo, utilizámos uma abordagem predominantemente quantitativa com os alunos dos Ensinos Básico (9.º ano) e Secundário da Escolas, do distrito de Beja.

O tema definido para este projeto foi a promoção de hábitos de vida saudável em meio escolar: os efeitos do consumo de álcool nos alunos dos ensinos básico (9.º ano) e secundário das escolas do Distrito de Beja.

Sabendo que o consumo de bebidas alcoólicas se inicia cada vez mais cedo e é cada vez mais frequente e habitual nos jovens, pois procuram diversão com a ajuda do álcool (ECATD, 2011; ESPAD, 2012; HBSC, 2012), torna-se prioritário implementar um programa de intervenção preventiva desses consumos. É urgente trabalhar a assertividade, a capacidade de resiliência e de resistência à pressão dos pares. Foi neste sentido que pretendemos desenvolver a nossa investigação.

A nossa questão de partida replicou alguns estudos anteriores (ECATD, 2011; ESPAD, 2012; HBSC, 2012; INME, 2011), mas permitiu determinar e examinar os hábitos de consumo de álcool, bem como as representações da população dos alunos

dos Ensinos Básico (9.º ano) e Secundário das escolas do distrito de Beja, acerca dos efeitos do consumo de álcool, em diferentes contextos sociais, permitindo desenvolver e aplicar um programa de intervenção. Este estudo pretende aprofundar e alargar o campo de investigação, podendo ser bastante útil para a escola, professores e alunos, contribuindo para a melhoria da promoção de hábitos de vida saudável.

**Questão-problema:**

*Em que medida as representações dos jovens dos ensinos básico (9.º ano) e secundário sobre o álcool são determinantes para as suas práticas de consumo?*

Devido à complexidade da questão-problema, esta foi subdividida, de modo a ser desmontada em três subquestões para ser mais facilmente estudada:

Q1 - Quais são as atitudes e os hábitos de consumo dos alunos do 9.º ano e do ensino secundário no distrito de Beja?

Q2 - Quais são as representações dos alunos sobre os diversos efeitos do consumo de álcool?

Q3 – Que tipo de estratégias preventivas ao consumo de álcool podem contribuir para a diminuição do consumo de álcool pelos jovens?

Neste trabalho foram definidos os seguintes objetivos:

Ob1 – Identificar os fatores que induzem os adolescentes a iniciar o consumo de bebidas alcoólicas.

Ob2 – Descrever as atitudes, os comportamentos e as crenças dos jovens sobre o consumo de álcool.

Ob3 – Avaliar os efeitos da implementação de um projeto de intervenção com vista à prevenção e redução do consumo de bebidas alcoólicas.

Para identificar esses hábitos, comportamentos, atitudes e representações sociais, aplicámos um inquérito por questionário a 501 alunos do 9.º ao 12.º ano, de Escolas Básicas de 2.º e 3.º ciclo e a Escolas Secundárias c/ 3.º Ciclo, do distrito de Beja. Esses dados foram tratados e alvo de análise estatística descritiva e inferencial, com o auxílio do *Statistical Product and Service Solutions (IBM SPSS Statistics 21.0)*.

Preocupados com os resultados obtidos no questionário, resolvemos conceber e implementar um programa de intervenção na Escola Secundária c/ 3.º Ciclo D. Manuel I, de Beja, no âmbito do Projeto de Educação para a Saúde, com vista ao esclarecimento conceitos e crenças dos alunos sobre o álcool, que possam modificar hábitos do consumo. O programa foi aplicado nas aulas de Formação Cívica, abrangendo 228 alunos do 7.º ao 10.º ano de escolaridade.

A tese é constituída por 6 capítulos, mais os anexos, que vão sendo referenciados ao longo da tese.

No presente capítulo fizemos uma breve introdução à nossa investigação, apresentando sumariamente a questão-problema, objetivos da investigação, bem como os métodos para a sua consecução.

No capítulo 2 fazemos o enquadramento teórico da tese, onde apresentamos o estado da arte relacionado com a nossa investigação.

No capítulo 3 descrevemos toda a metodologia seguida para o desenvolvimento da investigação, bem como os participantes.

Segue-se o capítulo 4 onde apresentamos e analisamos os resultados obtidos do cálculo de medidas de tendência central e frequências das três dimensões (sociocultural, hábitos de consumo de álcool e representações sociais acerca do consumo de álcool) do questionário realizado e aplicado aos 501 alunos de escolas do distrito de Beja; do *Teste-t*; das medidas de associação entre as variáveis da dimensão sociocultural *Idade*, *Sexo*, *Ano de escolaridade*, *Escola que frequenta* (variável apenas considerada para o 9.º ano de escolaridade) e *Reprovação*, com as variáveis das dimensões II e III; da Análise Fatorial nas dimensões II e III do questionário e da Regressão Linear entre os fatores obtidos na Análise Fatorial e as variáveis *Idade* e *Sexo* da dimensão sociocultural.

No capítulo 5 descrevemos a metodologia desenvolvida no programa de prevenção de consumo de álcool, e apresentamos e analisamos os resultados obtidos da aplicação do mesmo questionário construído por nós, bem como os resultados do questionário de satisfação de alunos e professores, que participaram no programa de prevenção de consumo de álcool.

Por fim, no capítulo 6 apresentamos as principais conclusões das diferentes abordagens do nosso trabalho, bem como algumas limitações ao nosso estudo e perspetivas futuras.

## CAPÍTULO 2 – REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1. O consumo do álcool

#### 2.1.1. Enquadramento geral

A prevenção do consumo de substâncias psicoativas constitui um dos objetivos das escolas promotoras de saúde. O documento *Health for all* (OMS, 1999), da Organização Mundial de Saúde (OMS) define Escola Promotora da Saúde (EPS) como aquela que contempla a educação para a saúde no currículo e inclui atividades de saúde escolar. Atendendo que a escola é um local onde os alunos passam grande parte da sua vida, será esta um meio privilegiado para o adequado desenvolvimento pessoal e social do indivíduo. Compete à escola, proporcionar ambientes, atividades e vivências que promovam hábitos de vida saudável e atuar ao nível da prevenção de determinados comportamentos de risco.

As substâncias psicoativas, de *psico* – emoção + *ativas* – ação, são vulgarmente conhecidas como SPA. O seu consumo causa alterações no comportamento, nos processos mentais/intelectuais/rationais (memória, raciocínio, compreensão, concentração...), emocionais, sentimentais, afetivos, físicos (reflexo, olhar, equilíbrio...), perturbando o normal funcionamento do sistema nervoso. Neste grupo podem incluir-se substâncias extremamente variadas precisamente por causarem alterações físicas, psíquicas e emocionais, tais como: medicamentos, bebidas energéticas, café, refrigerantes, chocolates, entre muitos outros alimentos, que se forem ingeridas em quantidades moderadas, não representam nenhuma ameaça para o ser humano. No entanto, se forem consumidas em excesso, podem causar uma leve dependência e alguns problemas de saúde.

As SPA lícitas são aquelas permitidas pela lei e que podem ser compradas praticamente de maneira livre (embora com algumas restrições), sendo o seu comércio legal. São exemplos, os tranquilizantes, os sedativos, os solventes/inalantes (em geral, administrados por prescrição médica), a cafeína e a teína, o tabaco e o álcool. As SPA ilícitas apresentam uma comercialização proibida nos termos legais. São exemplos, o haxixe, a cocaína, a heroína, a cannabis, o ecstasy, as anfetaminas, o LSD, os cogumelos alucinogénios, entre outras.

Com exceção das SPA que são utilizadas para fins medicinais, as restantes em nada contribuem para o crescimento, desenvolvimento e saúde das pessoas,

comprometendo o normal desenvolvimento do indivíduo a nível pessoal, social, familiar, emocional e psicológico. Daí a necessidade de trabalhar, o mais precocemente possível, na prevenção do consumo de substâncias psicoactivas.

A classificação das SPA em lícitas e ilícitas não revela, porém, a sua capacidade para causar dependência. O Professor David Nutt, da Universidade de Bristol, liderou um estudo (2008), onde analisou 20 SPA ilícitas e lícitas, tendo-as classificado numa escala do nível de dependência, efeitos no organismo e interação social (Ferreira, 2008). O álcool surge em 5.º lugar, seguido da heroína, da cocaína, dos barbitúricos e da metadona (opiáceos).

Segundo Gaudet (2008), podemos classificar as substâncias psicoativas em três famílias: as depressoras, as estimulantes e as perturbadoras.

- as depressoras tornam o funcionamento do sistema nervoso central mais lento (por exemplo, álcool, solventes, tranquilizantes, soníferos, opiáceos, gama-hidroxibutirato);
- as estimulantes promovem o funcionamento do sistema nervoso central (por exemplo, café, chá, chocolate, refrigerantes de cola, tabaco (estimulantes menores); e cocaína e seus derivados, anfetaminas (estimulantes maiores);
- as perturbadoras alteram o funcionamento do sistema nervoso central (por exemplo, *cannabis*, *ecstasy*, LSD ou ácido, fenciclidina (PCP), cogumelos mágicos).

O álcool (etanol) é uma substância incolor, que se encontra no estado líquido à temperatura ambiente, com cheiro e gosto ardentes e intensos, e que pode ser produzido pela fermentação alcoólica do açúcar existente em produtos de origem vegetal, frutos, caules e raízes, ou produzido por destilação. As bebidas alcoólicas são, geralmente, consumidas por via oral, podendo, esporadicamente e em casos extremos, ser consumidas por via endovenosa.

As bebidas alcoólicas constituem a SPA mais vendida no mundo e, provavelmente a mais antiga. Pensa-se que o Homem das cavernas já produzia bebidas alcoólicas a partir de cereais fermentados, sendo o seu efeito (estado de embriaguez), encarado como se tratasse de intervenção divina, como algo “sagrado”. Assim, inicialmente o consumo de bebidas alcoólicas estava reservado aos sacerdotes e chefes, sendo estas produzidas por ocasião de festas religiosas (Sousa, 2007).

O álcool é considerado uma SPA da família dos depressivos, pois, apesar de inicialmente ter um efeito relaxante, seguido de euforia, desinibição e lentidão do organismo, passa depois para um efeito depressivo mais acentuado (Gaudet, 2006). É frequente ouvirmos quando se fala de substâncias psicoativas, a referência a “álcool e as

SPA”, ou “o álcool e outras SPA”, não se considerando este como uma SPA ou, pelo menos, da mesma natureza que as outras.

O álcool, para além de ser uma SPA, por criar tolerância e dependência, é a mais consumida no mundo, não só pelos adultos, mas também por adolescentes e jovens. O consumo abusivo de bebidas alcoólicas constitui presentemente um sério problema de saúde pública, que pode conduzir à morte. Porém, o álcool é bem aceite e tolerado pela sociedade, existindo uma baixa percepção do risco e como tal, um aumento do seu consumo. Trata-se de uma SPA associada à diversão, a comemorações, a brindes, a cerimónias religiosas, a hábitos sociais, a tradições, vista como fonte de inspiração, à medicina, entre outras celebrações. Para além disso, o efeito do seu excesso, resulta num estado de embriaguez que é momentâneo e passageiro. O estado de embriaguez não persiste durante muito tempo, podendo desaparecer ao fim de 6 ou 7 horas. Se o consumo for bastante excessivo, o efeito pode passar apenas ao fim de 10 horas. Pelo facto do seu efeito ser momentâneo, muitas vezes tem-se a ideia errónea de que o álcool cria menos dependência. Contudo, uma simples curiosidade ou um mero hábito social pode gerar graves problemas de dependência, cujas consequências a nível biológico, social, psicológico, emocional, económico, podem condicionar todo o percurso de vida.

### **2.1.2. Breve história das bebidas alcoólicas**

Segundo Mello (2001), já no período Paleolítico, o Homem terá experimentado os efeitos do mel fermentado. A primeira bebida alcoólica terá surgido por acaso, durante o período Neolítico, com o aparecimento da agricultura e devido a uma fermentação “acidental” de grãos, frutas e mel. A cerveja de fabrico artesanal terá sido a bebida alcoólica mais antiga.

Também na Bíblia (Génesis 9:21) há referência à produção e ao consumo de bebidas alcoólicas. Após o dilúvio, Noé, que era agricultor, plantou vinha e produziu vinho. Bebendo até se embriagar, Noé gritou, despojou-se das suas vestes e desmaiou, sendo mais tarde encontrado pelo seu filho Cam. Esta passagem bíblica foi pintada por Michelangelo, famoso pintor renascentista (1475-1564), no teto da Capela Sistina, no Vaticano (CISA, n.d.).

Há registos de que celtas, gregos, romanos, egípcios e babilónios já consumiam e produziam bebidas alcoólicas. Os solos e climas gregos e romanos eram

especialmente propícios para o cultivo da vinha, pelo que estas regiões eram produtoras de vinho, bebida que tinha uma importância social, religiosa e terapêutica. O vinho e as festas tiveram tamanha importância para gregos e romanos, que se cristalizou a ideia de deus Dionísio para aqueles e o deus Baco para estes, nestes domínios. Ainda assim, o abuso do consumo de álcool, bem como a embriaguez eram severamente censurados por gregos e romanos (Cabral, 2004).

Segundo Breda (2010), também os egípcios aproveitavam as boas condições climáticas e geográficas para o cultivo da vinha, tendo o vinho um importante valor económico, lúdico, social e religioso. Também acreditavam nas propriedades medicinais das bebidas fermentadas, como o vinho e a cerveja, nomeadamente na eliminação de germes e parasitas das águas do rio Nilo. O vinho era a bebida preferencial dos faraós, estando associada às festividades e a frequentes estados de embriaguez. O Império romano expandiu-se para o Ocidente, difundindo a cultura do vinho, do seu fabrico e consumo pelo Mediterrâneo ocidental, bem como por todas as conquistas romanas (Breda, 2010).

Os frades cultivavam, nas abadias e mosteiros medievais, vinha e produziam vinho. Aos peregrinos, que albergavam, serviam cerveja e aos nobres que recebiam, serviam os melhores vinhos que produziam (Breda, 2010).

No século XI, a França foi pioneira na destilação de vinho, produzindo bebidas com maior graduação alcoólica (Cabral, 2004). Na Idade Média verificou-se um crescimento da comercialização e regulamentação do vinho e da cerveja, passando a intoxicação alcoólica a ser considerada pela igreja como um pecado. Os cabarés e as tabernas, que eram os locais privilegiados para as pessoas se manifestarem e consumirem bebidas alcoólicas, passaram a ser fiscalizados durante a Renascença, havendo estipulação de horário de funcionamento. Só com a Revolução Industrial, no final do séc. XVIII, o consumo excessivo de bebidas alcoólicas passou a ser encarado como um distúrbio (CISA, n.d).

Já no séc. XX, vinte países estabelecem a maioria de 18 anos para o consumo de álcool e os Estados Unidos da América decretam a Lei Seca, que proibia a produção, venda, troca, transporte, importação, exportação, distribuição, posse e consumo de bebidas alcoólicas. Esta lei, que durou quase 12 anos, foi considerada um desastre para a saúde pública e saúde americana (CISA, n.d). Em 1952, o alcoolismo passou a ser classificado como uma doença, na primeira edição do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM-V, 2013) e em 1967, a OMS identificou o

alcoolismo como doença, na Classificação Internacional de Doenças (CID-8), a partir da 8.ª Conferência Mundial de Saúde, inserindo-o na categoria de transtornos e neuroses.

### **2.1.3. Etiologia do consumo de álcool: do consumo ocasional à dependência**

A adição é uma perturbação médica com uma etiologia complexa, apresentando manifestações e evoluções clínicas muito variadas. Segundo Vaillant (2004), a adição irá abranger a “dependência de substâncias”. George Vaillant (2004) também defende que o alcoolismo se desenvolve, geralmente, de modo lento e gradual ao longo da vida de um indivíduo, podendo ter início em qualquer idade e ocorrendo, frequentemente, em indivíduos que têm pouca patologia psicossocial pré-mórbida.

Os adolescentes começam a consumir álcool de forma recreativa e social, junto dos seus amigos. Para ajudar os pais a perceberem melhor os sinais de consumo dos seus filhos, Gaudet (2006) classificou os consumidores juvenis em:

- não consumidor ou abstinente

Nunca consumiu ou o fez esporadicamente, deixando de consumir há, pelo menos, três meses.

- explorador

Movido pela curiosidade, quer experimentar diferentes substâncias, para conhecer o gosto, os efeitos, decorrendo a fase de exploração, entre os 12 e os 14 anos.

- social ou ocasional

Consome em ocasiões festivas, procurando obter prazer e satisfação nessa ocasião, retomando sem consequências negativas, a sua rotina diária.

Os consumidores regulares podem subdividir-se em fracos e fortes, sendo:

- os regulares fracos

Os adolescentes que consomem uma ou duas vezes por semana, preferencialmente ao fim de semana, controlando o consumo de modo a não obter grandes consequências negativas.

- os regulares fortes

Jovens com um consumo mais frequente, durante a semana, aumentando o risco de sofrer consequências negativas, nomeadamente a diminuição do desempenho académico.

- sobre consumidor

A vida rege-se pelo consumo, que por se tornar diário faz aumentar a tolerância, ou seja, aumenta a necessidade de doses cada vez maiores dessa substância, com vista à obtenção do mesmo efeito, aumentando a frequência de intoxicação.

- abusivo

Corresponde ao adolescente que consome grandes quantidades de substâncias ou misturas de substâncias (policonsumos), com o objetivo de sentir prazer e até mesmo alucinar, procurando fugir à realidade. Também aqui o jovem desenvolve tolerância à(s) substância(s) que consome, podendo conduzir à dependência.

Segundo Gaudet (2006), o jovem consumidor pode passar de uma classe de consumo para outra, durante a adolescência e juventude. Outro tipo de classificação é apontado pela OMS (2006) e pela DSM-V (2013):

**- consumo de risco**

Traduz um padrão de consumo que pode vir a implicar dano físico ou mental, caso esse consumo persista.

**- consumo nocivo**

Representa um padrão de consumo que causa danos à saúde, quer físicos quer mentais, por ser mais frequente. Contudo, ainda não é considerado dependência.

**- dependência**

Implica um conjunto de aspetos clínicos e comportamentais, que podem desenvolver-se após consumo frequente e continuado de bebidas alcoólicas, tais como, descontrolo sobre o seu uso, continuação dos consumos apesar das consequências, uma grande necessidade prioritária para esses consumos, deixando para segundo plano outras atividades e obrigações, incapacidade de controlar o consumo de álcool, aumento da tolerância ao álcool (necessidade de quantidades crescentes da substância para atingir o efeito desejado ou uma diminuição acentuada do efeito com a utilização da mesma quantidade) e sintomas de privação ou Síndrome de Abstinência (estado de abstinência fisiológica quando se para ou se reduz os consumos), quando o consumo é descontinuado, persistência no uso da substância, apesar da evidência de consequências nocivas, consumo recorrente de álcool, colocando em risco a sua vida e a dos outros (por exemplo, guiar um automóvel ou trabalhar com máquinas quando diminuído pela utilização da substância); problemas legais recorrentes, relacionados com o consumo de

álcool (por exemplo, prisões por comportamentos desordeiros relacionados com a intoxicação alcoólica).

Gaudet (2006) entende por dependência física o estado de um organismo quando entra em desequilíbrio físico, na falta do consumo de uma substância psicoativa, após um consumo regular e continuado dessa mesma substância. Já na dependência psíquica, ao haver uma paragem súbita do consumo, o indivíduo sente uma intensa necessidade de consumir para se acalmar.

As SPA depressivas, por serem consumidas regularmente e em grandes quantidades, aumentam o risco de tolerância e dependência física. Uma pessoa pode ficar dependente do álcool, tal como se cria dependência para qualquer outra SPA. Começa-se por experimentar a beber, depois bebe-se ocasionalmente e passa-se a beber com regularidade, até criar dependência. Este processo tem duração variável de pessoa para pessoa.

Assim, cada indivíduo deve estar atento aos seguintes comportamentos e sintomas de alerta para a dependência (DSM-V, 2013):

- bebe muito em ocasiões sociais?
- tem episódios de amnésia ou *blackouts* frequentes, ou seja, no dia a seguinte acorda e não se recorda do que aconteceu na noite anterior ou de ter ingerido álcool em excesso?
- utiliza subterfúgios para esconder a bebida alcoólica (por exemplo: usa garrafas ou embalagens de bebidas não alcoólicas ou esconde as garrafas para que ninguém à volta perceba?
- irrita-se e torna-se agressivo verbalmente, rejeitando a dependência da bebida ou referindo que deixou de beber de uma vez por todas?
- tem medos, comportamentos obsessivos, sentimentos de perseguição contra si próprio ou ciúmes em relação ao cônjuge?
- sente cansaço, insónias, disfunções sexuais, depressão, ansiedade?
- sofre fraturas, quedas, queimaduras no corpo ou mesmo convulsões sem causa aparente?
- se o indivíduo manifestar estes ou alguns destes sintomas ou sinais, então deve procurar ajuda de profissionais de saúde.

#### **2.1.4. Fatores de risco e fatores de proteção**

A adolescência é marcada por um conjunto de mudanças físicas, psicológicas e sociais, que nem sempre são pacíficas. As crises de identidade associadas a uma rebeldia própria da adolescência constituem um risco para o consumo de SPA. Os jovens anseiam por experimentar algo novo, procuram novas emoções, novos desafios. Os valores podem ainda não estar bem consolidados e é fundamental estar bem integrado no grupo de amigos. Para além disso, os jovens adolescentes raramente são assertivos e têm dificuldade em dizer “não” a determinadas propostas que lhe aparecem, ainda que prejudiciais.

Os consumos começam, em geral, com a simples curiosidade, podendo depois evoluir para situações de dependência grave. O meio social oferece mais riscos do que proteção aos jovens. O álcool está fortemente enraizado na nossa sociedade, estando presente na nossa cultura, nas nossas casas, nas festividades, no lazer, na religião. O álcool é visto como um desinibidor, um facilitador na resolução de problemas, na integração, aceitação e afirmação social e isto constitui um risco, pois incentiva ao consumo.

Os diferentes contextos sociais podem ser considerados como fatores de risco ou de proteção. Margarida Matos e Equipa do Projeto Aventura Social (2003), numa análise complementar do estudo *HBSC/OMS*, consideram que a fraca ligação com a escola conduz a uma maior predisposição para o consumo de álcool. Ainda de acordo com este estudo, os adolescentes que consideram fácil falar tanto com o seu pai como com a sua mãe (tendo os rapazes facilidade em falar tanto com o pai como com a mãe e as raparigas têm mais facilidade em falar com a mãe), e cujos pais têm conhecimento para onde eles vão, apresentam comportamentos mais saudáveis. Os jovens que consideram que a família os apoia e ajuda a tomar decisões e que têm amigos com quem partilhar alegrias e tristezas, também apresentam comportamentos mais saudáveis. Contudo, a facilidade em falar com os pais diminui do 6.º para o 10.º ano de escolaridade (Matos et al., 2012). A família que se interessa e acompanha o desenvolvimento do adolescente constitui um fator de proteção para o consumo de substâncias psicoativas, nomeadamente o álcool.

Caldwell e Darling (1999) referem que os adolescentes que passam o seu tempo livre em contextos não estruturados têm maior tendência para consumir álcool. O consumo tanto pode estar associado a situações de alegria, festividade e celebração,

como também a situações de solidão, tristeza, ócio, desocupação, absentismo escolar. As discotecas, bares e cafés estão relacionados com o consumo de álcool, pelo que constituem contextos sociais de risco (Simões, 2005). O consumo surge quando se sai com os amigos, sendo geralmente incentivados por estes. Consumir grandes quantidades de álcool é bem aceite pelos amigos e esse comportamento facilita o espírito de “entrada na festa”.

Atualmente, parece assistir-se a uma maior liberdade dos adolescentes e dos jovens em sair com recorrência para encontros de amigos, do que há poucas décadas atrás. Saem de casa, com dinheiro para gastar, facilitando o acesso ao álcool. As famílias mais permissivas tendem a constituir-se, por isso, um fator de risco para este tipo de consumos.

Algumas atividades escolares têm sido apontadas como fatores de proteção. O estudo de Darling et al. (2005) revela que os jovens que participam em atividades extracurriculares tendem a providenciar ambientes de lazer estruturado, estando mais protegidos contra o consumo de álcool. Matos et al., em 2009 referem que atividades físicas funcionam como um fator protetor, pois para além de ocuparem os tempos livres, muitas atividades físicas não são compatíveis com o consumo de substâncias psicoativas (citados em Bonito, 2009). A escola e os espaços desportivos, que, em princípio, representam contextos sociais estruturados, permitem uma ocupação construtiva dos tempos livres, contribuindo para a redução de adoção de comportamentos de risco (Pawelko & Magafas, 1997).

Gaudet (2006) considera que se os jovens têm uma boa autoestima, capacidade de afirmação e de gerir as emoções e êxito escolar, têm menos probabilidades de consumir SPA. Um bom ambiente familiar, equilibrado, com uma família unida, com comunicação adequada, com regras claras, sem problemas de saúde mental também constituem fatores de proteção para o consumo dos jovens. Também segundo este autor, a repetição do insucesso escolar, a carência afetiva, problemas de saúde mental, ambiente familiar desequilibrado (demasiado permissivo ou excessivamente autoritário), com dificuldades económicas, *traumas maiores* (abusos sexuais, violência doméstica,...), colegas e amigos que consomem constituem fatores de risco para os jovens iniciarem os seus consumos. A pressão dos colegas, a necessidade de emancipação e disponibilização das substâncias, constituem fatores de risco. Gaudet (2006) refere, ainda, que a imitação dos pares pode constituir um fator de proteção ou de risco.

Sieving, Perry e Williams (2000) estudaram os modelos da influência dos pares. Defendem que os jovens adolescentes amigos de consumidores de álcool tendem a desenvolver esse comportamento, assim como adolescentes procuram amigos com comportamento de consumo semelhantes aos seus (seleção dos pares). Segundo estes autores, aos adolescentes tendem a aumentar os níveis de consumo de álcool, se os amigos tiverem consumos elevados, tornando-se estes consumos estáveis ao longo do tempo. As semelhanças no comportamento de consumo de álcool entre os amigos dos adolescentes podem estar mais relacionadas com processos de influência dos pares do que com processos de seleção dos pares. De acordo com os resultados obtidos, Sieving et al. (2000) consideram que os programas de prevenção do consumo de álcool que promovam e desenvolvam nos jovens adolescentes competências para resistirem à influência dos pares para usarem álcool são mais eficazes.

O grupo de pares facilita a integração social do adolescente, através da partilha de vivências, promovendo o desenvolvimento da personalidade. É no grupo que se encontra segurança, apoio, companheirismo, identificação, e que se experiencia o conflito de gerações (Pinto, 1999). Para além disso, o grupo utiliza determinadas expressões e apresenta comportamentos, condutas e valores, que passam a ser norma para os seus elementos. É essencialmente no grupo que se identificam, conduzindo as aprendizagens sociais e pessoais a uma emancipação, de modo a vivenciar de modo natural, as mudanças físicas, psicológicas, sociais e intelectuais, inerentes à adolescência e juventude (Sampaio, 1994). O adolescente ou jovem é, por tudo isso, influenciado profusamente pelo seu grupo de pares, pelos seus valores, opiniões, avaliações, tendendo para uma uniformização de comportamentos e condutas, de acordo com o mesmo. Este grupo pode, por isso, constituir-se como um fator de risco ou de proteção, de acordo com os seus hábitos de consumo, valores, comportamentos e atitudes que adota. Cabe a cada indivíduo, resistir ou não à pressão dos pares, sendo mais fácil essa resistência, nos indivíduos que são mais assertivos e mais fortes.

### **2.1.5. Problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas**

O etanol afeta o Sistema Nervoso Central, ao nível da transmissão dos impulsos eletroquímicos, ao longo dos neurónios, alterando os níveis de neurotransmissores (Watson, 2007). Os neurotransmissores classificam-se em excitatórios, se estimulam a

transmissão eletroquímica dos impulsos nervosos, e em inibitórios, se os reduzem. O etanol aumenta os efeitos dos neurotransmissores inibitórios no cérebro como, por exemplo, o ácido gama-aminobutírico (GABA). Os movimentos ficam mais lentos, produz-se um retardamento fisiológico e um “enrolamento” da fala, sinais característicos de um estado de embriaguez. Para além disso, a quantidade de dopamina aumenta, criando sensações de prazer.

A OMS considera o consumo excessivo de álcool como uma ameaça à saúde pública mundial. Estima-se que mais de 2,3% da população mundial seja dependente do álcool, o que corresponde a cerca de 140 milhões de pessoas. Portugal é, assumidamente, um grande consumidor de bebidas alcoólicas e os números são preocupantes, pois apontam para cerca de 600 mil pessoas com síndrome de dependência do álcool e 750 mil bebedores excessivos em Portugal (Portal da Saúde, 2008).

O relatório da OCDE (2011) indica que os países envolvidos no estudo apresentam um consumo médio de 9,1 litros de álcool, *per capita*, exibindo Portugal, França, Áustria, República Checa e Estónia o maior consumo, com 12,0 litros ou mais, *per capita*, em 2009.

Segundo a *OECD Health Data 2012*, Portugal é o segundo país do mundo com maior consumo *per capita*, *inex aequo* com a Áustria.

O consumo moderado de álcool aumenta o risco de doença de Alzheimer e outras doenças neurodegenerativas, angina no peito, fraturas e osteoporose, diabetes, úlcera duodenal, cálculo biliar, hepatite A, linfomas, pedras nos rins, síndrome metabólico, cancro no pâncreas, doença de Parkinson, artrite reumática, gastrite. O álcool pode provocar dependência física e psíquica e o seu consumo em excesso pode provocar numerosas doenças, nomeadamente do fígado (fígado gordo (esteatose), hepatite e cirrose), pâncreas, esófago e sistema nervoso, miocardiopatia, perturbações arteriais e hipertensão, bem como estimular depressões, acidentes de viação, violência familiar ou insucesso escolar, instabilidade e absentismo laboral, comportamentos criminosos, alterações do foro psíquico e até o suicídio (Mello et al., 2001; NIAAA, n.d.). Quanto mais se bebe maior o risco. Contudo, consultado o portal Saiba de Saúde (2009), uma equipa de investigadores norte-americanos afirma que o consumo moderado de álcool pode ter benefícios para a saúde, reduzindo o risco de contrair Alzheimer e outras doenças cognitivas.

O consumo habitual na mulher grávida pode ter efeitos teratogénicos, pois o álcool atinge o feto através da placenta, provocando síndrome alcoólica-fetal, que origina malformações no feto e baixo coeficiente intelectual. Se a mulher estiver a amamentar, também não deve consumir bebidas alcoólicas, pois o álcool atinge rapidamente o leite, provocando lesões graves no bebé (Mello et al., 2001).

Os adultos, se gozarem de boa saúde, podem beber moderadamente às duas principais refeições. Segundo Peixe (2008), os consumos permitidos com risco mínimo de desenvolvimento de doença alcoólica de fígado são, para o homem de 21 unidades por semana e menos de 4 unidades por dia e para a mulher de 14 unidades por semana e menos de 3 unidades por dia.

A pesquisadora espanhola Consuelo Guerri (2010), defende que o cérebro se encontra em desenvolvimento até aos 21 anos, pelo que o consumo de álcool por jovens com idade inferior aos 21 anos, mesmo que sejam apenas aos fins de semana, pode causar danos irreversíveis, que serão tanto mais graves, quanto mais cedo se iniciar esse consumo, podendo mesmo levar à dependência na fase adulta.

No mesmo sentido, Garcia-Moreno (2009) defende que se os jovens consumirem álcool em excesso, durante os fins de semana, podem sofrer danos cerebrais, a nível do fígado e dos restantes órgãos do sistema digestivo, semelhantes aos causados nos de alcoólicos crónicos, bem como aumentar a tolerância ao consumo de álcool (NEPRE, 2009).

Tanto os pais como os filhos devem estar conscientes do risco por trás do comum hábito social de beber durante os fins de semana, para que o assunto não seja tratado levianamente. O consumo frequente de álcool afeta irremediavelmente os neurónios dos jovens, originando perda de memória, de autocontrolo e alterando a capacidade de executar as tarefas, além de aumentar a tendência para o alcoolismo.

### **2.1.6. Mitos e pré-conceitos acerca do álcool**

Para além de muitos dos provérbios populares que explicitam a importância que desde cedo se deu ao vinho, como por exemplo “*Quem come sopa com vinho, de velho se faz menino*”, existem ainda crenças, mitos e preconceitos que, por estarem bem enraizados culturalmente, funcionam como “boas desculpas” para o consumo de

bebidas alcoólicas. Seguem-se alguns exemplos, retirados da literatura (ABEAD, n.d.; Breda, 1996; CISA, 2011; DSM-V, 2013; Mello, 1988; NIAAA, n.d.; Sousa, 2007)

*O álcool [não] aquece...*

O etanol é um vasodilatador. Consequentemente, a circulação sanguínea torna-se mais superficial, com libertação de calor. Surge rubor. A exotermia gera um abaixamento da temperatura interna, podendo conduzir, em estados mais avançados, à hipotermia e, no limite, à morte.

*O álcool [não] mata a sede...*

A sensação de sede significa necessidade de água, para controlar a concentração de solutos no sangue. Quando se ingere uma bebida alcoólica, uma considerável quantidade de água, que faz falta ao organismo, sai pela urina, aumentando assim a necessidades internas de água.

*O álcool [não] dá força...*

O álcool tem uma ação excitante e anestésica, que disfarça o cansaço físico ou intelectual intenso, dando a ilusão de voltarem as forças. O cansaço, associado a álcool, é muito maior, pelo gasto de energia ao ser metabolizado no fígado. De qualquer forma, o álcool não aumenta a força física. Embora seja muito rico em calorias, estas especificamente têm o problema de nunca serem utilizadas pelo músculo, mas somente para os processos de metabolismo basal. Isto significa que beber álcool engorda, mas não fornece energia para trabalhar.

*O álcool [não] é um alimento, [não] facilita a digestão [nem] abre o apetite...*

O álcool não é um nutriente porque produz calorias inúteis/vazias (7 quilocalorias por grama) para os músculos e não serve para o funcionamento das células. Contrariamente aos verdadeiros nutrientes, ele não ajuda na edificação, construção e reconstrução do organismo. O álcool faz com que os movimentos do estômago sejam muito mais rápidos e os alimentos passem para o intestino sem estarem devidamente digeridos, dando a sensação de estômago vazio e digestão feita. O resultado é a falta de apetite e o aparecimento de gastrites e úlceras, devido à ingestão de bebidas destiladas.

*O álcool [não] é um medicamento ...*

O álcool é um depressor do SNC, tendo um efeito exatamente contrário ao de um medicamento, porque provoca apenas uma excitação e anestesia passageiras que podem “abafar”, durante algum tempo, dores ou sensação de mal-estar, acabando por ter consequências ainda mais graves. No entanto, para homens acima dos 40 anos e para mulheres em pós-menopausa, um a dois copos de vinho poderão ser benéficos.

*Se beber durante as refeições, os efeitos do álcool [não] são obrigatoriamente menores...*

Os efeitos podem ser menores em termos de alcoolemia, já que a absorção é mais lenta, mas as lesões orgânicas poderão existir na mesma, se a ingestão de álcool for elevada.

*O consumo de café [não] pode curar a ressaca...*

O desaparecimento do álcool do sangue e do corpo depende exclusivamente do período de tempo, por isso café, duche, ar fresco e outras coisas não resolvem o problema, não aumentando a sobriedade.

*O álcool [não] é afrodisíaco...*

Uma das primeiras substâncias utilizadas como afrodisíaco foi o álcool. Terence, no livro *Eunuchus*, escreveu: "*Sine Cerere et Libero friget Venus*". Contudo, se a dose for levada, o etanol funciona como inibidor do SNC, sendo necessários mais estímulos para chegar ao orgasmo. O álcool causa impotência sexual e mata os espermatozoides.

*O álcool [não] facilita as relações sociais...*

O álcool, se consumido em quantidades moderadas, tem um efeito desinibidor que parece facilitar a convivência. Mas não passa de uma ilusão, porque nem sempre é possível controlar os consumos nesse ponto e a relação com os outros torna-se pouco profunda e artificial.

*O álcool [não] faz bem ao coração...*

De acordo com o Portal da Saúde (2008), a OMS defendia que o consumo baixo ou moderado de bebidas alcoólicas reduzia o risco de doenças coronárias, com base em vários estudos realizados. Um estudo publicado na *American Heart Association*

desenvolvido por Dai et al. (2010) revela que a dieta mediterrânea (fundamentada num maior consumo de azeite, de legumes, de cereais não-refinados, de frutas, de vegetais; num consumo moderado de laticínios (queijo e iogurte); num consumo moderado a elevado de peixe, menor consumo de carne e consumo moderado de vinho) pode melhorar a função cardíaca. Contudo, o consumo excessivo de álcool pode provocar várias formas de insuficiência cardíaca, como miocardiopatia, taquicardia, aumento da pressão arterial, alterações do ritmo cardíaco e o aumento dos triglicéridos no sangue.

*O dependente de álcool [não] é uma pessoa fraca e irresponsável...*

Uma pessoa dependente de álcool revela determinados sintomas, que podem comprometer as suas atividades diárias. Contudo, a dependência de álcool não está relacionada com o carácter do indivíduo e a maior parte dos problemas e comportamentos que ele apresenta surgem com a própria doença.

*O álcool [não] é a causa do alcoolismo (dependência do álcool)...*

Segundo Mello, Barrias e Breda (2001), o álcool é o primeiro agente causal do alcoolismo. Contudo, o alcoolismo resulta não de um único fator, mas de uma interação de fatores genéticos, psicológicos, ambientais e a predisposição para a dependência varia de indivíduo para indivíduo.

*O vinho [não] é uma bebida leve, pois [não] contém menos álcool do que as outras bebidas...*

A quantidade de álcool que a pessoa ingere depende da quantidade de doses e do tipo de bebida que toma. Tanto um copo com vinho (aproximadamente 12 cl), como uma lata com cerveja (33 cl) ou uma dose de bebida destilada (3 cl) contém a mesma quantidade de álcool.

*Misturar cerveja, vinho e destiladas [não] leva a embriaguez mais rapidamente do que só tomar um tipo de bebida alcoólica...*

A quantidade total de etanol ingerida, independentemente do tipo de misturas que se façam, é o fator determinante para a alcoolemia e para as suas consequências.

*Os efeitos do álcool no corpo da mulher [não] são iguais aos efeitos do álcool no corpo do homem...*

Geralmente, a ingestão da mesma quantidade de álcool afeta mais rapidamente a mulher do que o homem, pois ela apresenta menor quantidade de água no seu corpo.

*Os efeitos de álcool no corpo do idoso [não] são iguais aos efeitos do álcool no corpo do jovem...*

Os efeitos do álcool no organismo variam com a idade. Com o aumento da idade pode verificar-se diminuição de reflexos, de audição e de visão e de tolerância aos efeitos do álcool, tornando os idosos mais suscetíveis a quedas e acidentes decorrentes do consumo de álcool. Os idosos também costumam consumir mais medicamentos, pelo que a sua interação com o álcool pode ter consequências nefastas para a saúde, podendo resultar até na morte. Para além disso, o consumo de álcool pode agravar certas doenças, que se tornam comuns com o aumento da idade, como por exemplo, hipertensão e úlceras e as mudanças fisiológicas resultantes do avanço da idade, acentuam os efeitos do consumo de álcool, comparativamente com jovens do mesmo sexo e peso. Pelo exposto, os idosos não deverão ingerir mais do que uma dose de bebida alcoólica diária.

As seguintes ações não fazem diminuir a taxa de alcoolemia: fazer exercício físico; ingerir menta ou qualquer outra erva; mastigar um grão de café; fumar abundantemente; introduzir determinadas substâncias com *spray* na boca; beber azeite; beber grande quantidade de água após ter ingerido álcool; comer caramelos ou qualquer outro produto açucarado. A ingestão de algumas das referidas substâncias poderá alterar o hálito do consumidor, mas não alterará a alcoolemia. Não é conhecido um modo de acelerar a recuperação do nosso cérebro após a embriaguez, a não ser dando-lhe tempo de recobro.

Parece, assim, ser necessário clarificar estas crenças e mitos, de modo a fundamentar os comportamentos em evidência científica.

### **2.1.7. Consumo do álcool pelos jovens em Portugal**

A adolescência é marcada por um conjunto de mudanças físicas, psicológicas e sociais. Muitas vezes, estas mudanças naturais não são pacíficas, podendo acarretar

crises de identidade. Estas crises, associadas a uma rebeldia própria da adolescência, constituem um risco para o consumo de SPA. Este é, também, um período marcado pelas experiências: querem provar tudo para constituir as suas próprias opiniões, não esquecendo que já a sabedoria popular afirma que “o fruto proibido é o mais apetecido!”. Muitas vezes, provocam-se os pais, para se afirmarem ou para imporem as suas ideias.

Feijão (2010) apresentou uma caracterização epidemiológica dos consumos de álcool entre os adolescentes (do 3.º ciclo do ensino básico e do ensino secundário), quanto à evolução dos consumos de cerveja e de bebidas destiladas. A taxa de prevalência de consumo de álcool pelos jovens, ao longo da vida, é superior no Alentejo e verifica-se um aumento de 2001 para 2006, no 3.º ciclo, de 74% para 77% e no ensino secundário de 94% para 95%. A bebida mais consumida é a cerveja, cujo consumo no ensino básico se mantém nos 66%, enquanto no ensino secundário, se verifica um aumento de 89% para 91%. A taxa de prevalência do consumo de cerveja é superior nos distritos de Évora, Portalegre e Beja, sendo neste último onde o aumento é mais significativo de 52% em 2001 para 61% em 2006. Também a taxa de prevalência do consumo de bebidas destiladas ao longo da vida tem o seu máximo no Alentejo. Contudo, verifica-se um decréscimo de 2001 para 2006, no 3.º ciclo do ensino básico de 61% para 52% e no ensino secundário de 87% para 86%. A taxa de prevalência do consumo de bebidas destiladas continua a ser superior nos distritos de Évora, Beja e Portalegre, verificando-se um aumento do seu consumo no distrito de Beja, de 78% para 82%, de 2001 para 2006. A taxa de prevalência de embriaguez também é superior no Alentejo. Contudo, verifica-se um decréscimo de 26,1% para 22,5% no 3.º ciclo do ensino básico e de 52,2% para 47,3% no ensino secundário, de 2001 para 2006.

Ainda de acordo com Feijão (2010), os jovens consomem bebidas alcoólicas preferencialmente em discotecas, bares/*pubs* e festas privadas, sendo a escola o local de menor consumo.

Portugal aparece entre os maiores consumidores de bebidas alcoólicas e de álcool a nível Europeu e Mundial (DEPS, 1990; DGS, 1998; Gameiro, 1998; INSA, 2006). De acordo com os dados de *World Drink Trends* (2005), o consumo de álcool puro *per capita* em Portugal de 1980 a 1990 é bastante irregular, variando entre os 10,7 l e os 12,9 l. Contudo, de 1990 a 2003 a tendência do consumo de álcool puro desce progressivamente dos 12,9 l até aos 9,6 l. De realçar que, nos anos de 1990, 1991, 1994, 1995 e 1996 Portugal é o país do grupo onde se verifica o maior consumo de álcool

puro *per capita*. Já em 2003, Portugal desce para 8.º lugar. De acordo com o relatório da OCDE (2011), Portugal, a par da França, da Áustria, da República Checa e da Estónia apresentam o maior consumo de álcool, em 2009, com cerca de 12,0 litros *per capita*, mais 3 litros *per capita* do que a média dos países envolvidos no estudo. Segundo a *OEDC Health Data 2012*, Portugal é o segundo país do mundo com maior consumo *per capita*, *inex aequo* com a Áustria.

Num estudo efetuado por Gameiro (1998), na população jovem entre os 15 e os 24 anos, cerca de 500 mil jovens já consumiam bebidas alcoólicas três vezes por semana ou mais, pelo que o autor considera ser redutor e insensato focar os problemas do álcool apenas nos alcoólicos em fase avançada.

Tendo em conta os dados do Inquérito Nacional de Saúde (INSA), de 1995 para 2005, o consumo de bebidas alcoólicas, nos últimos 12 meses de cada ano, sofre um aumento mais acentuado na região do Alentejo (de 46,1% para 58,5%), havendo também um aumento menos significativo no Algarve e uma diminuição nas restantes regiões do país. Este aumento de consumo de bebidas alcoólicas, na região do Alentejo é mais significativo no sexo feminino, aumentando de 17,6 % para 35,9% (Portal da Saúde, 2008)

Tomásio (2009) realizou um estudo ao longo de dez anos, onde observou um aumento do número de casos graves de alcoolismo, entre jovens dos 20 aos 30 anos. Apesar do consumo de álcool se iniciar na adolescência, muitas vezes com o consumo de bebidas altamente graduadas, é na Universidade que os consumos tendem a ser mais abusivos e mais frequentes.

Os jovens consumidores de bebidas alcoólicas revelam uma tendência para percecionarem atitudes mais favoráveis nos seus pais e amigos face ao consumo, com repercussões nas suas próprias atitudes. Os adolescentes do sexo masculino apresentam atitudes mais favoráveis face ao consumo de SPA, o que poderá dever-se ao facto da nossa sociedade ainda ser muito machista (Carvalho & Leal, 2006).

Os resultados de um estudo realizado por IREFREA (2003) entre os jovens europeus que fazem vida noturna confirmam que o consumo de álcool associado a outras SPA e a diversão é um fenómeno relacionado entre si e generalizado na Europa e onde o consumo de álcool é efetuado por cerca de 90% desses jovens. Lomba, Apóstolo, Mendes e Campos (2011) realizaram um estudo sobre jovens portugueses, com idades compreendidas entre os 15 e os 35 anos, que frequentavam ambientes recreativos noturnos e verificaram que estes saem cerca de 6 noites por mês, que

corresponde a uma média de mais do que uma noite por fim de semana e visitam entre 2 a 3 locais de diversão por noite. Estas saídas noturnas duram entre 5 a 6 horas e, por noite, os jovens gastam em média 16 €. Cerca de 96% dos jovens tendem a selecionar os ambientes recreativos atendendo, preferencialmente, à possibilidade de encontrar amigos e cerca de 59% dos jovens deste estudo valorizam a possibilidade de acesso a bebidas alcoólicas baratas como importante fator de seleção do local de diversão. Os referidos autores apuraram, ainda, que cerca de 52% dos jovens referiram ter-se embriagado nas últimas 4 semanas, em média 1,75 vezes ( $SD = 2,68$ ).

O estudo europeu *European School Survey Project on Alcohol and other Drugs (ESPAD)* baseia-se na aplicação de inquéritos europeus escolares, a estudantes entre os 15 e os 16 anos, de 36 países da Europa, onde se inclui Portugal. Estes inquéritos pretendem obter informações acerca dos consumos de SPA, bem como avaliar as tendências ao longo do tempo. O primeiro relatório foi publicado em 1995 e têm sido repetidos de quatro em quatro anos, havendo relatórios *ESPAD* de 1995, 1999, 2003, 2007 e 2011. Enquanto, em 1995 o inquérito por questionário foi aplicado a 26 países, em 2007 foi aplicado em 35 países e em 2011 a 36 países. De realçar que Portugal participa neste projeto, desde o seu início. A partir de 2003, o questionário alargou-se a alunos entre os 13 e os 18 anos, em Portugal.

O Estudo sobre o Consumo de Álcool, Tabaco e Drogas (ECATD) corresponde a uma versão alargada do *ESPAD*. Utiliza o mesmo questionário e a mesma metodologia. Aplica-se em amostras representativas de alunos de cada um dos grupos etários dos 13 aos 18 anos (do 7.º ao 12.º anos de escolaridade), enquanto o estudo *ESPAD* se baseia apenas nas respostas dos alunos de 16 anos. O ECATD foi realizado em 2003, 2007 e 2011, por uma equipa, coordenada por Fernanda Feijão, do ex-Instituto da Droga e da Toxicodependência (IDT).

O *Health Behavior in School-aged Children (HBSC/OMS)* é um estudo da OMS que se iniciou em 1982 e presentemente desenvolve-se com a colaboração de 44 países, dos quais faz parte Portugal como país integrado, desde 1996 e como associado desde 1998. Em Portugal este estudo é desenvolvido pela Equipa da Aventura Social, coordenada por Margarida Gaspar de Matos. Já se realizou em 1998, 2002, 2006 e 2010. O questionário foi aplicado a alunos do 6.º, 8.º e 10.º anos, com idades de 11, 13 e 15 anos. O último questionário foi aplicado em 2010 e os resultados publicados em 2012.

O Inquérito Nacional em Meio Escolar (INME) é um estudo periódico, realizado pelo ex-IDT, de cinco em cinco anos, que se iniciou em 2001, ocorrendo depois em

2006 e em 2011 e que incide sobre alunos do 3.º ciclo do ensino básico e do ensino secundário. De seguida, procedemos a uma comparação destes estudos, ao longo dos anos em que se desenvolveram.

De acordo com o relatório *ESPAD* (2004), 90% dos jovens da generalidade dos países participantes no estudo e 80% dos jovens portugueses, já consumiram álcool, pelo menos uma vez na vida, não sendo necessariamente este consumo regular. Em Portugal, entre 13 e 15% dos jovens referem ter um consumo de álcool regular, ou seja, de pelo menos 40 vezes ao longo da vida, sendo mais frequente nos rapazes do que nas raparigas. No relatório de 2007 (*ESPAD*, 2009), cerca dois terços dos estudantes ingeriram álcool pelo menos uma vez ao longo da sua vida, com uma média a nível do *ESPAD* próxima dos 90%. Já tendo em conta os resultados *ESPAD* de 2011 (2012), e considerando as mesmas variáveis de 2007, Portugal já apresenta resultados semelhantes à média europeia, anteriormente com valores mais baixos. Em média, 87% dos alunos já consumiram álcool ao longo da sua vida.

Considerando os resultados do ECATD obtidos ao longo dos nove anos em que se desenvolveu este estudo, apura-se um aumento da prevalência de consumo de bebidas alcoólicas ao longo da vida, de 2003 (entre os 47,2% para os 13 anos, 85,2% para os 16 anos e os 93,5% para os 18 anos) para 2007 (entre os 50,5% aos 13 anos, 87,5% aos 16 anos e os 93,8% aos 18 anos) e uma diminuição de 2007 para 2011 (entre os 36,5% para os 13 anos, 82,2% para os 16 anos e os 90,6% para os 18 anos), em todas as faixas etárias consideradas, sendo o consumo progressivamente crescente dos 13 para os 18 anos e semelhante entre rapazes e raparigas.

De acordo com os dados do INME, para o 3.º ciclo do ensino básico e atendendo também à prevalência ao longo da vida, atesta-se uma pequena diminuição da experimentação do consumo de álcool de 2001 para 2006 (de 67% para 60%), voltando a aumentar para os 67% em 2011. Já no ensino secundário verifica-se uma pequena diminuição da experimentação do consumo de álcool de 2001 para 2006 (de 91% para 87%), voltando a aumentar para os 93% em 2011.

Segundo o relatório *ESPAD* de 2003 (2004), e considerando um consumo nos últimos 12 meses, as prevalências nos diferentes países participantes variam entre 35% e 90%, situando-se Portugal nos 73%, onde 10% dos jovens portugueses referem ter tido, pelo menos 20 consumos, nesses 12 meses. Se considerarmos o consumo atual, ou seja, nos últimos 30 dias, os jovens dos diferentes países também apresentam prevalências muito variáveis, entre os 20 e os 82%, situando-se Portugal nos 48% e

cerca de 7% dos jovens referem ter consumido 10 vezes ou mais. No relatório de 2007 (2009), relativamente ao consumo de álcool nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias, os valores médios são de 82% e 61%, respetivamente, sendo semelhantes em ambos os sexos. Já em 2011 (2012), cerca de 79% dos alunos consumiram bebidas alcoólicas nos últimos 12 meses e 57% consumiram álcool nos últimos 30 dias. Portugal apresenta valores ligeiramente abaixo da média dos resultados do relatório *ESPAD* (2012), tendo 74% dos alunos (75% de rapazes e 74% de raparigas) consumido álcool nos últimos 12 meses e 52% (56% de rapazes e 50% de raparigas) consumiu bebidas alcoólicas nos últimos 30 dias. De 2007 para 2011 verifica-se uma diminuição na percentagem de experimentação do consumo de álcool, em todos os grupos etários e de modo semelhante, tanto nos rapazes como nas raparigas, situando-se os valores globais entre os 37% para os 13 anos e os 91% para os 18 anos. Também se obteve uma diminuição no consumo de álcool, nos últimos 30 dias, em todos os grupos etários e em ambos os géneros, situando-se os valores entre os 13% aos 13 anos e os 70% aos 18 anos.

Segundo os resultados do *ECATD*, apura-se um aumento da prevalência de consumo recente de bebidas alcoólicas, de 2003 (entre os 34,1% aos 13 anos, 75,7% aos 16 anos e os 86,5% aos 18 anos) para 2007 (entre os 36,5% aos 13 anos, 81% aos 16 anos e os 90% aos 18 anos) e uma diminuição de 2007 para 2011 (entre os 27,3% para os 13 anos, 75,8% para os 16 anos e os 86,5% para os 18 anos), em todas as faixas etárias consideradas, havendo sempre um aumento da prevalência do consumo com o aumento da faixa etária (dos 13 para os 18 anos) e semelhança entre rapazes e raparigas. Considerando os consumos atuais de álcool, ou seja, nos últimos 30 dias, verifica-se uma diminuição de 2003 para 2011, nos alunos com idades entre os 13 (de 30% para 12,9%) e os 16 anos (de 61,1% para 53,6%). Nos alunos com 17 e 18 anos aumentou a prevalência de consumo atual de 2003 (com 67,5% e 68,7%, respetivamente) para 2007 (com 67,7% e 74,4%, respetivamente), voltando a diminuir em 2011 (com os valores de 60,6% e 70,3%, respetivamente). Este consumo atual de álcool apresentou, geralmente, valores ligeiramente mais elevados nos rapazes do que nas raparigas.

No relatório *HBSC* de 1998 (2000), constatou-se que os rapazes mais velhos (15 anos ou mais) apresentam maiores consumos de bebidas alcoólicas, do que os estudantes mais novos (menos de 15 anos) ou raparigas. Neste relatório, cerca de 71% já experimentaram o consumo de álcool (sendo 74,6% de rapazes e 67,8% de raparigas). O consumo de álcool sofreu um aumento de 1998 para o ano de 2002, com posterior diminuição no ano de 2006, voltando a aumentar em 2010.

De acordo com os dados do relatório *HBSC* de 2010 (2012), cerca de 23% dos alunos apresentam uma prevalência nos últimos 30 dias de um a dois consumos e cerca de 13% com três ou mais consumos atuais. De realçar que nas raparigas são superiores os valores de prevalência de um a dois consumos atuais, enquanto nos rapazes predominam os três ou mais consumos nos últimos trinta dias.

Tendo em conta o INME (2011), e considerando o consumo recente, nos últimos 12 meses, dos alunos do 3.º ciclo do ensino básico, verifica-se um aumento do consumo de álcool, de 2001 para 2011, de 49% para 55%, sendo a cerveja a ser a bebida mais consumida, seguida das bebidas destiladas/espirituosas. Considerando a prevalência do consumo nos últimos 30 dias, ou seja, tendo em conta o consumo atual, verifica-se um aumento contínuo de consumidores de álcool, ao longo dos 10 anos de estudo, tendo aumentado de 25% para 32% e depois para 37%. Quanto ao consumo recente (nos últimos 12 meses) dos alunos do ensino secundário, atesta-se um aumento persistente da prevalência do consumo de álcool, de 2001 para 2011 (de 76% aumentou para 79% e em 2011 para 87%). Na prevalência do consumo nos últimos 30 dias (consumo atual), mais uma vez se apuram acréscimos contínuos e relevantes, das prevalências de consumo de todas as bebidas alcoólicas, nos 10 anos do estudo (de 45% para 58% e depois para 68%).

De acordo com o relatório *ESPAD* de 2003 (2004), a cerveja é a bebida mais consumida por cerca de metade dos jovens da totalidade dos países participantes e por cerca de 35% dos portugueses, tendo entre 10% a 44% dos alunos referido que consumiram cerveja três vezes ou mais, nos últimos 30 dias, apresentando os jovens portugueses uma prevalência de 18%. Mais uma vez se obtém um maior consumo por parte dos rapazes do que das raparigas. O consumo de vinho, três vezes ou mais, nos últimos 30 dias, situa-se entre os 10% e os 68%, estando Portugal nos 6%. Quanto ao consumo de bebidas destiladas/espirituosas, este também é muito variável nos diferentes países participantes, situando-se entre 11% e 66%, apresentando Portugal um valor de 26%. Na última ocasião, para cerca de metade dos jovens (49%), a bebida mais consumida foi a cerveja, seguindo-se as bebidas destiladas/espirituosas com 42% e apenas cerca de 1/3 consumiu vinho.

Segundo o mesmo relatório, mas de 2007 (2009), a cerveja continua a ser a bebida alcoólica mais consumida, representando cerca de 40% do total de bebidas alcoólicas consumidas no último dia de consumo, seguidos dos 30% das bebidas espirituosas e dos 13% do vinho. A cerveja é a bebida mais consumida pelos rapazes,

correspondendo a cerca de metade do seu consumo total no último dia de consumo. Contudo, as raparigas manifestam preferência pelas bebidas espirituosas, correspondendo a cerca de um terço do seu consumo total. Relativamente a Portugal, os dados são incertos ou não foram medidos.

Também de acordo com os dados do relatório de 2011 (2012), a cerveja e as bebidas destiladas são as bebidas alcoólicas mais consumidas, constituindo cerca de 70% do total de consumos. Em média, no último dia de consumo, 37% dos alunos consumiram cerveja, 31% consumiram bebidas destiladas/espirituosas e 16% vinho, continuando a cerveja a ser a bebida mais consumida pelos rapazes e as bebidas destiladas/espirituosas, as preferidas pelas raparigas.

Relativamente ao tipo de bebidas alcoólicas, de 2007 para 2011 verifica-se uma diminuição no consumo de cerveja nos alunos com 13 e 14 anos e uma estabilização nos restantes grupos etários. Contudo, houve um aumento da quantidade de cerveja consumida pelos alunos dos 13 aos 15 anos e uma diminuição nos alunos dos 16 aos 18 anos. Observa-se uma diminuição dos consumidores de vinho, na última ocasião de consumo, em todos os grupos etários e um ligeiro aumento das percentagens de consumidores de bebidas destiladas, na última ocasião de consumo, com aumento bastante acentuado nas quantidades destas bebidas consumidas (nessa ocasião) pelos alunos dos 16 aos 18 anos.

De acordo com o *ESPAD* de 2011 (2012), cerca de 81% dos alunos consideram ser fácil ou muito fácil obter bebidas alcoólicas, não havendo grandes diferenças entre rapazes e raparigas, apesar de, em Portugal, ser proibida a venda e consumo de bebidas alcoólicas a menores de 16 anos.

Segundo o relatório *ECATD*, de 2003 para 2011 verifica-se que as bebidas mais consumidas pelos alunos envolvidos no estudo foram as bebidas destiladas/espirituosas, seguindo-se a cerveja, alcolpops e vinho, havendo um aumento do consumo, com o aumento da faixa etária. O consumo de bebidas destiladas/espirituosas, de cerveja e de vinho sofreu uma diminuição acentuada de 2003 para 2007, em todas as faixas etárias, voltando a aumentar em 2011. O consumo de alcolpops foi apenas considerado nos questionários de 2007 e 2011, pelo que se verifica um aumento do seu consumo, nestes cinco anos, em todas as faixas etárias e com o aumento da idade.

Considerando o consumo da última ocasião, em 2003, as bebidas mais consumidas por qualquer faixa etária foram as destiladas/espirituosas (com valores entre os 19,2% para os 13 anos e os 69,6% para os 18 anos), seguidas da cerveja (com valores

entre os 18,8% para os 13 anos e os 52,2% para os 18 anos). Em 2007, a cerveja foi mais consumida pelos alunos mais novos, de 13 e 14 anos (com 26,6% e 42%, respectivamente) e as bebidas destiladas/espirituosas a preferência dos alunos mais velhos, com idades entre os 15 e os 18 anos (com valores entre os 53,3% para os 15 anos e os 80,1% para os 18 anos). Em 2011, a cerveja foi a bebida mais consumida pelos alunos com 13 anos, com 22,8% e as bebidas destiladas foram mais consumidas pelos alunos com idades entre os 14 e os 18 anos, com valores entre os 37,4% e os 82%.

Tal como no *ESPAD* de 2011 (2012), de acordo com o relatório ECATD (2011), apurou-se uma diminuição da percentagem de consumidores de cerveja, na última ocasião, entre os alunos de 13 e 14 anos e estabilização nos outros grupos etários, acompanhado de aumento das quantidades de cerveja consumida pelos alunos mais novos, dos 13 aos 15 anos e diminuição nos alunos mais velhos, dos 16 aos 18 anos. Também se obteve uma diminuição de consumidores de vinho, na última ocasião, em todos os grupos etários e um ligeiro aumento das percentagens de consumidores de bebidas destiladas/espirituosas, na última ocasião, com aumento acentuado nas quantidades destas bebidas consumidas pelos alunos dos 16 aos 18 anos.

No relatório *HBSC* de 1998 (2000), no que se refere à preferência das bebidas alcoólicas podemos verificar, que os rapazes, principalmente os de idade igual ou superior a 15 anos bebem mais frequentemente cerveja, vinho e bebidas espirituosas do que as raparigas ou os rapazes mais novos.

No relatório de 2006, apesar da maioria dos jovens dizer que raramente ou nunca consome as bebidas apresentadas, os que consomem, referem ser a cerveja, a bebida mais consumida diariamente, sendo as raparigas, bem como os rapazes mais novos os que mais referem que “raramente ou nunca” consomem estes tipos de bebidas alcoólicas. O consumo de bebidas destiladas aumentou de 1998 de 10% para 12,3% em 2002 12,3% e diminuído em 2006 para 11,2%, sendo sempre superior o consumo pelos rapazes do que pelas raparigas.

Os resultados do inquérito *HBSC* de 2010 (Matos et al., 2012), com uma população de 5050 alunos, indicam que, cerca de 90% dos inquiridos raramente ou nunca consumiram bebidas destiladas; 7,1% dos alunos consumiram todos os meses (13,7% no 10.º ano de escolaridade); 2,8% consumiram todas as semanas; 0,3% dos alunos consumiram diariamente. A incidência do consumo mantém-se superior nos rapazes comparativamente às raparigas. As bebidas mais consumidas, todas as semanas/meses são as destiladas/espirituosas (11,6% para os rapazes e 8,3% para as

raparigas), seguindo-se a cerveja (11,5% para os rapazes e 4,5% para as raparigas). A bebida mais consumida diariamente é a cerveja (0,5%), sendo mais consumida pelos rapazes (0,7%) do que pelas raparigas (0,3%). Ainda de acordo com este estudo, de 1998 para 2010 verifica-se um aumento do consumo de bebidas destiladas/espirituosas. São os alunos do 10.º ano que consomem mais bebidas alcoólicas, em que para consumo diário, a escolha recai preferencialmente sobre a cerveja (1,1%), seguindo-se as bebidas destiladas/espirituosas e alcopops (0,6%), mas para um consumo semanal ou mensal preferem bebidas destiladas/espirituosas (18,9%), seguindo-se a cerveja (14,8%).

De acordo com o INME, para os alunos do 3.º ciclo do ensino básico, a cerveja é a bebida mais consumida, havendo uma diminuição do seu consumo de 2001 para 2006, de 54% para 51%, voltando a aumentar para 57% em 2011. A mesma tendência foi observada com as bebidas destiladas/espirituosas, que constituem a segunda preferência destes alunos, tendo diminuído de 50% para 36% de 2001 para 2006 e aumentado para 40% em 2011. Também o vinho teve uma variação semelhante de consumo de 2001 (38%) para 2006 (34%) e para 2011 (39%).

A prevalência do consumo de cerveja, nos últimos 12 meses aumentou de 2001, com 38%, para 2006 com 40% e para 2011, com 45%. Já o consumo de bebidas destiladas/espirituosas teve uma diminuição de 2001 para 2006, de 38% para 30%, voltando a aumentar em 2011 para 33%.

Considerando a prevalência dos consumos atuais (nos últimos 30 dias), a cerveja continua a ser a bebida mais consumida, aumentando o seu consumo de 17% para 25% e depois para 29%. Segue-se o consumo de bebidas destiladas/espirituosas, verificando-se uma estabilidade desde 2001 até 2011, com um consumo de cerca de 20%. O consumo de vinho também estabilizou nos 13%, mas apenas nos últimos 5 anos.

Nos alunos do ensino secundário, a cerveja também foi a bebida mais consumida, tendo-se verificado uma estabilização do seu consumo de 2001 para 2006, (80% e 79%), aumentando para 85% em 2011. O consumo de bebidas destiladas/espirituosas, que constituem a segunda preferência destes alunos, sofreu um decréscimo de 81% para 74% de 2001 para 2006 e novo aumento para 81% em 2011. O vinho manteve a sua percentagem de consumo de 2001 (65%) para 2006 (64%) e para 2011 (69%).

Atendendo ao consumo recente, nos últimos 12 meses verifica-se um aumento contínuo da prevalência do consumo de álcool, de 2001 para 2011 (aumentou de 76%

para 79% em 2007 e para 87% em 2011), sendo a cerveja a bebida mais consumida, seguida das bebidas destiladas/espirtuosas. A prevalência do consumo recente de cerveja também sofreu um aumento de 2001 (57%) para 2006 (63%), tendo sido este aumento mais acentuado em 2011 com um valor de 87%. A prevalência de consumo recente de bebidas destiladas não sofreu variação de 2001 para 2006 (67%), mas sofreu um aumento em 2011 (74%). A prevalência de consumo de vinho teve um aumento de 2001 para 2006 de 33% para 42% e nos últimos cinco anos voltou a aumentar para 48%. Tanto a cerveja como as bebidas destiladas/espirtuosas foram as escolhas preferenciais dos alunos do ensino secundário, havendo um aumento contínuo do seu consumo nos últimos 30 dias, ao longo dos onze anos do estudo. A prevalência do consumo atual de cerveja aumentou de 2001 (28%) para 2006 (41%) e também para 2011 (51%), bem como o consumo de bebidas destiladas/espirtuosas (de 35% aumentou para 44% em 2006 e para 50% em 2011).

Geralmente, a primeira bebedeira tende a ser entendida pelos pares como uma “praxe” e uma provação que tem que se passar a todo o custo, para se ser aceite e bem visto pelo grupo de amigos. Nela, o jovem percebe os seus limites, que vão sendo progressivamente alargados e superados. Sem se aperceber, o jovem vai consumindo álcool com mais frequência e em maior quantidade. Os consumos não se reduzem apenas ao vinho e à cerveja, mas há um crescente consumo de “shots” e de bebidas destiladas. Para além disso, o início do consumo de álcool ocorre cada vez mais cedo, sendo por volta dos 12 anos (ECATD, 2011; ESPAD, 2012; HBSC, 2012). Este início de consumo precoce faz com que os problemas de alcoolismo surjam também cada vez mais cedo.

No relatório *ESPAD* de 2003 (2004), cerca de 2/3 da totalidade dos jovens respondentes referem que consumiram a primeira bebida alcoólica com 13 anos (ou menos), situando-se Portugal nos 41% e cerca de 10% dos jovens portugueses já experienciaram a embriaguez com 13 anos ou menos.

No relatório de 2011 (2012), em média, cerca de 60% dos alunos referem que consumiram bebidas alcoólicas pela primeira vez com 13 anos ou menos e cerca de 12% ficaram embriagados pela primeira vez, também com esta idade. Para 44% destes alunos, a primeira bebida consumida foi cerveja, para 38% foi vinho e para 20% foram bebidas destiladas/espirtuosas. De 2007 para 2011 não se verificou alteração nas idades de iniciação dos consumos das diversas substâncias e nem da ocorrência de embriaguez, sendo elevadas as percentagens de consumidores com idades entre os 13 e os 15 anos.

Em Portugal, cerca de 5% dos inquiridos experienciou a primeira embriaguez, com 13 anos ou menos.

De acordo com o relatório ECATD (2011), não se verificam alterações relevantes nas idades de iniciação aos consumos das diversas substâncias e da ocorrência de embriaguez, de 2007 para 2011.

Os alunos de 13 e 14 anos iniciaram o consumo de cerveja entre 10 e 12 anos e os com idades entre os 15 e os 18 anos iniciaram o consumo de cerveja entre os 13 e os 15 anos. Relativamente ao vinho, os alunos com 13, 14 e 15 anos iniciaram o consumo dessa bebida entre os 10 e os 12 anos e os alunos com idades entre os 16 e os 18 anos iniciaram-no entre os 13 e os 15 anos. Quanto às bebidas destiladas/espirituosas, os rapazes com 13 e 14 anos iniciaram o seu consumo entre os 10 e os 12 anos e os dos 15 aos 18 anos iniciaram-no entre os 15 e os 18 anos. As raparigas de 13 anos iniciaram o consumo de bebidas destiladas entre os 10 e os 12 anos, enquanto as restantes até aos 18 anos iniciaram-no entre os 13 e os 15 anos.

Em relação à primeira embriaguez, os adolescentes de 13 anos experienciaram-na entre os 10 e os 12 anos, os com idades entre os 14 e os 17, experienciaram-na entre os 13 e os 15 anos e os jovens com 18 anos iniciaram entre 16 e 18 anos.

De acordo com o inquérito *HBSC* de 2010 (Matos et al., 2012), 42% dos adolescentes portugueses refere ter consumido álcool pela primeira vez entre os 12 e os 13 anos de idade e cerca de 62% refere que se embriagou pela primeira vez, por volta dos 14 anos.

Considerando o relatório *ESPAD* (2004), a prevalência da embriaguez ao longo da vida foi muito variável nos diferentes países participantes, variando entre 21 e 85%, tendo Portugal o valor de 32% e apenas 3% dos jovens portugueses referem que se embriagaram 20 vezes ou mais, ao longo da vida, predominando nos rapazes em relação às raparigas. Quanto à prevalência recente da embriaguez, ou seja, nos últimos 12 meses, estas apresentam valores semelhantes aos da prevalência ao longo da vida, variando entre os 20 e os 82%, encontrando-se Portugal nos 28%. Cerca de 10% da amostra total refere ter-se embriagado, pelo menos dez vezes, nos últimos 12 meses, tendo Portugal um valor de 3%. Atendendo à prevalência atual da embriaguez, ou seja, nos últimos 30 dias, os valores variam entre 8 e 60%, situando-se Portugal nos 14% e cerca de 10% da totalidade dos alunos refere ter experienciado o estado de embriaguez, pelo menos três vezes, nos últimos 30 dias, bem como 3% dos jovens portugueses. No relatório de 2007, relativamente a Portugal, observa-se uma forte correlação positiva

entre o consumo de álcool no dia anterior à aplicação do inquérito e a percepção do nível de intoxicação nesse mesmo dia, pois os estudantes que referem ter consumido grandes quantidades de álcool, também referem ter níveis mais elevados de intoxicação. Cerca de metade dos estudantes que participaram neste projeto, estiveram intoxicados pelo menos uma vez ao longo da sua vida, a ponto de cambalearem, terem um discurso pouco claro ou vomitarem, tendo 39% dos estudantes, estado embriagados com frequência, durante os últimos 12 meses e a 18% durante os últimos 30 dias. Apesar de a nível global dos países participantes no *ESPAD* não se verificar diferenças entre géneros, relativamente à frequência de embriaguez, em Portugal, obtêm-se números mais elevados em rapazes. Nos países onde muitos estudantes referem ter estado embriagados durante os últimos 12 meses, os valores de embriaguez nos últimos 30 dias, são elevados.

No relatório de 2011, na generalidade dos países participantes, cerca de 49% dos rapazes e 44% das raparigas experimentaram intoxicação pelo álcool, tendo 37% dos alunos ficado embriagado nos últimos 12 meses e 17% ficado embriagados nos últimos 30 dias (sendo 18% rapazes e 15% raparigas). Em Portugal, estes valores são semelhantes, tendo 14% dos alunos (15% de rapazes e 14% de raparigas) ficado embriagados nos últimos 30 dias. As percentagens de alunos que já se embriagaram e que o fizeram nos últimos 30 dias sofreram um aumento a partir dos 15 anos, havendo um maior aumento nas raparigas. Os valores das prevalências de embriaguez ao longo da vida situam-se entre os 8% aos 13 anos e os 54% aos 18 anos e, nos “últimos 30 dias”, entre os 2% aos 13 anos e os 23% aos 18 anos. Também a frequência dos episódios de embriaguez sofreu um aumento em todos os grupos etários e em ambos os sexos, sendo mais acentuada a partir dos 15 anos.

Segundo o relatório ECATD, a prevalência da embriaguez ao longo dos nove anos do estudo aumentou sempre com o aumento da faixa etária, sendo sempre superior nos rapazes do que nas raparigas. Contudo, de 2003 para 2007, verifica-se um aumento da embriaguez nos alunos mais novos, com 13 (de 7% para 7,2%) e 14 anos (de 13,4% para 14,6%) e uma diminuição nos alunos mais velhos, com idades entre os 15 e os 18 anos (de 21,6% para 21,3 nos 15 anos, de 32,1% para 30,7% nos 16 anos, de 42% para 39,2% nos 17 anos e de 49,9% para 48,6% nos 18 anos). A prevalência da embriaguez voltou a aumentar em 2011, em todas as faixas etárias, apresentando valores entre os 8,4% aos 13 anos, 38,6% aos 16 anos e 53,9% aos 18 anos. Considerando a embriaguez nos últimos 12 meses, observa-se uma diminuição da sua prevalência em todas as faixas

etárias, de 2003 (com valores entre os 5,7% aos 13 anos, os 28,6% aos 16 anos e os 41,7% aos 18 anos) para 2007 (com valores entre os 5,2% aos 13 anos, os 26% aos 16 anos e os 39,1% aos 18 anos), voltando a aumentar em 2011 (com valores entre os 5,7% aos 13 anos, os 31,2% aos 16 anos e os 44,1% aos 18 anos).

Se considerarmos a embriaguez na atualidade, ou seja, nos últimos 30 dias, verificamos uma diminuição de 2003 para 2007 entre os 15 e os 18 anos (de 9,8% para 8,5% para os 15 anos e de 19,9% para 16,4%, para os 18 anos), tendo aumentado nos alunos de 13 anos (de 2,4% para 2,7%) e estabilizado nos alunos com 14 anos, com 6,4%. De 2007 para 2011, tendência foi oposta, pois a prevalência de embriaguez diminuiu nos alunos mais novos, com idades entre os 13 e os 15 anos (de 2,7% para 2,1% aos 13 anos e de 8,5% para 8,3% aos 15 anos), aumentando nos alunos mais velhos com idades entre os 16 e os 18 anos (de 11,6% para 14,6 aos 16 anos e de 16,4% para 22,7% aos 18 anos). Ao longo dos nove anos, a prevalência de embriaguez foi quase sempre superior nos rapazes relativamente às raparigas.

Em 2011 atesta-se um aumento da prevalência de embriaguez ao longo da vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias, a partir do grupo etário dos 15 anos, havendo aumentos mais acentuados para as raparigas. Regista-se um aumento contínuo em todos os grupos etários e em ambos os sexos, sendo mais acentuada a partir dos 15 anos;

O relatório *HBSC* de 1998 (2000), no que diz respeito ao estado de embriaguez, as raparigas e os rapazes mais novos referem mais frequentemente nunca se terem embriagado, enquanto os rapazes e os mais velhos referem mais frequentemente, já terem ficado embriagados, havendo uma média de 4,2% que já se embriagaram 4 vezes ou mais (sendo 6,5% de rapazes e 2,1% de raparigas)

Segundo o relatório *HBSC* (2012), cerca de 8% dos rapazes e 4% das raparigas referem que já se embriagaram quatro vezes ou mais, pertencendo a maior parte ao 10º ano (12,3%). Relativamente à embriaguez nos últimos 30 dias, verifica-se uma prevalência de cerca de 7% para uma a duas vezes e 2,2% para três vezes ou mais, sendo os valores sempre superiores nos rapazes, comparativamente às raparigas.

A percentagem de adolescentes que nunca se embriagou diminuiu de 1998 para 2006 (tendo 22,1% em 1998, 24,5% em 2002 e 26,3% em 2006 já experienciado um estado de embriaguez, predominando nos rapazes), mas aumentou em 2010. No entanto, a percentagem de jovens que se embriagou, pelo menos dez vezes manteve-se.

Tendo em conta o INME (2011), nos alunos do 3.º ciclo do ensino básico, verifica-se uma estabilização na percentagem de embriaguez de 2006 para 2011 (de 14% e 13%, respetivamente). A percentagem de alunos que se haviam embriagado na altura dos estudos manteve-se (7%).

Em 2011, 14% dos rapazes e 12 % das raparigas do 3.º ciclo do ensino básico, já se tinham embriagado, 12% dos rapazes e 11 % das raparigas fizeram-no recentemente, nos últimos 12 meses e 7% dos rapazes e 6% das raparigas fizeram-no na altura do estudo, ou seja, nos últimos 30 dias. As diversas regiões do país apresentam valores semelhantes, contudo, o Alentejo destaca-se por ser a província com maiores prevalências de consumo de álcool, apresentando os rapazes PLV (prevalência ao longo da vida) de 26%, P12M (prevalência nos últimos 12 meses, ou seja, consumo recente) de 23% e P30D (prevalência nos últimos 30 dias, ou seja, consumo atual) de 16% e as raparigas com PLV de 24%, P12M de 21% e P30D com 13%.

Tanto em 2006 como em 2011, a ocorrência recente de embriaguez a nível nacional, foi de 11%, voltando o Alentejo a destacar-se por apresentar um valor muito superior (23% em 2006 e 22% em 2011). O Baixo Alentejo apresenta uma diminuição da prevalência de embriaguez de 2006 (30%) para 2011 (21%), continuando a revelar valores superiores aos obtidos a nível nacional.

Ainda no mesmo inquérito, mas para alunos do ensino secundário, apura-se um aumento na percentagem de embriaguez de 2006 para 2011 (de 34% e 42%, respetivamente), sendo valores muito superiores aos obtidos no 3.º ciclo do ensino básico. Em 2011, 49% dos rapazes e 37% das raparigas do ensino secundário, já tinham experimentado a embriaguez; 43% dos rapazes e 32% das raparigas fizeram-no recentemente, nos últimos 12 meses e 36% dos rapazes e 17% das raparigas fizeram-no na altura do estudo, ou seja, nos últimos 30 dias. As diversas regiões do país apresentaram valores semelhantes, contudo, o Alentejo destaca-se por ser a província que apresenta maiores prevalências de consumo de álcool, tendo os rapazes PLV de 66%, P12M de 61% e P30D de 44% e as raparigas com PLV de 55%, P12M de 48% e P30D com 29%.

A nível nacional, a ocorrência recente de embriaguez aumentou de 29%, em 2006 para 37%, em 2011, voltando o Alentejo a destacar-se por apresentar um aumento de 47% para 54%, tendo o Baixo Alentejo uma prevalência de consumo recente de 57% em 2011 (mais 5% do que em 2006).

O *binge drinking* é um conceito recente, que surgiu para caracterizar o consumo de quatro ou cinco bebidas destiladas ou cerveja, numa só ocasião, ao fim de semana ou numa noite (num período de tempo limitado), em ambiente de lazer, estando associado a uma maior probabilidade de efeito adverso e que empurra os jovens para a dependência. Trata-se de uma procura rápida do estado de embriaguez.

De acordo com o relatório *ESPAD* (2004), entre 15% e 60% dos jovens dos diferentes países participantes praticam o *binge drinking*, que corresponde a um consumo esporádico excessivo e que acaba por conduzir também à intoxicação/embriaguez, situando-se Portugal nos 25% e entre 5% e 32% da totalidade dos jovens participantes fê-lo pelo menos três vezes, nos últimos trinta dias, bem como 16% dos jovens portugueses.

No relatório de 2007, existem países, nos quais se inclui Portugal, onde estes valores do *binge drinking* são elevados, durante os últimos 30 dias, embora com valores inferiores à embriaguez no mesmo período. Cerca de 43% dos estudantes que participaram no *ESPAD* referem ter feito um consumo esporádico excessivo durante os últimos 30 dias, sendo este tipo de consumo mais comum entre os rapazes (47%) do que entre as raparigas (39%). Esta prática do *binge drinking* durante os últimos 30 dias sofreu um aumento desde 1995 até 2007, sendo mais comum nos rapazes do que nas raparigas. Contudo, o aumento deste tipo de consumo de 2003 para 2007 é mais notório entre as raparigas, subindo de 35% para 42%. O aumento deste consumo esporádico excessivo de bebidas alcoólicas é mais evidente entre 2003 e 2007 e em Portugal, onde a percentagem de estudantes que refere ter este tipo de consumo ao longo dos últimos 30 dias, aumentou de 25% para 56%.

De acordo com o relatório de 2011, o consumo de cinco doses ou mais de bebidas alcoólicas, numa única ocasião, por jovens destas idades acaba por conduzir a um estado de embriaguez. Cerca de 39% dos jovens dos diferentes países participantes refere ter praticado o *binge drinking* nos últimos 30 dias, tendo cerca de 14% referido que o fizeram pelo menos 3 vezes, durante o período em questão. Este comportamento é mais comum nos rapazes (43%) do que nas raparigas (38%), que acabam por consumir menos bebidas alcoólicas, para atingir o mesmo grau de embriaguez. Em Portugal, a prática de *binge drinking* é feita por 22% dos jovens inquiridos, sendo 27% rapazes e 19% raparigas.

Segundo o relatório do ECATD, o consumo excessivo, rápido e esporádico, nos últimos 30 dias, regista um aumento contínuo dos 13 para os 18 anos ao longo dos

vários anos do estudo, havendo um aumento bastante acentuado de 2003 (com valores entre os 7,2% aos 13 anos, os 25,8% aos 16 anos e os 29,7% aos 18 anos) e para 2007 (com valores entre os 21,3% aos 13 anos, os 57,3% aos 16 anos e os 67,1% aos 18 anos), em todas as faixas etárias. No relatório de 2011, verificamos uma diminuição dos consumos mais intensivos, de 7,9% para os adolescentes de 13 anos, 30,9% para os jovens de 16 anos e 42,8% para os de 18 anos.

Segundo o relatório *HBSC* (2012), verifica-se uma diminuição do consumo regular de álcool, mas não do seu abuso episódico (esporádico).

O *binge drinking* foi analisado apenas no questionário de 2011 do INME e representa 19% dos consumos, dos alunos do 3.º ciclo do ensino básico. Na prevalência nos últimos 12 meses, 17% dos alunos referem praticar *binge drinking*, mantendo-se a percentagem de embriaguez de 2006 para 2011 em 11%.

Nos alunos do ensino secundário, o *binge drinking* apresenta um valor de 55% dos consumos. Metade dos alunos do ensino secundário experienciou nos últimos 12 meses de 2011 este consumo esporádico excessivo, tendo a prevalência de embriaguez aumentado de 2006 (29%) para 2011 (37%). Em 2011, 21% dos alunos do ensino secundário praticaram o *binge drinking* nos últimos 30 dias e a prevalência de embriaguez nesse período aumentou de 16% para 21%, de 2006 para 2011.

Segundo o relatório *ESPAD* (2004), os locais de eleição dos jovens para consumirem bebidas alcoólicas são discotecas e bares, seguindo-se a casa de amigos, a casa dos pais e depois rua, parque e praia. No relatório de 2007 não há referência aos locais preferenciais de consumo e no relatório de 2011, quase metade dos jovens (45%) refere que, nos últimos 30 dias, as bebidas alcoólicas consumidas foram adquiridas em estabelecimentos públicos, tais como, bares e discotecas.

No relatório *ESPAD* de 2003 (2004) não há referência aos problemas dos alunos, mas se considerarmos o relatório de 2007 (2009), alguns estudantes tiveram problemas durante os últimos 12 meses relacionados com o seu consumo de álcool. Cerca de 15% teve problemas graves com os pais, e cerca de 13% obteve “mau desempenho na escola ou no trabalho”, “problemas graves com amigos e confrontos físicos”, devido ao seu consumo de álcool. Em Portugal, verifica-se uma correlação positiva entre problemas vivenciados e a intoxicação, durante os últimos 30 dias. A maior parte destes problemas relacionados com o consumo de álcool é, em média, mais comum entre os rapazes. Estes problemas são mais evidentes no caso dos “confrontos físicos” e “problemas com a polícia”. Contudo, alguns dos problemas referidos apresentam médias praticamente

idênticas, e, no caso de “problemas graves com amigos”, o valor médio é ligeiramente superior nas raparigas.

Neste relatório de 2011, o consumo de álcool está associado a consequências negativas, tendo cerca de 42% dos alunos referido que “prejudica a saúde” e “dá ressaca” e 35% referem que “se sentem maldispostos” e “fazem coisas de que se arrependem”. Considerando os problemas relacionados com o consumo de álcool, 13% dos alunos referem o “mau desempenho na escola”, seguido de “problemas com amigos e pais” e “envolvimento em luta física” (12%), “envolvimento em acidentes e lesões” com 11%, “envolvimento em relações sexuais sem proteção” com 9%, “envolvimento em relações sexuais de que se arrependeu” com 7%, 6% “envolveu-se em problemas com a polícia” e apenas 3% “foi vítima de roubo”. Em Portugal, apenas cerca de 3% dos alunos referem ter alguns destes comportamentos.

De acordo com o estudo sobre o consumo de SPA, de Feijão e Lavado (2001) e com o Projeto ECATD (2003), as expectativas positivas associadas ao consumo de bebidas alcoólicas aumentam até aos 16 anos, estabilizando a seguir. Cerca de 36% dos alunos de 13 anos e 61% dos alunos de 16 anos consideram “muito provável” ou “provável” virem a divertir-se imenso ao consumir álcool. Relativamente às expectativas negativas associadas ao consumo de álcool, estas diminuem com a idade. Cerca de 40% dos alunos de 13 anos e 8% dos alunos de 18 anos acreditam ser “muito provável” ou “provável” vir a ter problemas com a polícia, devido ao consumo do álcool. A perceção do risco associado ao consumo do álcool, diminui ligeiramente com o aumento da idade, onde cerca de 53% dos alunos de 13 anos consideraram correr “muito risco” consumindo “5 ou mais bebidas” em cada fim de semana, enquanto para os 18 anos, essa percentagem foi de 43%. Como complemento, consideram ser difícil ou muito difícil o abandono do consumo regular de álcool.

Segundo o relatório *HBSC* de 1998 (2000), os rapazes com idade igual ou superior a 15 anos, sendo os maiores consumidores de álcool, têm um maior risco do que outros estudantes em envolver-se em comportamentos de risco, tais como, beber e conduzir, ser um passageiro num carro quando o condutor está intoxicado, fumar diariamente e ter amigos e pais que bebem álcool.

No relatório de 2006, 14,1% já tiveram relações sexuais porque tinham consumido SPA ou álcool, sendo os rapazes os que mais frequentemente afirmam já ter tido estes comportamento de risco, não existindo diferenças significativas em relação à idade.

Considerando o relatório *HBSC* (2012), cerca de 13% dos alunos referem que tiveram a primeira relação sexual associada ao consumo de álcool e 7,3% por terem tomado outras SPA, sendo este comportamento de risco mais presente nos rapazes (16,4%) do que nas raparigas (7,6%). Contudo, este comportamento de risco é mais frequente em alunos do 8.º ano (16,5%) do que nos alunos do 10.º ano de escolaridade (11,2%).

Ainda de acordo com este estudo, os adolescentes que consideram fácil falar tanto com o pai como com a mãe (tendo os rapazes facilidade em falar tanto com o pai como com a mãe e as raparigas têm mais facilidade em falar com a mãe), e cujos pais têm conhecimento para onde eles vão, apresentam comportamentos mais saudáveis. Os jovens que consideram que a família os apoia e ajuda a tomar decisões e que têm amigos com quem partilhar alegrias e tristezas, também apresentam comportamentos mais saudáveis. Contudo, a facilidade em falar com os pais diminui do 6.º para o 10.º ano de escolaridade (Matos et al., 2012).

Ainda considerando o *HBSC* (2012), relativamente às alturas de consumo, 37% dos alunos consomem bebidas alcoólicas preferencialmente aos fins de semana e à noite, predominando este tipo de consumo nas raparigas. De realçar que 4% dos alunos referem que consomem bebidas alcoólicas todos os dias e a qualquer hora do dia, predominando este consumo nos rapazes. Estes consumos, mais uma vez predominam em alunos do 10.º ano de escolaridade.

Segundo o relatório *ESPAD* (2012), cerca de 64% dos alunos associa o consumo de bebidas alcoólicas à obtenção de divertimento e cerca de 48% dos alunos referem que bebem para esquecer os problemas da vida.

Já segundo o *HBSC* (2012), as principais motivações destes alunos para o consumo de bebidas alcoólicas são para lidar com as dificuldades, procura de otimização social.

No relatório *ESPAD* de 2003 (2004) verificamos que entre 50 e 80% dos jovens já consumiram tabaco, pelo menos uma vez na vida, comportamento também partilhado por 18% dos jovens portugueses. Entre 18 e 60% consumiram-no nos últimos 30 dias, tendo os jovens portugueses um consumo atual de 28%. A média de idades do primeiro consumo de 20 a 60% dos jovens é de 13 anos ou menos, sendo o valor de Portugal de 9%.

No relatório de 2007 (*ESPAD*, 2009), 72% dos jovens consideram ser muito fácil obter tabaco, se o pretenderem. A prevalência do consumo de tabaco, ao longo da

vida é variável nos países participantes, com valores entre os 24% e os 80%, situando-se a média nos 58% e cerca de ¼ refere já ter fumado em pelo menos 20 ocasiões. Quanto aos últimos 30 dias, cerca de 29% dos jovens apresenta um consumo atual, situando-se Portugal nos 19%, com consumo semelhante entre rapazes e raparigas.

Relativamente ao consumo de outras SPA, cerca de 55% dos estudantes participantes no *ESPAD* (2012) referem ter experimentado cigarros pelo menos uma vez, 28% consumiu cigarros nos últimos 30 dias e 2% de todos os estudantes tinham fumado pelo menos um maço de cigarros por dia nos últimos 30 dias. Cerca de 2/3 dos estudantes referem que é muito fácil obter cigarros, tendo cerca de 31% começado o seu consumo com 13 anos ou menos. Portugal apresenta uma prevalência de consumo atual de tabaco de cerca de 29%, sendo o valor semelhante para rapazes e raparigas.

Quanto às SPA ilícitas, 23% dos rapazes e 17% das raparigas já as experimentaram, pelo menos uma vez ao longo da vida. A SPA ilícita mais consumida pelos estudantes é *cannabis*, tendo 19% dos jovens consumido ao longo da vida, enquanto 7% já experimentaram pelo menos uma das SPA ilícitas da lista, vindo o *ecstasy*, a cocaína e as anfetaminas em segundo lugar, com 3% cada e com menor frequência de consumo surgem o LSD, o *crack* e a heroína (entre 1% e 2% dos consumos).

Em relação aos tranquilizantes ou sedativos, estes são consumidos por cerca de 8% de raparigas e de 5% de rapazes, havendo uma certa estabilidade no seu consumo, entre 1995 e 2007. As mesmas percentagens de raparigas e de rapazes (8% e 5%, respetivamente) referem consumir álcool com comprimidos, para ficarem eufóricos. Portugal obteve a maioria dos resultados semelhantes ou inferiores à média dos resultados *ESPAD* (2009).

No relatório *ESPAD* (2012), relativamente aos consumos de tabaco, de 2007 para 2011 verifica-se uma diminuição na percentagem de experimentação de tabaco e início mais tardio, mas com mais consumidores atuais.

A *cannabis* continua a SPA ilícita mais consumida, tendo-se verificado uma diminuição (13 e 14 anos) ou estabilização (15 anos) da percentagem de experimentação (longo da vida) de *cannabis* entre os alunos mais jovens, e um aumento entre os alunos mais velhos (16 a 18 anos); os valores globais situam-se entre os 2% aos 13 anos e os 30% aos 18 anos.

De acordo com o ECATD (2011), o álcool é a SPA mais consumida pelos jovens, seguindo-se o tabaco. Assim, a prevalência de consumo de tabaco ao longo da

vida (experimentação) também apresenta um aumento contínuo dos 13 para os 18 anos, com cerca de 17% de alunos com 13 anos, cerca de 53% de alunos com 16 anos e cerca de 61% para os de 18 anos. Cerca de 11% dos alunos fumaram nos últimos 12 meses, bem como cerca de 42% dos alunos com 16 anos e cerca de 48% dos alunos com 18 anos. Quanto ao consumo atual, cerca de 5% dos alunos fumaram nos últimos 30 dias, bem como cerca de 27% dos alunos com 16 anos e cerca de 34% dos alunos com 18 anos.

Ao longo dos nove anos do estudo verifica-se uma diminuição contínua da prevalência do consumo de tabaco ao longo da vida, em todas as faixas etárias (de 29,4% em 2003 para 16,9% em 2011, aos 13 anos, de 62,5% em 2003 para 52,6% em 2011, para os 16 anos e de 69,5% em 2003 para 60,5% em 2011, para os 18 anos). Contudo, verifica-se um aumento da experimentação do consumo tabágico, com o aumento da idade.

Em 2003, a prevalência do consumo tabágico foi superior nas raparigas, em todas as faixas etárias, mas em 2007 e 2011, foi superior nos rapazes.

Sendo o álcool a SPA mais consumida pelos alunos, seguida do tabaco, quando falamos de policonsumos, são estas duas SPA as mais consumidas conjuntamente e verifica-se um aumento contínuo deste policonsumo nos últimos 30 dias, à medida que aumenta a idade. Estes dois consumos em conjunto apresentam uma diminuição em todas as faixas etárias consideradas, de 2003 para 2007 (de 7,5% para 3,7% aos 13 anos, de 27,8% para 19,1% aos 16 anos e de 34,8% para 27,8% aos 18 anos). Contudo, verifica-se um aumento para 2011, com os valores de 5,3% para os 13 anos, 26,7% para os 16 anos e 33,5% para os 18 anos.

Obtemos assim menos experimentação de tabaco e início mais tarde, mas com mais consumidores atuais.

Ainda de acordo com o relatório ECATD (2011), a *cannabis* é a SPA ilícita mais consumida pelos alunos envolvidos no estudo. Também se verifica um aumento contínuo do consumo desta SPA, com o aumento da idade.

Se considerarmos a experimentação, ou seja, a prevalência ao longo da vida, regista-se uma diminuição entre os adolescentes com 13 e 14 anos, uma estabilização nos jovens de 15 anos e um aumento entre os jovens mais velhos, com idades entre os 16 e os 18 anos, situando-se os valores entre os 2% aos 13 anos, os 19% aos 16 anos e os 30% aos 18 anos. Considerando o consumo recente de *cannabis*, regista-se um aumento de consumidores, com cerca de 2% dos alunos com 13 anos a consumirem-na nos

últimos 12 meses, bem como cerca de 16% de alunos com 16 anos e cerca de 25% de alunos com 18 anos. Atendendo ao consumo atual, cerca de 1% dos alunos 13 anos consumiu *cannabis* nos últimos 30 dias, tal como cerca de 9% dos alunos de 16 anos e cerca de 16% dos alunos com 18 anos.

A prevalência do consumo de medicamentos ao longo da vida aumenta continuamente com o aumento da faixa etária, mas diminuiu de 2003 para 2007, voltando a aumentar em 2011. A mesma tendência se verifica com a prevalência do consumo de SPA ao longo da vida. A prevalência de experimentação de SPA ilícitas situa-se entre o 1% e os 3%, com exceção das anfetaminas que se situam entre os 3 e os 4% e das SPA injetadas que são inferiores a 1%.

Os resultados do relatório *HBSC* de 1998 (2002) indicam que aumentou a experimentação do tabaco com o aumento da idade, bem como a prevalência corrente de fumar, sendo a percentagem superior nos rapazes do que nas raparigas. Contudo, a maioria dos jovens nunca experimentou tabaco e não fuma, tendo 30,9% já experimentado (33,6% rapazes e 28,6% raparigas). No mesmo relatório de 2006, 32,8% refere já ter consumido tabaco, não se verificando diferenças significativas em relação ao género. São os jovens mais velhos que mais frequentemente dizem que já experimentaram tabaco e são os rapazes os que mais referem consumir tabaco pelo menos uma vez por semana, e os mais velhos os que mais referem consumir todos os dias.

Em 1998, 30,9%, bem como 37,1% em 2002 e 32,8% em 2006 já experimentou tabaco, sendo maior diferença entre sexos em 1998, que se dissipa em 2002 e 2006. Se considerarmos o consumo regular, 13,1% consumia em 1998, tal como 37,1% em 2002 e 32,8% em 2006, verificando-se também maior diferença entre género em 1998, que se dissipa em 2002 e 2006.

De acordo com o *HBSC* (2012), a segunda SPA mais consumida pelos alunos envolvidos neste estudo é o tabaco, com cerca de 30% de prevalência de consumo ao longo da vida, não se verificando uma grande diferença entre rapazes e raparigas, mas predominando o consumo tabágico nos alunos do 10º ano de escolaridade. A maior parte dos alunos (cerca de 43%) fumou pela primeira vez com 14 anos ou mais. Na iniciação do consumo tabágico verifica-se que os rapazes começam a fumar mais cedo do que as raparigas, tendo os rapazes valores superiores entre os 11 e os 13 anos e as raparigas valores superiores com 14 ou mais anos. Apura-se que a percentagem de

fumadores tem diminuído desde 2002, sendo o número de fumadores diários em 2006 de 5% e em 2010 de 4,5%.

A percentagem de jovens que nunca consumiu SPA ilícitas diminuiu de 1998 para 2002, mantendo-se até 2010, com 1,1% em 2006 e 1,4% em 2010. A experimentação de haxixe aumentou de 1998 (3,8%) para 2002 (9,2%), diminuindo em 2006 (8,2%) e subindo ligeiramente em 2010 (8,8%). Cerca de 1,4% dos alunos refere consumir outras SPA, com regularidade e 2% refere ter consumido mais do que uma vez, sendo haxixe a SPA mais consumida (8,8%). São os rapazes que mais consomem outras SPA (ilícitas) e principalmente os alunos do 10.º ano (consumiram mais nos últimos 30 dias), apesar de se verificar um aumento no consumo nos alunos do 8.º ano (estimulantes, LSD e cocaína). Regista-se ainda que 1,9% consumiu cocaína, 1,6% medicamentos e 1,4% heroína. A experimentação de outras SPA aumentou de 2006 para 2010: LSD de 1,8% para 2%, cocaína de 1,6% para 1,9%, ecstasy de 1,6% para 1,8%.

Segundo o INME (2011), verificamos que nos alunos do 3.º ciclo do ensino básico, o consumo de tabaco diminuiu de 2001 para 2006, de 49% para 35%, voltando a aumentar para 38% em 2011.

Quanto à prevalência do consumo recente de tabaco, verifica-se um acentuado decréscimo de 2001 para 2006, de 36% para 22%. Contudo, o seu consumo voltou a aumentar em 2011, situando-se atualmente nos 28%. O consumo de tabaco também não sofreu grande alteração ao longo dos 10 anos, sendo atualmente de 18%. Considerando o mesmo inquérito, mas para os alunos do ensino secundário, a seguir ao álcool, o tabaco é a SPA mais consumida, havendo um acentuado decréscimo da sua experimentação de 2001 para 2006 (de 70% para 55%). Contudo, em 2011 a sua experimentação voltou a aumentar para 64%. Quanto à prevalência do consumo recente de tabaco, verificou-se um acentuado decréscimo de 2001 para 2006, de 49% para 34%. Contudo, o seu consumo voltou a aumentar em 2011, situando-se atualmente nos 48%. Em relação à prevalência atual do consumo de tabaco, apesar da diminuição de 2001 (32%) para 2006 (24%), esse consumo voltou a aumentar em 2011 (36%), sendo o seu consumo atual superior ao obtido no início do estudo.

Relativamente ao consumo de SPA ilícitas pelos alunos do 3.º ciclo do ensino básico, ocorreu uma descida, nos primeiros 5 anos, de 14% para 8%, seguido de um aumento da experimentação, situando-se em 2011 nos 10%. A SPA ilícita mais consumida pelos alunos foi a *cannabis*, cujo consumo não se alterou muito ao longo do

estudo, apresentando em 2011 um valor de 9%. A *cannabis* é a SPA ilícita mais consumida ao longo da vida, nos últimos 12 meses ou nos últimos 30 dias.

Para os alunos do ensino secundário, em relação ao consumo de SPA ilícitas, registou-se uma descida, nos primeiros 5 anos, de 28% para 20%, seguido de um aumento da experimentação situando-se em 2011 nos 29%. A SPA ilícita mais experimentada pelos alunos foi a *cannabis*, cujo consumo diminuiu de 2001 para 2006, de 26% para 19%, aumentando em 2011 para 28%. A *cannabis* também é a SPA ilícita mais consumida ao longo da vida, nos últimos 12 meses ou nos últimos 30 dias.

### **2.1.8 Contraordenação, acidentes e violação do código penal associados aos consumos de álcool**

Junto do Departamento de Operações da Polícia de Segurança Pública foi feita uma recolha do número de casos de contraordenação, de acidentes e violação do código penal, relacionados com o consumo de álcool por parte de jovens da faixa etária da população em estudo (Anexo I). Os dados que apresentamos referem-se ao número de acidentes, controlo de alcoolemia em intervenientes de acidentes, bem como a autos de contraordenação, nos anos de 2010 à atualidade, que envolvem adolescentes e jovens da cidade de Beja.

Na Tabela 1 apresentamos o número de acidentes que envolveram condutores de veículos ligeiros e de motociclos, com idades entre os 15 e os 21 anos. Considerámos este intervalo de idades, por termos alunos da nossa amostra de participantes entre os 12 e os 21 anos, apesar da faixa etária de alunos do 7.º ao 12.º ano estar em média, compreendida entre os 13 e os 18 anos.

Tabela 1  
Número de acidentes com condutores entre os 15 e os 21 anos de idade.

Ano	Idade do condutor								Acidentes	
	13	15	16	17	18	19	20	21	Só danos materiais	Com vítimas
2010		1			1	7	15	10	28	6
2011			1	1	1	2	7	9	10	11
2012	1			3	1	2	6	5	11	7
2013	1					2	3	3	8	1

Fonte: ANRS (2013)

Ainda de acordo com os dados da Tabela 1, em 2010, o jovem de 18 anos e um de 20 anos conduziam motociclo, bem como o jovem de 17 anos em 2011, dois jovens de 17 anos e o de 18 anos em 2012 conduziam motociclo e o adolescente de 13 anos velocípede. Os restantes conduziam veículos ligeiros, incluindo o adolescente de 13 anos acidentado em 2103, bem como os jovens de 15 e 16 e um jovem de 17 anos, acidentado em 2012, que apresentam idades inferiores aos 18 anos, idade mínima para obter licença de condução de veículos ligeiros.

Nos acidentes considerados na Tabela 1 não resultaram feridos graves nem mortos.

No que se refere ao controlo de alcoolemia em intervenientes de acidente, os dados encontram-se registados na Tabela 2 abaixo que se refere a jovens com idades entre os 16 a 24 anos. Apesar da maior parte dos jovens apresentar uma taxa de alcoolemia inferior a 0,5 g/l, verificamos que treze jovens apresentam uma taxa de alcoolemia superior a 1,20 g/l, que altera substancialmente as capacidades do indivíduo e tratando-se de jovens, os danos provocados pelo álcool podem ser irreversíveis.

Tabela 2  
Controlo de alcoolemia em jovens entre os 16 e os 24 anos

Ano	Taxa de alcoolemia (g/l)			
	< 0,50	0,50 a 0,79	0,80 a 1,19	>1,20
2010	59	0	1	3
2011	37	1	1	3
2012	32	0	1	5
2013	18	0	0	2

Fonte: ANRS (2013)

No que diz respeito a autos de contraordenação, os dados são irrisórios, como se verifica na Tabela 3, pois de acordo com a informação prestada pela Autoridade Nacional de Segurança Rodoviária (ANSR), a data de nascimento já não é um campo obrigatório e como tal, é possível a existência de outros autos, difíceis de identificar.

Tabela 3  
Autos e contraordenações associados ao consumo de álcool, em adolescentes e jovens entre os 12 e os 21 anos

Ano	Indivíduos com idades entre os 12 e 21 anos	Contraordenação associada ao consumo de álcool
2010	2	Muito grave
2011	1	Muito grave
2012	1	Muito grave

Fonte: ANRS (2013)

### 2.1.9. Prevenção do consumo de álcool

*«Um programa de saúde escolar efetivo ... é o investimento de custo-benefício mais eficaz que um País pode fazer para melhorar, simultaneamente, a educação e a saúde».*

Gro Harlem Brundtland, Diretora-Geral da OMS (abril 2000)

Os jovens são constantemente assediados para o consumo de álcool, nos diferentes contextos sociais em que se encontram. Uma das melhores maneiras de prevenir o uso e abuso do consumo de SPA, nomeadamente do álcool, é assegurando-nos de que a população está bem informada sobre o assunto. Com o desenvolvimento tecnológico, sabemos que hoje em dia, o acesso à informação é bastante facilitado. Contudo, nem sempre a informação é a mais correta, ou nem sempre é bem apreendida e, para além disso, a informação por si só não é suficiente. É necessário que essa informação seja correta, bem apreendida, com vista a mudanças de atitudes e de comportamentos, no sentido da promoção de hábitos de vida saudável. Sabemos, porém, que a mudança não é fácil. Implica uma coordenação e colaboração de todos (família, comunidade educativa e sociedade em geral) e, sobretudo, a adoção de mudanças políticas e sociais. É necessário unir esforços para limitar a oferta e reduzir a procura.

Gordon (1987) propôs três tipos de abordagens preventivas:

**Universal** – concebidas para a população em geral, a grandes grupos, sem prévia análise do grau de risco. Têm como objetivo deter o início do uso/abuso de

substâncias psicoativas, fornecendo a todos os indivíduos a informação e as competências necessárias para prevenir o problema.

**Seletiva** – Dirigida a subgrupos da população geral, que estão sujeitos ao risco de abuso de substâncias por pertencerem a segmentos específicos da população. Os grupos podem ser identificados com base em fatores biológicos, psicológicos, sociais e ambientais associados ao abuso de substâncias e definidos a partir da idade, sexo, história familiar e contexto social envolvente.

**Precoce ou Indicada** – Dirige-se a indivíduos em situação de risco. O objetivo destes programas não é apenas a redução dos primeiros consumos, mas também, o atraso do início do uso de substâncias e/ou a redução da severidade do consumo/abuso.

Geralmente, as campanhas costumam ser ações isoladas e fora do contexto, dirigidas a uma população heterogénea e realizadas à margem dos grupos organizados da comunidade. Este tipo de ações costuma ter uma eficácia limitada, já que seu impacto é momentâneo. Para que a prevenção seja pró-ativa e realmente efetiva é necessário o envolvimento de todos os agentes de educação: professores, alunos, pais e/ou encarregados de educação, auxiliares da ação educativa, profissionais de saúde, autarquias, ... É necessário unir forças e trabalhar no sentido de desenvolver a capacidade de tomar decisões refletidas, assertivas e responsáveis, permitindo que os jovens consigam resistir às constantes pressões da sociedade, dos pares e até mesmo da própria família. Devemos trabalhar nos jovens a resiliência, que se traduz na boa capacidade para gerir a adversidade, minimizando os danos pessoais. A resiliência permite atenuar os fatores de risco e facilitar os fatores de proteção, promovendo a saúde.

Os pais e/ou encarregados de educação deverão estar mais atentos aos seus filhos/educandos e deverão transmitir valores promotores de saúde. Os jovens deverão estar mais atentos aos seus pares/amigos/colegas, para melhor os poderem ajudar. Os profissionais ligados aos jovens (professores, assistentes operacionais, técnicos de saúde...) deverão empenhar-se para trabalhar no sentido da prevenção do consumo de SPA.

As ações preventivas devem incidir sobre a neutralização dos fatores de risco detetados no diagnóstico, e potenciar os fatores de proteção. A prevenção será tanto

mais eficaz quanto melhor for a sua planificação e quantos mais agentes preventivos se implicarem na atividade. Para além disso, devem adequar-se à grande diversidade de alunos. Um bom projeto de prevenção deverá determinar tarefas para cada um dos agentes envolvidos, com vista a retardar ou evitar o uso/abuso de SPA, dotar os alunos de competências e outros recursos pessoais necessários para lidar adequadamente com situações de risco e diminuir a influência dos fatores de risco que podem favorecer o aparecimento de problemas com o uso/abuso de SPA. Quanto mais precoce for a ação mais efetiva é (Costa & López, 2008).

Também Barroso, Barbosa e Mendes (2006) defendem que os programas de intervenção preventiva devem ser planeados no âmbito da educação para a saúde, de modo a prevenir o início precoce do consumo de álcool e o seu uso inadequado nos jovens, beneficiando a sua saúde atual e futura. Estes autores analisaram vários programas de intervenção de uso/abuso de álcool dirigidos a adolescentes em meio escolar, tendo sido na sua maioria eficazes, mesmo que desenvolvidos num limitado prazo de ação. Todavia, são da opinião de que se as intervenções forem mais longas e/ou com reforços anuais, haverá uma melhoria de resultados. Acresce ainda que, para melhorar os programas de intervenção, é necessária a sua repetição organizada, quer em grupos diferenciados quer com a alteração controlada de componentes. Contudo, consideram ser difícil prever sucesso a longo prazo. Barroso et al. (2006) defendem ainda que, como os hábitos de consumo se iniciam na adolescência, os programas de prevenção de consumo de álcool deveriam integrar o *curriculum* escolar.

Segundo Fishbein e Ajzen (1975) é possível explicar e prever o comportamento humano através da Teoria da Ação Racional. De acordo com esta teoria, as pessoas tendem a atuar de modo racional e voluntário, tomando decisões comportamentais baseadas nas informações.

A Teoria da Ação Racional defende que a intenção comportamental é determinada por fatores pessoais e sociais. O fator pessoal refere-se à atitude em relação ao comportamento, enquanto o fator social é a perceção que a pessoa tem das pressões sociais para a realização ou não de determinado comportamento. As crenças representam as informações adquiridas ao longo da vida e conhecendo as crenças, mais facilmente se compreendem as razões para o comportamento. Segundo Fishbein (1980), uma pessoa tem um determinado comportamento que lhe trará benefícios junto das pessoas que considera. Algumas crenças gerais ou pessoais influenciam a previsão da intenção, como por exemplo, a crença de que “beber é prejudicial à saúde” é diferente

da “ao beber estou a prejudicar a minha saúde”. Para compreender melhor e prever a intenção e o comportamento em áreas que implicam decisões importantes deve-se ter em conta as crenças, a atitude e a intenção sobre as diferentes alternativas e avaliar estas variáveis a nível pessoal.

Costa & López (2008) consideram que o Modelo ABC pode ser aplicado na educação para a saúde. O acrónimo ABC representa antecedentes, biografia e consequências, que correspondem aos três componentes estruturais e funcionais do modelo. Os antecedentes correspondem às informações e sinais do contexto que interferem na biografia. A biografia corresponde às vivências do dia-a-dia e as consequências são o resultado dos comportamentos e escolhas da biografia. Este modelo, ao permitir conhecer as vivências e comportamentos dos alunos, admite uma intervenção mais focada no problema.

O que todos os professores, pais e/ou encarregados de educação pretendem é que os programas de intervenção sejam eficazes. Para isso é necessário conhecer os alunos e seus hábitos, de modo a fortalecer os seus comportamentos e promover hábitos de vida saudável. É aqui que o modelo ABC dá um contributo fundamental para uma intervenção transformadora, baseada no conhecimento dos alunos, tornando-a mais eficaz (Costa & López, 2008).

Segundo Costa & López (2008), o Modelo da Potenciação ou *Empowerment* consiste num modelo profissional de intervenção, que pretende capacitar os alunos para controlar a sua própria vida, numa aprendizagem de comportamentos e estilos de vida saudáveis. Neste modelo, é necessário equilibrar a aceitação, a validação e o apoio, com a assertividade, ou seja, com a persistência para manter o compromisso responsável com as decisões, ações de aprendizagem e transformação, bem como com a motivação para delinear ações de mudança.

Costa & López (2008) apresentam algumas propostas de intervenção:

- a) desenvolvimento de hábitos de vida saudáveis, que descreve princípios e critérios operativos para promover esses hábitos e condutas saudáveis;
- b) orientação de crianças e de adolescentes para resistir à pressão dos pares, dando relevância ao contexto social do grupo de amigos, na aprendizagem de hábitos saudáveis, de modo a puderem ultrapassar os riscos e obstáculos que podem enfrentar;
- c) desenvolvimento de comportamentos críticos e clarificação de valores, de modo a desenvolver a consciência crítica face às adversidades e solicitações do

meio, face aos seus comportamento de risco, tornando as crianças e jovens agentes ativos de transformação;

d) capacitação da competência social e resolução de problema;

e) promoção da autonomia e estabelecimento de normas e limites, essencialmente a pais e/ou encarregados de educação e professores, de modo a ajudá-los a ensinar os seus filhos/educandos ou alunos a orientarem a sua vida, de modo responsável.

Também Ferreira-Borges e Filho (2008) defendem que as intervenções preventivas permitem reduzir comportamentos de risco. Defendem que a escola deve promover estratégias que desenvolvam capacidades nos pré-adolescentes de resistir à pressão dos pares, para consumirem bebidas alcoólicas, bem como atividades extracurriculares, que envolvam também a família. As intervenções que conjugam adequadamente fornecimento de informação, desenvolvimento de maturidade afetiva, treino de competências sociais e intervenção na reorganização social da comunidade, são mais eficazes, por serem mais abrangentes.

Consideramos fundamental que os jovens assumam como objetivo da sua vida ser saudáveis, regendo-se por escolhas positivas para a saúde. O desafio de *marketing*, parece-nos, ser tornar o saudável um conceito da moda!

## **2.2. A escola promotora de saúde**

*«Cada criança e jovem da Europa tem o direito e deve ter a oportunidade de ser educado numa escola promotora da saúde»*

Rede Europeia de Escolas Promotoras da Saúde. Resolução da 1.<sup>a</sup> Conferência.  
Grécia. 1997

Na Carta Magna Constitucional da OMS (1948), o conceito de saúde corresponde ao “*estado de completo bem-estar físico, psíquico e social, e não a mera ausência de doença*”. Apesar de esta definição abranger as componentes psicológica e social e não apenas a biológica, foi criticada por Sanmartí (1985), que considera que o completo bem-estar é difícil de alcançar. No Glossário de Promoção de Saúde, a OMS (1985) reformulou o conceito de saúde para “*capacidade para realizar o potencial pessoal e responder de forma positiva aos desafios do ambiente*”, acrescentando na

Carta de Otava (1986) a referência à saúde como “*um recurso para a vida e não uma finalidade*”, tendo por isso limites.

Desde 1901, que em Portugal, tem havido uma preocupação crescente em implementar, promover e desenvolver a Saúde Escolar.

Até 1971, o Ministério da Educação desenvolveu uma ação médica nas escolas, apenas nos três grandes centros urbanos (Lisboa, Porto e Coimbra), no âmbito da intervenção médica e psicopedagógica. Entre 1971 e 2001, tanto o Ministério da Saúde, como o da Educação intervieram nas escolas, com objetivos semelhantes, no sentido da promoção da saúde, mas servindo-se de metodologias diferentes (Programa Nacional de Saúde Escolar, 2006).

A Rede Europeia de Escolas Promotoras de Saúde (REEPS) foi criada em 1991 pela OMS Europeia, o Conselho da Europa e a União Europeia e serviu de base à constituição da Rede das Escolas pela Saúde na Europa (rede SHE), com a finalidade de promover a saúde nas escolas. Presentemente são 43 os países membros da Europa, incluindo Portugal, desde 1994, iniciando uma experiência piloto em 1997.

O documento *Health for all*, da OMS define Escola Promotora da Saúde (EPS) como aquela que “inclui a educação para a saúde no currículo e possui atividades de saúde escolar” (citado em PNSE, 2006). Atendendo que a escola é um local onde os alunos passam grande parte da sua vida, será um meio privilegiado para o adequado desenvolvimento pessoal e social do indivíduo. Cabe assim à escola, proporcionar ambientes, atividades e vivências que promovam hábitos de vida saudável e atuar ao nível da prevenção de determinados comportamentos de risco.

Em 1997, realizou-se a primeira Conferência Europeia sobre as escolas promotoras de saúde, na Grécia, onde se delinearam os principais objetivos, para que todas as crianças e jovens tenham direita a educação, saúde e segurança, ou seja, que sejam educados numa escola promotora de saúde.

O Despacho n.º 15587/99, de 12 de agosto estabeleceu a criação da Comissão de Coordenação da Promoção e Educação para a Saúde, com vista à promoção de hábitos de vida saudável.

O Despacho Conjunto n.º 734/2000, de 18 de julho determina que “os Ministérios da Educação e da Saúde mantenham a parceria para fomentar o desenvolvimento sustentado do processo de alargamento da Rede Nacional de Escolas Promotoras de Saúde (RNEPS), garantindo que as escolas ou agrupamentos de escolas e os centros de saúde assumam responsabilidades complementares na promoção da saúde

da comunidade educativa alargada”. Esta rede deverá abranger todas as escolas. Em 2002, o Ministério da Saúde ficou com a tutela da Saúde Escolar, tendo-se desenvolvido parcerias entre as equipas de saúde escolar dos Centros de Saúde e as escolas.

Em 2002 realizou-se a segunda Conferência Europeia em Egmond aan Zee, na Holanda, da qual ressaltou a relevância da parceria entre os Ministérios da Educação e da Saúde.

Na última década, a educação para a saúde tem sido uma área de forte incentivo, por parte da Direção Geral de Saúde, contemplada nos Planos Nacionais de Saúde (PNS 2004-2010 e 2012-2016), resultando daí o Plano Nacional de Saúde Escolar (PNSE) e visa a promoção da saúde em meio escolar, através de uma parceria entre as equipas de profissionais de saúde e as equipas de profissionais da educação.

De acordo com o Despacho n.º 25 995/2005, de 16 de dezembro “... à escola não cabe apenas a transmissão de conhecimentos organizados em disciplinas, mas que entre as suas múltiplas responsabilidades estão o desenvolvimento de competências capazes de sustentar a aprendizagem ao longo da vida”. Tendo a escola um papel preponderante na formação de cidadãos ativos e responsáveis, pretende-se que esta seja promotora de saúde.

O PNSE define que, para que uma escola seja Promotora da Saúde, deverá assentar em três vertentes: currículo, ambiente e interação escola/família/meio, e todas as escolas devem ser promotoras de saúde.

O PNSE tem como finalidades:

- promover e proteger a saúde e prevenir a doença na comunidade educativa;
- apoiar a inclusão escolar de crianças com Necessidades de Saúde e Educativas Especiais;
- promover um ambiente escolar seguro e saudável;
- reforçar os fatores de proteção relacionados com os estilos de vida saudáveis;
- contribuir para o desenvolvimento dos princípios das escolas promotoras da saúde.

No contexto da intervenção de Saúde Escolar, as áreas prioritárias da prevenção de consumos nocivos e de comportamentos de risco são: consumo de substâncias lícitas: tabaco, álcool e utilização indevida de medicamentos; consumo de substâncias ilícitas; doenças transmissíveis, incluindo IST/VIH/SIDA; violência em meio escolar, incluindo *bullying* e comportamentos autodestrutivos.

Como a promoção da educação para a saúde em meio escolar deve ser um processo em permanente desenvolvimento, em 2006 foi assinado um protocolo entre o

Ministério da Saúde e o Ministério da Educação. De acordo com este protocolo “Este processo contribui para a aquisição de competências das crianças e dos jovens, permitindo-lhes confrontar-se positivamente consigo próprios, construírem um projeto de vida e serem capazes de fazer escolhas individuais, conscientes e responsáveis. A promoção da educação para a saúde na escola tem, também, como missão criar ambientes facilitadores dessas escolhas e estimular o espírito crítico para o exercício de uma cidadania ativa”.

Em setembro de 2009, para além das quatro áreas prioritárias estabelecidas no Despacho de 27 de setembro de 2006, foi introduzido o quinto tema: Ambiente e Saúde. Contudo, esta responsabilidade não é exclusiva da escola. A ajudar os professores e auxiliares da ação educativa, pretende-se a colaboração imprescindível dos técnicos de saúde, dos pais e/ou encarregados de educação e comunidade envolvente.

A Resolução do Conselho de Ministros n.º 166/2000 estabelece um Plano de Ação Contra o Alcoolismo urgente, por Portugal ser um dos maiores consumidores mundiais de bebidas alcoólicas, estando este consumo a iniciar-se entre os jovens, cada vez mais precocemente. Com este plano pretende encetar-se uma luta contra o consumo excessivo de bebidas alcoólicas, tendo por base uma perspetiva epidemiológica, com vista à promoção e educação para a saúde.

Para operacionalizar o Plano de Ação Contra o Alcoolismo surgiu, em 2009, o Plano Nacional para a Redução dos Problemas Ligados ao Álcool, 2009-2012, para reduzir o consumo nocivo de álcool na população portuguesa. Neste plano, estabeleceu-se a metodologia de ação, as metas, as áreas transversais, bem como as áreas prioritárias de ação, junto da sociedade que necessita dos préstimos no auxílio do tratamento de problemas associados ao consumo de álcool.

Este Plano integra sete áreas prioritárias de intervenção (Ministério da Saúde, 2009):

1. Jovens, crianças e grávidas
2. Sinistralidade Rodoviária
3. Adultos e Meio Laboral
4. Prevenção, Formação, Comunicação e Educação
5. Sistemas de Informação e Recolha de Dados
6. Tratamento
7. Reinserção

A preocupação com jovens, crianças e grávidas deve-se ao facto de haver um aumento da experimentação do álcool por parte das crianças e adolescentes, um aumento significativo da ingestão alcoólica entre os jovens do sexo feminino; bem como padrões de consumo de alto risco de bebidas alcoólicas, como a embriaguez e o *binge drinking*, especialmente em adolescentes e jovens adultos.

O Plano Nacional para a Redução dos Problemas Ligados ao Álcool, 2009-2012, preocupado com jovens, crianças e grávidas formulou o objetivo geral de diminuir a exposição ao álcool e as suas consequências nefastas em crianças por nascer e em crianças inseridas em famílias com problemas ligados ao álcool e reduzir o consumo de bebidas alcoólicas pelas crianças e jovens (Ministério da Saúde, 2009).

Para intervenção em meio escolar, na área da prevenção de consumo de substâncias psicoativas, bem como nas outras áreas prioritárias, as escolas promotoras de saúde têm um papel preponderante.

O Plano Nacional para a Redução dos Problemas Ligados ao Álcool, 2009-2012 identifica algumas medidas preventivas adotadas com êxito pelos Estados-Membros: aplicação de restrições de vendas, disponibilidade e comercialização suscetíveis de influenciar os jovens; programas de prevenção de comportamentos de risco, que envolvam alunos, pessoal docente não docente, pais e/ou encarregados de educação, bem como a comunidade em geral, apoiadas por mensagens nos meios de comunicação social e programas de formação de competências para a vida.

A terceira Conferência Europeia sobre as escolas promotoras de saúde realizou-se em 2009, em Vilnius, na Lituânia, subordinada ao tema: “Melhores escolas, escolas mais saudáveis”. Nesta conferência, considerou-se que todos os membros da comunidade educativa, alunos, professores, pais e/ou encarregados de educação devem cooperar com empenho na promoção da educação para a saúde. Desta conferência ressaltou o contributo das escolas promotoras de saúde para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem, pois alunos, pessoal docente e não docente saudáveis trabalham melhor e com maior satisfação.

A Rede das Escolas pela Saúde na Europa assenta essencialmente nos seguintes cinco valores (DGE, 2009):

- **Equidade:** as escolas promotoras de saúde (EPS) asseguram que todos os alunos devam ter acesso a recursos educativos e saúde.
- **Sustentabilidade:** onde a saúde, a educação e o desenvolvimento se encontram ligados, para desenvolver alunos com um papel ativo e responsável na

sociedade. Contudo, os resultados em saúde e na educação só são obtidos a médio ou longo prazo.

- **Inclusão:** as EPS garantem que todos devem ser valorizados e respeitados, na sua diferença, promovendo bom relacionamento entre todos os membros da comunidade educativa.
- **Competência para a ação e *empowerment*:** as EPS capacitam todos os elementos da comunidade educativa para, conjuntamente estabelecerem objetivos e definirem estratégias para os atingir, no sentido da promoção da saúde.
- **Democracia:** todos os elementos da comunidade educativa deverão colaborar na responsabilização e exercício dos direitos.

A abordagem da saúde nas EPS deverá (DGE, 2009):

- Promover a educação para a saúde orientada para a ação e fazendo parte do currículo;
- Considerar o próprio conceito de promoção da saúde e bem-estar dos alunos;
- Desenvolver políticas de saúde na escola;
- Desenvolver o ambiente físico e social da escola;
- Desenvolver competências para a vida;
- Fortalecer os laços entre a família e a comunidade;
- Fortalecer a parceria com os serviços de saúde.

A quarta Conferência Europeia sobre as escolas promotoras de saúde (EPS) decorrerá entre 7 e 9 de outubro, em Odense, na Dinamarca, subordinada ao tema “Equidade, Educação e Saúde”.

Uma EPS deve assentar nos seguintes princípios (Ministério da Educação, 2009):

- Promoção da saúde e do bem-estar dos alunos.
- Melhoria dos resultados escolares.
- Defesa dos princípios de justiça social e equidade.
- Promoção de um ambiente seguro e de apoio.
- Promoção da participação dos alunos e desenvolvimento das suas competências (*empowerment*).
- Articulação das questões e dos sistemas de saúde e de educação.
- Abordagem das questões de saúde e bem-estar de todo o pessoal da escola.
- Aproximação dos pais, alunos e comunidade.

- Integração da saúde nas atividades correntes da escola, no programa escolar e nos critérios de avaliação.
- Estabelecimento de objetivos realistas com base em dados precisos e com sólidas evidências científicas.
- Procura de uma melhoria constante através de uma supervisão e a avaliação contínua.

Também o Grupo de Trabalho de Educação Sexual/Saúde (GTES, 2007) reafirma a importância da Promoção da Educação para a Saúde, nos ensinos básico e secundário.

De acordo com o Ministério da Educação (2009), para implementar uma Escola Promotora de Saúde (EPS) é necessário:

- Desenvolver uma política de apoio às EPS por parte do governo ou da autoridade local.
- Contar com o apoio da administração e da direção.
- Criar um pequeno grupo de trabalho assuma ativamente a liderança e coordenação das ações e que integre professores, pessoal não docente, alunos, pais e membros da comunidade.
- Auditar as ações correntes de promoção da saúde de acordo com os seis elementos essenciais das EPS.
- Estabelecer objetivos realistas e uma estratégia para os atingir, que deve ser exequível, no espaço e no tempo.
- Redigir uma Carta de Escola Promotora de Saúde, com os princípios e metas para a promoção da saúde.
- Assegurar que o pessoal da escola e os parceiros da comunidade frequentem cursos de capacitação e que tenham oportunidade de pôr em prática os conhecimentos e as competências adquiridas.
- Celebrar os marcos de referência, pois todas as EPS têm datas importantes a assinalar como, por exemplo, a apresentação da Carta, uma exposição de alunos à comunidade local, uma nova política alimentar, etc.
- Dar um prazo de 3-4 anos para atingir os objetivos específicos, pois a implementação de uma EPS não é um projeto limitado no tempo.

O GTES (2007) considera que deve ser nomeado um Professor-Coordenador, nos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e ensino secundário, para dinamizar as ações da Educação para a Saúde (EpS), em parceria com os técnicos de saúde.

O Despacho n.º 2506/2007, de 20 de fevereiro determina que “A direção executiva designa o professor-coordenador tendo em conta a sua formação bem como a experiência no desenvolvimento de projetos e ou atividades no âmbito da educação para a saúde” e que “A direção executiva, caso o entenda necessário, pode atribuir ao coordenador da educação para a saúde um crédito de três horas de redução da componente letiva”.

O GTES (2007) estabelece o perfil do professor-coordenador, que deve ter como prioridade a promoção de saúde, não esquecendo nunca a dimensão ética, devido à sensibilidade dos temas a abordar. É fundamental que o professor-coordenador aposte na formação contínua e específica nas áreas da educação para a saúde, para poder responder às solicitações dos alunos. O professor-coordenador deve estar motivado e ser inovador e coerente, para poder envolver os alunos, promover hábitos de vida saudável e ainda despertar o espírito de curiosidade e pesquisa dos alunos, desenvolvendo a sua autonomia na mobilização dos conhecimentos.

## CAPÍTULO 3 – MÉTODOS E MATERIAIS

### 3.1. Desenho da Investigação

A escolha da metodologia mais adequada aos objetivos da investigação revelou-se uma tarefa difícil e complicada. Como se pretende que a investigação seja uma “pesquisa sistemática”, esta deve ser exigente, rigorosa e ir ao encontro de respostas à questão de partida. Para tal, optámos por uma metodologia predominantemente quantitativa (Ribeiro, 2010). Através da investigação quantitativa pretendemos identificar atitudes e comportamentos e representações dos alunos acerca dos efeitos do consumo do álcool. Com base na compreensão e interpretação dos resultados obtidos no questionário, pretendemos construir e implementar um programa de intervenção preventiva dos consumos de álcool, pelos alunos, por considerarmos que o nosso privilegiado papel de educadores e formadores, também deve ser interventivo e promotor de estilos de vida saudáveis.

Este estudo desenvolveu-se com base num desenho observacional, no qual o investigador não interveio inicialmente. Pretendemos descrever acontecimentos que ocorrem naturalmente nos adolescente, sem intervenção, e qual o efeito nos sujeitos em estudo. Neste caso, foi um estudo observacional descritivo, que forneceu informação acerca da população em estudo. Com esta metodologia pretendeu-se fazer uma abordagem, predominantemente, interpretativa (Interpretativismo) para que fosse, posteriormente, interventiva. O Interpretativismo tem como objeto de estudo o modo com as pessoas entendem e interpretam o mundo que as rodeia, bem como as suas ações e seus discursos e foi isso que pretendemos fazer, após a recolha de informação Aday (1989).

Tendo a noção que as intervenções são tão mais eficazes, quanto mais longas forem e quanto mais reforços anuais tiverem (Barroso et al., 2006), não quisemos deixar de aproveitar a possibilidade de usufruir das aulas da disciplina de Formação Cívica, alargada excepcionalmente ao 10.º ano em 2011-2012, através do Decreto-Lei n.º 50/2011, de 8 de abril para implementarmos o nosso programa de prevenção de consumo de álcool, de uma forma mais consistente, no 2.º e 3.º períodos letivos. Em 2012-2013, devido ao *terminus* da disciplina de Formação Cívica, tanto no ensino secundário, como no ensino básico, a nossa intervenção limitou-se a atividades mais pontuais.

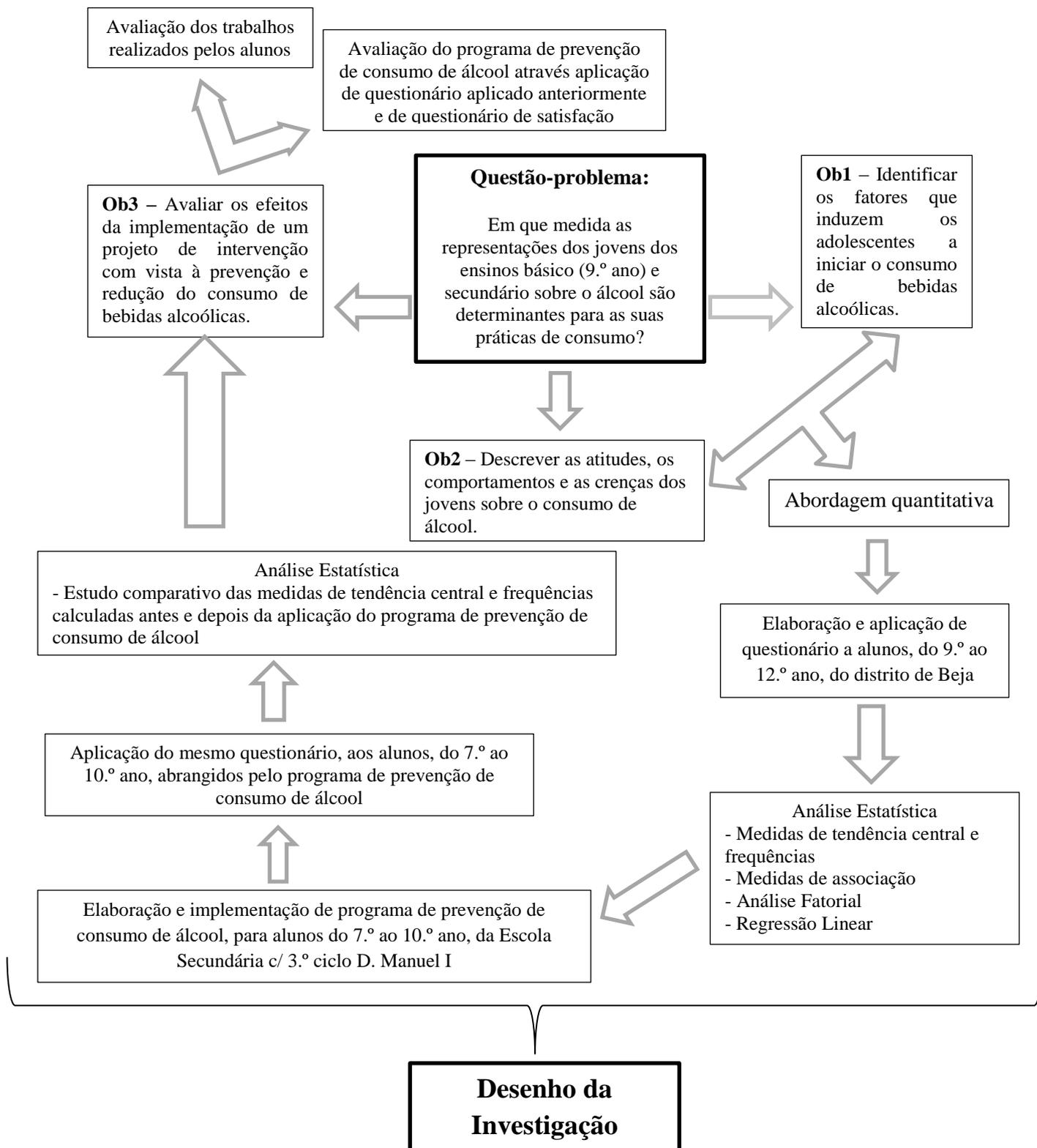


Figura 1. Desenho da Investigação.

### 3.2. Participantes

A população para este estudo recaiu sobre os alunos do 9.º ano de escolaridade e dos três anos do ensino secundário. Estes níveis de escolaridade incluem alunos com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos, faixa etária onde se registam, precisamente, hábitos de consumo mais intensos.

Os participantes selecionados foram do distrito de Beja, por razões duas ordens de razões.

A primeira relaciona-se com a realidade de consumos na região do Alentejo. Dados do INSA de 2005-2006 apontam para um crescimento da percentagem de consumidores de álcool nesta região, comparativamente ao anterior inquérito, enquanto nas demais regiões do país a tendência é inversa. A taxa de prevalência de consumo de álcool pelos alunos do 3.º ciclo do ensino básico e do ensino secundário tem aumentado nesta zona, entre 2001 e 2006, sendo mais elevada no Alentejo. O distrito de Beja é aquele onde se verifica maior taxa de prevalência de consumo de bebidas alcoólicas (Feijão, 2010). Também é no Alentejo onde há maior taxa de embriaguez entre os alunos de 3.º ciclo e do secundário. Tanto em 2006 como em 2011, a ocorrência recente de embriaguez a nível nacional, foi de 11%, voltando o Alentejo a destacar-se por apresentar um valor muito superior (23% em 2006 e 22% em 2011). O Baixo Alentejo apresenta uma diminuição da prevalência de embriaguez de 2006 (30%) para 2011 (21%), continuando a revelar valores superiores aos obtidos a nível nacional.

A segunda ordem de razão explica-se pela conveniência da investigadora. O seu local de trabalho e de residência é a cidade de Beja, havendo interesse pessoal em conhecer melhor a realidade do distrito para poder intervir ao nível da prevenção dos consumos.

A cidade de Beja é sede do município, com 25 024 habitantes, situa-se na sub-região do Baixo Alentejo (Censos, 2011). É capital do distrito, que adota o seu próprio nome, que engloba 14 concelhos: Aljustrel, Almodôvar, Alvito, Barrancos, Beja, Castro Verde, Cuba, Ferreira do Alentejo, Mértola, Moura, Odemira, Ourique, Serpa e Vidigueira. O concelho de Beja ocupa 1 146 km<sup>2</sup> do centro da peneplanície alentejana, com 35 734 habitantes, registando uma diminuição, no último período intercensitário (2001-2011), de 4,12%, de acordo com o observado na Tabela 4 (Censos, 2011).

Tabela 4  
*Evolução da população residente*

	<b>1981</b>	<b>1991</b>	<b>2001</b>	<b>2011</b>
<b>Concelho de Beja</b>	38 246	35 827	35 762	35 734
<b>Distrito de beja</b>	188 420	169 438	161 211	126 602

Neste mesmo período, verifica-se uma diminuição de habitantes mais jovens, e um aumento das de faixas etárias mais elevadas (Tabela 5).

Tabela 5  
*Evolução da população residente por grupo etário no concelho de Beja.*

<b>Anos civis</b>	<b>Faixa etária (%)</b>			
	<b>0 - 14</b>	<b>15 - 24</b>	<b>25 - 64</b>	<b>65 +</b>
<b>2001</b>	14,5	13,8	51,4	20,4
<b>2011</b>	15	10	54	21

Fonte: Censos 2011

Tendo em consideração a dimensão da população a estudar (4 416 alunos), optou-se por um esquema de amostragem aleatória de forma a minimizar o enviesamento no planeamento da escolha da amostra. De entre os vários tipos de planeamento utilizados para selecionar amostras preferiu-se aquele que conduz a amostras estratificadas (Hill & Hill, 2009), em que a população do estudo é dividida em subgrupos homogéneos, sendo a amostra final constituída por elementos de cada subgrupo, garantindo a sua representatividade (Maroco, 2010).

No processo de construção da amostra consideraram-se os seguintes passos: a) definiu-se o número e natureza dos estratos segundo os quais se pretendia estudar o universo selecionado; b) elaborou-se uma lista com informação sobre as escolas secundárias e os alunos inscritos nos anos de escolaridade em estudo; c) construiu-se um quadro de caracterização do universo a estudar; d) decidiu-se o tamanho pretendido para a amostra, ou seja, a fração de amostragem; e e) selecionou-se aleatoriamente a amostra com a qual se iria trabalhar.

A aplicação destes procedimentos conduziu ao apuramento, com uma margem de erro máxima de 5% e um nível de confiança de 95%, de uma amostra estratificada por perfil de um mínimo de 13 turmas que nos garante um número superior a 1 099 alunos, representativos do universo em estudo e distribuídos por diferentes escolas do distrito de Beja.

No ano letivo de 2010/2011, a população teórica do 9.º ao 12.º ano de escolaridade, do ensino público no distrito de Beja, era constituída por 4 416 alunos, distribuídos do seguinte modo: 1 051 do 9.º ano, 708 do 10.º ano, 660 do 11.º ano e

1997 do 12.º ano. A amostra necessária era de 282 alunos do 9.º ano, 250 do 10.º, de 244 do 11.º ano e de 323 do 12.º ano. Assim, considerámos como amostra 13 turmas, do 9.º ao 12.º ano, de escolas básicas de 2.º e 3.º ciclo e escolas secundárias c/ 3.º ciclo de modo a aumentar a probabilidade de taxa de retorno e a saturar a amostragem.

Assim, no 9.º ano aplicámos 312 questionários (correspondendo a 29,7% da população), aplicámos 324 questionários no 10.º ano (correspondendo a 45,8% da população), aplicámos 262 questionários no 11.º ano (correspondendo a 39,7% da população) e 278 questionários no 12.º ano (correspondendo a 13,9% da população).

No total, aplicámos 1 176 questionários, com uma taxa de retorno de 42,6% (501 questionários respondidos), abrangendo 11,4% da população total. O erro amostral efetivo, por ano de escolaridade, foi de 7,72% no 9.º ano (140 questionários válidos), de 7,69% no 10.º ano (133 questionários válidos), de 8,25% no 11.º ano (117 questionários válidos) e de 9,05% no 12.º ano (111 questionários válidos).

Após recolha de dados, procedemos ao tratamento e análise dos dados obtidos nestes públicos-alvo, foi desenvolvido um programa de intervenção pró-ativa e preventiva de consumos de álcool pelos jovens.

O público-alvo do programa de intervenção preventiva de consumo de álcool foi o conjunto dos alunos da Escola Secundária c/ 3.º Ciclo D. Manuel I, de Beja, do 7.º ao 10.º ano, que frequentaram a disciplina de Formação Cívica. Este público-alvo foi selecionado por ser facilmente acessível, para a implementação e avaliação do programa de intervenção preventiva do consumo de álcool pelos jovens, com vista ao esclarecimento de possíveis falsos conceitos ou crenças dos alunos e à redução e prevenção do consumo de álcool pelos jovens. De acordo com Costa & López (2008), quanto mais precoce for a intervenção, mais eficaz se torna, pelo que a nossa intervenção se dirigiu a alunos do 7.º ao 10.º anos.

De acordo com resultados do inquérito *Health Behaviour in School-aged Children* de 2010 (Matos et al., 2012), 42% dos adolescentes portugueses refere ter consumido álcool pela primeira vez entre os 12 e os 13 anos de idade e cerca de 62% refere que se embriagou pela primeira vez, por volta dos 14 anos. Como estes resultados estavam de acordo com os obtidos na nossa investigação, resolvemos aplicar o programa interventivo de prevenção de consumo de álcool, logo a partir das turmas de 7.º ano, que apresentam alunos dentro desta faixa etária.

A turma do 7.º A era inicialmente constituída por 19 alunos; 7.º B por 24 alunos; 8.º A por 21 alunos; 8.º B por 24 alunos; 9.º A não participou, por ter levado todo o ano

letivo a desenvolver outro projeto; 9.º B por 26 alunos; 10.º A por 25 alunos; 10.º B por 24 alunos; 10.º C por 25 alunos; 10.º D por 24 alunos; 10.º E por 33 alunos; 10.º F por 1 aluno do ensino especial, mas que também participou ativamente no projeto. Assim, o nosso projeto envolveu, inicialmente um total de 246 alunos (36,8% dos alunos da escola), sendo 114 alunos do 3.º ciclo, do ensino básico e 132 alunos do ensino secundário.

### **3.3. Instrumentos de recolha de informação**

Na ausência de um questionário já validado que contemplasse o grande número de variáveis e de representações que pretendíamos medir e caracterizar, procedemos à construção de um questionário, que teve como objetivo recolher a informação sobre os hábitos, comportamentos e atitudes de consumo de álcool, bem como as representações dos alunos acerca dos efeitos do consumo de álcool, em diferentes contextos sociais. Foi construído um inquérito por questionário, de raiz, com base na literatura da especialidade, que se encontra dividido em três dimensões: a) sociocultural ou de contexto, b) pessoal sobre hábitos de consumo de álcool e c) representações sociais, acerca desses consumos (Anexo II). Apenso ao questionário, juntou-se o *Alcohol Use Disorders Identification Test (AUDIT)* (Babor, Higgin-Biddle, Saunders & Monteiro, 2001). O *AUDIT* (Anexo III) foi desenvolvido por um grupo internacional de investigadores, com o patrocínio da OMS. Foi construído para classificar os tipos de consumo de álcool (consumo de baixo risco, consumo nocivo/abusivo ou dependência), com vista à identificação de consumos prejudiciais e potencialmente perigosos. Este autoteste, apresenta uma boa sensibilidade e especificidade na identificação da dependência de leve intensidade.

No processo de validação do questionário consideraram-se as seguintes fases: a) análise da linguagem por parte de um professor de Português; b) apreciação por parte de um painel de quatro especialistas – António Neto (Universidade de Évora), Domingos Neto (Faculdade de Ciências Médicas – Clínica Príncipe – Psiquiatria e Psicologia); Jorge Bonito (Universidade de Évora) e Margarida Gaspar de Matos (Faculdade de Motricidade Humana – Universidade de Lisboa), cujas críticas e sugestões foram levadas em consideração para otimizar o questionário; c) aplicação de um pré-teste, a uma pequena amostra de 27 alunos (14 do 9.º ano e 13 do 12.º ano de escolaridade)

permitindo recolher as suas opiniões, analisar os comentários que elaboraram, as perguntas que ofereciam dificuldade de compreensão.

Após a aplicação do pré-teste, foram discutidas coletiva e oralmente as sugestões dos alunos:

- As questões deveriam ser colocadas a negrito, para se distinguirem das opções de resposta;

- No item 12, deveria ser acrescentada a opção “bebidas destiladas”;

- No item 17, os alunos preferiram a primeira escala de escolha múltipla simples, em vez da escala diferencial semântica;

- No item 22, os alunos preferiram a primeira escala de escolha múltipla simples, nominal, em vez da escala de diferencial semântico;

- No item 23, enquanto o enunciado apresentava “...indique, numa escala de 0 a 5, o grau de embriaguez...”, na escala tínhamos valores de 1 (nada embriagado) a 5 (coma alcoólica). Para além disso, solicitaram que atribuíssemos denominação nos restantes número da escala, pelo que optámos por designar: 2 - um pouco embriagado; 3 - embriagado; 4 - bastante embriagado;

- No item 25 foi sugerido que alterássemos a segunda opção de resposta de “Já pensou, mas não tentou”, para “Já pensei, mas não tentei”;

- No item 26, perante apenas uma escala de diferencial semântico, os alunos manifestaram dificuldade em se posicionarem na “régua”, por falta das designações intermédias, sugerindo a alteração para escala de escolha múltipla simples;

- No item 30, sugeriram a introdução da opção: “Já tive relações sexuais, mas nunca sob o efeito do álcool”; para além disso, ainda alterámos, por iniciativa nossa, a opção de “1 vez” para “ocasionalmente”;

- No item 35, os alunos voltaram a manifestar preferência pela escala de escolha múltipla nominal, em vez da escala de diferencial semântico;

- Na Parte III não houve sugestões de alteração.

Na generalidade, os alunos consideraram que, apesar de longo, o questionário era de fácil compreensão e preenchimento.

O questionário foi, assim, reformulado, de forma a torná-lo mais adequado aos objetivos da investigação e à amostra final da população, não o alterando a sua essência (Anexo IV). O seu preenchimento, na totalidade, demora entre 20 a 30 minutos. Pretendíamos que o questionário fosse válido, para que medisse aquilo que realmente pretendia medir; fiel, para que se obtivessem sempre os mesmos resultados,

independentemente da pessoa que o aplicasse; e operacional, devendo para isso ter uma linguagem acessível a todos os entrevistados, com todas as questões claramente explicitadas (Ribeiro, 2010). A amostra a que foi aplicado o pré-teste não constou da amostra final, para evitar a contaminação dos resultados.

Posteriormente, o questionário foi submetido à apreciação da Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC), do Ministério da Educação, tendo sido concedida a autorização n.º 0 202 900 001 para a sua aplicação em meio escolar, por cumprir os requisitos de qualidade técnica e metodológica (Anexo V).

Foram contactados pessoalmente os diretores das escolas e dos agrupamentos do distrito de Beja, a fim de se solicitar autorização, por escrito, para aplicar o questionário (Anexo VI). Foi elaborado um pedido de autorização aos encarregados de educação (Anexo VII).

Selecionámos 13 turmas de cada ano de escolaridade, porque inicialmente não tínhamos conhecimento do número de alunos que constituíam cada turma. Nas escolas deixámos cópias de pedidos de autorização para os encarregados de educação, bem como cópias suficientes do questionário.

Após os reajustes finais necessários, procedeu-se à aplicação dos inquéritos por questionários de autorrelato entre maio e junho de 2011, por parte dos professores colaboradores nas diversas escolas. Enquanto alguns professores disponibilizaram a sua aula ou parte dela para o preenchimento dos questionários, outros entregaram-nos aos seus alunos, para eles o preencherem em casa. Esta segunda opção contribuiu para diminuir a taxa de retorno, pois alguns alunos acabaram por se esquecer de responder, por perder o questionário ou simplesmente por não o entregar. Os questionários foram devolvidos através do correio ou através de entrega pessoal por parte dos docentes.

### **3.4. Análise da informação dos questionários**

Foi construída uma base de dados com a informação no *software Statistical Product and Service Solutions 21.0*. A análise estatística foi realizada neste programa, através de medidas descritivas (de tendência central, de associação, *Test-T*, *Coefficientes de correlação Bravais-Pearson* e de *Spearman*, *testes do Qui-quadrado*, *V de Cramer* e de *Kendall*) e inferenciais (análise fatorial e regressão linear), permitindo estabelecer correlações ou diferenças entre variáveis.

## CAPÍTULO 4 – RESULTADOS E SUA DISCUSSÃO

### 4.1. Análise da consistência interna do questionário

Começamos por analisar a validade do questionário através da análise de consistência interna, pelo cálculo do *coeficiente Alpha de Cronbach*. Realizámos ainda a análise de consistência interna às dimensões II sobre Hábitos, comportamentos e atitudes acerca dos consumos de álcool e III sobre Representações sociais dos alunos acerca dos consumos de álcool, em separado.

Na Tabela 6 apresentam-se os valores do *coeficiente do Alpha Cronbach*, bem como a sua classificação, segundo Freitas & Rodrigues (2005).

Tabela 6  
*Classificação da confiabilidade a partir do coeficiente  $\alpha$  de Cronbach*

Confiabilidade	Muito Baixa	Baixa	Moderada	Alta	Muito Alta
Valor de $\alpha$	$\alpha \leq 0,30$	$0,30 < \alpha \leq 0,60$	$0,60 < \alpha \leq 0,75$	$0,75 < \alpha \leq 0,90$	$\alpha \geq 0,90$

Observando a Tabela 7 vemos que o valor do *coeficiente de Alpha de Cronbach* é 0,862, pelo que consideramos que o questionário apresenta, na totalidade, uma alta confiabilidade.

Tabela 7  
*Consistência Interna do questionário na sua totalidade*

<i>Alpha de Cronbach</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	N.º de Itens
0,862	0,712	110

Na Tabela 8 apresentamos os valores de *Alpha de Cronbach* relativos à Parte II, do questionário para um total de 49 itens sobre hábitos, comportamentos e atitudes acerca dos consumos de álcool. Esta dimensão apresentava itens de diferentes escalas, apesar de serem todos de resposta fechada (escala dicotómica simples (sim/não), escolha múltipla simples nominal, escolha múltipla simples e ordinal, escolhas múltiplas simples numéricas, escala *check list*). Esta multiplicidade de escalas de itens fez com que a escala não fosse uniforme, pelo que o *Alpha de Cronbach* apresenta um valor mais reduzido.

Tabela 8  
*Consistência Interna da Parte II do questionário*

<i>Alpha de Cronbach</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	N.º de Itens
0,592	0,620	49

Para além disso, a Parte II apresentava itens em que os alunos poderiam seleccionar todas as opções que considerassem pertinentes, pelo que obtivemos, nalgumas questões, um elevadíssimo número de classes de opções de respostas, o que também dificultou o seu tratamento estatístico. O questionário também tinha questões que não foram respondidas por todos os alunos. Nestes casos, os alunos não respondiam seguindo para as questões indicadas no questionário. Neste caso, o valor de *Alpha de Cronbach* foi de 0,592, considerando-se assim uma baixa/moderada consistência interna.

A Parte III do nosso questionário, referente à dimensão sobre representações sociais dos alunos acerca dos consumos de álcool, apresentava 74 itens, para serem avaliados numa escala de *likert* com *Concordo totalmente*, *Concordo*, *Discordo*, *Discordo totalmente* e *Não sei*. De acordo com a Tabela 9, esta dimensão apresenta um *Alpha de Cronbach* de 0,945, pelo que se considera uma consistência muito elevada.

Tabela 9  
*Consistência Interna da Parte III do questionário*

<i>Alpha de Cronbach</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	N.º de Itens
0,945	0,948	74

## **4.2. Medidas de Tendência Central e Frequências das respostas ao questionário aplicado antes do programa de intervenção preventiva**

### **Parte I – Dimensão Sociocultural - Caracterização da amostra**

#### **➤ Escola que frequenta**

No 9.º ano obtivemos 140 questionários respondidos, de alunos de oito turmas de escolas diferentes, sendo 63 alunos de Escolas Básicas de 2.º e 3.º Ciclos, o que

corresponde a 45% dos alunos e 77 alunos de Escolas Secundárias com 3.º Ciclo, correspondendo a 55% da amostra.

No 10.º ano obtivemos 133 questionários respondidos, no 11.º ano 117 e no 12.º ano 111 questionários respondidos, todos de oito escolas do ensino secundário com 3.º ciclo.

### ➤ Idade

Pela observação da Tabela 10 os 140 alunos do 9.º ano de escolaridade apresentam em média 14,86 anos (*DP* 0,891 e *erro standard da média* 0,075), sendo o valor mais frequente (moda) os 15 anos e a idade mínima dos elementos da amostra era de 12 anos e o máximo de 18 anos.

Já os 133 alunos do 10.º ano de escolaridade apresentam uma média de idades de 15,68 anos (*DP* 0,774 e *erro standard da média* 0,067), sendo os 15 anos o valor mais frequente e a idade mínima de 15 anos e o máximo de 19 anos.

Tabela 10  
*Frequências absolutas e percentagens da variável “Idade”*

<i>Idade dos alunos</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
12	1	0,7						
14	48	34,3						
15	69	49,3	63	47,3				
16	14	10,0	54	40,6	59	50,4		
17	6	4,3	13	9,8	46	39,3	51	45,9
18	2	1,4	2	1,5	7	6,0	48	43,2
19			1	0,8	4	3,4	12	10,9
21					1	0,9		
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	117	100,0	111	100,0

Quanto aos 117 alunos do 11.º ano de escolaridade, estes apresentam uma média de 16,66 anos (*DP* 0,853 e *erro standard da média* 0,079), sendo o valor de 16 anos o mais frequente, com uma idade mínima de 16 anos e máxima de 21 anos (Tabela 7).

Os 111 alunos do 12.º ano de escolaridade apresentam uma média de idade de 17,65 anos (*DP* 0,669 e *erro standard da média* 0,064), sendo o valor mais frequente de 17 anos, com uma idade mínima de 17 anos e máxima de 19 anos.

## ➤ Sexo

Analisando os dados da Tabela 11, dos 140 alunos do 9.º ano, 78 pertencem ao sexo feminino, o que corresponde a 55,7% da amostra. No 10.º ano, dos 133 alunos, 72 são do sexo feminino, correspondendo a 54,1% da amostra. No 11.º ano de escolaridade, 70 alunos pertencem ao sexo feminino, o que corresponde a 59,8% da amostra. Dos 111 alunos do 12.º ano de escolaridade, 59 são do sexo feminino, correspondendo a 53,2%.

Considerando os quatro anos de escolaridade, para um total de 501 alunos, obtivemos 279 questionários respondidos por raparigas, correspondendo a 55,7% do total da amostra.

Tabela 11  
Frequências absolutas e percentagens da variável "Sexo"

Sexo dos alunos	9.º ano		10.º ano		11.º ano		12.º ano	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
Feminino	78	55,7	72	54,1	70	59,8	59	53,2
Masculino	62	44,3	61	45,9	47	40,2	52	46,8
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	117	100,0	111	100,0

## ➤ Reprovação

De acordo com os dados observados na Tabela 12, no 9.º ano, 110 alunos nunca reprovaram (78,6%), 20 alunos reprovaram uma vez (14,3%), 8 reprovaram duas vezes (5,7%) e 2 alunos reprovaram três vezes (1,4%).

No 10.º ano, 116 alunos nunca reprovaram (87,2%), 13 alunos reprovaram uma vez (9,8%) e 4 alunos reprovaram duas vezes (3,0%).

No 11.º ano, dos 117 alunos, 102 nunca reprovaram (87,2%), 11 alunos reprovaram uma vez (9,4%), 3 reprovaram duas vezes (2,6%) e 1 aluno reprovou três vezes (0,9%).

Já no 12.º ano, 99 alunos refere que nunca reprovaram (89,2%), mas 12 alunos referem que reprovaram uma vez (10,8%).

Considerando o total da amostra, a maior parte dos alunos (cerca de 85%) nunca reprovou, tendo os restantes reprovado pelo menos uma vez.

Tabela 12  
*Frequências absolutas e percentagens da variável “Reprovação”*

<i>Reprovação dos alunos</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Nunca rep.</b>	110	78,6	116	87,2	102	87,2	99	89,2
<b>Rep. 1 vez</b>	20	14,3	13	9,8	11	9,4	12	10,8
<b>Rep. 2 vezes</b>	8	5,7	4	3,0	3	2,6		
<b>Rep. 3 vezes</b>	2	1,4			1	0,9		
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	117	100,0	111	100,0

➤ **Categoria Profissional mãe e Nível de Escolaridade**

Na Tabela 13, a maior parte das mães dos alunos dos quatro anos de escolaridade (cerca de 57%), pertence a uma categoria profissional de nível inferior.

No 9.º ano, das 129 respostas válidas (92,1%), 85 mães dos alunos questionados (cerca de 61%) pertence a uma categoria profissional de nível inferior, pertencendo as restantes 44 mães (cerca de 31%) a uma categoria profissional de nível médio ou superior. No 10.º ano, a maior parte das mães (57,3%) pertence a uma categoria profissional de nível inferior. No 11.º ano e no 12.º ano, mais de metade das mães (57,3% e 52,3%, respetivamente) também pertencem a uma categoria profissional de nível inferior.

Tabela 13  
*Frequências absolutas e percentagens da variável “Categoria Profissional da mãe”*

<i>Categoria Profissional da mãe</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Nível superior e médio</b>	44	31,4	46	34,6	40	34,2	40	36,0
<b>Nível inferior</b>	85	60,7	74	55,6	67	57,3	58	52,3
<b>Total</b>	129	92,1	120	90,2	107	91,5	98	88,3
<b>Missing</b>	11	7,9	13	9,8	10	8,5	13	11,7
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	117	100,0	111	100,0

Quanto ao nível de escolaridade da mãe dos alunos do 9.º ano, representado na Tabela 14 obtivemos 139 respostas válidas (99,3%) e verificamos que a maior parte, 44 mães (cerca de 31%) apresentam o ensino secundário, seguindo-se 27 mães (19,3%) com o 3.º ciclo do ensino básico, 26 mães (cerca de 18,6%) com licenciatura e 21 mães

(15%) com o 2.º ciclo do ensino básico. Certificamos que 41 mães apresentam formação superior (29,3%), predominando a licenciatura (26 mães), mas 97 mães têm apenas o nível básico e secundário (69,3%), havendo uma mãe que nunca estudou.

No 10.º ano, houve 120 respostas válidas (90,2%), tendo 74 mães um nível profissional inferior (55,6%) e 46 mães um nível profissional médio ou superior (34,6%).

Considerando o nível de escolaridade da mãe, das 129 respostas válidas (97,0%), 41 mães (cerca de 31%) apresentam o ensino secundário, seguindo-se 30 mães com licenciatura (22,6%) e 22 com o 3.º ciclo do ensino básico (16,5%). Cerca 38% das mães apresentam uma formação superior, predominando a licenciatura, seguindo-se o mestrado (8,3%), bacharelato (3,8%) e o doutoramento (3,0%). Contudo, 8 mães (6,0%) apresentam apenas o 1.º ciclo do ensino básico.

Tabela 14  
Frequências absolutas e percentagens da variável “Nível de escolaridade da mãe”

Nível de escolaridade da mãe	9.º ano		10.º ano		11.º ano		12.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Nunca estudou	1	0,7						
1.º ciclo	5	3,6	8	6,0	13	11,1	3	2,7
2.º ciclo	21	15,0	8	6,0	11	9,4	13	11,6
3.º ciclo	27	19,3	22	16,5	17	14,5	17	15,3
Secundário	44	31,4	41	30,8	30	25,6	29	26,1
Bacharel	3	2,1	5	3,8	2	1,7	2	1,8
Licenciatura	26	18,6	30	22,6	27	23,1	35	31,5
Mestrado	6	4,3	11	8,3	8	6,8	7	6,3
Doutoramento	6	4,3	4	3,0	5	4,3	3	2,7
<b>Total</b>	139	99,3	129	97,0	113	96,5	109	98,2
<i>Missing</i>	1	0,7	4	3,0	4	3,5	2	1,8
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	117	100,0	111	100,0

Ainda na Tabela 14, analisando os resultados dos alunos do 11.º ano de escolaridade, atestamos que, das 107 respostas válidas (91,5%), 67 mães apresentam um nível profissional inferior (57,3%), tendo 40 mães um nível profissional superior ou médio (34,2%).

Atendendo ao nível de escolaridade da mãe dos alunos do 11.º ano, houve 113 respostas válidas (96,6%), tendo 30 mães o ensino secundário (25,6%), seguindo-se 27 mães com licenciatura (23,1%). Cerca de 36% das mães apresentam uma formação

superior, predominando a licenciatura, seguindo-se o mestrado (6,8%), o doutoramento (4,3%) e por último o bacharelato (1,7%). Ainda há 13 mães (11,1%) que apresentam apenas o 1.º ciclo do ensino básico.

Quanto aos alunos do 12.º ano, houve 98 respostas válidas (88,3%), onde 58 mães apresentam uma categoria profissional de nível inferior (52,3%) e 40 mães apresentam uma categoria profissional de nível superior ou média (36,0%).

Considerando o nível de escolaridade da mãe, obtivemos 109 respostas válidas (98,2%), tendo 35 mães (cerca de 32%) licenciatura, 29 mães o ensino secundário (26,1%) e 17 com o 3.º ciclo do ensino básico. Quase metade das mães (cerca de 42%) apresenta ensino superior, predominando a licenciatura, seguindo-se o mestrado (6,3%), o doutoramento (2,7%) e por último o bacharelato (1,8%). Contudo, 3 mães apresentam apenas o 1.º ciclo do ensino básico.

### ➤ **Categoria Profissional pai e Nível de Escolaridade**

Comparando com a categoria profissional da mãe (Tabela 13), verificamos que existe uma maior percentagem de pais (cerca de 68%) que pertence a uma categoria profissional de nível inferior, conforme evidenciam os dados da Tabela 15.

Já em relação às categorias profissionais dos pais dos alunos do 9.º ano, também houve 129 respostas válidas (92,1%), aumentando o número de pais pertencentes a uma categoria profissional de nível inferior que são 103 (cerca de 74%) e uma diminuição para 26 os pais que pertencem a uma categoria profissional de nível médio ou superior (cerca de 19%).

Tabela 15  
Frequências absolutas e percentagens da variável “Categoria Profissional do pai”

<i><b>Categoria Profissional do pai</b></i>	<i><b>9.º ano</b></i>		<i><b>10.º ano</b></i>		<i><b>11.º ano</b></i>		<i><b>12.º ano</b></i>	
	<i><b>f</b></i>	<i><b>%</b></i>	<i><b>f</b></i>	<i><b>%</b></i>	<i><b>f</b></i>	<i><b>%</b></i>	<i><b>f</b></i>	<i><b>%</b></i>
<b>Nível superior e médio</b>	26	18,6	38	28,6	24	20,5	24	20,5
<b>Nível inferior</b>	103	73,6	75	56,4	80	68,4	80	68,4
<b>Total</b>	129	92,2	113	85,0	104	88,9	104	88,9
<i><b>Missing</b></i>	11	7,8	20	15,0	13	11,1	13	11,1
<i><b>Total</b></i>	140	100,0	133	100,0	117	100,0	117	100,0

Analisando a Tabela 16, que apresenta os dados relativos ao nível de escolaridade do pai, obtivemos 135 respostas válidas (96,4%) e verifica-se que este é, na generalidade, inferior nos pais, relativamente às mães (Tabela 14). A maior parte dos pais (cerca de 26%) apresenta o ensino secundário, cerca de 24% possui o 3.º ciclo do ensino básico, 20% o 2.º ciclo e cerca de 11% apresentam apenas o 1.º ciclo do ensino básico. Dos 139 pais, 113 (cerca de 81%) possui o ensino básico ou secundário e apenas 22 pais (cerca de 16%) apresenta um nível superior de escolaridade, predominando a licenciatura (10 pais, o que corresponde apenas a cerca de 7%).

No 10.º ano, houve 113 respostas válidas (85%), tendo 56,4% dos pais um nível profissional inferior e 28,6% um nível profissional superior ou médio, havendo maior percentagem de mães (34,6%) com um nível profissional superior ou médio do que de pais.

Já tendo em conta o nível de escolaridade do pai, das 124 respostas válidas (93,2%), 28,6% dos pais apresentam o ensino secundário, seguindo-se 24,8% com o 3.º ciclo, 12% com licenciatura e 11,3% com o 2.º ciclo do ensino básico. Apenas 24,1% dos pais dos alunos do 10.º ano apresentam formação superior, comparando com os 38% das mães. Tal como nas mães, também predomina a licenciatura, seguindo-se o mestrado com 4,5% e doutoramento e bacharelato, ambos com 3,8%. Ainda há 6% dos pais com apenas o 1.º ciclo do ensino básico.

Tabela 16  
Frequências absolutas e percentagens da variável “Nível de escolaridade do pai”

Nível de escolaridade do pai	9.º ano		10.º ano		11.º ano		12.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
<b>Nunca estudou</b>								
<b>1.º ciclo</b>	16	11,4	6	4,5	17	14,5	15	13,5
<b>2.º ciclo</b>	28	20,0	15	11,3	10	8,5	10	9,1
<b>3.º ciclo</b>	33	23,6	33	24,8	25	21,4	37	33,3
<b>Secundário</b>	36	25,7	38	28,6	34	29,1	26	23,4
<b>Bacharel</b>	5	3,6	5	3,8	2	1,7	3	2,7
<b>Licenciatura</b>	10	7,1	16	12,0	8	6,8	12	10,8
<b>Mestrado</b>	2	1,4	6	4,5	4	3,4	3	2,7
<b>Doutoramento</b>	5	3,6	5	3,8	9	7,7	3	2,7
<b>Total</b>	135	96,4	124	93,3	109	93,1	109	98,2
<b>Missing</b>	5	3,6	9	6,7	8	6,9	2	1,8
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	117	100,0	111	100,0

Analisando os resultados ainda da Tabela 16, relativos aos alunos do 11.º ano de escolaridade, verificamos que, das 104 respostas válidas (88,9%), 68,45% dos pais apresenta um nível profissional inferior, tendo 20,5% dos pais um nível profissional superior ou médio, percentagem inferior aos 34,2% das mães que se inserem neste nível de categoria profissional.

Atendendo ao nível de escolaridade da mãe dos alunos do 11.º ano, houve 109 respostas válidas (93,2%), tendo 29,1% dos pais o ensino secundário, seguindo-se 21,4% com o 3.º ciclo, 14,5% dos pais com o 1.º ciclo e 8,5% com o 2.º ciclo do ensino básico. Apenas cerca de 20% dos pais apresentam formação superior, comparando com os 36% das mães dos alunos deste ano de escolaridade. Na formação superior, predominam os pais com doutoramento (7,7%), seguindo-se a licenciatura (6,8%) e o mestrado (3,4%) e o bacharelato (1,7%).

Quanto aos alunos do 12.º ano, houve 105 respostas válidas (94,6%), onde 68,5% dos pais apresenta uma categoria profissional de nível inferior e 26,1% apresentam uma categoria profissional de nível superior ou médio. Novamente se verifica que existem menos pais na categoria profissional de nível superior, comparativamente com as mães (36,0%).

No nível de escolaridade do pai, também obtivemos 109 respostas válidas (98,2%), tendo cerca de 33,3% o 3.º ciclo do ensino básico, 23,4% dos pais o ensino secundário, 13,5% com o 1.º ciclo do ensino básico e 9% o 2.º ciclo. Apenas 18,9% dos pais apresentam formação superior, comparando com os cerca de 42% das mães, predominando os pais com licenciatura (10,8%), seguindo-se bacharelato, mestrado e doutoramento, todos com 3 pais, correspondendo a 2,7%.

Considerando a amostra total, verificamos que o nível de categoria profissional das mães dos alunos inquiridos é superior ao dos pais. Cerca de 37% das mães e apenas cerca de 26% dos pais encontram-se numa categoria profissional de nível superior ou médio.

A mesma tendência se verifica no nível de escolaridade dos pais dos alunos inquiridos. A maior parte das mães, cerca de 29%, apresenta o ensino secundário, seguindo-se cerca de 24% das mães com licenciatura. A maior parte dos pais, cerca de 28%, tem o ensino secundário, seguido de cerca de 27% de pais com o 3.º ciclo do ensino básico. Cerca de 37% das mães e apenas cerca de 20% dos pais apresentam formação superior.

➤ **Local onde vive**

Na Tabela 17, quanto ao local onde vivem os alunos do 9.º ano, houve 100% de respostas válidas, vivendo cerca de 41% dos alunos numa vila, cerca de 36% na cidade, cerca de 16% numa aldeia e cerca de 7% vive numa vila.

Quanto aos alunos do 10.º ano, obtivemos 132 respostas válidas (99,2%). Cerca de 41% dos alunos vivem numa vila, 33,8% vivem numa cidade, 19,5% numa aldeia e 4,5% num monte.

Nos alunos do 11.º ano obtivemos 116 respostas válidas (99,1%), vivendo também a maior parte numa vila (43,6%), seguindo-se de 28,2% alunos a viver na cidade, 22,2% a viver na aldeia e 5,1% no monte.

Em relação aos alunos do 12.º ano, das 110 respostas válidas (99,1%), a maior parte dos alunos vive numa vila (54,1%), seguido de 27% de alunos a viver numa cidade, 11,7% numa aldeia e 6,3% vive num monte.

A maior parte dos alunos da totalidade da amostra (cerca de 45%) vive numa vila. Apenas cerca de 32% da amostra total vive em meio urbano, vivendo os restantes em meio rural.

Tabela 17  
Frequências absolutas e percentagens da variável “Local onde vive”

<i>Local onde vive</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Monte</b>	10	7,2	6	4,5	6	5,1	7	6,3
<b>Aldeia</b>	23	16,4	26	19,5	26	22,2	13	11,7
<b>Vila</b>	57	40,7	55	41,4	51	43,6	60	54,1
<b>Cidade</b>	50	35,7	45	33,8	33	28,2	30	27,0
<b>Total</b>	140	100,0	132	99,2	116	99,1	110	99,1
<i>Missing</i>			1	0,8	1	0,9	1	0,9
<b>Total</b>			133	100,0	117	100,0	111	100,0

➤ **Com quem vive**

Pelo facto dos alunos poderem explicitar todos os familiares com quem vivem, obtivemos uma grande multiplicidade de respostas, pelo que não apresentamos a respetiva tabela.

Relativamente aos alunos do 9.º ano, com 100% de respostas válidas, cerca de 51% da totalidade dos alunos respondentes refere que vive com pai, mãe e irmã(o), cerca de 12% dos alunos vive apenas com o pai e mãe, cerca de 4% vive com pai, mãe e dois irmãos, ou vive com apenas mãe e irmão, ou com mãe padrasto e irmão, ou apenas com a mãe. Cerca de 74% dos alunos vive com pai e mãe e outros familiares (irmãs(os), avós, primos, tios, padrinhos), 22% dos alunos vive apenas com um dos progenitores (pai ou mãe), podendo viver com mais alguém (irmãs(os), padrasto/madrasta, avós, tios primos), o que significa que apenas 6% dos alunos não vive com nenhum dos seus progenitores, vivendo com outro(s) elemento(s) da família.

Em relação aos alunos do 10.º ano, houve 132 respostas válidas (99,2%) e cerca de 71% dos alunos vive no seio de uma família dita convencional, com pai, mãe e irmã(s) e/ou irmão(s).

Nos alunos do 11.º ano obtivemos 115 respostas válidas (98,3%) e cerca de 76% dos alunos vive com pai, mãe e irmã(s) e/ou irmão(s).

Quanto ao 12.º ano, obtivemos 110 respostas válidas (99,1%), vivendo também a maior parte dos alunos (cerca de 77%) no seio da família dita convencional.

## **Parte II – Dimensão Pessoal: Hábitos, atitudes e comportamentos sobre o consumo de álcool**

### **➤ Já consultou psicólogo ou psiquiatra? e Já tomou calmantes?**

No 9.º ano, dos 140 alunos, cerca de 32% já consultou um psicólogo ou psiquiatra (Tabela 18), mas dos 139 alunos que responderam à questão seguinte, cerca de 14% refere nunca ter tomado calmantes (Tabela 19). No 10.º ano houve 132 respostas válidas, onde cerca de 31% dos alunos já consultou psicólogo ou psiquiatra e cerca de 17% já tomou calmantes. Das 117 respostas válidas do 11.º ano, cerca de 23% dos alunos já consultou psicólogo ou psiquiatra e das 116 respostas válidas, cerca de 22% dos alunos já tomou calmantes. Quanto aos alunos do 12.º ano, houve 100 de respostas válidas, onde cerca de 33% já consultou psicólogo ou psiquiatra e cerca de 25% já tomou calmantes.

Cerca de 30% da totalidade da amostra já consultou psicólogo ou psiquiatra e cerca de 19% já tomou calmantes.

De acordo com o relatório *ESPAD* (2009), em relação aos tranquilizantes ou sedativos, estes são consumidos por cerca de 8% de raparigas e de 5% de rapazes, havendo uma certa estabilidade no seu consumo, entre 1995 e 2007, tendo aumentado em 2011 (*ESPAD*, 2012). De acordo com este estudo, também se verifica um aumento do consumo de tranquilizantes e sedativos, com o aumento da faixa etária.

Tabela 18

Frequências absolutas e percentagens da variável “Já consultou psicólogo ou psiquiatra?”

Já consultou psicólogo ou psiquiatra	9.º ano		10.º ano		11.º ano		12.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
<b>Sim</b>	45	32,1	41	30,8	27	23,1	37	33,3
<b>Não</b>	95	67,9	91	68,4	90	76,9	74	66,7
<b>Total</b>	140	100,0	132	99,2	117	100,0	111	100,0
<b>Missing</b>			1	0,8	27			
<b>Total</b>			133	100,0				

Tabela 19

Frequências absolutas e percentagens da variável “Já tomou calmantes?”

Já consultou psicólogo ou psiquiatra	9.º ano		10.º ano		11.º ano		12.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
<b>Sim</b>	19	13,6	22	16,5	26	22,2	28	25,2
<b>Não</b>	120	85,7	110	82,7	90	76,9	83	74,8
<b>Total</b>	139	99,3	132	99,2	116	99,1	111	100,0
<b>Missing</b>	1	0,7	1	0,8	1	0,9		
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	117	100,0		

### ➤ Já consumiu *cannabis*?

De acordo com a Tabela 20, dos alunos do 9.º ano que responderam a esta questão, cerca de 88% nunca consumiu *cannabis*, mas cerca de 2% consomem-na regularmente. No 10.º ano, cerca de 86% nunca consumiu *cannabis* e cerca de 2% fá-lo regularmente. No 11.º ano, cerca de 85% nunca consumiu *cannabis* e cerca de 3% consome regularmente e no 12.º ano, cerca de 77% nunca consumiu esta droga, mas cerca de 2% fá-lo com regularidade.

Cerca de 84% da amostra total nunca consumiu *cannabis*, mas verificamos que, à medida que aumenta o ano de escolaridade, diminui a percentagem de alunos que nunca a consumiu.

Tabela 20

Frequências absolutas e percentagens da variável “Já consumiu *cannabis*?”

Consumo de <i>cannabis</i>	9.º ano		10.º ano		11.º ano		12.º ano	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
<b>Nunca</b>	123	87,9	114	85,7	99	84,6	85	76,6
<b>Uma vez</b>			7	5,3	4	3,4	5	4,5
<b>Mais do que uma vez</b>	7	5,0	5	3,8	5	4,3	11	9,9
<b>Regularmente</b>	3	2,1	2	1,5	3	2,6	2	1,8
<b>Total</b>	133	95,0	128	96,3	111	94,9	103	92,8
<b>Missing</b>	7	5,0	5	3,7	6	5,1	8	7,2
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	117	100,0	111	100,0

De acordo com vários estudos a *cannabis* é a droga ilícita mais consumida pelos jovens.

De acordo com ECATD (2011) verifica-se um aumento contínuo do consumo desta droga, com o aumento da idade. Cerca de 2% dos alunos de 13 anos já experimentaram *cannabis* ao longo da vida, bem como cerca de 19% dos alunos com 16 anos e cerca de 30% dos alunos com 18 anos. Tendo em conta o consumo recente de *cannabis*, cerca de 2% dos alunos consumiram-na nos últimos 12 meses, bem como cerca de 16% de alunos com 16 anos e cerca de 25% de alunos com 18 anos. Já considerando um consumo atual, cerca de 1% dos alunos 13 anos consumiram *cannabis* nos últimos 30 dias, tal como cerca de 9% dos alunos de 16 anos e cerca de 16% dos alunos com 18 anos. Considerando os resultados do *ESPAD* (2012) cerca de 2% dos adolescentes com 13 anos e 30% dos jovens de 18 anos já consumiram *cannabis*.

Segundo o INME (2011) cerca de 9% dos adolescentes do ensino básico e 28% dos jovens do ensino secundário já consumiram *cannabis*.

De acordo com os resultados do estudo *HBSC* de 2010 (Matos et al., 2012), a *cannabis* também é a droga ilícita mais consumida pelos jovens, tendo sido consumida por 8,8% dos jovens.

De acordo com o relatório europeu das drogas (2013) do Observatório Europeu da Drogas e da Toxicodpendência (OEDT), verificou-se uma diminuição do consumo de *cannabis*.

➤ **Já consumiu heroína?**

Analisando a Tabela 21, relativamente aos alunos do 9.º ano, nenhum consumiu heroína, mas no 10.º ano 1 aluno consumiu uma vez, nenhum aluno do 11.º ano consumiu, mas 1 aluno do 12.º ano consome regularmente.

Cerca de 92% da totalidade da amostra nunca consumiu heroína. Contudo, essa percentagem diminui com ao aumento do ano de escolaridade.

Tabela 21  
Frequências absolutas e percentagens da variável “Já consumiu heroína?”

Consumo de heroína	9.º ano		10.º ano		11.º ano		12.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
<b>Nunca</b>	132	94,3	124	93,2	106	90,6	100	90,1
<b>Uma vez</b>			1	0,8				
<b>Regularmente</b>							1	0,9
<b>Total</b>	132	94,3	125	94,0	106	90,6	101	91,0
<i>Missing</i>	8	5,7	8	6,0	11	9,4	10	9,0
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	117	100,0	111	100,0

De acordo com os resultados do estudo *HBSC* de 2010 (Matos et al., 2012), a heroína já foi consumida por 1,4% dos jovens envolvidos no estudo.

Considerando os resultados do Relatório Europeu das Drogas (2013), a heroína é a droga ilícita mais consumida. Contudo, o número de consumidores de heroína que começou tratamento especializado pela primeira vez devido a problemas relacionados com o consumo desta droga diminuiu.

➤ **Já consumiu cocaína?**

De acordo com os dados da Tabela 22, no 9.º ano, cerca de 91% dos alunos nunca consumiu cocaína, tendo cerca de 3% já consumido pelo menos uma vez. No 10.º ano, cerca de 92% dos alunos nunca consumiu cocaína, mas um aluno refere consumi-la com frequência. No 11.º ano, cerca de 86% dos alunos nunca consumiu cocaína, mas um aluno já a consumiu uma vez. Também no 12.º ano, a maior parte dos alunos, cerca de 88%, nunca consumiu cocaína, havendo um aluno que a consome regularmente.

Cerca de 89% dos alunos da amostra total nunca consumiram cocaína.

Tabela 22

Frequências absolutas e percentagens da variável “Já consumiu cocaína?”

Consumo de cocaína	9.º ano		10.º ano		11.º ano		12.º ano	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
<b>Nunca</b>	128	91,4	122	91,7	100	85,5	98	88,3
<b>Uma vez</b>	4	2,9		0,8	1	0,9		
<b>Regularmente</b>			1				1	0,9
<b>Total</b>	132	94,3	123	92,5	101	86,4	99	89,2
<b>Missing</b>	8	5,7	10	7,5	16	13,6	12	10,8
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	117	100,0	111	100,0

Tendo em conta os resultados do estudo *HBSC* de 2010 (Matos et al., 2012), 1,9% dos jovens inquiridos já consumiram cocaína.

De acordo com o Relatório Europeu das Drogas (2013), verifica-se uma diminuição do consumo de cocaína.

#### ➤ Já consumiu tabaco?

Na Tabela 23, relativamente ao tabaco, cerca de 41% dos alunos do 9.º ano nunca consumiu, cerca de 21% já consumiu pelo menos uma vez e cerca de 19% fuma regularmente. Já no 10.º ano, cerca de 39% dos alunos nunca consumiram tabaco, mas 15% fuma regularmente. Em relação ao 11.º ano, cerca de 42% dos alunos nunca consumiu tabaco, mas mais de 15% fuma regularmente. Também no 12.º ano, a maior parte (35,1%) nunca consumiu tabaco, 31,5% já consumiu tabaco mais do que uma vez e 19,8% fá-lo regularmente.

A maior parte dos alunos dos quatro anos de escolaridade (cerca de 40%) nunca consumiu tabaco, encontrando-se no 12.º ano a maior parte dos consumidores.

Tabela 23

Frequências absolutas e percentagens da variável “Já consumiu tabaco?”

Consumo de tabaco	9.º ano		10.º ano		11.º ano		12.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
<b>Nunca</b>	58	41,4	52	39,1	49	41,9	39	35,1
<b>Uma vez</b>	23	16,4	21	15,8	14	12,0	12	10,8
<b>Mais do que uma vez</b>	30	21,4	37	27,8	34	29,1	35	31,5
<b>Regularmente</b>	26	18,6	20	15,0	18	15,4	22	19,8
<b>Total</b>	137	97,8	130	97,7	115	98,4	108	97,2
<b>Missing</b>	3	2,2	3	2,3	2	1,6	3	2,8
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	117	100,0	111	100,0

De acordo com o ECATD (2011), o álcool é a droga mais consumida pelos jovens, seguindo-se o tabaco. Assim, a prevalência de consumo de tabaco ao longo da vida (experimentação) também apresenta um aumento contínuo dos 13 para os 18 anos e foi de cerca de 17% de alunos com 13 anos, cerca de 53% de alunos com 16 anos e cerca de 61% para os de 18 anos. Já nos últimos 12 meses, cerca de 11% dos alunos fumaram, bem como cerca de 42% dos alunos com 16 anos e cerca de 48% dos alunos com 18 anos. Quanto ao consumo atual, cerca de 5% dos alunos fumaram nos últimos 30 dias, bem como cerca de 27% dos alunos com 16 anos e cerca de 34% dos alunos com 18 anos. Segundo o *ESPAD* (2012) verificou-se uma diminuição da experimentação e com iniciação mais tarde, desde 2003, contudo há mais consumidores atuais. Portugal apresenta uma prevalência de consumo atual de cerca de 29%, sendo o valor semelhante para rapazes e raparigas

Tendo em conta os resultados obtidos pelo INME (2011), cerca de 38% dos adolescentes do ensino básico já consumiram tabaco, sendo os jovens do ensino secundário que mais consomem, com um valor de 64%. De 2001 para 2006 verifica-se um decréscimo de consumo de 70% para 55%, verificando-se novo aumento para 2011. Considerando um consumo recente, nos últimos 12 meses, no ensino básico, verifica-se uma diminuição de 36% em 2001, para 22% em 2006, voltando a aumentar para 28% em 2011. No ensino secundário verifica-se a mesma tendência de 2001 para 2006, diminuindo o consumo de tabaco de 49% para 34%, voltando a aumentar para 48% em 2011. Tendo em conta um consumo atual de tabaco, não houve grandes alterações ao longo dos 10 anos de estudo, mantendo-se nos 18% para o terceiro ciclo do ensino básico, mas verificamos uma diminuição de 2001 para 2006, de 32% para 24%, tendo novo aumento para 2011, com 36%, no ensino secundário.

Segundo os resultados do *HBSC* de 2010 (Matos et al., 2012), cerca de 30% dos jovens inquiridos já consumiram tabaco, pelo menos uma vez na vida, tendo 43% tido o seu primeiro consumo por volta dos 14 anos.

➤ **Já consumiu álcool?**

Contrastando com as drogas anteriores, verificamos na Tabela 24 que o álcool é a droga mais consumida pelos nossos jovens e com alguma regularidade, pois apenas 7,2% dos alunos da totalidade da amostra nunca consumiu álcool.

No 9.º ano, apenas cerca de 9% dos jovens (12 alunos) nunca consumiu álcool, tendo cerca de 58% dos jovens já consumido álcool mais do que uma vez e cerca de 24% consome regularmente, o que é bastante preocupante. No 10.º ano, apenas cerca de 10% dos jovens nunca consumiu álcool, tendo cerca de 51% consumido mais do que uma vez e cerca de 32% consome regularmente. Já no 11.º ano, ainda menos alunos, cerca de 4% nunca consumiu álcool, tendo cerca de 56% já consumido mais do que uma vez e cerca de 34% fá-lo com regularidade. Relativamente aos alunos do 12.º ano, apenas cerca de 5% nunca consumiu álcool, tendo cerca de 63% já consumido mais do que uma vez e cerca de 29% consome regularmente.

Verificamos assim, que o álcool é a droga mais amplamente consumida pelos jovens dos diferentes anos de escolaridade em estudo. Muitas vezes o consumo de álcool está associado a outros consumos - os policonsumos, sendo o tabaco, seguido da *cannabis*, as drogas mais consumidas.

Tabela 24  
Frequências absolutas e percentagens da variável “Já consumiu álcool?”

Consumo de álcool	9.º ano		10.º ano		11.º ano		12.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
<b>Nunca</b>	12	8,6	13	9,8	5	4,3	6	5,4
<b>Uma vez</b>	11	7,9	9	6,8	4	3,4	1	0,9
<b>Mais do que uma vez</b>	81	57,9	68	51,1	66	56,4	70	63,1
<b>Regularmente</b>	33	23,6	43	32,3	40	34,2	32	28,8
<b>Total</b>	137	98,0	133	100,0	115	98,3	109	98,2
<b>Missing</b>	3	2,0			2	1,7	2	1,8
<b>Total</b>	140	100,0			117	100,0	111	100,0

Também os estudos ECATD (2011), *ESPAD* (2012), *HBSC* (2012) e *INME* (2011) corroboram os nossos resultados.

Considerando os resultados obtidos ao longo dos oito anos de desenvolvimento do estudo ECATD (2011), verificou-se um aumento da prevalência de consumo de bebidas alcoólicas ao longo da vida, de 2003 para 2007 e uma diminuição de 2007 para 2011, em todas as faixas etárias consideradas, apresentando os valores de 36,5% para os 13 anos, 54,6% para os 14 anos, 72,1% para os 15 anos, 82,2% para os 16 anos, 88,1% para os 17 anos e 90,6% para os 18 anos. Se considerarmos o consumo recente, ou seja nos últimos 12 meses, verificamos que também há um aumento do consumo com a faixa etária, tendo o valor de 26,9% para os 13 anos, 45,2% para os 14 anos, 62,5% para os 15 anos, 75,8% para os 16 anos, 82,4% para os 17 anos e 86,3% para os 18 anos. Também o consumo atual, nos últimos trinta dias, respeita a mesma tendência com a faixa etária, obtendo-se os valores de 12,8% para os 13 anos, 25,1% para os 14 anos, 39,7% para os 15 anos, 53,1% para os 16 anos, 60,3% para os 17 anos e 70,1% para os 18 anos.

De acordo com os dados do *ESPAD* (2012), 87% dos jovens envolvidos no estudo já consumiu álcool ao longo da sua vida, tendo 79% consumido nos últimos 12 meses e 57% nos últimos trinta dias. Os jovens portugueses que participaram neste estudo revelaram resultados ligeiramente abaixo, da média global, com 74% dos jovens com consumos recentes (nos últimos 12 meses) e 52% com consumos atuais, ou seja, nos últimos 30 dias.

Tendo em conta os resultados do *INME* (2011), 67% dos alunos do ensino básico já haviam consumido álcool em 2001, tendo este valor diminuído 7% para 2006 e voltando a aumentar os mesmos 7% em 2011. Considerando os consumos recentes (nos últimos 12 meses), 55% dos jovens do 3.º ciclo consumiram álcool e verificou-se um aumento de 12 pontos percentuais do consumo atual de álcool, de 2001 para 2011, estando presentemente nos 37%. Relativamente ao mesmo estudo, mas considerando os alunos do ensino secundário, 91% já havia consumido álcool em 2001%, verificando-se uma diminuição de 4% para 2006, mas aumentando para 93% em 2011. Atendendo aos consumos recentes, verificou-se um aumento progressivo de 11%, ao longo dos 10 anos de estudo, apresentando em 2011 o valor de 87%. Já nos consumos atuais, de 2001 para 2011 o consumo de álcool aumentou de 45% para os 65%.

Considerando o estudo *HBSC* (2012), 7,1% dos jovens envolvidos no estudo consomem álcool todos os dias, 2,8% consomem todas as semanas e 0,3% consomem-no todos os dias.

Como no 9.º ano houve 12 alunos que nunca consumiram álcool, no 10.º ano houve 13 alunos, no 11.º ano 5 alunos e no 12.º ano houve 6 alunos, estes 36 alunos não responderam às onze questões que se seguiam no questionário, sobre os seus hábitos de consumo de álcool, por indicação nossa. Assim, de um total de 501 alunos, vamos apenas considerar as respostas de 461 alunos que já consumiram álcool, pelo menos uma vez.

➤ **Idade com que consumiu a primeira bebida alcoólica?**

Analisando a Tabela 25, no 9.º ano, para um pouco mais de  $\frac{1}{4}$  da amostra inquirida o primeiro contacto com a bebida alcoólica fez-se aos 13 anos de idade, ainda que, cerca de 20% a tivesse experimentado um ano antes. A média das idades do 1.º consumo é de 12,7 anos ( $DP = 2,056$  e *erro standard da média* = 0,183). No 10.º ano, 27,6% consumiu a primeira bebida alcoólica aos 14 anos e 22,5% consumiu aos 13 anos. Dos 120 alunos considerados, apenas 3 apresentam 16 anos, ou seja idade que permite consumir álcool, legalmente. A média de idades do primeiro consumo é de 12,98 ano ( $DP = 2,039$  e *erro standard da média* = 0,186). Considerando os 112 alunos do 11.º ano, 22,4% iniciou o consumo de bebidas alcoólicas aos 14 anos e a mesma percentagem iniciou aos 15 anos. A média de idades do primeiro consumo foi de 13,58 anos ( $DP = 1,855$  e *erro standard da média* = 0,179). Para 105 alunos 12.º ano, 23,9% iniciou o consumo de álcool aos 15 anos e a mesma percentagem iniciou aos 13 anos, apresentando uma média de 13,46 anos ( $DP = 1,998$  e *erro standard da média* = 0,198)

Tabela 25

Frequências absolutas e percentagens da variável “Idade com que consumiu a primeira bebida alcoólica?”

Idade do primeiro consumo de álcool	9.º ano		10.º ano		11.º ano		12.º ano	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
3			1	0,8			1	0,9
4	1	0,8						
5	2	1,6	1	0,8	1	0,9		
6	1	0,8						
7	1	0,8						
8			2	1,7			2	1,8
9	3	2,4	1	0,8			1	0,9
10	6	4,6	9	7,5	5	4,3	5	4,8
11	6	4,6	6	5,0	5	4,3		
12	25	19,5	16	13,3	20	17,9	12	11,4
13	35	27,3	27	22,5	14	12,6	25	23,9
14	32	25,0	33	27,6	25	22,4	23	21,9
15	12	9,4	21	17,5	25	22,4	25	23,9
16	2	1,6	3	2,5	11	9,8	7	6,7
17					2	1,8	1	0,9
<b>Total</b>	126	98,4	120	100,0	108	96,4	102	96,9
<b>Missing</b>	2	1,6			4	3,6	3	2,9
<b>Total</b>	128	100,0			112	100,0	105	100,0

Pese embora o preceito legal (Decreto-Lei n.º 50/2013, de 16 de abril) que estabelece os 16 anos como idade mínima para consumir bebidas alcoólicas espirituosas ou não e os 18 anos para o consumo de bebidas espirituosas, os alunos do 12.º para o 9.º ano tendem a iniciar o consumo de bebidas alcoólicas cada vez mais cedo, havendo uma diminuição da idade do primeiro consumo dos 14 para os 12 ou 13 anos e apenas 1,6% dos adolescentes do 9.º ano, 2,5% do 10.º ano, 11,6% do 11.º ano e 7,6% do 12.º ano, refere ter consumido a primeira bebida alcoólica com 16 ou mais anos.

Lemos com alguma inquietude o facto de 6,4% dos estudantes do 9.º ano, 4,1% do 10.º ano, 0,9% do 11.º ano e 3,6% do 12.º ano, declarar ter experienciado o álcool antes dos 10 anos de idade e, particularmente, dois deles afirmarem que fora aos 3 anos, um aos 4 anos e quatro aos 5 anos.

Os nossos resultados estão de acordo com o inquérito *Health Behaviour in School-aged Children* de 2010 (Matos et al., 2012), onde cerca de 42% dos adolescentes portugueses refere ter consumido álcool pela primeira vez entre os 12 e os 13 anos de idade. Também o relatório *ESPAD* (2012) refere que cerca de 60% dos jovens iniciou o

seu consumo de álcool, por volta dos 13 anos, sendo também esta a idade dos primeiros consumos segundo o ECATD (2011).

➤ **Local onde consumiu a primeira bebida alcoólica?**

De acordo com os dados da Tabela 26 verifica-se serem as discotecas/bares os locais privilegiados onde a maior parte dos alunos (cerca de 47%) diz ter consumido a sua primeira bebida alcoólica, seguindo-se a casa dos pais (cerca de 18%).

No 9.º ano, a maior parte dos alunos (40,6%) ingeriu a primeira bebida alcoólica em discotecas/bares, seguido da casa dos pais (15,6%) e de amigos (14,1%) e dos cafés (10,9%).

Quase metade dos alunos do 10.º ano (49,3%) ingeriu a primeira bebida alcoólica em discotecas/bares e quase ¼ dos alunos (24,3%) bebeu-a na casa dos pais.

Também no 11.º ano, metade dos alunos ingeriu a primeira bebida alcoólica em discotecas/bares, 13,3% em casa dos pais, 12,5% em casa de amigos.

A mesma tendência verifica-se com os alunos do 12.º ano, onde quase metade (47,6%) consumiu a primeira bebida alcoólica em discotecas/bares e 18,1% consumiu em casa dos pais.

Tabela 26

Frequências absolutas e percentagens da variável “Local onde consumiu a primeira bebida alcoólica?”

Local do 1.º consumo de álcool	9.º ano		10.º ano		11.º ano		12.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Escola	3	2,3	1	0,8			2	1,9
Café	14	10,9	7	5,8	12	10,7	15	14,3
Disco/bar	52	40,6	59	49,3	56	50,0	50	47,6
Casa pais	20	15,6	29	24,3	15	13,3	19	18,1
Casa amigos	18	14,1	10	8,3	14	12,5	13	12,3
Outro - festa	8	6,3	4	3,3	5	4,5	2	1,9
Descampado	4	3,1						
Ovibeja	4	3,1	2	1,7	2	1,8		
Casa de avós	2	1,6	1	0,8	1	0,9		
Restaurante	2	1,6						
Rua			3	2,5	2	1,8		
Parque			1	0,8				
Feira			1	0,8				
Trabalho			1	0,8				
Jardim					1	0,9		
Igreja							1	1,0
Parque campismo							1	1,0
<b>Total</b>	127	99,2	119	99,2	108	96,4	103	98,1
<i>Missing</i>	1	0,8	1	0,8	4	3,6	2	1,9
<b>Total</b>	128	100,0	120	100,0	112	100,0	105	100,0

Segundo o relatório *ESPAD* (2004), os locais de eleição dos jovens para consumirem bebidas alcoólicas são discotecas e bares, seguindo-se a casa de amigos, a casa dos pais e depois rua, parque e praia. Ainda de acordo com o mesmo relatório de 2011 (2012), quase metade dos jovens (45%) refere que, nos últimos 30 dias, as bebidas alcoólicas consumidas foram adquiridas em estabelecimentos públicos, tais como, bares e discotecas.

### ➤ O que o levou a consumir a primeira bebida alcoólica?

No que diz respeito às razões que levaram os alunos a iniciar o consumo de bebidas alcoólicas, temos como principal em qualquer nível de escolaridade estudado, a “curiosidade”. Não apresentamos tabela com os dados pelo facto dos alunos poderem,

nesta questão, selecionar todas as opções que considerassem necessárias, o que originou um levadíssimo número de combinações.

No 9.º ano “a curiosidade” constitui a principal razão apontada pela maioria dos alunos (59,4%). A combinação com outros motivos constitui a razão para o resto da amostra, estando a “curiosidade” agregada em 75,1% dos casos. De realçar que cerca de 18% dos alunos também refere que consumiram a primeira bebida alcoólica para se embebedarem, podendo esta motivação estar associado a outras.

Já no 10.º ano, apesar da maior parte dos alunos (39,2%) ter consumido a primeira bebida por “curiosidade”, cerca de 12% “procura diversão” e cerca de 11% associa a “curiosidade” com a “procura de diversão”. A “curiosidade” está associada a 68,3% das respostas. De realçar que, cerca de 17% dos alunos também refere que consumiram a primeira bebida alcoólica para se embebedarem, podendo estar associado a outras razões.

Também mais de metade dos alunos do 11.º ano (56,3%) consumiu a primeira bebida alcoólica por “curiosidade”, seguindo-se a “curiosidade” associada à “procura de diversão” escolhidas por 12,5% dos alunos. A “curiosidade” encontra-se associada a cerca de 77% das respostas. No 11.º ano, apenas cerca de 5% dos alunos refere que consumiu a primeira bebida alcoólica para se embebedar, podendo estar associado a outras razões.

No 12.º ano, também mais de metade dos alunos (57,1%) consumiu a primeira bebida alcoólica por “curiosidade”, seguindo-se a “curiosidade” associada à “procura de diversão” escolhidas por 11,4% dos alunos. A “curiosidade” está associada a 80% das respostas dadas. Apenas cerca de 7% dos alunos refere que consumiu a primeira bebida alcoólica para se embebedar, podendo estar associado a outras razões.

#### ➤ **Em que contextos sociais costuma consumir bebidas alcoólicas?**

Devido ao elevado número de combinações de respostas dos alunos, voltamos a não apresentar tabela com os resultados.

Quase ¼ dos alunos do 9.º ano (24,2%) refere que consome bebidas alcoólicas em festas, 23,4% consome em festas e com os amigos e cerca de 20% consome também em festas, com os amigos e principalmente aos fins de semana. Temos variadas combinações de ocasiões preferenciais de consumos de álcool, estando as festas agregadas a 85,1% dos contextos sociais para o efeito.

No 10.º ano, 19,2% dos alunos refere que consome bebidas alcoólicas em festas, saídas com os amigos e preferencialmente aos fins de semana e a mesma percentagem de alunos refere as mesmas opções, acrescentando ainda os finais de período. Os contextos festivos estão associados a 84,1% das respostas dos alunos do 11.º ano.

No 11.º ano, ¼ dos alunos inquiridos menciona que consome bebidas alcoólicas em festas e saídas com os amigos, 20,5% bebe preferencialmente em festas e cerca de 12% consome bebidas alcoólicas em festas, com os amigos e aos fins de semana. Os contextos festivos voltam a ser preferência dos alunos para o consumo de bebidas alcoólicas, estando associados a cerca de 80% das respostas dos alunos.

Também os alunos do 12.º ano consomem bebidas alcoólicas preferencialmente em contextos festivos e com os amigos (23,8%), seguindo-se 19,1% dos alunos que consomem em festas, com os amigos e principalmente aos fins de semana. Mais uma vez os contextos festivos estão associados a grande parte das respostas dadas pelos alunos (82,9%).

Verificamos que a maior parte dos consumos de álcool pelos jovens dos quatro níveis de escolaridade está associada a contextos festivos, com amigos e principalmente ao fim de semana. Contudo, é com preocupação que verificamos que 3 alunos do 9.º ano, 2 do 10.º ano, 3 do 11.º ano e 2 alunos do 12.º ano, consomem bebidas alcoólicas diariamente. Também de acordo com *HBSC* (Matos et al., 2012), cerca de 4% dos jovens consome bebidas alcoólicas todos os dias.

O facto de 40% dos consumos estarem associados ao fim de semana vem confirmar os dados do inquérito *HBSC* (Matos et al., 2012), em que cerca de 37% dos alunos costuma consumir bebidas alcoólicas nesse período da semana, bem como o estudo de Lomba, Apóstolo, Mendes e Campos (2011) onde apuraram que estes saem cerca de 6 noites por mês, que corresponde a uma média de mais do que uma noite por fim de semana.

### ➤ **Com quem consumiu a primeira bebida alcoólica?**

Na Tabela 27, cerca de 69% dos alunos do 9.º ano afirmam ter consumido a sua primeira bebida alcoólica com os amigos e cerca de 23% refere tê-lo feito na presença da família. Cerca de 74% das companhias para o primeiro consumo estão associadas aos amigos.

Também no 10.º ano, 64,2% dos alunos refere ter consumido a primeira bebida alcoólica com os amigos e 23,3% fê-lo com a família. Os amigos estão associados a cerca de 73% das respostas dadas pelos alunos.

A mesma tendência se verifica nos alunos do 11.º ano, onde cerca de 71% dos alunos refere ter consumido a 1.ª bebida com os amigos e cerca de 20% refere que o fez com a família. Cerca de 77% das respostas dos alunos associam o consumo da primeira bebida alcoólica aos amigos.

No 12.º ano, 71,3% dos alunos consumiu a primeira bebida alcoólica também com os amigos, seguindo-se 22,8% dos alunos que o fizeram com a família. Cerca de ¾ dos alunos deu respostas associando os amigos, ao consumo da primeira bebida.

Tabela 27  
Frequências absolutas e percentagens da variável “Com quem consumiu a primeira bebida alcoólica?”

<i>Com quem consumiu a primeira bebida</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Família</b>	29	22,7	28	23,3	22	19,6	24	22,8
<b>Amigos</b>	88	68,8	77	64,2	79	70,5	75	71,3
<b>Sozinho</b>	3	2,2	2	1,7	2	1,8	1	1,0
<b>Namorado(a)</b>	1	0,8	1	0,8				
<b>Amigos e namorado(a)</b>	2	1,6	6	5,0	3	2,7	1	1,0
<b>Família, amigos e namorado(a)</b>	1	0,8						
<b>Família e amigos</b>	4	3,1	5	4,2	4	3,6	3	2,9
<b>Colega</b>			1	0,8				
<b>Colegas da comunidade</b>							1	1,0
<b>Total</b>	128	100,0	120	100,0	110	98,2	105	100,0
<i>Missing</i>					2	1,8		
<b>Total</b>					112	100,0		

Cruzando os dados desta variável (Tabela 27) com o local de consumo da primeira bebida alcoólica (Tabela 26), verificamos que são as discotecas/bares os locais onde a maior parte dos alunos diz ter consumido a sua primeira bebida alcoólica, seguindo-se a casa dos pais. A maior parte dos alunos consumiu a primeira bebida

alcoólica com os amigos (cerca de 69% da totalidade da amostra), estando a família em segundo lugar (22,3%).

➤ **O que procura no consumo de bebidas alcoólicas?**

De entre a enorme diversidade de efeitos que os jovens procuram obter através do consumo de álcool, há a destacar a procura de “diversão” e “alegria”, como as opções mais escolhidas pelos alunos, dos quatro níveis de escolaridade. Por termos obtido novamente um elevado número de combinações, voltamos a não apresentar a tabela nesta variável.

A procura de “diversão” e “alegria” estão associadas a 78,1% dos principais efeitos procurados, entre os alunos do 9.º ano, a 84,2% das opções dos alunos do 10.º ano, a 80,4% das opções dos do 11.º ano e a 69,5% das opções no 12.º ano.

Cruzando os nossos resultados com os do *ESPAD* (2012), também cerca de 64% dos alunos refere que procura diversão e 48% procura esquecer os problemas da vida. De acordo com os resultados obtidos pelo *HBSC* (2012), os jovens consomem preferencialmente bebidas alcoólicas não só para lidarem com as dificuldades, mas também para otimização social.

➤ **Em que parte do dia costuma consumir bebidas alcoólicas?**

Verificamos na Tabela 28, que a maior parte dos consumos de bebidas alcoólicas se fazem preferencialmente à noite (cerca de 86% da totalidade da amostra), sendo cerca de 91% no 9.º ano, cerca de 81% no 10.º ano, cerca de 88% no 11.º ano e 80% entre os alunos do 12.º ano. Contudo, consideramos preocupante que alguns alunos declarem consumir bebidas alcoólicas às refeições ou como um aluno do 9.º ano que refere que se levanta de noite para consumir álcool.

Tabela 28

Frequências absolutas e percentagens da variável “Em que parte do dia costuma consumir bebidas alcoólicas?”

Parte do dia em que consome álcool	9.º ano		10.º ano		11.º ano		12.º ano	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
Refeições	2	1,6	2	1,7	2	1,8	2	1,9
Noite	116	90,5	97	80,7	99	88,3	84	80,0
Levanta-se de noite	1	0,8						
Tarde e noite	5	3,9	5	4,2	2	1,8	6	5,6
Manhã, refeições, tarde e noite	1	0,8	2	1,7	1	0,9	1	1,0
Refeições, à noite	1	0,8	5	4,2	2	1,8	6	5,6
Refeições, tarde e noite			2	1,7			1	1,0
Manhã, tarde e noite			1	0,8				
Tarde					1	0,9	3	2,9
Manhã							1	1,0
<b>Total</b>	126	98,4	114	95,0	107	95,5	104	99,0
<i>Missing</i>	2	1,6	6	5,0	5	4,5	1	1,0
<b>Total</b>	128	100,0	120	100,0	112	100,0	105	100,0

Cruzando os dados desta variável (Tabela 28) com os contextos sociais em que os alunos consomem bebidas alcoólicas, verificamos que a maior parte dos alunos consome álcool em contextos festivos, com os amigos, preferencialmente aos fins de semana e à noite.

Estes resultados estão na continuidade dos do inquérito *HBSC* (2012), em que 37% dos alunos consome álcool aos fins de semana e, preferencialmente, à noite e na investigação desenvolvida por Lomba, Apóstolo, Mendes e Campos (2011) que concluiu que os jovens frequentam ambientes recreativos, essencialmente noturnos, saindo cerca de 6 noites por mês, que corresponde a uma média de mais do que uma noite por fim de semana e visitando entre 2 a 3 locais de diversão por noite.

➤ **Quando tomou o último copo?**

Na Tabela 29, verificamos que dos 128 alunos do 9.º ano, cerca de 34% consumiu o último copo na última semana, seguidos de cerca de 33% dos alunos que referem tê-lo feito entre uma semana e um mês. De realçar que 11% consumiu o último copo no dia anterior.

Dos 120 alunos do 10.º ano, cerca de 37% também consumiu o último copo na última semana, tendo cerca de 29% consumido entre uma semana e um mês. Contudo, cerca de 11% consumiu no dia anterior e 1 aluno havia consumido no próprio dia.

No 11.º ano, das 112 respostas válidas, metade dos alunos consumiu o último copo na última semana e quase ¼ (24,2%) dos alunos consumiu o último copo entre uma semana e um mês. Houve ainda 8% de alunos que beberam o último copo no dia anterior e um aluno consumiu-o nesse próprio dia.

Também no 12.º ano, para 105 respostas válidas, a maior parte dos alunos (39%) consumiu o último copo na última semana e 21% consumiu entre uma semana e um mês. Contudo, cerca de 11% havia consumido na dia anterior ao questionário e 6 alunos referiram ter consumido no próprio dia.

Tabela 29  
Frequências absolutas e percentagens da variável “Quando tomou o último copo?”

<i>Quando tomou o último copo</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Hoje</b>			1	0,8	1	0,9	6	5,7
<b>Ontem</b>	14	10,9	13	10,8	9	8,0	11	10,5
<b>Última semana</b>	43	33,6	44	36,7	56	50,0	41	39,0
<b>Entre 1 semana e 1 mês</b>	42	32,8	35	29,2	27	24,2	22	21,0
<b>Entre 1 e 3 meses</b>	17	13,3	11	9,2	8	7,1	14	13,3
<b>Há mais de 3 meses</b>	12	9,4	15	12,5	9	8,0	11	10,5
<b>Total</b>	128	100,0	119	99,2	110	98,2	105	100,0
<i>Missing</i>			1	0,8	2	1,8		
<b>Total</b>			120	100,0	112	100,0		

Cerca de 40% da amostra total consumiu a última bebida, na última semana, considerando-se um consumo atual. Tendo em conta que o questionário foi aplicado durante o terceiro período, afastado dos grandes momentos festivos do calendário, verificamos que cerca de 79% da totalidade da amostra declara ter consumido bebidas alcoólicas no último mês, que é indicador de um consumo habitual, sendo 75,7% dos alunos do 9.º ano, 77,5% no 10.º ano, 83% no 11.º ano e 76,2% dos alunos no 12.º ano.

Os nossos resultados estão de acordo com os estudos referidos anteriormente. Segundo Gameiro (1998), jovens entre os 15 e os 24 anos tendem a consumir bebidas alcoólicas três vezes por semana ou mais.

Se considerarmos os resultados obtidos no ECATD (2011), sobre o consumo recente, ou seja nos últimos 12 meses, verificamos que há um aumento do consumo com a faixa etária, tendo o valor de 26,9% para os 13 anos, 45,2% para os 14 anos, 62,5% para os 15 anos, 75,8% para os 16 anos, 82,4% para os 17 anos e 86,3% para os 18 anos. Também o consumo atual, nos últimos trinta dias, respeita a mesma tendência com a faixa etária, obtendo-se os valores de 12,8% para os 13 anos, 25,1% para os 14 anos, 39,7% para os 15 anos, 53,1% para os 16 anos, 60,3% para os 17 anos e 70,1% para os 18 anos.

Tendo em conta os resultados do *ESPAD* (2012), cerca de 79% dos jovens da totalidade dos países participantes consumiram álcool nos últimos 12 meses e 57% nos últimos trinta dias. Se considerarmos apenas os jovens portugueses que participaram neste estudo, os resultados estão ligeiramente abaixo da média global, com 74% dos jovens com consumos recentes (nos últimos 12 meses) e 52% com consumos atuais, ou seja, nos últimos 30 dias.

No INME (2011), se considerarmos os resultados do 3.º ciclo do ensino básico, verificou-se um aumento do consumo recente, ou seja, nos últimos 12 meses, de 2001 com 49% para 2011 cerca de 55%. Também no consumo atual (nos últimos 30 dias) se verificou um aumento de 12 pontos percentuais, de 2001 para 2011, estando presentemente nos 37%. Já no ensino secundário, nos consumos recentes, verificou-se um aumento progressivo de 11%, ao longo dos 10 anos de estudo, apresentando em 2011 o valor de 87%. Quanto aos consumos atuais do ensino secundário, também se verificou um aumento de 2001 para 2011 do consumo de álcool de 45% para os 65%.

Os resultados do inquérito *HBSC* (2012) revelam que cerca de 45% dos alunos apresentam uma prevalência nos últimos 30 dias de um a dois consumos e cerca de 26% com três ou mais consumos. Para além disso, 7,1% dos jovens envolvidos no estudo

consomem álcool todos os dias, 2,8% consomem todas as semanas e 0,3% fazem-no todos os dias.

Lomba et al. (2011) apuraram ainda que, cerca de 52% dos jovens refere ter-se embriagado nas últimas 4 semanas, em média 1,75 vezes.

### ➤ **Que bebidas alcoólicas costuma consumir?**

Verificamos que os jovens do 9.º ano consomem, preferencialmente, cerveja (15,6%), seguido de bebidas brancas (14,8%) ou ambas (12,7%). Mais de 14% dos jovens costuma consumir estes dois tipos de bebidas e ainda *shots*. Sendo a cerveja a bebida alcoólica mais consumida, esta está associada a cerca de 67,5% dos consumos dos jovens. Contudo, é com grande preocupação que se verifica que os jovens costumam consumir uma grande variedade de bebidas alcoólicas, podendo fazer misturas, estando as bebidas brancas associadas a 71,9% dos consumos e a cerveja associada a cerca de 60% das preferências.

Considerando os consumos feitos pelos alunos do 10.º ano, as preferências recaem sobre a cerveja, *shots* e bebidas espirituosas/brancas com 16,7%, seguindo-se cerveja e bebidas espirituosas/brancas com 11,7%. Destas três bebidas, a preferência recai sobre as bebidas espirituosas/brancas (10,8%), seguida da cerveja (8,3%). As bebidas espirituosas/brancas estão associadas a 75% das preferências e a cerveja está associada a 67,5% das várias opções.

Também no 11.º ano as preferências recaem novamente no conjunto de cerveja, *shots* e bebidas espirituosas/brancas, com 11,6%, tal como no conjunto de todas as bebidas. Isoladamente, as bebidas espirituosas/brancas continuam a ser as mais consumidas (10,7%), seguidas da cerveja (5,4%). As bebidas espirituosas/brancas estão associadas a 79,4% das preferências e a cerveja está associada a 70,5% das diversas respostas.

No 12.º ano, a maior parte dos alunos prefere consumir bebidas espirituosas/brancas (14,3%), seguindo-se a preferência do conjunto de cerveja, *shots* e bebidas espirituosas/brancas (11,4%). As bebidas espirituosas/brancas estão associadas a 81,9% das preferências e a cerveja está associada a 60% das diversas respostas.

À medida que avançamos do 9.º para o 12.º ano, verificamos que há um aumento da preferência no consumo de bebidas espirituosas/brancas, em detrimento da cerveja.

Também nesta variável voltamos a não apresentar tabela de resultados, pelo facto dos alunos terem dispersado muito as suas preferências, obtendo-se um elevado número de combinações.

No estudo de Feijão e Lavado (2003), a bebida mais consumida pelos jovens era, também, a cerveja, sendo o vinho a menos consumida.

Já de acordo com o ECATD (2011), apenas os adolescentes de 13 anos preferem a cerveja (12,3%) às bebidas espirituosas/brancas (12,1%), preferindo as restantes faixas etárias as bebidas brancas, verificando-se um aumento progressivo do consumo destas bebidas, dos alunos com 14 anos com 23,2% até aos 18 anos com 62,4%. Também de acordo com este estudo, na última ocasião, a maior parte dos alunos de 13 anos (22,8%) consumiu cerveja, mas as restantes faixas etárias (14 anos com 37,4%, 15 anos com 53,9%, 16 anos com 69,3%, 17 anos com 76,% e 18 anos com 82%) consumiram preferencialmente bebidas espirituosas/brancas.

De acordo com o *ESPAD* (2012), o último consumo de 37% dos jovens inquiridos foi a cerveja, 31% consumiu bebidas espirituosas/brancas e apenas 16% consumiu vinho. Contudo, a preferência para primeira bebida consumida por estes jovens recaiu sobre a cerveja, com 44%, seguindo-se o vinho, com 38% e com 20% as bebidas espirituosas/brancas.

Tendo em conta os resultados obtidos pelo INME (2011), os alunos do 3.º ciclo do ensino básico preferem consumir cerveja, com 57%, seguindo-se as bebidas espirituosas/brancas com 40% e só depois o vinho com 39%. No ensino secundário, verifica-se a mesma tendência com a cerveja a ter 85% das preferências, seguindo-se as bebidas espirituosas/brancas com 81% e só depois o vinho com 69%.

Segundo o *HBSC* (2012), as bebidas mais consumidas todas as semanas/meses são as espirituosas/brancas, com 18,9%, seguindo-se a cerveja com 14,8%. Contudo, para um consumo diário, estes jovens preferem a cerveja.

Concluimos assim, que os jovens consomem essencialmente cerveja e bebidas espirituosas/brancas, recaindo as preferências sobre um destes tipos de bebidas alcoólicas.

➤ **Quanto dinheiro costuma gastar em bebidas alcoólicas, por semana?**

Na Tabela 30 maior parte dos alunos dos quatro anos de escolaridade refere gastar menos de 5 €, seguindo-se os que gastam entre 5 a 10 € e depois entre 10 a 20 €. Cerca de 82% dos alunos da totalidade da amostra gastam menos de 20 €.

Mais de metade dos alunos do 9.º ano (61,7%) gasta até 10 €, por semana, gastando 34,4% dos alunos menos do que 5 €. Contudo, onze alunos consomem sem pagar, o que pode contribuir para um aumento desse consumo.

Dos alunos do 10.º ano, 35,8% gasta menos de 5 € por semana e 32,5% gasta entre 5 a 10 €. Voltamos a ter onze alunos que conseguem consumir álcool sem pagar.

Cerca de 40% dos alunos do 11.º ano gasta menos de 5 € e cerca de 30% gasta entre 5 e 10 €, havendo 4 alunos que consomem sem pagar.

Menos de metade dos alunos do 12.º ano (40,2%) gasta menos de 5 € e 30,3% gasta entre 5 e 10 €. Continuamos a ter quatro alunos que consomem sem pagar.

De realçar que dois alunos do 9.º ano e um aluno de cada um dos restantes anos letivos gastam mais de 30 €, por semana, em bebidas alcoólicas.

Tabela 30

*Frequências absolutas e percentagens da variável “Quanto dinheiro costuma gastar em bebidas alcoólicas, por semana?”*

<i>Quanto dinheiro costuma gastar em álcool</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>- 5 €</b>	44	34,4	43	35,8	45	40,2	34	32,4
<b>5-10 €</b>	35	27,3	39	32,5	34	30,3	36	34,3
<b>10-20 €</b>	23	18,0	15	12,5	17	15,1	13	12,4
<b>20-30 €</b>	3	2,3	2	1,7	2	1,8		
<b>+ 30€</b>	2	1,6	1	0,8	1	0,9	1	1,0
<b>Consumo sem pagar</b>	11	8,6	11	9,2	4	3,6	9	8,6
<b>Não bebo, não gasto</b>	10	7,8	8	6,7	7	6,3	12	11,3
<b>Total</b>	128	100,0	119	99,2	110	98,2	105	100,0
<b>Missing</b>			1	0,8	2	1,8		
<b>Total</b>			120	100,0	112	100,0		

Lomba et al. (2011) apuraram que nestas saídas noturnas, que duram entre 5 a 6 horas, os jovens gastam em média 16 €, o que corrobora também o nosso estudo.

Segundo o *HBSC* (2012), cerca de 81% dos jovens inquiridos considera ser fácil ou muito fácil obter bebidas alcoólicas.

➤ **Se tivesse mais dinheiro, consumia mais álcool?**

De acordo com os dados da Tabela 31, cerca de 16% dos alunos dos quatro anos de escolaridade refere que consumiam mais bebidas alcoólica se tivessem mais dinheiro, sendo cerca de 22% de alunos do 9.º ano, 18,3% do 10.º ano, 12,5% de alunos do 11.º ano e 10,5% do 12.º ano.

Tabela 31  
Frequências absolutas e percentagens da variável “Se tivesse mais dinheiro, consumia mais álcool?”

<i>Se tivesse mais dinheiro, consumia mais álcool</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Sim</b>	28	21,9	22	18,3	14	12,5	11	10,5
<b>Não</b>	97	75,8	96	80,0	93	83,0	89	84,7
<b>Total</b>	125	97,7	118	98,3	107	95,5	100	95,2
<i>Missing</i>	3	2,3	2	1,7	5	4,5	5	4,8
<b>Total</b>	128	100,0	120	100,0	112	100,0	105	100,0

➤ **Qual a sua opinião acerca do preço do álcool?**

A maior parte dos alunos da amostra total (cerca de 38%) considera que o preço do álcool é acessível (Tabela 32). Também segundo o *HBSC* (2012), cerca de 81% dos jovens inquiridos consideram ser fácil ou muito fácil obter bebidas alcoólicas.

Cerca de 44% dos alunos do 9.º ano refere que o preço do álcool é acessível, o que faz com que o seu consumo seja tão elevado. Contudo, cerca de 52% considera que o preço do álcool elevado ou bastante elevado.

No 10.º ano, 33,1% considera o preço do álcool acessível, a mesma percentagem considera-o elevado e 27,8% considera-o muito elevado.

No 11.º ano, 37,6% dos alunos considera acessível o preço do álcool, considerando 31,6% o preço elevado e 24,8% muito elevado.

Já no 12.º ano, 36,9% dos alunos considera que o álcool apresenta um preço acessível. Contudo, 34,2% considera que as bebidas alcoólicas apresentam um preço elevado e 20,7% muito elevado.

Tabela 32  
Frequências absolutas e percentagens da variável “Qual a sua opinião acerca do preço do álcool?”

Opinião sobre o preço do álcool	9.º ano		10.º ano		11.º ano		12.º ano	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
<b>Muito elevado</b>	40	28,6	37	27,8	29	24,8	23	20,7
<b>Elevado</b>	33	23,6	44	33,1	37	31,6	38	34,2
<b>Acessível</b>	61	43,6	44	33,1	44	37,6	41	36,9
<b>Barato</b>	3	2,1	2	1,5	1	0,9	4	3,6
<b>Muito barato</b>			2	1,5	3	2,6	3	2,7
<b>Total</b>	137	97,9	129	97,0	114	97,5	109	98,1
<i>Missing</i>	3	2,1	4	3,0	3	2,5	2	1,9
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	117	100,0	111	100,0

Cruzando os dados da Tabela 29 com as respostas à questão anterior (Tabela 28), pelo facto do álcool ter um preço elevado ou muito elevado, se os jovens tivessem mais dinheiro talvez consumissem mais.

### ➤ Qual a idade mínima para permitir o consumo de álcool?

Analisando a Tabela 33, a maior parte dos alunos da totalidade da amostra (cerca de 60%) considera que a idade mínima permitida para consumir bebidas alcoólicas deve ser os 16 anos.

Verifica-se que um pouco mais metade dos alunos do 9.º ano (55,7%) considera que a idade mínima permitida para consumir de álcool deveria ser de 16 anos (moda), com uma média de 15,64 anos ( $DP = 1,479$  e *erro standard da média* de 0,126) e 31,3% considera que deveria ser com idade inferior, havendo 3 alunos que consideram que a idade mínima deveria ser de 10 anos.

No 10.º ano, também 63,1% considera que os jovens não deveriam consumir bebidas alcoólicas antes dos 16 anos (moda), apresentando uma média de 15,79 anos ( $DP = 1,722$  e *erro standard da média* 0,150) havendo um aluno que considera que se deve consumir a partir dos 2 anos.

Também no 11.º ano, 70,9% considera que os jovens não deveriam consumir bebidas alcoólicas antes dos 16 anos (moda), apresentando uma média de 16,21 anos ( $DP = 1,386$  e *erro standard da média* de 0,129).

No 12.º ano, cerca de metade dos alunos (50,5%) também é da opinião que os jovens não deveriam consumir bebidas alcoólicas antes dos 16 anos (moda) e 30,6% considera os 18 anos como a idade mínima para o consumo de álcool, revelando uma média 16,67 anos ( $DP = 1,362$  e *erro standard da média* 0,130).

Tabela 33  
Frequências absolutas e percentagens da variável “Qual a idade mínima para permitir o consumo de bebidas alcoólicas?”

Idade mínima de consumo de álcool	9.º ano		10.º ano		11.º ano		12.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
2			1	0,8				
9			1	0,8				
10	3	2,1			1	0,9		
11	1	0,7						
12			1	0,8	1	0,9		
13	1	0,7	1	0,8	1	0,9		
14	17	12,1	7	5,2	3	2,5	3	2,7
15	22	15,8	19	14,2	6	5,1	10	9,0
16	78	55,8	84	63,1	83	70,9	56	50,5
17	4	2,9	2	1,5	2	1,7	3	2,7
18	10	7,1	14	10,5	13	11,1	34	30,6
19					1	0,9		
20	1	0,7	1	0,8	2	1,7	1	0,9
21	1	0,7			2	1,7	3	2,7
<b>Total</b>	138	98,6	131	98,5	115	98,3	110	99,1
<b>Missing</b>	2	1,4	2	1,5	2	1,7	1	0,9
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	117	100,0	111	100,0

Comparando a idade que os alunos consideram que deva ser a mínima para o consumo de bebidas alcoólicas (Tabela 33) e a idade em que realmente consumiram a primeira bebida alcoólica (Tabela 25), verificamos que, na generalidade, a maior parte dos alunos o fez precocemente.

A maior parte dos alunos do 9.º ano consumiu a primeira bebida alcoólica com 13 anos, no 10.º e 11.º ano com 14 anos e no 12.º ano com 15 anos, pelo que podemos

concluir que os alunos têm noção que deveriam iniciar o consumo de álcool mais tarde, mas, na realidade começam antes, apesar do Decreto-Lei n.º 50/2013, de 16 de abril estabelecer a proibição da venda e consumo de bebidas espirituosas ou não a menores de 16 anos, tendo sido apenas dilatada a proibição do consumo de bebidas espirituosas para menores de 18 anos.

➤ **Em 100 jovens da sua idade e da sua região, quantos acha que consomem regularmente (pelo menos 1 vez por semana) bebidas alcoólicas?**

Na Tabela 34, cerca de 61% dos alunos do 9.º ano, 75,2% dos alunos do 10.º ano, 82% dos alunos do 11.º ano e 88,3% dos alunos do 12.º ano considera que em 100 jovens da sua idade e da sua região, mais de metade (entre 51 e 100%) consome regularmente bebidas alcoólicas. Verificamos que esta tendência tende a aumentar do 9.º para o 12.º ano, pelo que se verifica um aumento do número de jovens que consomem álcool, com o aumento da idade.

Tabela 34

*Frequências absolutas e percentagens da variável “Em 100 jovens da sua idade e da sua região, quantos acha que consomem regularmente (pelo menos 1 vez por semana) bebidas alcoólicas?”*

<i>Em 100 jovens da sua idade e da sua região, quantos acha que consomem regularmente (pelo menos 1 vez por semana) bebidas alcoólicas</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Nenhum</b>							1	0,9
<b>1-25</b>	25	17,9	9	6,8	5	4,3	8	7,2
<b>26-50</b>	29	20,7	23	17,3	15	12,8	4	3,6
<b>51-75</b>	50	35,7	54	40,6	42	35,9	39	35,2
<b>76-99</b>	30	21,4	39	29,3	48	41,0	51	45,9
<b>100</b>	6	4,3	7	5,3	6	5,1	8	7,2
<b>Total</b>	140	100,0	132	99,3	116	99,1	111	100,0
<b>Missing</b>			1	0,7	1	0,9		
<b>Total</b>			133	100,0	117	100,0		

➤ **Do seu grupo de amigos, quantos consomem bebidas alcoólicas?**

De acordo com os dados da Tabela 35, no 9.º ano, 35,7% dos alunos considera que mais de metade dos seus amigos consome álcool e 32,5% considera que a totalidade dos seus amigos o consome. Analisando os resultados do 10.º ano, verificamos que a maior parte das escolhas se distribuem equitativamente (38,3%) pelas duas opções referidas anteriormente. Já no 11.º ano, 43,6% dos alunos refere que a totalidade dos seus amigos consome álcool, seguindo-se 41,9% dos alunos que diz que mais de metade dos seus amigos bebe. Também no 12.º ano, quase metade dos alunos (49,5%) considera que todos os seus amigos consomem bebidas alcoólicas, seguindo-se 27% que considera que mais de metade o faz.

Tabela 35  
Frequências absolutas e percentagens da variável “Do seu grupo de amigos, quantos consomem bebidas alcoólicas?”

<i>Quantos amigos do seu grupo consomem bebidas alcoólicas</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Nenhum</b>	3	2,1	2	1,5			2	1,8
<b>Poucos</b>	9	6,4	10	7,5	5	4,3	12	10,8
<b>Menos de metade</b>	5	3,6	3	2,3	1	0,9	2	1,8
<b>Metade</b>	20	14,3	9	6,8	8	6,8	5	4,5
<b>Mais de metade</b>	50	35,7	51	38,3	49	41,9	30	27,0
<b>Todos</b>	45	32,1	51	38,3	51	43,6	55	49,5
<b>Não sei</b>	8	5,8	7	5,3	2	1,7	4	3,6
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	116	99,2	110	99,0
<i>Missing</i>					1	0,8	1	1,0
<b>Total</b>					117	100,0	111	100,0

É com alguma apreensão que verificamos que em qualquer dos anos de escolaridade, a maior parte das respostas recaem sobre as opções Mais de metade ou Todos os amigos do grupo consomem bebidas alcoólicas. Enquanto no 9.º e 10.º anos a maior parte dos alunos refere que mais de metade dos amigos consome álcool, já no 11.º e 12.º anos, a maior parte relata que todos os amigos consomem bebidas alcoólicas, pelo que podemos mais uma vez concluir que este consumo aumenta com a faixa etária.

Estes resultados estão em coerência com outros que encontramos (como por exemplo o resultado da questão anterior), pois cerca de 69% dos jovens consome álcool com os amigos, donde se infere que a maior parte dos seus amigos consome álcool.

➤ **Já alguma vez ficou embriagado?**

Verificamos na Tabela 36, que a maior parte da amostra (cerca de 41%) refere que nunca se embriagou.

Apesar de mais de metade dos alunos do 9.º ano (54,3%) referir que nunca se embriagou, cerca de 19% já se embriagou entre duas a três vezes e cerca de 17% já se embriagou mais de 4 vezes, sendo estes resultados bastante preocupantes. Um aluno refere já se ter embriagado mais de dez vezes.

Em relação ao 10.º ano, apesar da maior parte dos alunos referir que nunca se embriagou (41,3%), em seguida temos 22,6% de alunos que se embriagaram entre 4 a 10 vezes.

No 11.º ano continuamos a ter a maior parte dos alunos (36,7%) sem nunca se ter embriagado e os restantes alunos distribuem-se de modo semelhante pelas outras opções, havendo 18 alunos (15,4%) que já se embriagou mais do que dez vezes.

Também no 12.º ano continuamos a ter a maior parte dos alunos sem nunca se ter embriagado, apesar de se registar um decréscimo (29,7%). Os restantes alunos distribuem-se essencialmente pelas opções em que se embriagaram mais de duas vezes.

Do 9.º para o 12.º ano verificamos que a percentagem de alunos que nunca se embriagou diminuiu de 54,3% para 29,7%, havendo no 11.º e 12.º ano maior número de alunos que se embriagou mais de 10 vezes.

Tabela 36

Frequências absolutas e percentagens da variável “Já alguma vez ficou embriagado?”

Ocorrência de embriaguez	9.º ano		10.º ano		11.º ano		12.º ano	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
<b>Nunca</b>	76	54,3	55	41,3	43	36,7	33	29,7
<b>1 vez</b>	13	9,3	21	15,8	19	16,2	6	5,4
<b>2-3 vezes</b>	27	19,3	25	18,8	18	15,4	24	21,6
<b>4-10 vezes</b>	23	16,4	30	22,6	18	15,4	24	21,6
<b>+ 10 vezes</b>	1	0,7			18	15,4	23	20,8
<b>Total</b>	140	100,0	131	98,5	116	99,1	110	99,1
<b>Missing</b>			2	1,5	1	0,9	1	0,9
<b>Total</b>			133	100,0	117	100,0	111	100,0

Tendo em conta resultados referidos anteriormente na Tabela 24, apenas doze alunos (8,6%) do 9.º ano, treze alunos (9,8%) do 10.º ano, cinco alunos (4,3%) do 11.º ano e seis alunos (5,4%) do 12.º ano nunca consumiram álcool.

Considerando a prevalência da embriaguez ao longo da vida, segundo o ECATD (2011) verifica-se um aumento contínuo com o aumento da idade e nos alunos mais novos, com 13 e 14 anos, verifica-se um aumento da prevalência da embriaguez de 2003 para 2007. Já para os alunos mais velhos, com idades entre os 15 e os 18 anos, verifica-se uma diminuição da prevalência da embriaguez de 2003 para 2007, aumentando novamente para 2011. A prevalência da embriaguez ao longo da vida sofreu um aumento em 2011, com o aumento da faixa etária, sendo de 8,4% aos 13 anos, de 15,8% aos 14 anos, de 25,3% aos 15 anos, de 38,6% aos 16 anos, de 47,2% aos 17 anos e de 53,9% aos 18 anos. Segundo o *ESPAD* (2012), a prevalência da embriaguez é de 47%, sendo de 8% para adolescentes de 13 anos e de 54% para os jovens de 18 anos.

De acordo com os resultados do INME (2011) para os alunos do 3.º ciclo de ensino básico, em 2006 já 14% haviam experienciado o estado de embriaguez, bem como 13% dos alunos em 2011. No ensino secundário, cerca de 34% dos alunos em 2006 já havia ficado embriagado, bem como 42% dos alunos em 2011.

No estudo *HBSC* (2012), 8% dos rapazes e 4% das raparigas já haviam ficado embriagados quatro vezes ou mais.

Os 76 alunos do 9.º ano, os 55 alunos do 10.º ano, os 43 alunos do 11.º ano e os 33 alunos do 12.º ano que referiram nesta questão que nunca se embriagaram (41% da amostra total), não responderam às próximas catorze questões, por indicação nossa no questionário, por se referenciar a comportamentos relacionados com a embriaguez. Assim, consideramos apenas um total de 294 respostas válidas.

➤ **Com que frequência costuma ficar embriagado?**

Analisando a Tabela 37, quase metade dos alunos do 9.º ano (48,4%) e mais de metade dos alunos de 10.º, 11.º e 12.º ano, referem que se embriagaram menos de doze vezes por ano, o que dá uma média de menos de uma bebedeira/embriaguez por mês. Contudo, 28,1% dos alunos do 9.º ano, 21,9% dos alunos do 10.º ano, 24,3% do 11.º ano e 25,6% dos alunos do 12.º ano costuma embriagar-se uma a duas vezes por mês. De realçar também o facto de 18,8% dos alunos do 9.º ano referirem que se embriagam 1 a 2 vezes por semana, principalmente ao fim de semana.

Tabela 37  
Frequências absolutas e percentagens da variável “Com que frequência costuma ficar embriagado?”

Frequência de embriaguez	9.º ano		10.º ano		11.º ano		12.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
-12 vezes/ano	31	48,4	50	64,1	48	64,9	52	66,7
1-2 vezes/mês	18	28,1	17	21,9	18	24,3	20	25,6
1-2 vezes/ semana fds	12	18,8	4	5,1	6	8,1	2	2,6
1-2 vezes/ semana qq dia	1	1,6					1	1,3
+ 8 vezes/mês			3	3,8	2	2,7		
<b>Total</b>	62	96,9	74	94,9	74	100,0	75	96,2
<i>Missing</i>	2	3,1	4	5,1			3	3,8
<b>Total</b>	64	100,0	78	100,0			78	100,0

Estes resultados são bastante preocupantes, pois levam-nos a pensar que grande parte dos consumos de álcool dos jovens são geralmente abusivos.

No ECATD (2011), se considerarmos a embriaguez nos últimos 12 meses verifica-se uma diminuição da sua prevalência em todas as faixas etárias, de 2003 para 2007, voltando a aumentar em 2011, apresentado os valores de 5,7% para os 13 anos, 13% para os 14 anos, 19,3% para os 15 anos, 31,2% para os 16 anos 37,7% para os 17 anos e 44,1% para os 18 anos.

Tendo em conta a prevalência da embriaguez na atualidade, ou seja, nos últimos 30 dias, obteve-se uma diminuição de 2003 para 2007 entre os 15 e os 18 anos, tendo aumentado nos alunos de 13 anos e estabilizado nos alunos com 14 anos. De 2007 para 2011, tendência foi oposta, pois a prevalência de embriaguez diminuiu nos alunos mais novos, com idades entre os 13 e os 15 anos, aumentando nos alunos mais velhos com

idades entre os 16 e os 18 anos. Ao longo dos anos do estudo, a prevalência de embriaguez foi quase sempre superior nos rapazes do que nas raparigas. A prevalência de embriaguez nos últimos trinta dias foi de 2,1% para os alunos de 13 anos, de 5,3% para os de 14 anos, de 8,3% para os de 15 anos, de 14,6% para os de 16 anos, de 15,6% para os 17 anos e de 22,7% para os de 18 anos.

Considerando os resultados do relatório *ESPAD* (2012), a embriaguez nos últimos 12 meses é de 37% e a atual nos últimos 30 dias é 17% (sendo 2% para os alunos de 13 anos e 23% para os de 18 anos). Em Portugal a prevalência de embriaguez nos últimos 30 dias é ligeiramente inferior à média da totalidade dos países participantes, sendo de 14%.

Segundo o INME (2011), os alunos do 3.º ciclo do ensino básico apresentam uma prevalência de embriaguez recente, ou seja, nos últimos 12 meses de 11% e uma prevalência atual, nos últimos 30 dias de 7%. Já no ensino secundário, a prevalência recente de embriaguez aumentou de 2006 para 2011, de 29% para 37% e a atual também aumentou de 2006 para 2011 de 16% para 21%.

Se considerarmos os resultados do *HBSC* (2012), relativos à prevalência atual de embriaguez, ou seja, nos últimos 30 dias, esta é de 7%, 1 a 2 vezes e 2,2%, para 3 vezes ou mais.

➤ **Já alguma vez teve que ser hospitalizado(a), devido a consumo excessivo de álcool?**

Da análise da Tabela 38, verificamos que cerca de 93% dos alunos do 9.º ano, 94,9% dos alunos do 10.º ano, 95,9% dos alunos do 11.º ano e 94,9% dos alunos do 12.º ano que já se embriagaram, nunca necessitaram de ser hospitalizados, correspondendo a cerca de 95% do total da amostra.

Contudo, 10 alunos dos quatro anos de escolaridade já foram hospitalizados uma vez devido ao estado de embriaguez, tendo 1 aluno do 9.º ano já sido hospitalizado mais de três vezes.

Tabela 38

Frequências absolutas e percentagens da variável “Já alguma vez teve que ser hospitalizado(a), devido ao consumo excessivo de álcool?”

<i>Ocorrência de hospitalização devido a consumo excessivo de álcool</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Nunca</b>	59	92,2	74	94,9	71	95,9	74	94,9
<b>Uma vez</b>	3	4,6	2	2,5	2	2,7	3	3,8
<b>Mais de 3 vezes</b>	1	1,6						
<b>Total</b>	63	98,4	76	97,4	73	98,6	77	98,7
<i>Missing</i>	1	1,6	2	2,6	1	1,4	1	1,3
<b>Total</b>	64	100,0	78	100,0	74	100,0	78	100,0

### ➤ Principais efeitos do consumo de álcool

Dos principais efeitos que o álcool exerce sobre os jovens, verifica-se que a alegria é o mais referido.

Como os alunos podiam escolher um número indeterminado de opções, verifica-se uma grande dispersão por diferentes respostas, pelo que optámos por não apresentar a tabela.

No 9.º ano, para um total de 64 alunos, 14,1% refere ser a alegria o principal efeito, estando 81,6% das opções associadas à alegria, seguindo-se 12,5% euforia, alegria e excitação.

No 10.º ano, no total de 78 alunos, cerca de 9% refere obter euforia, tonturas, desinibição, alegria, enjoos, excitação e também 9% obtém alegria, desinibição, excitação, sendo também a alegria o efeito que está associado a mais opções, com 81,1%.

No 11.º ano, considerámos um total de 74 alunos, onde 13,5% das preferências recaem sobre euforia, desinibição, alegria, excitação, 12,2% para alegria e 12,2% euforia, tonturas, desinibição, alegria, enjoos, excitação. A alegria também é o efeito mais selecionado e associado a 85,7% das opções.

No 12.º ano, para um total de 78 alunos, 11,5% das opções incidem sobre euforia, desinibição, alegria, excitação, 9% sobre desinibição e alegria; 9% euforia, tonturas, desinibição, alegria, enjoos, excitação. Também no 12.º ano a alegria está associada a 77,1% das opções.

Cruzando estes dados com os encontrados sobre os principais efeitos que se procuram no consumo, os alunos relatam essencialmente diversão e alegria, sendo esta um dos efeitos que o álcool mais exerce sobre os jovens.

➤ **Numa escala de 1 a 5, indique o grau de embriaguez que experienciou na última vez que consumiu bebidas alcoólicas, em excesso?**

No 9.º, 10.º e 12.º anos, a maior parte dos alunos (35,9%, 34,6% e 35,9%, respetivamente) refere ter ficado embriagado, na última vez que consumiu álcool, correspondendo a cerca de 35% do total da amostra. Já a maior parte dos alunos do 11.º ano (35,1%) refere ter ficado apenas um pouco embriagado. De realçar que um aluno do 9.º ano, dois do 10.º ano, três do 11.º ano e um do 12.º ano ficaram em coma alcoólica, na última ocasião de embriaguez (Tabela 39).

Tabela 39  
Frequências absolutas e percentagens da variável “Numa escala de 1 a 5, indique o grau de embriaguez que experienciou na última vez que consumiu bebidas alcoólicas, em excesso?”

Grau de embriaguez, no último consumo	9.º ano		10.º ano		11.º ano		12.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Nada embriagado	6	9,4	3	3,8	8	10,8	10	12,8
Um pouco embriagado	22	34,4	24	30,8	26	35,1	27	34,6
Embriagado	23	35,9	27	34,6	24	32,4	28	35,9
Bastante embriagado	11	17,2	19	24,4	13	17,6	11	14,1
Coma alcoólica	1	1,6	2	2,6	3	4,1	1	1,3
<b>Total</b>	63	98,5	75	96,2	74	100,0	77	98,7
<i>Missing</i>	1	1,5	3	3,8			1	1,3
<b>Total</b>	64	100,0	78	100,0			78	100,0

➤ **Costuma consumir rápida e repetidamente bebidas alcoólicas/"binge drinking"?**

Na Tabela 40 observamos que, cerca de 33% dos alunos do 9.º ano, 39,7% do 10.º ano, 20,3% do 11.º ano e 11,5% do 12.º ano, costuma consumir rápida e repetidamente bebidas alcoólicas, o que conduz rapidamente a um estado de

embriaguez. Contudo, cerca de 72% da totalidade da amostra refere que não costuma praticar o *binge drinking*.

De acordo com resultados anteriores, os alunos consomem preferencialmente bebidas espirituosas e cerveja, na procura de alegria.

Tabela 40  
 Frequências absolutas e percentagens da variável “Costuma consumir rápida e repetidamente bebidas alcoólicas (“binge drinking”)”?

Prática do <i>binge drinking</i>	9.º ano		10.º ano		11.º ano		12.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
<b>Sim</b>	21	32,8	31	39,7	15	20,3	9	11,5
<b>Não</b>	42	65,6	45	57,7	59	79,7	67	85,9
<b>Total</b>	63	98,4	76	97,4	74	100,0	76	97,4
<i>Missing</i>	1	1,6	2	2,6			2	2,6
<b>Total</b>	64	100,0	78	100,0			78	100,0

Tendo em conta os resultados do ECATD (2011), o consumo excessivo apresenta um aumento contínuo dos 13 para os 18 anos, ao longo dos vários anos do estudo, sendo o aumento bastante acentuado de 2003 para 2007, em todas as faixas etárias. Em 2003, cerca de 7% dos alunos com 13 anos praticam *binge drinking*, mas em 2007 aumentou para cerca de 21%. Quanto aos alunos com 18 anos, cerca de 30% praticam *binge drinking* em 2003, aumentando para cerca de 67% em 2007. Em 2011, a prática do *binge drinking* sofre um aumento em todas as faixas etárias, sendo de 7,9% para os 13 anos, de 15% para os 14 anos, de 21% para os 15%, de 30,9% para os 16 anos, de 35,5% para os 17 anos e de 42,8% para os alunos de 18 anos.

Segundo o relatório *ESPAD* (2012), cerca de metade dos alunos dos diferentes países participantes já praticaram o *binge drinking*, tendo 39% dos jovens consumido rápida e repetidamente bebidas alcoólicas, nos últimos 30 dias. Em Portugal, a prevalência do *binge drinking* situa-se abaixo da média dos países participantes no *ESPAD*, com 22% dos alunos a ter esta prática.

O INME (2011) estudou apenas a prática do *binge drinking* no questionário de 2011, pelo que 38% dos alunos do 3.º ciclo do ensino básico apresentam um consumo abusivo e esporádico ao longo da vida e 17% fê-lo recentemente, nos últimos 12 meses, enquanto no ensino secundário, 55% dos alunos já praticaram o *binge drinking* ao longo da vida, tendo 50% praticado nos últimos 12 meses.

De acordo com o *HBSC* (2012), verifica-se uma diminuição do consumo regular de álcool, mas não do seu abuso episódico (esporádico).

Os 42 alunos do 9.º ano, os 45 alunos do 10.º ano, os 59 do 11.º ano e os 67 alunos do 12.º ano que referiram que não costumam consumir rápida e repetidamente bebidas alcoólicas não responderam à questão seguinte, por indicação nossa no questionário, pelo que consideramos apenas 81 respostas válidas.

➤ **Quando pratica o *binge drinking*, quantas bebidas costuma consumir?**

Considerando apenas os alunos que referiram na questão anterior que costumavam praticar o *binge drinking*, verificamos na Tabela 41 que 22,8% dos alunos do 9.º ano costuma consumir muitas bebidas, não conseguindo contabilizar. No 10.º ano, a maior parte dos alunos (21,2%) costuma consumir 4 bebidas, no 11.º ano, 20% dos alunos consome 2 bebidas e a mesma percentagem consome 3 bebidas e no 12.º ano, a maior parte consome 4 bebidas.

Tabela 41  
Frequências absolutas e percentagens da variável “Quando pratica o *binge drinking*, quantas bebidas costuma consumir?”

N.º de bebidas	9.º ano		10.º ano		11.º ano		12.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
1			1	3,0	1	6,7		
2	3	13,7	6	18,2	3	20,0	2	18,2
3	4	18,3	3	9,1	3	20,0	4	36,4
4	1	4,5	7	21,2	1	6,7		
5	2	9,1	2	6,1	2	13,3		
6	1	4,5	4	12,1	2	13,3		
7	1	4,5						
8			1	3,0				
Muitas	5	22,8	1	3,0			1	9,1
15	1	4,5						
20	1	4,5					1	9,1
Não sei	1	4,5						
<b>Total</b>	20	90,9	25	75,7	12	80,0	8	72,8
<i>Missing</i>	2	9,1	8	24,3	3	20,0	3	27,2
<b>Total</b>	22	100,0	33	100,0	15	100,0	11	100,0

Cruzando com dados anteriores, os alunos consomem preferencialmente bebidas espirituosas e cerveja, e se as consomem rapidamente é para obterem essencialmente alegria.

Segundo o relatório *ESPAD* (2012), cerca de 39% dos alunos consome cinco ou mais bebidas.

➤ **Já alguma vez tentou reduzir voluntariamente o consumo de álcool?**

A maior parte dos alunos da totalidade da amostra (cerca de 61%) refere que nunca tentou reduzir voluntariamente o consumo de álcool.

Com base na análise da Tabela 42, verificamos que 20,3% dos alunos do 9.º ano, 17,9% dos alunos do 10.º ano, 24,3% dos do 11.º e 30,8% dos alunos do 12.º ano já tentaram reduzir voluntariamente o consumo de álcool, pelo que poderemos deduzir que consideram que consomem álcool demais. Os anos em que se verificou maior número de alunos a tentar reduzir o consumo de álcool foram 11.º e 12.º ano, que são os anos onde há uma elevada percentagem de alunos a referir na questão *Já alguma vez ficou embriagado?*, que já se embriagaram mais do que 10 vezes.

Tabela 42  
Frequências absolutas e percentagens da variável “Já alguma vez tentou reduzir voluntariamente o consumo de álcool?”

<i>Redução voluntária do consumo de álcool</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Não</b>	33	51,6	52	66,7	45	60,8	48	61,5
<b>Pensei, mas não tentei</b>	16	25,0	10	12,8	11	14,9	5	6,4
<b>Já tentei</b>	13	20,3	14	17,9	18	24,3	24	30,8
<b>Total</b>	62	96,9	76	97,4	74	100,0	77	98,7
<i>Missing</i>	2	3,1	2	2,6			1	1,3
<b>Total</b>	64	100,0	78	100,0			78	100,0

➤ **Acha que é fácil reduzir voluntariamente o consumo de bebidas alcoólicas?**

Verificamos na Tabela 43, que mais de metade dos alunos de cada um dos quatro anos de escolaridade (48,4% no 9.º ano, 39,7% no 10.º ano, 51,4% no 11.º ano e

51,3% no 12.º ano) considera que é fácil reduzir voluntariamente o consumo de bebidas alcoólicas e em seguida, considera ser muito fácil. Provavelmente, esta ideia errônea dos alunos contribui para que eles tenham consumos mais abusivos e irresponsáveis de bebidas alcoólicas, não medindo o perigo das consequências desses consumos.

Tabela 43  
Frequências absolutas e percentagens da variável “Acha que é fácil reduzir voluntariamente o consumo de bebidas alcoólicas?”

<i>Facilidade de redução voluntária do consumo de álcool</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Muito fácil</b>	16	25,0	27	34,6	22	29,7	24	30,8
<b>Fácil</b>	31	48,4	31	39,7	38	51,4	40	51,3
<b>Difícil</b>	14	21,9	16	20,5	13	17,6	9	11,5
<b>Muito difícil</b>	2	3,1	2	2,6			4	5,1
<b>Total</b>	63	98,5	76	97,4	73	98,7	77	98,7
<i>Missing</i>	1	1,5	2	2,6	1	1,3	1	1,3
<b>Total</b>	64	100,0	78	100,0	74	100,0	78	100,0

➤ **Quando está embriagado costuma consumir outras substâncias?**

Também cerca de metade dos alunos dos quatro anos de escolaridade (42,2% no 9.º ano, 48,7% no 10.º ano, 58,1% no 11.º ano e 48,7% no 12.º ano) refere que nunca costuma consumir outras substâncias quando está embriagado. Contudo, 25% dos alunos do 9.º ano, 6,4% do 10.º ano, 10,8% do 11.º ano e 16,7% do 12.º ano costumam fazê-lo frequentemente (Tabela 44).

Tabela 44

Frequências absolutas e percentagens da variável “Quando está embriagado costuma consumir outras substâncias psicoativas?”

Consumo de outras substâncias quando embriagado	9.º ano		10.º ano		11.º ano		12.º ano	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
<b>Nunca</b>	27	42,2	38	48,7	43	58,1	38	48,7
<b>Raramente</b>	7	10,9	20	25,6	11	14,9	15	19,2
<b>Ocasionalmente</b>	11	17,2	13	16,7	12	16,2	11	14,1
<b>Frequentemente</b>	16	25,0	5	6,4	8	10,8	13	16,7
<b>Total</b>	61	95,3	76	97,4	74	100,0	77	98,7
<b>Missing</b>	3	4,7	2	2,6			1	1,3
<b>Total</b>	64	100,0	78	100,0			78	100,0

Os alunos que referiram nesta questão que nunca consumiram outras substâncias, quando estão embriagados, não responderam à questão seguinte, por indicação nossa, no questionário. Assim, na próxima questão temos apenas 37 respostas válidas no 9.º ano, 40 no 10.º ano, 31 no 11.º ano e 40 no 12.º ano, perfazendo um total de 148 respostas válidas.

### ➤ Que substâncias costuma consumir?

Analisando os dados da Tabela 45, observamos nas 37 respostas válidas no 9.º ano, nas 40 no 10.º ano, nas 31 no 11.º ano e nas 40 no 12.º ano, verificamos que a substância mais consumida pela maior parte destes alunos, quando estão embriagados é o tabaco (cerca de 76% do total da amostra), seguindo-se a *cannabis*. O consumo de álcool favorece o policonsumo.

Tabela 45

Frequências absolutas e percentagens da variável “Que outras substâncias costuma consumir quando está embriagado?”

Substâncias que consome quando está embriagado	9.º ano		10.º ano		11.º ano		12.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Tabaco	26	70,3	29	72,5	24	74,4	34	85,0
Cocaína	1	2,7						
Haxixe	1	2,7						
Tabaco, haxixe	3	8,1	3	7,5	5	16,2	2	5,0
Tabaco, <i>ecstasy</i> , haxixe	1	2,7						
Tabaco, haxixe, <i>cannabis</i>	4	10,8	2	5,0	1	3,2		
Tabaco, cocaína, <i>ecstasy</i> , haxixe			1	2,5				
Tabaco, cocaína, heroína, <i>ecstasy</i>			1	2,5				
Tabaco e “Xixa”			1	2,5	1	3,2		
Tabaco e <i>cannabis</i>							1	2,5
Cocaína, heroína, haxixe e <i>cannabis</i>							1	2,5
<b>Total</b>	36	97,3	37	92,5	31	100,0	38	95,0
<i>Missing</i>	1	2,7	3	7,5			2	5,0
<b>Total</b>	37	100,0	40	100,0			40	100,0

Mais acresce que, os nossos dados também estão de acordo com os obtidos por outros estudos nacionais e internacionais, como o ECATD (2011), *ESPAD* (2012), *HBSC* (2012) e INME (2011), que referem que as substâncias mais consumidas, a seguir ao álcool, são o tabaco e a *cannabis*.

De acordo com os dados do ECATD (2011), o álcool também é a droga mais consumida pelos jovens, seguindo-se o tabaco e a *cannabis*, verificando-se de 2007 para 2011 um aumento, em todas as faixas etárias em estudo, do consumo conjunto de álcool e tabaco. Ainda de acordo com este estudo e tendo em conta os últimos 30 dias, verifica-se que a droga mais consumida juntamente com o álcool é o tabaco, havendo um aumento desta conjugação de consumos, com o aumento da faixa etária, sendo de 5,3% para os 13 anos, de 10,4% para os 14 anos, de 17,2% para os 15 anos, de 26,7% para os 16 anos, de 28,2% para os 17 anos e de 33,5% para os alunos com 18 anos.

Analisando os resultados do *ESPAD* (2012), 54% dos estudantes participantes já consumiram tabaco e 19% já consumiram *cannabis*. Também o estudo *HBSC* (2012),

está de acordo com estes resultados, sendo o tabaco a segunda droga mais consumida (a seguir ao álcool), com 30% de prevalência de consumo ao longo da vida, sendo a *cannabis*, a droga ilícita mais consumida por cerca de 2% dos jovens.

➤ **Quando consome bebidas alcoólicas costume envolver-se em brigas/lutas?**

Na Tabela 46, a maior parte dos jovens dos quatro anos de escolaridade (cerca de 81%) não se envolve em brigas, quando consome bebidas alcoólicas. Contudo, um aluno do 11.º ano e outro do 12.º ano costuma envolver-se em brigas frequentemente.

Tabela 46  
Frequências absolutas e percentagens da variável “Quando consome bebidas alcoólicas costuma envolver-se em brigas/lutas?”

Frequência de brigas/lutas sob efeito de bebidas alcoólicas	9.º ano		10.º ano		11.º ano		12.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
<b>Nunca</b>	51	79,7	64	82,1	62	83,8	62	79,5
<b>Muito raramente</b>	8	12,5	11	14,1	11	14,9	12	15,4
<b>Ocasionalmente</b>	4	6,3	1	1,3				
<b>Frequentemente</b>					1	1,3	1	1,3
<b>Total</b>	63	98,5	76	97,5	74	100,0	75	96,2
<i>Missing</i>	1	1,5	2	2,5			3	3,8
<b>Total</b>	64	100,0	78	100,0			78	100,0

De acordo com o relatório *ESPAD* (2012), cerca de 12% dos respondentes já se envolveram em lutas físicas.

➤ **Quando consome bebidas alcoólicas, costuma ter relações sexuais sem preservativo/de risco?**

Verificamos que na Tabela 47, mais de metade dos alunos do 9.º ano (56,3%) e do 10.º ano (51,3%), quase metade dos alunos do 11.º ano (45,9%) e 29,5% dos alunos do 12.º ano nunca tiveram relações sexuais de risco, sem preservativo, sob o efeito do álcool, correspondendo a cerca de 45% da amostra total. A maior parte dos alunos do 12.º ano (42,3%) já teve relações sexuais, mas sem estarem sob o efeito do álcool, bem

como 26,6% dos alunos do 9.º ano, 38,5% dos alunos do 10.º ano e 40,5% dos alunos do 11.º ano. Contudo, um aluno do 9.º ano, outro do 11.º ano e dois do 12.º ano costumam ter relações sexuais de risco, sem preservativo, frequentemente, quando consomem bebidas alcoólicas.

Tabela 47  
Frequências absolutas e percentagens da variável “Quando consome bebidas alcoólicas, costuma ter relações sexuais sem preservativo/de risco?”

Frequência de relações sexuais de risco sob efeito de bebidas alcoólicas	9.º ano		10.º ano		11.º ano		12.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
<b>Nunca</b>	36	56,3	40	51,3	34	45,9	23	29,5
<b>Sim, mas sem álcool</b>	17	26,6	30	38,5	30	40,5	33	42,3
<b>Muito raramente</b>	6	9,4	5	6,4	5	6,8	14	17,9
<b>Ocasionalmente</b>	3	4,7			1	1,4	1	1,3
<b>Frequentemente</b>	1	1,6			1	1,4	2	2,6
<b>Total</b>	63	98,6	75	96,2	71	96,0	73	93,6
<b>Missing</b>	1	1,4	3	3,8	3	4,0	5	6,4
<b>Total</b>	64	100,0	78	100,0	74	100,0	78	100,0

De acordo com o relatório de *HBSC* (2012), cerca de 13% dos adolescentes referem ter tido relações sexuais de risco, associadas ao consumo de álcool, pertencendo 16,5% dos alunos ao 8.º ano e 11,2% ao 10.º ano. Segundo o *ESPAD* (2012), cerca de 9% dos jovens já tiveram relações sexuais de risco, sem proteção e 7% refere que teve relações sexuais de risco, das quais se arrependeram no dia seguinte.

➤ **Alguma vez conduziu embriagado (alterado pelo efeito do álcool)?**

Analisando a Tabela 48, verificamos que a maioria dos alunos (75% do 9.º ano, 92,3% do 10.º ano, 89,1% do 11.º ano e 87,1% do 12.º ano) nunca conduziu embriagado, ou seja, sob o efeito do álcool, correspondendo a cerca de 86% da totalidade da amostra.

Estamos a falar de jovens que frequentam desde o 9.º até ao 12.º ano, pelo que predominam jovens menores de idade, não possuindo carta de condução.

No 9.º ano existem dois alunos com idade superior ou igual a 18 anos, pelo que apenas estes poderiam ter carta de condução. Contudo, verificamos que treze alunos já conduziram embriagados, havendo um aluno que o faz com frequência.

No 10.º ano temos três alunos com idade superior ou igual a 18 anos, mas temos quatro alunos que conduziram uma vez, sob o efeito do álcool.

No 11.º ano há doze alunos com idade superior ou igual a 18 anos e sete alunos já conduziram pelo menos uma vez, sob o efeito do álcool.

Já no 12.º ano, temos sessenta alunos que atingiram a maioridade e 8 já conduziram, pelo menos uma vez, sob o efeito do álcool, havendo um aluno que o faz frequentemente.

Tabela 48

*Frequências absolutas e percentagens da variável “Alguma vez conduziu embriagado/alterado pelo efeito do álcool?”*

<i>Frequência de condução sob o efeito do álcool</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Nunca</b>	48	75,0	72	92,3	66	89,1	68	87,1
<b>Uma vez</b>	9	14,1	4	5,1	6	8,1	5	6,4
<b>Ocasionalmente</b>	3	4,7			1	1,4	2	2,6
<b>Frequentemente</b>	1	1,6					1	1,3
<b>Total</b>	61	95,4	76	97,4	73	98,6	76	97,4
<b>Missing</b>	3	4,6	2	2,6	1	1,4	2	2,6
<b>Total</b>	64	100,0	78	100,0	74	100,0	78	100,0

A questão seguinte só foi respondida, por indicação do questionário, por alunos que referiram que já haviam conduzido alguma vez sob o efeito do álcool. Assim, temos apenas dezasseis respostas válidas no 9.º ano, seis no 10.º ano, oito no 11.º ano e dez no 12.º ano, correspondendo a um total de 40 respostas válidas.

➤ **Que meio de transporte conduziu embriagado (alterado pelo efeito do álcool)?**

Nesta questão obtivemos 16 respostas válidas no 9.º ano, 6 no 10.º ano, 8 no 11.º ano e 10 no 12.º ano.

É com preocupação e apreensão que verificamos na Tabela 49, que cinco alunos do 9.º ano, um do 10.º ano, dois do 11.º ano e seis alunos do 12.º ano já conduziram automóveis, sendo necessário licença própria, só podendo ser obtida, com mais de 18 anos. Conforme o referido na resposta anterior, há que realçar que a maior parte dos alunos que indica que já havia conduzido um meio de transporte, alterado sob o efeito do álcool, não apresenta a maioria, pelo que seguramente ainda não possui carta de condução.

Relativamente à condução de motociclos, cinco alunos do 9.º ano, um aluno do 10.º ano, dois do 11.º anos e outros dois do 12.º ano, referem que já conduziram motociclo, sob o efeito do álcool. Para conduzir motociclo, os jovens já podem obter a licença a partir dos 16 anos, pelo que no 9.º ano temos vinte e dois alunos com idade superior ou igual a 16 anos, no 10.º ano temos setenta alunos e tanto no 11.º ano como no 12.º ano, todos os alunos apresentam idade superior ou igual a 16 anos.

Assim, se o fazem, não basta não terem carta de condução, mas também o facto de conduzirem alterados pelo efeito do álcool, pondo em risco a sua vida e a de terceiros.

Tabela 49

*Frequências absolutas e percentagens da variável “Que meio de transporte conduziu embriagado/alterado pelo efeito do álcool?”*

<i>Meio de transporte conduzido sob o efeito do álcool</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Automóvel</b>	4	25,1	1	16,7	1	12,5	6	60,0
<b>Motociclo</b>	4	25,1	1	16,7	4	50,0	2	20,0
<b>Bicicleta</b>	4	25,1	2	33,3	2	25,0	1	10,0
<b>Todos</b>	1	6,2						
<b>Automóvel, motociclo</b>	1	6,2			1	12,5		
<b>Motociclo, bicicleta</b>	1	6,2						
<b>Total</b>	15	93,9	4	66,7	8	100,0	9	90,0
<b>Missing</b>	1	6,1	2	33,3			1	10,0
<b>Total</b>	16	100,0	6	100,0			10	100,0

David Nutt (2007) classificou o álcool como a droga mais perigosa, por ser aquela que provoca, simultaneamente, mais danos ao próprios e aos outros.

➤ **Alguma vez andou de carro ou de moto com o condutor embriagado (alterado pelo efeito do álcool)?**

Verificamos na Tabela 50 que mais de metade dos alunos (cerca de 59%) dos quatro anos de escolaridade (50,5% no 9.º ano, 63,2% no 10.º e também no 11.º ano e 59,5% no 12.º ano) refere que nunca andou de carro ou de moto, com um condutor embriagado. Contudo, quatro alunos do 9.º ano, outros quatro do 10.º ano e um aluno do 12.º ano referem que andam frequentemente com condutor embriagado.

Tabela 50  
Frequências absolutas e percentagens da variável “Alguma vez andou de carro ou de moto com o condutor embriagado/alterado pelo efeito do álcool?”

<i>Frequência de ser conduzido por condutor sob o efeito do álcool</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Nunca</b>	71	50,7	84	63,2	74	63,2	66	59,5
<b>Uma vez</b>	35	25,0	28	21,1	23	19,7	21	18,9
<b>Ocasionalmente</b>	23	16,4	14	10,5	16	13,7	21	18,9
<b>Frequentemente</b>	4	2,9	4	3,0			1	0,9
<b>Total</b>	133	95,0	130	97,7	113	96,6	109	98,2
<i>Missing</i>	7	5,0	3	2,3	4	3,4	2	1,8
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	117	100,0	111	100,0

➤ **Se um amigo lhe oferecesse agora uma bebida alcoólica, como reagiria?**

Observamos na Tabela 51 que, apenas no 12.º ano de escolaridade, a maior parte dos alunos (55,9%) refere que recusava, caso um amigo lhe oferecesse uma bebida alcoólica. Contudo, no 9.º, no 10.º e no 11.º anos, a maior parte dos alunos (41,4% no 9.º ano, 37,6% no 10.º ano e 35% no 11.º ano) refere que a sua opção de aceitar ou não dependia do amigo que oferecesse a bebida alcoólica e são os alunos do 9.º ano que apresentam maior percentagem de aceitação da bebida alcoólica (25,9%).

Tabela 51

Frequências absolutas e percentagens da variável "Se um amigo lhe oferecesse agora uma bebida alcoólica, como reagiria?"

<i>Reação à oferta de uma bebida alcoólica</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Recusava</b>	36	25,7	39	29,3	39	33,3	62	55,9
<b>Aceitava</b>	36	25,7	26	19,5	24	20,5	14	12,6
<b>Dependia do amigo</b>	58	41,4	50	37,6	41	35,0	25	22,5
<b>Não sei</b>	8	5,7	10	7,5	7	6,0	8	7,2
<b>Dependia da bebida</b>	2	1,4	3	2,3	3	2,6		
<b>Se a bebida estivesse fresca, sim</b>			2	1,5				
<b>Dependia do estado de espírito</b>			1	0,8	1	0,9	1	0,9
<b>Dependia do sítio, hora e ocasião</b>			1	0,8				
<b>Dependia da bebida e do amigo</b>					2	1,7		
<b>Dependia da bebida e da vontade</b>							1	0,9
<b>Total</b>	140	100,0	132	99,2	117	100,0	111	100,0
<i>Missing</i>			1	0,8				
<i>Total</i>			133	100,0				

➤ **Na sua opinião, um consumidor de bebidas alcoólicas é uma pessoa:**

Quanto à opinião dos jovens acerca de um consumidor de bebidas alcoólicas, esta foi bastante divergente, porque no questionário havia várias alternativas e os alunos poderiam seleccionar todas as opções que considerassem ou referir ainda outras. Contudo, houve quatro ou cinco opções mais escolhidas.

No 9.º ano 10,7% considera que uma pessoa que consome bebidas alcoólicas é segura de si própria e a mesma percentagem acha que é dependente, 9,3% consideram-na divertida e 7,9% exibicionista.

No 10.º ano, 18% considera essa pessoa normal, pois bebe porque gosta, 7,5% considera-a exibicionista, 6,8% segura de si própria e 6% divertida.

No 11.º ano, 15,4% também considera que a pessoa que bebe é normal, considerando 11,1% que é divertida, 6% que é segura e a mesma percentagem considera que é exibicionista.

Também no 12.º ano, cerca de ¼ dos alunos refere que a pessoa que consome álcool é normal, 9,9% é segura de si, 8,1% consideram-na divertida e 5,4% exibicionista.

A maior parte dos alunos considera que a pessoa que consome bebidas alcoólicas é normal, justificando os seus próprios consumos, pois os alunos consomem por considerarem ser um comportamento normal.

➤ **Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou por luta física?**

Tendo em conta os seus hábitos de consumo dos alunos, nos últimos 12 meses, verificamos na Tabela 52, que a grande maioria dos alunos (cerca de 90%), dos quatro anos de escolaridade nunca se envolveu em luta física. Contudo, um aluno do 9.º ano e outro do 12.º ano já se envolveram entre 6 a 10 vezes em lutas físicas e dois alunos do 12.º ano já se envolveram mais de 20 vezes.

Tabela 52

*Frequências absolutas e percentagens da variável “Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou por luta física?”*

<i>N.º de vezes que se envolveu em luta física, nos últimos 12 meses</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>0</b>	124	88,6	115	86,5	111	94,9	99	89,2
<b>1 – 5</b>	14	10,0	11	8,2	6	5,1	6	5,4
<b>6 – 10</b>	1	0,7					1	0,9
<b>Mais de 20</b>							2	1,8
<b>Total</b>	139	99,3	126	94,7	117	100,0	108	97,3
<b>Missing</b>	1	0,7	7	5,3			3	2,7
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0			111	100,0

De acordo com os resultados *ESPAD* (2012), cerca de 12% dos jovens participantes no estudo, envolveram-se em luta física nos últimos 12 meses.

➤ **Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou acidente ou ferimentos?**

Considerando os hábitos de consumo, nos últimos 12 meses, a maioria dos alunos (cerca de 88%), dos quatro anos de escolaridade (90,8% no 9.º ano, 83,5% no 10.º ano, 89,7% no 11.º ano e 87,4% no 12.º ano), nunca passou por acidentes ou ferimentos. Contudo, um aluno do 11.º ano e dois do 12.º ano passaram por acidentes mais de vinte vezes (Tabela 53).

Tabela 53  
*Frequências absolutas e percentagens da variável “Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou por acidentes ou ferimentos?”*

<i>N.º de vezes que passou por acidentes ou ferimentos, nos últimos 12 meses</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>0</b>	127	90,8	111	83,5	105	89,7	97	87,4
<b>1 – 5</b>	9	6,4	11	8,2	9	7,7	8	7,2
<b>6 – 10</b>	3	2,1	1	0,8	2	1,7		
<b>11 – 20</b>			2	1,5			1	0,9
<b>Mais de 20</b>					1	0,9	2	1,8
<b>Total</b>	139	99,3	125	94,0	117	100,0	108	97,3
<i>Missing</i>	1	0,7	8	6,0			3	2,7
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0			111	100,0

De acordo com os resultados *ESPAD* (2012), cerca de 11% dos jovens inquiridos no estudo, passaram por acidentes e/ou ferimentos, nos últimos 12 meses.

➤ **Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou problemas sérios com os pais?**

De acordos com os hábitos de consumo, nos últimos 12 meses, observamos na Tabela 54 que, cerca de 81% dos alunos dos quatro anos de escolaridade (79,3% no 9.º

ano, 78,2% no 10.º ano, 83,8% no 11.º bem como no 12.º ano), nunca passou por problemas sérios com os pais. No entanto, dois alunos do 10.º ano e outros dois alunos do 12.º ano já passaram por problemas com os pais mais de vinte vezes.

Tabela 54

*Frequências absolutas e percentagens da variável “Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou problemas sérios com os pais?”*

<i>N.º de vezes que teve problemas sérios com os pais, nos últimos 12 meses</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>0</b>	111	79,3	104	78,2	98	83,8	93	83,8
<b>1 – 5</b>	25	17,9	17	12,8	18	15,3	8	7,2
<b>6 – 10</b>	3	2,1	3	2,3	1	0,9	4	3,6
<b>11 – 20</b>							1	0,9
<b>Mais de 20</b>			2	1,5			2	1,8
<b>Total</b>	139	99,3	126	94,8	117	100,0	108	97,3
<i>Missing</i>	1	0,7	7	5,2			3	2,7
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0			111	100,0

De acordo com os dados *ESPAD* (2012), cerca de 12% dos jovens responderam que tiveram problemas com os pais e amigos.

➤ **Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou problemas sérios com os amigos?**

Tendo em conta os seus hábitos de consumo, nos últimos 12 meses, cerca de 81% dos alunos da totalidade da amostra (86,5% no 9.º ano, 75,1% no 10.º ano, 86,3% no 11.º ano e 76,6% no 12.º ano) nunca passou por problemas sérios com os amigos (Tabela 55). Contudo, dois alunos já passaram mais de vinte vezes por problemas com os amigos.

Tabela 55

Frequências absolutas e percentagens da variável “Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou problemas sérios com os amigos?”

N.º de vezes que teve problemas sérios com os amigos, nos últimos 12 meses	9.º ano		10.º ano		11.º ano		12.º ano	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
<b>0</b>	121	86,5	100	75,1	101	86,3	85	76,6
<b>1 – 5</b>	15	10,7	24	18,0	14	12,0	19	17,1
<b>6 – 10</b>	3	2,1	1	0,8	2	1,7	2	1,8
<b>11 – 20</b>			1	0,8				
<b>Mais de 20</b>							2	1,8
<b>Total</b>	139	99,3	126	94,7	117	100,0	108	97,3
<i>Missing</i>	1	0,7	7	5,3			3	2,7
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0			111	100,0

Segundo os dados *ESPAD* (2012), cerca de 12% dos jovens responderam que tiveram problemas com os pais e amigos.

➤ **Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, teve fraco desempenho na escola?**

Considerando os seus hábitos de consumo, nos últimos 12 meses, mais uma vez a maior parte dos alunos (cerca de 81%) da totalidade da amostra (75% no 9.º ano, 78,9% no 10.º ano, 83,8% no 11.º ano e 86,5% no 12.º ano) nunca teve fraco desempenho na escola. Contudo, quatro alunos do 9.º ano, um aluno do 10.º ano e três alunos referem ter, frequentemente, fraco desempenho na escola (Tabela 56).

Tabela 56

Frequências absolutas e percentagens da variável “Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, teve fraco desempenho na escola?”

N.º de vezes que teve fraco desempenho na escola, nos últimos 12 meses	9.º ano		10.º ano		11.º ano		12.º ano	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
<b>0</b>	105	75,0	105	78,9	98	83,8	96	86,5
<b>1 – 5</b>	25	17,8	16	12,0	15	12,8	9	8,1
<b>6 – 10</b>	4	2,9	3	2,2	1	0,9		
<b>11 – 20</b>	1	0,7	1	0,8	3	2,5		
<b>Mais de 20</b>	4	2,9	1	0,8			3	2,7
<b>Total</b>	139	99,3	126	94,7	117	100,0	108	97,3
<b>Missing</b>	1	0,7	7	5,3			3	2,7
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0			111	100,0

Segundo o *ESPAD* (2012), 13% dos alunos tiveram mau desempenho académico.

➤ **Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, foi vítima de assalto?**

Nos últimos 12 meses, de acordo com a Tabela 57, a grande maioria dos alunos dos quatro anos de escolaridade (cerca de 95%) nunca foi vítima de assalto. Contudo, um aluno do 9.º ano e dois do 12.º ano referem ter sido vítima de assalto mais de vinte vezes.

Tabela 57

Frequências absolutas e percentagens da variável “Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, foi vítima de assalto?”

N.º de vezes que foi vítima de assalto, nos últimos 12 meses	9.º ano		10.º ano		11.º ano		12.º ano	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
<b>0</b>	135	96,4	126	94,7	112	95,7	105	94,6
<b>1 – 5</b>	3	2,2			5	4,3	1	0,9
<b>6 – 10</b>								
<b>11 – 20</b>								
<b>Mais de 20</b>	1	0,7					2	1,8
<b>Total</b>	139	99,3	126	94,7	117	100,0	108	97,3
<i>Missing</i>	1	0,7	7	5,3			3	2,7
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0			111	100,0

De acordo com os dados *ESPAD* (2012), cerca de 3% dos jovens refere ter sido vítima de assalto.

➤ **Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, teve problemas com autoridades?**

Nos últimos 12 meses e considerando os hábitos de consumo dos alunos, observamos na Tabela 58, que a grande maioria dos alunos dos quatro anos de escolaridade (cerca de 94%) nunca teve problemas com as autoridades. Contudo, um aluno do 9.º ano e dois do 12.º ano referem ter tido problemas com as autoridades, mais de vinte vezes.

Tabela 58

Frequências absolutas e percentagens da variável “Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, teve problemas com autoridades?”

N.º de vezes que teve problemas com autoridades, nos últimos 12 meses	9.º ano		10.º ano		11.º ano		12.º ano	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
<b>0</b>	132	94,3	122	91,7	111	94,9	105	94,6
<b>1 – 5</b>	5	3,6	5	3,8	5	4,2	1	0,9
<b>6 – 10</b>					1	0,9		
<b>11 – 20</b>								
<b>Mais de 20</b>	1	0,7					2	1,8
<b>Total</b>	138	98,6	127	95,5	117	100,0	108	97,3
<i>Missing</i>	2	1,4	6	4,5			3	2,7
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0			111	100,0

De acordo com os dados *ESPAD* (2012), cerca de 6% dos jovens refere ter tido problemas com as autoridades.

➤ **Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, teve relações sexuais sem proteção?**

Tendo em conta os seus hábitos de consumo, nos últimos 12 meses, cerca de 92% dos alunos dos quatro anos de escolaridade (90,1% no 9.º ano, 91,7% no 10.º ano, 94% no 11.º ano e 91% no 12.º ano), nunca teve relações sexuais sem proteção. Contudo, três alunos do 9.º ano e outros três do 12.º ano já tiveram relações sexuais de risco, mais de vinte vezes, o que dada a elevada frequência, poderão desencadear uma gravidez não desejada ou contrair uma infeção sexualmente transmissível (Tabela 59).

Tabela 59

Frequências absolutas e percentagens da variável “Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, teve relações sexuais sem proteção/de risco?”

N.º de vezes que teve relações sexuais de risco, nos últimos 12 meses	9.º ano		10.º ano		11.º ano		12.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
<b>0</b>	126	90,1	122	91,7	110	94,0	101	91,0
<b>1 – 5</b>	7	5,0	4	3,0	7	6,0	3	2,7
<b>6 – 10</b>	1	0,7					1	0,9
<b>11 – 20</b>	1	0,7						
<b>Mais de 20</b>	3	2,1					3	2,7
<b>Total</b>	138	98,6	126	94,7	117	100,0	108	97,3
<b>Missing</b>	2	1,4	7	5,3			3	2,7
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0			111	100,0

De acordo com os dados do *ESPAD* (2012), cerca de 9% dos jovens referem ter tido relações sexuais de risco, ou seja, sem proteção e 7% refere que teve relações sexuais das quais se arrependeram no dia seguinte.

➤ **Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou por experiência que se tenha arrependido no dia seguinte?**

Tendo em conta os seus hábitos de consumo, nos últimos 12 meses, verificamos na Tabela 60 que, 73,7% dos alunos do 9.º ano, 55,6% do 10.º ano, 65,8% do 11.º ano e 62,2% do 12.º ano, nunca passou por experiências que se tenha arrependido no dia seguinte, correspondendo a cerca de 65% da totalidade da amostra. No entanto, um aluno do 9.º, do 10.º e do 11.º anos e dois alunos do 12.º ano já passaram por experiências de que se arrependeram no dia seguinte, mais de vinte vezes.

Tabela 60

Frequências absolutas e percentagens da variável “Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou por experiências que se tenha arrependido, no dia seguinte?”

N.º de vezes que passou por experiência de que se tenha arrependido, nos últimos 12 meses	9.º ano		10.º ano		11.º ano		12.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
<b>0</b>	103	73,7	74	55,6	77	65,8	69	62,2
<b>1 – 5</b>	24	17,1	39	29,3	28	23,9	29	26,1
<b>6 – 10</b>	3	2,1	8	6,0	5	4,3	6	5,4
<b>11 – 20</b>	2	1,4	1	0,8	4	3,4		
<b>Mais de 20</b>	1	0,7	1	0,8	1	0,9	2	1,8
<b>Total</b>	133	95,0	123	92,5	115	98,3	106	95,5
<b>Missing</b>	7	5,0	10	7,5	2	1,7	5	4,5
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	117	100,0	111	100,0

Cruzando os dados das respostas a estas questões, provavelmente jovens que tiveram problemas sérios com os pais, amigos e/ou autoridades, que tiveram relações sexuais de risco, ter-se-ão arrependido, no dia seguinte (Tabelas 54, 55, 58 e 59, respetivamente).

Segundo *ESPAD* (2012), cerca de 35% dos jovens refere que o álcool tem sobre eles o efeito negativo de os fazer arrependem-se no dia seguinte, de coisas que fizeram sob o efeito do álcool, nomeadamente relações sexuais, segundo 7% dos inquiridos.

➤ **Os outros conseguem convencê-lo a fazer coisas que não lhe apetece fazer?**

Analisando os resultados evidentes na Tabela 61, quase metade dos alunos (cerca de 44%) dos quatro anos de escolaridade (49,3% do 9.º ano, 47,4% do 10.º ano, 48,7% do 11.º ano e 44,1% do 12.º ano) refere que raramente os outros o conseguem convencer a fazer coisas que não lhe apetece e entre 41,1% e 44,4% dos alunos refere que nunca o fazem.

Tabela 61

Frequências absolutas e percentagens da variável “Os outros conseguem convencê-lo a fazer coisas que não lhe apetece fazer?”

<i>Frequência com que os outros o conseguem convencer a fazer algo que não lhe apetece</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Nunca</b>	58	41,4	59	44,4	52	44,4	49	44,1
<b>Raramente</b>	69	49,3	63	47,4	57	48,7	49	44,1
<b>Por vezes</b>	11	7,9	10	7,5	8	6,9	9	8,2
<b>Muitas vezes</b>	1	0,7	1	0,7			1	0,9
<b>Sempre</b>	1	0,7					1	0,9
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	117	100,0	109	98,2
<i>Missing</i>							2	1,8
<b>Total</b>							111	100,0

Sendo bem conhecida a influência dos pares nas decisões dos jovens, o facto da grande maioria dos alunos referir que nunca ou raramente os outros o conseguem convencer a fazer coisas que não lhe apetece fazer, pode não corresponder bem à realidade, mas sim à necessidade de se autoconvencerem de que realmente não são influenciáveis.

➤ **Considera que é autónomo nas suas decisões?**

De acordo com a Tabela 62, quase metade dos alunos do 9.º, do 11.º e do 12.º ano refere que é sempre autónomo na tomada das suas decisões e quase metade dos alunos do 10.º ano refere que é autónomo muitas vezes. Contudo, três alunos do 9.º ano e dois do 10.º ano referem que nunca são autónomos nas suas decisões.

Tabela 62

Frequências absolutas e percentagens da variável “Considera que é autónomo nas suas decisões?”

Autonomia nas decisões	9.º ano		10.º ano		11.º ano		12.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
<b>Nunca</b>	3	2,1	2	1,5				
<b>Raramente</b>	2	1,4	5	3,8	2	1,7		
<b>Por vezes</b>	19	13,6	8	6,0	11	9,4	6	5,4
<b>Muitas vezes</b>	47	33,6	62	46,6	49	41,9	48	43,2
<b>Sempre</b>	69	49,3	56	42,1	55	47,0	55	49,5
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	117	100,0	109	98,1
<i>Missing</i>							2	1,9
<b>Total</b>							111	100,0

Estes resultados estão de acordo com as respostas dadas na questão anterior, pois a grande maioria dos jovens refere que os outros nunca ou raramente o conseguem convencer a fazer coisa que não lhe apetece fazer, sendo autónomos nas suas decisões (Tabelas 61 e 62, respetivamente).

➤ **Os outros conseguem convencê-lo a fazer coisas de que depois se arrepende?**

Na Tabela 63 verificamos que, mais de metade dos alunos do 9.º, 10.º e 11.º anos (52,9% no 9.º ano, 52,6% no 10.º ano e 54,7% no 11.º ano) e quase metade dos alunos do 12.º ano (48,6%) referem que os outros nunca os conseguem convencer a fazer coisas que depois se arrependem.

A grande maioria dos alunos dos quatro anos de escolaridade refere que os outros nunca ou raramente o conseguem convencer a fazer coisa que depois se arrependem, sendo autónomos nas suas decisões.

Contudo, é preocupante o facto de existir um aluno do 10.º ano e outro do 12.º ano que referem que os outros o conseguem convencer sempre a fazer coisas, de que depois se arrependem.

Tabela 63

Frequências absolutas e percentagens da variável “Os outros conseguem convencê-lo a fazer coisas que depois se arrepende?”

<i>Frequência com que os outros o conseguem convencer a fazer algo que depois se arrepende</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Nunca</b>	74	52,9	70	52,6	64	54,7	54	48,6
<b>Raramente</b>	55	39,3	52	39,1	41	35,0	49	44,1
<b>Por vezes</b>	10	7,1	8	6,0	12	10,3	5	4,5
<b>Muitas vezes</b>	1	0,7	2	1,5				
<b>Sempre</b>			1	0,8			1	0,9
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	117	100,0	109	98,1
<i>Missing</i>							2	1,9
<b>Total</b>							111	100,0

- **Alguma vez fez coisas que os seus amigos lhe pedem, só para não os desiludir?**

Analisando a Tabela 64, nesta questão, as respostas estão mais divididas, considerando a maior parte dos alunos dos quatro anos de escolaridade que nunca ou raramente fazem coisas que os amigos lhe pedem, só para não os desiludir. Mais uma vez, dois alunos do 9.º ano, um do 10.º ano, três do 11.º ano e um do 12.º ano fazem sempre o que os amigos lhes pedem, para não os desiludir, não revelando autonomia.

Tabela 64

Frequências absolutas e percentagens da variável “Alguma vez fez coisas que os seus amigos lhe pedem, só para não os desiludir?”

<i>Frequência com que faz coisa para não desiludir os amigos</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Nunca</b>	57	40,7	46	34,6	40	34,2	32	28,8
<b>Raramente</b>	45	32,1	46	34,6	45	38,5	42	37,8
<b>Por vezes</b>	25	17,9	32	24,0	24	20,5	32	28,8
<b>Muitas vezes</b>	11	7,9	8	6,0	5	4,3	2	1,8
<b>Sempre</b>	2	1,4	1	0,8	3	2,5	1	0,9
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	117	100,0	109	98,1
<b>Missing</b>							2	1,9
<b>Total</b>							111	100,0

Há uma certa coerência entre as respostas a estas quatro últimas questões, onde a maior parte destes jovens, apesar de ser conhecida a influência dos pares nas suas decisões, consideram-se autónomos na suas decisões, onde nunca ou raramente os outros os conseguem convencer a fazer algo que não lhe apetece e que depois se pode arrepender, só para não os desiludir.

Resumindo os resultados obtidos da dimensão II, do questionário, a maioria dos alunos nunca consultou psicólogo ou psiquiatra, nem consumiu calmantes. Apesar de a maioria nunca ter consumido cannabis, heroína ou cocaína e da maior parte nunca ter consumido tabaco, o álcool é a claramente a SPA mais consumida pelos alunos. Contudo, quando se embriagam, costumam consumir tabaco e cannabis. O consumo de bebidas alcoólicas tende a iniciar-se entre os 13 e os 15 anos, em bares e discotecas ou em casa dos pais, por curiosidade. O consumo de bebidas alcoólicas ocorre em festas, com os amigos, aos fins de semana e preferencialmente à noite, para obter alegria e diversão. O último consumo ocorreu na última semana, sendo as bebidas mais consumidas a cerveja e as bebidas espirituosas. A maioria gasta até 10 € em bebidas alcoólicas, considerando o preço do álcool acessível e caso tivessem mais dinheiro, não consumiria mais. Apesar de a maior parte ter iniciado o consumo de bebidas alcoólicas entre os 13 e os 15 anos, a maioria considera que a idade mínima permitida para esse consumo deveriam ser os 16 anos.

A maioria considera que, em 100 jovens, mais de metade consome bebidas alcoólicas, bem como mais de metade dos seus amigos.

Apesar da maior parte dos alunos nunca se ter embriagado, os que já experienciaram este estado foi menos de 12 vezes por ano, tendo ficado moderadamente embriagados, de modo a obterem alegria, e não necessitando de ser hospitalizados. A maioria nunca praticou *binge drinking*, mas os que o fazem, consomem entre 3 a 4 bebidas. A maioria dos alunos nunca tentou reduzir voluntariamente o consumo de álcool, pois consideram ser fácil.

Apesar dos elevados consumos de álcool, a maioria dos alunos nunca se envolveu em brigas, nem teve relações sexuais de risco. A maioria nunca conduziu embriagada, nem andou com condutor embriagado.

Se lhes oferecessem uma bebida alcoólica, a maior parte só aceitaria consoante o amigo que a oferecesse. A maior parte classifica como normal uma pessoa que consome bebidas alcoólicas, seguindo-se os que a consideram segura, dependente ou divertida.

Tendo em conta os hábitos de consumo de álcool, nos últimos 12 meses, a maioria nunca se envolveu em lutas, em acidentes ou ferimentos, em problemas com os pais ou com amigos, em problemas com as autoridades, ou em relações sexuais de risco; nunca teve fraco desempenho académico ou foi vítima de assalto, nem passou por experiências das quais se tenha arrependido.

Para a maior parte dos inquiridos, os outros raramente o conseguem convencer a fazer algo que não lhes apetece, ou que depois se arrependem, só para não desiludir os amigos, considerando-se muitas vezes ou sempre autónomos.

### **Parte III – Dimensão Representações sociais: Representações sociais e crenças face ao consumo de álcool.**

#### **➤ O álcool é uma droga.**

Verificamos na Tabela 65, a maior parte dos alunos dos quatro anos de escolaridade (41,4% dos alunos do 9.º ano, 37,6% do 10.º ano, 37,6% do 11.º ano e 59,5% do 12.º ano) concorda que o álcool é uma droga. Em seguida, no 10.º ano e no 12.º ano, os alunos concordam totalmente que o álcool é uma droga, mas no 9.º ano e no 11.º ano, as opiniões dividem-se de um modo equilibrado entre os que concordam totalmente e os que discordam.

De realçar que 8,5% de alunos do 9.º ano, 3% do 10.º ano, 6% do 11.º ano e 2,7% do 12.º ano não sabem se o álcool é uma droga.

Tabela 65  
Frequências absolutas e percentagens da variável “O álcool é uma droga”

<i>O álcool é uma droga</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Discordo totalmente</b>	18	12,9	10	7,5	9	7,7	8	7,2
<b>Discordo</b>	25	17,9	24	18,0	28	23,9	9	8,1
<b>Concordo</b>	58	41,4	50	37,6	44	37,6	66	59,5
<b>Concordo totalmente</b>	27	19,3	44	33,1	29	24,8	25	22,5
<b>Não sei</b>	12	8,5	4	3,0	7	6,0	3	2,7
<b>Total</b>	140	100,0	132	99,2	117	100,0	111	100,0
<i>Missing</i>			1	0,8				
<i>Total</i>			133	100,0				

De acordo com a Lei n.º 15/1993, de 22 de Janeiro, o álcool é considerado uma droga lícita, mas segundo David Nutt (2007) é considerada a droga mais perigosa, pois é a que, tendo em conta vários fatores, causa mais danos ao próprio e aos outros. Tal como já foi referido anteriormente, o álcool é droga mais tolerada pela sociedade, pelo que muitas vezes não é encarada como tal.

➤ **O álcool cria dependência física.**

De acordo com a Tabela 66, a maior parte dos alunos dos quatro anos de escolaridade (43,7% dos alunos do 10.º ano, 42,1% do 11.º ano, 39,3% do 11.º ano e 48,7% do 12.º ano) concorda que o álcool cria dependência física e em seguida, concordam totalmente. Entre 6,3% e 10,7% dos alunos têm dúvidas acerca da capacidade do álcool causar dependência física.

Tabela 66

Frequências absolutas e percentagens da variável "O álcool cria dependência física"

<i>O álcool cria dependência física</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Discordo totalmente</b>	9	6,4	5	3,8	9	7,7	4	3,6
<b>Discordo</b>	17	12,1	21	15,8	22	18,8	22	19,8
<b>Concordo</b>	61	43,7	56	42,1	46	39,3	54	48,7
<b>Concordo totalmente</b>	38	27,1	37	27,8	31	26,5	24	21,6
<b>Não sei</b>	15	10,7	14	10,5	9	7,7	7	6,3
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	117	100,0	111	100,0

Segundo Gaudet (2006), a dependência física de uma substância surge quando o seu consumo é regular e o organismo desenvolve um equilíbrio associado à presença dessa substância. Assim, na ausência dessa substância, gera-se um desequilíbrio físico.

➤ **O álcool cria dependência psíquica.**

Mais uma vez, de acordo com os dados da Tabela 67, a maior parte dos alunos (45,8% do 9.º ano, 42,1% do 10.º ano, 46,2% do 11.º ano e 46,9% do 12.º ano) considera que o álcool cria dependência psíquica. No entanto, 7,1% de alunos do 9.º ano, 6,8% do 10.º ano, 4,2% do 11.º ano e 7,2% dos alunos do 12.º ano não sabem se o álcool provoca dependência psíquica.

Tabela 67

Frequências absolutas e percentagens da variável "O álcool cria dependência psíquica"

<i>O álcool cria dependência psíquica</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Discordo totalmente</b>	8	5,7	6	4,5	7	6,0	7	6,3
<b>Discordo</b>	10	7,1	19	14,3	16	13,7	15	13,5
<b>Concordo</b>	64	45,8	56	42,1	54	46,2	52	46,9
<b>Concordo totalmente</b>	48	34,3	43	32,3	35	29,9	29	26,1
<b>Não sei</b>	10	7,1	9	6,8	5	4,2	8	7,2
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	117	100,0	111	100,0

De acordo com Gaudet (2006), a dependência psíquica gera-se quando, após um consumo regular e continuado de uma substância psicoativa, há uma necessidade intensa de consumir para acalmar a sensação de mal-estar, na ausência desse consumo.

➤ **O consumo de álcool provoca doenças sem importância.**

Com base nos dados da Tabela 68, cerca de metade dos alunos dos quatro anos de escolaridade (52,9% do 9.º ano, 59,4% do 10.º ano, 49,6% do 11.º ano e 55% do 12.º ano) discorda totalmente que o álcool provoque doenças sem importância. Em seguida, os alunos discordam. No entanto, 8,6% dos alunos do 9.º ano, 4,5% dos do 10.º ano, 2,6% do 11.º ano e 1,8% do 12.º ano desconhecem se o álcool provoca doenças sem importância.

Apesar da grande maioria dos jovens ter a consciência de que o álcool provoca doenças com alguma gravidade, os seus hábitos de consumo revelam que o encaram com grande normalidade.

Tabela 68  
Frequências absolutas e percentagens da variável “O consumo de álcool provoca doenças sem importância”

<i>O consumo de álcool provoca doenças sem importância</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	4	2,8	3	2,3	2	1,8	2	1,8
<b>Concordo</b>	7	5,0	6	4,5	4	3,3	8	7,2
<b>Discordo</b>	42	30,0	39	29,3	49	41,8	38	34,2
<b>Discordo totalmente</b>	74	52,9	79	59,4	58	49,6	61	55,0
<b>Não sei</b>	12	8,6	6	4,5	3	2,6	2	1,8
<b>Total</b>	139	99,3	133	100,0	116	99,1	111	100,0
<i>Missing</i>	1	0,7			1	0,9		
<b>Total</b>	140	100,0			117	100,0		

No que se refere à mortalidade, o álcool é responsável por cerca de 195 000 mortes por ano na União Europeia, sendo maior nas idades compreendidas entre os 15 e os 29 anos e é mais elevado no sexo masculino (cerca de 25 a 30% do número total de mortes) que no sexo feminino (10 a 15%) (Ministério da Saúde, 2009). As consequências negativas do consumo de álcool são vastas e atingem não só aquele que

bebe mas também terceiros, por esta razão, David Nutt (2007) classifica o álcool como a droga mais perigosa.

Conforme o referido no Enquadramento Teórico, o consumo de álcool está associado a graves doenças, como por exemplo: doença de Alzheimer e outras doenças senis, angina no peito, fraturas e osteoporose, diabetes, úlcera duodenal, cálculo biliar, hepatite A, linfomas, pedras nos rins, síndrome metabólico, cancro no pâncreas, doença de Parkinson, artrite reumática, gastrite, dependência física e psíquica, doenças do fígado (fígado gordo - esteatose, hepatite e cirrose), pâncreas, esófago e sistema nervoso, depressões. O consumo habitual na mulher grávida pode ter efeitos teratogénicos, pois o álcool atinge o feto através da placenta, provocando síndrome alcoólica-fetal, originando malformações no feto e baixo coeficiente intelectual. Se a mulher estiver a amamentar, também não deve consumir bebidas alcoólicas, pois o álcool atinge rapidamente o leite, provocando lesões graves no bebé. (Mello et al., 2001; NIAAA, n.d.).

➤ **Os médicos exageram quando falam dos malefícios do álcool.**

De acordo com a Tabela 69, a maior parte dos alunos discorda, seguindo-se dos que discordam totalmente, que os médicos exageram quando falam dos malefícios do álcool.

A grande maioria dos alunos não considera que os médicos exageram quando falam dos malefícios do álcool, pelo que o consideram uma droga potencialmente perigosa. Contudo, continuam a consumi-la, como se estes malefícios não tivessem importância.

Tabela 69

*Frequências absolutas e percentagens da variável “Os médicos exageram quando falam dos malefícios do álcool”*

<i>Os médicos exageram quando falam dos malefícios do álcool</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	3	2,1	7	5,3	1	0,9	3	2,7
<b>Concordo</b>	23	16,4	17	12,7	12	10,2	5	4,6
<b>Discordo</b>	54	38,6	57	42,9	53	45,3	51	45,9
<b>Discordo totalmente</b>	47	33,6	45	33,8	47	40,2	51	45,9
<b>Não sei</b>	11	7,9	7	5,3	4	3,4	1	0,9
<b>Total</b>	138	98,6	133	100,0	117	100,0	111	100,0
<i>Missing</i>	2	1,4						
<b>Total</b>	140	100,0						

Para além das doenças referidas anteriormente, o consumo de álcool também está associado a acidentes de viação, violência familiar ou insucesso escolar, instabilidade e absentismo laboral, comportamentos criminosos, alterações do foro psíquico e até o suicídio. Então não podemos deixar de concordar que o consumo de álcool tem consequências, na sua grande maioria, com bastante gravidade.

➤ **Preocupo-me bastante com os malefícios provocados pelo consumo de álcool.**

De acordo com a Tabela 70, a maior parte dos alunos dos quatro anos de escolaridade (37,9% dos alunos do 9.º ano, 51,1% do 10.º ano, 48,7% do 11.º ano e 52,3% do 12.º ano) refere que se preocupa bastante com os malefícios provocados pelo consumo de álcool.

É uma evidência positiva, o facto da maior parte dos alunos considerar o álcool uma droga, que causa dependência física e psíquica, entre outros malefícios, que são alvo de preocupação por parte dos alunos.

Apesar desta preocupação, e tendo em conta os resultados obtidos na Parte II do nosso questionário, os alunos continuam a ter hábitos de consumo de álcool, que tendem a iniciar cada vez mais cedo/precocemente, o que não revelam grande preocupação pelos seus malefícios, efeitos e consequências.

Tabela 70

Frequências absolutas e percentagens da variável “Preocupo-me bastante com os malefícios provocados pelo consumo de álcool”

<i>Preocupo-me bastante com os malefícios provocados pelo consumo de álcool</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Discordo totalmente</b>	11	7,8	4	3,0	2	1,7	4	3,6
<b>Discordo</b>	26	18,6	20	15,0	26	22,2	19	17,1
<b>Concordo</b>	53	37,9	68	51,1	57	48,7	58	52,3
<b>Concordo totalmente</b>	35	25,0	38	28,6	27	23,1	28	25,2
<b>Não sei</b>	14	10,0	3	2,3	5	4,3	1	0,9
<b>Total</b>	139	99,3	133	100,0	117	100,0	110	99,1
<i>Missing</i>	1	0,7					1	0,9
<b>Total</b>	140	100,0					111	100,0

➤ **O consumo de álcool facilita a integração no grupo de amigos.**

As opiniões dos alunos evidentes na Tabela 71 revelam uma divisão equilibrada entre os que concordam e os que discordam que o consumo de álcool facilita a integração no grupo de amigos, registando-se no 9.º, 11.º e 12.º anos um ligeiro predomínio dos alunos que discordam ou discordam totalmente da afirmação e no 10.º ano um predomínio de alunos que concordam. Verificamos ainda que 7,1% dos alunos do 9.º ano, 3% dos alunos do 10.º ano, 3,5% dos alunos do 11.º ano e 3,6% dos alunos do 12.º ano não sabem se o consumo de álcool facilita a integração no grupo de amigos.

Tabela 71

Frequências absolutas e percentagens da variável “O consumo de álcool facilita a integração no grupo de amigos”

<i>O consumo de álcool facilita a integração no grupo de amigos</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	21	15,0	15	11,3	10	8,5	6	5,4
<b>Concordo</b>	36	25,7	51	38,3	41	35,0	31	27,9
<b>Discordo</b>	40	28,7	35	26,3	42	35,9	42	37,9
<b>Discordo totalmente</b>	31	22,1	28	21,1	20	17,1	28	25,2
<b>Não sei</b>	10	7,1	4	3,0	4	3,5	4	3,6
<b>Total</b>	138	98,6	133	100,0	117	100,0	111	100,0
<i>Missing</i>	2	1,4						
<b>Total</b>	140	100,0						

O álcool, quando consumido com moderação, pode ter um efeito desinibidor, dando aos jovens a sensação aparente de que os relacionamentos são facilitados. Se todos no grupo ou a grande maioria consomem bebidas alcoólicas, a tendência é para se consumir, de modo a ser aceite pelo grupo e facilitar a integração.

De acordo com o relatório *HBSC* (2012), as principais motivações dos jovens para consumirem bebidas alcoólicas é para lidarem com as dificuldades e procura da otimização social.

- **Se no meu grupo de amigos a maioria consumir bebidas alcoólicas, eu acabarei por beber para não me sentir diferente e para me integrar melhor.**

Apesar de na questão anterior (Tabela 71), as opiniões dos alunos se dividirem entre a concordância e a discordância de que o consumo de álcool facilita a integração no grupo de amigos, nesta questão (Tabela 72), a maior parte dos alunos (43,6% do 9.º ano, 51,6% do 10.º ano, 43,6% do 11.º ano e 53,2% do 12.º ano) discorda totalmente que acabaria por beber para não se sentir diferente e para melhor se integrar no seu grupo de amigos, se a maioria consumisse bebidas alcoólicas. Temos ainda 5,7% dos alunos do 9.º ano, 1,5% do 10.º ano e 0,9% do 11.º ano que apresentam dúvidas acerca do seu procedimento.

Tabela 72

Frequências absolutas e percentagens da variável “Se no meu grupo de amigos a maioria consumir bebidas alcoólicas, eu acabarei por beber para não me sentir diferente e para me integrar melhor”

<i>Se no meu grupo de amigos a maioria consumir bebidas alcoólicas, eu acabarei por beber para não me sentir diferente e para me integrar melhor</i>	<b>9.º ano</b>		<b>10.º ano</b>		<b>11.º ano</b>		<b>12.º ano</b>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	7	5,0	7	5,3	2	1,7		
<b>Concordo</b>	20	14,3	21	15,7	13	11,1	12	10,8
<b>Discordo</b>	44	31,4	34	25,6	50	42,7	40	36,0
<b>Discordo totalmente</b>	61	43,6	69	51,9	51	43,6	59	53,2
<b>Não sei</b>	8	5,7	2	1,5	1	0,9		
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	117	100,0	111	100,0

Sabemos que os pares exercem uma grande pressão nas decisões dos alunos nestas faixas etárias. Provavelmente os alunos preferem acreditar que conseguem resistir mais facilmente a esta pressão, do que na realidade se passa. Urge capacitar os jovens para resistir a esta pressão.

➤ **Os jovens que consomem bebidas alcoólicas bebem para se sentirem mais integrados e identificados com o seu grupo.**

Verificamos na Tabela 73, que a maior parte dos alunos (38,6% do 9.º ano, 44,4% do 10.º ano, 49,6% do 11.º ano e 47,8% dos alunos do 12.º ano) concorda que os alunos consomem bebidas alcoólicas para se sentirem mais integrados e identificados com o seu grupo. Contudo, 8,6% do 9.º ano, 9,8% do 10.º ano, 5,1% do 11.º ano e 0,9% dos alunos do 12.º ano revelam dúvidas.

Tabela 73

Frequências absolutas e percentagens da variável “Os jovens que consomem bebidas alcoólicas, bebem para se sentirem mais integrados e identificados com o seu grupo”

<i>Os jovens que consomem bebidas alcoólicas bebem para se sentirem mais integrados e identificados com o seu grupo</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	26	18,6	25	18,8	13	11,1	11	9,9
<b>Concordo</b>	54	38,6	59	44,4	58	49,6	53	47,8
<b>Discordo</b>	30	21,4	22	16,5	28	23,9	32	28,8
<b>Discordo totalmente</b>	18	12,8	13	9,7	12	10,3	14	12,6
<b>Não sei</b>	12	8,6	13	9,8	6	5,1	1	0,9
<b>Total</b>	140	100,0	132	99,2	117	100,0	111	100,0
<i>Missing</i>			1	0,8				
<b>Total</b>			133	100,0				

Cruzando estes dados com os de respostas anteriores (Tabela 71 e 72, respetivamente) verificamos que consideram que os jovens consomem bebidas alcoólicas para se sentirem mais integrados e identificados com o grupo, mas que eles não o fazem.

- **Se os meus amigos me incentivassem a consumir bebidas alcoólicas numa festa, eu aceitaria.**

Nesta variável evidente na Tabela 74, as posições partidárias dividem-se quase pela metade, com 42,2% no 9.º ano, 40,6% no 10.º ano, 36,8% no 11.º ano e 32,4% no 12.º ano a declarar aceitar consumir bebidas alcoólicas numa festa, se os seus amigos os incentivassem e 40,7% no 9.º ano, 40,6% no 10.º ano, 50,4% no 11.º ano e 62,1% no 12.º ano a negá-lo. Já 17,1% dos alunos do 9.º ano, 18% do 10.º ano, 12,8% do 11.º ano e 5,4% do 12.º ano está inseguro com o que faria.

Tabela 74

Frequências absolutas e percentagens da variável “Se os meus amigos me incentivassem a consumir bebidas alcoólicas numa festa, eu aceitaria”

<i>Se os meus amigos me incentivassem a consumir bebidas alcoólicas numa festa, eu aceitaria.</i>	<b>9.º ano</b>		<b>10.º ano</b>		<b>11.º ano</b>		<b>12.º ano</b>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	12	8,6	17	12,8	9	7,7	3	2,7
<b>Concordo</b>	47	33,6	37	27,8	34	29,1	33	29,8
<b>Discordo</b>	36	25,7	29	21,8	42	35,9	45	40,5
<b>Discordo totalmente</b>	21	15,0	25	18,8	17	14,5	24	21,6
<b>Não sei</b>	24	17,1	24	18,0	15	12,8	6	5,4
<b>Total</b>	140	100,0	132	99,2	117	100,0	111	100,0
<i>Missing</i>			1	0,8				
<b>Total</b>			133	100,0				

Cruzando estes resultados com os anteriores (Tabelas 71, 72 e 73, respetivamente), os jovens acabam por consumir mais bebidas alcoólicas, porque são incentivados pelos amigos e querem sentir-se mais integrados e aceites pelo grupo.

- **Se os meus amigos me incentivassem a consumir bebidas alcoólicas, eu acabaria por consumir mais do que é costume.**

Verificamos na Tabela 75, que 73,6% dos inquiridos do 9.º ano, 76,7% do 10.º ano, 84,6% do 11.º ano e 88,3% do 12.º ano, acaba por não consumir álcool, mais do que é o seu costume, mesmo que incentivados pelos amigos. Tendo em conta os resultados anteriores, percebe-se que cerca de metade da amostra é permeável ao consumo pela influência dos amigos, mas não é esse facto que os leva a consumir maiores quantidades que o habitual.

Tabela 75

Frequências absolutas e percentagens da variável “Se os meus amigos me incentivassem a consumir bebidas alcoólicas, eu acabaria por consumir mais do que é costume”

<i>Se os meus amigos me incentivassem a consumir bebidas alcoólicas, eu acabaria por consumir mais do que é costume</i>	<b>9.º ano</b>		<b>10.º ano</b>		<b>11.º ano</b>		<b>12.º ano</b>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	6	4,3	11	8,3	1	0,9	1	0,9
<b>Concordo</b>	20	14,3	12	9,0	11	9,4	11	9,9
<b>Discordo</b>	60	42,9	44	33,1	60	51,3	60	54,1
<b>Discordo totalmente</b>	43	30,7	58	43,6	39	33,3	38	34,2
<b>Não sei</b>	10	7,1	8	6,0	6	5,1	1	0,9
<b>Total</b>	139	99,3	133	100,0	117	100,0	111	100,0
<i>Missing</i>	1	0,7						
<b>Total</b>	140	100,0						

- **Se a maioria dos meus amigos consumirem bebidas alcoólicas, sinto-me tentado a beber.**

O facto de os amigos beberem constitui uma influência tácita (“tentação”), para 43,6% dos adolescentes do 9.º ano, para 40,6% do 10.º ano, para 35% do 11.º ano e para 27,9% do 12.º ano, para que persigam aquele comportamento. Contudo, a maior parte (49,3% dos alunos do 9.º ano, 54,2% do 10.º ano, 64,1% do 11.º ano e 71,2% do 12.º ano) considera que se a maioria dos seus amigos consumir bebidas alcoólicas, não se sentiria tentado a beber, havendo uma pequena percentagem de indecisos (Tabela 76).

Tabela 76

Frequências absolutas e percentagens da variável “Se a maioria dos meus amigos consumirem bebidas alcoólicas, sinto-me tentado a beber”

<i>Se a maioria dos meus amigos consumirem bebidas alcoólicas, sinto-me tentado a beber</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	10	7,1	12	9,0	4	3,4	1	0,9
<b>Concordo</b>	51	36,5	42	31,6	37	31,6	30	27,0
<b>Discordo</b>	41	29,3	40	30,1	48	41,0	51	45,9
<b>Discordo totalmente</b>	28	20,0	32	24,1	27	23,1	28	25,3
<b>Não sei</b>	9	6,4	7	5,2	1	0,9	1	0,9
<b>Total</b>	139	99,3	133	100,0	117	100,0	111	100,0
<i>Missing</i>	1	0,7						
<b>Total</b>	140	100,0						

- **Os jovens consomem bebidas alcoólicas porque se sentem aborrecidos ou tristes.**

Apesar das opiniões divergirem, como é evidente na Tabela 77, predominam os alunos que consideram que os jovens não consomem bebidas alcoólicas porque se sentem aborrecidos ou tristes, com 52,8% dos alunos do 9.º ano, 46,6% do 10.º ano, 48,7% do 11.º ano e 67,6% do 12.º ano, sendo poucos os alunos indecisos.

Tabela 77

Frequências absolutas e percentagens da variável “Os jovens consomem bebidas alcoólicas porque se sentem aborrecidos ou tristes”

<i>Os jovens consomem bebidas alcoólicas porque se sentem aborrecidos ou tristes</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	11	7,9	12	9,0	5	4,3	3	2,7
<b>Concordo</b>	38	27,2	43	32,4	41	35,0	25	22,5
<b>Discordo</b>	52	37,1	48	36,1	40	34,2	56	50,5
<b>Discordo totalmente</b>	22	15,7	14	10,5	17	14,5	19	17,1
<b>Não sei</b>	17	12,1	16	12,0	13	11,1	8	7,2
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	116	99,1	111	100,0
<i>Missing</i>					1	0,9		
<b>Total</b>					117	100,0		

Cruzando estes dados com dados da Parte II, verificamos que os alunos procuram essencialmente obter alegria, quando consomem bebidas alcoólicas, sendo também esse um dos principais efeitos que obtém, o que significa que muitas vezes bebem porque estão aborrecidos e tristes, procurando modificar esse estado de espírito.

➤ **Os jovens consomem bebidas alcoólicas para relaxar ou acalmar os nervos.**

Verificamos na Tabela 78 que a maior parte dos respondentes (47,9% do 9.º ano, 64% do 10.º ano, 53,9% do 11.º ano e 48,7% do 12.º ano) concorda que os jovens consomem bebidas alcoólicas para relaxar ou acalmar os nervos e não porque se sentem aborrecidos ou triste, de acordo com a questão anterior. Contudo, na Parte II os alunos procuram obter essencialmente alegria e diversão, e não relaxar ou acalmar os nervos.

Tabela 78

Frequências absolutas e percentagens da variável “Os jovens consomem bebidas alcoólicas para relaxar ou acalmar os nervos”

<i>Os jovens consomem bebidas alcoólicas para relaxar ou acalmar os nervos</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	16	11,4	16	12,0	5	4,3	2	1,8
<b>Concordo</b>	51	36,5	69	52,0	58	49,6	52	46,9
<b>Discordo</b>	37	26,4	26	19,5	37	31,6	35	31,5
<b>Discordo totalmente</b>	14	10,0	8	6,0	6	5,1	16	14,4
<b>Não sei</b>	21	15,0	12	9,0	11	9,4	5	4,5
<b>Total</b>	139	99,3	131	98,5	117	100,0	110	99,1
<i>Missing</i>	1	0,7	2	1,5			1	0,9
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0			111	100,0

➤ **Os jovens consomem bebidas alcoólicas para se sentirem mais adultos.**

Analisando a Tabela 79, observamos que mais de metade dos alunos dos quatro anos de escolaridade, 61,4% do 9.º ano, 62,4% do 10.º ano, 58,2% do 11.º ano e 57,7% do 12.º ano concorda que os jovens consomem bebidas alcoólicas para se sentirem mais adultos.

Tabela 79

Frequências absolutas e percentagens da variável “Os jovens consomem bebidas alcoólicas para se sentirem mais adultos.”

<i>Os jovens consomem bebidas alcoólicas para se sentirem mais adultos</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	27	19,3	25	18,8	14	12,0	16	14,4
<b>Concordo</b>	59	42,1	58	43,6	54	46,2	48	43,3
<b>Discordo</b>	30	21,4	24	18,0	27	23,1	34	30,6
<b>Discordo totalmente</b>	12	8,6	12	9,0	11	9,4	12	10,8
<b>Não sei</b>	12	8,6	14	10,6	11	9,3	1	0,9
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	117	100,0	111	100,0

O consumo de bebidas alcoólicas é encarado como um ato de emancipação dos jovens, pois apesar de ser uma droga lícita, a sua venda e consumo só deve ser permitida a partir dos 16 anos para cerveja e vinho e 18 anos para as bebidas espirituosas, de acordo com o Decreto-Lei n.º 50/2013, de 16 de abril.

➤ **Consigo facilmente resistir ao consumo de bebidas alcoólicas.**

Analisando a Tabela 80, a grande maioria dos alunos (82,8% dos alunos do 9.º ano, 87,1% do 10.º ano, 91,5% do 11.º ano e 92,8% do 12.º ano) considera que consegue facilmente resistir ao consumo de bebidas alcoólicas, havendo uma pequena percentagem de indecisos.

Tabela 80

*Frequências absolutas e percentagens da variável “Consigo facilmente resistir ao consumo de bebidas alcoólicas”*

<i>Consigo facilmente resistir ao consumo de bebidas alcoólicas</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Discordo totalmente</b>	6	4,3	1	0,8	2	1,7	1	0,9
<b>Discordo</b>	12	8,6	12	9,0	6	5,1	5	4,5
<b>Concordo</b>	51	36,4	32	24,0	34	29,1	31	27,9
<b>Concordo totalmente</b>	65	46,4	84	63,1	73	62,4	72	64,9
<b>Não sei</b>	5	3,6	3	2,3	2	1,7	2	1,8
<b>Total</b>	139	99,3	132	99,2	117	100,0	111	100,0
<b>Missing</b>	1	0,7	1	0,8				
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0				

Os jovens não terão ainda bem a noção dos perigos associados ao consumo de álcool, nomeadamente não tanto da possibilidade, mas sim da facilidade com que o álcool pode criar dependência física e psíquica, pelo que consideram que conseguem facilmente resistir ao consumo de bebidas alcoólicas.

➤ **O consumo de álcool dificulta a aceitação pelo meu grupo de amigos.**

Na Tabela 81 verificamos que a maioria dos respondentes (70% no 9.º ano, 83,5% no 10.º ano, 85,5% no 11.º ano e 92,8% no 12.º ano) discorda que o consumo de álcool dificulte a aceitação pelo grupo de amigos.

Tabela 81

Frequências absolutas e percentagens da variável “O consumo de álcool dificulta a aceitação pelo meu grupo de amigos”

<i>O consumo de álcool dificulta a aceitação pelo meu grupo de amigos</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	7	5,0	2	1,5	1	0,9		
<b>Concordo</b>	16	11,4	12	9,0	5	4,3	5	4,5
<b>Discordo</b>	53	37,9	55	41,4	59	50,4	46	41,4
<b>Discordo totalmente</b>	45	32,1	56	42,1	41	35,0	57	51,4
<b>Não sei</b>	18	12,9	8	6,0	11	9,4	3	2,7
<b>Total</b>	139	99,3	133	100,0	117	100,0	111	100,0
<i>Missing</i>	1	0,7						
<b>Total</b>	140	100,0						

Estes resultados estão de acordo com os encontrados anteriormente, no que diz respeito à decisão de consumir álcool, quando a maioria dos amigos segue um comportamento de consumo, a fim de não contrastar com o grupo. Todavia, cerca de metade dos respondentes considera que o consumo de álcool não facilita a integração no grupo de amigos, permeando, antes, a sua aceitação.

➤ **O consumo de álcool torna o jovem mais adulto.**

Apesar de mais de metade dos alunos dos quatro anos de escolaridade ter referido anteriormente (Tabela 79) que considera que os jovens consomem bebidas alcoólicas para se sentirem mais adultos, nesta questão (Tabela 82), a maior parte (79,3% no 9.º ano, 84,2% no 10.º ano, 88,8% no 11.º ano e 90,1% no 12.º ano) considera que o consumo de álcool não torna o jovem mais adulto. Verificamos que a percentagem total de alunos que consideram que o consumo de álcool torna o jovem mais adulto, diminui com o aumento do ano de escolaridade, pelo que os alunos do 9.º e 10.º ano serão os que querem parecer mais adultos. Existe uma pequena percentagem de alunos indecisos.

Tabela 82

Frequências absolutas e percentagens da variável “O consumo de álcool torna o jovem mais adulto”

<i>O consumo de álcool torna o jovem mais adulto</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	4	2,9	4	3,0	3	2,6	1	0,9
<b>Concordo</b>	14	10,0	11	8,3	7	6,0	6	5,4
<b>Discordo</b>	47	33,6	37	27,8	50	42,6	38	34,2
<b>Discordo totalmente</b>	64	45,7	75	56,4	54	46,2	62	55,9
<b>Não sei</b>	10	7,1	6	4,5	3	2,6	4	3,6
<b>Total</b>	139	99,3	133	100,0	117	100,0	111	100,0
<i>Missing</i>	1	0,7						
<i>Total</i>	140	100,0						

➤ **O consumo de álcool é um meio de o jovem se afirmar.**

Apesar de mais de metade dos respondentes considerar que o consumo de álcool não é um meio de se afirmarem, como é evidente na Tabela 83, 33,6% dos alunos do 9.º ano, 30,1% do 10.º ano, 29,9% do 11.º ano e 23,4% do 12.º ano dão esta importância ao álcool. A percentagem de alunos que consideram que o consumo de álcool é um meio do jovem se afirmar diminui progressivamente do 9.º para o 12.º ano, pelo que os alunos do 9.º e 10.º têm mais necessidade de se afirmarem, através do consumo de álcool.

Tabela 83

Frequências absolutas e percentagens da variável "O consumo de álcool é um meio de o jovem se afirmar"

<i>O consumo de álcool é um meio de o jovem se afirmar</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	15	10,7	8	6,0	4	3,4	2	1,8
<b>Concordo</b>	32	22,9	32	24,1	31	26,5	24	21,6
<b>Discordo</b>	41	29,3	36	27,0	38	32,5	39	35,2
<b>Discordo totalmente</b>	36	25,7	46	34,6	39	33,3	42	37,8
<b>Não sei</b>	15	10,7	8	6,0	5	4,3	3	2,7
<b>Total</b>	139	99,3	130	97,7	117	100,0	110	99,1
<i>Missing</i>	1	0,7	3	2,3			1	0,9
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0			111	100,0

É necessário capacitar os alunos para se conseguirem afirmar através da razão, da coerência, da argumentação e da assertividade na defesa dos seus pontos de vista e não através do consumo de álcool.

➤ **Os jovens que consomem bebidas alcoólicas bebem para fugir à realidade.**

Conforme o observado na Tabela 84, mais de metade dos adolescentes do 9.º ano (51,5%) e do 10.º ano (60,2%) e quase metade no 11.º ano (49,6%) e no 12.º ano (45,1%) consideram que os jovens bebem para fugir à realidade.

Na verdade, esse é precisamente um dos efeitos desta substância psicoativa: alteração de consciência, que lhes permite fugir momentaneamente da realidade.

Também é necessário capacitar os jovens para enfrentarem e resolverem os seus problemas.

Tabela 84

Frequências absolutas e percentagens da variável “Os jovens que consomem bebidas alcoólicas bebem para fugir à realidade”

<i>Os jovens que consomem bebidas alcoólicas bebem para fugir à realidade</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	19	13,6	23	17,3	8	6,8	7	6,3
<b>Concordo</b>	53	37,9	57	42,9	50	42,8	43	38,8
<b>Discordo</b>	27	19,3	29	21,8	30	25,6	35	31,5
<b>Discordo totalmente</b>	20	14,2	11	8,2	18	15,4	17	15,3
<b>Não sei</b>	21	15,0	13	9,8	10	8,5	9	8,1
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	116	99,1	111	100,0
<i>Missing</i>					1	0,9		
<i>Total</i>					117	100,0		

➤ **Consumir bebidas alcoólicas melhora a capacidade de memorização.**

A grande maioria dos adolescentes (85,1% do 9.º ano, 85% do 10.º ano, 87,2% do 11.º ano e 91,9% do 12.º ano) discorda que o consumo de álcool melhore a capacidade de memorização. Menos de 10% estão indecisos (Tabela 85).

Tabela 85

Frequências absolutas e percentagens da variável “Consumir bebidas alcoólicas melhora a capacidade de memorização”

<i>Consumir bebidas alcoólicas melhora a capacidade de memorização</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	2	1,4	3	2,3	2	1,7		
<b>Concordo</b>	8	5,7	5	3,8	5	4,3	1	0,9
<b>Discordo</b>	32	22,9	30	22,6	24	20,5	22	19,8
<b>Discordo totalmente</b>	87	62,2	83	62,4	78	66,7	80	72,1
<b>Não sei</b>	10	7,1	11	8,3	8	6,8	8	7,2
<b>Total</b>	139	99,3	132	99,4	117	100,0	111	100,0
<i>Missing</i>	1	0,7	1	0,6				
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0				

A realidade é que o consumo de álcool mata os neurónios e aumenta os efeitos de neurotransmissores inibitórios no cérebro, como por exemplo GABA (ácido gama-aminobutírico), tornando os movimentos mais lentos, bem como um retardamento fisiológico entre outros sinais e sintomas característicos de um estado de embriaguez. Seguramente que a capacidade de memorização é afetada, conduzindo muitas vezes a um estado de inconsciência, que impede que a pessoa se recorde, no dia seguinte, de determinados atos que realizou, sob o efeito do álcool (Sena e Ferret-Sena, 2004).

➤ **Consumir bebidas alcoólicas melhora o desempenho académico.**

Analisando a Tabela 86, verificamos que a grande maioria dos alunos (84,3% do 9.º ano, 86,5% do 10.º ano, 88% do 11.º ano e 94,6% do 12.º ano) é claramente da opinião que o consumo de bebidas alcoólicas não melhora o desempenho académico. Menos de 10% dos alunos desconhecem se o álcool produz ou não esse efeito.

Tabela 86

Frequências absolutas e percentagens da variável “Consumir bebidas alcoólicas melhora o desempenho académico”

<i>Consumir bebidas alcoólicas melhora o desempenho académico</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	1	0,7	3	2,3	1	0,9		
<b>Concordo</b>	7	5,0	5	3,7	3	2,6		
<b>Discordo</b>	27	19,3	23	17,3	21	17,9	22	19,8
<b>Discordo totalmente</b>	91	65,0	92	69,2	82	70,1	83	74,8
<b>Não sei</b>	13	9,3	10	7,5	10	8,5	6	5,4
<b>Total</b>	139	99,3	133	100,0	117	100,0	111	100,0
<i>Missing</i>	1	0,7						
<b>Total</b>	140	100,0						

Cruzando estes dados com os da questão anterior (Tabela 85), se o álcool funciona como um inibidor da transmissão do impulso nervoso, diminui a capacidade de memorização e de realização de tarefas, pelo que afeta negativamente o desempenho académico.

➤ **Consumir bebidas alcoólicas melhora a capacidade de relacionamento com os outros.**

De acordo com a Tabela 87, mais de metade dos alunos dos quatro anos de escolaridade considera que o consumo de bebidas alcoólicas não melhora a capacidade de relacionamento com os outros. Contudo, 18,6% no 9.º ano, 36,9% no 10.º ano, 30,7% no 11.º ano e 32,5% no 12.º ano consideram que o álcool melhora a capacidade de relacionamento com os outros.

Tabela 87

Frequências absolutas e percentagens da variável “Consumir bebidas alcoólicas melhora a capacidade de relacionamento com os outros”

<i>Consumir bebidas alcoólicas melhora a capacidade de relacionamento com os outros</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	6	4,3	6	4,5	8	6,8	4	3,6
<b>Concordo</b>	20	14,3	43	32,4	28	23,9	32	28,9
<b>Discordo</b>	54	38,6	37	27,8	48	41,0	37	33,3
<b>Discordo totalmente</b>	37	26,4	31	23,3	25	21,4	31	27,9
<b>Não sei</b>	22	15,7	16	12,0	7	6,0	7	6,3
<b>Total</b>	139	99,3	133	100,0	116	99,1	111	100,0
<i>Missing</i>	1	0,7			1	0,9		
<b>Total</b>	140	100,0			117	100,0		

O álcool, se consumido moderadamente, pode ter um efeito desinibidor que parece facilitar a convivência. Contudo, não passa de uma ilusão, pois nem sempre é possível controlar os consumos nesse ponto e a relação com os outros torna-se pouco profunda e aparente. Para além disso, passado o efeito do álcool, a pessoa deixa de ter autoconfiança e capacidade para se relacionar naturalmente com os outros.

➤ **O álcool torna as pessoas mais bonitas.**

Na Tabela 88 observamos que a grande maioria dos alunos respondentes (87,2% do 9.º ano, 77,5% do 10.º ano, 92,3% do 11.º ano e 92,8% do 12.º ano) discorda que o álcool torne as pessoas mais bonitas. Menos de 10% dos alunos desconhece se o álcool provoca este efeito.

Tabela 88

Frequências absolutas e percentagens da variável “O álcool torna as pessoas mais bonitas”

<i>O álcool torna as pessoas mais bonitas</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	1	0,7	12	9,0			3	2,7
<b>Concordo</b>	5	3,6	6	4,5	5	4,3	1	0,9
<b>Discordo</b>	32	22,9	26	19,6	36	30,8	33	29,7
<b>Discordo totalmente</b>	90	64,3	77	57,9	72	61,5	70	63,1
<b>Não sei</b>	11	7,8	12	9,0	4	3,4	4	3,6
<b>Total</b>	139	99,3	133	100,0	117	100,0	111	100,0
<i>Missing</i>	1	0,7						
<i>Total</i>	140	100,0						

O consumo abusivo de álcool tende a alterar/turvar a visão, pelo que pode haver uma alteração da consciência e as imagens podem ser recebidas ligeiramente deturpadas, podendo fazer os outros parecerem diferentes e quiçá mais bonitos. Contudo, não passa de uma imagem virtual e enganosa, que voltará à realidade, à medida que passa o efeito do álcool.

- **O vinho é uma bebida leve, pois contém menos álcool do que as outras bebidas.**

Cerca de metade dos alunos que responderam a esta questão, não considera o vinho uma bebida leve, pelo facto de conter menos álcool do que as outras bebidas. Contudo entre 20% e 28% dos alunos dos quatro anos de escolaridade acham que o vinho é menos nefasto (Tabela 89).

Tabela 89

Frequências absolutas e percentagens da variável “O vinho é uma bebida leve, pois contém menos álcool do que as outras bebidas”

<i>O vinho é uma bebida leve, pois contém menos álcool do que as outras bebidas</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	9	6,4	5	3,8	6	5,1	4	3,6
<b>Concordo</b>	29	20,8	32	24,1	23	19,7	18	16,3
<b>Discordo</b>	38	27,1	32	24,1	35	29,9	52	46,8
<b>Discordo totalmente</b>	26	18,6	24	18,0	23	19,7	17	15,3
<b>Não sei</b>	37	26,4	40	30,0	30	25,6	20	18,0
<b>Total</b>	139	99,3	133	100,0	117	100,0	111	100,0
<i>Missing</i>	1	0,7						
<b>Total</b>	140	100,0						

A quantidade de álcool que a pessoa ingere depende da quantidade de doses que ela toma. Uma bebida pode conter menor teor alcoólico, por dose, mas pode ter um efeito bem pior, se for consumida em maior quantidade de doses (ABEAD, n.d.). Pelo exposto, consideramos que não existem bebidas leves, pois o que determina a taxa de alcoolemia é a quantidade ingerida e não o tipo de bebida (CISA, 2011).

Sendo Portugal um país com a cultura da cultura de vinha, o consumo de vinho é elevado, classificando-se como uma bebida “leve”, não só pela sociedade em geral, mas também pela classe governamental, que alterou a idade mínima de consumo de bebidas alcoólicas de 16 para 18 anos, exceto no que se refere a cerveja e vinho, por considerá-las “leves” (Decreto-Lei n.º 50/2013, de 16 de abril). Esta ideia errónea de que o vinho é considerado uma bebida leve, conduz a que seja permitido o seu consumo a partir dos 16 anos, mas os nossos governantes esquecem-se que esta bebida, ao ser despenalizado o seu consumo, pode ser consumida de modo abusivo, provocando efeitos devastadores nos jovens.

➤ **O álcool permite controlar o peso.**

Verificamos que na Tabela 90, a maior parte dos adolescentes (66,5% dos alunos do 9.º ano, 68,4% do 10.º ano, 74,4% do 11.º ano e 88,3% do 12.º ano) discorda que o álcool permite controlar o peso.

A ideia de que o álcool permite controlar o peso pode estar por vezes associada a distúrbios alimentares, principalmente nas raparigas, que durante a adolescência, devido às mudanças morfofisiológicas e psicológicas inerentes a esta fase, tendem a preocupar-se mais com a aparência e com o controlo irracional do peso, ingerindo álcool em vez de alimentos (DSM-V, 2013).

Tabela 90  
Frequências absolutas e percentagens da variável “O álcool permite controlar o peso”

<i>O álcool permite controlar o peso</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>			3	2,3			1	0,9
<b>Concordo</b>	11	7,8	6	4,5	5	4,2	2	1,8
<b>Discordo</b>	39	27,9	37	27,8	32	27,4	34	30,6
<b>Discordo totalmente</b>	54	38,6	54	40,6	55	47,0	64	57,7
<b>Não sei</b>	35	25,0	33	24,8	25	21,4	10	9,0
<b>Total</b>	139	99,3	133	100,0	117	100,0	111	100,0
<i>Missing</i>	1	0,7						
<b>Total</b>	140	100,0						

➤ **O álcool é afrodisíaco.**

Observamos na Tabela 91 que no 9.º, 10.º e 11.º anos, a maior parte dos alunos desconhece se o álcool é afrodisíaco, estando no 12.º ano as opiniões divididas entre a concordância (35,5%) e a discordância (45%).

Como já foi referido anteriormente, se o álcool for consumido abusivamente, o seu efeito é o oposto, pois o álcool funciona como inibidor do Sistema Nervoso e são necessários mais estímulos para chegar ao orgasmo: o álcool causa impotência sexual e mata os espermatozoides. (NIAAA, n.d, CISA, 2011)

Tabela 91

Frequências absolutas e percentagens da variável “O álcool é afrodisíaco”

<i>O álcool é afrodisíaco</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	12	8,6	18	13,5	7	6,0	9	8,1
<b>Concordo</b>	24	17,1	31	23,3	25	21,4	30	27,0
<b>Discordo</b>	28	20,0	17	12,8	25	21,4	30	27,0
<b>Discordo totalmente</b>	18	12,9	21	15,8	23	19,7	20	18,0
<b>Não sei</b>	57	40,7	46	34,6	37	31,6	22	19,8
<b>Total</b>	139	99,3	133	100,0	117	100,0	111	100,0
<i>Missing</i>	1	0,7						
<i>Total</i>	140	100,0						

➤ **Beber azeite faz diminuir a taxa de alcoolemia.**

Na Tabela 92 verificamos que a maior percentagem de alunos, nos quatro anos de escolaridade, desconhece se beber azeite diminui a taxa de alcoolemia.

Trata-se de um dos muitos mitos associados ao consumo de álcool, pois beber azeite nada faz para diminuir a taxa de alcoolemia do sangue, que só diminuirá com o tempo.

Tabela 92

Frequências absolutas e percentagens da variável “Beber azeite faz diminuir a taxa de alcoolemia”

<i>Beber azeite faz diminuir a taxa de alcoolemia</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	4	2,9	13	9,8	3	2,6	1	0,9
<b>Concordo</b>	15	10,7	11	8,3	6	5,1	14	12,6
<b>Discordo</b>	11	7,9	8	6,0	11	9,4	14	12,6
<b>Discordo totalmente</b>	10	7,1	12	9,0	9	7,7	12	10,8
<b>Não sei</b>	99	70,7	89	66,9	88	75,2	70	63,1
<b>Total</b>	139	99,3	133	100,0	117	100,0	111	100,0
<i>Missing</i>	1	0,7						
<i>Total</i>	140	100,0						

➤ **O álcool mata a sede.**

Maior parte dos alunos dos quatro anos de escolaridade (59,3% do 9.º ano, 55,7% do 10.º ano, 67,5% do 11.º ano e 72,9% do 12.º ano) não considera que o álcool mate a sede (Tabela 93).

Tabela 93  
*Frequências absolutas e percentagens da variável “O álcool mata a sede”*

<i>O álcool mata a sede</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	8	5,7	14	10,5	4	3,4	7	6,3
<b>Concordo</b>	22	15,7	23	17,3	23	19,7	14	12,7
<b>Discordo</b>	44	31,4	36	27,1	37	31,6	35	31,5
<b>Discordo totalmente</b>	39	27,9	38	28,6	42	35,9	46	41,4
<b>Não sei</b>	26	18,6	22	16,5	11	9,4	9	8,1
<b>Total</b>	139	99,3	133	100,0	117	100,0	111	100,0
<i>Missing</i>	1	0,7						
<b>Total</b>	140	100,0						

Trata-se de outro mito, pois a sensação de sede significa necessidade de água, para diminuir a concentração de solutos no sangue. Contudo, quando se toma uma bebida alcoólica, uma considerável quantidade de água, que faz falta ao organismo, sai pela urina, aumentando a concentração de soluto no sangue e aumentando assim a necessidade de água no organismo, logo a sede vai-se agravando (Breda, 1996).

➤ **Mascar pastilha elástica faz diminuir a taxa de alcoolemia.**

De acordo com a análise da Tabela 94, cerca de metade dos alunos não sabe se mascar pastilha elástica faz diminuir a taxa de alcoolemia, seguindo daqueles que discordam desta capacidade da pastilha elástica (27,2% do 9.º ano, 29,3% do 10.º ano, 34,1% do 11.º ano e 43,3% do 12.º ano).

Tabela 94

Frequências absolutas e percentagens da variável “Mascar pastilha elástica faz diminuir a taxa de alcoolemia.”

<i>Mascar pastilha elástica faz diminuir a taxa de alcoolemia</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	7	5,0	8	6,0	1	0,9	3	2,7
<b>Concordo</b>	13	9,2	15	11,3	7	6,0	9	8,1
<b>Discordo</b>	19	13,6	14	10,5	14	12,0	23	20,7
<b>Discordo totalmente</b>	19	13,6	25	18,8	26	22,1	25	22,6
<b>Não sei</b>	81	57,9	71	53,4	69	59,0	51	45,9
<b>Total</b>	139	99,3	133	100,0	117	100,0	111	100,0
<i>Missing</i>	1	0,7						
<b>Total</b>	140	100,0						

Temos representado outro mito relacionado com o consumo de álcool, pois mascar pastilha elástica pode “mascarar” o hálito da pessoa, não alterando a taxa de alcoolemia.

### ➤ O álcool alimenta.

Cerca de  $\frac{3}{4}$  dos alunos respondentes (76,5% do 9.º ano, 72,9% do 10.º ano, 79,5% do 11.º ano e 82% do 12.º ano) considera que o álcool não alimenta (Tabela 95).

Tabela 95

Frequências absolutas e percentagens da variável “O álcool alimenta”

<i>O álcool alimenta</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	3	2,1	6	4,5	1	0,9	1	0,9
<b>Concordo</b>	6	4,3	11	8,3	5	4,3	7	6,3
<b>Discordo</b>	33	23,6	29	21,8	23	19,7	26	23,4
<b>Discordo totalmente</b>	74	52,9	68	51,1	70	59,8	65	58,6
<b>Não sei</b>	23	16,4	18	13,5	16	13,6	11	9,9
<b>Total</b>	139	99,3	132	99,2	115	98,3	110	99,1
<i>Missing</i>	1	0,7	1	0,8	2	1,7	1	0,9
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	117	100,0	111	100,0

É mais um mito relacionado com o álcool, que não é um nutriente, pois produz calorias inúteis/vazias (7 quilocalorias por grama) para os músculos e não sendo utilizado no funcionamento das células (Breda, 1996).

➤ **Um alcoólico é uma pessoa que se embebeda com muita frequência.**

Cerca de 80% dos alunos dos quatro anos de escolaridade (78,6% do 9.º ano, 82,7% do 10.º ano, 81,2% do 11.º ano e 78,4% do 12.º ano) concorda que um alcoólico é uma pessoa que bebe muito (Tabela 96).

Tabela 96  
Frequências absolutas e percentagens da variável “Um alcoólico é uma pessoa que se embebeda com muita frequência”

<i>Um alcoólico é uma pessoa que se embebeda com muita frequência</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	67	47,9	59	44,4	41	35,0	36	32,5
<b>Concordo</b>	43	30,7	51	38,3	54	46,2	51	45,9
<b>Discordo</b>	11	7,9	11	8,3	17	14,5	17	15,3
<b>Discordo totalmente</b>	8	5,7	8	6,0	4	3,4	6	5,4
<b>Não sei</b>	10	7,1	4	3,0	1	0,9	1	0,9
<b>Total</b>	139	99,3	133	100,0	117	100,0	111	100,0
<i>Missing</i>	1	0,7						
<b>Total</b>	140	100,0						

Um alcoólico é atualmente classificado como uma pessoa dependente do álcool, pelo que os seus consumos, quando ocorrem tendem a ser excessivos e abusivos, conduzindo a um estado de embriaguez (DSM-V, 2013).

Devemos ter em conta também que consumo regular de bebidas alcoólicas, tende a aumentar a tolerância do indivíduo aos seus efeitos, levando-o a suportar doses progressivamente maiores.

➤ **O álcool abre o apetite.**

Com base nos dados da Tabela 97, a maior parte dos alunos dos quatro anos de escolaridade (46,4% do 9.º ano, 41,4% do 10.º ano, 57,3% do 11.º ano e 63,9% do 12.º ano) considera que o álcool não abre o apetite, seguindo-se os alunos que desconhecem se o álcool tem esse efeito ou não.

Tabela 97  
Frequências absolutas e percentagens da variável “O álcool abre o apetite”

O álcool abre o apetite	9.º ano		10.º ano		11.º ano		12.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
<b>Concordo totalmente</b>	12	8,6	11	8,3	10	8,5	2	1,8
<b>Concordo</b>	22	15,7	28	21,1	11	9,4	13	11,7
<b>Discordo</b>	36	25,7	21	15,8	42	35,9	46	41,4
<b>Discordo totalmente</b>	29	20,7	34	25,6	25	21,4	25	22,5
<b>Não sei</b>	40	28,6	39	29,2	29	24,8	25	22,6
<b>Total</b>	139	99,3	133	100,0	117	100,0	111	100,0
<i>Missing</i>	1	0,7						
<b>Total</b>	140	100,0						

O álcool, ao acelerar os movimentos peristálticos do estômago, faz com que os alimentos passem para o intestino sem estarem devidamente digeridos, dando a sensação de estômago vazio e digestão feita. O resultado é a falta de apetite e o aparecimento de gastrites e úlceras, devido à ingestão de bebidas brancas, tais como, aguardentes, whiskies, etc., com o intuito de ajudar a digerir os alimentos (Breda, 1996).

➤ **Fumar abundantemente faz diminuir a taxa de alcoolemia.**

As opções de resposta evidentes na Tabela 98 dividem-se entre os alunos que desconhecem se fumar abundantemente faz diminuir a taxa de alcoolemia e os que discordam (45,7% do 9.º ano, 40,6% do 10.º ano, 49,5% do 11.º ano e 59,5% do 12.º ano).

Abordamos mais um mito, pois fumar apenas disfarça o hálito a álcool.

Tabela 98

*Frequências absolutas e percentagens da variável “Fumar abundantemente faz diminuir a taxa de alcoolemia.”*

<i>Fumar abundantemente faz diminuir a taxa de alcoolemia.</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	3	2,1	3	2,2			2	1,8
<b>Concordo</b>	8	5,7	5	3,8	1	0,9	5	4,5
<b>Discordo</b>	20	14,3	17	12,8	15	12,7	24	21,6
<b>Discordo totalmente</b>	44	31,4	37	27,8	43	36,8	42	37,9
<b>Não sei</b>	64	45,8	71	53,4	58	49,6	38	34,2
<b>Total</b>	139	99,3	133	100,0	117	100,0	111	100,0
<i>Missing</i>	1	0,7						
<i>Total</i>	140	100,0						

➤ **Consumir bebidas alcoólicas dificulta a capacidade de concentração.**

Verificamos na Tabela 99 um predomínio dos alunos que consideram que consumir bebidas alcoólicas dificulta a capacidade de concentração, com 71,5% no 9.º ano, 79,6% no 10.º ano, 81,2% no 11.º ano e 83,8% no 12.º ano.

Devido ao facto do álcool ter um efeito inibidor da transmissão do impulso nervoso, há uma redução da capacidade de concentração (Mello, Barrias & Breda, 2011).

Tabela 99

Frequências absolutas e percentagens da variável “Consumir bebidas alcoólicas dificulta a capacidade de concentração”

<i>Consumir bebidas alcoólicas dificulta a capacidade de concentração</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Discordo totalmente</b>	7	5,0	9	6,8	6	5,1	2	1,8
<b>Discordo</b>	17	12,1	9	6,8	5	4,3	6	5,4
<b>Concordo</b>	41	29,3	45	33,7	46	39,3	49	44,2
<b>Concordo totalmente</b>	59	42,2	61	45,9	49	41,9	44	39,6
<b>Não sei</b>	14	10,0	9	6,8	10	8,5	10	9,0
<b>Total</b>	138	98,6	133	100,0	116	99,1	111	100,0
<i>Missing</i>	2	1,4			1	0,9		
<b>Total</b>	140	100,0			117	100,0		

➤ **Consumir bebidas alcoólicas torna mais fácil arranjar namorado(a).**

De acordo com os dados observados na Tabela 100, a maior parte dos alunos dos quatro anos de escolaridade (69,3% do 9.º ano, 64,7% do 10.º ano, 76% do 11.º ano e 79,3% do 12.º ano) considera que o consumo de bebidas alcoólicas não torna mais fácil arranjar namorado(a). Menos de 15% dos alunos desconhece esse efeito no álcool.

Tendo em conta que o consumo moderado de bebidas alcoólicas pode desinibir, pode ser entendido como facilitador das relações sociais, tornando mais fácil arranjar namorado(a).

Tabela 100

Frequências absolutas e percentagens da variável “Consumir bebidas alcoólicas torna mais fácil arranjar namorado(a)”

<i>Consumir bebidas alcoólicas torna mais fácil arranjar namorado(a)</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	7	5,0	11	8,3	3	2,6	4	3,6
<b>Concordo</b>	15	10,7	18	13,5	12	10,3	8	7,2
<b>Discordo</b>	45	32,1	27	20,3	37	31,6	42	37,8
<b>Discordo totalmente</b>	52	37,2	59	44,4	52	44,4	46	41,5
<b>Não sei</b>	20	14,3	18	13,5	13	11,1	11	9,9
<b>Total</b>	139	99,3	133	100,0	117	100,0	111	100,0
<i>Missing</i>	1	0,7						
<i>Total</i>	140	100,0						

- **Se beber durante as refeições, os efeitos do álcool são obrigatoriamente menores.**

Cerca de metade dos respondentes (43,5% do 9.º ano, 55,7% do 10.º ano, 49,6% do 11.º ano e 50,5% do 12.º ano) consideram que se o consumo de bebidas alcoólicas for durante as refeições, os efeitos são obrigatoriamente menores (Tabela 101).

Tabela 101

Frequências absolutas e percentagens da variável “Se beber durante as refeições, os efeitos do álcool são obrigatoriamente menores”

<i>Se beber durante as refeições, os efeitos do álcool são obrigatoriamente menores</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	16	11,4	19	14,3	9	7,7	12	10,8
<b>Concordo</b>	45	32,1	55	41,4	49	41,9	44	39,7
<b>Discordo</b>	23	16,4	16	12,0	23	19,7	27	24,3
<b>Discordo totalmente</b>	15	10,8	14	10,5	7	6,0	7	6,3
<b>Não sei</b>	40	28,6	29	21,8	28	23,8	21	18,9
<b>Total</b>	139	99,3	133	100,0	116	99,1	111	100,0
<i>Missing</i>	1	0,7			1	0,9		
<b>Total</b>	140	100,0			117	100,0		

Os efeitos podem ser menores em termos de alcoolemia, já que a absorção é mais lenta, mas as lesões orgânicas poderão existir na mesma, se a ingestão de álcool for elevada (Breda, 1996). Também é preciso ter em conta a quantidade de doses que são ingeridas, pois quanto maior for o seu número, piores serão os efeitos.

➤ **O consumo de café pode curar a ressaca.**

Observamos nos dados da Tabela 102 que as opiniões se dividem entre o desconhecimento e os que concordam que o café pode curar a ressaca, com 33,6% de alunos do 9.º ano, 45,1% do 10.º ano, 35,% do 11.º ano e 27% do 12.º ano. No 12.º ano, realçamos também o facto de haver 34,3% de alunos que consideram que o café pode curar a ressaca.

Tabela 102

Frequências absolutas e percentagens da variável “O consumo de café pode curar a ressaca”

<i>O consumo de café pode curar a ressaca</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	7	5,0	19	14,3	6	5,1	4	3,6
<b>Concordo</b>	40	28,6	41	30,8	36	30,8	26	23,4
<b>Discordo</b>	19	13,6	11	8,3	11	9,4	29	26,2
<b>Discordo totalmente</b>	14	10,0	7	5,3	6	5,1	9	8,1
<b>Não sei</b>	59	42,1	55	41,3	58	49,6	43	38,7
<b>Total</b>	139	99,3	133	100,0	117	100,0	111	100,0
<i>Missing</i>	1	0,7						
<i>Total</i>	140	100,0						

O desaparecimento do álcool do sangue e do corpo depende exclusivamente do período de tempo, por isso café, duche, ar fresco e outras coisas não resolvem o problema, aumentando a sobriedade (CISA, 2011). Para além disso, o café tem uma função diurética, pelo que pode agravar ainda mais o estado de desidratação.

➤ **O álcool facilita as relações sociais.**

Na Tabela 103 verificamos que existe uma divisão das opiniões entre a concordância (com 28,6% para os alunos do 9.º ano, 48,1% do 10.º ano, 49,5% do 11.º ano e 48,6% do 12.º ano) e a discordância (com 51,4% no 9.º ano, 41,4% no 10.º ano, 41,9% no 11.º ano e 46,8% no 12.º ano).

Tabela 103

*Frequências absolutas e percentagens da variável “O álcool facilita as relações sociais.”*

<i>O álcool facilita as relações sociais</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	11	7,9	18	13,5	8	6,8	6	5,4
<b>Concordo</b>	29	20,7	46	34,6	50	42,7	48	43,2
<b>Discordo</b>	36	25,7	25	18,8	31	26,5	32	28,8
<b>Discordo totalmente</b>	36	25,7	30	22,6	18	15,4	20	18,0
<b>Não sei</b>	26	18,6	14	10,5	10	8,6	5	4,6
<b>Total</b>	138	98,6	133	100,0	117	100,0	111	100,0
<i>Missing</i>	2	1,4						
<i>Total</i>	140	100,0						

O álcool, se consumido em quantidades moderadas, tem um efeito desinibidor que parece facilitar a convivência. Contudo, esta facilidade não passa de uma ilusão, porque nem sempre é possível controlar os consumos nesse ponto e a relação com os outros torna-se pouco profunda e artificial, tornando-se novamente difícil, na ausência do consumo de álcool.

➤ **O álcool faz bem ao coração.**

Apesar de frequentemente a nossa sociedade dizer que beber “um copinho” faz bem ao coração, a maior parte dos nossos alunos discordam, tendo havido 80% de discordâncias no 9.º ano, 72,2% no 10.º ano, 68,4% no 11.º ano e 85,6% no 12.º ano (Tabela 104).

Tabela 104

Frequências absolutas e percentagens da variável “O álcool faz bem ao coração”

O álcool faz bem ao coração	9.º ano		10.º ano		11.º ano		12.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
<b>Concordo totalmente</b>	4	2,9	4	3,0	3	2,6	3	2,7
<b>Concordo</b>	7	5,0	17	12,8	21	17,9	7	6,3
<b>Discordo</b>	28	20,0	24	18,0	35	29,9	48	43,3
<b>Discordo totalmente</b>	84	60,0	72	54,2	45	38,5	47	42,3
<b>Não sei</b>	15	10,7	16	12,0	13	11,1	6	5,4
<b>Total</b>	138	98,6	133	100,0	117	100,0	111	100,0
<i>Missing</i>	2	1,4						
<b>Total</b>	140	100,0						

De acordo com o Portal da Saúde (2006), a OMS defende que o consumo baixo ou moderado de bebidas alcoólicas reduz o risco de doenças coronárias, com base em vários estudos realizados. Um estudo publicado na *American Heart Association* desenvolvido por Dai et al. (2010) revela que a dieta mediterrânica, que inclui consumo moderado de vinho, pode melhorar a função cardíaca. Contudo, o consumo excessivo de álcool pode provocar várias formas de insuficiência cardíaca, como miocardiopatia, taquicardia, aumento da pressão arterial, alterações do ritmo cardíaco e o aumento dos triglicéridos no sangue.

➤ **O dependente de álcool é uma pessoa fraca e irresponsável.**

De acordo com a Tabela 105, cerca de 2/3 da nossa amostra dos quatro anos de escolaridade (62,9% do 9.º ano, 65,4% do 10.º ano, 63,3% do 11.º ano e 62,1% do 12.º ano) considera que o dependente de álcool é uma pessoa fraca e irresponsável.

Tabela 105

*Frequências absolutas e percentagens da variável “O dependente de álcool é uma pessoa fraca e irresponsável”*

<i>O dependente de álcool é uma pessoa fraca e irresponsável</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	39	27,9	45	33,8	29	24,8	28	25,2
<b>Concordo</b>	49	35,0	42	31,6	45	38,5	41	36,9
<b>Discordo</b>	19	13,6	23	17,3	28	23,9	29	26,2
<b>Discordo totalmente</b>	12	8,6	10	7,5	4	3,4	8	7,2
<b>Não sei</b>	20	14,2	13	9,8	10	8,5	5	4,5
<b>Total</b>	139	99,3	133	100,0	116	99,1	111	100,0
<i>Missing</i>	1	0,7			1	0,9		
<b>Total</b>	140	100,0			117	100,0		

Um indivíduo dependente de álcool revela determinados sintomas e sinais, que podem comprometer as suas atividades diárias. Contudo, a dependência de álcool não está relacionada com o carácter do indivíduo e a maior parte dos problemas e comportamentos que ele apresenta surgem com a própria doença (DSM-V, 2013).

➤ **O álcool é a causa do alcoolismo.**

Analisando os dados da Tabela 106, a grande maioria dos adolescentes que responderam a esta questão considera que o álcool é a causa do alcoolismo, com 78,6% no 9.º ano, 82% no 10.º ano, 92,3% no 11.º ano e 84,7% no 12.º ano.

Tabela 106

Frequências absolutas e percentagens da variável "O álcool é a causa do alcoolismo"

<i>O álcool é a causa do alcoolismo</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	73	52,2	64	48,2	55	47,0	45	40,5
<b>Concordo</b>	37	26,4	45	33,8	53	45,3	49	44,2
<b>Discordo</b>	10	7,1	10	7,5	2	1,7	11	9,9
<b>Discordo totalmente</b>	4	2,9	6	4,5	2	1,7	4	3,6
<b>Não sei</b>	13	9,3	8	6,0	5	4,3	2	1,8
<b>Total</b>	137	97,9	133	100,0	117	100,0	111	100,0
<i>Missing</i>	3	2,1						
<i>Total</i>	140	100,0						

Segundo Mello et al. (2001), o álcool é o primeiro agente causal do alcoolismo. Contudo, o alcoolismo resulta não de um único fator, mas de uma interação de fatores genéticos, psicológicos, ambientais e a predisposição para a dependência varia de indivíduo para indivíduo.

➤ **O álcool torna as pessoas mais desinibidas.**

Segundo os dados da Tabela 107, a maior parte dos adolescentes (57,2% do 9.º ano, 74,4% do 10.º ano, 86,3% do 11.º ano e 82,9% do 12.º ano) concorda que o álcool torna as pessoas mais desinibidas. Cruzando estes dados com os de questões da parte II, verificamos que alegria, diversão e desinibição são os efeitos que os jovens mais procuram e que mais obtém, quando consomem bebidas alcoólicas.

No 9.º ano verificamos também uma maior percentagem de alunos que desconhecem se o álcool produz ou não esse efeito, desconhecimento que diminui com o aumento do ano de escolaridade.

Tabela 107

Frequências absolutas e percentagens da variável “O álcool torna as pessoas mais desinibidas”

<i>O álcool torna as pessoas mais desinibidas</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	32	22,9	39	29,3	25	21,3	21	18,9
<b>Concordo</b>	48	34,3	60	45,1	76	65,0	71	64,0
<b>Discordo</b>	18	12,9	13	9,8	7	6,0	11	9,9
<b>Discordo totalmente</b>	7	5,0	5	3,8	3	2,6	4	3,6
<b>Não sei</b>	34	24,2	16	12,0	5	4,2	3	2,7
<b>Total</b>	139	99,3	133	100,0	116	99,1	110	99,1
<i>Missing</i>	1	0,7			1	0,9	1	0,9
<b>Total</b>	140	100,0			117	100,0	111	100,0

Podemos considerar que o álcool, quando consumido numa certa quantidade sim, pode desinibir. Contudo, quando os jovens praticam o *binge drinking*, tratando-se de um consumo rápido e abusivo, eles podem perder o controlo e ultrapassar a quantidade que desinibiria e atingir um estado mais alterado.

- **Misturar cerveja, vinho e destilados leva à embriaguez mais rapidamente do que tomar somente um tipo de bebida.**

Verificamos na Tabela 108, que a maior parte dos adolescentes respondentes concordam que misturar cerveja, vinho e destilados leva à embriaguez mais rapidamente do que tomar somente um tipo de bebida, havendo um aumento da percentagem de concordância do 9.º para o 12.º ano, tendo o 9.º ano 57,9%, o 10.º ano apresenta 59,4%, o 11.º ano com 68,4% e o 12.º ano com 77,5%.

Tabela 108

Frequências absolutas e percentagens da variável “Misturar cerveja, vinho e destilados leva à embriaguez mais rapidamente do que tomar somente um tipo de bebida.”

<i>Misturar cerveja, vinho e destilados leva à embriaguez mais rapidamente do que tomar somente um tipo de bebida</i>	<b>9.º ano</b>		<b>10.º ano</b>		<b>11.º ano</b>		<b>12.º ano</b>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Discordo</b>	14	10,0	6	4,5	2	1,7	1	0,9
<b>totalmente</b>								
<b>Discordo</b>	6	4,3	6	4,5	2	1,7	4	3,6
<b>Concordo</b>	39	27,9	33	24,8	35	29,9	40	36,1
<b>Concordo</b>	42	30,0	46	34,6	45	38,5	46	41,4
<b>totalmente</b>								
<b>Não sei</b>	38	27,1	41	30,8	33	28,2	20	18,0
<b>Total</b>	139	99,3	132	99,2	117	100,0	111	100,0
<b>Missing</b>	1	0,7	1	0,8				
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0				

De realçar que a taxa de álcool no sangue (alcoolemia) é que determina o nível de sobriedade ou intoxicação alcoólica do indivíduo e que dependerá da quantidade de doses que a pessoa ingerir, independentemente do tipo de bebidas.

- **Os efeitos do álcool no corpo da mulher são iguais aos efeitos do álcool no corpo do homem.**

Apesar das opiniões estarem divididas entre a concordância, a discordância e o desconhecimento, verificamos na Tabela 109 que há um predomínio na discordância (com 37,9% no 9.º ano, 48,9% no 10.º ano, 53% no 11.º ano e 62,2% no 12.º ano), onde os alunos consideram que os efeitos do álcool no corpo da mulher são diferentes dos efeitos produzidos no corpo do homem, sendo esta opinião progressivamente mais defendida, com o aumento do nível de escolaridade e com o conhecimento que os próprios adolescentes têm do seu próprio corpo e das diferenças morfofisiológicas entre géneros.

Tabela 109

Frequências absolutas e percentagens da variável “Os efeitos do álcool no corpo da mulher são iguais aos efeitos do álcool no corpo do homem”

<i>Os efeitos do álcool no corpo da mulher são iguais aos efeitos do álcool no corpo do homem</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	21	15,0	10	7,5	6	5,1	5	4,5
<b>Concordo</b>	23	16,4	19	14,3	14	12,0	17	15,3
<b>Discordo</b>	32	22,9	38	28,6	39	33,3	38	34,3
<b>Discordo totalmente</b>	21	15,0	27	20,3	23	19,7	31	27,9
<b>Não sei</b>	42	30,0	39	29,3	34	29,0	20	18,0
<b>Total</b>	139	99,3	133	100,0	116	99,1	111	100,0
<i>Missing</i>	1	0,7			1	0,9		
<b>Total</b>	140	100,0			117	100,0		

Geralmente, a ingestão da mesma quantidade de álcool afeta mais rapidamente a mulher do que o homem, pois ela apresenta menos água no seu corpo do que o homem, ficando o álcool mais concentrado (NIAAA, n. d.).

➤ **Fazer exercício ajuda a fazer baixar os níveis de alcoolemia.**

Cerca de metade dos respondentes dos quatro anos de escolaridade desconhece se a prática de exercício físico faz baixar os níveis de álcool no sangue, dividindo-se as restantes opiniões de modo equilibrado entre a discordância e a concordância (Tabela 110).

Tabela 110

Frequências absolutas e percentagens da variável “Fazer exercício ajuda a fazer baixar os níveis de alcoolemia”

<i>Fazer exercício ajuda a fazer baixar os níveis de alcoolemia</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	11	7,9	12	9,0	4	3,4	5	4,5
<b>Concordo</b>	27	19,3	25	18,8	25	21,4	21	18,9
<b>Discordo</b>	19	13,6	9	6,8	11	9,4	19	17,1
<b>Discordo totalmente</b>	14	10,0	11	8,3	13	11,1	13	11,8
<b>Não sei</b>	68	48,5	76	57,1	64	54,7	52	46,8
<b>Total</b>	139	99,3	133	100,0	117	100,0	110	99,1
<i>Missing</i>	1	0,7					1	0,9
<b>Total</b>	140	100,0					111	100,0

O organismo humano sadio demora, em média, uma hora para processar uma dose de álcool, pelo que apenas o tempo ajuda uma pessoa a recuperar da embriaguez.

➤ **Ingerir menta ou qualquer outra erva aromática faz diminuir a taxa de alcoolemia.**

Mais de metade dos respondentes dos quatro anos letivos desconhece se a ingestão de menta ou qualquer outra erva aromática faz diminuir a taxa de alcoolemia, seguindo-se 29,3% de alunos do 9.º ano, 17,3% do 10.º ano, 24,8% do 11.º ano e 33,3% do 12.º ano discordam que a menta ou outra erva aromática tenha essa capacidade (Tabela 111).

Há a destacar que a menta tem a capacidade de refrescar o hálito, disfarçando o odor a álcool, mas não afeta a taxa de álcool no sangue.

Tabela 111

Frequências absolutas e percentagens da variável "Ingerir menta ou qualquer outra erva aromática faz diminuir a taxa de alcoolemia"

<i>Ingerir menta ou qualquer outra erva aromática faz diminuir a taxa de alcoolemia</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	10	7,1	5	3,8			1	0,9
<b>Concordo</b>	8	5,7	11	8,3	6	5,1	6	5,4
<b>Discordo</b>	26	18,6	6	4,5	17	14,5	22	19,8
<b>Discordo totalmente</b>	15	10,7	17	12,8	12	10,3	15	13,5
<b>Não sei</b>	79	56,3	94	70,6	82	70,1	67	60,4
<b>Total</b>	138	98,6	133	100,0	117	100,0	111	100,0
<i>Missing</i>	2	1,4						
<b>Total</b>	140	100,0						

➤ **Mastigar um grão de café faz diminuir a taxa de alcoolemia.**

Novamente, mais de metade dos alunos desconhece se mastigar um grão de café faz diminuir a taxa de alcoolemia (Tabela 112). Seguem-se 27,9% de alunos do 9.º ano que discordam, bem como 16,6% do 10.º ano, 16,3% do 11.º ano e 30,6% do 12.º ano.

O café, pelo seu intenso sabor, também irá mascarar o hálito a álcool, não afetando a taxa de álcool no sangue.

Tabela 112

Frequências absolutas e percentagens da variável “Mastigar um grão de café faz diminuir a taxa de alcoolemia”

<i>Mastigar um grão de café faz diminuir a taxa de alcoolemia</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	4	2,9	6	4,5	2	1,7	2	1,8
<b>Concordo</b>	10	7,1	12	9,0	8	6,8	12	10,8
<b>Discordo</b>	25	17,9	12	9,0	14	12,0	18	16,2
<b>Discordo totalmente</b>	14	10,0	10	7,6	5	4,2	16	14,4
<b>Não sei</b>	86	61,4	93	69,9	87	74,4	63	56,8
<b>Total</b>	139	99,3	133	100,0	116	99,1	111	100,0
<i>Missing</i>	1	0,7			1	0,9		
<b>Total</b>	140	100,0			117	100,0		

➤ **O álcool é um medicamento.**

A maior parte dos respondentes apresentados na Tabela 113, com 65,8% do 9.º ano, 55,6% do 10.º ano, 75,2% do 11.º ano e 82% do 12.º ano, considera que o álcool não é um medicamento. Verificamos que no 9.º e 10.º ano, cerca de ¼ dos alunos desconhece se o álcool é um medicamento, diminuindo essa percentagem para o 11.º e 12.º ano.

Tabela 113

Frequências absolutas e percentagens da variável “O álcool é um medicamento”

<i>O álcool é um medicamento.</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	4	2,8	4	3,0	1	0,9	3	2,7
<b>Concordo</b>	10	7,1	19	14,3	10	8,5	5	4,5
<b>Discordo</b>	32	22,9	16	12,0	29	24,8	36	32,4
<b>Discordo totalmente</b>	60	42,9	58	43,6	59	50,4	55	49,6
<b>Não sei</b>	33	23,6	35	26,3	17	14,5	12	10,8
<b>Total</b>	139	99,3	132	99,2	116	99,1	111	100,0
<i>Missing</i>	1	0,7	1	0,8	1	0,9		
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	117	100,0		

O álcool é um depressor do sistema nervoso, tendo um efeito exatamente contrário ao de um medicamento, porque provoca apenas uma excitação e anestesia passageiras que podem «camuflar», durante algum tempo, dores ou sensação de mal-estar, acabando por ter consequências ainda mais graves (Breda, 1996).

➤ **Vaporizar a boca com um *spray* de mentol faz diminuir a taxa de alcoolemia.**

Mais de metade dos alunos dos quatro anos de escolaridade, apresentados na Tabela 114 desconhece se vaporizar a boca com *spray* de mentol faz diminuir a taxa de alcoolemia, mas 35,8% do 9.º ano, 26,3% do 10.º ano, 32,5% do 11.º ano e 36,9% do 12.º ano considera que o *spray* de mentol não diminui a taxa de alcoolemia.

A realidade é que este *spray* de mental apenas refresca o hálito, não alterando a taxa de alcoolemia.

Tabela 114  
Frequências absolutas e percentagens da variável “Vaporizar a boca com um *spray* de mentol faz diminuir a taxa de alcoolemia”

<i>Vaporizar a boca com um spray de mentol faz diminuir a taxa de alcoolemia</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	3	2,1	2	1,5			4	3,6
<b>Concordo</b>	7	5,0	6	4,5	4	3,4	6	5,4
<b>Discordo</b>	27	19,4	11	8,3	18	15,4	18	16,2
<b>Discordo totalmente</b>	23	16,4	24	18,0	20	17,1	23	20,7
<b>Não sei</b>	79	56,4	90	67,7	74	63,2	60	54,1
<b>Total</b>	139	99,3	133	100,0	116	99,1	111	100,0
<i>Missing</i>	1	0,7			1	0,9		
<b>Total</b>	140	100,0			117	100,0		

➤ **O álcool aquece.**

Mais de 2/3 dos respondentes, 66,5% do 9.º ano, 70% do 10.º ano, 81,2% do 11.º ano e 72% do 12.º ano considera que o álcool aquece (Tabela 115).

Pelo facto do álcool ser um vasodilatador, faz com que a circulação seja mais superficial, dando a sensação de calor. Pelo facto de a circulação ser mais superficial, ficamos mais corados e a deslocação do sangue provoca uma perda de calor interno, baixando a temperatura interna e prejudicando o funcionamento de todos os órgãos (Breda, 1996). Pelo exposto, estamos perante mais um mito relacionado com o consumo de álcool.

Tabela 115  
*Frequências absolutas e percentagens da variável “O álcool aquece”*

<i>O álcool aquece</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	40	28,6	43	32,3	23	19,7	28	25,2
<b>Concordo</b>	53	37,9	50	37,7	72	61,5	52	46,8
<b>Discordo</b>	6	4,3	12	9,0	5	4,3	10	9,0
<b>Discordo totalmente</b>	15	10,7	8	6,0	3	2,6	8	7,2
<b>Não sei</b>	25	17,8	20	15,0	13	11,0	13	11,8
<b>Total</b>	139	99,3	133	100,0	116	99,1	111	100,0
<i>Missing</i>	1	0,7			1	0,9		
<b>Total</b>	140	100,0			117	100,0		

➤ **Comer caramelos ou qualquer outro produto açucarado faz diminuir a taxa de alcoolemia.**

Cerca de metade dos alunos apresentados na Tabela 116, 46,4% do 9.º ano, 67,7% do 10.º ano, 57,1% do 11.º ano e 48,7% do 12.º ano não sabe se o consumo de caramelos ou outros produtos açucarados fazem diminuir a taxa de alcoolemia. As restantes opiniões dividem-se entre a concordância e a discordância.

O consumo de produtos açucarados aumenta a taxa de açúcar no sangue, mas a taxa de álcool no sangue mantém-se. Apenas o tempo fará diminuir taxa de álcool no sangue.

Tabela 116

Frequências absolutas e percentagens da variável “Comer caramelos ou qualquer outro produto açucarado faz diminuir a taxa de alcoolemia”

<i>Comer caramelos ou qualquer outro produto açucarado faz diminuir a taxa de alcoolemia</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	6	4,3	8	6,0	3	2,6	3	2,7
<b>Concordo</b>	25	17,9	14	10,5	12	10,3	20	18,0
<b>Discordo</b>	22	15,7	6	4,5	18	15,4	14	12,6
<b>Discordo totalmente</b>	22	15,7	15	11,3	16	13,7	20	18,0
<b>Não sei</b>	65	46,4	90	67,7	67	57,1	54	48,7
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	116	99,1	111	100,0
<i>Missing</i>					1	0,9		
<b>Total</b>					117	100,0		

➤ **Beber muita água após ter ingerido álcool, diminui a taxa de alcoolemia.**

Analisando os dados da Tabela 117, a maior parte não sabe se o consumo de água, após a ingestão abusiva de álcool, faz diminuir a taxa de alcoolemia, estando as restantes respostas divididas entre a concordância e a discordância.

O consumo de água evita a desidratação, que é um problema que é agravado quando se verifica um elevado consumo de álcool, mas não diminui a taxa de alcoolemia, que só acontecerá com o tempo.

Tabela 117

Frequências absolutas e percentagens da variável “Beber muita água após ter ingerido álcool, diminui a taxa de alcoolemia”

<i>Beber muita água após ter ingerido álcool, diminui a taxa de alcoolemia</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	9	6,4	15	11,3	7	6,0	7	6,3
<b>Concordo</b>	23	16,4	26	19,5	25	21,4	40	36,0
<b>Discordo</b>	30	21,4	12	9,0	22	18,8	20	18,0
<b>Discordo totalmente</b>	15	10,7	14	10,5	8	6,8	14	12,7
<b>Não sei</b>	62	44,4	66	49,7	54	46,1	30	27,0
<b>Total</b>	139	99,3	133	100,0	116	99,1	111	100,0
<i>Missing</i>	1	0,7			1	0,9		
<b>Total</b>	140	100,0			117	100,0		

➤ **O álcool dá força e/ou energia.**

Verificamos na Tabela 118 que 46,5% dos alunos do 9.º ano, 46,6% do 10.º ano, 58,9% do 11.º ano e 62,1% do 12.º ano (um aumento progressivo dos alunos do 9.º para o 12.º ano) consideram que o álcool não dá força, nem energia.

Tabela 118

Frequências absolutas e percentagens da variável “O álcool dá força e/ou energia”

<i>O álcool dá força e/ou energia</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	14	10,0	11	8,3	3	2,6	5	4,5
<b>Concordo</b>	36	25,7	38	28,6	30	25,6	23	20,8
<b>Discordo</b>	40	28,6	29	21,8	52	44,4	43	38,7
<b>Discordo totalmente</b>	25	17,9	33	24,8	17	14,5	26	23,4
<b>Não sei</b>	25	17,8	22	16,5	14	12,0	14	12,6
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	116	99,1	111	100,0
<i>Missing</i>					1	0,9		
<b>Total</b>					117	100,0		

O álcool, tendo uma ação excitante e anestésica, camufla o cansaço físico ou intelectual intenso, dando a ilusão de ganho de energia. Contudo, quando esse efeito passa, o cansaço é a dobrar, porque o álcool gastou energia ao ser metabolizado no fígado. Apesar do álcool ser muito rico em calorías, estas calorías especificamente têm o problema de nunca serem utilizadas pelo músculo, mas somente para os processos de metabolismo basal (Breda, 1996). Isto significa que beber álcool engorda, mas não dá energia para trabalhar.

- **As bebidas alcoólicas de grande graduação, como o whisky, são prejudiciais para a saúde, mas a cerveja, por exemplo, não o é.**

Verificamos na Tabela 119 que, à medida que aumenta o ano de escolaridade, aumenta a percentagem de vozes que discordam que as bebidas alcoólicas de grande graduação, como o whisky, são prejudiciais para a saúde, mas a cerveja, por exemplo, não o é, com 63,5% no 9.º ano, 68,5% no 10.º ano, 72,6% no 11.º ano e 84,7% no 12.º ano.

Tabela 119

*Frequências absolutas e percentagens da variável “As bebidas alcoólicas de grande graduação, como o whisky, são prejudiciais para a saúde, mas a cerveja, por exemplo, não o é”*

<i>As bebidas alcoólicas de grande graduação, como o whisky, são prejudiciais para a saúde, mas a cerveja, por exemplo, não o é</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	5	3,6	9	6,8	1	0,9	3	2,7
<b>Concordo</b>	23	16,4	11	8,3	13	11,1	7	6,3
<b>Discordo</b>	51	36,4	55	41,4	60	51,3	54	48,7
<b>Discordo totalmente</b>	38	27,2	36	27,1	25	21,3	40	36,0
<b>Não sei</b>	23	16,4	21	15,6	17	14,5	6	5,4
<b>Total</b>	140	100,0	132	99,2	116	99,1	110	99,1
<i>Missing</i>			1	0,8	1	0,9	1	0,9
<b>Total</b>			133	100,0	117	100,0	111	100,0

O prejuízo para a saúde pública e principalmente para os jovens depende, não só do tipo de bebida consumida, mas também das quantidades ingeridas.

Pese embora o exposto, as autoridades governamentais alteraram a idade mínima de consumo álcool de 16 para 18 anos, excetuando para o vinho e cerveja, que se mantém nos 16 anos (Decreto-Lei n.º 50/2013, de 16 de abril). Deduzimos que consideram tratar-se de bebidas leves, menos nefastas para os jovens, pelo que podem ser consumidas a partir dos 16 anos. Recordemos que os consumos dos jovens tendem a ser abusivos, em contextos festivos, pelo que o vinho e a cerveja também podem causar efeitos nefastos e irreversíveis nos jovens, principalmente no sistema nervoso.

➤ **O álcool misturado com um refrigerante (como o vinho com gasosa) afeta menos o organismo do que a bebida pura.**

De acordo com os dados da Tabela 120, mais de metade dos alunos inquiridos, tal como 51,4% do 9.º ano, 60,2% do 10.º ano, 63,3% do 11.º ano e 62,2% do 12.º ano concorda que álcool misturado com refrigerante afeta menos o organismo, do que o consumo da bebida alcoólica pura. Seguem-se também alguns alunos desconhecem este facto.

Tabela 120

Frequências absolutas e percentagens da variável “O álcool misturado com um refrigerante (como o vinho com gasosa) afeta menos o organismo do que a bebida pura”

<i>O álcool misturado com um refrigerante (como o vinho com gasosa) afeta menos o organismo do que a bebida pura</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Discordo totalmente</b>	12	8,6	6	4,5	6	5,1	5	4,5
<b>Discordo</b>	18	12,9	9	6,8	15	12,8	16	14,4
<b>Concordo</b>	50	35,7	50	37,6	58	49,6	52	46,8
<b>Concordo totalmente</b>	22	15,7	30	22,6	16	13,7	17	15,4
<b>Não sei</b>	38	27,1	37	27,7	21	17,9	21	18,9
<b>Total</b>	140	100,0	132	99,2	116	99,1	111	100,0
<i>Missing</i>			1	0,8	1	0,9		
<b>Total</b>			133	100,0	117	100,0		

As bebidas carbonatadas (refrigerantes gaseificados) atravessam rapidamente, tanto o estômago como as paredes intestinais, arrastando consigo o álcool que entra mais rapidamente na corrente sanguínea. A presença de dióxido de carbono e bicarbonato nas bebidas gaseificadas facilita a absorção do álcool (Dederich, 2007).

➤ **Os efeitos do álcool são mais intensos se for consumido com o estômago vazio.**

A grande maioria dos alunos representados na Tabela 121 (72,2% do 9.º ano, 83,4% do 10.º ano, 89,7% do 11.º ano e 91,9% do 12.º ano) considera que os efeitos do álcool são mais intensos se este for consumido com o estômago vazio.

Na realidade trata-se de um facto e não de um mito. Quando o estômago está vazio, não possui outros alimentos para diluir o álcool e reduzir a taxa de absorção pelo sangue. Enquanto, quando há alimentos no estômago, principalmente ricos em proteínas, a taxa de absorção é mais lenta (Dederich, 2007).

Tabela 121

Frequências absolutas e percentagens da variável “Os efeitos do álcool são mais intensos se for consumido com o estômago vazio”

<i>Os efeitos do álcool são mais intensos se for consumido com o estômago vazio</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Discordo totalmente</b>	7	5,0	2	1,5	3	2,6	1	0,9
<b>Discordo</b>	9	6,4	4	3,0	2	1,7	3	2,7
<b>Concordo</b>	51	36,4	44	33,1	46	39,3	47	42,3
<b>Concordo totalmente</b>	50	35,8	67	50,4	59	50,4	55	49,6
<b>Não sei</b>	23	16,4	15	11,2	6	5,1	5	4,5
<b>Total</b>	140	100,0	132	99,2	116	99,1	111	100,0
<i>Missing</i>			1	0,8	1	0,9		
<b>Total</b>			133	100,0	117	100,0		

➤ **O alcoólico é um indivíduo a quem o álcool faz mal fisicamente.**

Verificamos que as opiniões dos adolescentes estão divididas entre a concordância e a discordância (Tabela 122).

Na realidade um alcoólico, ou uma pessoa dependente do álcool, é um indivíduo a quem o álcool faz mal fisicamente, não podendo nem devendo consumir qualquer bebida alcoólica, mesmo que em pequena quantidade.

Tabela 122

Frequências absolutas e percentagens da variável “O alcoólico é um indivíduo a quem o álcool faz mal fisicamente”

<i>O alcoólico é um indivíduo a quem o álcool faz mal fisicamente</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Discordo</b>	20	14,3	24	18,0	16	13,7	15	13,5
<b>totalmente</b>								
<b>Discordo</b>	34	24,3	45	33,8	34	29,1	43	38,8
<b>Concordo</b>	34	24,3	34	25,6	41	35,0	34	30,6
<b>Concordo</b>	19	13,6	13	9,8	11	9,4	11	9,9
<b>totalmente</b>								
<b>Não sei</b>	32	22,8	16	12,0	13	11,1	8	7,2
<b>Total</b>	139	99,3	132	99,2	115	98,3	111	100,0
<b>Missing</b>	1	0,7	1	0,8	2	1,7		
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	117	100,0		

- **O consumo continuado de bebidas alcoólicas pode provocar alterações mentais muito graves, porque destrói os neurónios do cérebro.**

Da análise da Tabela 123 verificamos que há um aumento da percentagem de concordância com o aumento do ano de escolaridade, tendo 67,1% dos alunos do 9.º ano, 73,7% do 10.º ano, 75,2% do 11.º ano e 87,4% do 12.º ano a opinião que o consumo continuado de bebidas alcoólicas pode provocar alterações mentais muito graves, pois destrói os neurónios do cérebro (Mello, Barrias & Breda, 2001).

Tabela 123

Frequências absolutas e percentagens da variável “O consumo continuado de bebidas alcoólicas pode provocar alterações mentais muito graves, porque destrói os neurónios do cérebro”

<i>O consumo continuado de bebidas alcoólicas pode provocar alterações mentais muito graves, porque destrói os neurónios do cérebro</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Discordo totalmente</b>	5	3,6	5	3,8	2	1,7	2	1,8
<b>Discordo</b>	11	7,9	11	8,3	4	3,4	3	2,7
<b>Concordo</b>	43	30,7	50	37,6	48	41,0	57	51,4
<b>Concordo totalmente</b>	51	36,4	48	36,1	40	34,2	40	36,0
<b>Não sei</b>	29	20,7	19	14,2	22	18,8	8	7,2
<b>Total</b>	139	99,3	133	100,0	116	99,1	110	99,1
<i>Missing</i>	1	0,7			1	0,9	1	0,9
<b>Total</b>	140	100,0			117	100,0	111	100,0

➤ **O álcool dificulta a digestão.**

Analisando os resultados da Tabela 124, verificamos que cerca de metade dos alunos desconhece, se o álcool dificulta ou facilita a digestão. Seguem-se os alunos que concordam que o álcool dificulta a digestão, com 30% de alunos do 9.º ano, 25,6% do 10.º ano, 24,8% do 11.º ano e 40,5% do 12.º ano.

Tabela 124

Frequências absolutas e percentagens da variável “O álcool dificulta a digestão”

O álcool dificulta a digestão	9.º ano		10.º ano		11.º ano		12.º ano	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
<b>Discordo totalmente</b>	7	5,0	4	3,0	3	2,6	4	3,6
<b>Discordo</b>	19	13,6	14	10,5	18	15,4	11	9,9
<b>Concordo</b>	30	21,4	23	17,3	17	14,5	41	36,9
<b>Concordo totalmente</b>	12	8,6	11	8,3	12	10,3	4	3,6
<b>Não sei</b>	72	51,4	80	60,1	66	56,3	51	46,0
<b>Total</b>	140	100,0	132	99,2	116	99,1	111	100,0
<i>Missing</i>			1	0,8	1	0,9		
<i>Total</i>			133	100,0	117	100,0		

O que é comum ouvir na nossa sociedade, é que o álcool facilita a digestão e depois das refeições servem-se digestivos. Na realidade, o álcool aumenta a frequência dos movimentos peristálticos do estômago, passando os alimentos mais rapidamente para o intestino, sem estarem devidamente digeridos, dando a sensação de estômago vazio e de digestão feita. Contudo, estamos a atrasar a digestão para o intestino. O consumo dos “digestivos” conduz ao aparecimento de gastrites e úlceras e não facilita a digestão (Breda, 1996).

- **O hábito de consumir álcool pode facilitar o consumo de tabaco, cocaína, ou outras drogas.**

Cerca de metade dos alunos dos quatro anos de escolaridade considera que o consumo de álcool pode facilitar o consumo de outras drogas, com 45,7% do 9.º ano, 56,4% do 10.º ano, 53% do 11.º ano e 57,7% do 12.º ano (Tabela 125).

Tabela 125

Frequências absolutas e percentagens da variável “O hábito de consumir álcool pode facilitar o consumo de tabaco, cocaína, ou outras drogas”

<i>O hábito de consumir álcool pode facilitar o consumo de tabaco, cocaína, ou outras drogas</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Discordo</b>	12	8,6	12	9,0	8	6,8	11	9,9
<b>totalmente</b>								
<b>Discordo</b>	23	16,4	15	11,3	18	15,4	24	21,6
<b>Concordo</b>	43	30,7	54	40,6	43	36,8	54	48,7
<b>Concordo</b>	21	15,0	21	15,8	19	16,2	10	9,0
<b>totalmente</b>								
<b>Não sei</b>	40	28,6	31	23,3	28	23,9	12	10,8
<b>Total</b>	139	99,3	133	100,0	116	99,1	111	100,0
<b>Missing</b>	1	0,7			1	0,9		
<b>Total</b>	140	100,0			117	100,0		

Cruzando os dados desta questão, com dados da Parte II, verificamos que o álcool é a droga mais consumida pelos jovens, seguindo-se o tabaco e a *cannabis* (Tabelas 24, 23 e 20, respetivamente). Para além disso, já verificámos que o consumo de álcool proporciona o policonsumo, nomeadamente destas duas outras drogas: tabaco e *cannabis*. Mais acresce que, os nossos dados também estão de acordo com os obtidos por outros estudos nacionais e internacionais.

De acordo com os dados do ECATD (2011), o álcool também é a droga mais consumida pelos jovens, seguindo-se o tabaco e a *cannabis*, verificando-se de 2007 para 2011 um aumento, em todas as faixas etárias em estudo, do consumo conjunto de álcool e tabaco.

Tendo em conta os resultados do *ESPAD* (2012), 54% dos estudantes participantes já consumiu tabaco e 19% já consumiu *cannabis*. Também o estudo *HBSC* (2012), está de acordo com estes resultados, sendo o tabaco a segunda droga mais consumida (a seguir ao álcool), com 30% de prevalência de consumo ao longo da vida, sendo a *cannabis*, a droga ilícita mais consumida por cerca de 2% dos jovens.

➤ **Beber um pouco mais de álcool aos fins de semana não apresenta perigo de alcoolismo, desde que não se beba durante a semana.**

Verificamos na Tabela 126 uma divisão das opiniões, predominando o concordo que beber um pouco mais aos fins de semana não apresenta perigo de alcoolismo, desde que não se beba durante o fim de semana, no 9.º ano com 43,6%, no 10.º ano com 53,4% e no 11.º ano com 46,2%, mas no 12.º ano, maior parte (48,7%) já discorda deste facto. Os alunos mais velhos parecem evidenciar maior consciência relativamente ao consumo de álcool, contudo, dados anteriores revelam-nos também que são eles que consomem mais bebidas alcoólicas e com maior frequência.

Tabela 126

*Frequências absolutas e percentagens da variável “Beber um pouco mais de álcool aos fins de semana não apresenta perigo de alcoolismo, desde que não se beba durante a semana”*

<i>Beber um pouco mais de álcool aos fins de semana não apresenta perigo de alcoolismo, desde que não se beba durante a semana</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	11	7,9	28	21,1	7	6,0	9	8,1
<b>Concordo</b>	50	35,7	43	32,3	47	40,2	41	36,9
<b>Discordo</b>	36	25,7	30	22,6	44	37,6	42	37,9
<b>Discordo totalmente</b>	19	13,6	10	7,5	8	6,8	12	10,8
<b>Não sei</b>	23	16,4	22	16,5	10	8,5	7	6,3
<b>Total</b>	139	99,3	133	100,0	116	99,1	111	100,0
<i>Missing</i>	1	0,7			1	0,9		
<b>Total</b>	140	100,0			117	100,0		

Os jovens tendem a consumir preferencialmente com os amigos, em contextos festivos e principalmente aos fins de semana à noite, pelo que este comportamento é considerado normal e aceitável. Contudo, Garcia-Moreno (2009) e Guerri (2010) defendem que o “alcoolismo de fim de semana” pode provocar danos cerebrais nos

juvens, bem como a nível do sistema digestivos, semelhantes aos causados nos alcoólicos crónicos.

➤ **Os efeitos do álcool desaparecem após tomar um banho de água fria.**

Apesar do elevado desconhecimento dos alunos sobre este facto, evidente nos resultados da Tabela 127, a maior parte considera que os efeitos do álcool não desaparecem após um banho de água fria. Esta consciência aumenta com o aumento do nível de escolaridade, tendo o 9.º ano 40%, o 10.º ano 39,9%, o 11.º ano 54,6% e o 12.º ano 72,1%.

Trata-se de mais um mito, pois o desaparecimento do álcool depende exclusivamente do tempo e não de café, duche, ar fresco, entre outras coisas (Breda, 1996).

Tabela 127

*Frequências absolutas e percentagens da variável “Os efeitos do álcool desaparecem após tomar um banho de água fria”*

<i>Os efeitos do álcool desaparecem após tomar um banho de água fria</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	6	4,2	6	4,5			1	0,9
<b>Concordo</b>	32	22,9	24	18,0	14	12,0	8	7,2
<b>Discordo</b>	35	25,0	34	25,6	36	30,7	51	45,9
<b>Discordo totalmente</b>	21	15,0	19	14,3	28	23,9	29	26,2
<b>Não sei</b>	46	32,9	50	37,6	38	32,5	22	19,8
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	116	99,1	111	100,0
<i>Missing</i>					1	0,9		
<i>Total</i>					117	100,0		

➤ **Consumir bebidas alcoólicas facilita o “engate”.**

Apesar da divisão das respostas, verifica-se na Tabela 128 uma maior tendência para discordar que o consumo de álcool facilita o “engate”, apresentando o 9.º ano 49,3%, o 10.º ano 40,6%, o 11.º ano 50,4% e o 12.º ano 77,5%. Estes resultados estão em

coerência com outra questão desta parte, em que os alunos também responderam que o consumo de bebidas alcoólicas não torna mais fácil arranjar namorado(a).

Já vimos que o álcool pode ter um efeito desinibidor, que pode parecer facilitador da convivência. Contudo, estas relações decorrentes do consumo de álcool podem ser fortuitas, pouco profundas e artificiais, podendo levar a um posterior arrependimento.

Tabela 128  
*Frequências absolutas e percentagens da variável “Consumir bebidas alcoólicas facilita o “engate””*

<i>Consumir bebidas alcoólicas facilita o “engate”</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	13	9,3	23	17,3	5	4,3	1	0,9
<b>Concordo</b>	30	21,4	32	24,1	31	26,5	11	9,9
<b>Discordo</b>	33	23,6	23	17,3	33	28,2	61	55,0
<b>Discordo totalmente</b>	36	25,7	31	23,3	26	22,2	25	22,5
<b>Não sei</b>	28	20,0	24	18,0	21	17,9	13	11,7
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	116	99,1	111	100,0
<i>Missing</i>					1	0,9		
<i>Total</i>					117	100,0		

➤ **Os efeitos do álcool desaparecem depois de vomitar.**

Com base na análise dos dados da Tabela 129, observamos que a maior parte dos alunos respondentes, com 48,7% do 9.º ano, 44,3% do 10.º ano, 52,1% do 11.º ano e 77,5% do 12.º ano, discordam de que os efeitos do álcool desapareçam depois de vomitar.

Os efeitos do álcool fazem-se sentir quando este é absorvido do intestino e passa para a corrente sanguínea, inibindo a transmissão do impulso nervoso. Sendo assim, o álcool já não se encontra no estômago, mas sim no sangue, pelo que através do vômito, eliminaremos apenas alimentos do estômago e não da corrente sanguínea (CISA, 2011; NIAAA, n.d.).

Como a maior porcentagem de discordância se verifica entre alunos de 11.º e 12.º ano, que são também os que mais consomem, provavelmente serão os que sabem melhor, por experiência própria, que tal não se verifica.

Tabela 129

Frequências absolutas e percentagens da variável “Os efeitos do álcool desaparecem depois de vomitar.”

<i>Os efeitos do álcool desaparecem depois de vomitar</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	10	7,1	7	5,3	1	0,9	1	0,9
<b>Concordo</b>	31	22,1	35	26,3	24	20,5	11	9,9
<b>Discordo</b>	46	32,9	41	30,8	44	37,6	61	55,0
<b>Discordo totalmente</b>	22	15,8	18	13,5	17	14,5	25	22,5
<b>Não sei</b>	31	22,1	31	23,3	30	25,6	13	11,7
<b>Total</b>	140	100,0	132	99,2	116	99,1	111	100,0
<i>Missing</i>			1	0,8	1	0,9		
<i>Total</i>			133	100,0	117	100,0		

➤ **Um copo de licor ajuda a curar a constipação ou a gripe.**

De acordo com os dados da Tabela 130, cerca de metade dos alunos desconhece se um copo de licor ajuda a curar a constipação ou a gripe, estando as restantes opiniões divididas entre a discordância e a concordância. Os alunos revelam menos dúvidas em discordar que o álcool é um medicamento, do que nesta questão.

Tabela 130

Frequências absolutas e percentagens da variável “Um copo de licor ajuda a curar a constipação ou a gripe.”

<i>Um copo de licor ajuda a curar a constipação ou a gripe</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	11	7,9	12	9,0	3	2,6	3	2,7
<b>Concordo</b>	17	12,1	17	12,8	29	24,8	20	18,0
<b>Discordo</b>	17	12,1	9	6,8	20	17,1	27	24,3
<b>Discordo totalmente</b>	22	15,8	18	13,5	11	9,4	15	13,5
<b>Não sei</b>	70	50,0	76	57,1	53	45,2	46	41,5
<b>Total</b>	137	97,9	132	99,2	116	99,1	111	100,0
<i>Missing</i>	3	2,1	1	0,8	1	0,9		
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	117	100,0		

Está enraizado na nossa sociedade, que o álcool tem efeitos medicinais, considerando-se que os licores e as aguardentes fazem bem à garganta, podendo ser panaceia para gripes e constipações. Já referimos que o álcool não é um medicamento (Breda, 1996). O que pode acontecer é que um doente que consome álcool pode ficar temporariamente alterado, deixando de sentir os sintomas da doença, dando a falsa sensação de cura.

- **As pessoas que aguentam consumir muito álcool sem se embriagarem têm menos possibilidades que as outras de se tornarem alcoólicas.**

Apesar da elevada percentagem de desconhecimento evidente na Tabela 131, a maior parte dos alunos discorda que as pessoas que aguentam consumir muito álcool sem se embriagarem, têm menos possibilidades do que as outras, de se tornarem alcoólicas.

Tabela 131

Frequências absolutas e percentagens da variável “As pessoas que aguentam consumir muito álcool sem se embebedarem têm menos possibilidades que as outras de se tornarem alcoólicas”

<i>As pessoas que aguentam consumir muito álcool sem se embebedarem têm menos possibilidades que as outras de se tornarem alcoólicas</i>	<b>9.º ano</b>		<b>10.º ano</b>		<b>11.º ano</b>		<b>12.º ano</b>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	11	7,9	10	7,5	2	1,7	2	1,8
<b>Concordo</b>	35	25,0	23	17,3	24	20,5	13	11,7
<b>Discordo</b>	28	20,0	37	27,8	43	36,8	50	45,0
<b>Discordo totalmente</b>	23	16,4	24	18,0	22	18,8	27	24,3
<b>Não sei</b>	43	30,7	38	28,6	25	21,3	19	17,2
<b>Total</b>	140	100,0	132	99,2	116	99,1	111	100,0
<i>Missing</i>			1	0,8	1	0,9		
<b>Total</b>			133	100,0	117	100,0		

Há que frisar que a tolerância é o aumento da capacidade de resistir aos efeitos do álcool, com aumento da frequência do consumo de álcool (DSM-V, 2013). Por conseguinte, o hábito de beber regularmente tende a aumentar a tolerância do indivíduo aos seus efeitos, levando-o a suportar cada vez doses maiores, aumentando também a probabilidade de adquirir dependência.

- **Um alcoólico pode deixar facilmente de beber álcool, bastando ter força de vontade.**

Verificamos na Tabela 132 que no 9.º, 10.º e 11.º anos os alunos concordam que um alcoólico pode deixar facilmente de beber álcool, bastando ter força de vontade, com 50%, 47,4% e 41,9%, respetivamente. Já a maior parte dos alunos do 12.º ano discorda, considerando ser difícil para o alcoólico deixar de beber.

O álcool é a droga mais consumida, mas por ser bem aceite pela sociedade, muitas vezes não é vista como tal. Contudo, tal como já foi referido no início da parte

III, o álcool cria dependência física e psíquica, sendo o tratamento difícil e moroso, não bastando apenas força de vontade.

Tabela 132

*Frequências absolutas e percentagens da variável “Um alcoólico pode deixar facilmente de beber álcool, bastando ter força de vontade”*

<i>Um alcoólico pode deixar facilmente de beber álcool, bastando ter força de vontade</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	25	17,9	21	15,8	14	12,0	9	8,1
<b>Concordo</b>	45	32,1	42	31,6	35	29,9	34	30,6
<b>Discordo</b>	28	20,0	29	21,8	32	27,4	42	37,9
<b>Discordo totalmente</b>	24	17,1	25	18,8	16	13,7	15	13,5
<b>Não sei</b>	18	12,9	16	12,0	19	16,1	11	9,9
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	116	99,1	111	100,0
<i>Missing</i>					1	0,9		
<i>Total</i>					117	100,0		

➤ **O consumo de bebidas alcoólicas influencia o número de acidentes de viação.**

A grande maioria dos alunos (76,4% do 9.º ano, 87,2% d 10.º ano, 95,6% do 11.º ano e 93,7% do 12.º ano) acredita que o consumo de bebidas alcoólicas influencia o número de acidentes de viação (Tabela 133).

Tabela 133

Frequências absolutas e percentagens da variável “O consumo de bebidas alcoólicas influencia o número de acidentes de viação.”

<i>Preocupo-me bastante com os malefícios provocados pelo consumo de álcool</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Discordo totalmente</b>	7	5,0	4	3,0	1	0,9	1	0,9
<b>Discordo</b>	14	10,0	5	3,8	2	1,7	4	3,6
<b>Concordo</b>	29	20,7	35	26,3	41	35,0	30	27,0
<b>Concordo totalmente</b>	78	55,7	81	60,9	71	60,6	74	66,7
<b>Não sei</b>	11	7,9	8	6,0	1	0,9	2	1,8
<b>Total</b>	139	99,3	133	100,0	116	99,1	111	100,0
<i>Missing</i>	1	0,7			1	0,9		
<b>Total</b>	140	100,0			117	100,0		

Já verificámos em questões do final da Parte II, que uma pequena percentagem de alunos acabou por envolver-se em acidentes devido ao álcool, tendo até alguns já conduzido alterados pelo efeito do álcool.

A capacidade para conduzir pode ser afetada até mesmo no dia seguinte, quando os vestígios de álcool no organismo, as dores de cabeça e as perturbações características da “ressaca”, contribuem para a ocorrência de acidentes, embora a pessoa já não se sinta embriagada.

➤ **O consumo excessivo de bebidas alcoólicas conduz ao aumento da criminalidade.**

A maior parte dos alunos pertencentes aos quatro anos de escolaridade, concordam que o consumo excessivo de bebidas alcoólicas conduz a um aumento da criminalidade (Tabela 134).

Também cruzando estes dados com as questões do final da Parte II, sobre os problemas com as autoridades nos últimos 12 meses, verificamos que houve uma pequena percentagem de alunos que os experienciou (Tabela 58).

Tabela 134

Frequências absolutas e percentagens da variável "O consumo excessivo de bebidas alcoólicas conduz ao aumento da criminalidade"

<i>O consumo excessivo de bebidas alcoólicas conduz ao aumento da criminalidade</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Discordo</b>	3	2,1	5	3,8	4	3,4	1	0,9
<b>totalmente</b>								
<b>Discordo</b>	11	7,9	7	5,2	8	6,8	13	11,7
<b>Concordo</b>	58	41,4	50	37,6	53	45,4	54	48,6
<b>Concordo</b>	42	30,0	55	41,4	40	34,2	39	35,2
<b>totalmente</b>								
<b>Não sei</b>	24	17,2	16	12,0	10	8,5	4	3,6
<b>Total</b>	138	98,6	133	100,0	115	98,3	111	100,0
<b>Missing</b>	2	1,4			2	1,7		
<b>Total</b>	140	100,0			117	100,0		

Segundo Nutt (2007), o álcool é a doença mais perigosa, não só pelos danos que provoca ao próprio, mas também aos outros.

➤ **As festas são mais divertidas se tiverem álcool.**

Verificamos na Tabela 135 que as opiniões estão divididas entre a concordância e a discordância.

Contudo, as festas constituem os contextos preferenciais dos jovens para consumirem bebidas alcoólicas. Para além disso, e tendo em conta os resultados obtidos nesta investigação, o que os jovens procuram no consumo de álcool é essencialmente obter alegria e diversão, e fazem-no em contexto festivo.

Tabela 135

Frequências absolutas e percentagens da variável “As festas são mais divertidas se tiverem álcool”

<i>As festas são mais divertidas se tiverem álcool</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	18	12,9	25	18,8	9	7,7	12	10,8
<b>Concordo</b>	42	30,0	38	28,6	44	37,6	41	36,9
<b>Discordo</b>	41	29,3	38	28,6	44	37,6	43	38,8
<b>Discordo totalmente</b>	20	14,2	22	16,5	14	12,0	12	10,8
<b>Não sei</b>	19	13,6	10	7,5	5	4,2	3	2,7
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	116	99,1	111	100,0
<i>Missing</i>					1	0,9		
<i>Total</i>					117	100,0		

➤ **Já não me sei divertir sem consumir álcool.**

Analisando os dados da Tabela 136, a grande maioria dos adolescentes (80,1% do 9.º ano, 80,4% do 10.º ano, 89,7%, do 11.º ano e 89,2% do 12.º ano) refere que se sabe divertir sem álcool. Contudo, sabemos que o que estes escolares procuram quando consomem álcool é obter alegria e diversão.

Não quer dizer que não se saibam divertir sem álcool, mas procuram maior diversão no consumo de álcool.

Tabela 136

Frequências absolutas e percentagens da variável “Já não me sei divertir sem consumir álcool”

<i>Já não me sei divertir sem consumir álcool</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	9	6,4	6	4,5	1	0,9		
<b>Concordo</b>	10	7,1	12	9,0	6	5,1	8	7,2
<b>Discordo</b>	40	28,7	29	21,8	38	32,5	37	33,3
<b>Discordo totalmente</b>	72	51,4	78	58,6	67	57,2	62	55,9
<b>Não sei</b>	9	6,4	7	5,3	3	2,6	4	3,6
<b>Total</b>	140	100,0	132	99,2	115	98,3	111	100,0
<i>Missing</i>			1	0,8	2	1,7		
<i>Total</i>			133	100,0	117	100,0		

➤ **Sinto necessidade de ter mais conhecimentos acerca dos efeitos e consequências do álcool.**

De acordo com os dados observados na Tabela 137, atestamos uma divisão nas opiniões entre a concordância e a discordância de que sentem necessidade de ter mais conhecimentos acerca dos efeitos e consequências do álcool. A maior parte dos alunos do 9.º e do 12.º ano, com 46,4% e 50,4%, respectivamente, consideram não sentir necessidade de ter mais conhecimentos. Enquanto, a maior parte dos alunos do 10.º e 11.º ano, com 53,4% e 52,2%, respectivamente, sentem necessidade de saber mais sobre os efeitos e consequências do álcool.

Tabela 137

*Frequências absolutas e percentagens da variável “Sinto necessidade de ter mais conhecimentos acerca dos efeitos e consequências do álcool”*

<i>Sinto necessidade de ter mais conhecimentos acerca dos efeitos e consequências do álcool</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Discordo</b>	23	16,4	10	7,5	14	12,0	18	16,2
<b>totalmente</b>								
<b>Discordo</b>	42	30,0	37	27,8	30	25,6	38	34,2
<b>Concordo</b>	38	27,1	39	29,3	45	38,5	44	39,6
<b>Concordo</b>	16	11,4	32	24,1	16	13,7	6	5,4
<b>totalmente</b>								
<b>Não sei</b>	21	15,1	15	11,3	10	8,5	5	4,6
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	115	98,3	111	100,0
<b>Missing</b>					2	1,7		
<b>Total</b>					117	100,0		

Pelas respostas obtidas ao longo do questionário, seguramente que todos os alunos deveriam sentir esta necessidade, pois haverá muita coisa que desconhecem mesmo e outras que julgam conhecer, mas provavelmente conhecem mal ou pouco.

➤ **A dependência do álcool é um problema de saúde mental.**

A maior parte dos alunos considera que a dependência do álcool é um problema de saúde mental, com 63,6% do 9.º ano, 70,6% do 10.º ano, 67,5% do 11.º ano e 60,4% do 12.º ano (Tabela 138), sendo de facto a dependência um problema de saúde mental, pelo que apresenta difícil tratamento (DSM-V, 2013; Mello et al., 2001).

Tabela 138  
Frequências absolutas e percentagens da variável “A dependência do álcool é um problema de saúde mental”

<i>A dependência do álcool é um problema de saúde mental</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Discordo totalmente</b>	8	5,7	5	3,8	5	4,3	6	5,4
<b>Discordo</b>	16	11,4	13	9,8	22	18,8	27	24,3
<b>Concordo</b>	49	35,0	44	33,0	49	41,9	38	34,3
<b>Concordo totalmente</b>	40	28,6	50	37,6	30	25,6	29	26,1
<b>Não sei</b>	27	19,3	21	15,8	10	8,5	11	9,9
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	116	99,1	111	100,0
<i>Missing</i>					1	0,9		
<i>Total</i>					117	100,0		

➤ **AUDIT**

Apenso ao questionário, juntou-se o *Alcohol Use Disorders Identification Test-AUDIT* (Babor, Higgin-Biddle, Saunders e Monteiro, 2001), que consiste num autoteste, que visa avaliar o tipo de consumo dos alunos (consumo de baixo risco, consumo nocivo/abusivo ou dependência). Os resultados do autoteste *AUDIT* encontram-se representados na Tabela 139. Este teste pretende avaliar os tipos de consumos de álcool, classificando-os em “*Consumo de baixo risco*”, se se obtiverem resultados entre 0 e 7, “*Consumo nocivo/abusivo*”, para valores entre 8 e 19 e “*Dependência*”, se os valores estiverem compreendidos entre 20 e 40.

Tabela 139

Frequências absolutas e percentagens da variável “Autoteste AUDIT”

Teste-AUDIT	9.º ano		10.º ano		11.º ano		12.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
0	20	14,3	17	12,8	7	6,0	10	9,0
1	28	20,0	19	14,3	17	14,5	19	17,1
2	9	6,4	9	6,8	15	12,8	8	7,2
3	12	8,6	14	10,5	11	9,4	10	9,0
4	13	9,3	12	9,0	7	6,0	10	9,0
5	5	3,6	11	8,3	11	9,4	9	8,1
6	4	2,9	12	9,0	6	5,1	6	5,4
7	7	5,0	10	7,5	9	7,7	5	4,5
8	3	2,1	5	3,8	6	5,1	6	5,4
9	5	3,6	4	3,0			7	6,3
10	4	2,9			5	4,3	3	2,7
11	3	2,1	2	1,5	1	0,9		
12	1	0,7	3	2,3	2	1,7	3	2,7
13	3	2,1	2	1,5	3	2,6	3	2,7
14	3	2,1	1	0,8	3	2,6	1	0,9
15			2	1,5	1	0,9	2	1,8
16	5	3,6	2	1,5	1	0,9		
17			1	0,8	1	0,9		
18	2	1,4	1	0,8	1	0,9		
19	1	0,7			1	0,9	1	0,9
20	2	1,4						
23					1	0,9		
24			1	0,8				
25					1	0,9	1	0,9
26							1	0,9
40							1	0,9
<b>Total</b>	130	92,9	128	96,2	110	94,0	106	95,5
<b>Missing</b>	10	7,1	5	3,8	7	6,0	5	4,5
<b>Total</b>	140	100,0	133	100,0	117	100,0	111	100,0

No 9.º ano, obtivemos uma média de 4,94 ( $DP=5,216$  e *erro standard da média*=0,457), sendo o valor mais frequente (moda) 1, com mínimo 0 e máximo 20. No 10.º ano, a média é de 4,84 ( $DP=4,507$  e *erro standard da média*=0,398), sendo também 1 o valor mais frequente, com mínimo 0 e máximo 24. Já no 11.º ano a média subiu um pouco para 5,54 ( $DP=5,109$  e *erro standard da média*=0,487), continuando a moda a ser 1, o mínimo 0 e o máximo 25. Para finalizar, no 12.º ano a média foi de 5,58 ( $DP=6,008$  e *erro standard da média*=0,584), sendo novamente a moda 1, o mínimo 0 e o máximo 40.

A maior parte dos alunos (70,1%, no 9.º ano, 78,2 no 10.º ano, 70,9% no 11.º ano e 69,3% no 12.º ano) apresenta um “*consumo de baixo risco*”, havendo 21,3% de alunos do 9.º ano, 17,5% do 10.º ano, 21,7% do 11.º ano e 23,4% do 12.º ano, com “*consumo nocivo/abusivo*” e é com alguma apreensão que verificamos que 1,4% de alunos (2 alunos) do 9.º ano, 1,4% (1 aluno) do 10.º ano, 1,8% (2 alunos) do 11.º ano e 2,7% (3 alunos) do 12.º ano revelam encontrar-se numa situação de “*dependência*”.

Fazendo uma breve síntese dos resultados da dimensão III, do questionário, a maior parte considera que o álcool é uma droga, que pode causar dependência física ou psíquica, bem como doenças graves, que os preocupam, não estando os médicos a exagerar, quando falam dos seus malefícios. Concordam que a dependência é um problema de saúde mental.

Apesar de alguma divisão nas opiniões, a maior parte dos inquiridos considera que o álcool não facilita a integração no grupo. Contudo, concordam que os jovens consomem para se sentirem integrados e identificados no grupo. Caso os amigos os incentivassem a consumir numa festa, os inquiridos dividem-se entre os que aceitariam e os que rejeitariam, discordando de que consumiriam mais do que o que é costume, conseguindo resistir facilmente ao consumo. Consideram que os jovens não consomem bebidas alcoólicas, por se sentirem aborrecidos ou tristes, mas para relaxarem, se sentirem mais adultos ou fugirem à realidade. Contudo, concordam que o consumo de álcool não os torna mais adultos, nem é um meio de se afirmarem. Não atribuem ao álcool poder de melhorar a capacidade de memorização, de concentração, de relacionamento ou o desempenho académico.

Verificamos um predomínio da discordância de que o álcool torne as pessoas mais bonitas, permita controlar o peso, mate a sede, ou alimente. A maior parte também não considera que o álcool abra o apetite, torne mais fácil arranjar namorado ou facilite o engate, faça bem ao coração, seja um medicamento, dê força e energia, ou que os efeitos do álcool desapareçam após banho de água fria ou depois de vomitar. Discordam que as bebidas alcoólicas de grande graduação, como o whisky, sejam prejudiciais para a saúde, ao contrário da cerveja. Defendem que as pessoas que aguentam consumir muito álcool sem se embebedarem, têm mais possibilidades do que as outras de se tornarem alcoólicas.

Apuramos uma divisão entre a concordância e a discordância no que respeita: ao vinho ser uma bebida leve, por ter menos álcool; ao álcool facilitar as relações sociais;

ao alcoólico ser um indivíduo a quem o álcool faz mal fisicamente. A mesma divisão paritária entre concordância e discordância se verifica na sinto necessidade de saber mais acerca dos efeitos e consequências acerca do consumo de álcool. Os inquiridos também se dividem em concordar ou discordar com o facto de as festas são mais divertidas com álcool, apesar de acharem que se sabem divertir sem álcool.

Predomina o desconhecimento se o álcool é afrodisíaco; se beber azeite, mascar pastilha elástica, fumar, fazer exercício físico, ingerir menta ou outra erva, mastigar um grão de café, vaporizar a boca com *spray* de mentol, comer caramelos ou outros produtos açucarados ou beber muita água, faz diminuir a taxa de alcoolemia. A maior parte também tem dúvidas se os efeitos do álcool no corpo da mulher são iguais aos efeitos no corpo do homem; se café pode curar a ressaca; se o álcool dificulta a digestão; ou se um copo de licor ajuda a curar uma constipação ou gripe.

Certificamos uma maior tendência dos alunos em concordarem que: se se consumirem bebidas alcoólicas às refeições, os efeitos são menores; se misturar cerveja, vinho e destilados leva mais rapidamente à embriaguez; o álcool aquece; o álcool misturado com refrigerantes afeta menos o organismo, do que bebida pura; os efeitos do álcool são mais intensos se ingeridos com o estômago vazio. Também consideram que o alcoólico é uma pessoa que se embebeda com muita frequência, que é fraco e irresponsável, sendo o álcool a causa do alcoolismo. Defendem ainda que o álcool torna as pessoas mais desinibidas; o consumo continuado de bebidas alcoólicas pode provocar alterações mentais graves, porque destrói os neurónios; o consumo de álcool pode facilitar outros consumos; o consumo de álcool influencia o número de acidentes de viação, bem como o aumento da criminalidade.

Obtivemos um predomínio da concordância nos alunos do 9.º ao 11.º ano e da discordância no 12.º ano, em que se se beber um pouco de álcool aos fins de semana não apresenta perigo de alcoolismo, desde que não se beba durante a semana; bem como de que um alcoólico pode deixar facilmente de beber, bastando ter força de vontade.

Relativamente à análise do teste *AUDIT*, apuramos que predominam os consumos de baixo risco, seguindo-se os nocivos e poucos casos de dependência.

### **4.3. Teste T – Idades**

Os Testes Paramétricos são utilizados se a variável dependente apresenta distribuição normal e se as variâncias populacionais são homogéneas.

Para testar se a média de idades da população é ou não igual à da nossa amostra em estudo, utilizámos o *Teste t-Student*.

➤ **9.º ano**

Os 140 alunos do 9.º ano apresentam uma média de idades de 14,86 anos, um  $DP = 0,891$  e um *erro standard da média* de 0,075 (Tabela 140).

Tabela 140  
*One-Sample Statistics 9.º ano*

	<i>N</i>	<i>Mean</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>Std. Error Mean</i>
<b>Idade</b>	140	14,86	,891	,075

Cruzando a idade média da nossa amostra do 9.º ano, com a média de idades a nível nacional, obtemos um  $p\ value = 0,074$ , pelo que não são dependentes (Tabela 141).

Tabela 141  
*One-Sample Test 9.º ano*

	<i>Test Value = 15</i>					
	<i>t</i>	<i>df</i>	<i>Sig. (2-tailed)</i>	<i>Mean Difference</i>	<i>95% Confidence Interval of the Difference</i>	
					<i>Lower</i>	<i>Upper</i>
<b>Idade</b>	-1,802	139	,074	-,136	-,28	,01

➤ **10.º ano**

No 10.º ano, a média de idades dos 133 alunos é de 15,68 anos, com um  $DP = 0,774$  e um *erro standard da média* de 0,067 (Tabela 142).

Tabela 142  
*One-Sample Statistics 10.º ano*

	<i>N</i>	<i>Mean</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>Std. Error Mean</i>
<b>Idade</b>	133	15,68	,774	,067

Ao compararmos a média de idades dos nossos alunos do 10.º ano, com a média nacional, verificamos que  $p\ value = 0,000$ , pelo que podemos considerar que as variáveis são dependentes (Tabela 143).

Tabela 143  
One-Sample Test 11.º ano

	Test Value = 16					
	<i>t</i>	<i>df</i>	<i>Sig. (2-tailed)</i>	<i>Mean Difference</i>	<i>95% Confidence Interval of the Difference</i>	
					<i>Lower</i>	<i>Upper</i>
<i>Idade</i>	-4,817	132	,000	-,323	-,46	-,19

➤ **11.º ano**

A média de idades dos 117 alunos do 11.º ano é de 16,66 anos, com um *DP* = 0,853 e *erro standard da média* de 0,079 (Tabela 144).

Tabela 144  
One-Sample Statistics 11.º ano

	<i>N</i>	<i>Mean</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>Std. Error Mean</i>
<i>Idade</i>	117	16,66	,853	,079

Comparando com a idade média a nível nacional, obtemos um *p value* = 0,000, logo podemos concluir que os valores nacionais e do nosso questionário são dependentes (Tabela 145).

Tabela 145  
One-Sample Test 11.º ano

	Test Value = 17					
	<i>t</i>	<i>df</i>	<i>Sig. (2-tailed)</i>	<i>Mean Difference</i>	<i>95% Confidence Interval of the Difference</i>	
					<i>Lower</i>	<i>Upper</i>
<i>Idade</i>	-4,337	116	,000	-,342	-,50	-,19

➤ **12.º ano**

Os 111 alunos do 12.ºanos de escolaridade apresentam uma média de idades de 17,65 anos, com um *DP* = 0,669 e *erro standard da média* de 0,064 (Tabela 146).

Tabela 146  
One-Sample Statistics 12.º ano

	<i>N</i>	<i>Mean</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>Std. Error Mean</i>
<i>Idade</i>	111	17,65	,669	,064

Aplicando o teste *T* e comparando com a média de idades a nível nacional, tendo em conta o *p value* = 0,000 verificamos que são dependentes (Tabela 147).

Tabela 147  
One-Sample Test 12.º ano

	Test Value = 18					
	<i>t</i>	<i>df</i>	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
					Lower	Upper
<b>Idade</b>	-5,530	110	,000	-,351	-,48	-,23

➤ **Do 9.º ao 12.º ano**

Se considerarmos a totalidades dos alunos do 9.º ao 12.º anos de escolaridade (456 alunos), verificamos que consumiram a primeira bebida alcoólica com uma média de idades de 13,14 anos, apresentando um *DP* = 2,021 e um *erro standard da média* = 0,095 (Tabela 148).

Tabela 148  
One-Sample Statistics do 9.º ao 12.º ano

	<i>N</i>	<i>Mean</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>Std. Error Mean</i>
<b>Idade em que consumiu a 1.ª bebida alcoólica</b>	456	13,14	2,021	,095

Aplicando o Teste *T*, comparado com a idade do primeiro consumo dos estudos nacionais e internacionais (ECATD, 2011; ESPAD, 2012; HBSC, 2012; INME, 2011), que consideram que a idade média do primeiro consumo é de 13 anos, obtemos um *p value* de 0,139, pelo que são consideradas independentes (Tabela 149).

Tabela 149  
One-Sample Test do 9.º ao 12.º ano

	Test Value = 13					
	<i>t</i>	<i>df</i>	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
					Lower	Upper
<b>Idade em que consumiu a 1.ª bebida alcoólica</b>	1,483	455	,139	,140	-,05	,33

#### 4.4. Medidas de Associação

Nesta secção pretendemos analisar a associação entre variáveis da Dimensão Sociocultural com as variáveis da Dimensão II sobre Hábitos de consumo de álcool, bem como com as variáveis da Dimensão III, sobre Representações dos alunos acerca dos efeitos e consequências do consumo de álcool. Da Dimensão I utilizámos apenas as variáveis: *Idade*, *Sexo*, *Ano de escolaridades*, *Escola que frequenta* e *Reprovação*. A *Escola que frequenta* é apenas considerada variável para o 9.º ano, onde temos alunos de Escolas de Ensino Básico de 2.º e 3.º ciclo e Escolas Secundárias com 3.º ciclo, enquanto do 10.º ao 12.º ano, todos os alunos frequentam Escolas Secundárias com 3.º ciclo.

Para analisarmos a medida de associação entre “*Idade*” e as variáveis da Dimensão II e da Dimensão III, bem como “*Ano de escolaridade*” e as variáveis da Dimensão II e da Dimensão III juntámos todos os resultados numa base de dados única, pelo que obtivemos um total de 501 alunos, sendo 140 do 9.º ano, 133 do 10.º ano, 117 do 11.º ano e 111 do 12.º ano.

Para analisarmos a intensidade e sentido de orientação da variável “*Idade*”, que é quantitativa e contínua, com as variáveis da Dimensão II e da Dimensão III, para as variáveis qualitativas nominais e ordinais utilizámos o *Coefficiente de Correlação de Spearman*, que mede a associação não paramétrica entre duas variáveis, pelo menos ordinais e para as variáveis quantitativas utilizámos o *Coefficiente de Correlação de Bravais-Pearson*, que mede a intensidade e direção da associação do tipo linear entre duas variáveis quantitativas (Maroco, 2010).

Na análise da intensidade de associação entre *Sexo*, *Ano de escolaridade*, *Escola que frequenta* e *Reprovação* da Dimensão I, com as variáveis nominais das Dimensões II e III utilizámos *Teste do Qui-quadrado* e *V de Cramer*, que é um coeficiente não paramétrico que mede a intensidade de associação entre duas variáveis nominais e para as variáveis ordinais calculámos o *Teste Kendall tau* (Maroco, 2010). Considerou-se uma probabilidade de erro de tipo I ( $\alpha$ ) de 0,05 em todas as análises inferenciais. As hipóteses em estudo são: “ $H_0$  – As variáveis em estudo são independentes” e “ $H_1$  – Existe uma relação entre as variáveis”.

Apresentamos apenas as variáveis, em cujas *crosstabs* o *p-value* foi  $\leq 0,05$ , pelo que revela que as variáveis consideradas são dependentes.

As medidas de associação entre *Sexo*, *Escola que frequenta* e *Reprovação*, da Dimensão I e as variáveis das Dimensões II e III, foram analisadas separadamente, por anos de escolaridade, relativamente aos 140 questionários do 9.º ano, aos 133 de 10.º ano, aos 117 do 11.º ano e aos 111 do 12.º ano.

➤ **Idade x Variáveis da Dimensão II: Hábitos de consumo de álcool**

A Tabela 150 mostra um valor de *p value* = 0,001, o que nos permite concluir que as variáveis *Idade* e *Já tomou calmantes* são dependentes.

Tabela 150  
Análise da associação entre variáveis “Idade” e “Já tomou calmantes?”

			<i>Idade</i>	<i>Já tomou calmantes?</i>
<i>Coefficiente de correlação de Spearman</i>	<i>Idade</i>	<i>Coefficientes de correlação</i>	1,000	-0,152**
		<i>Sig. (2-tailed)</i>		0,001
	<i>Já tomou calmantes?</i>	<i>N</i>	501	498
		<i>Coefficiente de correlação</i>	-0,152**	1,000
		<i>Sig. (2-tailed)</i>	0,001	
		<i>N</i>	498	498

\*\* . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

A Figura 2 mostra que a maior parte dos alunos entre os 14 e os 19 anos, nunca tomou calmantes, tendo os alunos com idades entre os 15 e os 18 anos tomado mais calmantes.

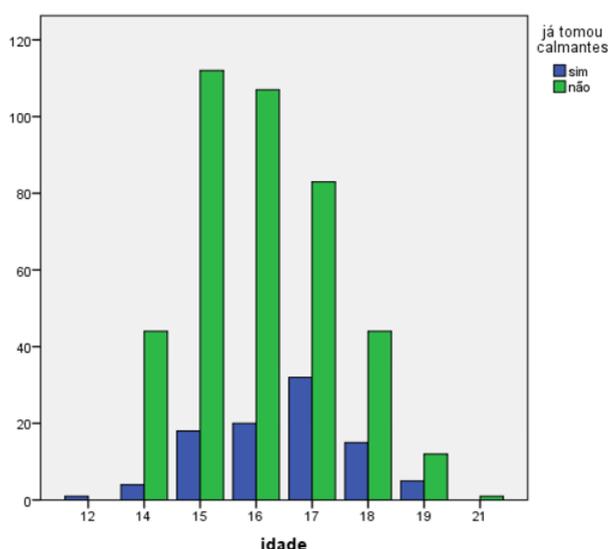


Figura 2. Gráficos de frequências das variáveis “Idade” e “Já tomou calmantes?”.

Considerando que que o *p value* = 0,002, então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Já consumiu cannabis* são dependentes (Tabela 151).

Tabela 151  
*Análise da associação entre variáveis “Idade” e “Já consumiu cannabis?”*

			<i>Idade</i>	<i>Já consumiu cannabis?</i>
<i>Coefficiente de correlação de Spearman</i>	<i>Idade</i>	<i>Coefficiente de correlação</i>	1,000	0,142**
		<i>Sig. (2-tailed)</i>	.	0,002
	<i>Já consumiu cannabis?</i>	<i>Coefficiente de correlação</i>	0,142**	1,000
		<i>Sig. (2-tailed)</i>	0,002	.
<i>N</i>			475	475

\*\* . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

De acordo com os dados da Figura 3, a maior parte dos alunos de qualquer faixa etária nunca consumiu *cannabis*, verificando-se uma diminuição desta ausência de consumo, com o aumento da idade.

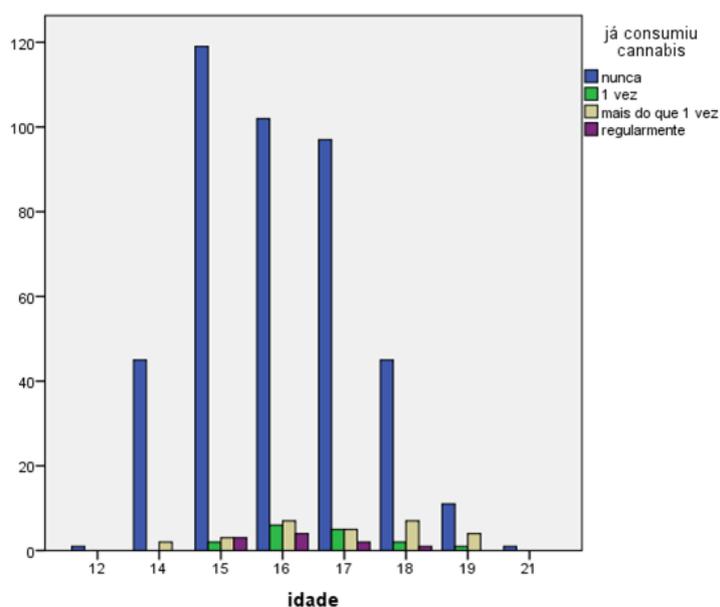


Figura 3. Gráficos de frequências das variáveis “Idade” e “Já consumiu cannabis?”.

Considerando que o *p value* = 0,001, então as variáveis *Idade* e *Já consumiu tabaco* são dependentes (Tabela 152).

Tabela 152  
*Análise da associação entre variáveis “Idade” e “Já consumiu tabaco?”*

			<i>Idade</i>	<i>Já consumiu tabaco?</i>
<i>Coefficiente de correlação de Spearman</i>	<i>Idade</i>	<i>Coefficientes de correlação</i>	1,000	0,151**
		<i>Sig. (2-tailed)</i>	.	0,001
	<i>Já consumiu tabaco?</i>	<i>N</i>	501	490
		<i>Coefficiente de correlação</i>	0,151**	1,000
		<i>Sig. (2-tailed)</i>	0,001	.
		<i>N</i>	490	490

\*\* . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

A maior parte dos alunos representados na Figura 4 entre os 12 e os 17 anos nunca consumiu tabaco, mas são os alunos entre os 15 e os 18 anos que apresentam consumos mais regulares. A maior parte dos alunos entre os 18 e os 21 já fumou mais do que uma vez.

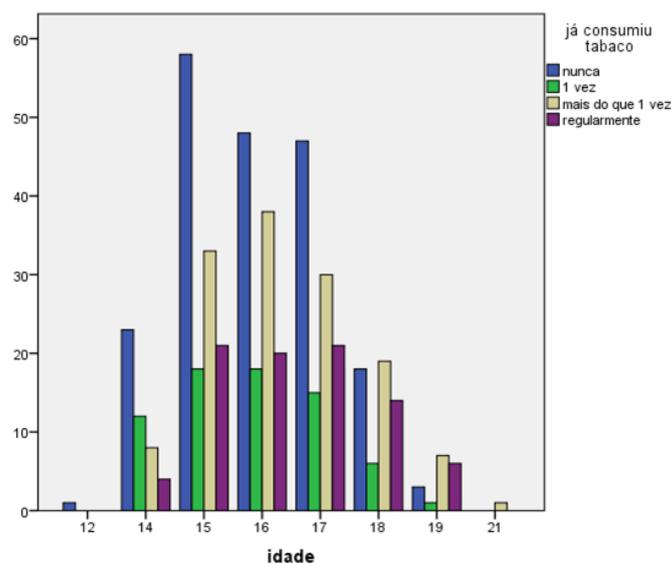


Figura 4. Gráficos de frequências das variáveis “Idade” e “Já consumiu tabaco?”.

Visto que o *p value* = 0,003, então as variáveis *Idade* e *Já consumiu álcool* são dependentes, de acordo com a Tabela 153.

Tabela 153

Análise da associação entre variáveis “Idade” e “Já consumiu álcool?”

			<i>Idade</i>	<i>Já consumiu álcool?</i>
<i>Coefficiente de correlação de Spearman</i>	<i>Idade</i>	<b>Coefficientes de correlação</b>	1,000	0,135**
		<i>Sig. (2-tailed)</i>	.	0,003
	<i>Já consumiu álcool?</i>	<b>Coefficiente de correlação</b>	0,135**	1,000
		<i>Sig. (2-tailed)</i>	0,003	.
<b>N</b>			501	494
<b>N</b>			494	494

\*\*. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Analisando os gráficos da Figura 5, com exceção do aluno de 12 anos que nunca consumiu álcool, a maior parte dos alunos das restantes faixas etárias já consumiu álcool mais do que uma vez, mas são nos alunos entre os 15 e 18 anos onde se verificam os consumos mais frequentes.

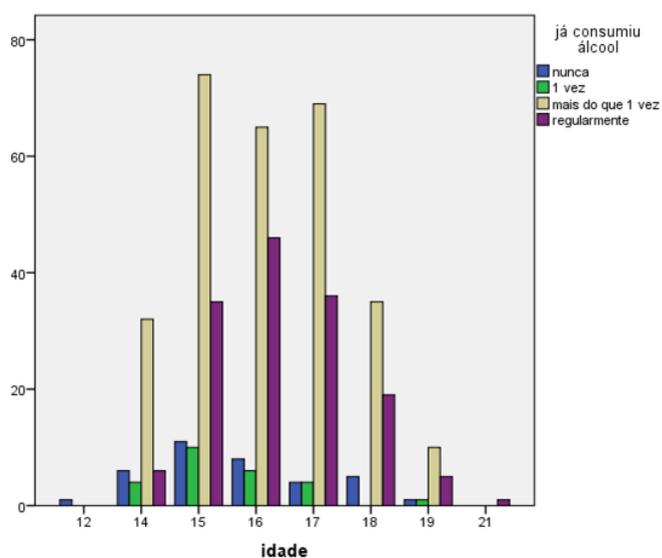


Figura 5. Gráficos de frequências das variáveis “Idade” e “Já consumiu álcool?”.

Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,000$ , da Tabela 154, então as variáveis *Idade* e *Idade em que consumiu a primeira bebida alcoólica* são dependentes.

Tabela 154

Análise da associação entre variáveis "Idade" e "Idade em que consumiu a 1.ª bebida alcoólica?"

			<i>Idade</i>	<i>Idade em que consumiu a 1.ª bebida alcoólica?</i>
<i>Coefficiente de correlação de Bravais-Pearson</i>	<i>Idade</i>	<i>Coefficientes de correlação</i>	1	0,212**
		<i>Sig. (2-tailed)</i>		0,000
		<i>N</i>	501	456
	<i>Idade em que consumiu a 1.ª bebida alcoólica?</i>	<i>Coefficiente de correlação</i>	0,212**	1
		<i>Sig. (2-tailed)</i>	0,000	
		<i>N</i>	456	456

\*\*. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Verificamos nos gráficos da Figura 6, que a maior parte dos alunos com 14 e 15 anos consumiu a primeira bebida alcoólica entre os 12 e os 14 anos, sendo o valor mais frequente os 13 anos. A maior parte dos alunos com 16 e 17 anos iniciou o consumo de bebidas alcoólicas com 14 ou 15 anos, tendo os alunos de 18 anos iniciado entre os 13 e os 15 anos, sendo os 14 anos o valor mais frequente. A maior parte dos alunos com 19 anos consumiu a primeira bebida alcoólica com 13 anos e os de 21 anos consumiram-na com 15 anos.

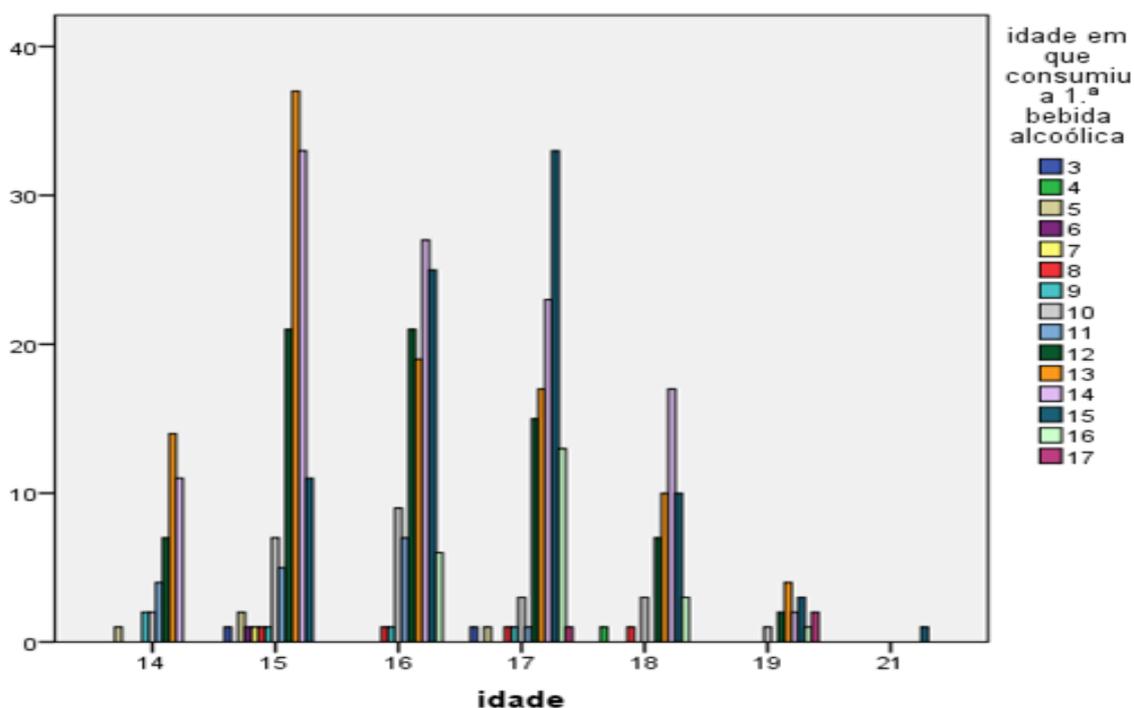


Figura 6. Gráficos de frequências das variáveis "Idade" e "Idade em que consumiu a 1.ª bebida alcoólica?".

Como o  $p$  value = 0,032, então as variáveis *Idade* e *Local onde consumiu a primeira bebida alcoólica* são dependentes (Tabela 155).

Tabela 155

Análise da associação entre variáveis “*Idade*” e “*Local onde consumiu a 1.ª bebida alcoólica?*”

			<i>Idade</i>	<i>Local onde consumiu a 1.ª bebida alcoólica?</i>
<i>Coefficiente de correlação de Spearman</i>	<i>Idade</i>	<b>Coefficientes de correlação</b>	1,000	-0,100*
		<b>Sig. (2-tailed)</b>	.	0,032
	<i>Local onde consumiu a 1.ª bebida alcoólica?</i>	<b>N</b>	501	457
		<b>Coefficiente de correlação</b>	-0,100*	1,000
		<b>Sig. (2-tailed)</b>	0,032	.
		<b>N</b>	457	457

\*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

A maior parte dos alunos, de qualquer faixa etária, consumiu a primeira bebida alcoólica numa discoteca ou num bar, seguindo-se entre os 15 e os 17 anos a casa dos pais (Figura 7).

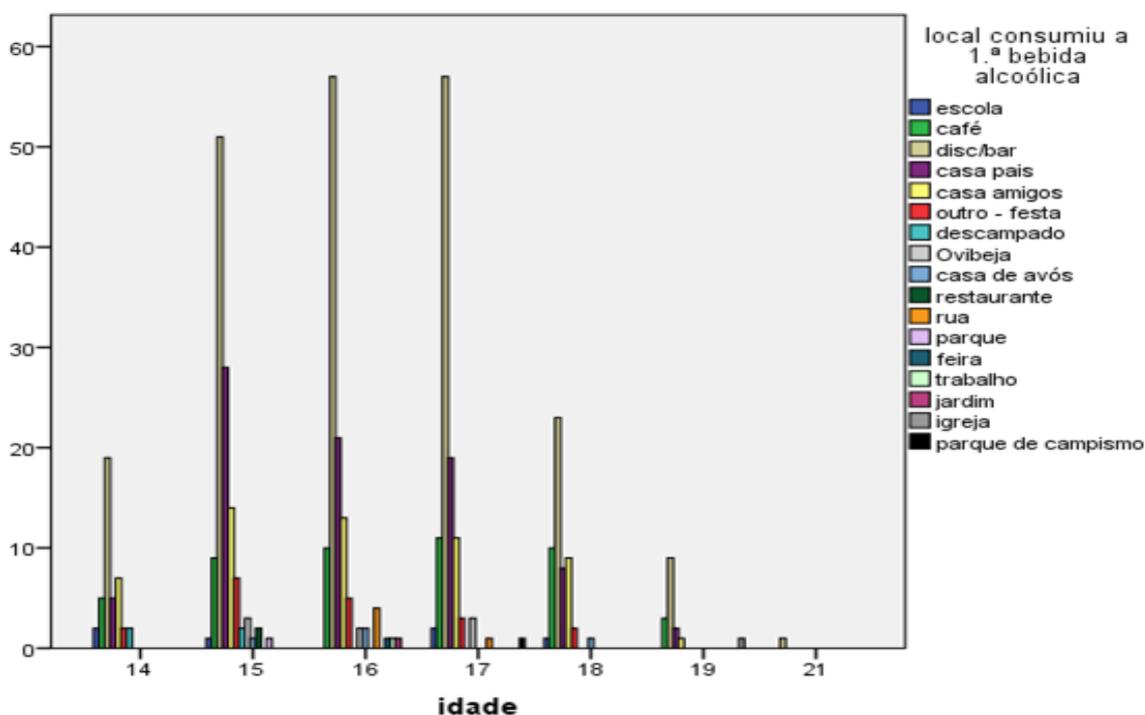


Figura 7. Gráficos de frequências das variáveis “*Idade*” e “*Local onde consumiu a 1.ª bebida alcoólica?*”.

Sabendo que o  $p$  value = 0,002, da Tabela 156, então as variáveis *Idade* e *Quando tomou o último copo* são dependentes.

Tabela 156

Análise da associação entre variáveis "Idade" e "Quando tomou o último copo?"

			<i>Idade</i>	<i>Quando tomou o último copo?</i>
<i>Coefficiente de correlação de Spearman</i>	<i>Idade</i>	<b>Coefficientes de correlação</b> <i>Sig. (2-tailed)</i>	1,000	-,147**
		N	.	,002
	<i>Quando tomou o último copo?</i>	<b>Coefficiente de correlação</b> <i>Sig. (2-tailed)</i>	-,147**	1,000
		N	,002	.
			462	462

\*\* Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

De acordo com a análise dos gráficos da Figura 8, a maior parte dos alunos, dos 15 aos 19 anos, tomou o último copo na última semana, ou entre a última semana e um mês, tendo apenas a maior parte dos alunos com 14 consumido o último copo entre uma semana e um mês.

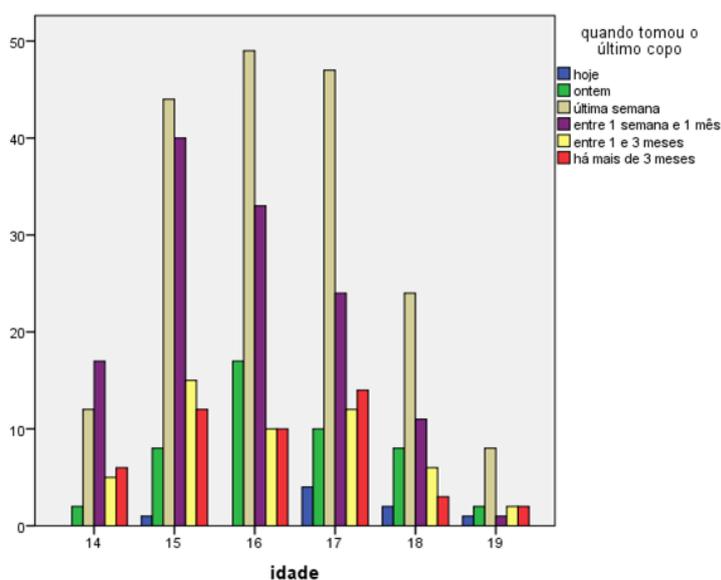


Figura 8. Gráficos de frequências das variáveis "Idade" e "Quando tomou o último copo?".

Observando a Tabela 157, como o  $p\text{ value} = 0,050$ , então as variáveis *Idade* e *Que bebidas alcoólicas costuma consumir* são dependentes.

Tabela 157

Análise da associação entre variáveis “Idade” e “Que bebidas alcoólicas costuma consumir?”

			<i>Idade</i>	<i>Que bebidas alcoólicas costuma consumir?</i>
<i>Coefficiente de correlação de Spearman</i>	<i>Idade</i>	<i>Coefficientes de correlação</i>	1,000	0,092
		<i>Sig. (2-tailed)</i>	.	0,050
		<i>N</i>	501	456
	<i>Que bebidas alcoólicas costuma consumir?</i>	<i>Coefficiente de correlação</i>	0,092	1,000
		<i>Sig. (2-tailed)</i>	0,050	.
		<i>N</i>	456	456

Observando os gráficos da Figura 9, verificamos que a maior parte dos alunos com 14 anos prefere consumir cerveja, seguindo-se as cervejas, *shots* e bebidas brancas/espirituosas. São também as cervejas, *shots* e bebidas brancas as preferências dos alunos das restantes faixas etárias, gostando os alunos de 16 anos de todas as bebidas e os alunos de 19 anos também consomem vinhos e licores.

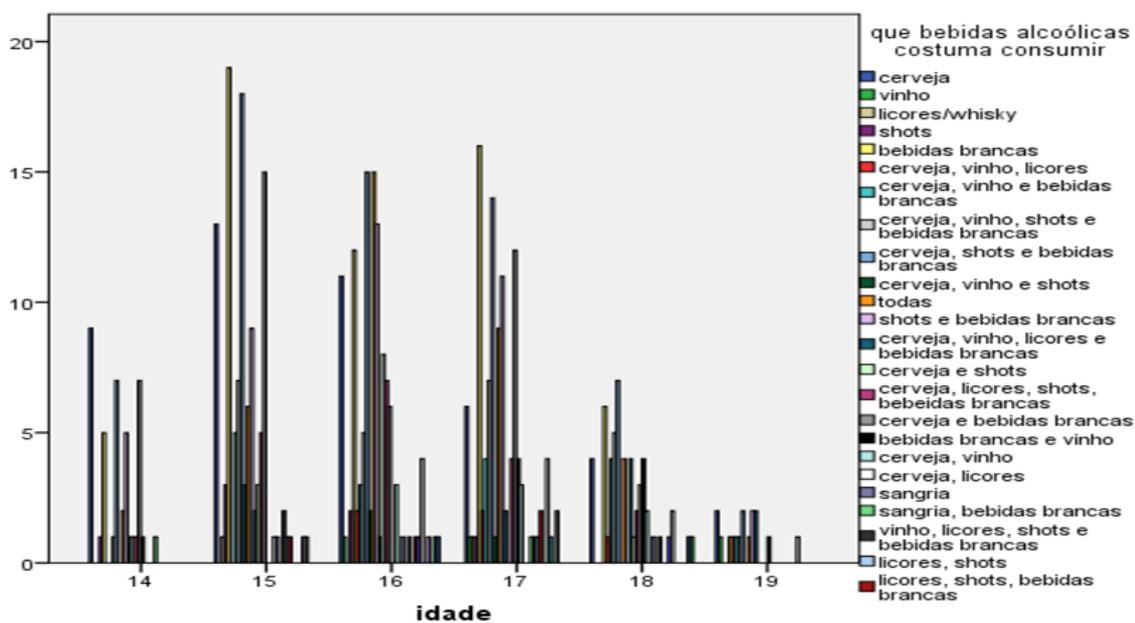


Figura 9. Gráficos de frequências das variáveis “Idade” e “Que bebidas alcoólicas costuma consumir?”.

Considerando que o  $p\text{ value} = 0,046$ , então as variáveis *Idade* e *Se tivesse mais dinheiro consumiria mais álcool* são dependentes (Tabela 158).

Tabela 158

Análise da associação entre variáveis “Idade” e “Se tivesse mais dinheiro consumiria mais álcool?”

			<i>Idade</i>	<i>Se tivesse mais dinheiro consumiria mais álcool?</i>
<i>Coefficiente de correlação de Spearman</i>	<i>Idade</i>	<b>Coefficientes de correlação</b>	1,000	0,094*
		<b>Sig. (2-tailed)</b>	.	0,046
		<b>N</b>	501	450
	<i>Se tivesse mais dinheiro consumiria mais álcool?</i>	<b>Coefficiente de correlação</b>	0,094*	1,000
		<b>Sig. (2-tailed)</b>	0,046	.
		<b>N</b>	450	450

\*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

A maior parte dos alunos de qualquer faixa etária refere que não consumiria mais álcool se tivesse mais dinheiro (Figura10).

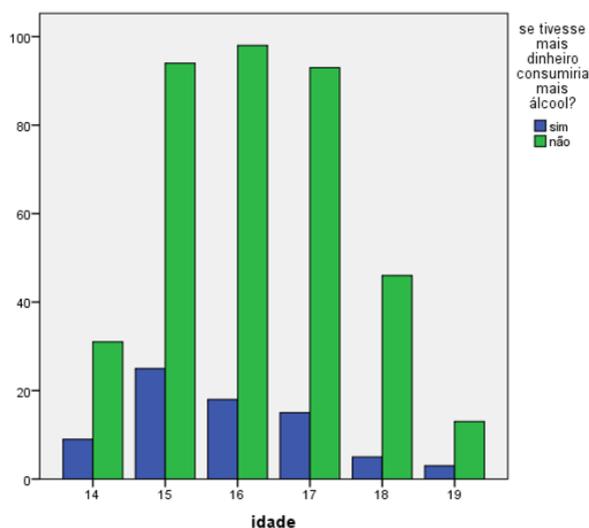


Figura 10. Gráficos de frequências das variáveis “Idade” e “Se tivesse mais dinheiro consumiria mais álcool?”.

Visto que o  $p\text{ value} = 0,000$ , então as variáveis *Idade* e *Na sua opinião, qual a idade mínima em que deve ser permitido o consumo de bebidas alcoólicas* são dependentes, conforme a Tabela 159.

Tabela 159

Análise da associação entre variáveis “Idade” e “Na sua opinião, qual a idade mínima em que deve ser permitido o consumo de bebidas alcoólicas?”

			<i>Idade</i>	<i>Na sua opinião, qual a idade mínima em que deve ser permitido o consumo de bebidas alcoólicas?</i>
<i>Coefficiente de correlação de Bravais-Pearson</i>	<i>Idade</i>	<i>Coefficientes de correlação</i>	1	0,302**
		<i>Sig. (2-tailed)</i>		0,000
		<i>N</i>	501	494
	<i>Na sua opinião, qual a idade mínima em que deve ser permitido o consumo de bebidas alcoólicas?</i>	<i>Coefficiente de correlação</i>	0,302**	1
		<i>Sig. (2-tailed)</i>	0,000	
		<i>N</i>	494	494

\*\* . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

A maior parte dos alunos entre os 14 e os 18 anos considera que a idade mínima em que deve ser permitido o consumo de bebidas alcoólicas são os 16 anos, considerando os alunos do 19 anos, que devem ser os 18 anos (Figura 11).

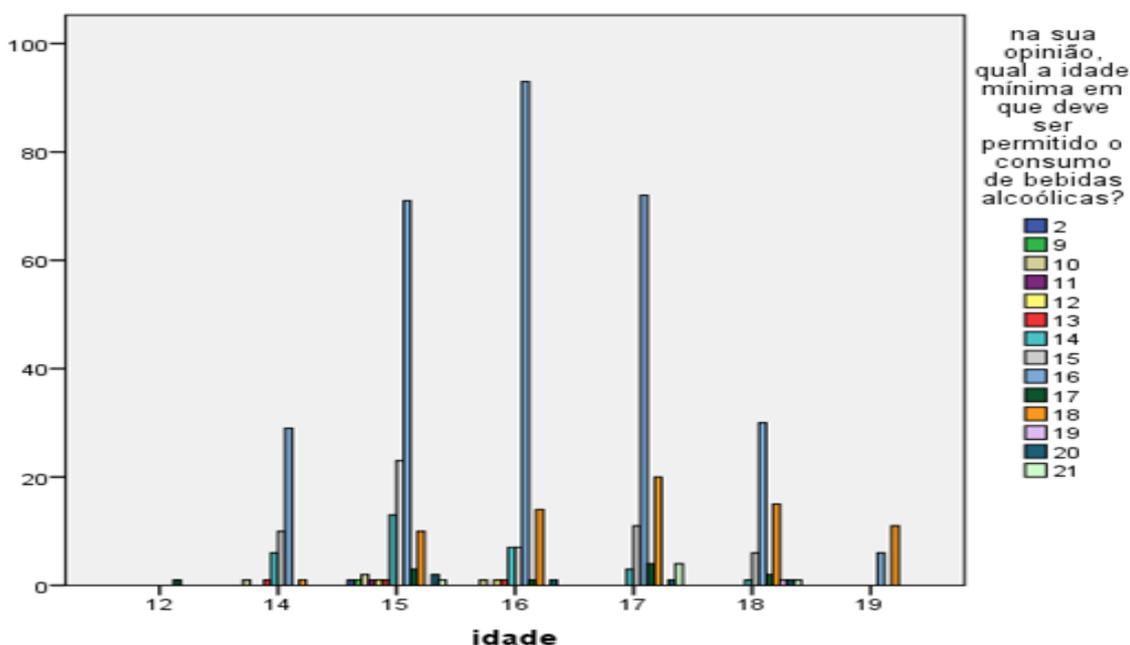


Figura 11. Gráficos de frequências das variáveis “Idade” e “Na sua opinião, qual a idade mínima em que deve ser permitido o consumo de bebidas alcoólicas?”.

Considerando a Tabela 160, onde o *p value* = 0,000, então as variáveis *Idade* e *Em 100 jovens da sua idade e da sua região, quantos acha que consomem regularmente (pelo menos uma vez pro semana) bebidas alcoólicas* são dependentes.

Tabela 160

Análise da associação entre variáveis “Idade” e “Em 100 jovens da sua idade e da sua região, quantos acha que consomem regularmente (pelo menos 1 vez por semana) bebidas alcoólicas?”

			<i>Idade</i>	<i>Em 100 jovens da sua idade e da sua região, quantos acha que consomem regularmente (pelo menos 1 vez por semana) bebidas alcoólicas?</i>
<i>Coefficiente de correlação de Spearman</i>	<i>Idade</i>	<b>Coefficientes de correlação</b>	1,000	0,198**
		<i>Sig. (2-tailed)</i>	.	0,000
		<b>N</b>	501	499
	<i>Em 100 jovens da sua idade e da sua região, quantos acha que consomem regularmente (pelo menos 1 vez por semana) bebidas alcoólicas?</i>	<b>Coefficiente de correlação</b>	0,198**	1,000
		<i>Sig. (2-tailed)</i>	0,000	.
		<b>N</b>	499	499

\*\* . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

A maior parte dos alunos entre os 12 e os 16 anos considera que entre 51% e 75% dos jovens da sua idade e da sua região, consomem regularmente bebidas alcoólicas, verificando-se que os alunos entre os 17 e os 19 anos consideram que mais de 75% dos jovens da sua idade e da sua região consomem bebidas alcoólicas (Figura 11).

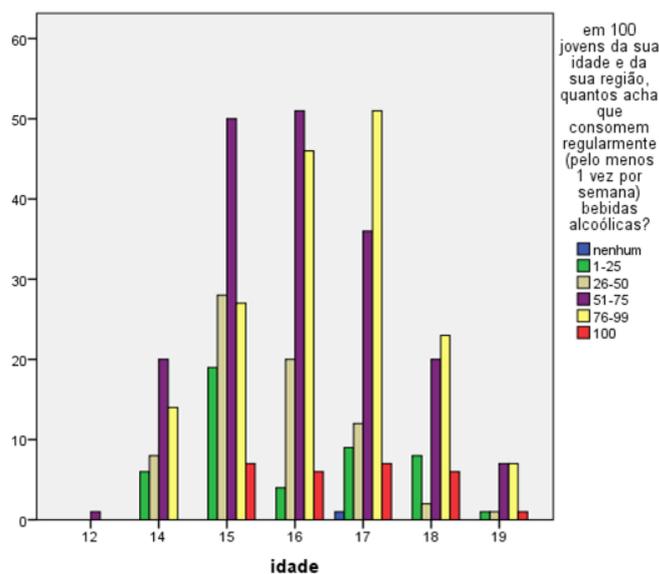


Figura 12. Gráficos de frequências das variáveis “Idade” e “Em 100 jovens da sua idade e da sua região, quantos acha que consomem regularmente (pelo menos 1 vez por semana) bebidas alcoólicas?”.

Tendo em conta que o  $p$  value = 0,001, evidente na Tabela 161, então as variáveis *Idade* e *Do seu grupo de amigos quantos consomem bebidas alcoólicas* são dependentes.

Tabela 161

*Análise da associação entre variáveis “Idade” e “Do seu grupo de amigos, quantos consomem bebidas alcoólicas?”*

			<i>Idade</i>	<i>Do seu grupo de amigos, quantos consomem bebidas alcoólicas?</i>
<i>Coefficiente de correlação de Spearman</i>	<i>Idade</i>	<b>Coefficientes de correlação</b> <i>Sig. (2-tailed)</i>	1,000	0,147**
		N	.	0,001
	<i>Do seu grupo de amigos, quantos consomem bebidas alcoólicas?</i>	<b>Coefficiente de correlação</b> <i>Sig. (2-tailed)</i>	0,147**	1,000
		N	0,001	.
			499	499

\*\* . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Observamos nos gráficos da Figura 13 que com exceção do aluno de 12 anos que considera que cerca de metade dos seus amigos consome bebidas alcoólicas, a maior parte dos alunos entre os 14 e os 16 anos considera que entre 51% e a totalidade dos seus amigos, consomem bebidas alcoólicas. Já a maior parte dos alunos entre os 17 e 19 anos considera que a totalidade do seu grupo de amigos consome bebidas alcoólicas.

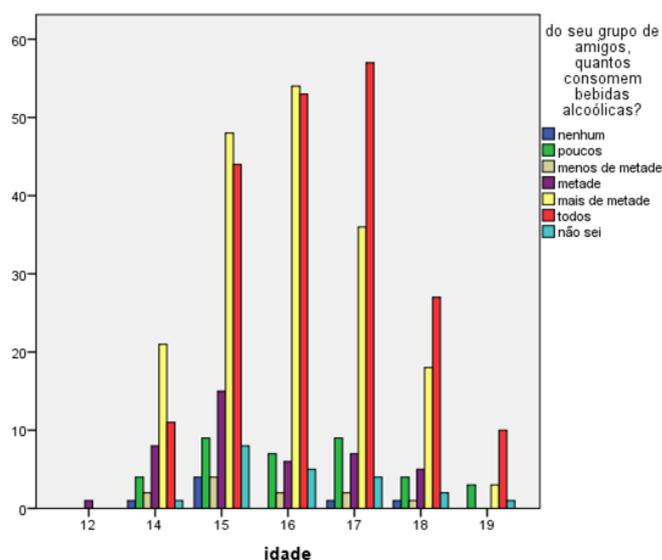


Figura 13. Gráficos de frequências das variáveis “Idade” e “Do seu grupo de amigos, quantos consomem bebidas alcoólicas?”.

Visto que o  $p$  value = 0,000, então as variáveis *Idade* e *Já alguma vez ficou embriagado* são dependentes, de acordo com a Tabela 162.

Tabela 162

Análise da associação entre variáveis “*Idade*” e “*Já alguma vez ficou embriagado?*”

			<i>Idade</i>	<i>Já alguma vez ficou embriagado?</i>
<i>Coefficiente de correlação de Spearman</i>	<i>Idade</i>	<b>Coefficientes de correlação</b>	1,000	0,286**
		<i>Sig. (2-tailed)</i>	.	0,000
	<i>Já alguma vez ficou embriagado?</i>	<b>N</b>	501	497
		<b>Coefficiente de correlação</b>	0,286**	1,000
		<i>Sig. (2-tailed)</i>	0,000	.
		<b>N</b>	497	497

\*\* . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Com base na análise da Figura 14, a maior parte dos alunos entre os 12 e os 18 anos nunca ficou embriagada. Contudo, a frequência de embriaguez aumenta com o aumento da idade, tendo a maior parte dos alunos de 19 anos experienciado um estado de embriaguez mais de 10 vezes.

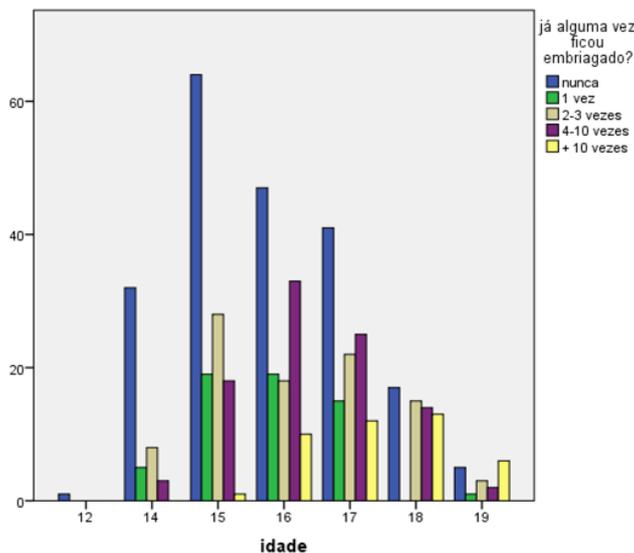


Figura 14. Gráficos de frequências das variáveis “*Idade*” e “*Já alguma vez ficou embriagado?*”.

Considerando que o  $p$  value = 0,025, observado na Tabela 163, as variáveis *Idade* e *Quais os principais efeitos que o álcool exerce sobre si* são dependentes.

Tabela 163

Análise da associação entre variáveis "Idade" e "Quais os principais efeitos que o álcool exerce sobre si?"

			<i>Idade</i>	<i>Quais os principais efeitos que o álcool exerce sobre si?</i>
<i>Coefficiente de correlação de Spearman</i>	<i>Idade</i>	<i>Coefficientes de correlação</i>	1,000	0,132*
		<i>Sig. (2-tailed)</i>	.	0,025
		<i>N</i>	501	289
	<i>Quais os principais efeitos que o álcool exerce sobre si?</i>	<i>Coefficiente de correlação</i>	0,132*	1,000
		<i>Sig. (2-tailed)</i>	0,025	.
		<i>N</i>	289	289

\*\* Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Com exceção dos alunos de 21 anos que apenas obtém alegria, a maior parte dos alunos das restantes faixas etárias refere obter alegria, euforia e excitação quando consome bebidas alcoólicas (Figura 15). Para além disso, os alunos de 15 anos também obtêm tonturas e desinibição, os de 16 e 18 anos desinibição, tonturas e enjoos, os de 17 e 19 anos desinibição.

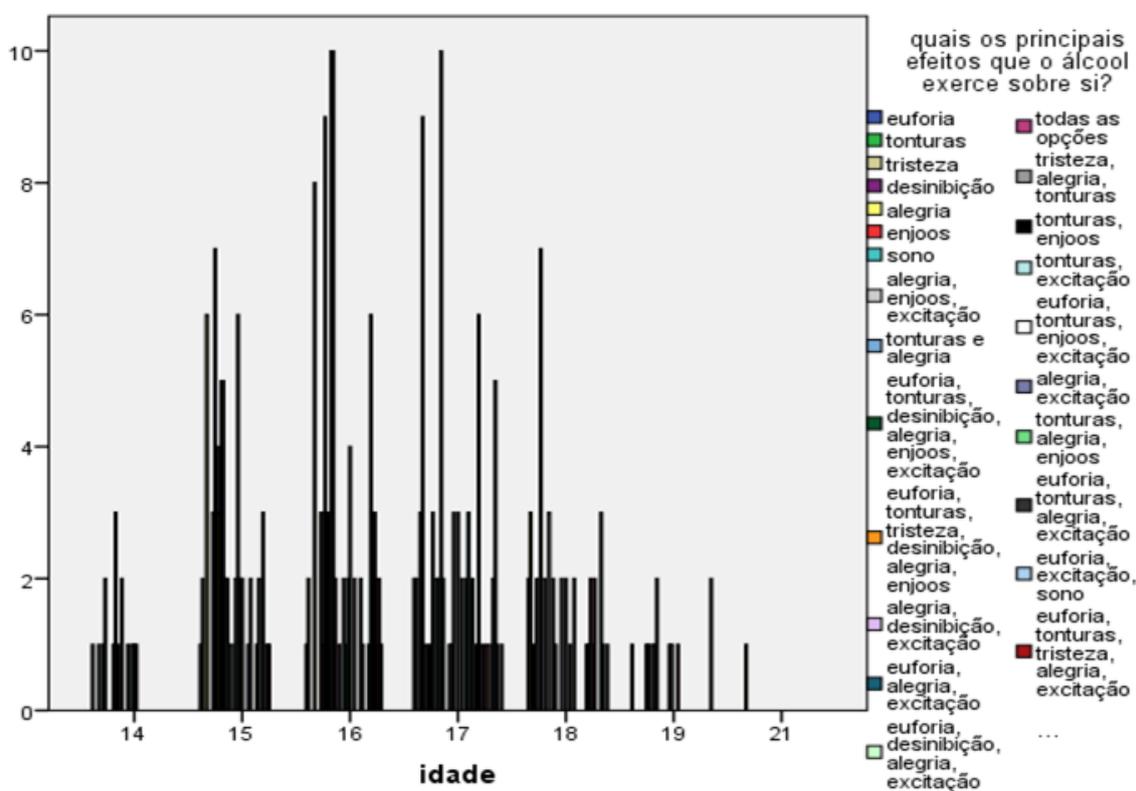


Figura 15. Gráficos de frequências das variáveis "Idade" e "Quais os principais efeitos que o álcool exerce sobre si?".

Tendo em conta que o  $p$  value = 0,002, então as variáveis *Idade* e *Costuma consumir rápida e repetidamente bebidas alcoólicas/"binge drinking"* são dependentes (Tabela 164).

Tabela 164

Análise da associação entre variáveis "Idade" e "Costuma consumir rápida e repetidamente bebidas alcoólicas/"binge drinking"?"

			<i>Idade</i>	<i>Costuma consumir rápida e repetidamente bebidas alcoólicas/"binge drinking"?</i>
<i>Coefficiente de correlação de Spearman</i>	<i>Idade</i>	<b>Coefficientes de correlação</b>	1,000	0,185**
		<i>Sig. (2-tailed)</i>	.	0,002
	<i>Costuma consumir rápida e repetidamente bebidas alcoólicas/"binge drinking"?</i>	<b>Coefficiente de correlação</b>	0,185**	1,000
		<i>Sig. (2-tailed)</i>	0,002	.
		<b>N</b>	289	289

\*\* . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Verificamos na Figura 16 que a maior parte dos alunos de qualquer faixa etária não costuma praticar *binge drinking*, sendo esta prática mais comum nos alunos com 15 e 16 anos.

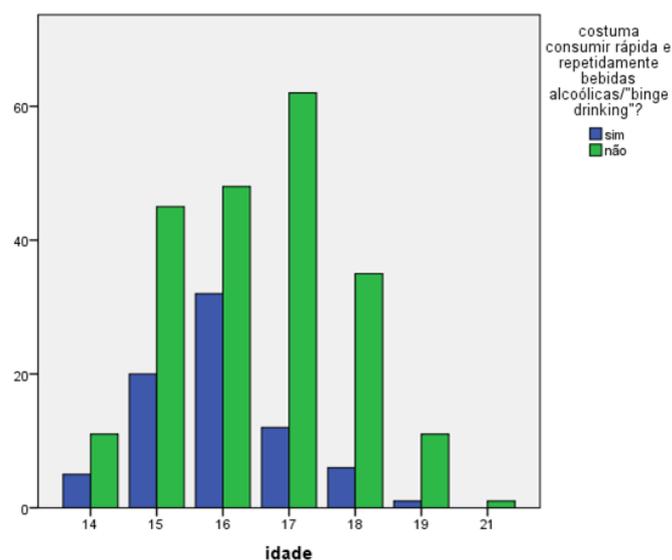


Figura 16. Gráficos de frequências das variáveis "Idade" e "Costuma consumir rápida e repetidamente bebidas alcoólicas/"binge drinking"?"

Na Tabela 165, sendo o  $p$  value = 0,000, então as variáveis *Idade* e *Quando consome bebidas alcoólicas costuma ter relações sexuais sem preservativo/de risco* são dependentes.

Tabela 165

Análise da associação entre variáveis “*Idade*” e “*Quando consome bebidas alcoólicas, costuma ter relações sexuais sem preservativo/de risco?*”

			<i>Idade</i>	<i>Quando consome bebidas alcoólicas, costuma ter relações sexuais sem preservativo/de risco?</i>
<i>Coefficiente de correlação de Spearman</i>	<i>Idade</i>	<b>Coefficientes de correlação</b>	1,000	0,242**
		<i>Sig. (2-tailed)</i>	.	0,000
		<b>N</b>	501	282
	<i>Quando consome bebidas alcoólicas, costuma ter relações sexuais sem preservativo/de risco?</i>	<b>Coefficiente de correlação</b>	0,242**	1,000
		<i>Sig. (2-tailed)</i>	0,000	.
		<b>N</b>	282	282

\*\* . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Analisando o gráfico da Figura 17, observamos que a maior parte dos alunos dos 14 aos 16 anos nunca costuma ter relações sexuais de risco, quando consome bebidas alcoólicas, verificando-se que a maior parte dos alunos dos 17 aos 21 anos já teve relações sexuais, mas sem estar sob o efeito do álcool. Contudo, alguns alunos entre os 15 e os 18 anos têm frequentemente relações sexuais de risco, sem preservativo, quando consomem bebidas alcoólicas.

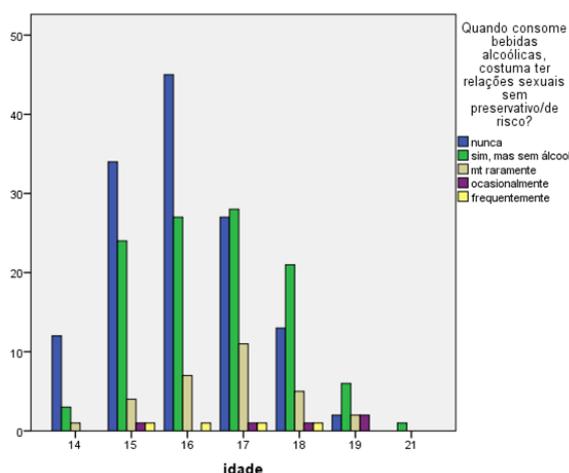


Figura 17. Gráficos de frequências das variáveis “*Idade*” e “*Quando consome bebidas alcoólicas, costuma ter relações sexuais sem preservativo/de risco?*”.

Na Tabela 166, como o  $p$  value = 0,000, então as variáveis *Idade* e *Se um amigo lhe oferecesse agora uma bebida alcoólica, como reagiria* são dependentes.

Tabela 166

Análise da associação entre variáveis “*Idade*” e “*Se um amigo lhe oferecesse agora uma bebida alcoólica, como reagiria?*”

			<i>Idade</i>	<i>Se um amigo lhe oferecesse agora uma bebida alcoólica, como reagiria?</i>
<i>Coefficiente de correlação de Spearman</i>	<i>Idade</i>	<b>Coefficientes de correlação</b>	1,000	-0,176**
		<i>Sig. (2-tailed)</i>	.	0,000
		N	501	500
	<i>Se um amigo lhe oferecesse agora uma bebida alcoólica, como reagiria?</i>	<b>Coefficiente de correlação</b>	-0,176**	1,000
		<i>Sig. (2-tailed)</i>	0,000	.
		N	500	500

\*\* . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

A maior parte dos alunos com 12, 17, 18, 19 e 21 anos recusaria, se um amigo lhe oferecesse uma bebida alcoólica, enquanto a maior parte dos alunos entre os 14 e 16 anos refere que dependia da bebida que o amigo lhe oferecesse (Figura 18).

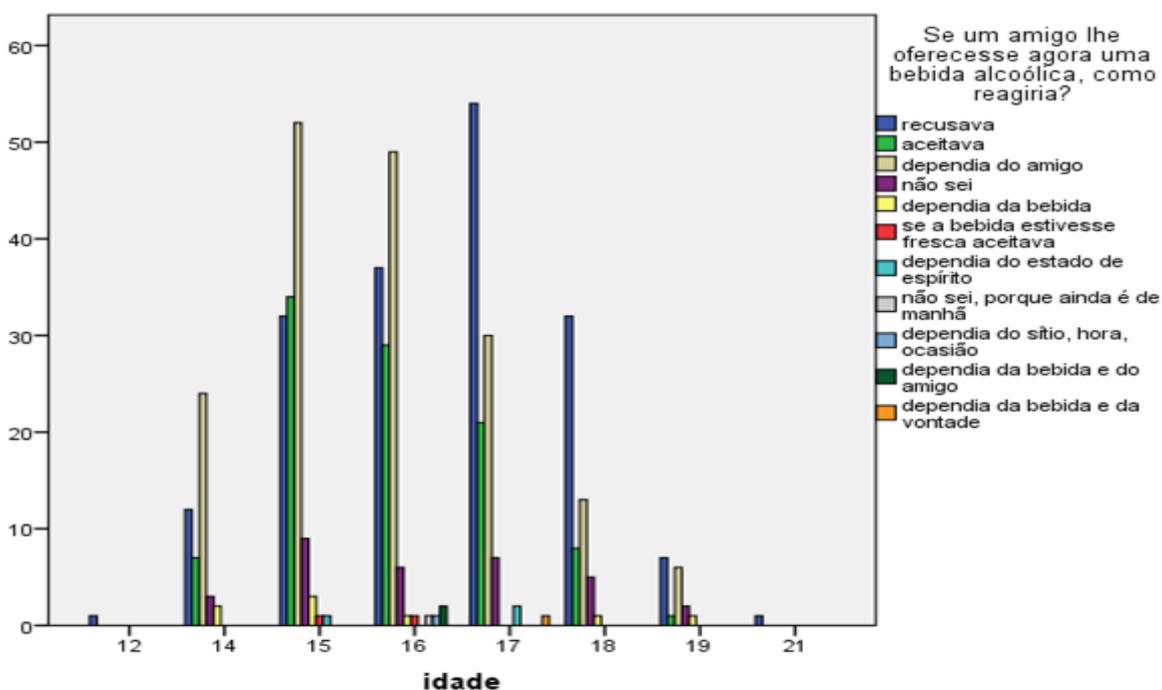


Figura 18. Gráficos de frequências das variáveis “*Idade*” e “*Se um amigo lhe oferecesse agora uma bebida alcoólica, como reagiria?*”.

Resumindo os resultados das medidas de associação entre a variável *Idade*, da dimensão I e as variáveis da dimensão II, verificamos que com o aumento da idade aumenta o consumo de tabaco e cannabis, bem como a frequência do consumo de álcool e de embriaguez. Os alunos mais novos consumiram a primeira bebida alcoólica entre os 12 e os 14 anos e os mais velhos consumiram-na entre os 14 e os 15 anos, pelo que terão iniciado mais tarde o consumo de álcool. Contudo, a maior parte dos alunos mais novos considera que o consumo da primeira bebida não deveria ser permitido antes dos 16 anos, enquanto os alunos mais velhos tendem a adiar a permissão do primeiro consumo para idades entre os 16 e os 18 anos. Os alunos mais novos consumiram a última bebida entre uma semana e uma mês, enquanto os alunos mais velhos a consumiram na última semana. Os alunos mais novos consideram que em 100 jovens semelhantes a eles, entre 51 e 75 consomem bebidas alcoólicas, enquanto os alunos mais velhos consideram que mais de 75 os fazem. Considerando o seu ciclo de amigos, os alunos mais novos consideram mais de 51% dos seus amigos consome bebidas alcoólicas e os alunos mais velhos têm a percepção de que a totalidade dos seus amigos o faz. Apesar de a maior parte dos inquiridos, de qualquer idade, obter alegria, euforia e excitação, os alunos mais novos também obtêm tonturas e desinibição. A maioria dos alunos mais novos não costuma ter relações sexuais, quando consome bebidas alcoólicas, mas com o aumento da idade verifica-se um aumento da frequência de relações sexuais, apesar de não serem sob o efeito do álcool. Se lhes oferecessem uma bebida alcoólica, os alunos mais novos aceitariam, dependendo da bebida, enquanto os mais velhos referem que recusariam.

➤ **Ano de escolaridade x Dimensão II: Hábitos de consumo de álcool**

Tabela 167

Análise da associação entre variáveis "Ano de escolaridade" e as restantes variáveis da Parte II.

Variáveis	N.º de casos válidos	Chisquare	Cramer's V Value	Approx. Sig.	Kendall's tau-b Value	Approx. Sig.
Ano de escolaridade x Já tomou calmantes?	498				-0,105	0,010
Ano de escolaridade x Já consumiu cannabis?	475				0,088	0,038
Ano de escolaridade x Já consumiu álcool?	494				0,085	0,023
Ano de escolaridade x Idade em que consumiu a 1.ª bebida alcoólica?	456	0,041	0,208	0,041	0,158	0,000
Ano de escolaridade x Local onde consumiu a primeira bebida alcoólica?	457				-0,086	0,031
Ano de escolaridade x Quando tomou o último copo?	462	0,040	0,137	0,040		
Ano de escolaridade x Que bebidas alcoólicas costuma consumir?	456	0,001	0,321	0,001	0,088	0,018
Ano de escolaridade x Se tivesse mais dinheiro consumiria mais álcool?	450				0,109	0,010
Ano de escolaridade x Qual a idade mínima em que deve ser permitido o consumo de bebidas alcoólicas?	494	0,000	0,231	0,000	0,240	0,000
Ano de escolaridade x Em 100 jovens da sua idade e da sua região, quantos acha que consomem regularmente (pelo menos uma vez por semana) bebidas alcoólicas?	499	0,000	0,180	0,000	0,214	0,000
Ano de escolaridade x Do seu grupo de amigos, quantos consomem bebidas alcoólicas?	499	0,054	0,138	0,054	0,083	0,036
Ano de escolaridade x Já alguma vez ficou embriagado?	497	0,000	0,217	0,000	0,205	0,000
Ano de escolaridade x Com que frequência costuma ficar embriagado?	285				-0,122	0,018
Ano de escolaridade x Quais os principais efeitos que o álcool exerce sobre si?	289	0,008	0,440	0,008	0,159	0,000
Ano de escolaridade x Costuma consumir rápida e repetidamente bebidas alcoólicas?	289	0,000	0,259	0,000	0,204	0,000
Ano de escolaridade x Quantas bebidas costuma consumir?	65				-0,233	0,025
Ano de escolaridade x Já alguma vez tentou reduzir voluntariamente o consumo de álcool?	289	0,041	0,151	0,041		
Ano de escolaridade x Quando consome bebidas alcoólicas, costuma ter relações sexuais de risco/sem preservativo?	282	0,031	0,164	0,031	0,160	0,003
Ano de escolaridade x Que meio de transporte conduziu embriagado?	36				-0,283	0,044
Ano de escolaridade x Se um amigo lhe oferecesse agora uma bebida alcoólica, como reagiria?	500	0,003	0,193	0,003	-0,127	0,001
Ano de escolaridade x Na sua opinião, uma pessoa que consome álcool é:	489	0,022	0,439	0,022	0,103	0,002
Ano de escolaridade x Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, teve fraco desempenho na escola?	490				-0,109	0,007

Verificamos que na Figura 19, a maioria dos alunos dos quatro anos de escolaridade nunca tomou calmantes. Contudo, essa tendência diminui com o aumento do ano de escolaridade, aumentando o número de alunos que já os consumiu. Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,010$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Já tomou calmantes* são dependentes (Tabela 167).

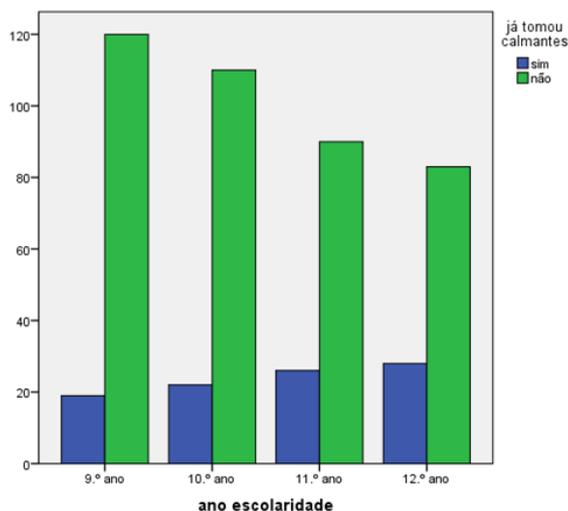


Figura 19. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Já tomou calmantes?”.

Nos gráficos da Figura 20, é evidente que a maior parte dos alunos dos quatro anos de escolaridade nunca consumiu *cannabis*, verificando-se uma diminuição desta ausência de consumo, com o aumento do ano de escolaridade. Considerando que o  $p\text{ value} = 0,038$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Já consumiu cannabis* são dependentes (Tabela 167).

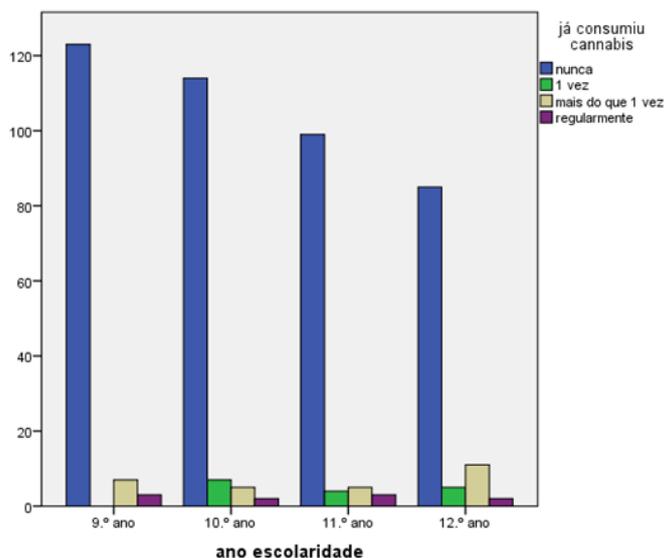


Figura 20. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Já consumiu cannabis?”.

Nos gráficos da Figura 21, a maior parte dos alunos do 9.º ao 12.º ano já consumiu álcool mais do que uma vez, seguindo-se os alunos que o fazem regularmente. Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,023$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Já consumiu álcool* são dependentes (Tabela 167).

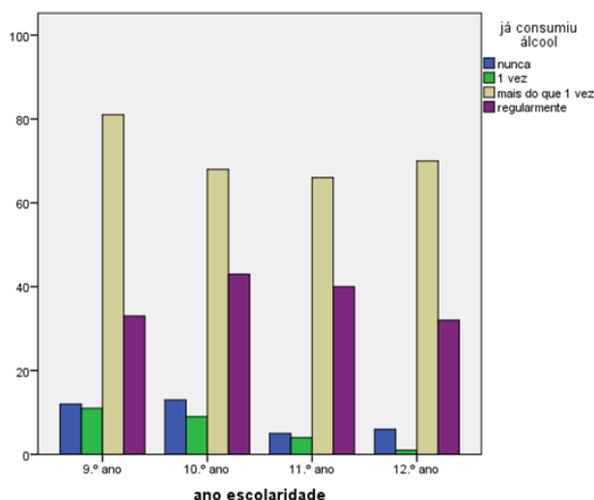


Figura 21. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Já consumiu álcool?”.

A idade do primeiro consumo aumentou com o ano de escolaridade, onde a maior parte dos alunos do 9.º ano consumiu a primeira bebida alcoólica com 13 anos, os do 10.º ano com 14 anos, os do 11.º ano com 14 ou 15 anos e os do 12.º ano entre os 13 e os 15 anos (Figura 22). Atendendo que o  $p\text{ value} = 0,041$  e  $0,000$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Idade em que consumiu a 1.ª bebida alcoólica* são dependentes (Tabela 167).

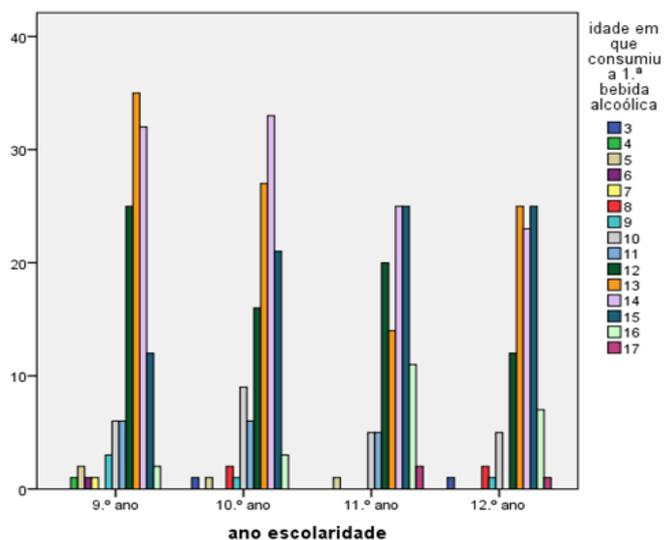


Figura 22. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Idade em que consumiu a 1.ª bebida alcoólica?”.

A maioria dos alunos dos quatro anos de escolaridade consumiu a primeira bebida alcoólica em discotecas ou bares, seguindo-se a casa dos pais e a casa dos amigos (Figura 23). Sendo o  $p\text{ value} = 0,031$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Local onde consumiu a primeira bebida alcoólica* são dependentes (Tabela 167).

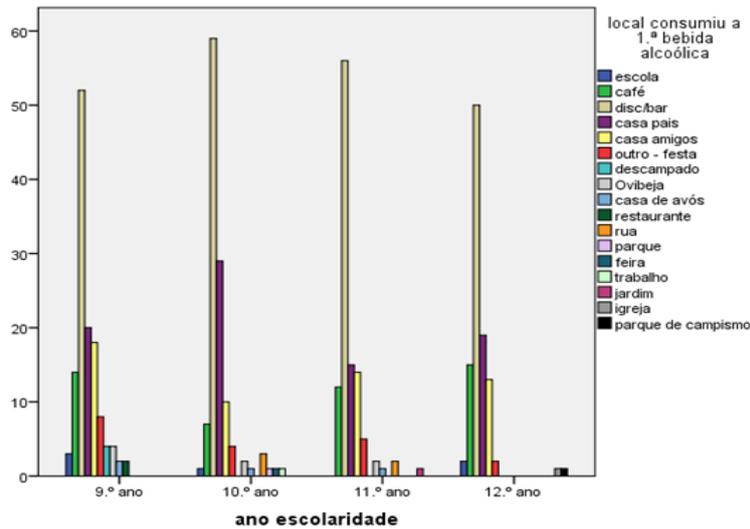


Figura 23. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Local onde consumiu a primeira bebida alcoólica?”.

De acordo com os gráficos da Figura 24, a maioria dos alunos dos quatro anos de escolaridade tomou o último copo na última semana, ou entre a última semana e um mês. De realçar que há um aumento do consumo diário, com o aumento do ano de escolaridade. Como o  $p\text{ value} = 0,040$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Quando tomou o último copo* são dependentes (Tabela 167).

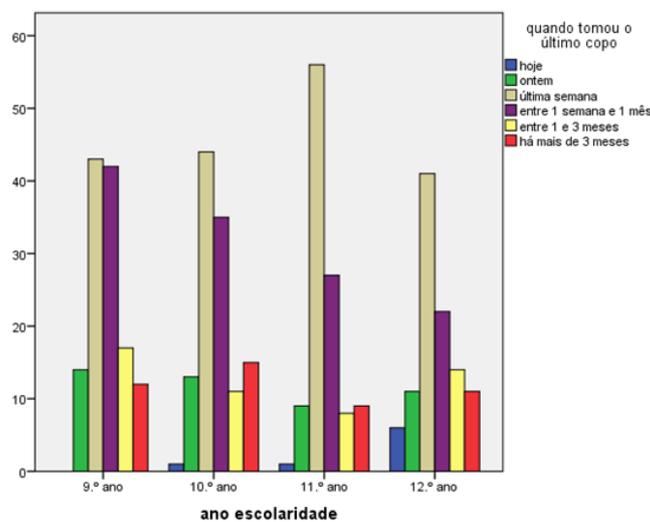


Figura 24. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Quando tomou o último copo?”.

Os gráficos da Figura 25 indicam-nos que a maioria dos alunos do 9.º ano consome cerveja, seguindo as bebidas espirituosas e depois a associação de cerveja, shots e bebidas espirituosas. No 10.º ano as preferências recaem sobre cerveja, *shots* e bebidas espirituosas, sendo também essas bebidas as escolhas preferenciais dos alunos do 11.º ano, acrescentando também o vinho. A maior parte dos alunos do 12.º ano preferem as bebidas espirituosas, seguindo-se a combinação de cerveja, *shots* e bebidas espirituosas. Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,001$  e  $0,018$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Que bebidas alcoólicas costuma consumir?* são dependentes (Tabela 167).

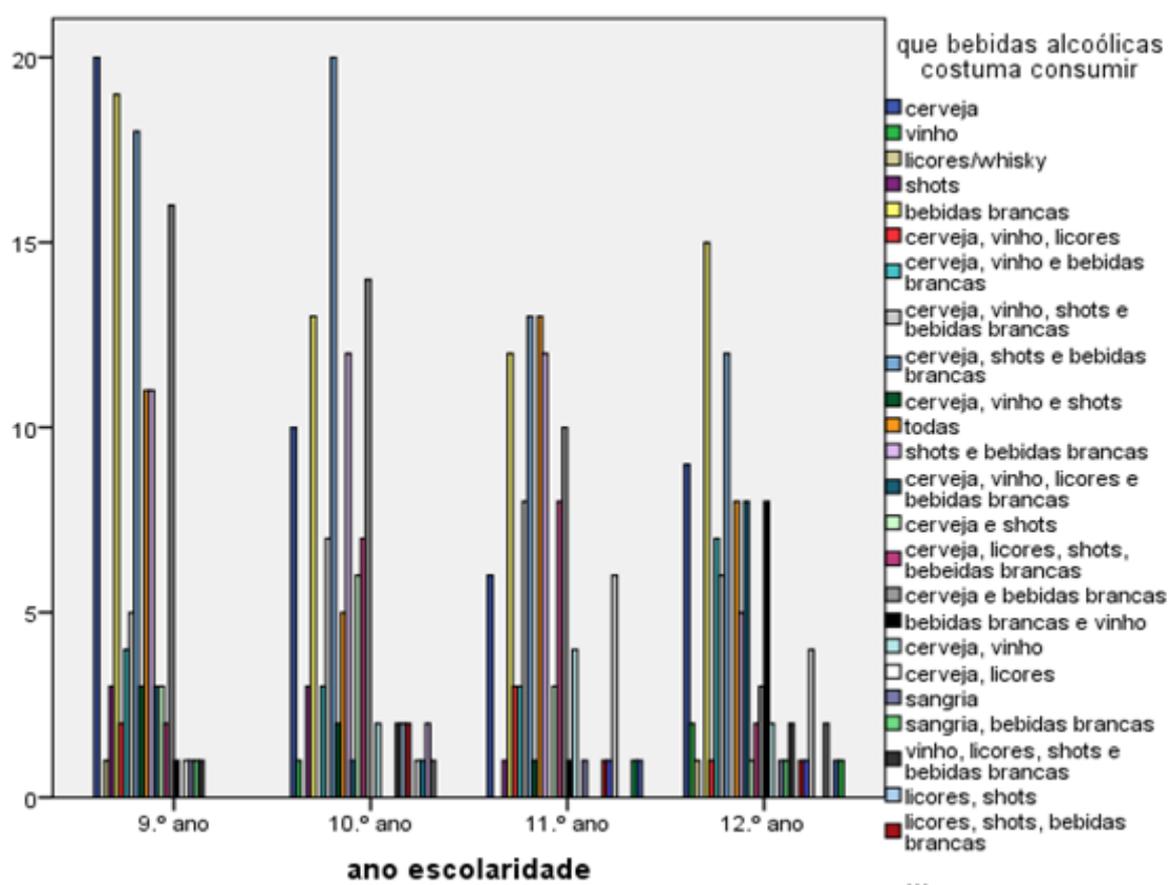


Figura 25. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Que bebidas alcoólicas costuma consumir?”.

É evidente na Figura 26 que a maioria dos alunos do 9.º ao 12.º ano não consumiria mais álcool se tivesse mais dinheiro. Considerando que o  $p\text{ value} = 0,010$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Se tivesse mais dinheiro consumiria mais álcool?* são dependentes (Tabela 167).

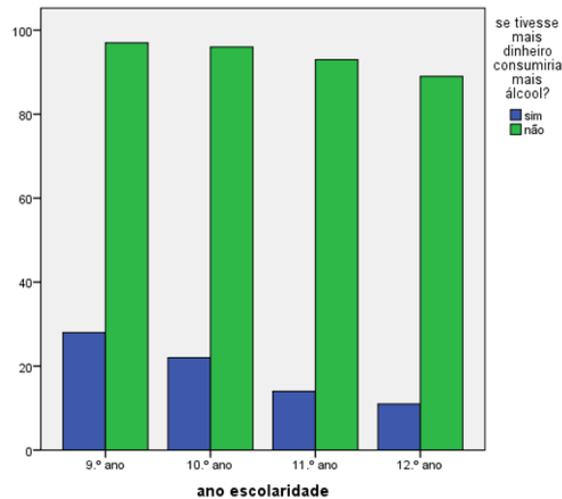


Figura 26. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Se tivesse mais dinheiro consumiria mais álcool?”.

Apesar da maior parte dos alunos dos quatro anos de escolaridade considerar que a idade mínima em que deve ser permitido o consumo de bebidas alcoólicas deve ser os 16 anos, a maioria iniciou o consumo de álcool mais cedo (Figura 27). Atendendo que o  $p\text{ value} = 0,000$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Qual a idade mínima em que deve ser permitido o consumo de bebidas alcoólicas?* são dependentes (Tabela 167).

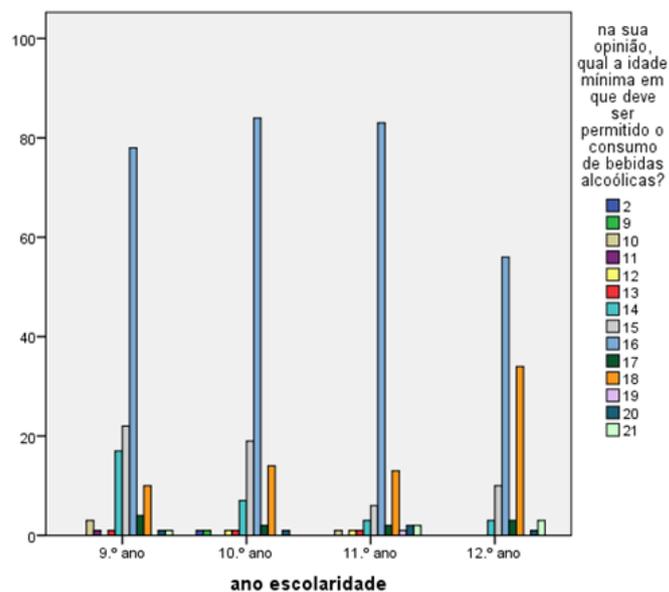


Figura 27. Gráfico de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Qual a idade mínima em que deve ser permitido o consumo de bebidas alcoólicas?”.

Os gráficos da Figura 28 indicam-nos que a maior parte dos alunos do 9.º e do 10.º ano considera que entre 51 e 75% dos jovens da sua idade e da sua região, consomem regularmente (pelo menos uma vez por semana) bebidas alcoólicas, enquanto a maior parte dos alunos do 11.º e do 12.º ano considera que são entre 76 e

99% que o fazem. Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,000$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Em 100 jovens da sua idade e da sua região, quantos acha que consomem regularmente (pelo menos uma vez por semana) bebidas alcoólicas?* são dependentes (Tabela 167).

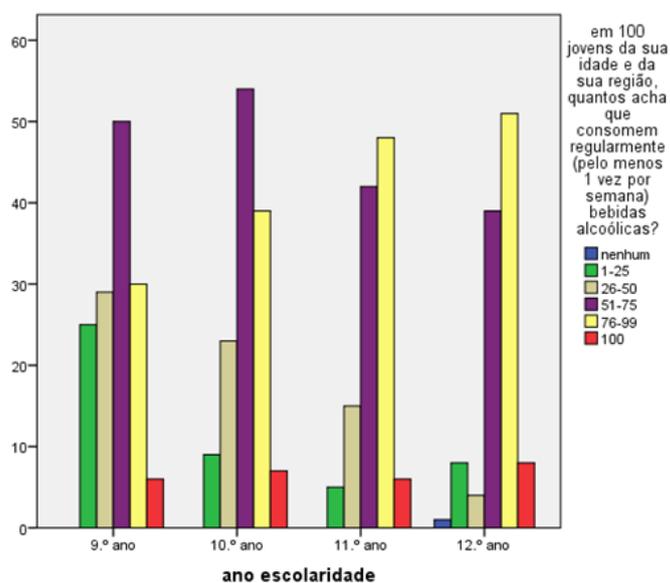


Figura 28. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Em 100 jovens da sua idade e da sua região, quantos acha que consomem regularmente (pelo menos uma vez por semana) bebidas alcoólicas?”.

De acordo com a Figura 29, a maior parte dos alunos do 9.º ano considera que mais de metade dos seus amigos consome bebidas alcoólicas. No 10.º ano há uma divisão paritária entre os que consideram que mais de metade e todos os seus amigos consomem bebidas alcoólicas. Já no 11.º e 12.º anos a maior parte dos alunos considera que todos os seus amigos consomem bebidas alcoólicas, aumentando esta tendência do 11.º para o 12.º ano. Visto que o  $p\text{ value} = 0,036$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Do seu grupo de amigos, quantos consomem bebidas alcoólicas?* são dependentes (Tabela 167).

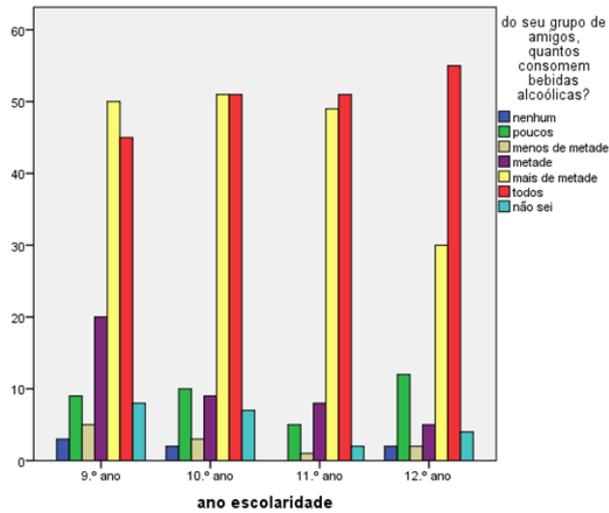


Figura 29. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Do seu grupo de amigos, quantos consomem bebidas alcoólicas?”.

A maior parte dos alunos do 9.º ao 12.º ano nunca ficou embriagada, apesar de essa tendência diminuir com o aumento do ano de escolaridade (Figura 30). Sendo o  $p\text{ value} = 0,000$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Já alguma vez ficou embriagado?* são dependentes (Tabela 167).

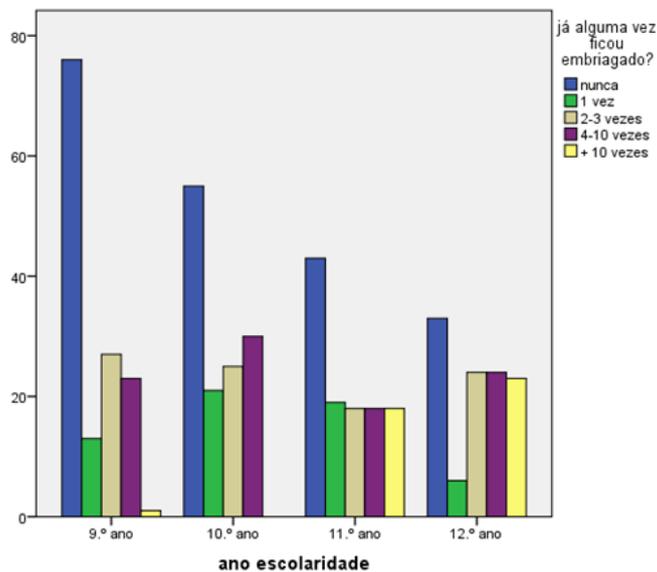


Figura 30. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Já alguma vez ficou embriagado?”.

De acordo com a Figura 31, a maior parte dos alunos do 9.º ao 12.º ano costuma ficar embriagado menos de 12 vezes por ano, seguindo-se aos que ficam entre uma e duas vezes por mês. Como o  $p\text{ value} = 0,018$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Com que frequência costuma ficar embriagado?* são dependentes (Tabela 167).

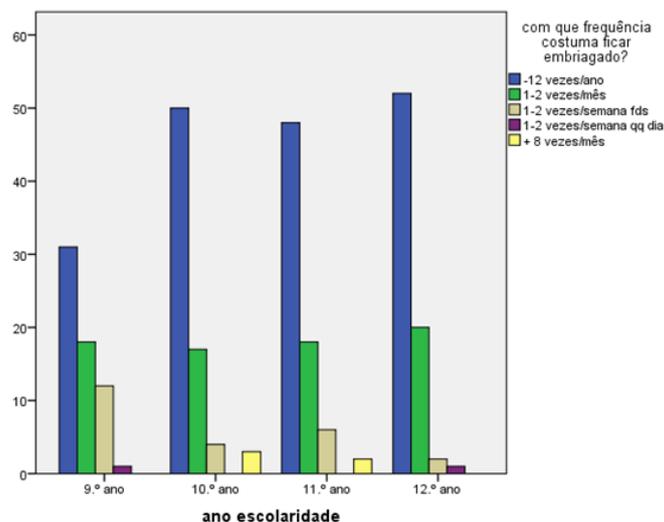


Figura 31. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Com que frequência costuma ficar embriagado?”.

Observamos nos gráficos da Figura 32, que no 9.º ano, a maior parte dos alunos considera que alegria; euforia, alegria e excitação são os principais efeitos que o álcool exerce sobre si. No 10.º ano, a maior parte dos alunos considera que o álcool provoca em si euforia, tonturas, desinibição, alegria, enjoos e excitação, ou alegria, desinibição e excitação. Também nos alunos do 11.º ano, os principais efeitos do álcool são euforia, desinibição, alegria e excitação, ou alegria, ou euforia, tonturas, desinibição, alegria, enjoos e excitação. A maior parte dos alunos do 12.º ano, quando consome bebidas alcoólicas obtém euforia, alegria e excitação, ou desinibição e alegria. De realçar que a alegria encontra-se associada à grande maioria das opções, nos quatro anos de escolaridade.

Tendo em conta que o  $p$  value = 0,008 e 0,000, então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Quais os principais efeitos que o álcool exerce sobre si* são dependentes (Tabela 167).



Sendo os alunos do 9.º e do 10.º anos os que mais o praticam o *binge drinking*, também são estes alunos mais novos que consomem maior número de bebidas quando o fazem (Figura 34). A maior parte dos alunos do 9.º ano costuma consumir sete bebidas, os do 10.º ano costumam consumir quatro bebidas e os alunos do 11.º e 12.º ano consomem entre duas e três bebidas. Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,025$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Quantas bebidas costuma consumir?* são dependentes (Tabela 167).

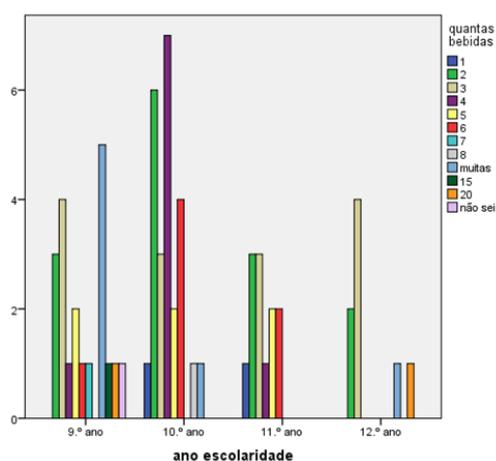


Figura 34. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Quantas bebidas costuma consumir?”.

De acordo com gráficos da Figura 35, a maior parte dos alunos do 9.º ao 12.º ano nunca tentou reduzir voluntariamente o consumo de álcool, tendo esta tentativa aumentado do 9.º para o 12.º ano de escolaridade. Visto que o  $p\text{ value} = 0,025$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Já alguma vez tentou reduzir voluntariamente o consumo de álcool?* são dependentes (Tabela 167).

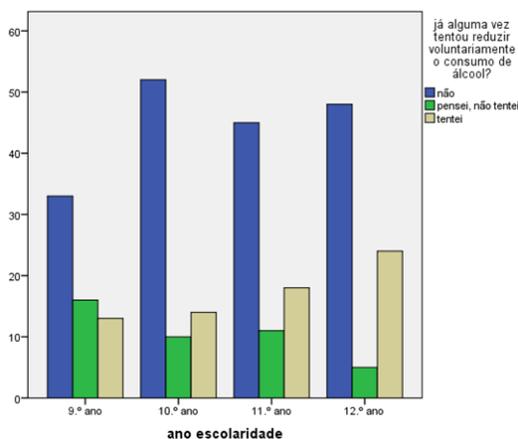


Figura 35. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Já alguma vez tentou reduzir voluntariamente o consumo de álcool?”.

Analisando a Figura 36, verificamos que a maior parte dos alunos do 9.º ao 11.º ano não costuma ter relações sexuais de risco (sem preservativo), quando consome bebidas alcoólicas, aumentando a frequência de relações sexuais, mas sem estarem associadas ao consumo de álcool. São os alunos do 12.º ano que mais frequentemente têm relações sexuais de risco. Sendo o  $p\text{ value} = 0,031$  e  $0,003$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Quando consome bebidas alcoólicas, costuma ter relações sexuais de risco/sem preservativo?* são dependentes (Tabela 167).

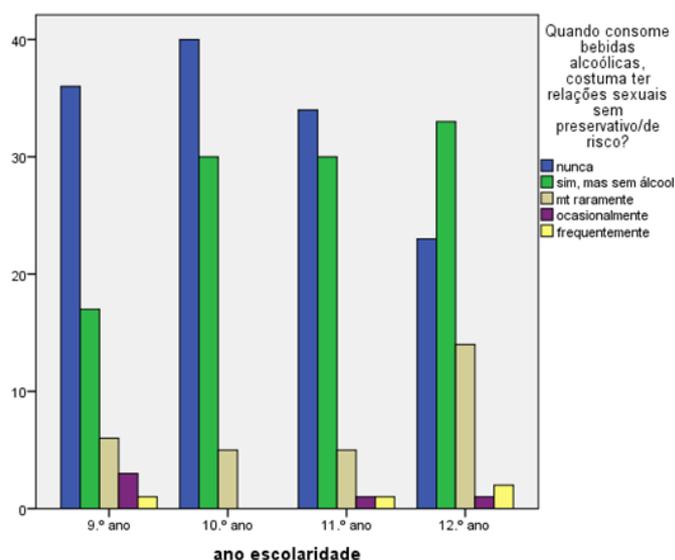


Figura 36. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Quando consome bebidas alcoólicas, costuma ter relações sexuais de risco/sem preservativo?”.

Com base nos gráficos da Figura 37, quatro alunos do 9.º ano conduziram embriagados automóvel, para o qual deveriam ter carta de condução, que só pode obter-se com uma idade superior ou igual a 18 anos, tendo outros quatro conduzido bicicleta e outros quatro conduziram motociclo, para o qual também é necessária uma licença que só se pode obter a partir dos 16 anos. A maior parte dos alunos do 10.º ano já conduziu embriagado bicicleta. A maior parte dos alunos do 11.º ano que já conduziu embriagado, conduziu motociclo e a maior parte dos alunos do 12.º ano já conduziu automóvel, sob o efeito do álcool. Como o  $p\text{ value} = 0,044$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Que meio de transporte conduziu embriagado?* são dependentes (Tabela 167).

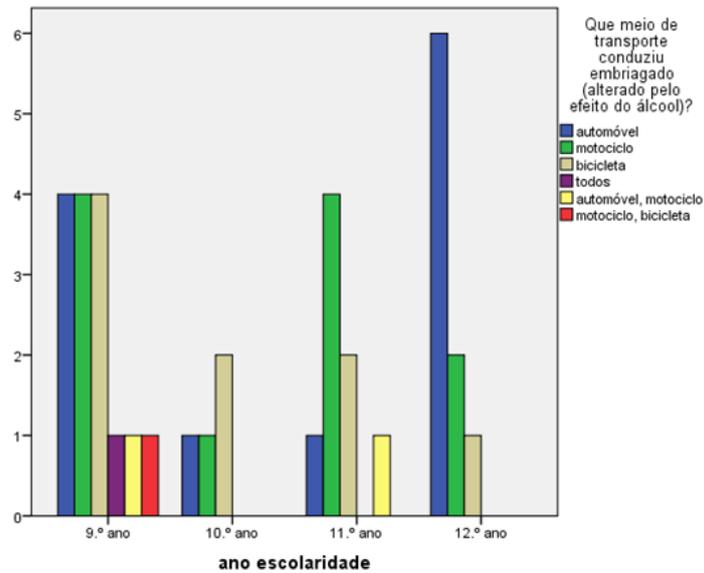


Figura 37. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Que meio de transporte conduziu embriagado?”.

Na Figura 38 observamos que apenas a maior parte dos alunos do 12.º ano refere que recusaria, se um amigo lhe oferecesse uma bebida alcoólica. Do 9.º ao 11.º ano, a maior parte dos alunos considera a aceitação ou recusa dependeria do amigo que lhe oferecesse a bebida. Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,003$  e  $0,001$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Se um amigo lhe oferecesse agora uma bebida alcoólica, como reagiria?* são dependentes (Tabela 167).

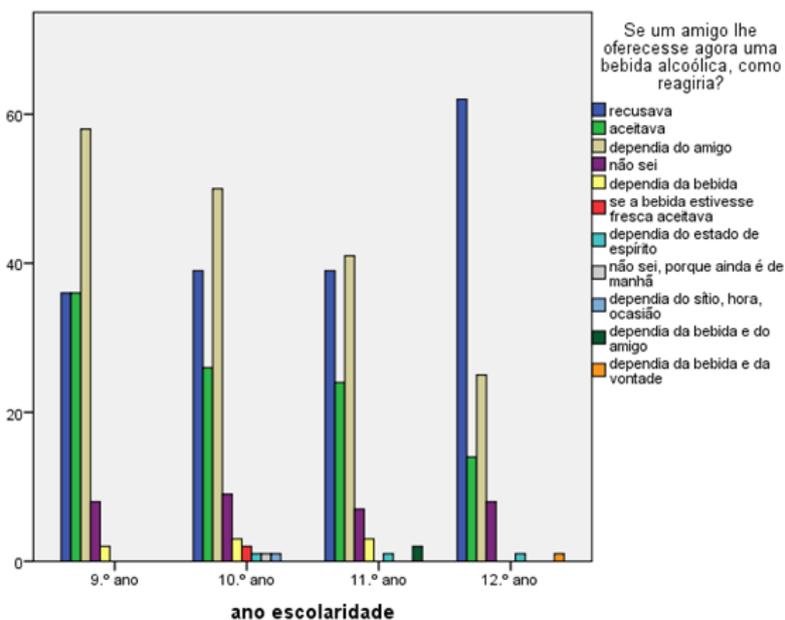


Figura 38. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Se um amigo lhe oferecesse agora uma bebida alcoólica, como reagiria?”.

Na Figura 39, os alunos do 9.º ano consideram que uma pessoa que consome álcool é segura; dependente; divertida; exibicionista. No 10.º ano, a maior parte dos alunos classifica o consumidor de álcool como uma normal, que bebe porque gosta, seguindo-se os que a consideram exibicionista; segura; segura e divertida; ou simplesmente divertida. Também a maior parte dos alunos do 11.º ano consideram normal a pessoa que bebe porque gosta, seguindo-se os que a consideram divertida e segura; exibicionista. Novamente a maior parte dos alunos do 12.º ano acham que o consumidor de álcool é normal, pois bebe porque gosta, seguindo-se os que acham que é segura; divertida.

Considerando que o  $p$  value = 0,022 e 0,002, então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Na sua opinião, uma pessoa que consome álcool é:* são dependentes (Tabela 167).

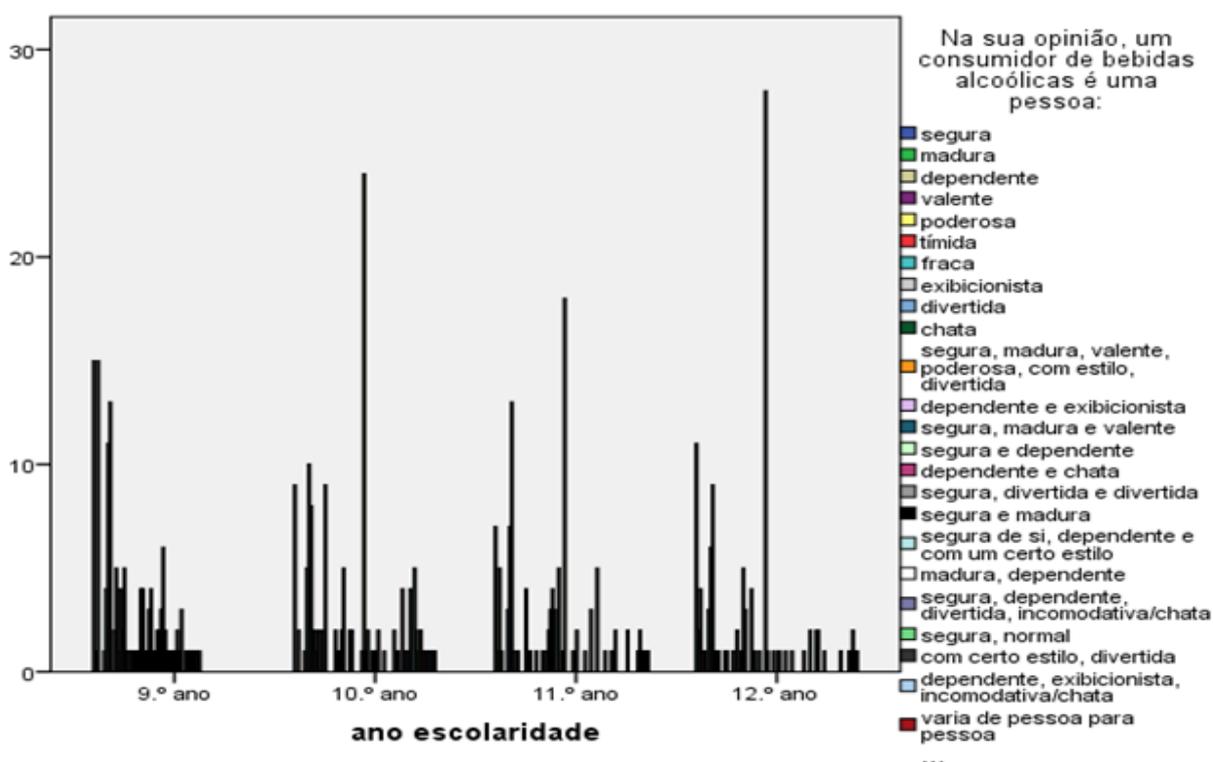


Figura 39. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Na sua opinião, uma pessoa que consome álcool é:”.

É evidente na Figura 40 que em qualquer ano letivo, que a maioria nunca teve fraco desempenho na escola, nos últimos meses, tendo em conta os seus hábitos de consumo. Tanto no 9.º como no 12.º ano, há alguns alunos que apresentaram fraco desempenho na escola, mais de vinte vezes. Atendendo a que o  $p$  value = 0,007, então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Tendo em conta os seus hábitos de consumo*,

*quantas vezes, nos últimos 12 meses, teve fraco desempenho na escola?* são dependentes (Tabela 167).

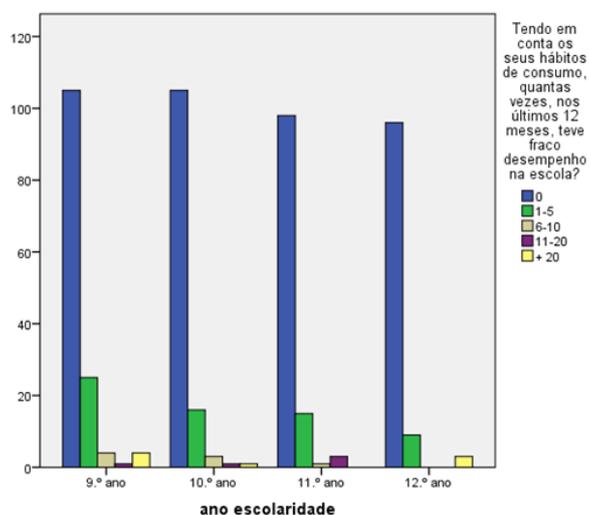


Figura 40. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, teve fraco desempenho na escola?”.

Sintetizamos agora os resultados entre as medidas de associação entre a variável *Ano de escolaridade* da dimensão I e as variáveis da dimensão II, que apresentaram resultados significativos. Apesar de a maioria dos alunos dos quatro anos de escolaridade nunca ter consumido calmantes, esta tendência diminuiu ligeiramente, do 9.º para o 12.º ano. Tanto o consumo de cannabis como de álcool aumenta, com o aumento do ano de escolaridade, diminuindo a frequência dos que nunca consumiram. Os alunos do 9.º e 10.º ano consumiram a primeira bebida alcoólica entre os 13 e os 14 anos e os alunos do 11.º e 12.º ano consumiram-na entre os 14 e os 15 anos. A prevalência do consumo atual do último copo, principalmente na última semana, aumenta com o aumento do ano de escolaridade. Do 9.º ao 11.º ano, a maior parte dos alunos considera que o consumo da primeira bebida alcoólica só deveria ser permitido a partir dos 16 anos, enquanto os do 12.º ano consideram ser razoável a permissão entre os 16 e os 18 anos. A maior parte dos alunos do 9.º e do 10.º ano consideram que em 100 jovens entre 51 e 75 consome bebidas alcoólicas, bem como entre metade e a totalidade dos seus amigos. Já os alunos do 11.º e 12.º anos consideram que em 100 jovens da sua idade, entre 76 e 99 consomem bebidas alcoólicas, tal como a totalidade dos seus amigos. À medida que aumenta o ano de escolaridade, diminuiu a frequência de alunos que nunca se embriagou, fazendo-o menos de 12 vezes por ano. Quanto à prática do binge drinking, esta é mais comum nos anos de escolaridade mais baixos, com 7 bebidas para o 9.º ano, 4 para o 10.º e entre 2 a

3 para 11.º e 12.º anos. Do 9.º para o 12.º ano aumenta frequência dos alunos que já tentaram reduzir voluntariamente o consumo de álcool, bem como diminui a frequência dos alunos que referiram que nunca tiveram relações sexuais sob o efeito do álcool. Contudo, com o aumento do ano de escolaridade, aumenta a frequência das relações sexuais quer sob o efeito do álcool, quer sem ser sob esse efeito. Se lhes oferecessem uma bebida alcoólica, os alunos do 9.º ao 11.º ano aceitariam, dependendo do amigo que lhes oferecessem, mas os alunos do 12.º ano recusariam. Enquanto para os alunos do 9.º ano, uma pessoa que consome bebidas alcoólicas é segura, dependente, divertida e exibicionista, para os restantes anos de escolaridade, trata-se de uma pessoa normal, que bebe porque gosta.

➤ **Sexo x Variáveis da Dimensão II: Hábitos de consumo de álcool**

Tabela 168  
Análise da associação entre variáveis "Sexo" e as restantes, nos alunos do 9.º ano

Variáveis	N.º de casos válidos	Chisquare	Cramer's V Value	Approx. Sig.	Kendall's tau-b Value	Approx. Sig.
<i>Sexo x Já consumiu álcool?</i>	137	0,001	0,340	0,001		
<i>Sexo x Contextos em que consome bebidas alcoólicas?</i>	126	0,036	0,432	0,036		
<i>Sexo x Que bebidas costuma consumir?</i>	126	0,000	0,636	0,000		
<i>Sexo x Já alguma vez ficou embriagado?</i>	140	0,012	0,303	0,012		
<i>Sexo x Quando consome costuma envolver-se em brigas/lutas?</i>	63	0,016	0,362	0,016	0,348	0,003
<i>Sexo x Alguma vez conduziu alterado pelo efeito do álcool?</i>	61	0,022	0,398	0,022		
<i>Sexo x Tendo em conta os seus hábitos de consumo de álcool, quantas vezes passou por acidentes ou ferimentos, nos últimos 12 meses?</i>	139				0,190	0,031

Verifica-se na Figura 41 que a maior parte das raparigas refere que já consumiu álcool mais do que uma vez e a maior parte dos rapazes já se divide entre terem consumido álcool mais do que uma vez e o consumo regular.

Considerando que o  $p\ value = 0,049$ , então as variáveis *Sexo* e *Já consumiu álcool* são dependentes (Tabela 168).

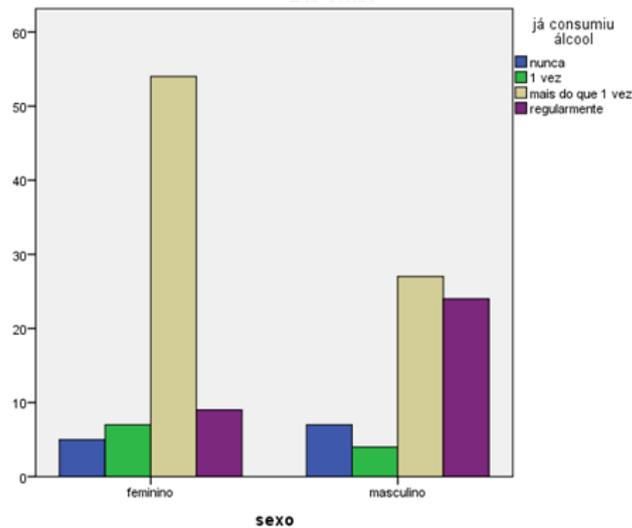


Figura 41. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Já consumiu álcool?”.

Tanto os rapazes como as raparigas referem que costumam consumir bebidas alcoólicas em festas, saídas com os amigos e fins de semana (Figura 42).

Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,036$ , então as variáveis *Sexo* e *Contextos sociais em que consome bebidas alcoólicas* são dependentes (Tabela 168).

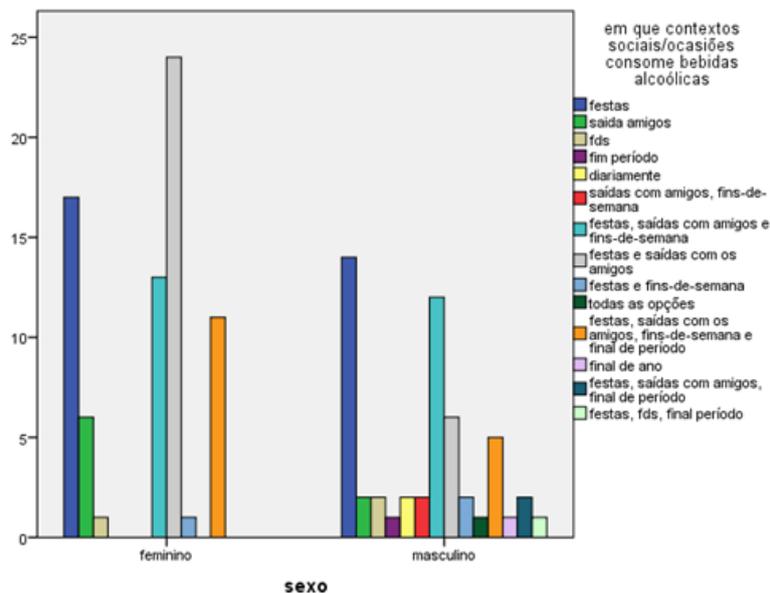


Figura 42. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Contextos sociais em que consome bebidas alcoólicas?”.

Verifica-se nos gráficos da Figura 43 que enquanto a maior parte das raparigas prefere consumir bebidas destiladas/espirituosas, a maior parte dos rapazes prefere a cerveja.

Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,000$ , então as variáveis *Sexo* e *Que bebidas costuma consumir* são dependentes (Tabela 168).

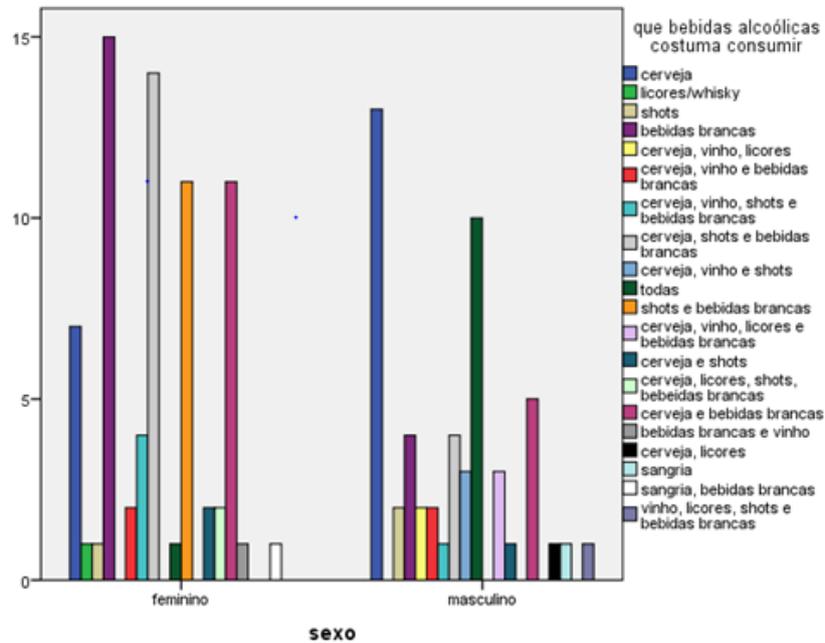


Figura 43. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Que bebidas costuma consumir?”.

Observamos na Figura 44 que existe uma maior percentagem de raparigas que nunca ficou embriagada, do que de rapazes. Em seguida, as raparigas referem que já ficaram embriagadas entre 2 a 3 vezes e os rapazes entre 4 e 10 vezes.

Como o  $p\text{ value} = 0,012$ , então as variáveis *Sexo* e *Já alguma vez ficou embriagado* são dependentes (Tabela 168).

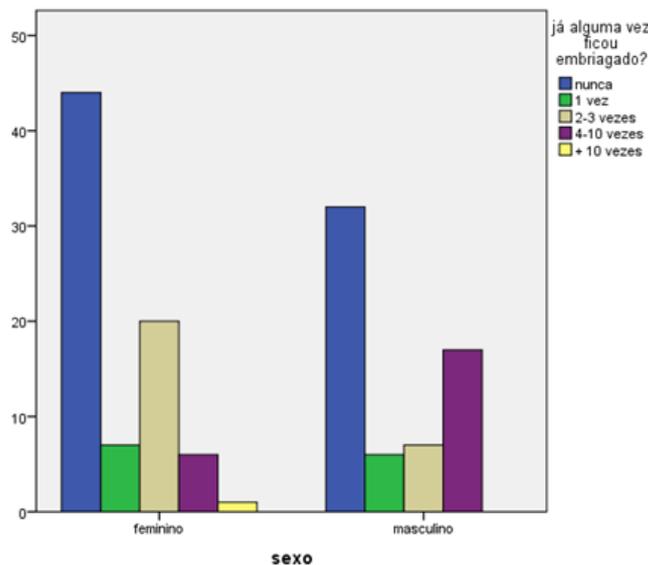


Figura 44. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Já alguma vez ficou embriagado?”.

Certificamos através da análise dos gráficos da Figura 45 que, tanto a maior parte das raparigas como dos rapazes nunca se costumam envolver em brigas, quando consomem bebidas alcoólicas. Contudo, alguns rapazes já o fizeram ocasionalmente. Considerando que o  $p\text{ value} = 0,016$  e  $0,003$ , então as variáveis *Sexo* e *Quando consome costuma envolver-se em brigas/lutas* são dependentes (Tabela 168).

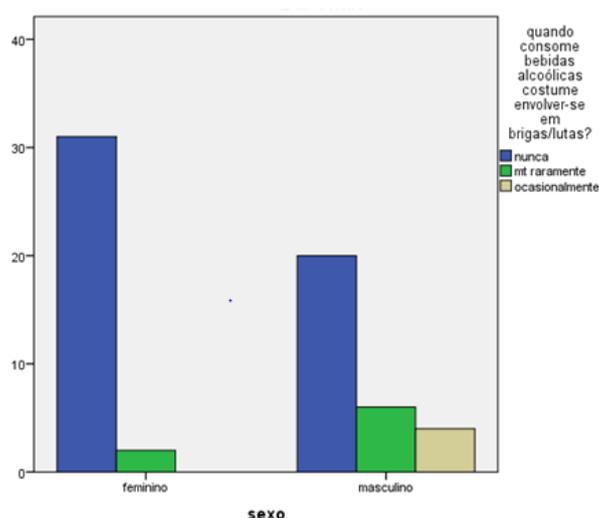


Figura 45. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Quando consome costuma envolver-se em brigas/lutas?”.

Analisando a Figura 46, observamos que tanto a maior parte das raparigas como dos rapazes nunca conduziram embriagados. Contudo, alguns rapazes já conduziram embriagados ocasionalmente ou frequentemente. Visto que o  $p\text{ value} = 0,022$  e  $0,001$ , então as variáveis *Sexo* e *Alguma vez conduziu alterado pelo efeito do álcool* são dependentes (Tabela 168).

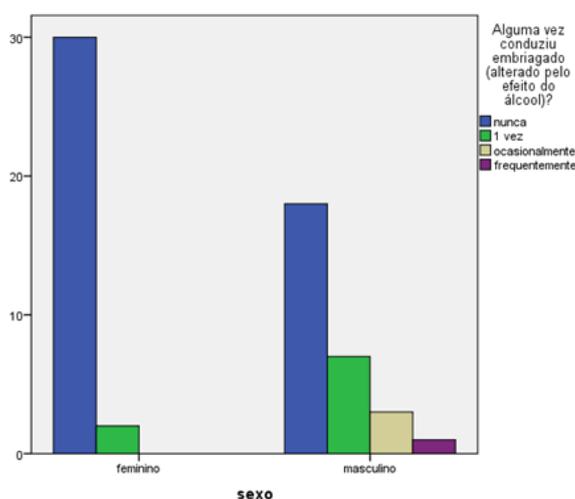


Figura 46. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Alguma vez conduziu alterado pelo efeito do álcool?”.

Tanto a maior parte das raparigas como dos rapazes nunca passou por ferimentos ou acidentes, nos últimos 12 meses (Figura 47). Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,031$ , então as variáveis *Sexo* e *Tendo em conta os seus hábitos de consumo de álcool, quantas vezes passou por acidentes ou ferimentos, nos últimos 12 meses* são dependentes (Tabela 168).

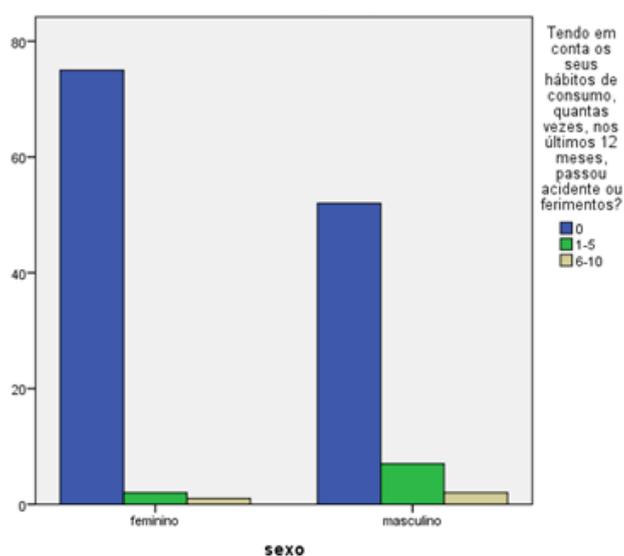


Figura 47. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Tendo em conta os seus hábitos de consumo de álcool, quantas vezes passou por acidentes ou ferimentos, nos últimos 12 meses?”.

Resumindo, verificamos que o consumo de álcool é mais regular nos rapazes, sendo em ambos os sexos em festas, saídas com os amigos e aos fins de semana. Enquanto as raparigas preferem consumir bebidas espirituosas, os rapazes preferem a cerveja. A frequência de embriaguez, de envolvimento em brigas, quando consome bebidas alcoólicas, bem como de condução sob o efeito do álcool também é maior nos rapazes, tendo também passado por ferimentos, com maior frequência, nos últimos 12 meses.

Tabela 169

Análise da associação entre variáveis “Sexo” e as restantes, nos alunos do 10.º ano

Variáveis	N.º de casos válidos	Chisquare	Cramer's V Value	Approx. Sig.	Kendall's tau-b Value	Approx. Sig.
<i>Sexo x Já tomou calmantes?</i>	132	0,001	0,286	0,001		
<i>Sexo x Já consumiu álcool?</i>	133	0,003	0,321	0,003	0,180	0,031
<i>Sexo x Idade em que consumiu a primeira bebida alcoólica?</i>	120				-0,167	0,035
<i>Sexo x Em que contextos sociais costuma consumir bebidas alcoólicas?</i>	120	0,042	0,450	0,042		
<i>Sexo x Quando tomou o último copo?</i>	119	0,019	0,337	0,019	-0,271	0,001
<i>Sexo x Que bebidas alcoólicas costuma consumir?</i>	117	0,003	0,606	0,003		
<i>Sexo x Qual a sua opinião acerca do preço das bebidas alcoólicas?</i>	129	0,024	0,295	0,024		
<i>Sexo x Acha que é fácil reduzir voluntariamente o consumo de bebidas alcoólicas?</i>	76				-0,233	0,020

A Figura 48 revela que a grande maioria tanto das raparigas como dos rapazes nunca tomou calmantes. Tendo em conta que o  $p$  value = 0,001, então as variáveis *Sexo* e *Já tomou calmantes* são dependentes (Tabela 169).

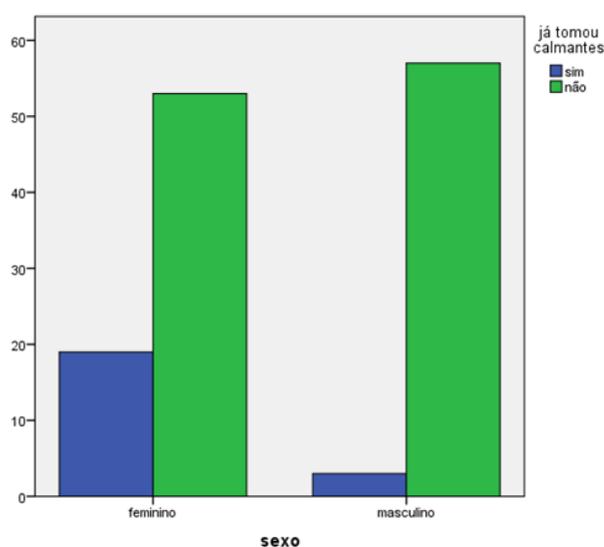


Figura 48. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Já tomou calmantes?”.

Observamos na Figura 49 que a maior parte dos alunos consumiu álcool, tendo a maior parte das raparigas referido que já o consumiram mais do que uma vez e os rapazes consomem-no regularmente. Considerando que o  $p$  value = 0,003 e 0,031, então as variáveis *Sexo* e *Já consumiu álcool* são dependentes (Tabela 169).

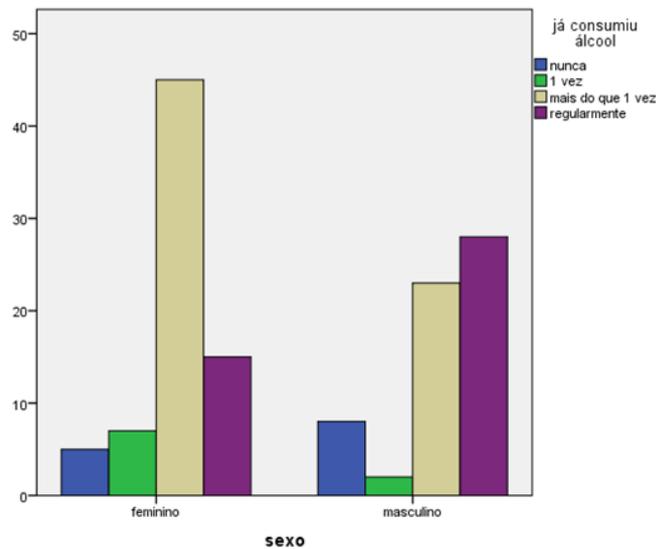


Figura 49. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Já consumiu álcool?”.

Da análise dos gráficos da Figura 50, inferimos que a maior parte das raparigas consumiu a primeira bebida alcoólica entre os 14 e os 15 anos e a maior parte dos rapazes consumiu-a entre os 13 e os 14 anos. Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,035$ , então as variáveis *Sexo* e *Idade em que consumiu a primeira bebida alcoólica* são dependentes (Tabela 169).

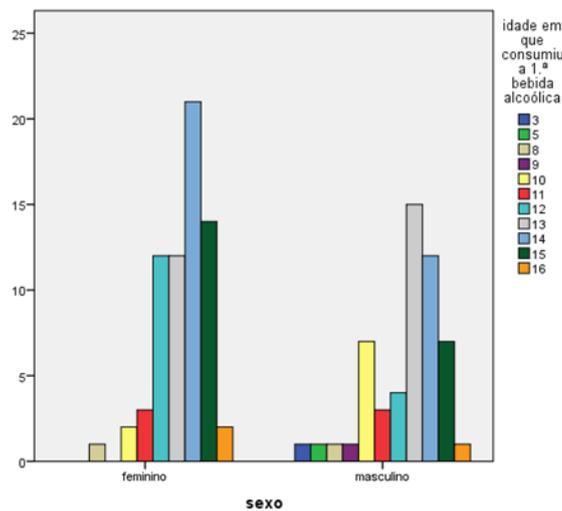


Figura 50. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Idade em que consumiu a primeira bebida alcoólica?”.

Na Figura 51 a maior parte das raparigas refere que costuma consumir bebidas alcoólicas em festas, saídas com amigos e fins de semana e a maior parte dos rapazes costuma consumi-las em festas, saídas com amigos, fins de semana e finais de período. Visto que o  $p\text{ value} = 0,042$ , então as variáveis *Sexo* e *Em que contextos sociais costuma consumir bebidas alcoólicas?* são dependentes (Tabela 169).

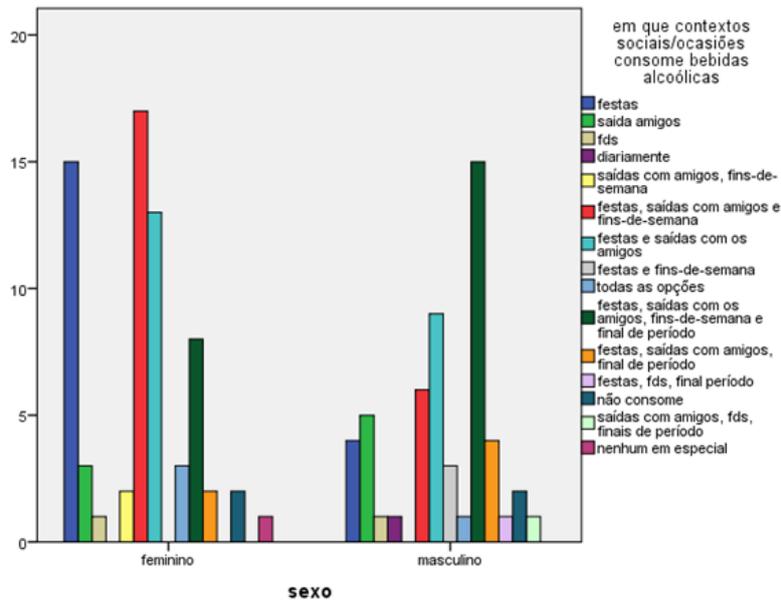


Figura 51. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Em que contextos sociais costuma consumir bebidas alcoólicas?”.

Observamos na Figura 52 que a maior parte das raparigas tomou o último copo entre uma semana e um mês e a maior parte dos rapazes tomou-o na última semana. Como o  $p\text{ value} = 0,019$  e  $0,001$ , então as variáveis *Sexo* e *Quando tomou o último copo* são dependentes (Tabela 169).

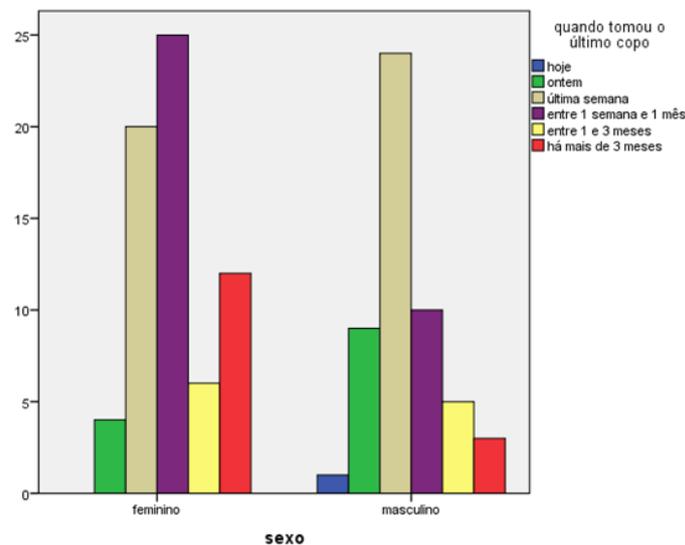


Figura 52. Gráfico de frequências das variáveis “Sexo” e “Quando tomou o último copo?”.

Enquanto a maior parte das raparigas costuma consumir cerveja, bebidas brancas/espirituosas e *shots*, a maior parte dos rapazes prefere cerveja e depois bebidas brancas (Figura 53). Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,003$ , então as variáveis *Sexo* e *Que bebidas alcoólicas costuma consumir?* são dependentes (Tabela 169).

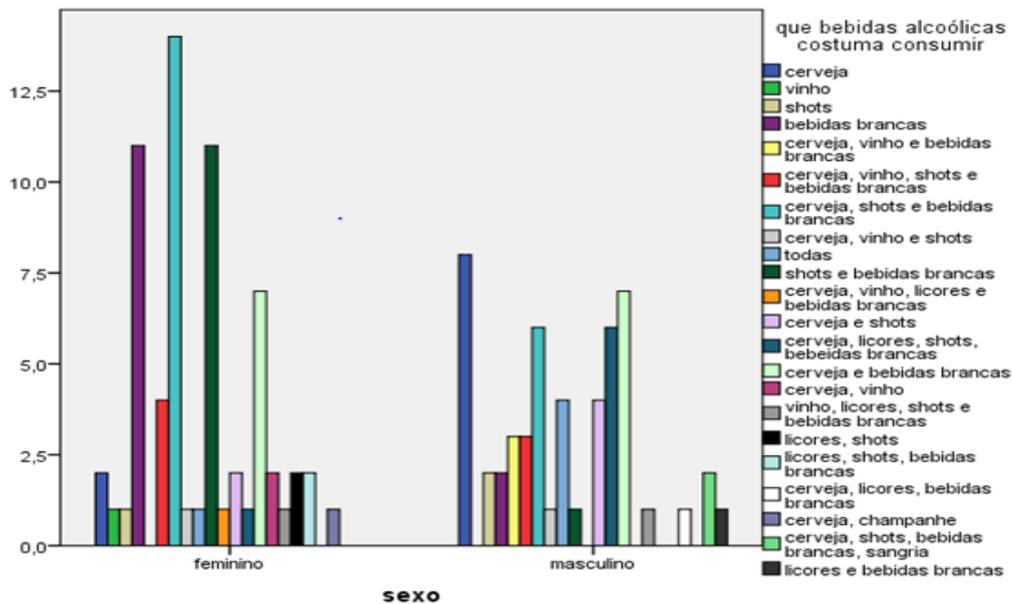


Figura 53. Gráfico de frequências das variáveis “Sexo” e “Que bebidas alcoólicas costuma consumir?”.

Verificamos na Figura 54 que enquanto a maior parte das raparigas considera que o preço das bebidas alcoólicas é elevado ou muito elevado, a maior parte dos rapazes o considera acessível. Considerando que o  $p\text{ value} = 0,024$ , então as variáveis *Sexo* e *Qual a sua opinião acerca do preço das bebidas alcoólicas* são dependentes (Tabela 169).

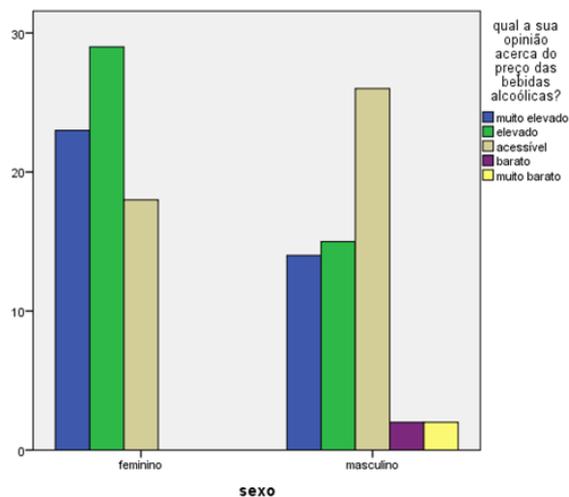


Figura 54. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Qual a sua opinião acerca do preço das bebidas alcoólicas?”.

Na Figura 55, a maior parte quer das raparigas, quer dos rapazes considera que é fácil ou muito fácil reduzir voluntariamente o consumo de bebidas alcoólicas. Contudo, há mais raparigas do que rapazes a considerarem ser difícil reduzir voluntariamente esse consumo. Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,020$ , então as variáveis *Sexo* e *Acha que é fácil*

*reduzir voluntariamente o consumo de bebidas alcoólicas?* são dependentes (Tabela 1669).

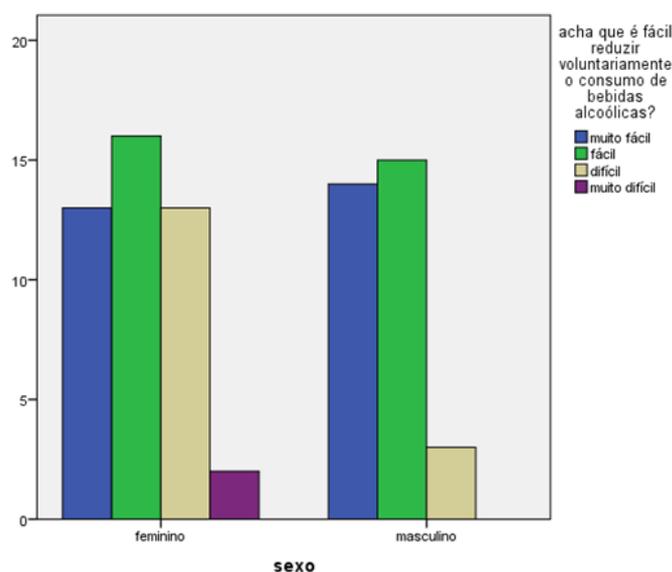


Figura 55. Gráfico de frequências das variáveis “Sexo” e “Acha que é fácil reduzir voluntariamente o consumo de bebidas alcoólicas?”.

Fazendo um breve sumário dos resultados obtidos, das medidas de associação, verificamos que há um maior número de raparigas que já tomou calmantes. Enquanto a maior parte das raparigas já consumiu bebidas alcoólicas mais do que uma vez, os rapazes fazem-no com maior regularidade. As maior parte das raparigas iniciou o consumo de bebidas alcoólicas entre os 14 e os 15 anos, a maior parte dos rapazes fê-lo mais cedo, entre os 13 e os 14 anos. Tanto as raparigas como os rapazes costuma consumir bebidas alcoólicas em festas, saídas com os amigos e aos fins de semana, mas os rapazes também selecionaram os finais de período. O último consumo da maior parte das raparigas ocorreu entre a última semana e o último mês, enquanto na maior parte dos rapaz ocorreu na última semana. As preferência da maior parte das raparigas recaem na cerveja, bebidas espirituosas e *shots*, considerando o preço elevado, os rapazes preferem cerveja e consideram o preço acessível. Há mais raparigas a considerarem ser difícil reduzir voluntariamente o consumo de bebidas alcoólicas.

Tabela 170

Análise da associação entre variáveis “Sexo” e as restantes, nos alunos do 11.º ano

Variáveis	N.º de casos válidos	Chisquare	Cramer's V Value	Approx. Sig.	Kendall's tau-b Value	Approx. Sig.
Sexo x Quando tomou o último copo?	110				-0,214	0,010
Sexo x Qual a sua opinião acerca do preço das bebidas alcoólicas?	114	0,032	0,304	0,032	0,243	0,004
Sexo x Já alguma vez ficou embriagado?	116	0,042	0,292	0,042		
Sexo x Com que frequência costuma ficar embriagado?	74	0,017	0,372	0,017	0,310	0,006
Sexo x Costuma consumir rápida e repetidamente bebidas alcoólicas / binge drinking?	74	0,015	0,284	0,015		
Sexo x Acha que é fácil reduzir voluntariamente o consumo de bebidas alcoólicas?	73	0,001	0,454	0,001	-0,416	0,000
Sexo x Os outros conseguem convencê-lo a fazer coisas que não lhe apetece fazer?	117				-0,197	0,022

Tanto a maioria dos rapazes como das raparigas refere que consumiu o último copo na última semana, havendo mais rapazes que o consumiram no próprio dia do questionário e mais raparigas que o consumiram entre um e três meses e há mais de três meses (Figura 56). Tendo em conta que o  $p$  value = 0,010, então as variáveis *Sexo* e *Quando tomou o último copo* são dependentes (Tabela 170).

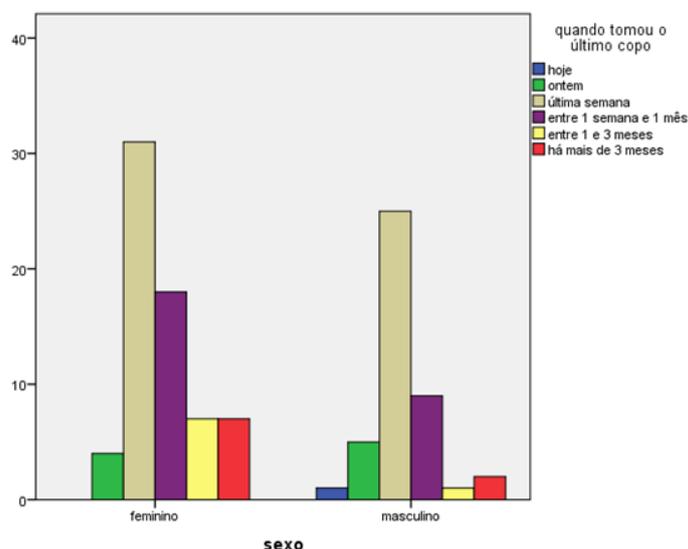


Figura 56. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Quando tomou o último copo?”.

A opinião das raparigas acerca do preço das bebidas alcoólicas varia entre o muito elevado e o acessível, já maioria dos rapazes considera que é acessível (Figura 57). Considerando que o  $p$  value = 0,032 e 0,004, então as variáveis *Sexo* e *Qual a sua opinião acerca do preço das bebidas alcoólicas* são dependentes (Tabela 170).

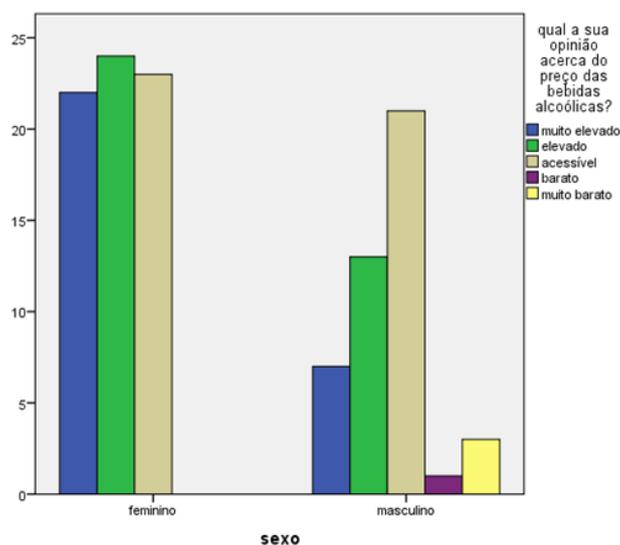


Figura 57. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Qual a sua opinião acerca do preço das bebidas alcoólicas?”.

Observamos que na Figura 58, a maior parte dos alunos nunca se embriagou, verificando-se uma maior percentagem de raparigas do que de rapazes. Existe maior percentagem de rapazes que se embriagaram mais de 10 vezes. Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,042$ , então as variáveis *Sexo* e *Já alguma vez ficou embriagado* são dependentes (Tabela 170).

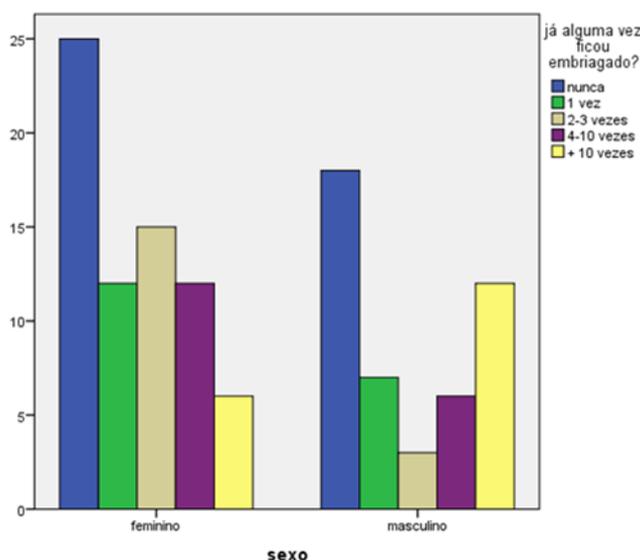


Figura 58. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Já alguma vez ficou embriagado?”.

Verificamos na Figura 59, que a maior parte das raparigas costuma embriagar-se menos de doze vezes por anos e os rapazes embriagam-se com maior frequência, até oito vezes por mês. Visto que o  $p\text{ value} = 0,017$  e  $0,006$ , então as variáveis *Sexo* e *Com que frequência costuma ficar embriagado?* são dependentes (Tabela 170).

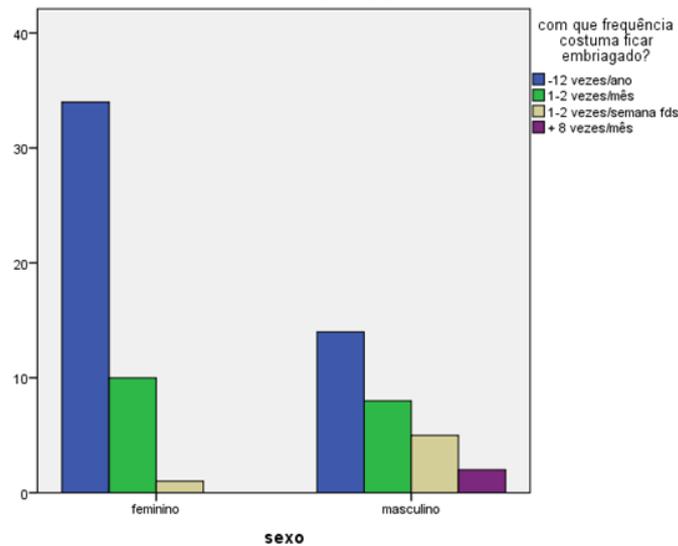


Figura 59. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Com que frequência costuma ficar embriagado?”.

De acordo com a Figura 60, a prática do *binge drinking* é mais comum nos rapazes do que raparigas. Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,015$ , então as variáveis *Sexo* e *Costuma consumir rápida e repetidamente bebidas alcoólicas / binge drinking?* são dependentes (Tabela 170).

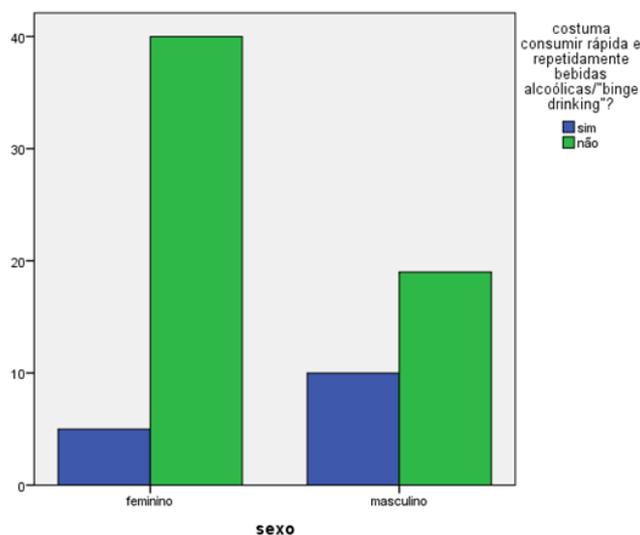


Figura 60. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Costuma consumir rápida e repetidamente bebidas alcoólicas / binge drinking?”.

Analisando os gráficos da Figura 61, verificamos que a maior parte das raparigas considera que é fácil e a maior parte dos rapazes considera que é muito fácil reduzir voluntariamente o consumo de bebidas alcoólicas. Como o  $p\text{ value} = 0,001$  e  $0,000$ , então as variáveis *Sexo* e *Acha que é fácil reduzir voluntariamente o consumo de bebidas alcoólicas?* são dependentes (Tabela 170).

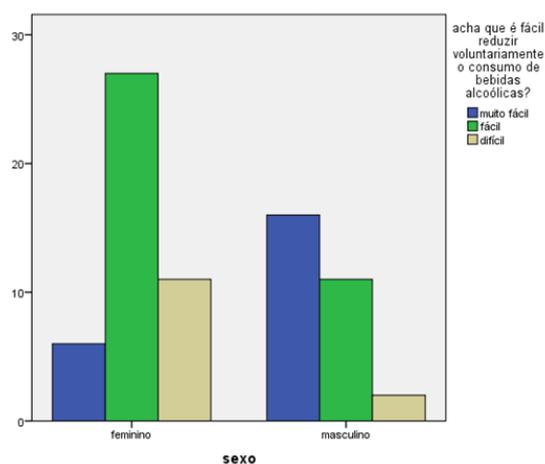


Figura 61. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Acha que é fácil reduzir voluntariamente o consumo de bebidas alcoólicas?”.

Enquanto que a maior parte das raparigas refere que raramente os outros conseguem convencer a fazer coisas que não lhe apetece fazer, a maior parte dos rapazes considera que tal nunca acontece (Figura 62). Considerando que o  $p$  value = 0,022, então as variáveis *Sexo* e *Os outros conseguem convencê-lo a fazer coisas que não lhe apetece fazer?* são dependentes (Tabela 170).

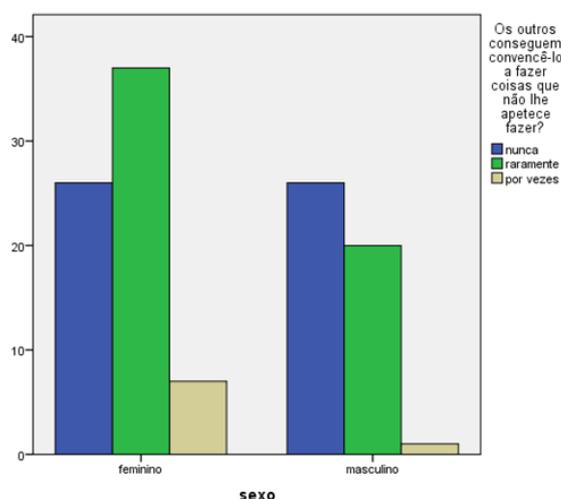


Figura 62. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Os outros conseguem convencê-lo a fazer coisas que não lhe apetece fazer?”.

Fazendo um breve apanhado destes resultados, verificamos que tanto a maior parte dos rapazes como das raparigas consumiu o último copo na última semana, é nos rapazes que se verificam maiores consumos quer no próprio dia, como no dia anterior. A maior parte das raparigas considera que o preço das bebidas alcoólicas é acessível a elevado e a maior parte dos rapazes considera-o acessível. É nos rapazes que se verifica maior frequência de embriaguez, bem como de *binge drinking*. São as raparigas que têm

mais consciência da dificuldade em reduzir voluntariamente o consumo de álcool. A maior parte das raparigas considera que os outros raramente as conseguem convencer a fazer coisas que não lhes apetece, mas a maior parte dos rapazes refere que isso nunca acontece.

Tabela 171

Análise da associação entre variáveis “Sexo” e as restantes, nos alunos do 12.º ano

Variáveis	N.º de casos válidos	Chisquare	Cramer's V Value	Approx. Sig.	Kendall's tau-b Value	Approx. Sig.
<i>Sexo x Já tomou calmantes?</i>	111	0,000	0,462	0,000		
<i>Sexo x Já consultou psicólogo ou psiquiatra?</i>	111	0,003	0,281	0,003		
<i>Sexo x Já consumiu tabaco?</i>	108				-0,196	0,023
<i>Sexo x Já consumiu álcool?</i>	109	0,009	0,324	0,009		
<i>Sexo x Em que contextos sociais costuma consumir bebidas alcoólicas?</i>	103	0,029	0,485	0,029		
<i>Sexo x Que bebidas alcoólicas costuma consumir?</i>	104	0,017	0,628	0,017		
<i>Sexo x Qual a sua opinião acerca do preço das bebidas alcoólicas?</i>	109	0,005	0,368	0,005		
<i>Sexo x Já alguma vez ficou embriagado?</i>	110	0,014	0,337	0,014		
<i>Sexo x Numa escala de 1 a 5, indique o grau de embriaguez que experienciou na última vez que consumiu bebidas alcoólicas em excesso?</i>	77				0,215	0,030
<i>Sexo x Quando consome bebidas alcoólicas, costuma envolver-se em brigas ou lutas?</i>	75	0,026	0,311	0,026	0,304	0,015
<i>Sexo x Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou por problemas sérios com os amigos?</i>	108	0,047	0,272	0,047		

É evidente na Figura 63 que a maior parte das raparigas e dos rapazes nunca tomou calmantes. Contudo, há maior frequência de raparigas do que de rapazes que já tomaram calmantes. Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,000$ , então as variáveis *Sexo* e *Já tomou calmantes* são dependentes (Tabela 171).

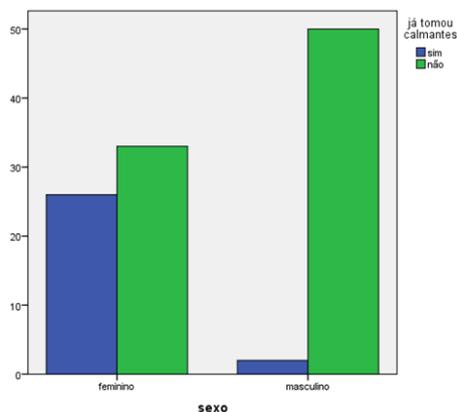


Figura 63. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Já tomou calmantes?”.

Analisando os gráficos da Figura 64, verificamos que a maior parte das raparigas e dos rapazes nunca consultou psicólogo ou psiquiatra. Contudo, há maior quantidade de raparigas do que de rapazes que já o fizeram. Considerando que o  $p\text{ value} = 0,003$ , então as variáveis *Sexo* e *Já consultou psicólogo ou psiquiatra?* são dependentes (Tabela 171).

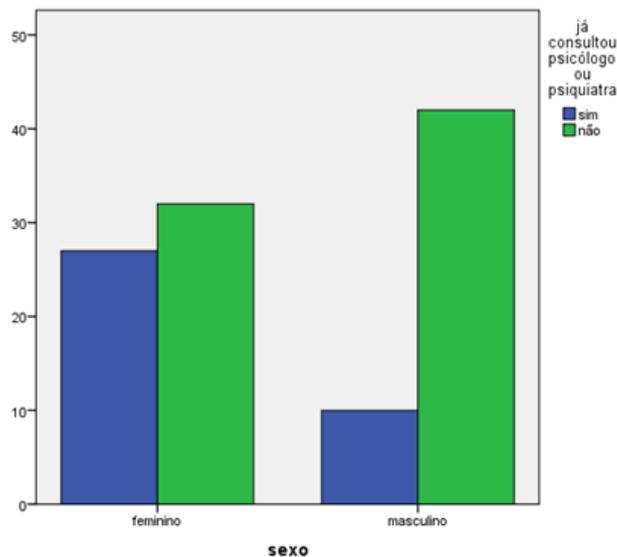


Figura 64. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Já consultou psicólogo ou psiquiatra?”.

Enquanto a maior parte dos rapazes nunca consumiu tabaco, a maior parte das raparigas já o fez mais do que uma vez (Figura 65). Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,023$ , então as variáveis *Sexo* e *Já consumiu tabaco* são dependentes (Tabela 171).

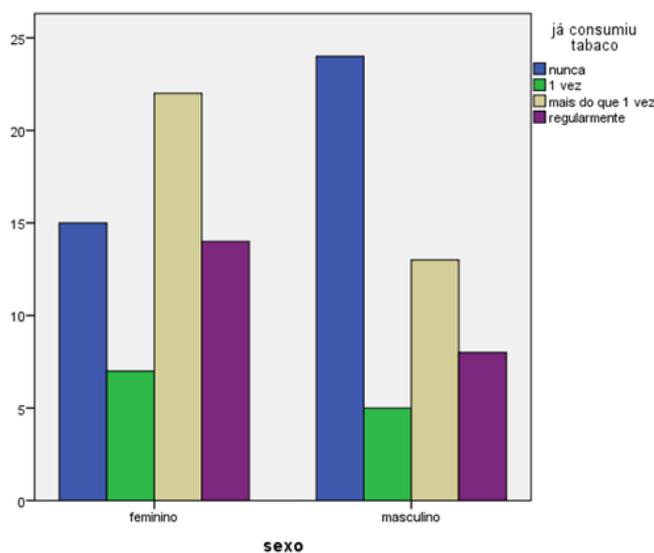


Figura 65. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Já consumiu tabaco?”.

Conforme os dados da Figura 66, a maior parte das raparigas e dos rapazes já consumiu álcool, mais do que uma vez, havendo maior percentagem de rapazes que o faz regularmente. Visto que o  $p\text{ value} = 0,009$ , então as variáveis *Sexo* e *Já consumiu álcool* são dependentes (Tabela 171).

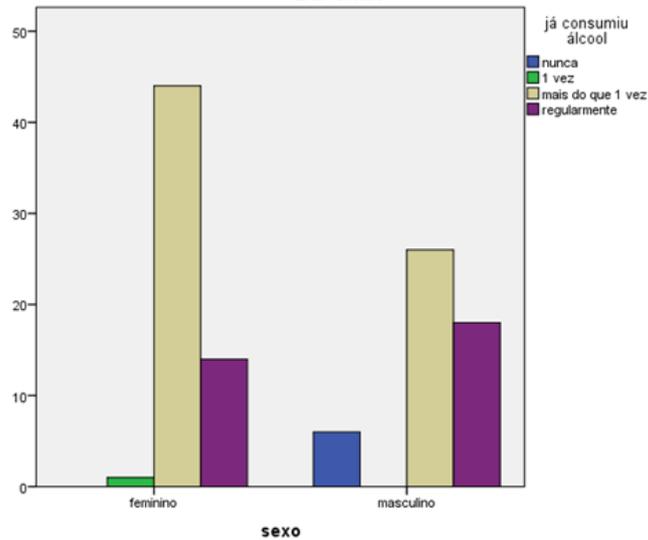


Figura 66. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Já consumiu álcool?”.

Analisando os dados da Figura 67, observamos que a maior parte das raparigas e dos rapazes consomem preferencialmente bebidas alcoólicas em festas, saídas com amigos e aos fins de semana. Sendo o  $p\text{ value} = 0,029$ , então as variáveis *Sexo* e *Em que contextos sociais costuma consumir bebidas alcoólicas* são dependentes (Tabela 171).

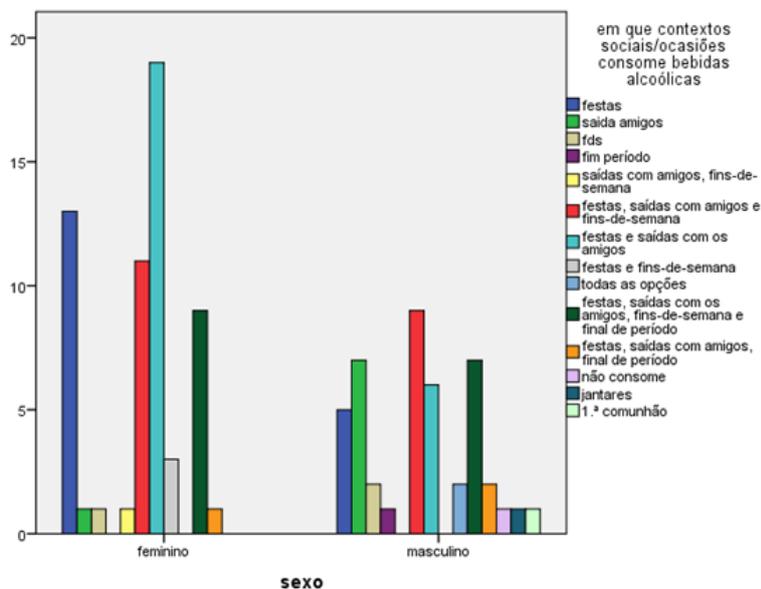


Figura 67. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Em que contextos sociais costuma consumir bebidas alcoólicas?”.

A maior parte das raparigas prefere consumir bebidas brancas/espirituosas, enquanto a maioria dos rapazes prefere a cerveja (Figura 68). Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,017$ , então as variáveis *Sexo* e *Que bebidas alcoólicas costuma consumir* são dependentes (Tabela 171).

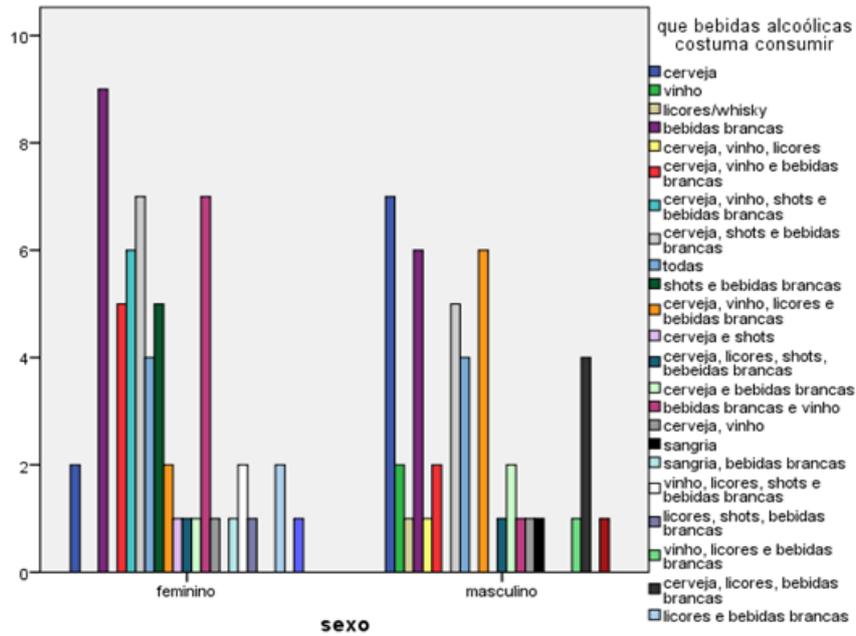


Figura 68. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Que bebidas alcoólicas costuma consumir?”.

Enquanto a maior parte das raparigas representadas na Figura 69 considera que o preço das bebidas alcoólicas é elevado ou muito elevado, a maior parte dos rapazes considera-o acessível. Considerando que o  $p\text{ value} = 0,005$  e  $0,000$ , então as variáveis *Sexo* e *Qual a sua opinião acerca do preço das bebidas alcoólicas* são dependentes (Tabela 171).

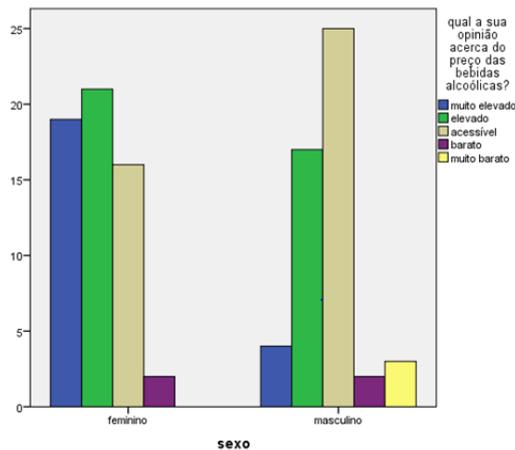


Figura 69. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Qual a sua opinião acerca do preço das bebidas alcoólicas?”.

De acordo com os dados dos gráficos da Figura 70, a maior parte das raparigas já ficou embriagada entre duas a três vezes, enquanto a maior parte dos rapazes nunca ficou embriagada. Visto que o  $p\text{ value} = 0,014$ , então as variáveis *Sexo* e *Já alguma vez ficou embriagado* são dependentes (Tabela 171).

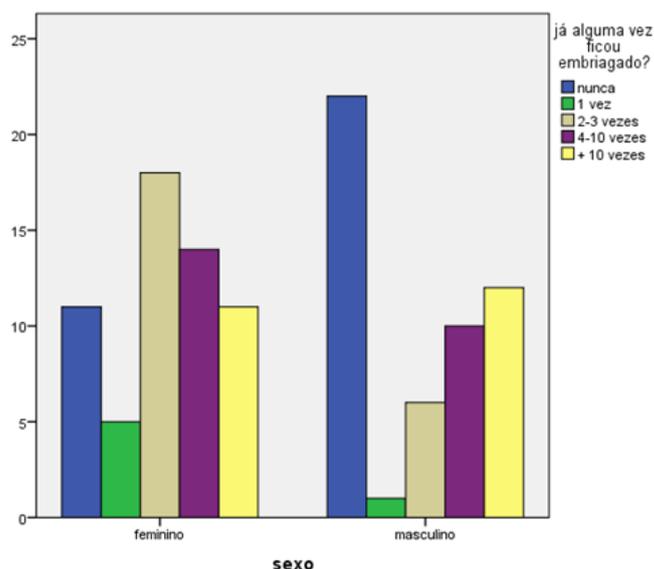


Figura 70. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Já alguma vez ficou embriagado?”.

A maior parte tanto das raparigas como dos rapazes ficou embriagada ou um pouco embriagada, na última vez que consumiu bebidas alcoólicas em excesso (Figura 71). Como o  $p\text{ value} = 0,030$ , então as variáveis *Sexo* e *Numa escala de 1 a 5, indique o grau de embriaguez que experienciou na última vez que consumiu bebidas alcoólicas em excesso* são dependentes (Tabela 171).

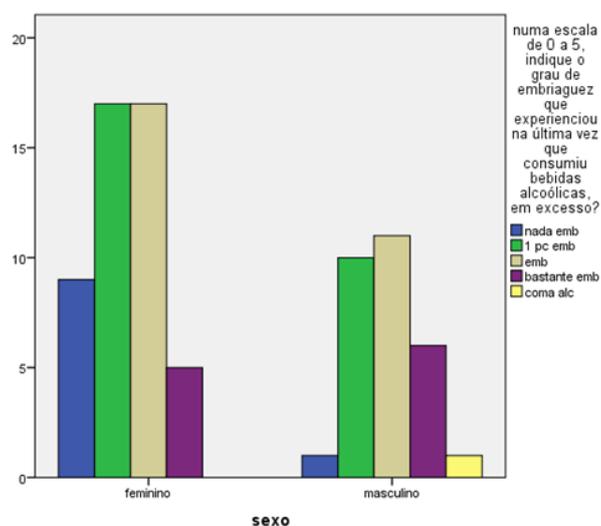


Figura 71. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Numa escala de 1 a 5 indique o grau de embriaguez que experienciou na última vez que consumiu bebidas alcoólicas em excesso?”.

A maior parte tanto das raparigas como dos rapazes nunca costuma envolver-se em brigas, quando consome bebidas alcoólicas (Figura 72). Tendo em conta que o  $p$  value = 0,026 e 0,015, então as variáveis *Sexo* e *Quando consome bebidas alcoólicas, costuma envolver-se em brigas ou lutas* são dependentes (Tabela 171).

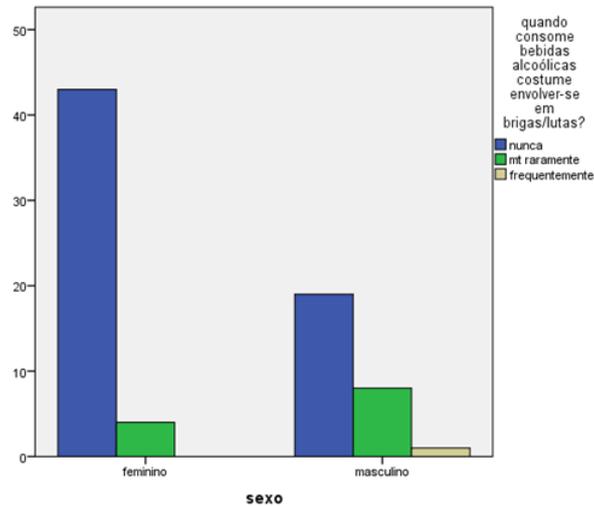


Figura 72. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Quando consome bebidas alcoólicas, costuma envolver-se em brigas ou lutas?”.

Observamos na Figura 73 que a maior parte tanto das raparigas como dos rapazes nunca passou por problemas sérios com os amigos, nos últimos 12 meses, verificando-se que alguns rapazes já passaram por esses problemas, mais de vinte vezes. Considerando que o  $p$  value = 0,045, então as variáveis *Sexo* e *Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou por problemas sérios com os amigos* são dependentes (Tabela 171).

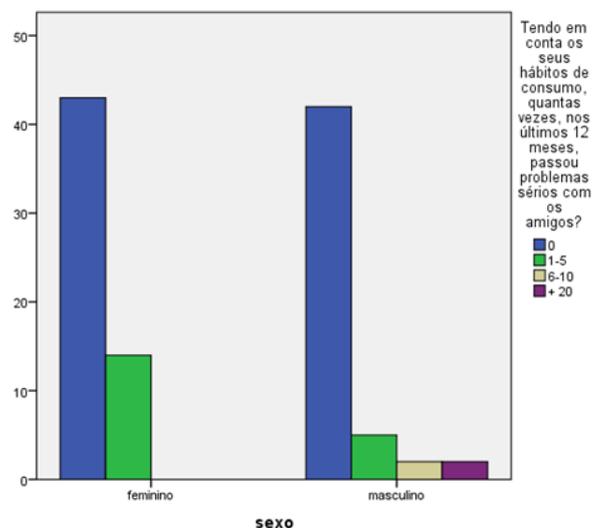


Figura 73. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou por problemas sérios com os amigos?”.

Numa breve síntese destes resultados, apuramos que são as raparigas as que mais já consumiram calmantes e consultaram psicólogo ou psiquiatra. São também as raparigas que apresentam maior frequência de consumo de tabaco, tendo a maior parte dos rapazes afirmado que nunca consumiu tabaco. Enquanto a maior parte das raparigas prefere consumir bebidas espirituosas, a maior parte dos rapazes prefere cerveja. As raparigas consideram os preço das bebidas alcoólicas elevado ou muito elevado, mas os rapazes consideram-na acessível. Ao contrário dos anos de escolaridade anteriores, são as raparigas que revelam maior frequência de embriaguez, relativamente aos rapazes, referindo ambos que ficam embriagados ou um pouco embriagados. São os rapazes que mais referem que se envolvem em brigas, quando consomem bebidas alcoólicas.

➤ **Escola que frequenta x Variáveis da Dimensão II: Hábitos de consumo de álcool**

A variável *Escola que frequenta* da Dimensão sociocultural apenas foi analisada entre os alunos do 9.º ano, pelo facto de haver alunos de dois tipos de escolas: Escolas Básicas com 2.º e 3.º ciclo e Escolas Secundárias com 3.º ciclo. Os alunos do 10.º ao 12.º ano frequentaram todas Escolas Secundárias com 3.º ciclo, pelo que não foi considerada esta variável.

Tabela 172

*Análise da associação entre variáveis "Escola que frequenta" e as restantes, nos alunos do 9.º ano*

Variáveis	N.º de casos válidos	Chisquare	Cramer's V Value	Approx. Sig.	Kendall's tau-b Value	Approx. Sig.
<i>Escola x Já consumiu cannabis?</i>	133	0,015	0,251	0,015		
<i>Escola x Já alguma vez ficou embriagado?</i>	140	0,011	0,306	0,011		
<i>Escola x Costuma praticar o binge drinking?</i>	63	0,001	0,436	0,001		
<i>Escola x Quantas bebidas?</i>	20	0,018	1,000	0,018		
<i>Escola x Quando consome bebidas alcoólicas costuma envolver-se em brigas/lutas?</i>	63	0,044	0,315	0,044	0,308	0,002
<i>Escola x Tendo em conta os seus hábitos de consumo de álcool, quantas vezes, nos últimos 12 meses, teve relações sexuais sem proteção?</i>	138				0,230	0,003
<i>Escola x Tendo em conta os seus hábitos de consumo de álcool, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou por experiências de que se tenha arrependido no dia seguinte?</i>	133				0,174	0,034

Observamos na Figura 74 que a totalidade dos alunos das Escola Básicas com 2.º e 3.º ciclo (EB 2,3) nunca consumiu *cannabis*, bem como a maioria dos alunos das

Escolas Secundárias com 3.º ciclo, onde já se verificam alguns consumos desta droga. Considerando que o  $p\text{ value} = 0,015$ , então as variáveis *Escola que frequenta* e *Já consumiu cannabis* são dependentes (Tabela 172).

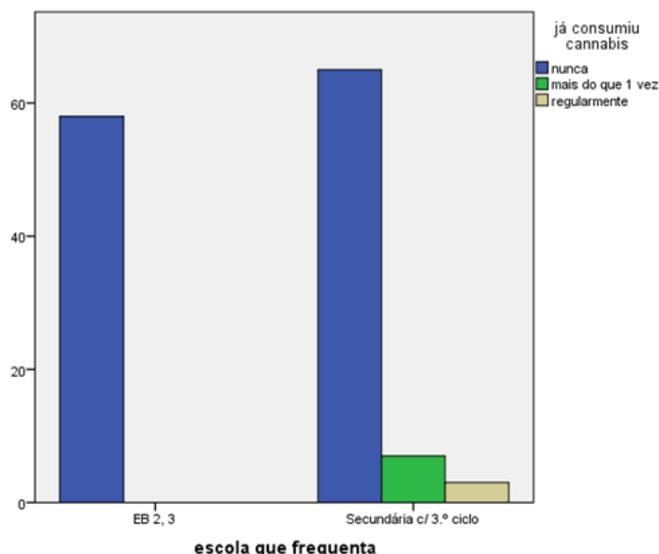


Figura 74. Gráficos de frequências das variáveis “Escola que frequenta” e “Já consumiu cannabis?”.

A maior parte dos alunos dos dois tipos de escolas nunca ficou embriagado, mas encontramos maior frequência de embriaguez, entre 4 a 10 vezes, nos alunos das escolas secundárias com 3.º ciclo (Figura 75). Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,011$ , então as variáveis *Escola que frequenta* e *Já alguma vez ficou embriagado* são dependentes (Tabela 172).

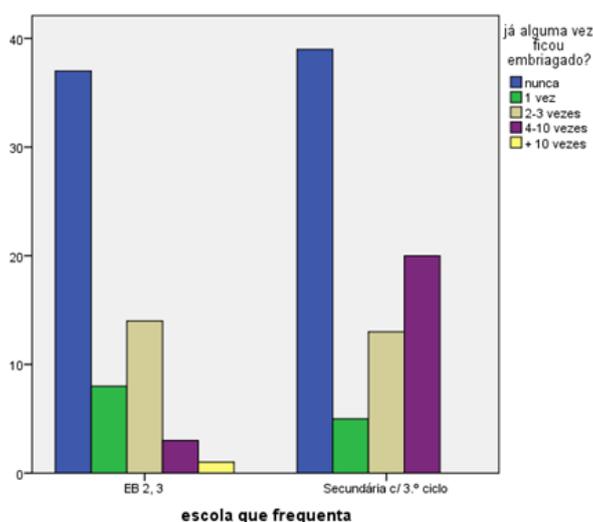


Figura 75. Gráficos de frequências das variáveis “Escola que frequenta” e “Já consumiu alguma vez ficou embriagado?”.

A grande maioria dos alunos das EB 2, 3 não costuma praticar o *binge drinking*, verificando-se na Figura 76 uma divisão paritária entre a prática ou não do *binge drinking* nos alunos das escolas secundárias com 3.º ciclo. Sabendo que o *p value* = 0,001, então as variáveis *Escola que frequenta* e *Costuma consumir rápida e repetidamente bebidas alcoólicas/ binge drinking* são dependentes (Tabela 172).

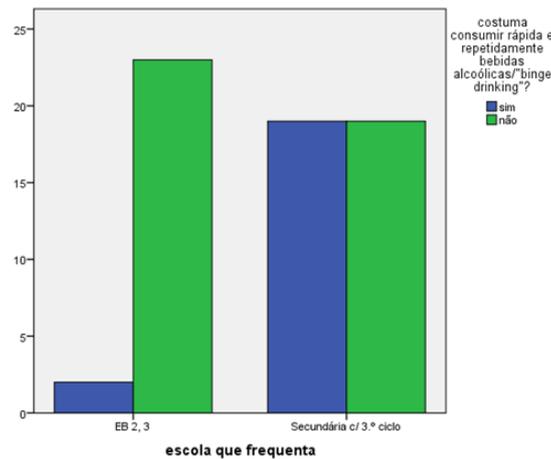


Figura 76. Gráficos de frequências das variáveis “Escola que frequenta” e “Costuma consumir rápida e repetidamente bebidas alcoólicas/ binge drinking?”.

Observamos na Figura 77 que a maior parte dos alunos das escolas secundárias c/ 3.º ciclo que costuma praticar o *binge drinking*, tem dificuldade em contabilizar o número de bebidas alcoólicas que costuma consumir, seguindo-se os que consomem duas ou três bebidas. Como a maior parte dos alunos das EB 2, 3 não costuma praticar o *binge drinking*, o que o faz, costumam consumir quinze bebidas. Visto que o *p value* = 0,018, então as variáveis *Escola que frequenta* e *Quantas bebidas costuma consumir quando pratica o binge drinking* são dependentes (Tabela 172).

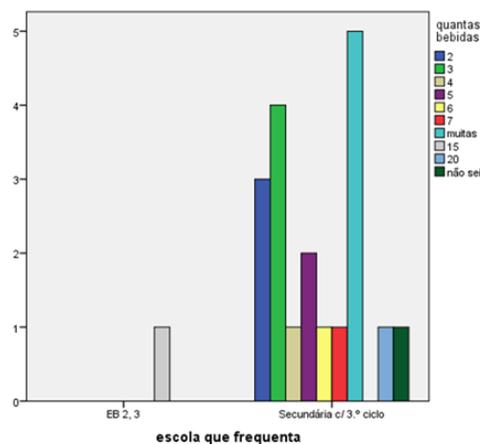


Figura 77. Gráficos de frequências das variáveis “Escola que frequenta” e “Quantas bebidas costuma consumir?”.

Da análise da Figura 78, verificamos que a grande maioria dos alunos das EB 2, 3 e das Escola Secundárias com 3.º ciclo, não costumam envolver-se em lutas ou brigas, quando consomem bebidas alcoólicas, sendo este comportamento mais frequente nos alunos de escolas secundárias com 3.º ciclo. Como o  $p\text{ value} = 0,044$  e  $0,002$ , então as variáveis *Escola que frequenta* e *Quando consome bebidas alcoólicas costuma envolver-se em brigas ou lutas* são dependentes (Tabela 172).

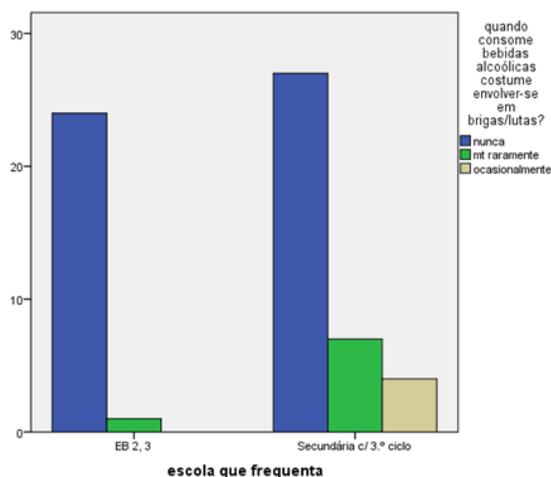


Figura 78. Gráfico de frequências das variáveis “Escola que frequenta” e “Quando consome bebidas alcoólicas costuma envolver-se em brigas/lutas?”.

A grande maioria dos alunos das EB 2, 3 e das Escola Secundárias com 3.º ciclo, nunca teve relações sexuais de risco, havendo maior frequência deste comportamento de risco nos alunos de escolas secundárias com 3.º ciclo (Figura 79). Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,003$ , então as variáveis *Escola que frequenta* e *Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, teve relações sexuais de risco/sem proteção* são dependentes (Tabela 172).

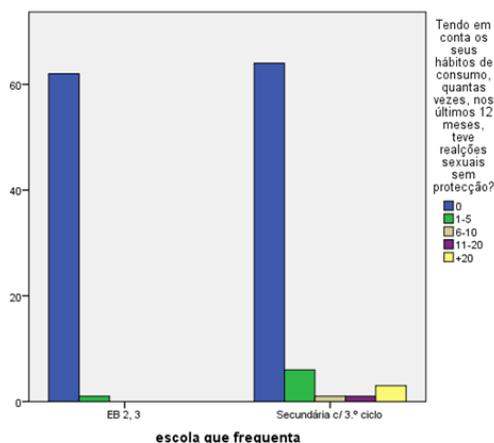


Figura 79. Gráficos de frequências das variáveis “Escola que frequenta” e “Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, teve relações sexuais de risco/sem proteção?”.

Novamente a grande maioria dos alunos dos dois tipos de escolas, nunca passou por experiências de que se tenha arrependido no dia seguinte, havendo maior arrependimento nos alunos de escolas secundárias com 3.º ciclo (Figura 80). Considerando que o  $p\text{ value} = 0,034$ , então as variáveis *Escola que frequenta* e *Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou por experiências de que se tenha arrependido no dia seguinte* são dependentes (Tabela 172).

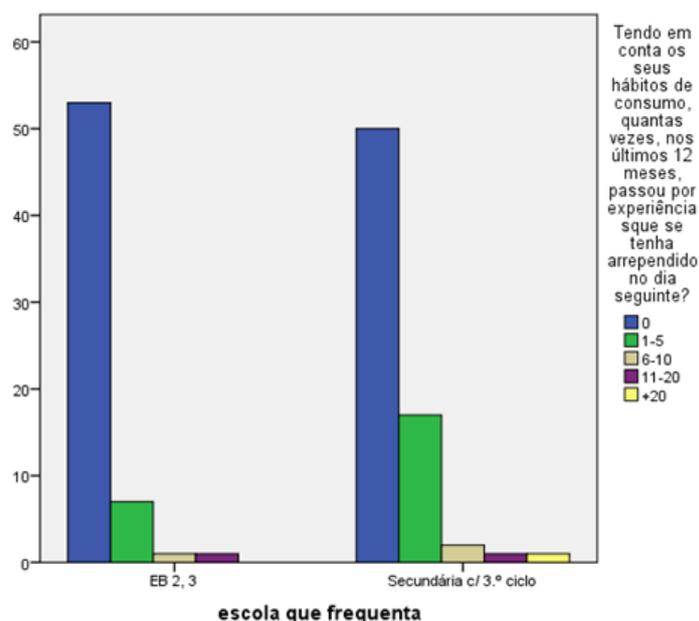


Figura 80. Gráficos de frequências das variáveis “Escola que frequenta” e “Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou por experiências de que se tenha arrependido no dia seguinte?”.

Resumindo os resultados obtidos, verificamos que os comportamentos de risco são mais frequentes nos alunos das escolas secundária c/ 3.º ciclo, do que nas escolas básicas com 2.º e 3.º ciclos. Apesar de predominarem em ambas as escolas os alunos que nunca consumiram *cannabis*, que nunca se embriagaram ou que nunca praticaram o *binge drinking*, são os alunos das escolas secundárias c/ 3.º ciclo que o fazem com maior frequência. São também os alunos destas escolas que mais se envolvem em brigas sob o efeito do álcool, que mais tiveram relações sexuais de risco (sem preservativo), nos últimos 12 meses, bem como passaram por experiências de que se arreponderam no dia seguinte, também nos últimos 12 meses.

➤ **Reprovação x Variáveis da Dimensão II: Hábitos de consumo de álcool**

Tabela 173

Análise da associação entre variáveis “Reprovação” e as restantes, nos alunos do 9.º ano

Variáveis	N.º de casos válidos	Chisquare	Cramer`s V Value	Approx. Sig.	Kendall's tau-b Value	Approx. Sig.
Reprovação x Com quem consumiu a 1.ª bebida alcoólica?	128	0,008	0,305	0,008		
Reprovação x Que bebidas alcoólicas costuma consumir?	126	0,045	0,449	0,045		
Reprovação x Já alguma vez ficou embriagado?	140	0,028	0,234	0,028		
Reprovação x Alguma vez andou de carro ou de moto com o condutor embriagado?	133	0,020	0,222	0,020		
Reprovação x Um consumidor de bebidas alcoólicas é uma pessoa?	139	0,000	0,740	0,000		
Reprovação x Tendo em conta os seus hábitos de consumo de álcool, quantas vezes, nos últimos 12 meses foi vítima de assalto?	139				-0,087	0,047

Na Figura 81, a maior parte dos alunos, quer tenham reprovado ou não, consumiram a primeira bebida com os amigos. Considerando que o  $p\ value = 0,008$ , então as variáveis *Reprovação* e *Com quem consumiu a 1.ª bebida alcoólica* são dependentes (Tabela 173).

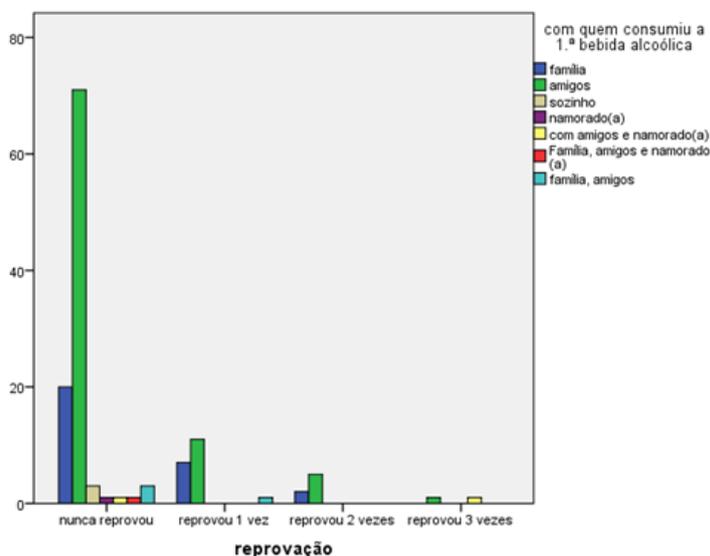


Figura 81. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Com quem consumiu a 1.ª bebida alcoólica?”.

Observamos na Figura 82 que a maior parte dos alunos que nunca reprovou costuma consumir bebidas brancas/espirituosas, cerveja e *shots*, mas a maior parte dos alunos que já reprovou 1 ou 2 vezes prefere a cerveja e preferindo os alunos que

reprovaram 3 vezes cerveja, vinho, licores e bebidas brancas. Sabendo que o  $p\text{ value} = 0.045$ , então as variáveis *Reprovação* e *Que bebidas alcoólicas costuma consumir* são dependentes (Tabela 173).

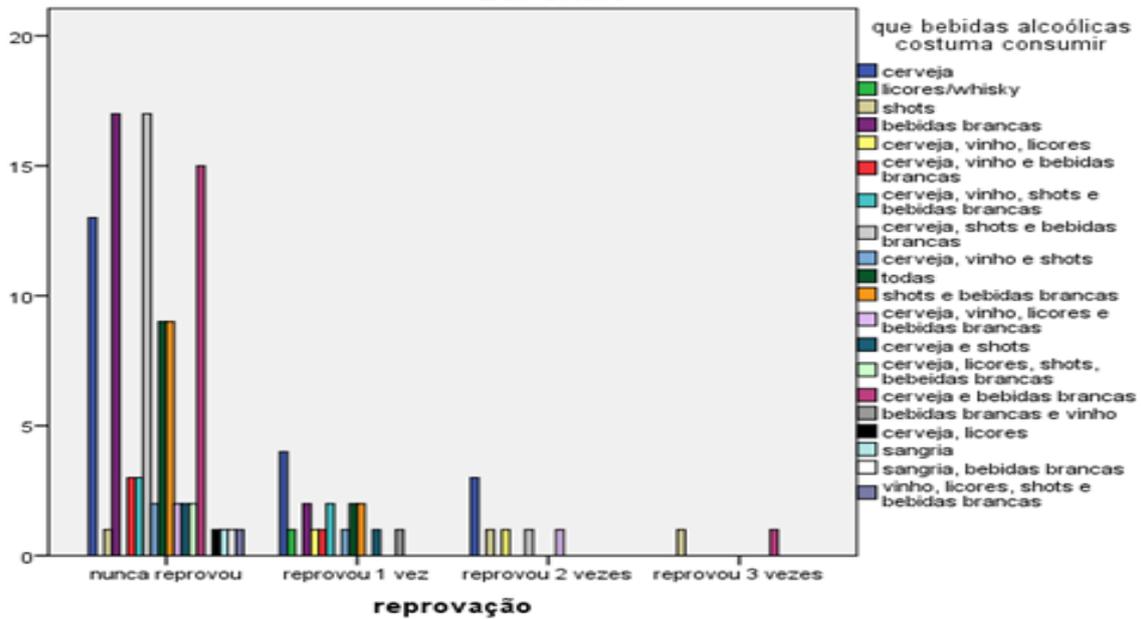


Figura 82. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Que bebidas alcoólicas costuma consumir?”.

A maior parte dos alunos que nunca reprovou, ou que já reprovou uma ou duas vezes nunca ficou embriagada, mas os que reprovaram 3 vezes já ficaram embriagados uma vez, conforme se observa na Figura 83. Visto que o  $p\text{ value} = 0,028$ , então as variáveis *Reprovação* e *Já alguma vez ficou embriagado* são dependentes (Tabela 173).

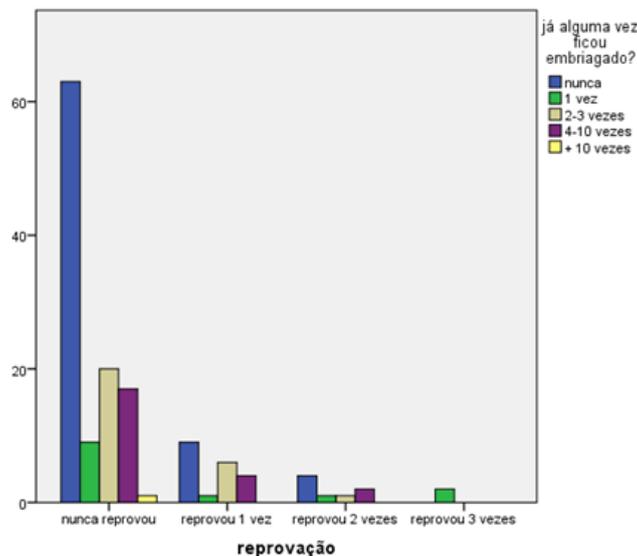


Figura 83. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Já alguma vez ficou embriagado?”.

Observamos nos gráficos da Figura 84, que a maior parte dos alunos que nunca reprovou, ou que já reprovou uma ou duas vezes nunca andou de carro ou moto com o condutor embriagado, mas os que reprovaram 3 vezes já o fizeram ocasionalmente. Como o  $p\text{ value} = 0,020$ , então as variáveis *Reprovação* e *Alguma vez andou de carro ou de moto com o condutor embriagado* são dependentes (Tabela 173).

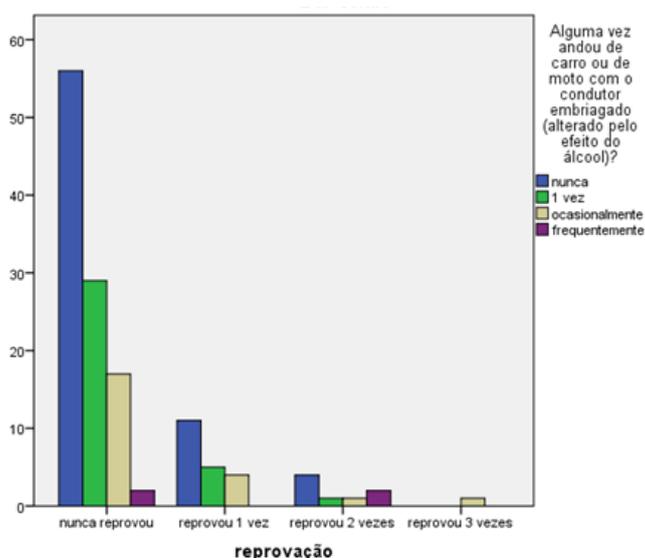


Figura 84. Gráfico de frequências das variáveis “Reprovação” e “Já alguma vez ficou embriagado?”.

Analisando os dados da Figura 85, verificamos que a maior parte dos alunos que nunca reprovou considera que uma pessoa que consome bebidas alcoólicas é dependente, seguindo-se a opinião de que é segura, exibicionista e divertida. Os alunos que reprovaram uma vez consideram que a pessoa é segura, os que reprovaram duas vezes consideram-na dependente, divertida e normal, pois bebe porque gosta, já os que reprovaram três vezes consideram-na segura e divertida. Considerando que o  $p\text{ value} = 0,000$ , então as variáveis *Reprovação* e *Um consumidor de bebidas alcoólicas é uma pessoa* são dependentes (Tabela 173).

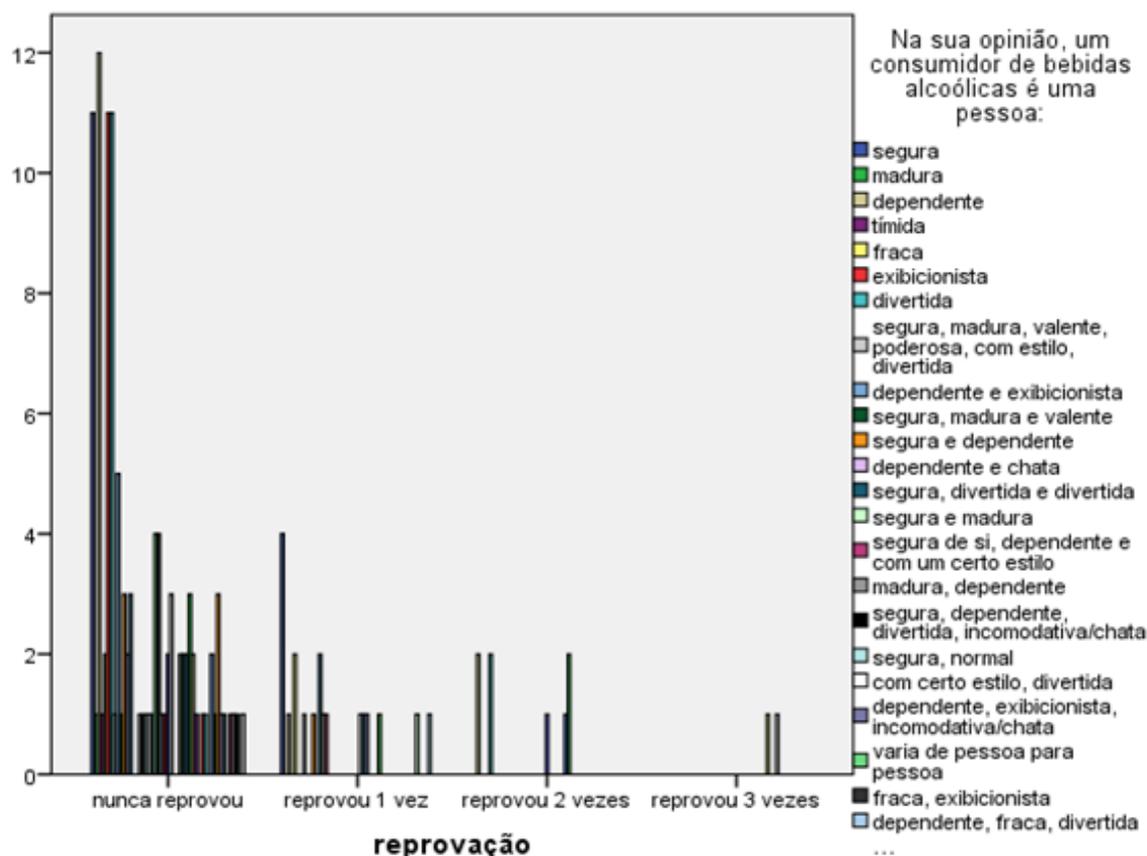


Figura 85. Gráfico de frequências das variáveis “Reprovação” e “Um consumidor de bebidas alcoólicas é uma pessoa?”.

Abreviando os resultados obtidos, apuramos que a maior parte, tanto dos alunos que nunca reprovaram, como os que já reprovaram, consumiram a primeira bebida alcoólica com os amigos, preferindo os primeiros bebidas brancas e cerveja e os segundo cerveja. Verificamos que, à medida que aumenta o número de reprovações, aumenta a frequência de embriaguez. Enquanto a maior parte dos alunos que nunca reprovaram considera que uma pessoa que bebe é dependente, os que já reprovaram pelo menos uma vez, consideram-na segura e normal, pois bebe porque gosta.

Tabela 174

Análise da associação entre variáveis “Reprovação” e as restantes, nos alunos do 10.º ano

Variáveis	N.º de casos válidos	Chisquare	Cramer's V Value	Approx. Sig.	Kendall's tau-b Value	Approx. Sig.
<i>Reprovação x Já consumiu cannabis?</i>	128	0,002	0,286	0,002		
<i>Reprovação x Já consumiu heroína?</i>	125	0,009	0,276	0,009		
<i>Reprovação x Já consumiu cocaína?</i>	123	0,000	0,494	0,000		
<i>Reprovação x Já consumiu tabaco?</i>	130	0,031	0,231	0,031		
<i>Reprovação x Idade em que consumiu a 1ª bebida alcoólica?</i>	120				0,196	0,014
<i>Reprovação x Em que parte do dia costuma consumir bebidas alcoólicas?</i>	114	0,012	0,335	0,012		
<i>Reprovação x Já alguma vez ficou embriagado?</i>	131	0,049	0,220	0,49	0,226	0,008
<i>Reprovação x Numa escala de 1 a 5 indique o grau de embriaguez que experienciou na última vez que consumiu bebidas alcoólicas em excesso?</i>	75				0,252	0,008
<i>Reprovação x Que substâncias costuma consumir?</i>	37	0,000	0,653	0,000		
<i>Reprovação x Quando consome bebidas alcoólicas costuma ter relações sexuais de risco?</i>	75	0,000	0,487	0,000	0,321	0,009
<i>Reprovação x Alguma vez andou de carro ou de moto com um condutor embriagado?</i>	130	0,001	0,304	0,001	0,291	0,004
<i>Reprovação x Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses passou por acidentes ou ferimentos?</i>	125				-0,129	0,002
<i>Reprovação x Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses passou por problemas sérios com os pais?</i>	126	0,04	0,229	0,040		
<i>Reprovação x Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses passou por problemas com as autoridades?</i>	127				-0,074	0,039

A maior parte dos alunos, quer já tenha reprovado ou não, nunca consumiu *cannabis* (Figura 86). Tendo em conta que o  $p$  value = 0,002, então as variáveis *Reprovação* e *Já consumiu cannabis* são dependentes (Tabela 174).

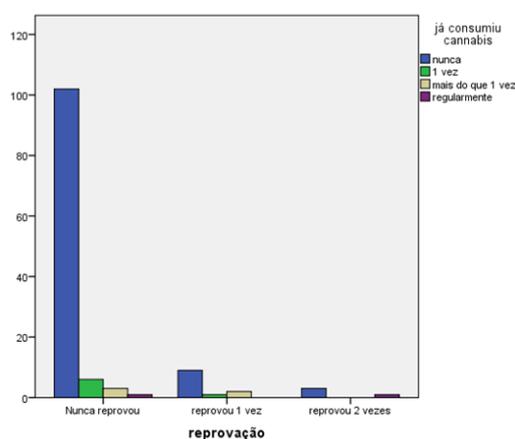


Figura 86. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Já consumiu cannabis?”.

De acordo com os dados da Figura 87, a maior parte dos alunos, quer já tenha reprovado ou não, também nunca consumiu heroína. Considerando que o  $p\text{ value} = 0,009$ , então as variáveis *Reprovação* e *Já consumiu heroína* são dependentes (Tabela 171).

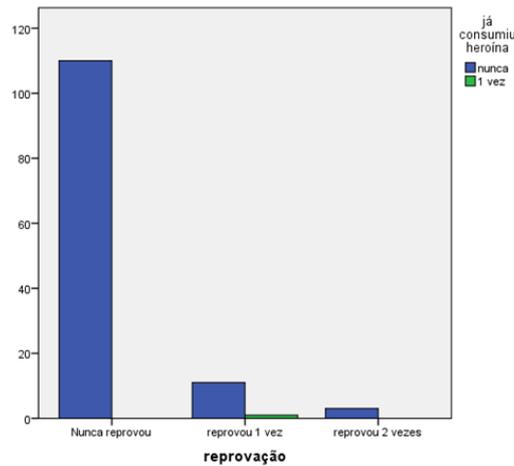


Figura 87. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Já consumiu heroína?”.

Novamente a maior parte dos alunos, quer tenha reprovado ou não, também nunca consumiu cocaína (Figura 88). Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,000$ , então as variáveis *Reprovação* e *Já consumiu cocaína* são dependentes (Tabela 174).

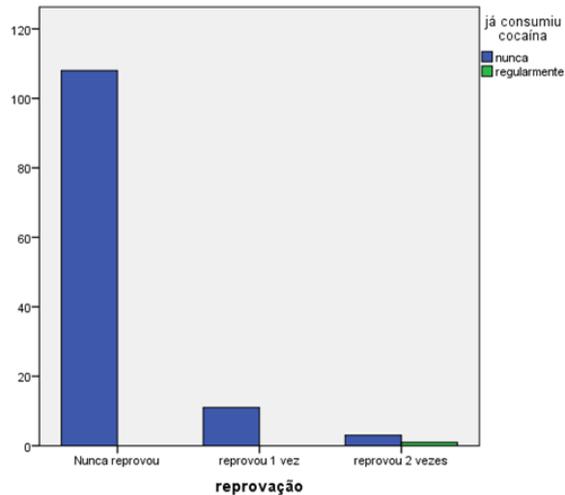


Figura 88. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Já consumiu cocaína?”.

Da análise da Figura 89, observamos que a maior parte dos alunos que nunca reprovou, nunca consumiu tabaco, mas os que reprovaram 1 ou 2 vezes já o consumiram. Visto que o  $p\text{ value} = 0,031$  e  $0,020$ , então as variáveis *Reprovação* e *Já consumiu tabaco* são dependentes (Tabela 174).

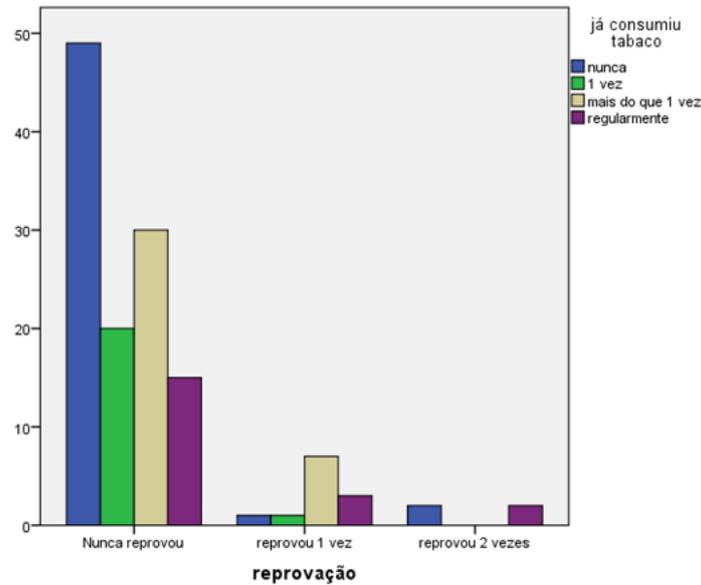


Figura 89. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Já consumiu tabaco?”.

A maior parte dos alunos que nunca reprovou ou reprovou apenas uma vez, consumiu a primeira bebida alcoólica aos 14 anos, enquanto os alunos que já reprovaram duas vezes, consumiram-na com 12 e 15 anos (Figura 90). Como o  $p$  value = 0,014, então as variáveis *Reprovação* e *Idade em que consumiu a 1ª bebida alcoólica* são dependentes (Tabela 174).

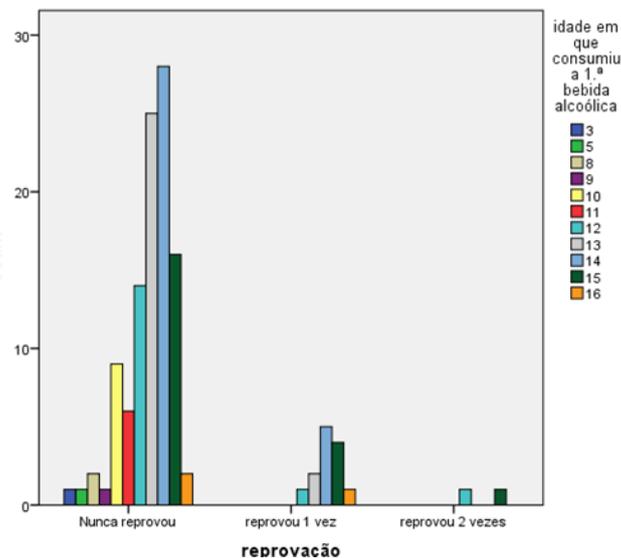


Figura 90. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Idade em que consumiu a 1ª bebida alcoólica?”.

De acordo com a Figura 91, a maior parte dos alunos que nunca reprovou ou já reprovou uma ou duas vezes costuma consumir bebidas alcoólicas principalmente à

noite. Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,012$ , então as variáveis *Reprovação* e *Em que parte do dia costuma consumir bebidas alcoólicas?* são dependentes (Tabela 174).

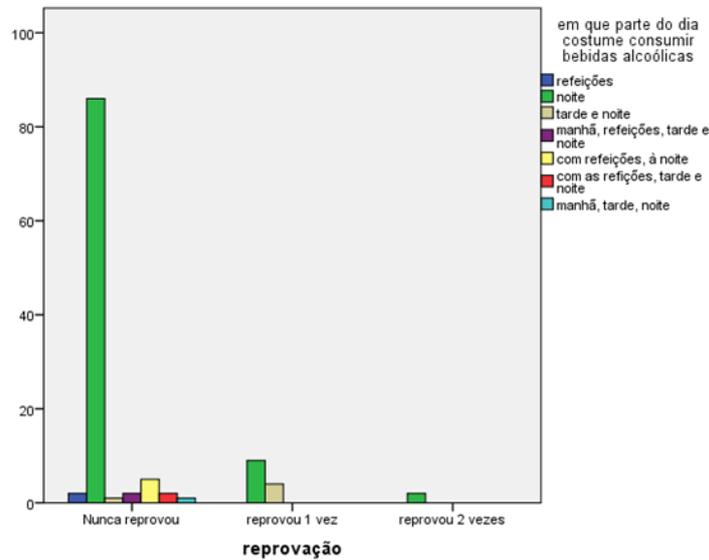


Figura 91. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Em que parte do dia costuma consumir bebidas alcoólicas?”.

Verificamos na Figura 92 que a maior parte dos alunos que nunca reprovou ou que reprovou duas vezes, nunca ficou embriagado, mas a maior parte dos alunos que reprovaram uma vez, já se embriagaram entre 4 a 10 vezes. Considerando que o  $p\text{ value} = 0,049$  e  $0,008$ , então as variáveis *Reprovação* e *Já alguma vez ficaste embriagado* são dependentes (Tabela 174).

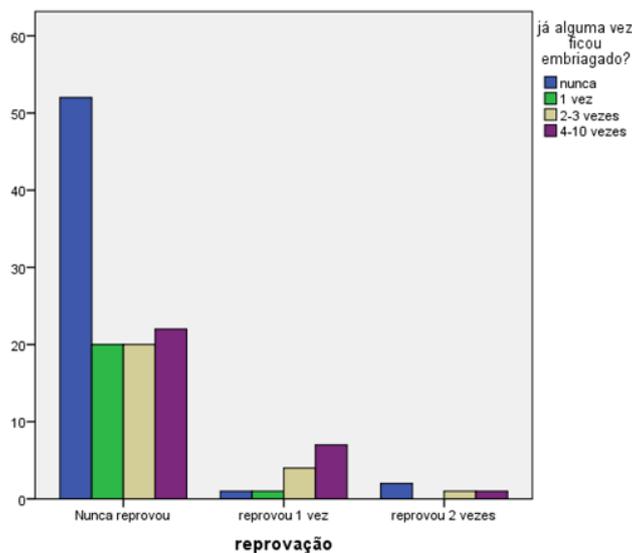


Figura 92. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Já alguma vez ficaste embriagado?”.

A maior parte dos alunos que nunca reprovou ficou um pouco embriagada, na última vez que consumiu bebidas alcoólicas e a maior parte dos alunos que reprovou uma ou duas vezes ficaram embriagados ou bastante embriagados (Figura 93). Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,008$ , então as variáveis *Reprovação* e *Numa escala de 1 a 5 indique o grau de embriaguez que experienciou na última vez que consumiu bebidas alcoólicas em excesso* são dependentes (Tabela 174).

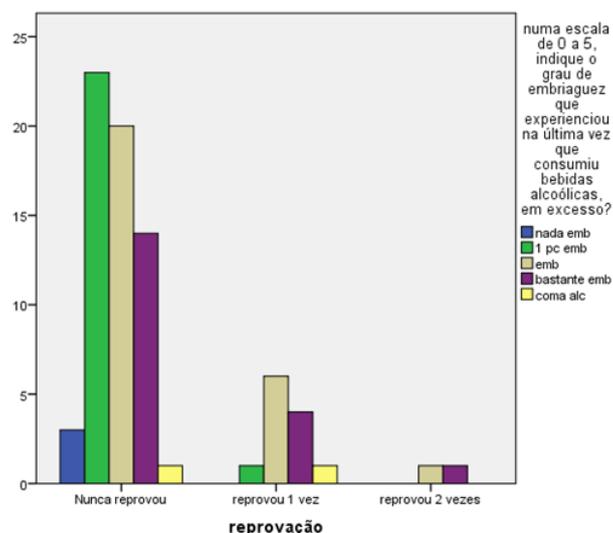


Figura 93. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Numa escala de 1 a 5 indique o grau de embriaguez que experienciou na última vez que consumiu bebidas alcoólicas em excesso?”.

Observamos na Figura 94 que a maior parte dos alunos que nunca reprovou ou reprovou uma ou duas vezes, costuma também consumir tabaco, quando consome álcool. Visto que o  $p\text{ value} = 0,000$ , então as variáveis *Reprovação* e *Que substâncias costuma consumir* são dependentes (Tabela 174).

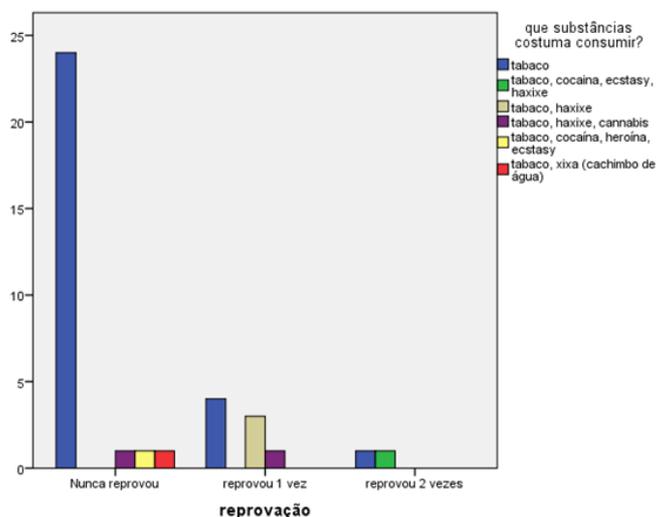


Figura 94. Gráfico de frequências das variáveis “Reprovação” e “Que substâncias costuma consumir?”.

Analisando os gráficos da Figura 95, verificamos que a maior parte dos alunos que nunca reprovou não costuma ter relações sexuais de risco, quando consome bebidas alcoólicas, mas há alunos que reprovaram duas vezes que o fazem raramente (apesar de o fazerem raramente, não deixa de ser preocupante, pelas consequências que desse comportamento podem advir). Como o  $p\text{ value} = 0,000$  e  $0,009$ , então as variáveis *Reprovação* e *Quando consome bebidas alcoólicas costuma ter relações sexuais de risco* são dependentes (Tabela 174).

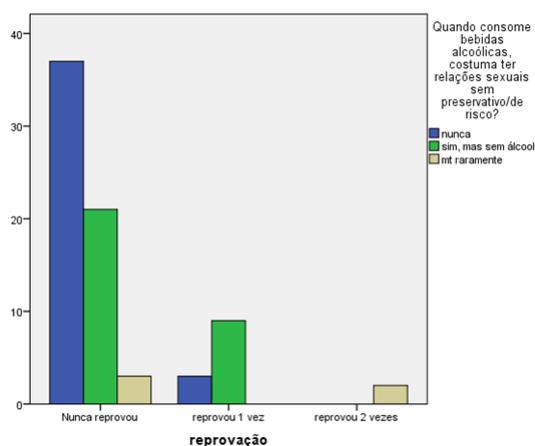


Figura 95. Gráficos de frequências das variáveis “*Reprovação*” e “*Quando consome bebidas alcoólicas costuma ter relações sexuais de risco?*”.

A maior parte dos alunos que nunca reprovou ou que reprovou duas vezes, nunca andou de carro com um condutor embriagado, mas a maior parte dos alunos que reprovou uma vez já o fez pelo menos uma vez (Figura 96). Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,001$  e  $0,004$ , então as variáveis *Reprovação* e *Alguma vez andou de carro ou de moto com um condutor embriagado (alterado pelo efeito do álcool)?* são dependentes (Tabela 174).

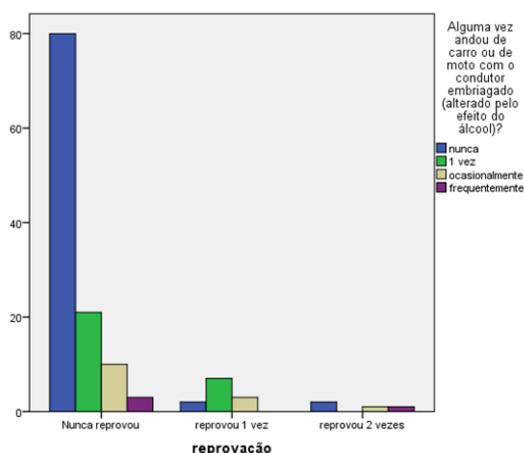


Figura 96. Gráficos de frequências das variáveis “*Reprovação*” e “*Alguma vez andou de carro ou de moto com um condutor embriagado?*”.

A maior parte dos alunos que nunca reprovou ou que reprovou uma ou duas vezes, nunca passou por acidentes ou ferimentos, nos últimos 12 meses, conforma Figura 97. Considerando que o  $p\text{ value} = 0,002$ , então as variáveis *Reprovação* e *Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses passou por acidentes ou ferimentos* são dependentes (Tabela 174).

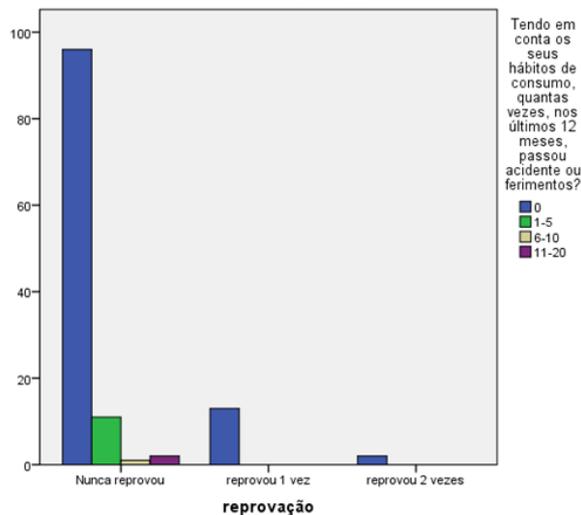


Figura 97. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses passou por acidentes ou ferimentos?”.

A maior parte dos alunos que nunca reprovou ou que reprovou uma ou duas vezes, nunca passou por problemas sérios com os pais, nos últimos 12 meses (Figura 98). Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,040$ , então as variáveis *Reprovação* e *Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses passou por problemas sérios com os pais* são dependentes (Tabela 174).

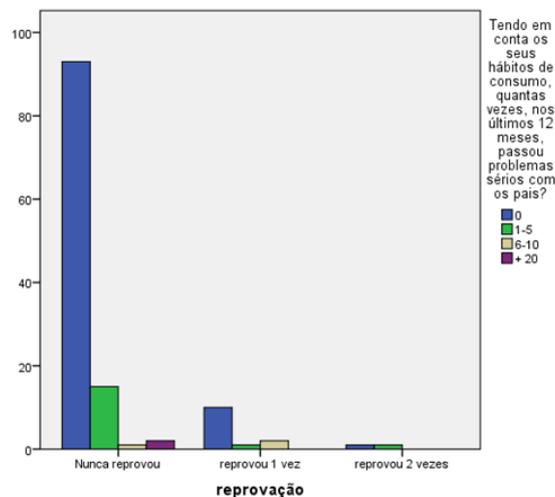


Figura 98. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses passou por problemas sérios com os pais?”.

Mais uma vez, a maior parte dos alunos que nunca reprovou ou que reprovou uma ou duas vezes, nunca passou por problemas com as autoridades, nos últimos 12 meses (Figura 99). Visto que o  $p\text{ value} = 0,039$ , então as variáveis *Reprovação* e *Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses passou por problemas com as autoridades* são dependentes (Tabela 174).

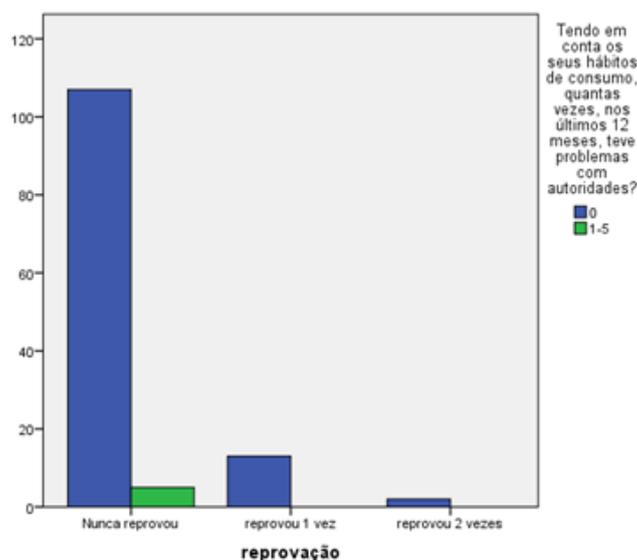


Figura 99. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses passou por problemas com as autoridades?”.

A maioria dos alunos, quer tenham reprovado ou não, nunca consumiu cannabis, heroína ou cocaína. Contudo, a frequência do consumo de tabaco aumento com o aumento da reprovação. A maior parte dos alunos que nunca reprovou, ou reprovou apenas uma vez, consumiu a primeira bebida aos 14 anos, estando os que reprovaram duas vezes divididos entre os 12 e os 15 anos. A maior parte dos alunos, quer tenham reprovado ou não, costumam consumir bebidas alcoólicas, preferencialmente à noite, diminuindo a frequência dos alunos que nunca se embriagaram, à medida que aumenta a reprovação. Quando se embriagam, a maior parte dos alunos que nunca reprovou, costuma ficar apenas um pouco embriagado, ficando os alunos que já reprovaram, embriagados ou bastante embriagados. Quando se embriagam, a maior parte dos alunos consome tabaco, aumentando o consumo de cannabis, com o aumento da reprovação. Com o aumento da reprovação, diminui a frequência dos alunos que referem que nunca tiveram relações sexuais de risco, sob o efeito do álcool. A maioria dos alunos, quer tenham reprovado ou não, nunca passou por acidentes ou ferimentos, por problemas sérios com os pais ou com as autoridades.

Tabela 175

Análise da associação entre variáveis “Reprovação” e as restantes, nos alunos do 11.º ano

Variáveis	N.º de casos válidos	Chisquare	Cramer's V Value	Approx. Sig.	Kendall's tau-b Value	Approx. Sig.
Reprovação X Já tomou calmantes?	116	0,051	0,259	0,051		
Reprovação x O que procura no consumo de bebidas alcoólicas?	106	0,006	0,665	0,006		
Reprovação x Quando tomou o último copo?	110	0,008	0,466	0,008		
Reprovação x Em 100 jovens da sua idade e da sua região, quantos acham que consomem regularmente (pelo menos uma vez por semana) bebidas alcoólicas?	116	0,031	0,270	0,031		
Reprovação x Com que frequência costuma ficar embriagado?	74	0,045	0,278	0,045		
Reprovação x Quais os principais efeitos que o álcool exerce sobre si?	73	0,001	0,745	0,001		
Reprovação x Alguma vez conduziu embriagado?	73				-0,120	0,025
Reprovação x Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou por luta física?	117				-0,088	0,025
Reprovação x Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou por acidentes ou ferimentos?	117				-0,126	0,003
Reprovação x Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou por problemas sérios com os amigos?	117				-0,149	0,001
Reprovação x Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, teve problemas com as autoridades?	117				-0,087	0,025
Reprovação x Considera que é autónomo nas suas decisões?	117	0,012	0,246	0,012		
Reprovação x Alguma vez fez coisas que os seus amigos lhe pedem só para não os desiludir?	117				-0,173	0,034

De acordo com a Figura 100, a maioria dos alunos nunca tomou calmantes, à exceção dos que já reprovaram uma vez. Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,051$ , então as variáveis *Reprovação* e *Já tomou calmantes* são dependentes (Tabela 175).

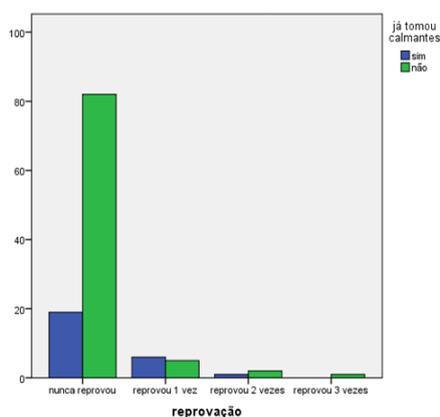


Figura 100. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Já tomou calmantes?”.

Enquanto que a maioria dos alunos que nunca reprovou procura diversão no consumo de bebidas alcoólicas, a maioria dos alunos que reprovou uma vez procura desinibição e alegria e os que reprovaram duas vezes procuram alegria, aumento da auto-estima e diversão (Figura 101). Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,006$ , então as variáveis *Reprovação* e *O que procura no consumo de bebidas alcoólicas* são dependentes (Tabela 175).

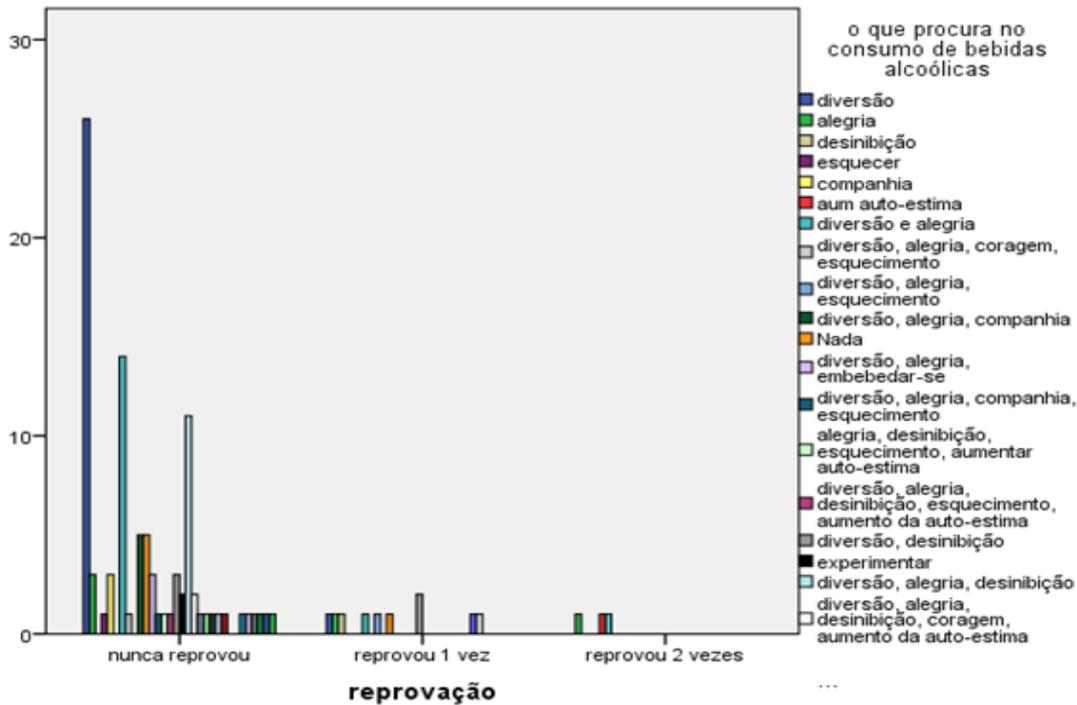


Figura 101. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “O que procura no consumo de bebidas alcoólicas?”.

Independentemente de já terem reprovado ou não, a maioria dos alunos tomou o último copo na última semana (Figura 102), tendo os alunos que reprovaram duas vezes consumido a última bebida há mais de três meses. Considerando que o  $p\text{ value} = 0,008$ , então as variáveis *Reprovação* e *Quando tomou o último copo* são dependentes (Tabela 175).

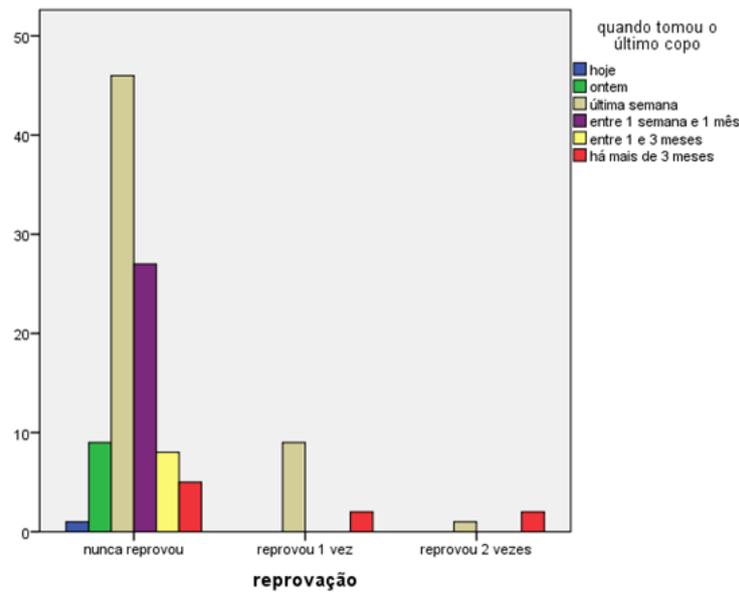


Figura 102. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Quando tomou o último copo?”.

Observamos na Figura 103 que, mesmo tendo reprovado ou não, a maioria dos alunos considera que mais de metade dos jovens da sua idade e da sua região, consomem regularmente bebidas alcoólicas, afirmando a maior parte dos alunos que nunca reprovaram ou reprovaram uma vez que cerca de  $\frac{3}{4}$  dos alunos consomem bebidas alcoólicas pelo menos um vez por semana. Visto que o  $p\text{ value} = 0,031$ , então as variáveis *Reprovação* e *Em 100 jovens da sua idade e da sua região, quantos acham que consomem regularmente (pelo menos uma vez por semana) bebidas alcoólicas* são dependentes (Tabela 175).

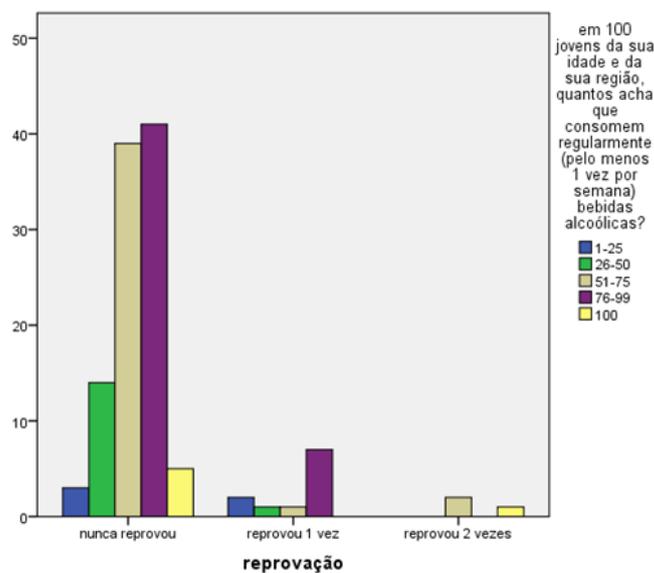


Figura 103. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Em 100 jovens da sua idade e da sua região, quantos acham que consomem regularmente (pelo menos uma vez por semana) bebidas alcoólicas?”.

Apenas a maior parte dos alunos que nunca reprovou se embriaga menos do que 12 vezes por ano, pois verificamos que com o aumento do número de reprovações há uma aumento da frequência de embriaguez (Figura 104). Como o  $p\text{ value} = 0,045$ , então as variáveis *Reprovação* e *Com que frequência costuma ficar embriagado* são dependentes (Tabela 175).

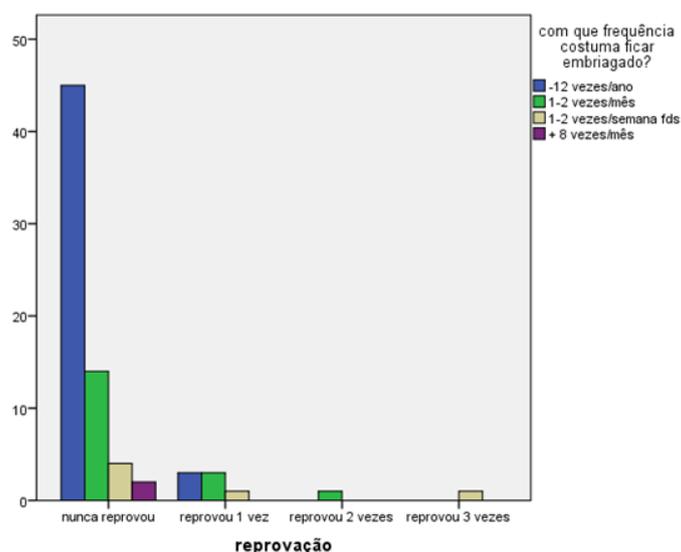


Figura 104. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Com que frequência costuma ficar embriagado?”.

Na Figura 105, verificamos que a maioria dos alunos que nunca reprovaram, quando consomem álcool obtêm euforia, desinibição, alegria e excitação. Os alunos que reprovaram uma vez obtêm euforia, tonturas, desinibição, alegria, enjoos e excitação. Os alunos que reprovaram duas vezes obtêm tonturas, alegria, enjoos e os que reprovaram três vezes obtêm alegria. Verificamos que a alegria acaba por ser um efeito associado à maior parte das opções dos alunos em geral. Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,001$ , então as variáveis *Reprovação* e *Quais os principais efeitos que o álcool exerce sobre si* são dependentes (Tabela 175).

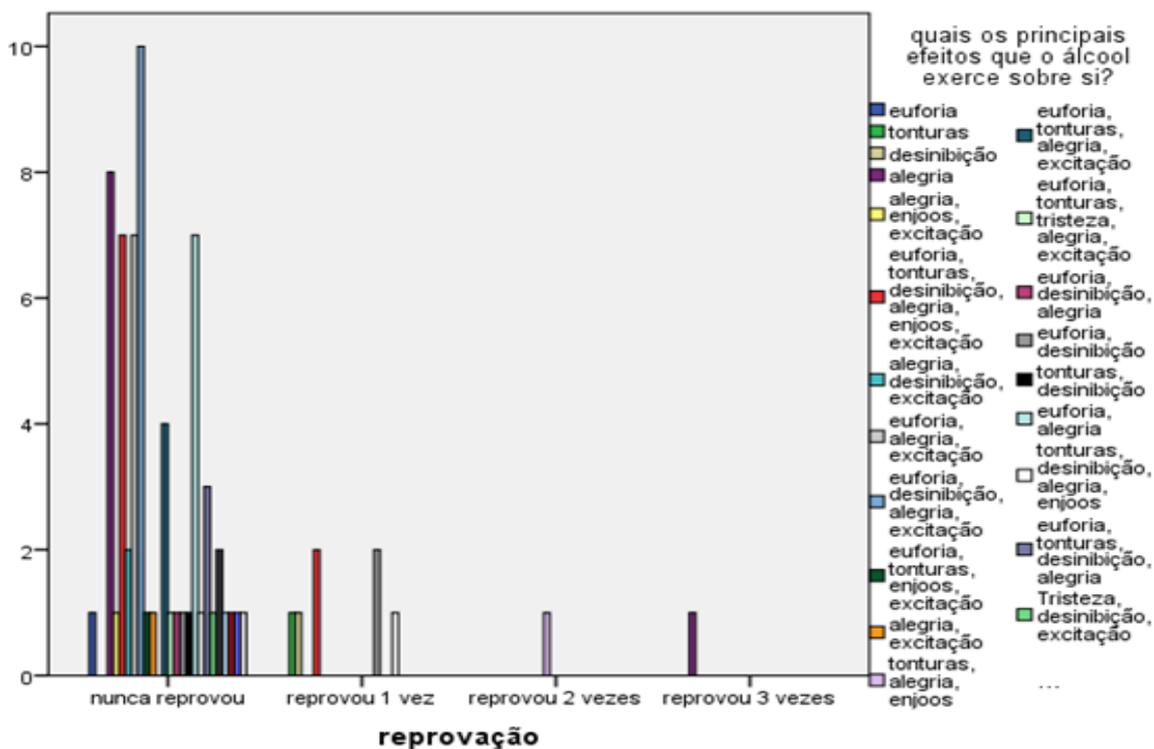


Figura 105. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Quais os principais efeitos que o álcool exerce sobre si?”.

A maior parte dos alunos, independentemente de ter reprovado ou não, nunca conduziu alterado pelo efeito do álcool (Figura 106). Considerando que o  $p$  value = 0,025, então as variáveis *Reprovação* e *Alguma vez conduziu embriagado* são dependentes (Tabela 175).

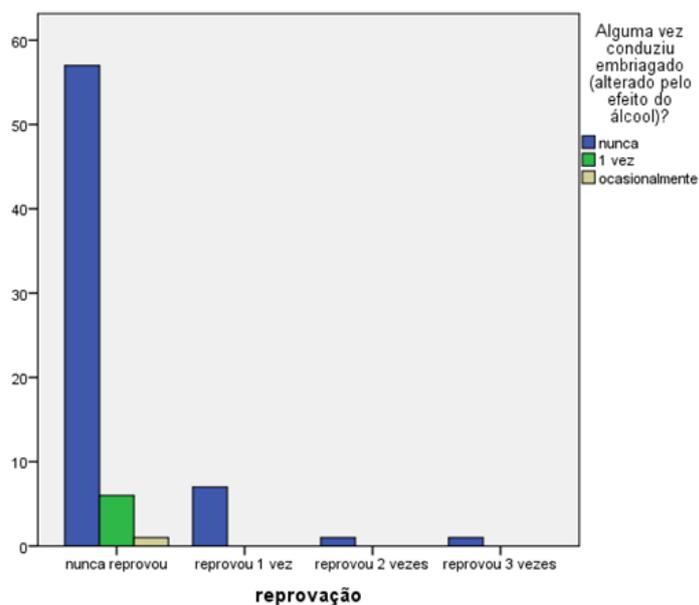


Figura 106. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Alguma vez conduziu embriagado?”.

De acordo com a Figura 107, a maioria dos alunos, independentemente de ter reprovado ou não, nunca passou por luta física, nos últimos 12 meses. Sendo o  $p\text{ value} = 0,025$ , então as variáveis *Reprovação* e *Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou por luta física?* são dependentes (Tabela 175).

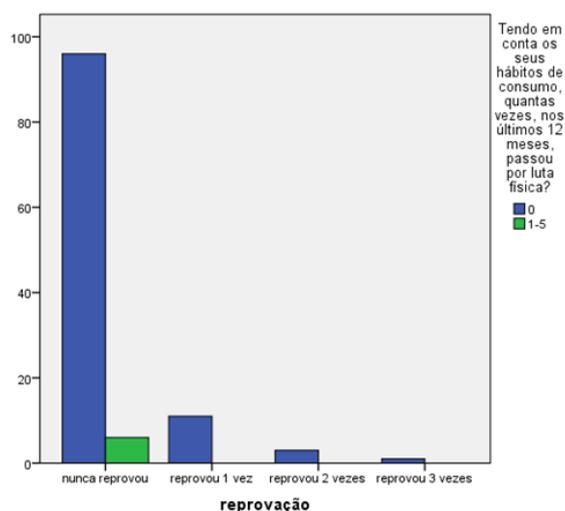


Figura 107. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou por luta física?”.

A maioria dos alunos, independentemente de ter reprovado ou não, nunca passou por acidente ou ferimentos, nos últimos 12 meses (Figura 108). Considerando que o  $p\text{ value} = 0,003$ , então as variáveis *Reprovação* e *Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou por acidentes ou ferimentos* são dependentes (Tabela 175).

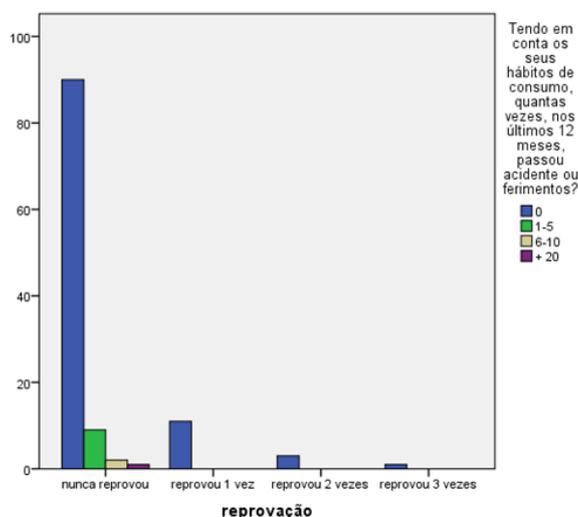


Figura 108. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou por acidentes ou ferimentos?”.

Predominam os alunos, independentemente de ter reprovado ou não, nunca passaram por problemas sérios com os amigos, nos últimos 12 meses, conforme se observa na Figura 109. Visto que o  $p\text{ value} = 0,001$ , então as variáveis *Reprovação* e *Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou por problemas sérios com os amigos?* são dependentes (Tabela 175).

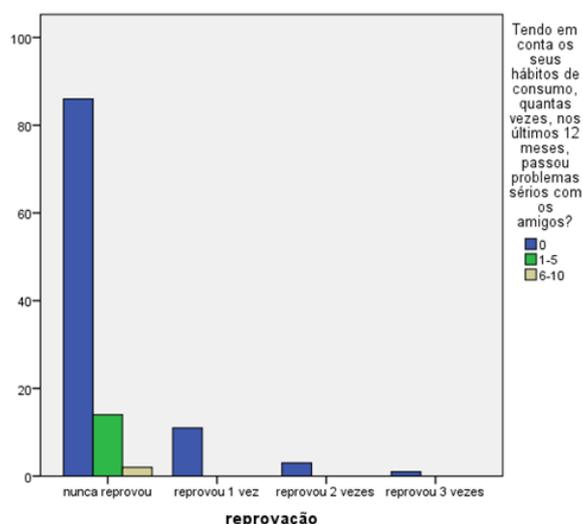


Figura 109. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou por problemas sérios com os amigos?”.

Mais uma vez a maioria dos alunos, independentemente de ter reprovado ou não, nunca passou por problemas sérios com as autoridades, nos últimos 12 meses (Figura 110). Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,025$ , então as variáveis *Reprovação* e *Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, teve problemas com as autoridades?* são dependentes (Tabela 175).

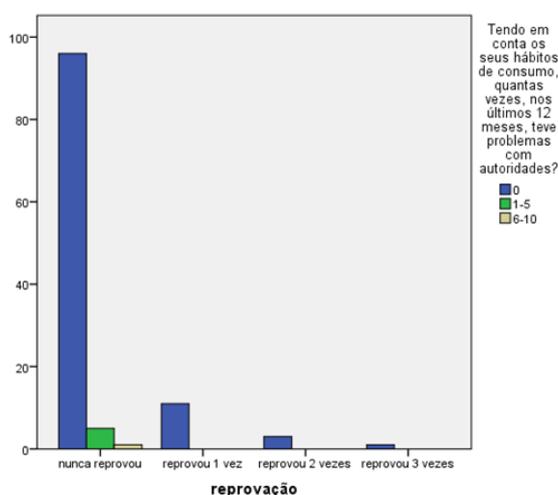


Figura 110. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, teve problemas com as autoridades?”.

Verificamos na Figura 111 que predominam os alunos, que já reprovaram ou não, que consideram que são muitas vezes ou sempre autônomos nas suas decisões. Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,012$ , então as variáveis *Reprovação* e *Considera que é autônomo nas suas decisões?* são dependentes (Tabela 175).

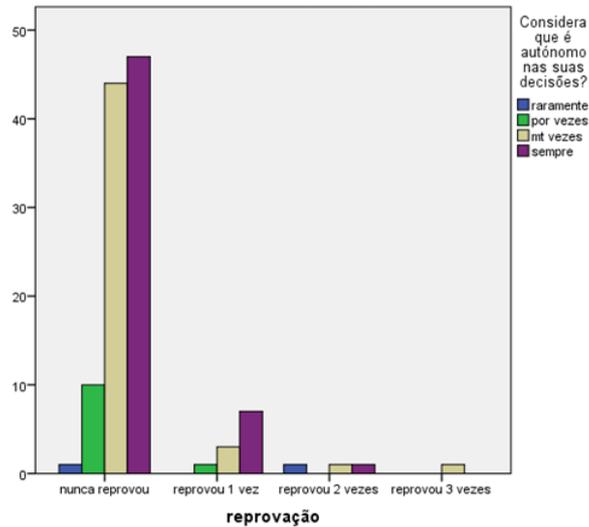


Figura 111. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Considera que é autônomo nas suas decisões?”.

A maioria dos alunos, independentemente de ter reprovado ou não, considera que raramente ou nunca faz coisas que os seus amigos lhe pedem, só para não os desiludir (Figura 112). Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,034$ , então as variáveis *Reprovação* e *Alguma vez fez coisas que os seus amigos lhe pedem só para não os desiludir?* são dependentes (Tabela 175).

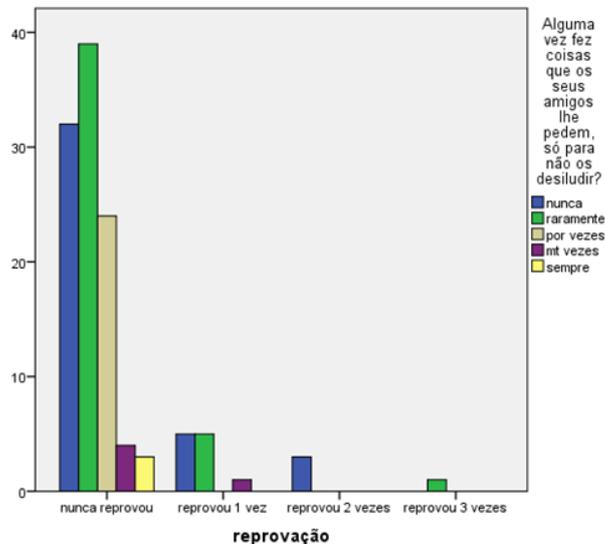


Figura 112. Gráfico de frequências das variáveis “Reprovação” e “Alguma vez fez coisas que os seus amigos lhe pedem só para não os desiludir?”.

Resumindo brevemente os resultados, verificamos que, à exceção da maior parte dos alunos que reprovou um a vez, a maior parte dos restantes alunos não costuma tomar calmantes. A maior parte dos alunos que nunca reprovou procura alegria no consumo de bebidas alcoólicas, procurando os que reprovaram uma vez desinibição e alegria e os que reprovaram duas vezes procuram alegria, diversão e aumento da autoestima e na generalidade, referem que obtêm alegria. A maior parte dos alunos tomou o último copo na última semana, com a exceção dos alunos que reprovaram duas vezes, que referem tê-lo tomado há mais de três meses. Considerando 100 jovens, das mesmas idades, a maior parte dos alunos que nunca reprovou bem como dos que reprovaram uma vez, considera que, entre 76 a 99 consome bebidas alcoólicas, considerando os que já reprovaram duas vezes, que são apenas entre 51 e 75 jovens que o fazem. Com o aumento da reprovação, obtemos uma aumento da frequência de embriaguez. Na generalidades, todos os alunos, quer tenham reprovado ou não, nunca conduziram sob o efeito do álcool, não passaram por luta física, acidentes ou ferimentos, problemas com os amigos ou com as autoridades, nos últimos 12 meses. A maior parte também considera que raramente ou nunca fazem coisas que os amigos pedem, só para não os desiludir, considerando que são muitas vezes autónomos nas suas decisões.

Tabela 176

*Análise da associação entre variáveis "Reprovação" e as restantes, nos alunos do 12.º ano*

Variáveis	N.º de casos válidos	Chisquare	Cramer's V Value	Approx. Sig.	Kendall's tau-b Value	Approx. Sig.
<i>Reprovação x Já consumiu cannabis?</i>	103	0,016	0,317	0,016		
<i>Reprovação x Com quem consumiu a primeira bebida alcoólica?</i>	105	0,050	0,324	0,050		
<i>Reprovação x Já alguma vez ficou embriagado?</i>	110	0,045	0,298	0,045		
<i>Reprovação x Quando embriagado costuma consumir outras substâncias?</i>	77				0,226	0,034
<i>Reprovação x Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou por problemas sérios com os amigos?</i>	108	0,001	0,396	0,001		
<i>Reprovação x Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, teve relações sexuais sem proteção?</i>	108	0,033	0,285	0,033		
<i>Reprovação x Considera que é autónomo nas suas decisões?</i>	109	0,004	0,320	0,004	-0,226	0,036
<i>Reprovação x Os outros conseguem convencê-lo a fazer coisas de que se arrepende?</i>	109	0,004	0,347	0,004		

A maioria dos alunos, independentemente de ter reprovado ou não, nunca consumiu *cannabis* (Figura 113). Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,016$ , então as variáveis *Reprovação* e *Já consumiu cannabis* são dependentes (Tabela 176).

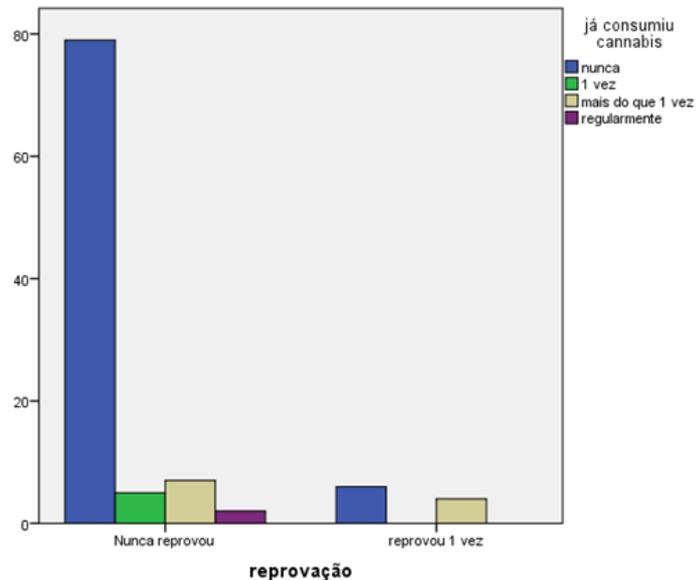


Figura 113. Gráfico de frequências das variáveis “Reprovação” e “Já consumiu cannabis?”.

Verificamos na Figura 114 que a maioria dos alunos, independentemente de ter reprovado ou não, consumiu a primeira bebida alcoólica com os amigos. Considerando que o  $p\text{ value} = 0,050$ , então as variáveis *Reprovação* e *Com quem consumiu a primeira bebida alcoólica?* são dependentes (Tabela 176).

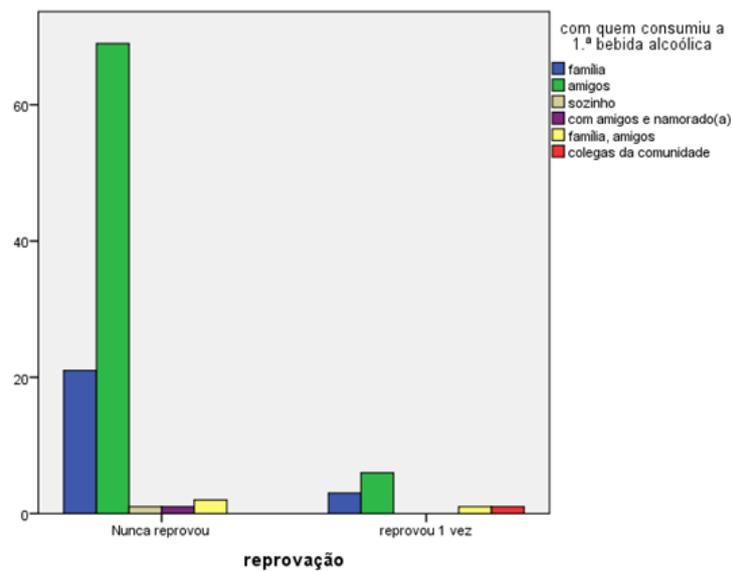


Figura 114. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Com quem consumiu a primeira bebida alcoólica?”.

Observamos na Figura 115 que enquanto a maior parte dos alunos que nunca reprovou nunca se embriagou, a maior parte dos que reprovaram uma vez já se embriagaram mais de dez vezes. Como o  $p\text{ value} = 0,045$ , então as variáveis *Reprovação* e *Já alguma vez ficou embriagado?* são dependentes (Tabela 176).

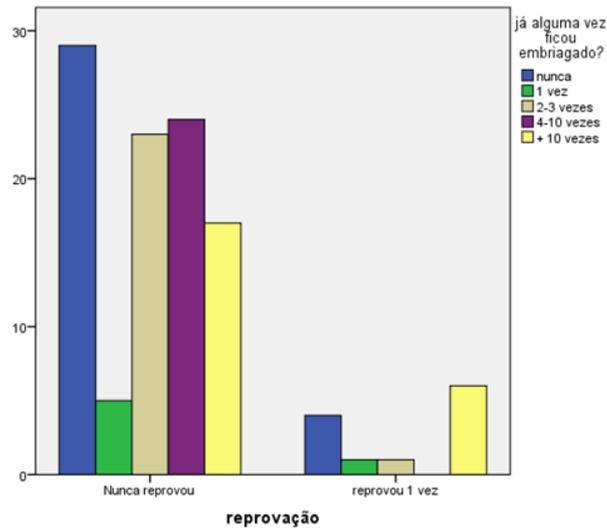


Figura 115. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Já alguma vez ficou embriagado?”.

Enquanto a maior parte dos alunos que nunca reprovou, quando está embriagado nunca costuma consumir outras substâncias, já a maior parte dos que reprovaram uma vez fazem-no ocasionalmente (Figura 116). Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,034$ , então as variáveis *Reprovação* e *Quando embriagado costuma consumir outras substâncias* são dependentes (Tabela 176).

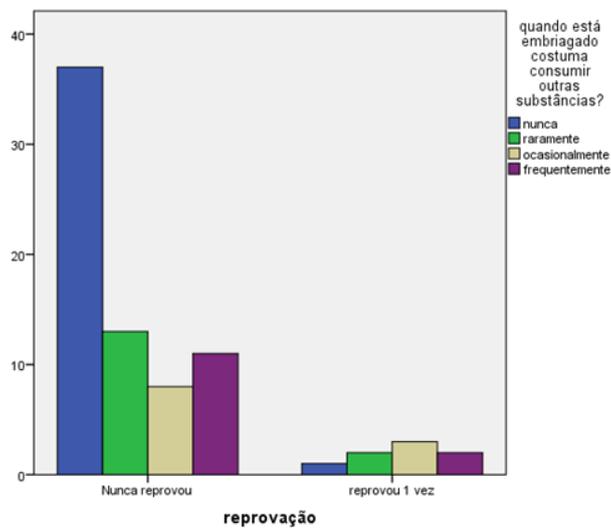


Figura 116. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Quando embriagado costuma consumir outras substâncias?”.

Observamos na Figura 117 que a maior parte dos alunos, quer tenha reprovado ou não, nunca passou por problemas sérios com os amigos, nos últimos doze meses. Visto que o  $p\text{ value} = 0,001$ , então as variáveis *Reprovação* e *Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou por problemas sérios com os amigos* são dependentes (Tabela 176).

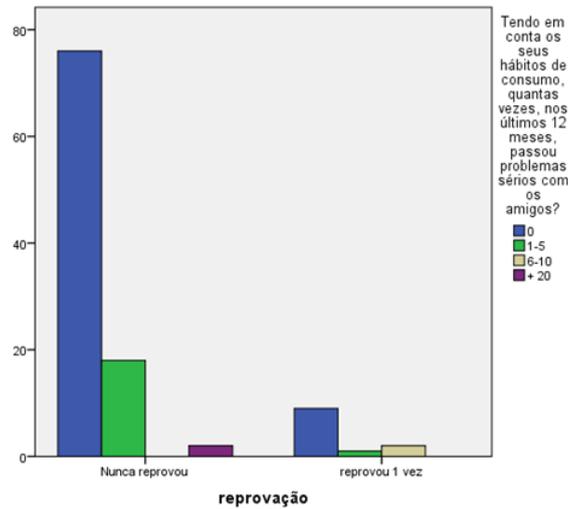


Figura 117. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou por problemas sérios com os amigos?”.

Observando os gráficos da Figura 118, consideramos que a maior parte dos alunos, quer tenha reprovado ou não, nunca teve relações sexuais sem proteção, nos últimos doze meses. Sendo o  $p\text{ value} = 0,033$ , então as variáveis *Reprovação* e *Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, teve relações sexuais sem proteção?* são dependentes (Tabela 176).

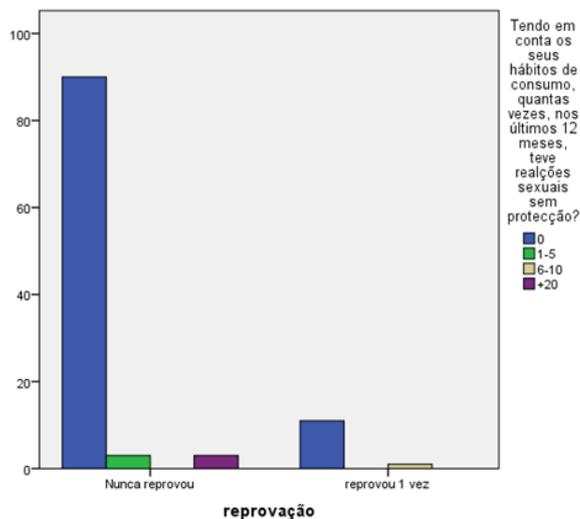


Figura 118. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, teve relações sexuais sem proteção?”.

Verificamos na Figura 119 que a maior parte dos alunos, quer tenha reprovado ou não, considera que é sempre ou muitas vezes autónomo nas suas decisões. Como o  $p$  value = 0,004 e 0,036, então as variáveis *Reprovação* e *Considera que é autónomo nas suas decisões?* são dependentes (Tabela 176).

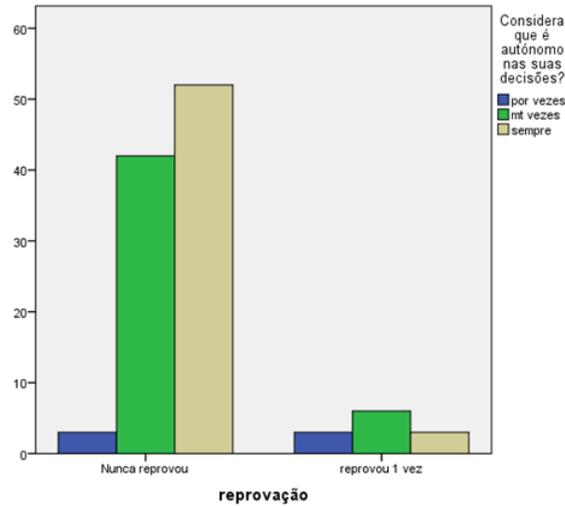


Figura 119. Gráfico de frequências das variáveis “Reprovação” e “Considera que é autónomo nas suas decisões?”

Enquanto a maior parte dos alunos que nunca reprovou considera os outros nunca o conseguem convencer a fazer coisas de que depois se arrepende, a maior parte dos alunos que reprovaram uma vez, diz que o faz raramente (Figura 120). Tendo em conta que o  $p$  value = 0.004, então as variáveis *Reprovação* e *Os outros conseguem convencê-lo a fazer coisas de que se arrepende* são dependentes (Tabela 176).

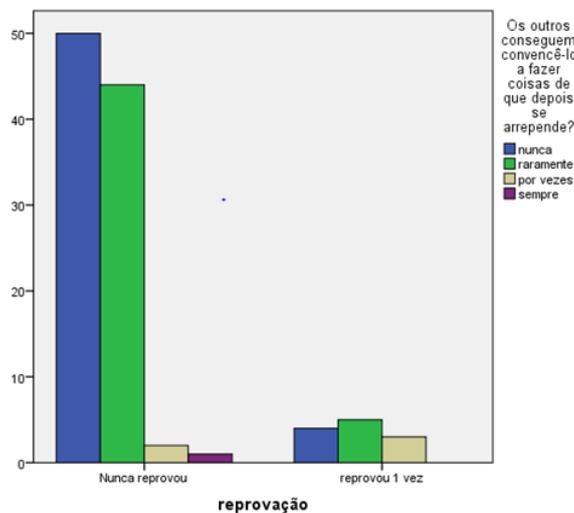


Figura 120. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Os outros conseguem convencê-lo a fazer coisas de que se arrepende?”

Fazendo um sumário dos resultados, apuramos que, a generalidade dos alunos, quer tenha reprovado ou não, nunca consumiu *cannabis* e consumiu a primeira bebida alcoólica com os amigos. Verificamos que a frequência de embriaguez aumenta dos alunos não repetentes, para os repetentes. A maior parte dos alunos que nunca reprovou nunca costuma consumir outras substâncias, quando consome álcool, já os alunos que reprovaram uma vez o fazem ocasionalmente. A maioria, tanto dos alunos que nunca reprovou como dos que reprovaram uma vez, nunca passou por problemas sérios com os amigos, nem teve relações sexuais de risco (sem preservativo), nos últimos 12 meses. A grande maioria também refere que os outros nunca ou raramente o conseguem convencer a fazer coisas de que depois se arrependem, sendo sempre ou muitas vezes autónomos nas suas decisões.

➤ **Idade x Variáveis da Dimensão III – Representações sociais dos alunos acerca dos consumos de álcool**

Considerando que o *p value* = 0,009, então as variáveis *Idade* e *O consumo de álcool facilita a integração no grupo de amigos* são dependentes (Tabela 177).

Tabela 177  
Análise da associação entre variáveis “Idade” e “O consumo de álcool facilita a integração no grupo de amigos”

			<i>Idade</i>	<i>O consumo de álcool facilita a integração no grupo de amigos.</i>
<i>Coefficiente de correlação de Spearman</i>	<i>Idade</i>	<b>Coefficientes de correlação</b> <i>Sig. (2-tailed)</i>	1,000	0,117**
		N	501	499
	<i>O consumo de álcool facilita a integração no grupo de amigos.</i>	<b>Coefficiente de correlação</b> <i>Sig. (2-tailed)</i>	0,117**	1,000
		N	499	499

\*\* Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Observamos na Figura 121 que, enquanto nos alunos mais novos, com idades entre os 12 e os 16 anos predomina a concordância de que o consumo de álcool facilita a integração no grupo de amigos, nos alunos com idades entre os 17 e os 21 anos predomina a discordância desse efeito integrador do álcool.

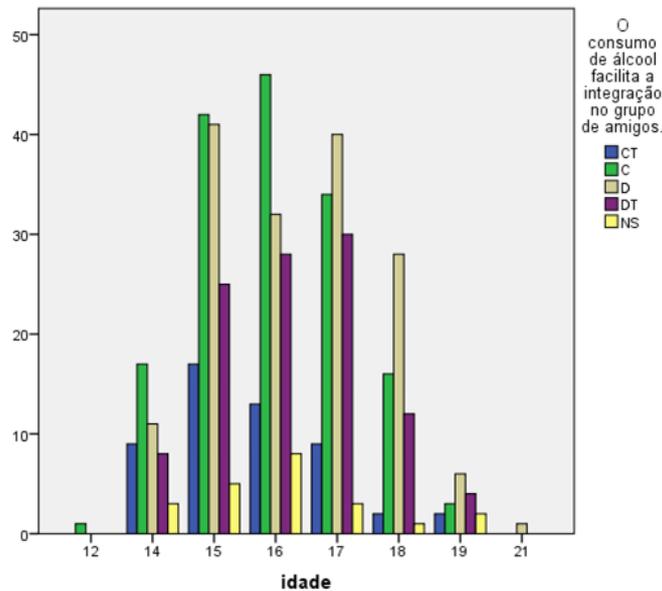


Figura 121. Gráficos de frequências das variáveis “Idade” e “O consumo de álcool facilita a integração no grupo de amigos”.

Analisando o  $p$  value = 0,028, então as variáveis *Idade* e *Se a maioria dos meus amigos consumirem bebidas alcoólicas, sinto-me tentado a beber* são dependentes, conforme Tabela 178.

Tabela 178

Análise da associação entre variáveis “Idade” e “Se a maioria dos meus amigos consumirem bebidas alcoólicas, sinto-me tentado a beber”

			<i>Idade</i>	<i>Se a maioria dos meus amigos consumirem bebidas alcoólicas, sinto-me tentado a beber.</i>
<i>Coefficiente de correlação de Spearman</i>	<i>Idade</i>	<i>Coefficientes de correlação</i>	1,000	0,098*
		<i>Sig. (2-tailed)</i>	.	0,028
	<i>Se a maioria dos meus amigos consumirem bebidas alcoólicas, sinto-me tentado a beber.</i>	<i>N</i>	501	500
		<i>Coefficiente de correlação</i>	0,098*	1,000
		<i>Sig. (2-tailed)</i>	0,028	.
		<i>N</i>	500	500

\*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Apesar da maior parte dos alunos entre os 15 e os 21 anos discordar de que se a maioria dos seus amigos consumir bebidas alcoólicas, se sentem tentados a beber, a maior parte dos alunos mais novos, com 12 e 14 anos, concorda com a afirmação (Figura 122).

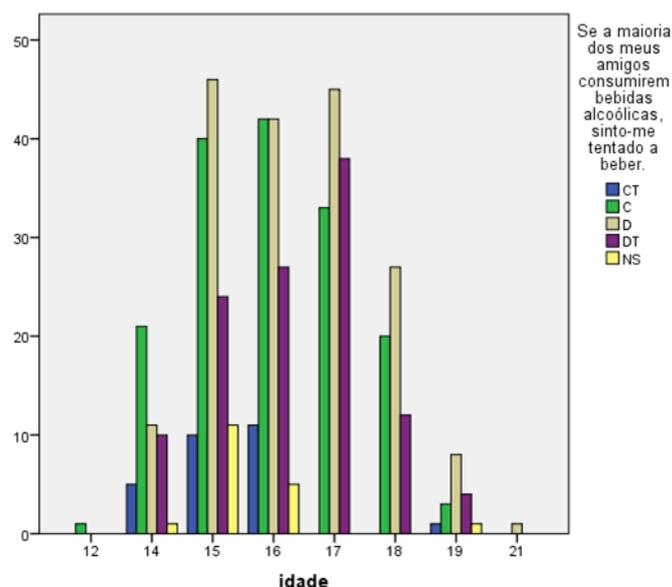


Figura 122. Gráficos de frequências das variáveis “Idade” e “Se a maioria dos meus amigos consumirem bebidas alcoólicas, sinto-me tentado a beber”.

Tendo em conta o  $p$  value = 0,016, então as variáveis *Idade* e *Um alcoólico é uma pessoa que se embেbede com muita frequência* são dependentes (Tabela 179).

Tabela 179

Análise da associação entre variáveis “Idade” e “Um alcoólico é uma pessoa que se embেbede com muita frequência”

			<i>Idade</i>	<i>Um alcoólico é uma pessoa que se embেbede com muita frequência.</i>
<i>Coefficiente de correlação de Spearman</i>	<i>Idade</i>	<b>Coefficientes de correlação</b>	1,000	0,108*
		<b>Sig. (2-tailed)</b>	.	0,016
	<i>Um alcoólico é uma pessoa que se embেbede com muita frequência.</i>	<b>N</b>	501	500
		<b>Coefficiente de correlação</b>	0,108*	1,000
		<b>Sig. (2-tailed)</b>	0,016	.
		<b>N</b>	500	500

\*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Verificamos na Figura 123 que, qualquer que seja a faixa etária, a maioria dos alunos considera que um alcoólico é uma pessoa que se embেbede com muita frequência.

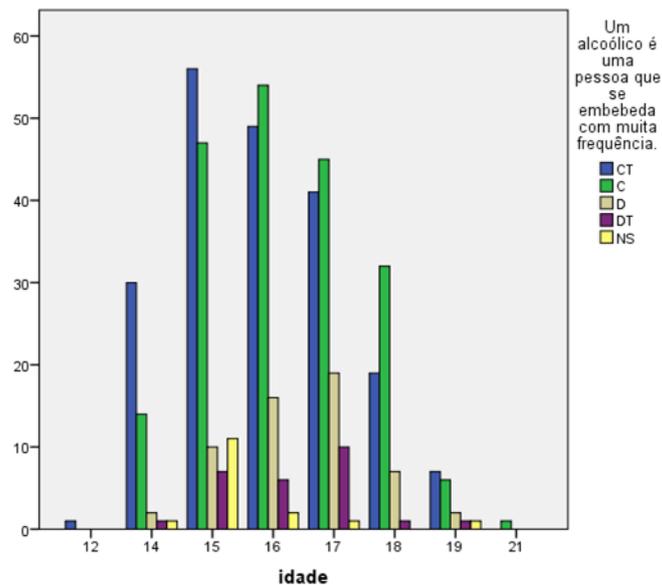


Figura 123. Gráfico de frequências das variáveis “Idade” e “Um alcoólico é uma pessoa que se embriega com muita frequência”.

Da análise da Tabela 180, visto que o  $p$  value = 0,011, então as variáveis *Idade* e *O álcool facilita as relações sociais* são dependentes.

Tabela 180

Análise da intensidade e sentido da associação entre variáveis “Idade” e “O álcool facilita as relações sociais”

			<i>Idade</i>	<i>O álcool facilita as relações sociais.</i>
<i>Coefficiente de correlação de Spearman</i>	<i>Idade</i>	<b>Coefficientes de correlação</b>	1,000	-0,113*
		<i>Sig. (2-tailed)</i>	.	0,011
	<i>O álcool facilita as relações sociais.</i>	<b>N</b>	501	499
		<b>Coefficiente de correlação</b>	-0,113*	1,000
		<i>Sig. (2-tailed)</i>	0,011	.
		<b>N</b>	499	499

\*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

De acordo com a Figura 124, a maior parte dos alunos dos 15 aos 18 anos e com 21 anos concordam que o álcool facilita as relações sociais, o aluno de 12 anos desconhece esse efeito do álcool, a maior parte dos alunos com 14 anos discorda e os alunos de 19 anos estão divididos entre a concordância e a discordância, havendo uma ligeira inclinação para a discordância de que o álcool facilita as relações sociais.

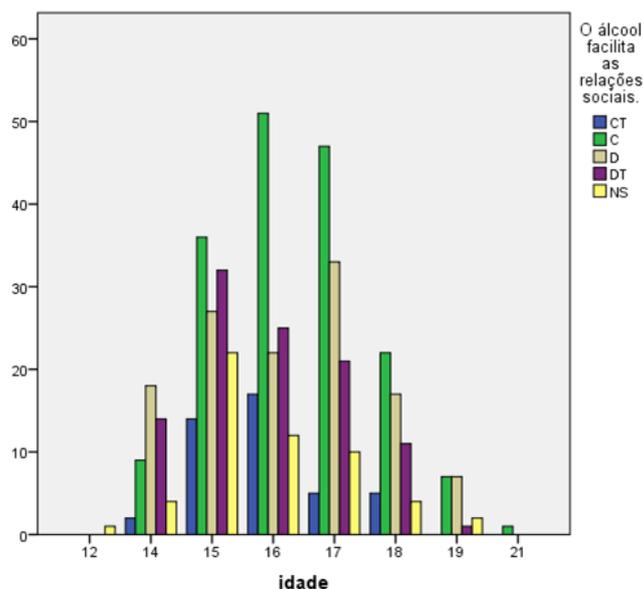


Figura 124. Gráficos de frequências das variáveis “Idade” e “O álcool facilita as relações sociais”.

Tendo em conta o  $p$  value = 0,003, então as variáveis *Idade* e *O álcool faz bem ao coração* são dependentes (Tabela 181).

Tabela 181

Análise da intensidade e sentido da associação entre variáveis “Idade” e “O álcool faz bem ao coração”

			<i>Idade</i>	<i>O álcool faz bem ao coração.</i>
<i>Coefficiente de correlação de Spearman</i>	<i>Idade</i>	<b>Coefficientes de correlação</b>	1,000	-0,133**
		<i>Sig. (2-tailed)</i>	.	0,003
		N	501	499
	<i>O álcool faz bem ao coração.</i>	<b>Coefficiente de correlação</b>	-0,133**	1,000
		<i>Sig. (2-tailed)</i>	0,003	.
		N	499	499

\*\* . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Na Figura 125 é nítida a discordância em qualquer faixa etária de que o álcool faz bem ao coração.

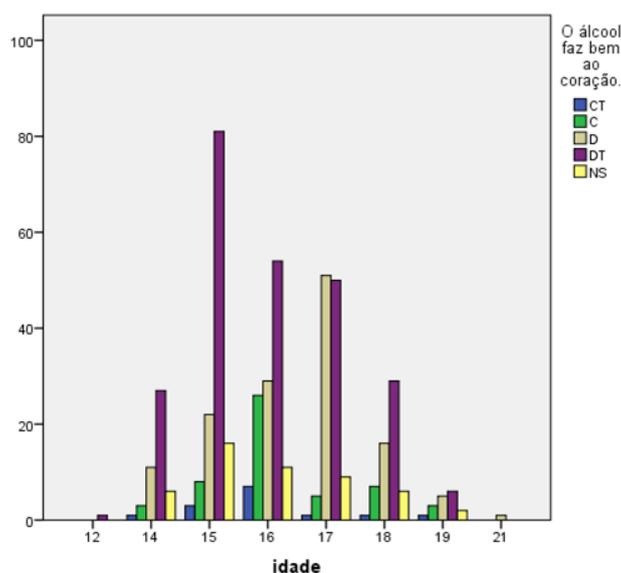


Figura 125. Gráficos de frequências das variáveis “Idade” e “O álcool faz bem ao coração”.

Visto que o  $p\text{ value} = 0,027$ , então as variáveis *Idade* e *Beber muita água após ter ingerido álcool, diminui a taxa de alcoolemia* são dependentes (Tabela 182).

Tabela 182

Análise da intensidade e sentido da associação entre variáveis “Idade” e “Beber muita água após ter ingerido álcool, diminui a taxa de alcoolemia”

			<i>Idade</i>	<i>Beber muita água após ter ingerido álcool, diminui a taxa de alcoolemia.</i>
<i>Coefficiente de correlação de Spearman</i>	<i>Idade</i>	<b>Coefficientes de correlação</b> <i>Sig. (2-tailed)</i>	1,000	-0,099*
		N	501	499
	<i>Beber muita água após ter ingerido álcool, diminui a taxa de alcoolemia.</i>	<b>Coefficiente de correlação</b> <i>Sig. (2-tailed)</i>	-0,099*	1,000
		N	499	499

\*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Verifica-se na Figura 126 um grande predomínio da dúvida nos alunos de qualquer faixa etária, imperando nos alunos com idades entre os 14 e os 17 anos, seguindo-se um equilíbrio entre a discordância e a concordância de que beber muita água após ter ingerido álcool, diminui a taxa de alcoolemia. O aluno de 12 anos discorda totalmente da afirmação, predominando a concordância nos alunos com 19 e 21 anos. Já os alunos de 18 anos encontram-se divididos entre a concordância e o desconhecimento se beber muita água após ter ingerido álcool, diminui a taxa de alcoolemia.

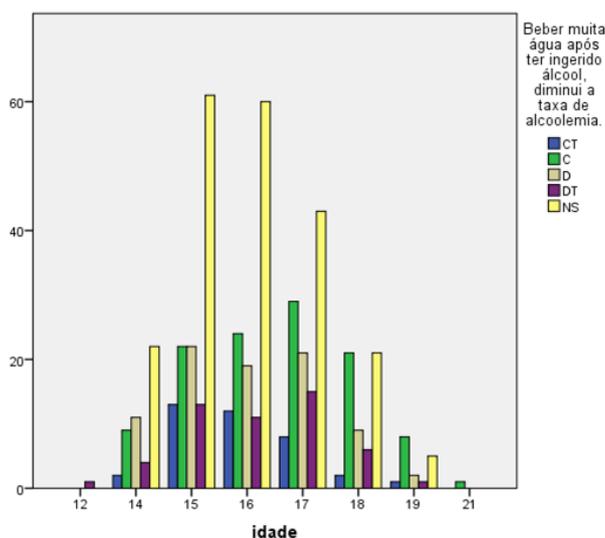


Figura 126. Gráficos de frequências das variáveis “Idade” e “Beber muita água após ter ingerido álcool, diminui a taxa de alcoolemia”.

Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,003$ , então as variáveis *Idade* e *O álcool misturado com um refrigerante (como vinho com gasosa) afeta menos o organismo do que a bebida pura* são dependentes (Tabela 183).

Tabela 183

Análise da intensidade e sentido da associação entre variáveis “Idade” e “O álcool misturado com um refrigerante (como o vinho com gasosa) afeta menos o organismo do que a bebida pura”

			<i>Idade</i>	<i>O álcool misturado com um refrigerante (como o vinho com gasosa) afeta menos o organismo do que a bebida pura.</i>
<i>Coefficiente de correlação de Spearman</i>	<i>Idade</i>	<i>Coefficientes de correlação Sig. (2-tailed)</i>	1,000	-0,135**
		N	.	0,003
	<i>O álcool misturado com um refrigerante (como o vinho com gasosa) afeta menos o organismo do que a bebida pura.</i>	<i>Coefficiente de correlação Sig. (2-tailed)</i>	501	499
		N	-0,135**	1,000
			0,003	.
			499	499

\*\* . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Verificamos na Figura 127 que apesar do elevado desconhecimento se o álcool misturado com um refrigerante (como vinho com gasosa) afeta menos o organismo do que a bebida pura, que apenas predomina no aluno com 12 anos, nas restantes faixas etárias predomina a concordância com a afirmação.

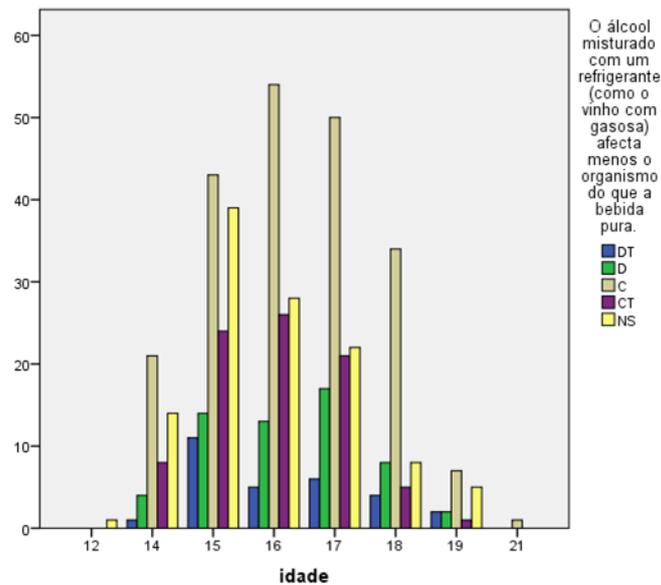


Figura 127. Gráficos de frequências das variáveis “Idade” e “O álcool misturado com um refrigerante (como o vinho com gasosa) afeta menos o organismo do que a bebida pura”.

Analisando a Tabela 184, como o  $p\text{ value} = 0,007$ , então as variáveis *Idade* e *O hábito de consumir álcool pode facilitar o consumo de tabaco, cocaína, ou outras drogas* são dependentes.

Tabela 184

Análise da intensidade e sentido da associação entre variáveis “Idade” e “O hábito de consumir álcool pode facilitar o consumo de tabaco, cocaína, ou outras drogas”

			<i>Idade</i>	<i>O hábito de consumir álcool pode facilitar o consumo de tabaco, cocaína, ou outras drogas.</i>
<i>Coefficiente de correlação de Spearman</i>	<i>Idade</i>	<b>Coefficientes de correlação</b>	1,000	-0,120**
		<b>Sig. (2-tailed)</b>	.	0,007
	<i>O hábito de consumir álcool pode facilitar o consumo de tabaco, cocaína, ou outras drogas.</i>	<b>N</b>	501	499
		<b>Coefficiente de correlação</b>	-0,120**	1,000
		<b>Sig. (2-tailed)</b>	0,007	.
		<b>N</b>	499	499

\*\* . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Com exceção da maior parte dos alunos com 15 anos, onde predomina o desconhecimento, seguindo-se a concordância de que o hábito de consumir álcool pode facilitar o consumo de tabaco, cocaína, ou outras drogas, nas restantes faixas etárias impera a concordância com a afirmação (Figura 128).

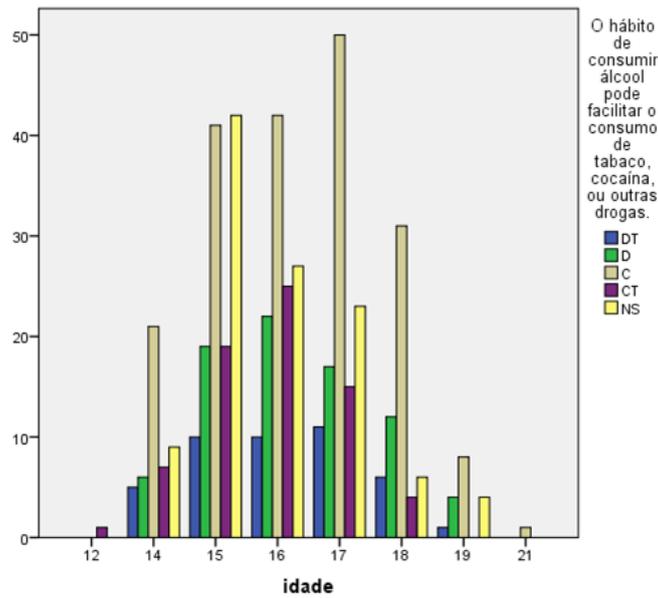


Figura 128. Gráficos de frequências das variáveis “Idade” e “O hábito de consumir álcool pode facilitar o consumo de tabaco, cocaína, ou outras drogas”.

Analisando o  $p$  value = 0,019, então as variáveis *Idade* e *O consumo excessivo de bebidas alcoólicas conduz ao aumento da criminalidade* são dependentes (Tabela 185).

Tabela 185

Análise da intensidade e sentido da associação entre variáveis “Idade” e “O consumo excessivo de bebidas alcoólicas conduz ao aumento da criminalidade”

			<i>Idade</i>	<i>O consumo excessivo de bebidas alcoólicas conduz ao aumento da criminalidade.</i>
<i>Coefficiente de correlação de Spearman</i>	<i>Idade</i>	<b>Coefficientes de correlação</b> <i>Sig. (2-tailed)</i>	1,000	-0,106*
		N	.	0,019
	<i>O consumo excessivo de bebidas alcoólicas conduz ao aumento da criminalidade.</i>	<b>Coefficiente de correlação</b> <i>Sig. (2-tailed)</i>	501	497
		N	-0,106*	1,000
			0,019	.
			497	497

\*\* . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Nos gráficos da Figura 129 é nítida a concordância em todas as faixas etárias, de que o consumo excessivo de bebidas alcoólicas conduz ao aumento da criminalidade.

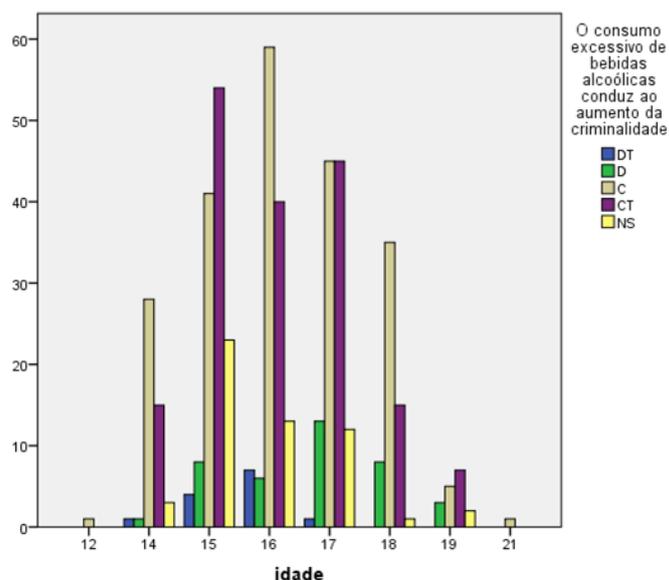


Figura 129. Gráficos de frequências das variáveis “Idade” e “O consumo excessivo de bebidas alcoólicas conduz ao aumento da criminalidade”.

Considerando o  $p$  value = 0,024 da Tabela 186, então as variáveis *Idade* e *A dependência do álcool é um problema de saúde mental* são dependentes.

Tabela 186

Análise da intensidade e sentido da associação entre variáveis “Idade” e “A dependência do álcool é um problema de saúde mental.”

			<i>Idade</i>	<i>A dependência do álcool é um problema de saúde mental.</i>
<i>Coefficiente de correlação de Bravais-Pearson</i>	<i>Idade</i>	<b>Coefficientes de correlação</b>	1,000	-0,101*
		<i>Sig. (2-tailed)</i>	.	0,024
		N	501	500
	<i>A dependência do álcool é um problema de saúde mental.</i>	<b>Coefficiente de correlação</b>	-0,101*	1,000
		<i>Sig. (2-tailed)</i>	0,024	.
		N	500	500

\*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Também nos gráficos da Figura 130 é clara a prevalência da concordância, em qualquer faixa etária, de que a dependência do álcool é um problema de saúde mental.

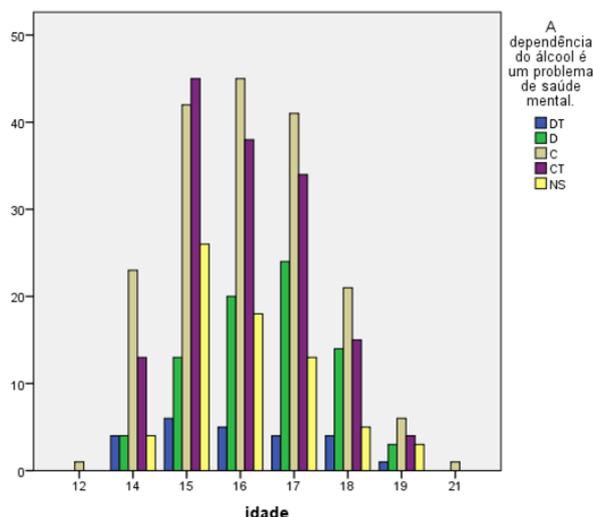


Figura 130. Gráficos de frequências das variáveis “Idade” e “A dependência do álcool é um problema de saúde mental.”.

Sendo o  $p$  value = 0,010 representado na Tabela 187, então as variáveis *Idade* e *AUDIT* são dependentes.

Tabela 187

Análise da intensidade e sentido da associação entre variáveis “Idade” e “AUDIT”

			<i>Idade</i>	<i>AUDIT</i>
<i>Coefficiente de correlação de Spearman</i>	<i>Idade</i>	<b>Coefficientes de correlação</b>	1	0,117*
		<b>Sig. (2-tailed)</b>		0,010
	<i>AUDIT</i>	<b>N</b>	501	474
		<b>Coefficiente de correlação</b>	0,117*	1
		<b>Sig. (2-tailed)</b>	0,010	
		<b>N</b>	474	474

\*\* . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Tendo em conta que o autoteste *AUDIT* pretende avaliar os tipos de consumos de álcool, classificando-os em “Consumo de baixo risco”, se se obtiverem resultados entre 0 e 7, “Consumo nocivo/abusivo”, para valores entre 8 e 19 e “Dependência”, se os valores estiverem compreendidos entre 20 e 40, verificamos que a maior parte dos alunos de qualquer faixa etária apresenta consumos de baixo risco, ou seja, com valores inferiores ou iguais a 7 (Figura 131).

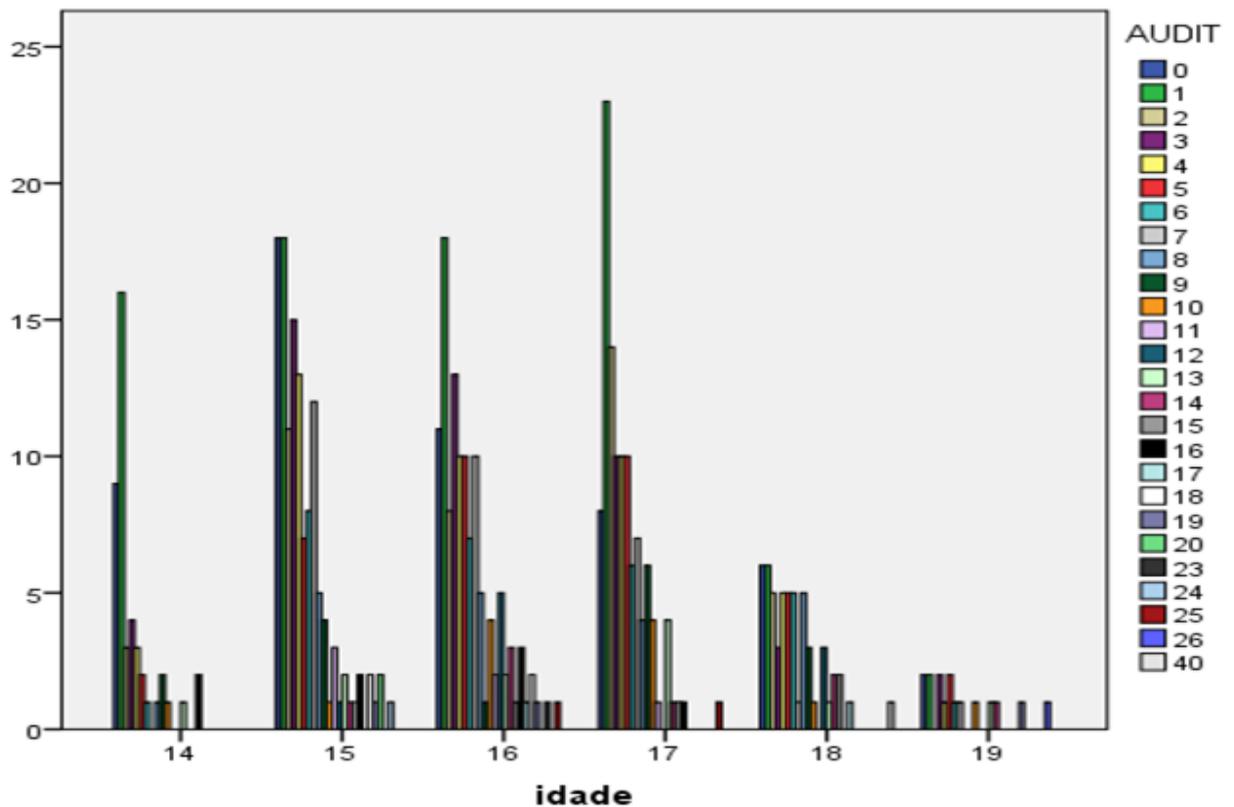


Figura 131. Gráficos de frequências das variáveis “Idade” e “AUDIT”.

Resumido os resultados, verificamos que são os alunos mais novos que mais concordam que o álcool facilita a integração no grupo de amigos, bem como que se a maioria dos amigos consumirem bebidas alcoólicas, se sentem tentados a beber. Contudo, há uma grande divisão de opiniões, nas diferentes idades, se o álcool facilita as relações sociais. Em qualquer idade, verifica-se o predomínio da concordância de que um alcoólico é uma pessoa que se embecta com muita frequência; de que o álcool não faz bem ao coração; de que o álcool misturado com refrigerante afeta menos o organismo, do que a bebida pura; de que o consumo excessivo de álcool aumenta a criminalidade; de que a dependência de álcool é um problema de saúde mental e de que o hábito de consumir álcool pode facilitar o consumo de outras substâncias, com exceção dos alunos com 15 anos, que o desconhecem. Relativamente aos resultados do teste *AUDIT*, em qualquer faixa etária, predominam os consumos de baixo risco.

➤ **Ano de Escolaridade x Variáveis da Dimensão III – Representações sociais dos alunos acerca dos consumos de álcool**

Tabela 188

*Análise da associação entre variáveis “Ano de escolaridade” e as restantes variáveis da Parte III*

Variáveis	N.º de casos válidos	Chisquare	Cramer's V Value	Approx. Sig.	Kendall's tau-b Value	Approx. Sig.
<i>Ano escolaridade x O álcool é uma droga.</i>	500	0,002	0,146	0,002		
<i>Ano escolaridade x Os médicos exageram quando falam dos malefícios do álcool.</i>	499	0,019	0,127	0,019		
<i>Ano escolaridade x Preocupo-me bastante com os malefícios provocados pelo consumo de álcool.</i>	499	0,008	0,134	0,008		
<i>Ano escolaridade x Se no meu grupo de amigos a maioria consumir bebidas alcoólicas, eu acabarei por beber para não me sentir diferente e para me integrar melhor.</i>	501	0,004	0,138	0,004		
<i>Ano escolaridade x Os jovens que consomem bebidas alcoólicas bebem para se sentirem mais integrados e identificados com o seu grupo.</i>	500	0,041	0,120	0,041		
<i>Ano escolaridade x Se os meus amigos me incentivassem a consumir bebidas alcoólicas numa festa, eu aceitaria.</i>	500	0,005	0,138	0,005		
<i>Ano escolaridade x Se os meus amigos me incentivassem a consumir bebidas alcoólicas, eu acabaria por consumir mais do que é costume</i>	500	0,002	0,143	0,002		
<i>Ano de escolaridade x Se os meus amigos consumirem bebidas alcoólicas, sinto-me tentado a beber</i>	500	0,007	0,135	0,007		
<i>Ano de escolaridade x Os jovens consomem bebidas alcoólicas para relaxar ou acalmar os nervos.</i>	497	0,000	0,154	0,000		
<i>Ano de escolaridade x Consigo facilmente resistir ao consumo de bebidas alcoólicas</i>	499				2,479	0,013
<i>Ano de escolaridade x O consumo de álcool dificulta a aceitação pelo meu grupo de amigos.</i>	500	0,001	0,150	0,001		
<i>Ano de escolaridade x O consumo de álcool é um meio de o jovem se afirmar.</i>	496	0,030	0,124	0,030		
<i>Ano de escolaridade x Os jovens que consomem bebidas alcoólicas, bebem para fugir à realidade.</i>	500	0,045	0,119	0,045		
<i>Ano de escolaridade x Consumir bebidas alcoólicas melhora a capacidade de relacionamento com os outros.</i>	499	0,016	0,129	0,016	-2,622	0,009
<i>Ano de escolaridade x O álcool torna as pessoas mais bonitas.</i>	500	0,001	0,149	0,001		
<i>Ano de escolaridade x O álcool permite controlar o peso.</i>	500	0,009	0,133	0,009		
<i>Ano de escolaridade x O álcool é afrodisíaco (estimulante sexual).</i>	500	0,019	0,127	0,019	-0,088	0,013
<i>Ano de escolaridade x Beber azeite faz diminuir a taxa de alcoolemia</i>	500	0,022	0,126	0,022		
<i>Ano de escolaridade x Um alcoólico é uma pessoa que se embebedada com</i>	500	0,007	0,135	0,007		

<i>muita frequência</i>						
<i>Ano de escolaridade x O álcool abre o apetite.</i>	500	0,002	0,143	0,002		
<i>Ano de escolaridade x O consumo de café pode curar a ressaca</i>	500	0,000	0,154	0,000		
<i>Ano de escolaridade x O álcool facilita as relações sociais.</i>	499	0,000	0,157	0,000	-0,135	0,000
<i>Ano de escolaridade x O álcool faz bem ao coração.</i>	499	0,000	0,166	0,000	-4,070	0,000
<i>Ano de escolaridade x O álcool é a causa do alcoolismo</i>	498	0,016	0,129	0,016		
<i>Ano de escolaridade x O álcool torna as pessoas mais desinibidas.</i>	498	0,000	0,195	0,000	-0,117	0,003
<i>Ano de escolaridade x Misturar cerveja, vinho e destilados leva à embriaguez mais rapidamente do que tomar somente um tipo de bebida.</i>	499	0,013	0,130	0,013		
<i>Ano de escolaridade x Os efeitos do álcool no corpo da mulher são iguais aos efeitos do álcool no corpo do homem.</i>	499	0,016	0,129	0,016		
<i>Ano de escolaridade x Ingerir menta ou qualquer outra erva aromática faz diminuir a taxa de alcoolemia</i>	498	0,002	0,144	0,002		
<i>Ano de escolaridade x O álcool é um medicamento.</i>	498	0,001	0,146	0,001	-0,075	0,038
<i>Ano de escolaridade x O álcool aquece.</i>	499	0,006	0,136	0,006		
<i>Ano de escolaridade x Comer caramelos ou qualquer outro produto açucarado faz diminuir a taxa de alcoolemia</i>	500	0,014	0,130	0,014		
<i>Ano de escolaridade x Beber muita água após ter ingerido álcool, diminui a taxa de alcoolemia.</i>	499	0,001	0,147	0,001	-0,099	0,005
<i>Ano de escolaridade x O álcool dá força e/ou energia.</i>	500	0,010	0,132	0,010		
<i>Ano de escolaridade x As bebidas alcoólicas de grande graduação, como o whisky, são prejudiciais para a saúde, mas a cerveja, por exemplo, não o é.</i>	498	0,004	0,241	0,004		
<i>Ano de escolaridade x Os efeitos do álcool são mais intensos se for consumido com o estômago vazio.</i>	499	0,005	0,137	0,005		
<i>Ano de escolaridade x O alcoólico é um indivíduo a quem o álcool faz mal fisicamente.</i>	497	0,026	0,125	0,026	-0,088	0,017
<i>Ano de escolaridade x O consumo continuado de bebidas alcoólicas pode provocar alterações mentais muito graves, porque destrói os neurónios do cérebro.</i>	498	0,034	0,122	0,034		
<i>Ano de escolaridade x O álcool dificulta a digestão.</i>	499	0,016	0,129	0,016		
<i>Ano de escolaridade x O hábito de consumir álcool pode facilitar o consumo de tabaco, cocaína, ou outras drogas.</i>	499	0,036	0,122	0,036	-0,109	0,003
<i>Ano de escolaridade x Beber um pouco mais de álcool aos fins de semana não apresenta perigo de alcoolismo, desde que não se beba durante a semana.</i>	499	0,000	0,160	0,000		
<i>Ano de escolaridade x Os efeitos do álcool desaparecem após tomar um banho de água fria</i>	500	0,000	0,170	0,000		

<i>Ano de escolaridade x Consumir bebidas alcoólicas facilita o “engate”.</i>	500	0,001	0,146	0,001	-0,074	0,032
<i>Ano de escolaridade x Os efeitos do álcool desaparecem depois de vomitar</i>	499	0,000	0,280	0,000		
<i>Ano de escolaridade x Um copo de licor ajuda a curar a constipação ou a gripe.</i>	496	0,001	0,152	0,001		
<i>Ano de escolaridade x As pessoas que aguentam consumir muito álcool sem se embebedarem têm menos possibilidades que as outras de se tornarem alcoólicas.</i>	499	0,000	0,157	0,000		
<i>Ano de escolaridade x O consumo de bebidas alcoólicas influencia o número de acidentes de viação.</i>	499	0,001	0,146	0,001		
<i>Ano de escolaridade x O consumo excessivo de bebidas alcoólicas conduz ao aumento da criminalidade</i>	497	0,044	0,120	0,044	-0,092	0,015
<i>Ano de escolaridade x As festas são mais divertidas se tiverem álcool.</i>	500	0,011	0,132	0,011		
<i>Ano de escolaridade x Sinto necessidade de ter mais conhecimentos acerca dos efeitos e consequências do álcool.</i>	499	0,001	0,152	0,001	-0,072	0,054
<i>Ano de escolaridade x A dependência do álcool é um problema de saúde mental.</i>	500	0,021	0,126	0,021	-0,126	0,001

Na Figura 132 verifica-se, nos quatro anos de escolaridade, o predomínio da concordância de que o álcool é uma droga, havendo maior discordância entre os alunos do 9.º ao 11.º ano. Atendendo a que o  $p\text{ value} = 0,002$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *O álcool é uma droga* são dependentes (Tabela 188).

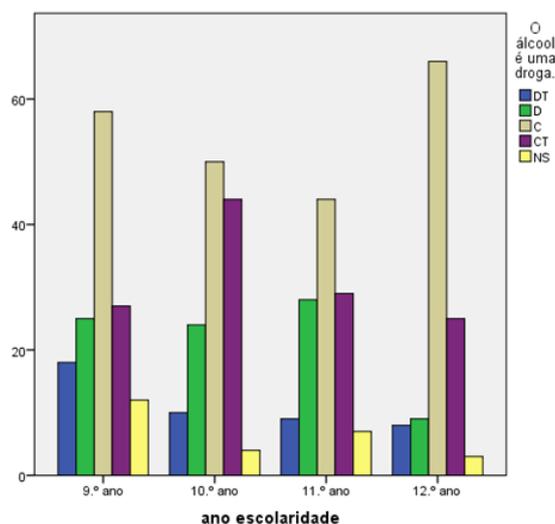


Figura 132. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “O álcool é uma droga”.

É evidente nos gráficos da Figura 133, nos quatro anos de escolaridade, o predomínio da discordância de que os médicos exageram quando falam dos malefícios do álcool, diminuindo a concordância do 9.º para o 12.º ano. Considerando que o  $p$

$value = 0,019$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Os médicos exageram quando falam dos malefícios do álcool* são dependentes (Tabela 188).

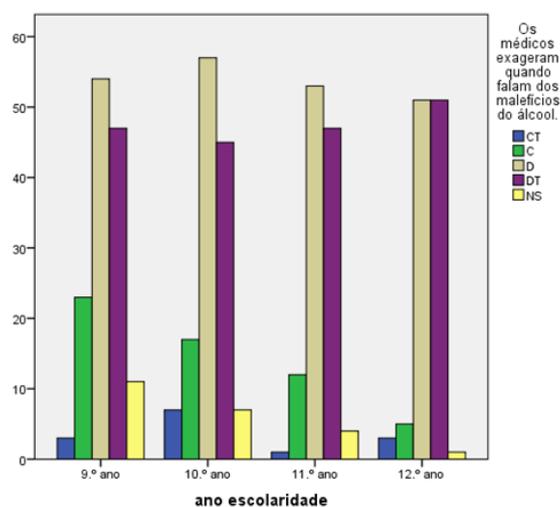


Figura 133. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Os médicos exageram quando falam dos malefícios do álcool”.

Do 9.º ao 12.º ano prevalece a preocupação com os malefícios provocados pelo consumo de álcool (Figura 134). Tendo em conta que o  $p\ value = 0,008$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Preocupo-me bastante com os malefícios provocados pelo consumo de álcool* são dependentes (Tabela 188).

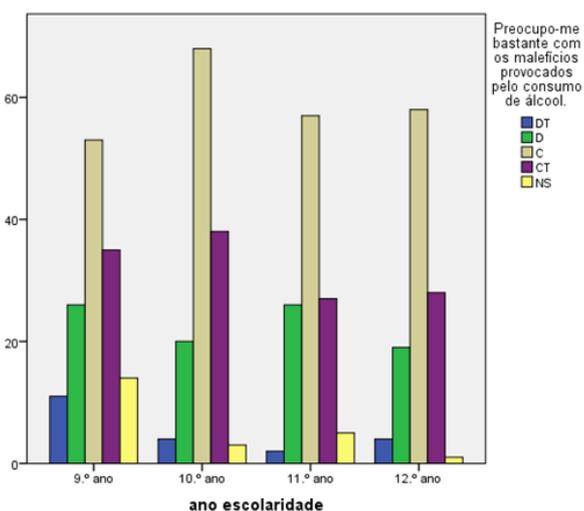


Figura 134. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Preocupo-me bastante com os malefícios provocados pelo consumo de álcool”.

Observamos na Figura 135 que a maior parte dos alunos dos quatro anos de escolaridade, considera que se no seu grupo de amigos a maioria consumir bebidas alcoólicas, não acabaria por beber para não se sentir diferente e para se integrar melhor,

diminuindo a concordância do 9.º para o 12.º ano. Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,004$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Se no meu grupo de amigos a maioria consumir bebidas alcoólicas, eu acabarei por beber para não me sentir diferente e para me integrar melhor* são dependentes (Tabela 188).

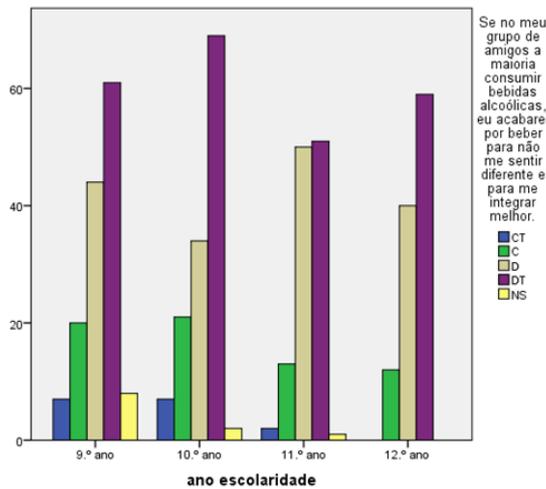


Figura 135. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Se no meu grupo de amigos a maioria consumir bebidas alcoólicas, eu acabarei por beber para não me sentir diferente e para me integrar melhor”.

A maior parte dos alunos dos quatro anos de escolaridade, representados na Figura 136, concorda que os jovens que consomem bebidas alcoólicas bebem para se sentirem mais integrados e identificados com o seu grupo. Visto que o  $p\text{ value} = 0,041$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Os jovens que consomem bebidas alcoólicas bebem para se sentirem mais integrados e identificados com o seu grupo* são dependentes (Tabela 188).

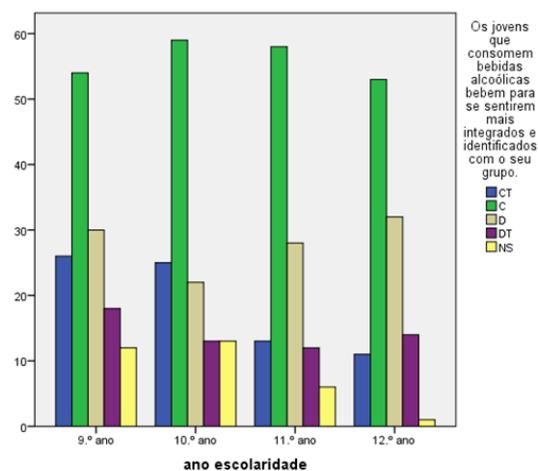


Figura 136. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Os jovens que consomem bebidas alcoólicas bebem para se sentirem mais integrados e identificados com o seu grupo”.

Verificamos na Figura 137 que a maior parte dos alunos do 9.º e do 10.º ano, considera que se os seus amigos o incentivassem a consumir bebidas alcoólicas numa festa, aceitaria, enquanto a maior parte dos alunos do 11.º e do 12.º ano não aceitaria. Como o  $p\text{ value} = 0,005$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Se os meus amigos me incentivassem a consumir bebidas alcoólicas numa festa, eu aceitaria* são dependentes (Tabela 188).

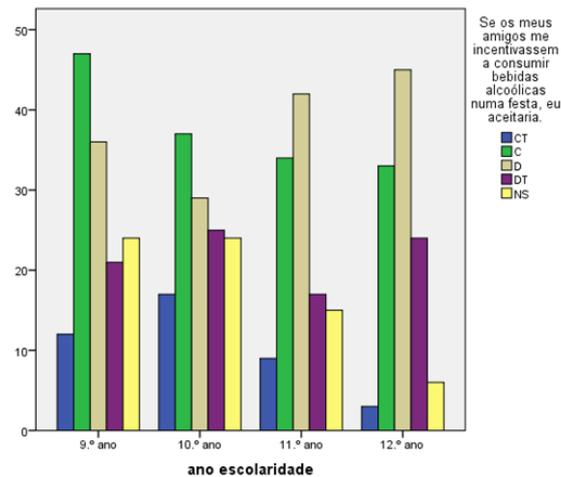


Figura 137. Gráfico de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Se os meus amigos me incentivassem a consumir bebidas alcoólicas numa festa, eu aceitaria”.

É clara a opinião em todos os anos de escolaridade apresentados na Figura 138, de que se os seus amigos o incentivassem a consumir bebidas alcoólicas, não acabaria por consumir mais do que é costume. Sendo o  $p\text{ value} = 0,002$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Se os meus amigos me incentivassem a consumir bebidas alcoólicas, eu acabaria por consumir mais do que é costume* são dependentes (Tabela 188).

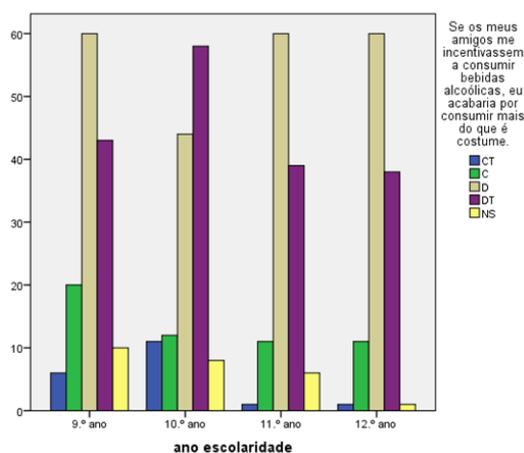


Figura 138. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Se os meus amigos me incentivassem a consumir bebidas alcoólicas, eu acabaria por consumir mais do que é costume”.

De acordo com os gráficos da Figura 139, a maior parte dos alunos do 9.º e do 10.º ano considera que se os seus amigos consumirem bebidas alcoólicas, sente-se tentado a beber, estando a maior parte dos alunos do 11.º e do 12.º ano discordante desta situação. Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,007$ , apresentado na Tabela 188, então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Se os meus amigos consumirem bebidas alcoólicas, sinto-me tentado a beber* são dependentes.

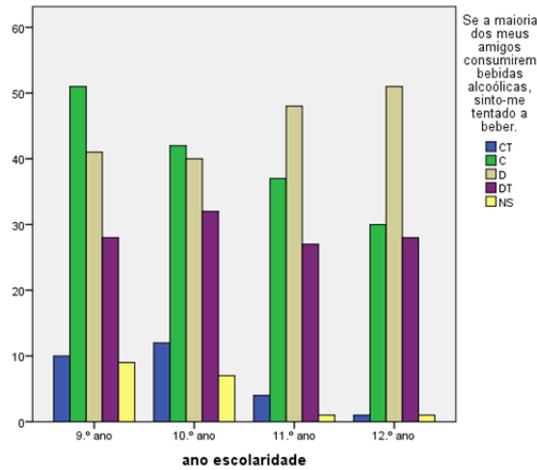


Figura 139. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Se os meus amigos consumirem bebidas alcoólicas, sinto-me tentado a beber”.

A maior parte dos alunos dos quatro anos de escolaridade considera que os jovens consomem bebidas alcoólicas para relaxar ou acalmar os nervos (Figura 140). Considerando que o  $p\text{ value} = 0,000$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Os jovens consomem bebidas alcoólicas para relaxar ou acalmar os nervos* são dependentes (Tabela 188).

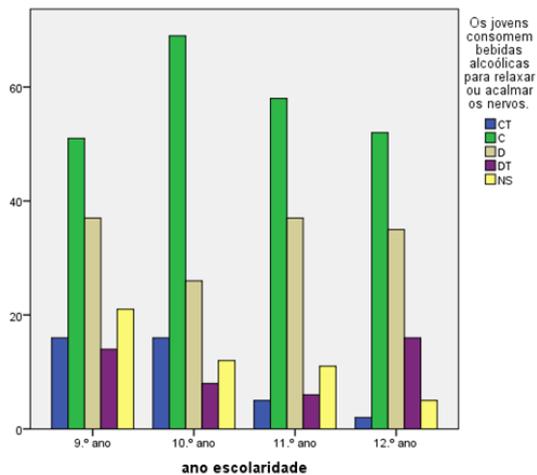


Figura 140. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Os jovens consomem bebidas alcoólicas para relaxar ou acalmar os nervos”.

É nítida na Figura 141 a concordância entre os alunos de qualquer ano letivo, que conseguem facilmente resistir ao consumo de bebidas alcoólicas. Considerando que o  $p\text{ value} = 0,013$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Consigo facilmente resistir ao consumo de bebidas alcoólicas* são dependentes (Tabela 188).

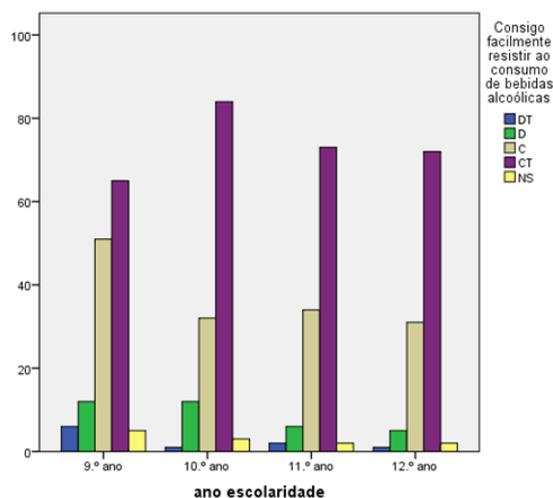


Figura 141. Gráfico de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Consigo facilmente resistir ao consumo de bebidas alcoólicas”.

É também nítida a evidência na Figura 142 de que a grande maioria dos alunos, dos quatro anos de escolaridade, discorda de que o consumo de álcool dificulta a aceitação pelo grupo de amigos, pelo que entendem que o álcool será um agente facilitador da aceitação no grupo. Atendendo que o  $p\text{ value} = 0,001$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *O consumo de álcool dificulta a aceitação pelo meu grupo de amigos* são dependentes (Tabela 188).

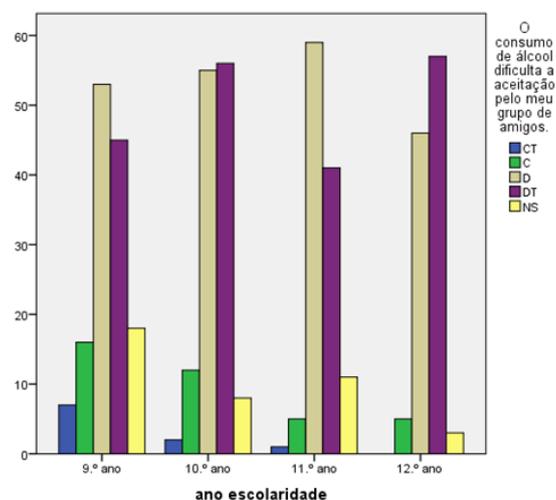


Figura 142. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “O consumo de álcool dificulta a aceitação pelo meu grupo de amigos”.

A maior parte dos alunos dos quatro anos de escolaridade, discorda ou discorda totalmente de que o consumo de álcool é um meio do jovem se afirmar (Figura 143). Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,030$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *O consumo de álcool é um meio de o jovem se afirmar* são dependentes (Tabela 188).

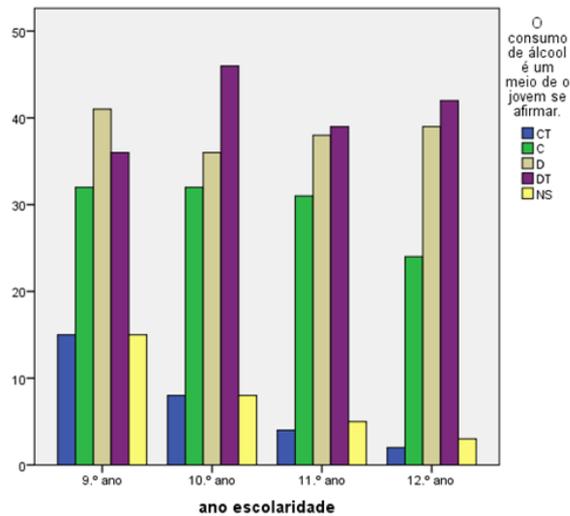


Figura 143. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “O consumo de álcool é um meio de o jovem se afirmar”.

A maior parte dos alunos dos quatro anos de escolaridade, considera que os jovens consomem bebidas alcoólicas para fugir à realidade, conforme a Figura 144. Visto que o  $p\text{ value} = 0,045$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Os jovens que consomem bebidas alcoólicas bebem para fugir à realidade* são dependentes (Tabela 188).

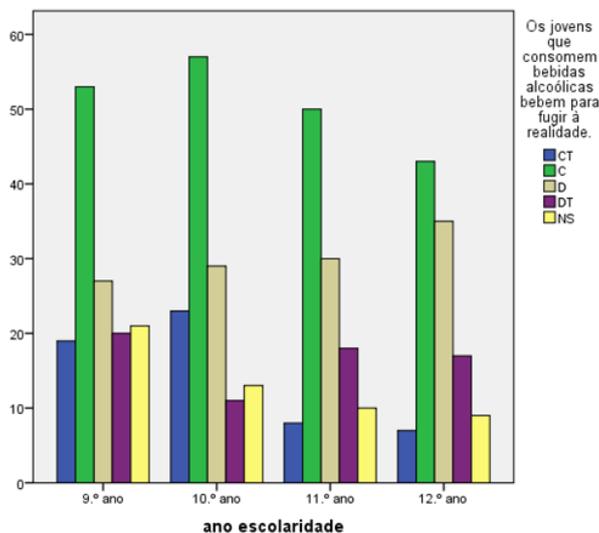


Figura 144. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Os jovens que consomem bebidas alcoólicas bebem para fugir à realidade”.

Analisando os gráficos da Figura 145, com exceção da maior parte dos alunos do 10.º ano que concorda que consumir bebidas alcoólicas melhora a capacidade de relacionamento com os outros, a maior parte dos alunos dos restantes anos de escolaridade discorda. Como o  $p\text{ value} = 0,016$  e  $0,009$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Consumir bebidas alcoólicas melhora a capacidade de relacionamento com os outros* são dependentes (Tabela 188).

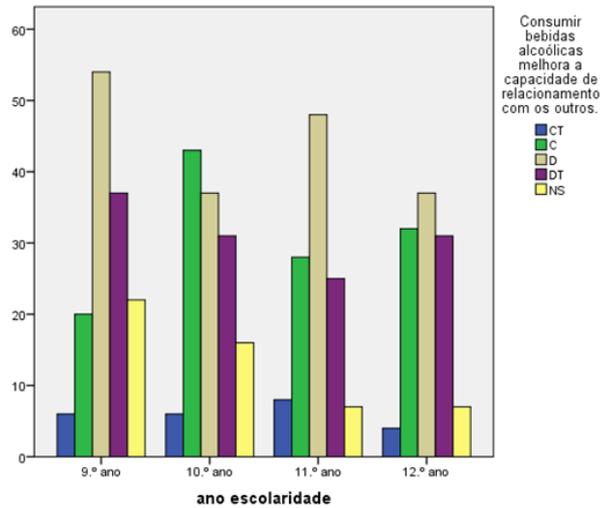


Figura 145. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Consumir bebidas alcoólicas melhora a capacidade de relacionamento com os outros”.

De acordo com a Figura 146, a grande maioria dos alunos dos quatro anos de escolaridade considera que o álcool não torna as pessoas mais bonitas. Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,001$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *O álcool torna as pessoas mais bonitas* são dependentes (Tabela 188).

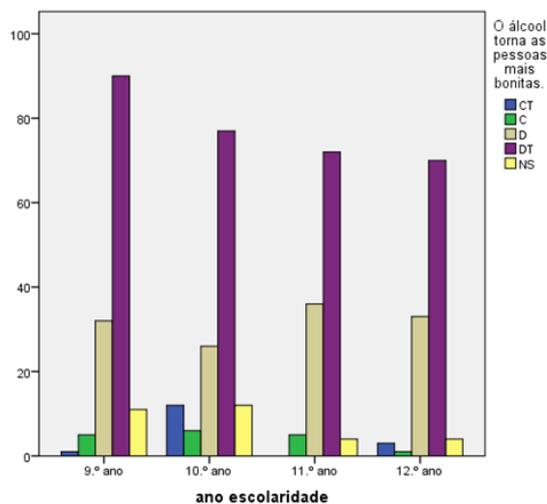


Figura 146. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “O álcool torna as pessoas mais bonitas”.

Apesar do elevado desconhecimento, a maior parte dos alunos considera que o álcool não permite controlar o peso (Figura 147). Considerando que o  $p\text{ value} = 0,009$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *O álcool permite controlar o peso* são dependentes (Tabela 188).

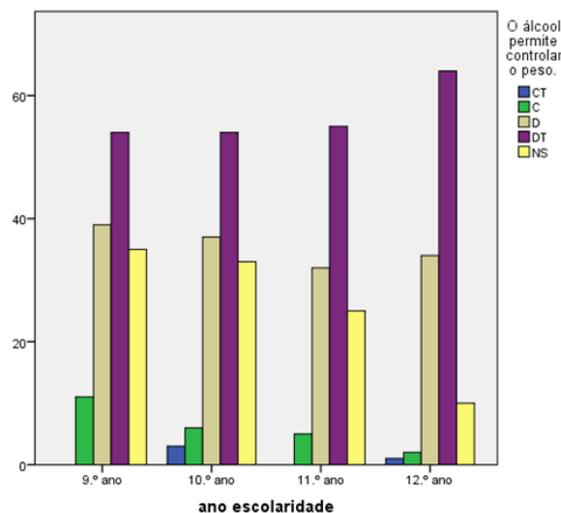


Figura 147. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “O álcool permite controlar o peso”.

Do 9.º ao 11.º ano, a maior parte dos alunos tem dúvidas se o álcool é afrodisíaco, enquanto a maior parte dos alunos do 12.º ano se divide entre a concordância e a discordância com esse mito, havendo um ligeiro predomínio da discordância, de acordo com a Figura 148. Atendendo a que o  $p\text{ value} = 0,019$  e  $0,013$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *O álcool é afrodisíaco (estimulante sexual)* são dependentes (Tabela 188).

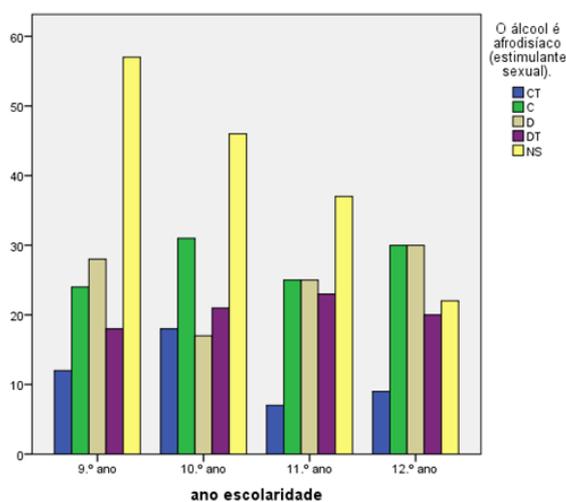


Figura 148. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “O álcool é afrodisíaco (estimulante sexual)”.

É evidente nos gráficos da Figura 149 o desconhecimento em qualquer ano letivo, se beber azeite faz diminuir a taxa de alcoolemia. Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,022$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Beber azeite faz diminuir a taxa de alcoolemia* são dependentes (Tabela 188).

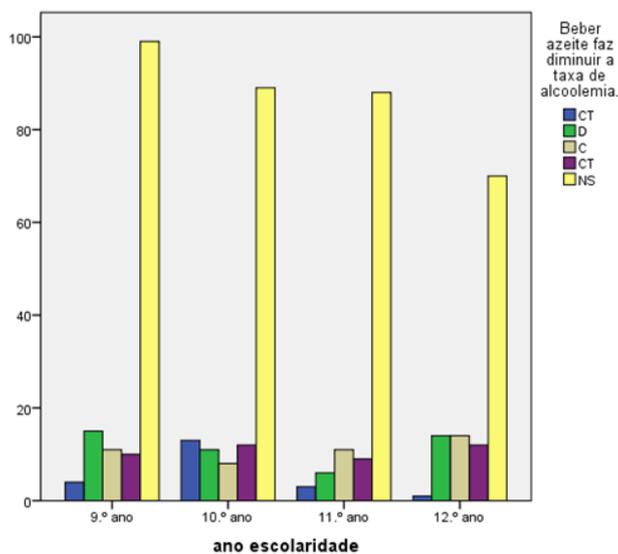


Figura 149. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Beber azeite faz diminuir a taxa de alcoolemia”.

Verificamos na Figura 150 que a grande maioria dos alunos dos quatro anos de escolaridade considera que um alcoólico é uma pessoa que se embebada com muita frequência. Visto que o  $p\text{ value} = 0,007$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Um alcoólico é uma pessoa que se embebada com muita frequência* são dependentes (Tabela 188).

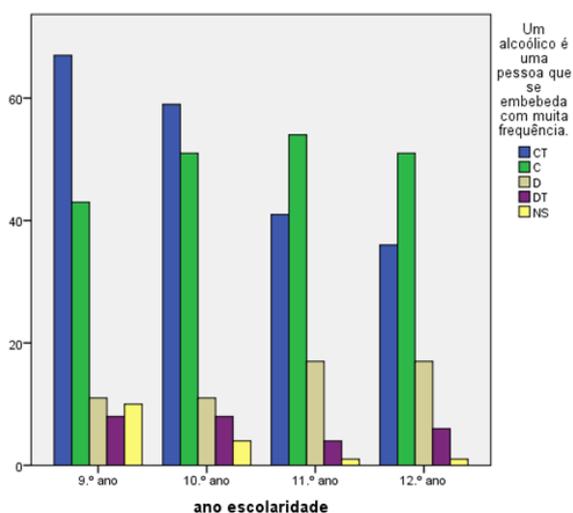


Figura 150. Gráfico de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Um alcoólico é uma pessoa que se embebada com muita frequência”.

Enquanto no 9.º e 10.º ano predomina a dúvida se o álcool abre o apetite, seguindo-se a discordância, no 11.º e 12.º ano prevalece a discordância de que o álcool tenha essa capacidade (Figura 151). Como o  $p\text{ value} = 0,002$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *O álcool abre o apetite* são dependentes (Tabela 188).

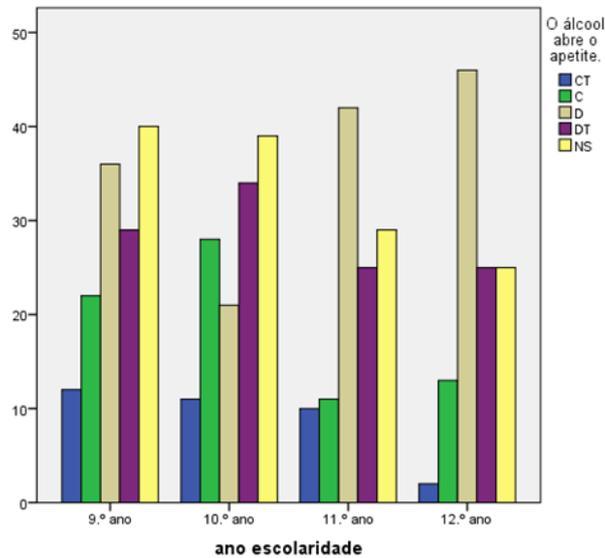


Figura 151. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “O álcool abre o apetite”.

Mais uma vez prevalece a dúvida na maior parte dos alunos dos quatro anos de escolaridade, se o consumo de café pode curar a ressaca (Figura 152). Sendo o  $p\text{ value} = 0,002$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *O consumo de café pode curar a ressaca* são dependentes (Tabela 188).

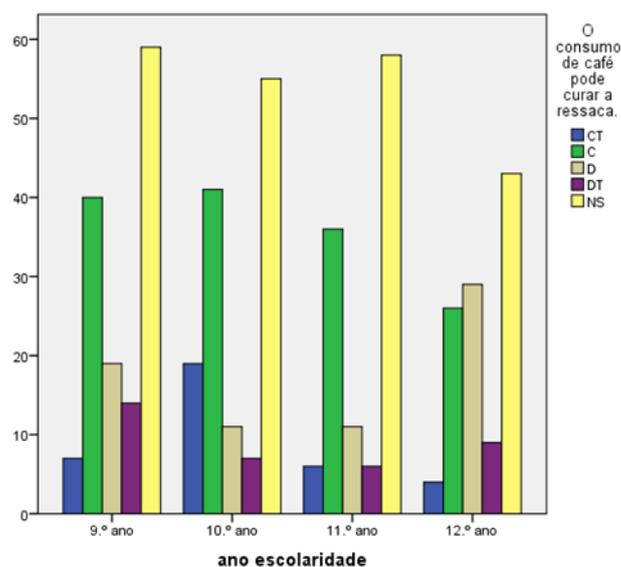


Figura 152. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “O consumo de café pode curar a ressaca”.

Observamos na Figura 153, que enquanto no 9.º ano, a maior parte dos alunos considera que o álcool não facilita as relações sociais, a maior parte dos alunos do 10.º ao 12.º ano acha que o álcool tem esse poder facilitador. Tendo em conta que os  $p\text{ value} = 0,000$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *O álcool facilita as relações sociais* são dependentes (Tabela 188).

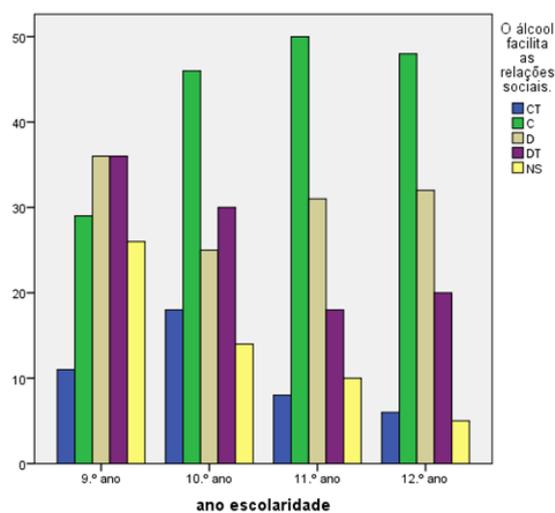


Figura 153. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “O álcool facilita as relações sociais”.

De acordo com os gráficos da Figura 154, verificamos que a maioria dos alunos dos quatro anos de escolaridade considera que o álcool não faz bem ao coração. Considerando que os  $p\text{ value} = 0,000$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *O álcool faz bem ao coração* são dependentes (Tabela 188).

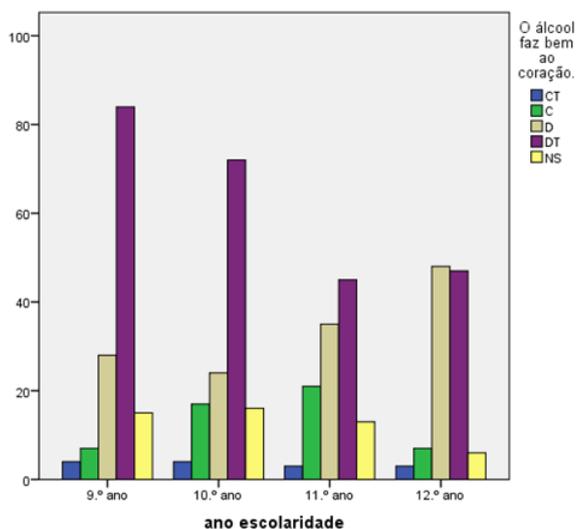


Figura 154. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “O álcool faz bem ao coração”.

É nítida na Figura 155 a concordância, nos quatro anos de escolaridade, de que o álcool é a causa do alcoolismo. Atendendo a que o  $p\text{ value} = 0,016$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *O álcool é a causa do alcoolismo* são dependentes (Tabela 188).

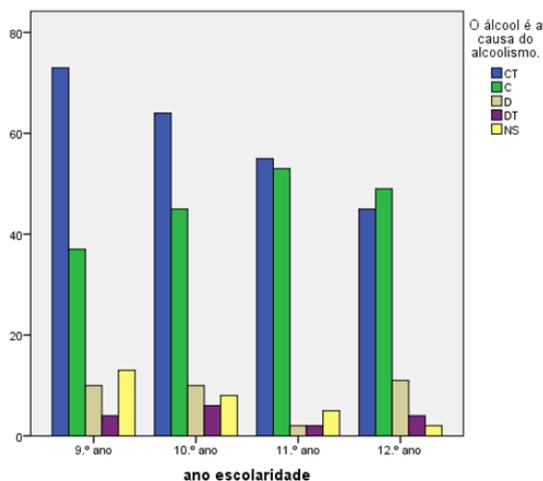


Figura 155. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “O álcool é a causa do alcoolismo”.

Novamente é clara a concordância de que o álcool desinibe as pessoas, diminuindo a dúvida do 9.º para o 12.º ano (Figura 156). Sabendo que os  $p\text{ value} = 0,000$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *O álcool torna as pessoas mais desinibidas* são dependentes (Tabela 188).

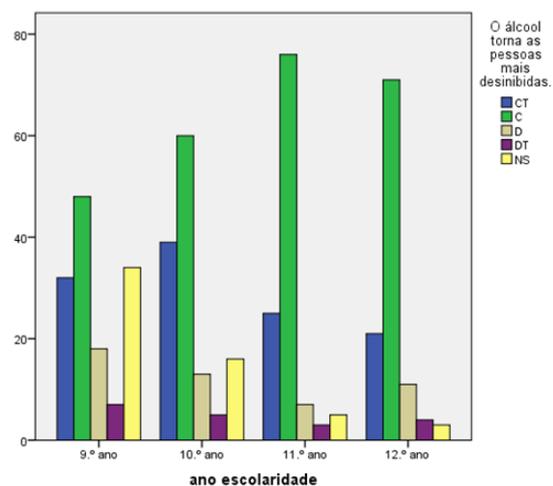


Figura 156. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “O álcool torna as pessoas mais desinibidas”.

Não obstante o elevado desconhecimento de alunos dos quatro anos de escolaridade, a maior parte dos alunos considera que misturar cerveja, vinho e destilados leva à embriaguez mais rapidamente, do que tomar somente um tipo de

bebida, conforme apresentado na Figura 157. Visto que o  $p\text{ value} = 0,013$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Misturar cerveja, vinho e destilados leva à embriaguez mais rapidamente do que tomar somente um tipo de bebida* dependentes (Tabela 185).

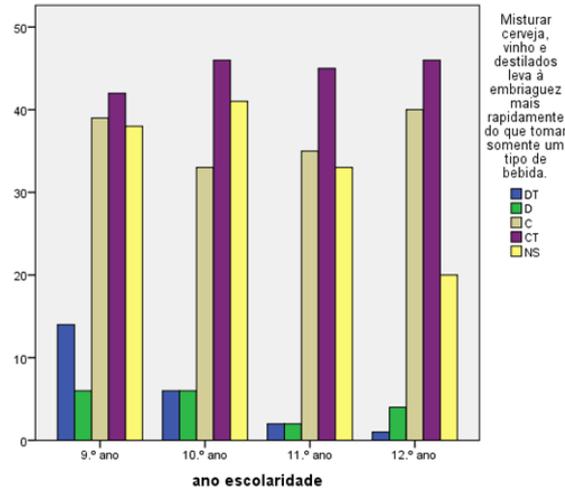


Figura 157. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Misturar cerveja, vinho e destilados leva à embriaguez mais rapidamente do que tomar somente um tipo de bebida”.

Observamos nos gráficos da Figura 158, que nos alunos mais novos, do 9.º e do 10.º ano, predomina o desconhecimento se os efeitos do álcool no corpo da mulher são iguais aos efeitos do álcool no corpo do homem, seguindo-se a discordância. Já no 11.º e no 12.º ano prevalece a discordância, seguindo-se o desconhecimento. Como o  $p\text{ value} = 0,016$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Os efeitos do álcool no corpo da mulher são iguais aos efeitos do álcool no corpo do homem* são dependentes (Tabela 188).

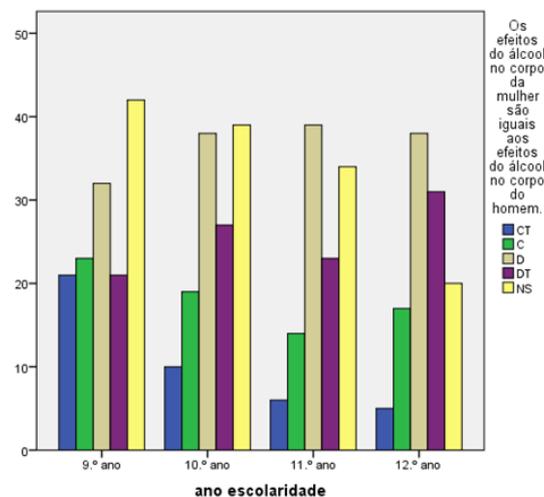


Figura 158. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Os efeitos do álcool no corpo da mulher são iguais aos efeitos do álcool no corpo do homem”.

É clara a dúvida em cada ano de escolaridade apresentado na Figura 159, se ingerir menta ou qualquer outra erva aromática faz diminuir a taxa de alcoolemia. Sendo o  $p\text{ value} = 0,002$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Ingerir menta ou qualquer outra erva aromática faz diminuir a taxa de alcoolemia* são dependentes (Tabela 188).

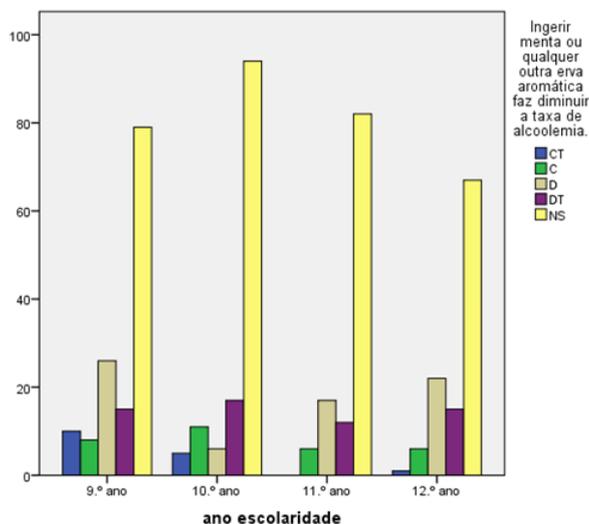


Figura 159. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Ingerir menta ou qualquer outra erva aromática faz diminuir a taxa de alcoolemia”.

Apesar do elevado desconhecimento, principalmente entre os alunos mais novos, que frequentam o 9.º e o 10.º ano, predomina em qualquer ano de escolaridades a discordância de que o álcool é um medicamento (Figura 160). Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,001$  e  $0,038$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *O álcool é um medicamento* são dependentes (Tabela 188).

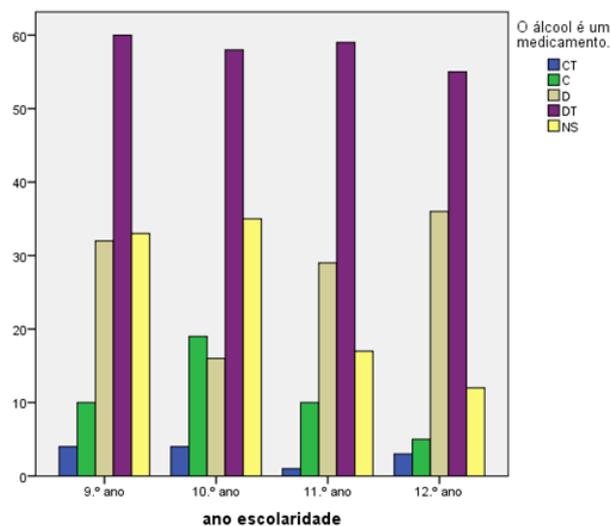


Figura 160. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “O álcool é um medicamento”.

Verificamos na Figura 161 que a maior parte dos alunos dos quatro anos de escolaridade concorda que o álcool aquece. Considerando que o  $p\text{ value} = 0,006$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *O álcool aquece* são dependentes (Tabela 188).

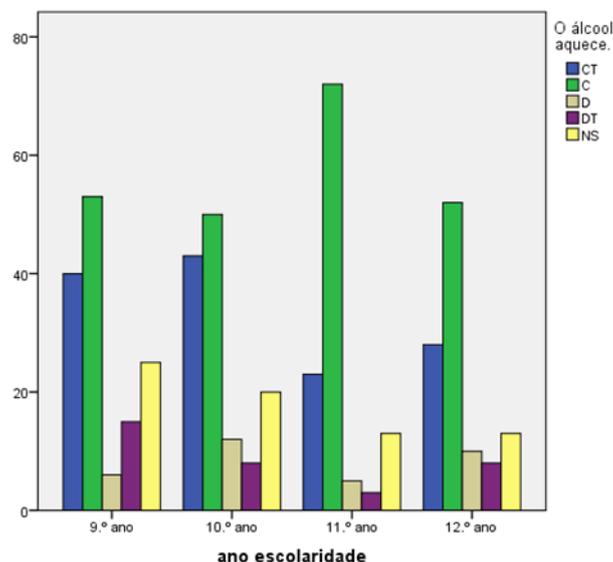


Figura 161. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “O álcool aquece”.

É evidente na Figura 162 que a dúvida se comer caramelos ou qualquer outro produto açucarado faz diminuir a taxa de alcoolemia, impera nos quatro anos de escolaridade. Atendendo que o  $p\text{ value} = 0,014$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Comer caramelos ou qualquer outro produto açucarado faz diminuir a taxa de alcoolemia* são dependentes (Tabela 188).

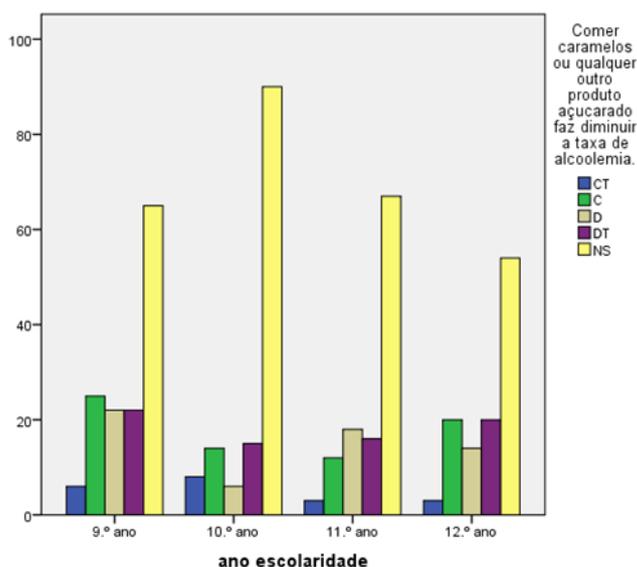


Figura 162. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Comer caramelos ou qualquer outro produto açucarado faz diminuir a taxa de alcoolemia”.

Verificamos na Figura 163 que a maior parte dos alunos do 9.º ao 11.º ano desconhece se beber muita água após ter ingerido álcool, diminui a taxa de alcoolemia, mas a maior parte dos alunos do 12.º ano acredita que a ingestão de água tem esse poder de diminuir a taxa de álcool no sangue. Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,014$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Beber muita água após ter ingerido álcool, diminui a taxa de alcoolemia* são dependentes (Tabela 188).

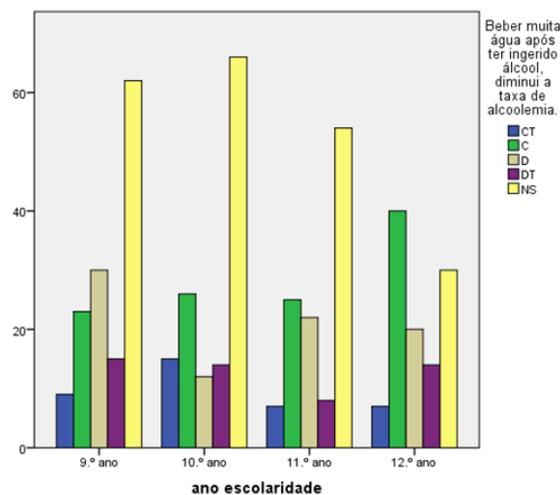


Figura 163. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Beber muita água após ter ingerido álcool, diminui a taxa de alcoolemia”.

Observamos nos gráficos da Figura 164, que à exceção da maior parte dos alunos do 10.º ano, que concorda, a maior parte dos alunos dos restantes anos de escolaridade, discorda que o álcool dê força e/ou energia. Como o  $p\text{ value} = 0,010$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *O álcool dá força e/ou energia* são dependentes (Tabela 188).

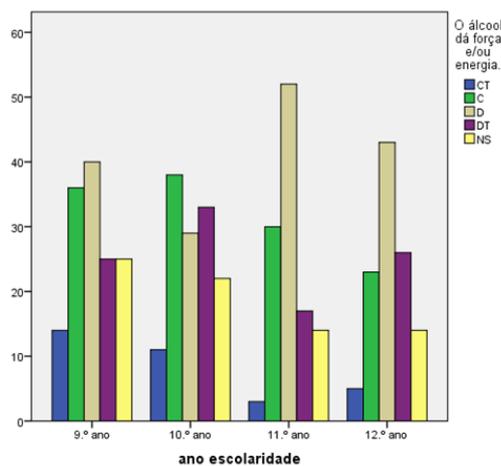


Figura 164. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “O álcool dá força e/ou energia”.

Podemos observar na Figura 165 uma franca tendência dos alunos do 9.º ao 12.º ano, para discordarem de que as bebidas alcoólicas de grande graduação, como o whisky, são prejudiciais para a saúde, mas a cerveja, por exemplo, não o é. Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,004$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *As bebidas alcoólicas de grande graduação, como o whisky, são prejudiciais para a saúde, mas a cerveja, por exemplo, não o é* são dependentes (Tabela 188).

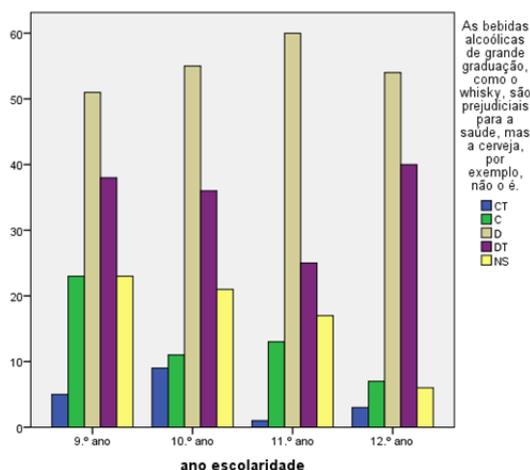


Figura 165. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “As bebidas alcoólicas de grande graduação, como o whisky, são prejudiciais para a saúde, mas a cerveja, por exemplo, não o é”.

É clara na Figura 166 a concordância da grande maioria dos alunos dos quatro anos letivos, de que os efeitos do álcool são mais intensos se for consumido com o estômago vazio, diminuindo o desconhecimento com o aumento do ano letivo. Considerando que o  $p\text{ value} = 0,005$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Os efeitos do álcool são mais intensos se for consumido com o estômago vazio* são dependentes (Tabela 188).

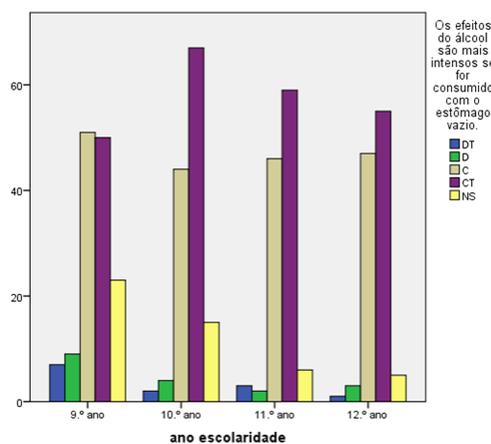


Figura 166. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Os efeitos do álcool são mais intensos se for consumido com o estômago vazio”.

Apesar de se verificar na Figura 167 uma divisão dos alunos entre a concordância e a discordância, de que o alcoólico é um indivíduo a quem o álcool faz mal fisicamente, há uma leve tendência para a discordância no 10.º e no 12.º ano e para a concordância no 11.º ano. Há uma diminuição do desconhecimento do 9.º para o 12.º ano. Atendendo que o  $p\text{ value} = 0,026$  e  $0,017$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *O alcoólico é um indivíduo a quem o álcool faz mal fisicamente* são dependentes (Tabela 185).

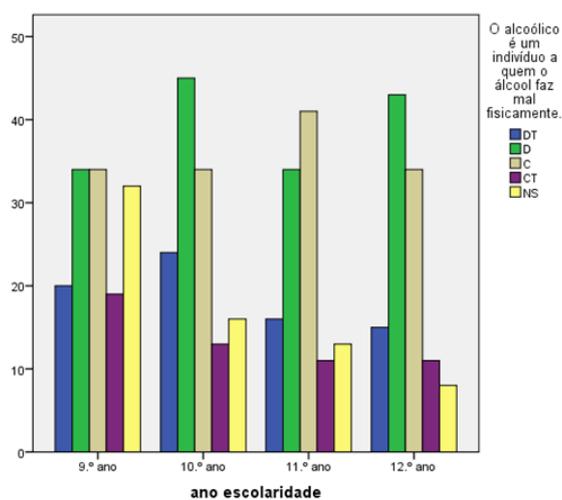


Figura 167. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “O alcoólico é um indivíduo a quem o álcool faz mal fisicamente”.

É bem evidente nos gráficos da Figura 168 a tendência da maioria dos alunos dos quatro anos de escolaridade, para concordarem que o consumo continuado de bebidas alcoólicas pode provocar alterações mentais muito graves, porque destrói os neurónios do cérebro. Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,034$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *O consumo continuado de bebidas alcoólicas pode provocar alterações mentais muito graves, porque destrói os neurónios do cérebro* são dependentes (Tabela 188).

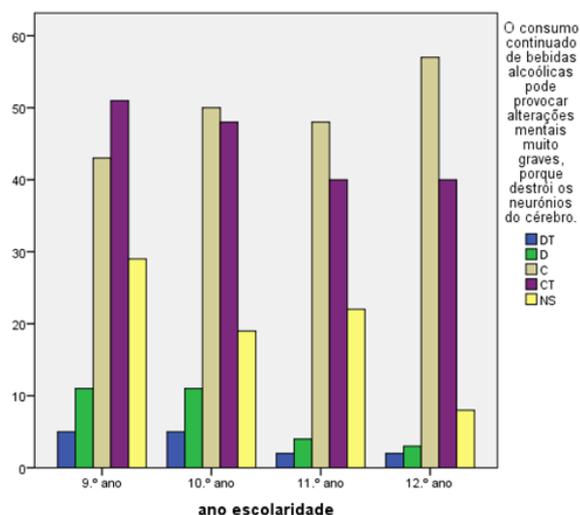


Figura 168. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “O consumo continuado de bebidas alcoólicas pode provocar alterações mentais muito graves, porque destrói os neurónios do cérebro”.

Verificamos que prevalece a dúvida, na maior parte dos alunos do 9.º ao 12.º ano, se o álcool dificulta a digestão (Figura 169). Visto que o  $p\text{ value} = 0,016$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *O álcool dificulta a digestão* são dependentes (Tabela 188).

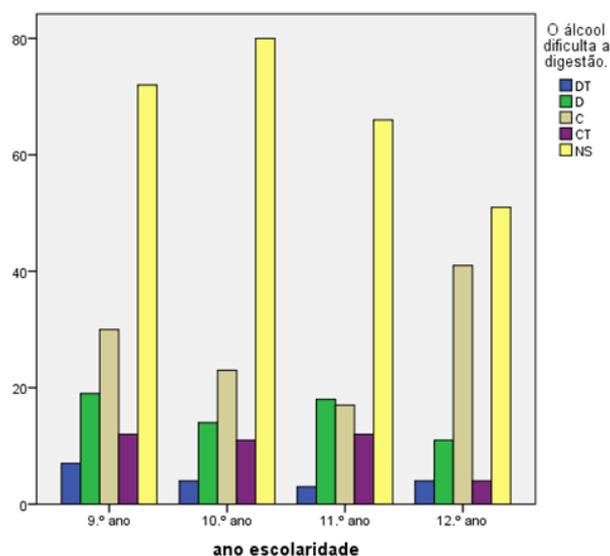


Figura 169. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “O álcool dificulta a digestão”.

De acordo com os gráficos da Figura 170, a maior parte dos alunos dos diferentes anos letivos considera que o hábito de consumir álcool pode facilitar o consumo de tabaco, cocaína, ou outras drogas, ou seja, os policonsumos, diminuindo a dúvida do 9.º para o 12.º ano. Sendo o  $p\text{ value} = 0,036$  e  $0,003$ , então as variáveis *Ano*

de escolaridade e O hábito de consumir álcool pode facilitar o consumo de tabaco, cocaína, ou outras drogas são dependentes (Tabela 188).

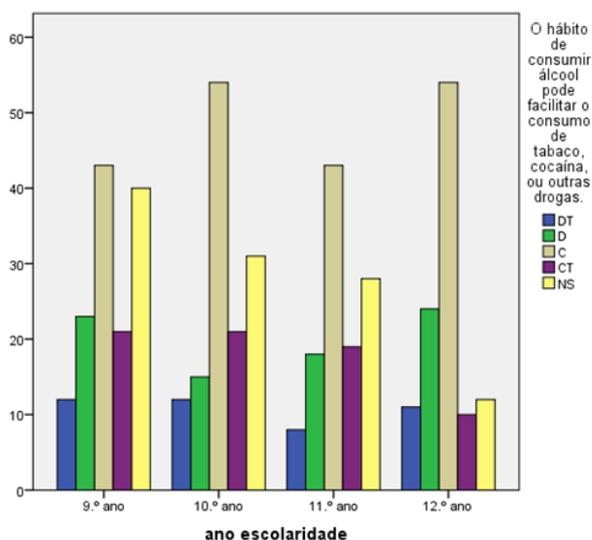


Figura 170. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “O hábito de consumir álcool pode facilitar o consumo de tabaco, cocaína, ou outras drogas”.

A maior parte dos alunos do 9.º ao 11.º ano considera que se se beber um pouco mais de álcool aos fins de semana não apresenta perigo de alcoolismo, desde que não se beba durante a semana. Contudo, a discordância vai aumentando, prevalecendo entre os alunos do 12.º ano (Figura 171). Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,000$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Beber um pouco mais de álcool aos fins de semana não apresenta perigo de alcoolismo, desde que não se beba durante a semana* são dependentes (Tabela 188).

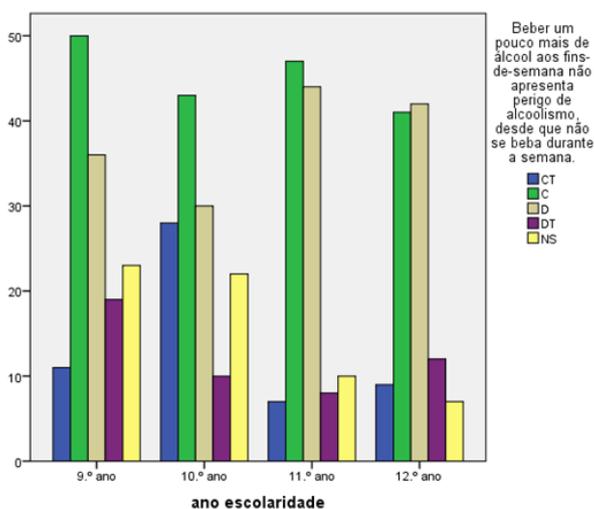


Figura 171. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Beber um pouco mais de álcool aos fins de semana não apresenta perigo de alcoolismo, desde que não se beba durante a semana”.

Verificamos na Figura 172 que entre os alunos do 9.º ao 11.º ano prevalece a dúvida se os efeitos do álcool desaparecem após tomar um banho de água fria, seguindo-se os alunos que discordam desse mito, bem como a maior a parte dos alunos do 12.º ano. Considerando que o  $p\text{ value} = 0,000$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Os efeitos do álcool desaparecem após tomar um banho de água fria* são dependentes (Tabela 188).

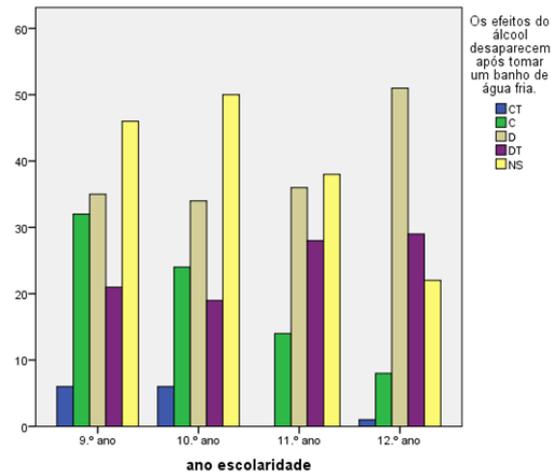


Figura 172. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Os efeitos do álcool desaparecem após tomar um banho de água fria”.

Apenas a maior parte dos alunos do 10.º ano manifesta uma ligeira tendência para considerar que consumir bebidas alcoólicas facilita o “engate”, predominando nos restantes anos de escolaridade a discordância (Figura 173). Atendendo que o  $p\text{ value} = 0,001$  e  $0,032$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Consumir bebidas alcoólicas facilita o “engate”* são dependentes (Tabela 188).

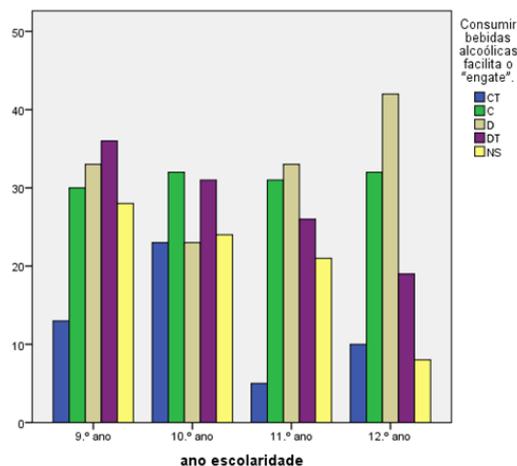


Figura 173. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Consumir bebidas alcoólicas facilita o “engate””.

Na Figura 174 predomina a discordância de que os efeitos do álcool desaparecem depois de vomitar, sendo mais evidente entre os alunos do 12.º ano. Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,000$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Os efeitos do álcool desaparecem depois de vomitar* são dependentes (Tabela 188).

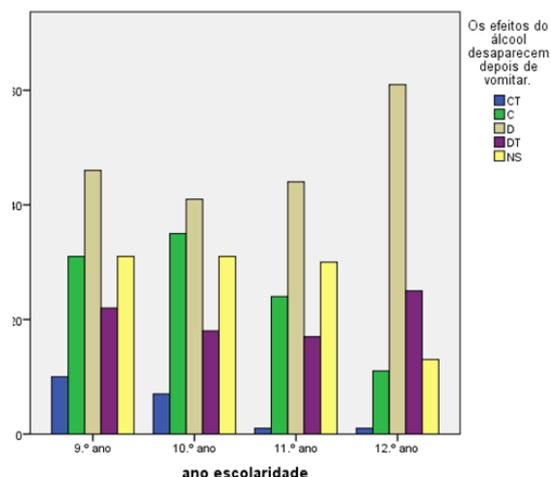


Figura 174. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Os efeitos do álcool desaparecem depois de vomitar”.

É claro o desconhecimento da maioria dos alunos do 9.º ao 12.º ano se um copo de licor ajuda a curar a constipação ou a gripe (Figura 175). Visto que o  $p\text{ value} = 0,001$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Um copo de licor ajuda a curar a constipação ou a gripe* são dependentes (Tabela 188).

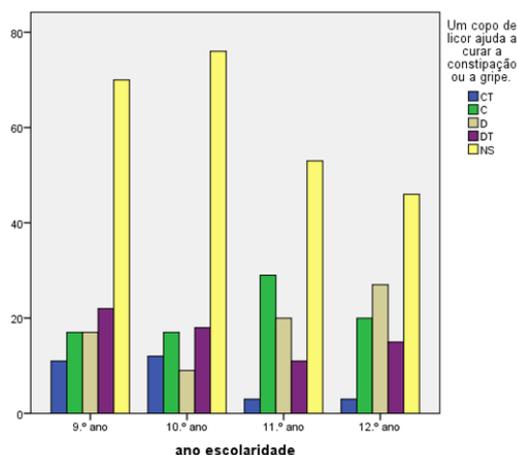


Figura 175. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Um copo de licor ajuda a curar a constipação ou a gripe”.

Nesta variável há claramente divisão de opiniões, nos diferentes anos letivos, de acordo com o observado na Figura 176. A maior parte dos alunos do 9.º ano tem

dúvidas se as pessoas que aguentam consumir muito álcool sem se embriagarem, têm menos possibilidades que as outras de se tornarem alcoólicas, seguindo-se os que consideram que assim é. No 10.º ano, a maior parte também tem dúvidas, mas seguem-se os alunos que discordam da possibilidade referida, bem como a maior parte dos alunos do 11.º e do 12.º anos, que consideram que as pessoas que aguentam consumir muito álcool sem se embriagarem, têm mais probabilidade de se tornarem alcoólicas. Como o  $p\text{ value} = 0,000$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *As pessoas que aguentam consumir muito álcool sem se embriagarem têm menos possibilidades que as outras de se tornarem alcoólicas* são dependentes (Tabela 188).

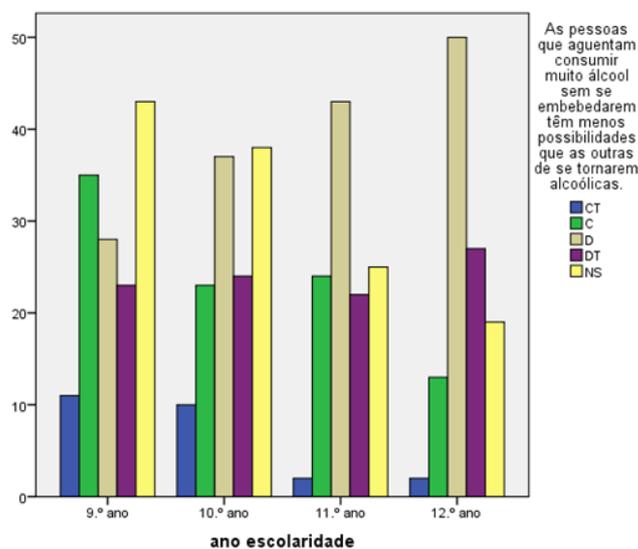


Figura 176. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “As pessoas que aguentam consumir muito álcool sem se embriagarem têm menos possibilidades que as outras de se tornarem alcoólicas”.

Verificamos na Figura 177 um nítido predomínio da concordância, nos diferentes anos de escolaridade de que o consumo de bebidas alcoólicas influencia o número de acidentes de viação, havendo uma diminuição da discordância e da dúvida, com o aumento do ano letivo. Sendo o  $p\text{ value} = 0,001$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *O consumo de bebidas alcoólicas influencia o número de acidentes de viação* são dependentes (Tabela 188).

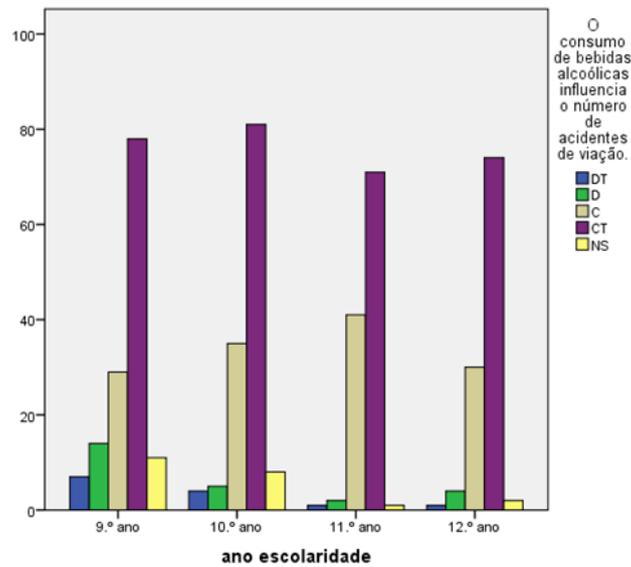


Figura 177. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “O consumo de bebidas alcoólicas influencia o número de acidentes de viação”.

Em coerência com a questão anterior, voltamos a observar na Figura 178 a prevalência clara da concordância, nos diferentes anos de escolaridade de que o consumo excessivo de bebidas alcoólicas conduz ao aumento da criminalidade, havendo uma diminuição da dúvida, com o aumento do ano letivo. Tendo em conta que o  $p$  value = 0,044 e 0,015, então as variáveis *Ano de escolaridade* e *O consumo excessivo de bebidas alcoólicas conduz ao aumento da criminalidade* são dependentes (Tabela 188).

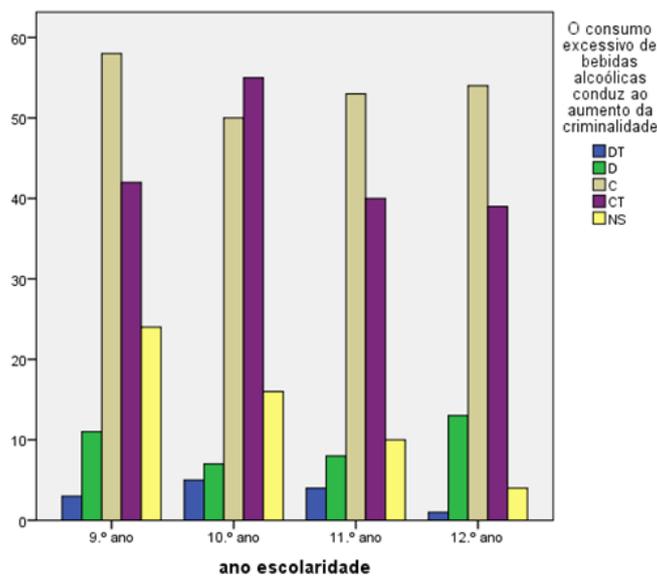


Figura 178. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “O consumo excessivo de bebidas alcoólicas conduz ao aumento da criminalidade”.

As respostas dos alunos do 9.º ao 12.º ano encontram-se muito divididas entre a concordância e a discordância de que as festas são mais divertidas se tiverem álcool, verificando-se também na Figura 179 uma diminuição da dúvida, com o aumento do ano de escolaridade. Considerando que o  $p\text{ value} = 0,011$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *As festas são mais divertidas se tiverem álcool* são dependentes (Tabela 188).

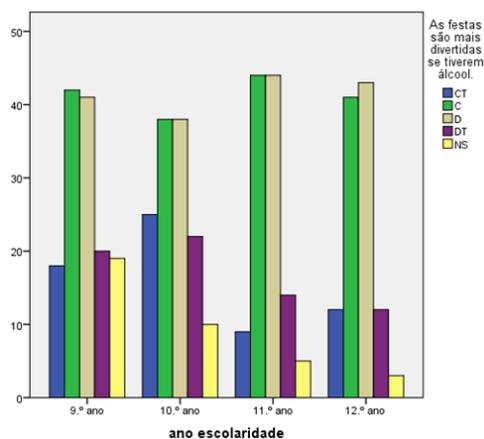


Figura 179. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “As festas são mais divertidas se tiverem álcool”.

Da análise dos gráficos da Figura 180, atestamos que os alunos mais novos, do 9.º ano, consideram que não sentem necessidade de ter mais conhecimentos acerca dos efeitos e consequências do álcool, ao contrário da maior parte dos alunos dos restantes anos letivos, que sentem essa necessidade. Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,001$  e  $0,054$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *Sinto necessidade de ter mais conhecimentos acerca dos efeitos e consequências do álcool* são dependentes (Tabela 188).

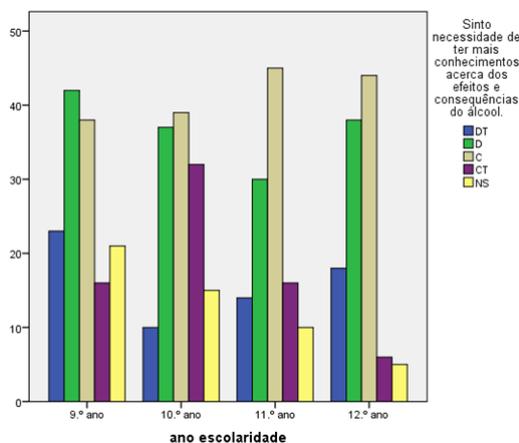


Figura 180. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “Sinto necessidade de ter mais conhecimentos acerca dos efeitos e consequências do álcool”.

É nítida na Figura 181 a concordância, nos quatro anos de escolaridade, de que a dependência do álcool é um problema de saúde mental, diminuindo a dúvida do 9.º para o 11.º ano. Como o  $p\text{ value} = 0,021$  e  $0,001$ , então as variáveis *Ano de escolaridade* e *A dependência do álcool é um problema de saúde mental* são dependentes (Tabela 188).

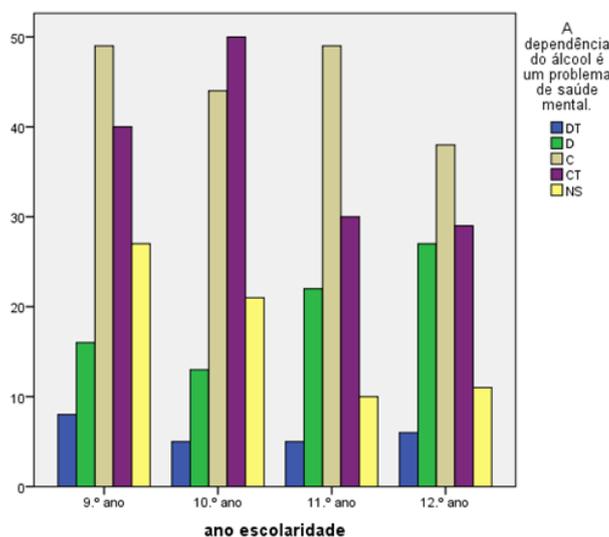


Figura 181. Gráficos de frequências das variáveis “Ano de escolaridade” e “A dependência do álcool é um problema de saúde mental”.

Resumindo os resultados significativos da associação entre a variável *Ano de escolaridade* da dimensão I e as variáveis da dimensão III, é evidente em qualquer ano a concordância de que o álcool é uma droga, pelo que os médicos não exageram quando falam dos seus malefícios, que preocupam os inquiridos. Se a maioria dos amigos consumir bebidas alcoólicas, eles não bebem para se integrarem no grupo, mas consideram que, na generalidade os jovens fazem isso. A maior parte dos alunos do 9.º e 10.º ano concordam que, se os seus amigos os incentivarem a consumir álcool numa festa, aceitariam, enquanto os do 11.º e 12.º ano recusariam. Contudo, todos consideram que se os amigos os incentivassem, não consumiriam mais do que o que é costume. Também a maior parte dos alunos do 9.º e 10.º ano se sentem tentados a beber, quando os amigos consomem bebidas alcoólicas, o que não acontece com os alunos do 11.º e 12.º anos. Na generalidade consideram que: os jovens consomem álcool para relaxar e acalmar os nervos; conseguem resistir facilmente ao consumo de bebidas alcoólicas; o consumo de álcool facilita a aceitação pelo grupo de amigos; o álcool não é um meio de se afirmarem; os jovens bebem para fugir à realidade; o álcool não torna as pessoas mais bonitas; o álcool não permite controlar o peso; o alcoólico é uma pessoa que se embebeda com muita frequência; o álcool não faz bem ao coração; o álcool é a causa do

alcoolismo; o álcool desinibe as pessoas; misturar cerveja, vinho e destilados leva à embriaguez mais rapidamente, do que se tomar apenas um tipo de bebida; o álcool não é um medicamento; o álcool não aquece; os efeitos do álcool são mais intensos se consumidos de estômago vazio; o consumo continuado de bebidas alcoólicas pode provocar lesões mentais graves, porque destrói os neurónios; o consumo de álcool pode facilitar o policonsumo; os efeitos do álcool não desaparecem depois de vomitar; o consumo de álcool influencia o número de acidentes de viação, bem como a criminalidade; a dependência de álcool é um problema de saúde mental.

Com exceção dos alunos do 10.º ano que discordam, os restantes consideram que o álcool não melhora a capacidade de relacionamento, não facilita o “engate”, nem dá força. Dos quatro anos de escolaridade, apenas a maior parte dos alunos do 9.º ano considera que álcool não facilita as relações sociais. A maior parte dos alunos do 9.º ao 11.º ano: desconhece se o álcool é afrodisíaco (enquanto que no 12.º ano estão divididos entre a concordância e a discordância); desconhece se beber muita água faz diminuir a taxa de alcoolemia (enquanto que no 12.º discordam); considera que se se beber um pouco mais aos fins de semana não apresenta perigo de alcoolismo, desde que não se beba durante a semana (discordando os alunos do 12.º ano).

A maior parte dos alunos do 9.º e 10.º ano não sabe se álcool abre o apetite, ou se os efeitos do álcool são iguais no corpo do homem e no da mulher, e os do 11.º e 12.º anos discordam.

É notório o desconhecimento em qualquer ano de escolaridade se: beber azeite, ingerir menta ou qualquer outra erva aromática, comer caramelos ou produtos açucarados faz diminuir a taxa de alcoolemia; beber café cura a ressaca; o álcool dificulta a digestão; os efeitos do álcool desaparecem após um banho de água fria; um copo de licor ajuda a curar a constipação.

Dos quatro anos letivos considerados, apenas a maior parte dos do 9.º ano não sentem necessidade de ter mais conhecimentos acerca dos efeitos e consequências do consumo de álcool.

➤ **Sexo x Variáveis da Dimensão III – Representações sociais dos alunos acerca dos consumos de álcool**

Tabela 189

*Análise da intensidade e sentido da associação entre variáveis "Sexo" e as restantes, nos alunos do 9.º ano*

Variáveis	N.º de casos válidos	Chisquare	Cramer's V Value	Approx. Sig.	Kendall's tau-b Value	Approx. Sig.
<i>Sexo x O álcool cria dependência psíquica.</i>	140	0,015	0,298	0,015		
<i>Sexo x O consumo de álcool provoca doenças sem importância</i>	139	0,037	0,271	0,037		
<i>Sexo x O consumo de álcool torna o jovem mais adulto</i>	139	0,034	0,237	0,034	-0,156	0,048
<i>Sexo x Os jovens que consomem bebidas alcoólicas bebem para fugir à realidade</i>	140				0,177	0,017
<i>Sexo x Consumir bebidas alcoólicas melhora o desempenho académico</i>	139	0,045	0,265	0,045		
<i>Sexo x Consumir bebidas alcoólicas melhora a capacidade de relacionamento com os outros</i>	139	0,033	0,274	0,033		
<i>Sexo x O álcool torna as pessoas mais bonitas</i>	139	0,021	0,289	0,021		
<i>Sexo x O vinho é uma bebida leve, pois contém menos álcool do que as outras bebidas</i>	139				-0,155	0,039
<i>Sexo x O álcool permite controlar o peso</i>	139	0,001	0,342	0,001		
<i>Sexo x Beber azeite faz diminuir a taxa de alcoolemia</i>	139	0,023	0,285	0,023		
<i>Sexo x O álcool mata a sede</i>	139	0,000	0,399	0,000		
<i>Sexo x O álcool alimenta</i>	139	0,043	0,266	0,043	-0,173	0,031
<i>Sexo x Um alcoólico é uma pessoa que se embebeda com muita frequência</i>	139	0,009	0,312	0,009		
<i>Sexo x O consumo de álcool pode curar a ressaca</i>	139	0,044	0,265	0,044		
<i>Sexo x O dependente de álcool é uma pessoa fraca e irresponsável</i>	139				0,161	0,035
<i>Sexo x O álcool é a causa do alcoolismo</i>	137	0,045	0,267	0,045	0,203	0,010
<i>Sexo x Os efeitos do álcool no corpo da mulher são iguais aos efeitos do álcool no corpo do homem</i>	139	0,039	0,269	0,039	-0,155	0,037
<i>Sexo x Fazer exercício ajuda a fazer baixar os níveis de alcoolemia</i>	139	0,047	0,264	0,047	-0,177	0,021
<i>Sexo x Mastigar um grão de café faz diminuir a taxa de alcoolemia</i>	139	0,025	0,284	0,025		
<i>Sexo x O álcool dá força e/ou energia</i>	140				0,191	0,010
<i>Sexo x O consumo continuado de bebidas alcoólicas pode provocar alterações mentais muito graves, porque destrói os neurónios do cérebro</i>	139	0,011	0,307	0,011		
<i>Sexo x O consumo de bebidas alcoólicas influencia o número de acidentes de viação</i>	139	0,028	0,279	0,028		
<i>Sexo x AUDIT</i>	130	0,036	0,482	0,036		

Na Figura 182 predomina a concordância, em ambos os sexos, de que o álcool cria dependência psíquica, sendo mais evidente nas raparigas do que nos rapazes. Como

o  $p$  value = 0,015, então as variáveis *Sexo* e *O álcool cria dependência psíquica* são dependentes (Tabela 189).

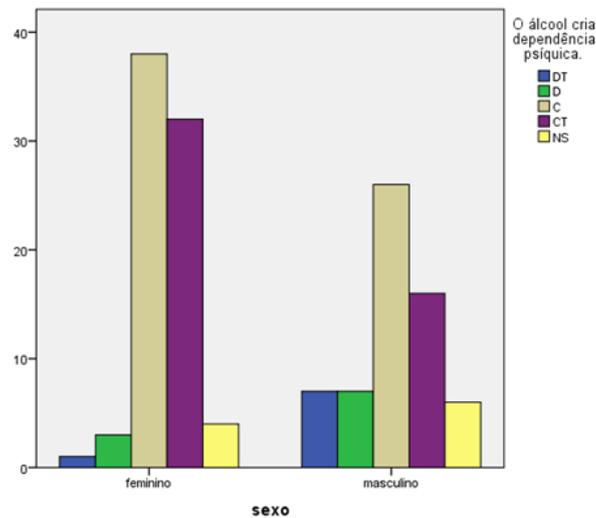


Figura 182. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O álcool cria dependência psíquica”.

Tanto a maior parte das raparigas como dos rapazes considera que o álcool não provoca doenças sem importância, verificando-se um predomínio desta tendência nas raparigas (Figura 183). Sendo o  $p$  value = 0,037, então as variáveis *Sexo* e *O consumo de álcool provoca doenças sem importância* são dependentes (Tabela 189).

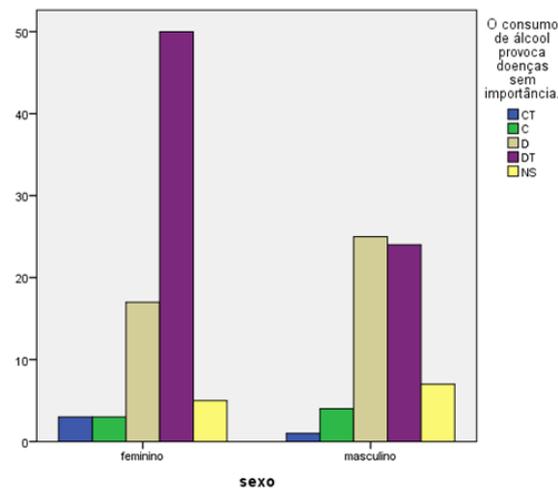


Figura 183. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O consumo de álcool provoca doenças sem importância”.

Também nesta associação se verifica que tanto as raparigas como os rapazes discordam de que o consumo de álcool torna o jovem mais adulto (Figura 184).

Atendendo que o  $p$  value = 0,034 e 0,048, então as variáveis *Sexo* e *O consumo de álcool torna o jovem mais adulto* são dependentes (Tabela 189).

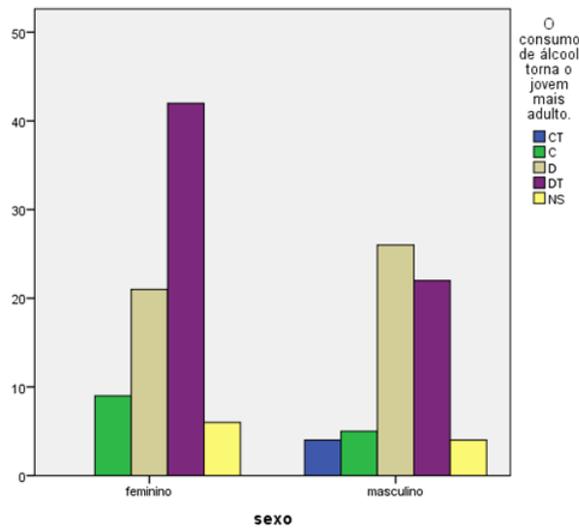


Figura 184. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O consumo de álcool torna o jovem mais adulto”.

Apesar das opiniões estarem mais divididas, como é evidente na Figura 185, quer as raparigas, quer os rapazes concordam que os jovens consomem bebidas alcoólicas para fugir à realidade, sendo mais evidente nas raparigas. Considerando o  $p$  value = 0,017, então as variáveis *Sexo* e *Os jovens que consomem bebidas alcoólicas bebem para fugir à realidade* são dependentes (Tabela 189).

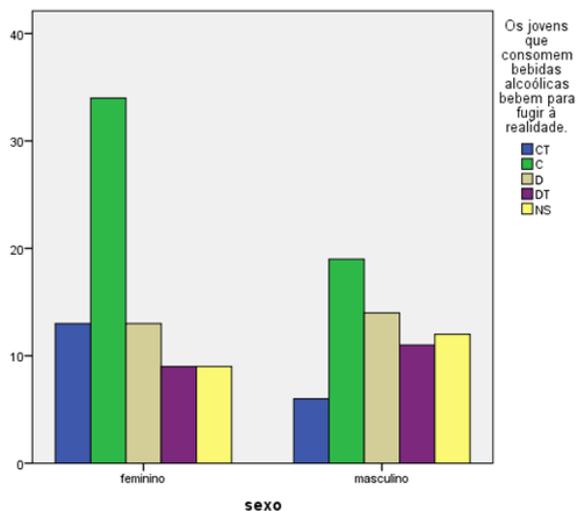


Figura 185. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Os jovens que consomem bebidas alcoólicas bebem para fugir à realidade”.

É clara a discordância, na Figura 186, tanto nos rapazes como nas raparigas, de que consumir bebidas alcoólicas melhora o desempenho académico. Visto que o  $p$  value

= 0,045, então as variáveis *Sexo* e *Consumir bebidas alcoólicas melhora o desempenho acadêmico* são dependentes (Tabela 189).

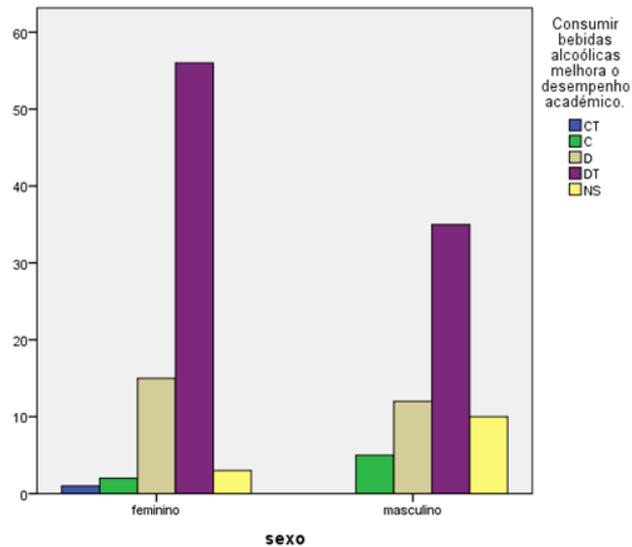


Figura 186. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Consumir bebidas alcoólicas melhora o desempenho acadêmico”.

De acordo com os gráficos da Figura 187, verificamos que a maior parte das raparigas e dos rapazes consideram que consumir bebidas alcoólicas não melhora a capacidade de relacionamento com os outros, sendo maior o desconhecimento nos rapazes do que nas raparigas. Sabendo que o *p value* = 0,033, então as variáveis *Sexo* e *Consumir bebidas alcoólicas melhora a capacidade de relacionamento com os outros* são dependentes (Tabela 189).

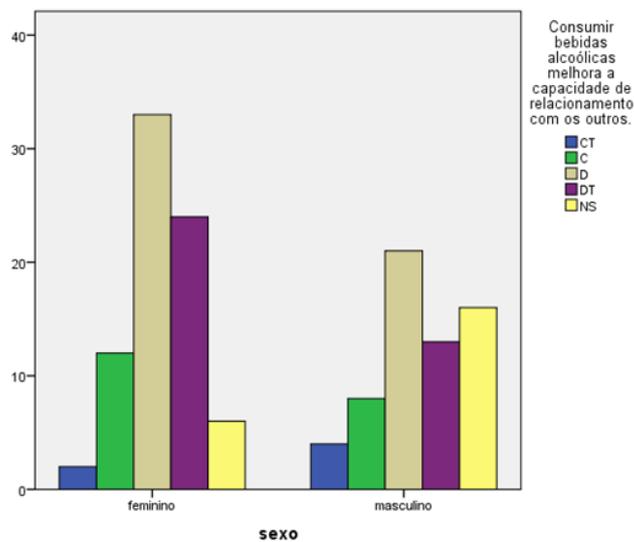


Figura 187. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Consumir bebidas alcoólicas melhora a capacidade de relacionamento com os outros”.

Tanto nos rapazes como nas raparigas predomina a discordância de que o álcool torne as pessoas mais bonitas (Figura 188). Como o  $p\text{ value} = 0,021$ , então as variáveis *Sexo* e *O álcool torna as pessoas mais bonitas* são dependentes (Tabela 189).

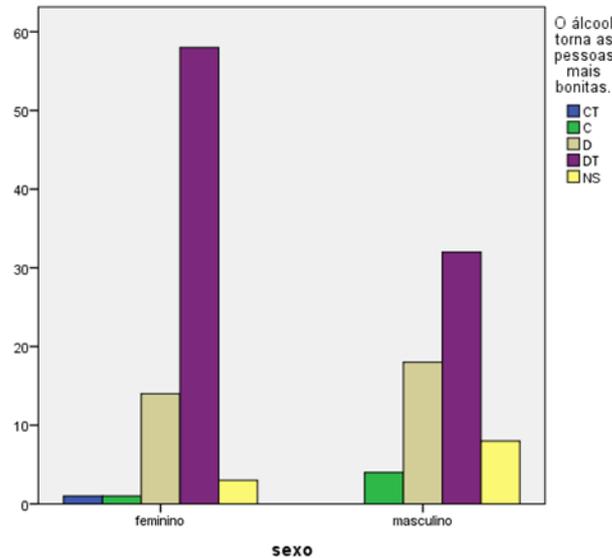


Figura 188. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O álcool torna as pessoas mais bonitas”.

Apesar do elevado desconhecimento, evidente nos gráficos da Figura 189, a maior parte das raparigas discorda ou discorda totalmente de que vinho é uma bebida leve, pois contém menos álcool do que as outras bebidas, estando os rapazes mais divididos entre a concordância e discordância. Considerando o  $p\text{ value} = 0,039$ , então as variáveis *Sexo* e *O vinho é uma bebida leve, pois contém menos álcool do que as outras bebidas* são dependentes (Tabela 189).

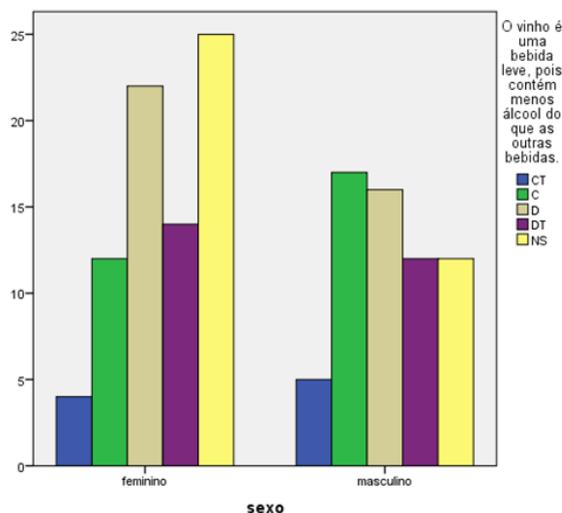


Figura 189. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O vinho é uma bebida leve, pois contém menos álcool do que as outras bebidas”.

Observamos na Figura 190 que a maior parte das raparigas, que também se preocupam mais com o peso discorda que o álcool permite controlar o peso, enquanto a maior parte dos rapazes desconhece se isso acontece. Atendendo a que o  $p\text{ value} = 0,001$ , então as variáveis *Sexo* e *O álcool permite controlar o peso* são dependentes (Tabela 189).

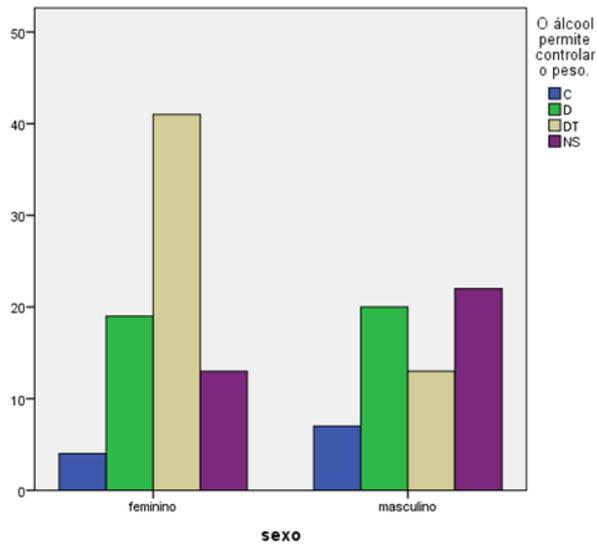


Figura 190. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O álcool permite controlar o peso”.

É evidente na Figura 191 o desconhecimento, tanto nas raparigas como nos rapazes, se beber azeite faz diminuir a taxa de alcoolemia. Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,023$ , então as variáveis *Sexo* e *Beber azeite faz diminuir a taxa de alcoolemia* são dependentes (Tabela 189).

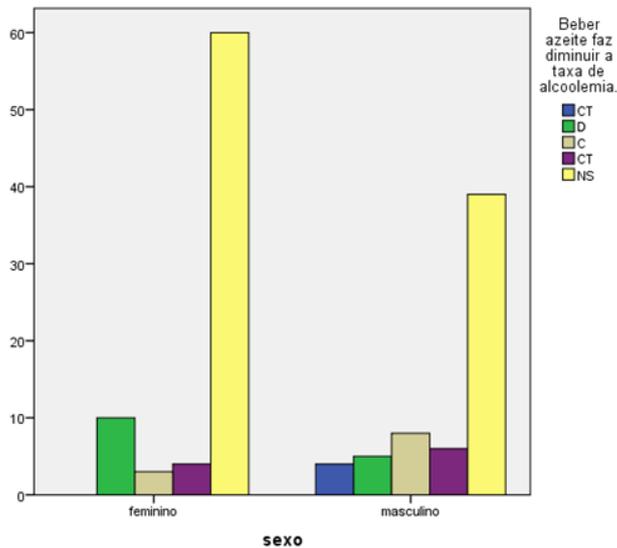


Figura 191. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Beber azeite faz diminuir a taxa de alcoolemia”.

Analisando os gráficos da Figura 192, atestamos que as raparigas discordam maioritariamente que o álcool mata a sede, enquanto a maior parte dos rapazes desconhece esse facto, estando a opinião dos restantes divididas entre a concordância e discordância. Considerando que o  $p\text{ value} = 0,000$ , então as variáveis *Sexo* e *O álcool mata a sede* são dependentes (Tabela 189).

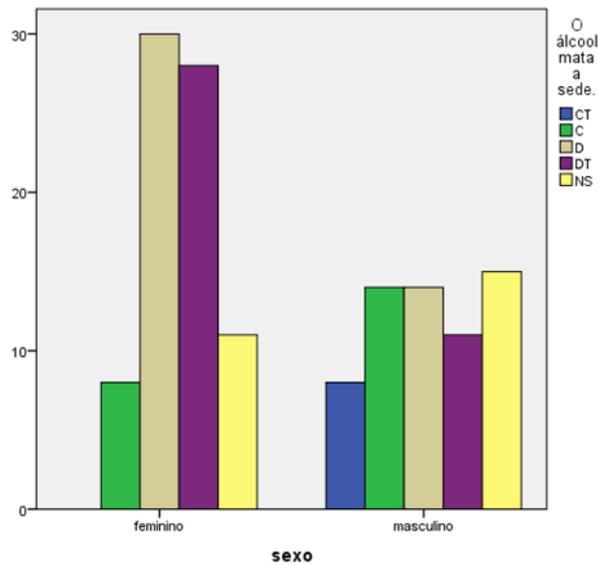


Figura 192. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O álcool mata a sede”.

Tanto nas raparigas como nos rapazes, predomina a discordância de que o álcool alimenta (Figura 193). Visto que o  $p\text{ value} = 0,043$  e  $0,031$ , então as variáveis *Sexo* e *O álcool alimenta* são dependentes (Tabela 189).

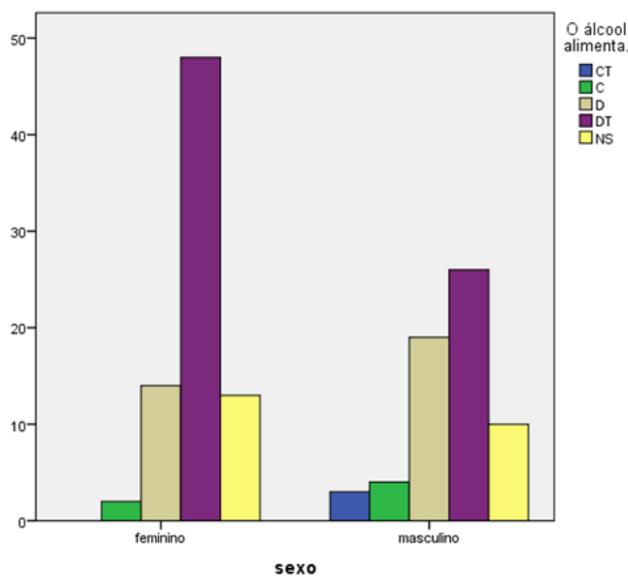


Figura 193. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O álcool alimenta”.

É evidente na Figura 194 a tendência de ambos os sexos para concordar que um alcoólico é uma pessoa que se embriaga com muita frequência. Sendo o  $p\text{ value} = 0,009$ , então as variáveis *Sexo* e *Um alcoólico é uma pessoa que se embriaga com muita frequência* são dependentes (Tabela 189).

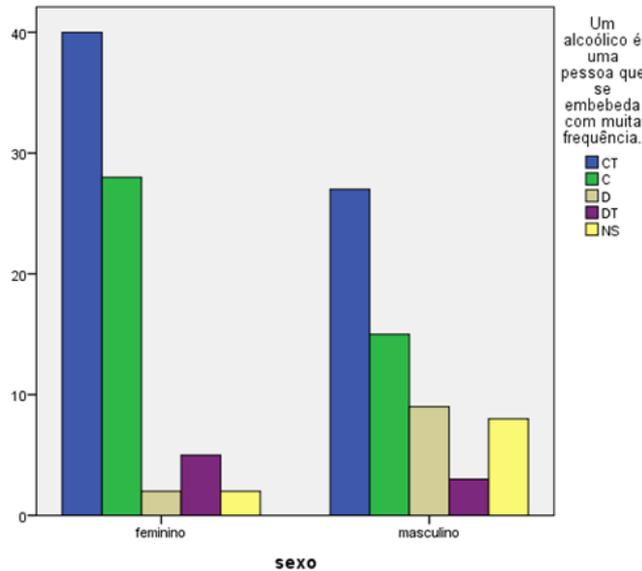


Figura 194. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Um alcoólico é uma pessoa que se embriaga com muita frequência”.

Predomina na Figura 195 o desconhecimento tanto nas raparigas como nos rapazes, se o consumo de café pode curar a ressaca, sendo a concordância maior nas raparigas. Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,044$ , então as variáveis *Sexo* e *O consumo de café pode curar a ressaca* são dependentes (Tabela 189).

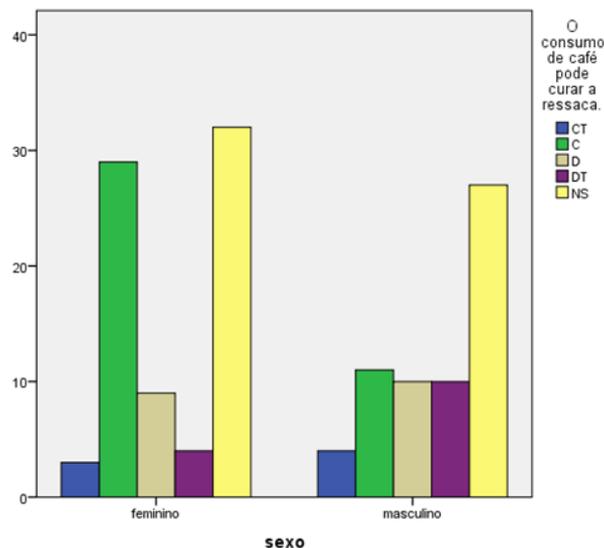


Figura 195. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O consumo de álcool pode curar a ressaca”.

De acordo com a análise dos gráficos da Figura 196, a maior parte das raparigas e dos rapazes considera que o dependente de álcool é uma pessoa fraca e irresponsável. Considerando que o  $p\text{ value} = 0,035$ , então as variáveis *Sexo* e *O dependente de álcool é uma pessoa fraca e irresponsável* são dependentes (Tabela 189).

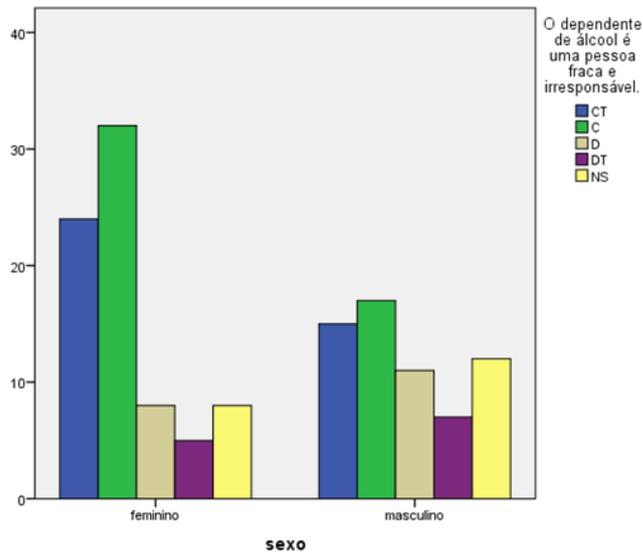


Figura 196. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O dependente de álcool é uma pessoa fraca e irresponsável”.

Na Figura 197 predominam os rapazes e as raparigas que consideram que o álcool é a causa do alcoolismo. Atendendo que o  $p\text{ value} = 0,045$  e  $0,010$ , então as variáveis *Sexo* e *O álcool é a causa do alcoolismo* são dependentes (Tabela 189).

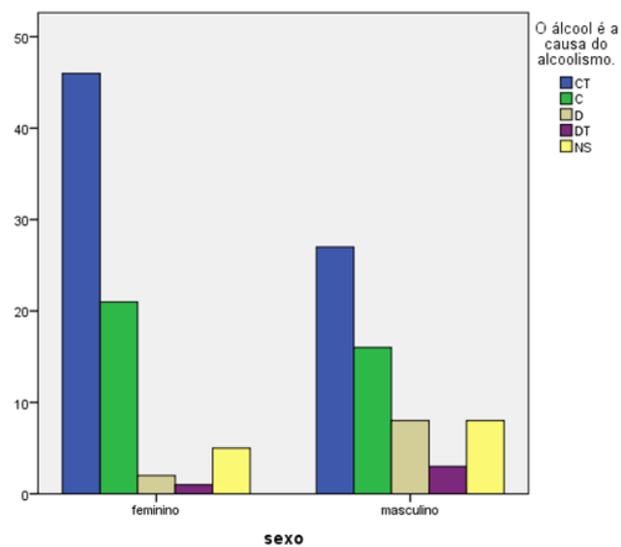


Figura 197. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O álcool é a causa do alcoolismo”.

Enquanto a maior parte das raparigas desconhece se os efeitos do álcool no corpo da mulher são iguais aos efeitos do álcool no corpo do homem, a maior parte dos rapazes discorda deste facto (Figura 198). Considerando que o  $p\text{ value} = 0,039$  e  $0,037$ , então as variáveis *Sexo* e *Os efeitos do álcool no corpo da mulher são iguais aos efeitos do álcool no corpo do homem* são dependentes (Tabela 189).

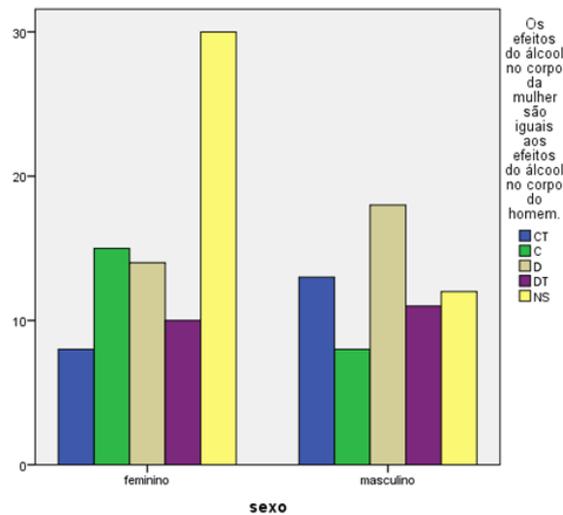


Figura 198. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Os efeitos do álcool no corpo da mulher são iguais aos efeitos do álcool no corpo do homem”.

Analisando os dados da Figura 199 é evidente que tanto as raparigas como os rapazes desconhecem se fazer exercício ajuda a baixar os níveis de alcoolemia. Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,047$  e  $0,021$ , então as variáveis *Sexo* e *Fazer exercício ajuda a fazer baixar os níveis de alcoolemia* são dependentes (Tabela 189).

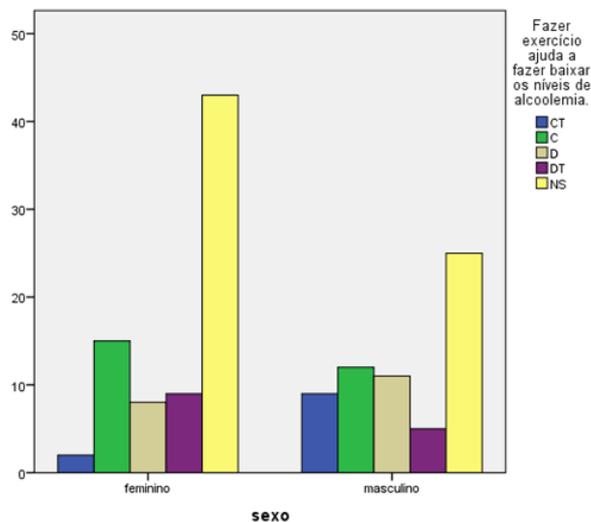


Figura 199. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Fazer exercício ajuda a fazer baixar os níveis de alcoolemia”.

A maioria das raparigas e dos rapazes desconhecem se mastigar um grão de café faz diminuir a taxa de alcoolemia, conforme a Figura 200. Visto que o  $p\text{ value} = 0,025$ , então as variáveis *Sexo* e *Mastigar um grão de café faz diminuir a taxa de alcoolemia* são dependentes (Tabela 189).

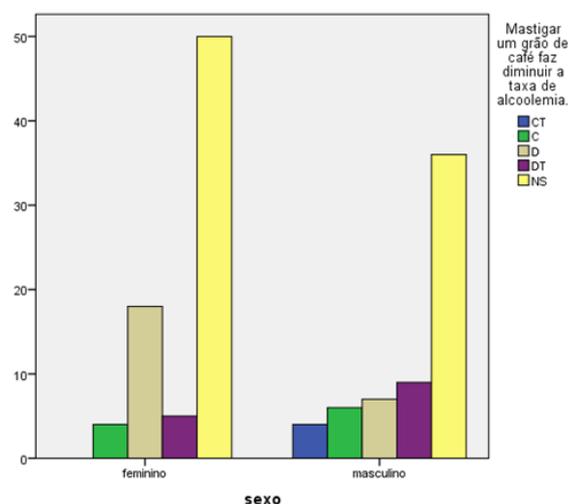


Figura 200. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Mastigar um grão de café faz diminuir a taxa de alcoolemia”.

Enquanto a maior parte das raparigas concorda que o álcool dá força e energia, a maior parte dos rapazes discorda, não obstante a elevado número de alunos que o desconhecem, como evidencia a Figura 201. Atendendo a que o  $p\text{ value} = 0,010$ , então as variáveis *Sexo* e *O álcool dá força e/ou energia* são dependentes (Tabela 189).

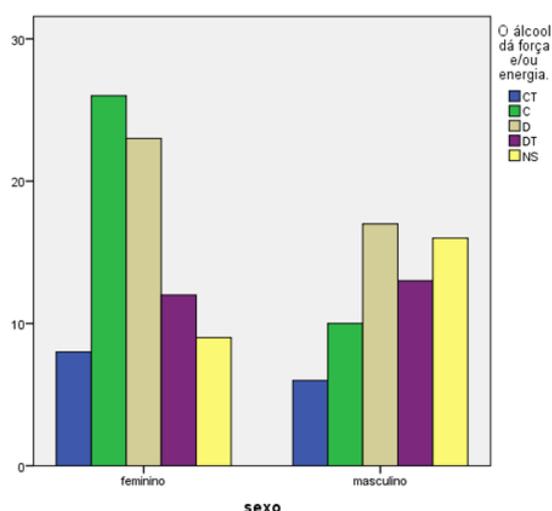


Figura 201. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O álcool dá força e/ou energia”.

Tanto nos rapazes como nas raparigas predomina claramente a concordância de que o consumo continuado de bebidas alcoólicas pode provocar alterações mentais

muito graves, porque destrói os neurónios do cérebro (Figura 202). Sabendo que o  $p$  value = 0,011, então as variáveis *Sexo* e *O consumo continuado de bebidas alcoólicas pode provocar alterações mentais muito graves, porque destrói os neurónios do cérebro* são dependentes (Tabela 189).

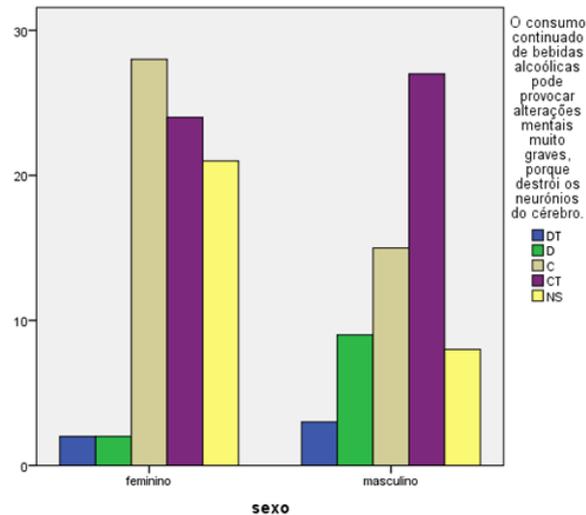


Figura 202. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O consumo continuado de bebidas alcoólicas pode provocar alterações mentais muito graves, porque destrói os neurónios do cérebro.”.

Novamente, verificamos na Figura 203 que, tanto nos rapazes como nas raparigas predomina nitidamente a concordância de que o consumo de bebidas alcoólicas influencia o número de acidentes de viação. Visto que o  $p$  value = 0,028, então as variáveis *Sexo* e *O consumo de bebidas alcoólicas influencia o número de acidentes de viação* são dependentes (Tabela 189).

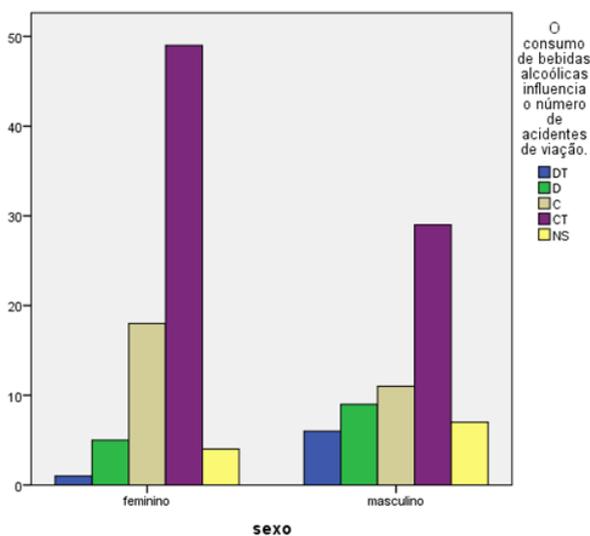


Figura 203. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O consumo de bebidas alcoólicas influencia o número de acidentes de viação.”.

Analisando os gráficos da Figura 204, verificamos que a maior parte das raparigas e dos rapazes apresenta consumos de baixo risco, ou seja, com valores do autoteste *AUDIT* inferiores ou iguais a 7. Considerando que o *p value* = 0,036, então as variáveis *Sexo* e *AUDIT* são dependentes (Tabela 189).

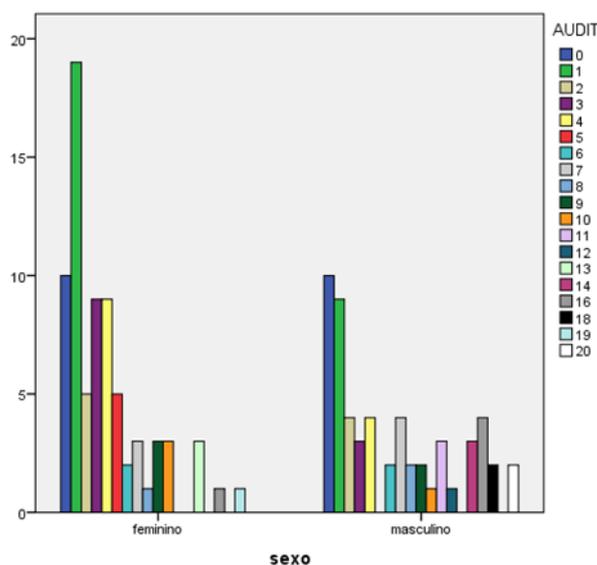


Figura 204. Gráfico de frequências das variáveis "Sexo" e "AUDIT".

Numa sinopse dos resultados, verificamos que, tanto os rapazes como as raparigas consideram que o álcool cria dependência psíquica, provocando doenças com importância, sendo esta opinião mais reforçada pelas raparigas. Ambos os géneros consideram que: o consumo de álcool não torna o jovem mais adulto; os jovens consomem bebidas alcoólicas para fugir à realidade, o consumo de álcool não melhora o desempenho académico, nem a capacidade de relacionamento; o álcool não torna as pessoas mais bonitas; o álcool não alimenta; o alcoólico é uma pessoa que se embebeda com muita frequência; o dependente de álcool é uma pessoa fraca e irresponsável; o álcool é a causa do alcoolismo; o consumo continuado de bebidas alcoólicas pode provocar alterações mentais muito graves, porque destrói os neurónios; o consumo de bebidas alcoólicas influencia o número de acidentes de viação.

Também podemos verificar que ambos desconhecem se: beber azeite, se fazer exercício físico, ou se mastigar um grão de café faz diminuir a taxa de alcoolemia; o consumo de café pode curar a ressaca.

Enquanto a maior parte das raparigas discorda de que o vinho é uma bebida leve, pois contém menos álcool do que as outras bebidas, os rapazes encontram-se divididos entre a concordância e a discordância. Se a maior parte das raparigas considera que o

álcool não permite controlar o peso, nem mata a sede, já a maior parte dos rapazes tem dúvidas. É a maior parte das raparigas que desconhece se os efeitos do álcool são iguais no corpo do homem e da mulher, enquanto os rapazes tendem a discordar que os efeitos sejam iguais. As raparigas concordam que o álcool de força ou energia, mas os rapazes discordam.

Em ambos os géneros predominam os consumos de baixo risco, de acordo com o *AUDIT*.

Tabela 190  
Análise da intensidade e sentido da associação entre variáveis "Sexo" e as restantes, nos alunos do 10.º ano

Variáveis	N.º de casos válidos	Chisquare	Cramer's V Value	Approx. Sig.	Kendall's tau-b Value	Approx. Sig.
<i>Sexo x O álcool cria dependência psíquica</i>	133	0,031	0,283	0,031	-0,180	0,022
<i>Sexo x O álcool provoca doenças sem importância</i>	133	0,003	0,351	0,003		
<i>Sexo x O consumo de álcool facilita a integração no grupo de amigos</i>	133	0,048	0,269	0,048		
<i>Sexo x Se os meus amigos me incentivassem a consumir bebidas alcoólicas numa festa, eu aceitaria</i>	132	0,005	0,333	0,005	-0,263	0,000
<i>Sexo x O consumo de álcool dificulta a aceitação pelo meu grupo de amigos</i>	133	0,006	0,329	0,006		
<i>Sexo x O consumo de álcool torna o jovem mais adulto</i>	133	0,014	0,307	0,014		
<i>Sexo x Os jovens que consomem bebidas alcoólicas bebem para fugir à realidade</i>	133	0,018	0,299	0,018		
<i>Sexo x Consumir álcool melhora a capacidade de memorização</i>	132	0,026	0,289	0,026		
<i>Sexo x Consumir bebidas alcoólicas melhora o desempenho académico</i>	133	0,003	0,347	0,003	-0,204	0,017
<i>Sexo x Consumir bebidas alcoólicas melhora a capacidade de relacionamento com os outros</i>	133	0,008	0,323	0,008		
<i>Sexo x O álcool torna as pessoas mais bonitas</i>	133	0,000	0,390	0,000		
<i>Sexo x O vinho é uma bebida leve, pois contém menos álcool do que as outras bebidas</i>	133				-0,210	0,006
<i>Sexo x O álcool permite controlar o peso</i>	136	0,026	0,289	0,026		
<i>Sexo x O álcool é afrodisíaco</i>	133	0,029	0,285	0,029	-0,206	0,007
<i>Sexo x Beber azeite faz diminuir a taxa de alcoolemia</i>	133				-0,186	0,022
<i>Sexo x O álcool mata a sede</i>	133	0,002	0,354	0,002	-0,200	0,010
<i>Sexo x Mascar pastilha elástica faz diminuir a taxa de alcoolemia</i>	133	0,022	0,293	0,022		
<i>Sexo x O álcool alimenta</i>	132	0,014	0,307	0,014		
<i>Sexo x Consumir bebidas alcoólicas torna mais fácil arranjar namorado(a).</i>	133	0,010	0,316	0,010		
<i>Sexo x Se beber durante as refeições, os efeitos são obrigatoriamente menores</i>	133	0,000	0,391	0,000	0,218	0,005
<i>Sexo x O álcool faz bem ao coração</i>	133	0,011	0,313	0,011		
<i>Sexo x Misturar cerveja, vinho e destilados leva à embriaguez mais rapidamente do que tomar somente um tipo de bebida</i>	132	0,029	0,286	0,029		
<i>Sexo x Os efeitos do álcool no corpo da</i>	133	0,014	0,307	0,014		

<i>mulher são iguais aos efeitos do álcool no corpo do homem</i>						
<i>Sexo x Fazer exercício físico faz baixar os níveis de alcoolemia</i>	133	0,001	0,381	0,001	-0,330	0,000
<i>Sexo x Ingerir menta ou qualquer outra erva aromática faz diminuir a taxa de alcoolemia</i>	133	0,001	0,365	0,001	-0,390	0,000
<i>Sexo x Vaporizar a boca com um spray de mentol faz diminuir a taxa de alcoolemia</i>	133				-0,159	0,054
<i>Sexo x O álcool é um medicamento</i>	132	0,003	0,348	0,003		
<i>Sexo x Beber muita água após ter ingerido álcool diminui a taxa de alcoolemia</i>	133				-0,180	0,22
<i>Sexo x O consumo continuado de bebidas alcoólicas pode provocar alterações mentais muito graves, porque destrói os neurónios do cérebro</i>	133	0,013	0,308	0,013		
<i>Sexo x O álcool dificulta a digestão</i>	132	0,010	0,318	0,010	-0,271	0,001
<i>Sexo x Beber um pouco mais de álcool aos fins de semana, não apresenta perigo de alcoolismo, desde que não se beba durante a semana</i>	133	0,013	0,310	0,013		
<i>Sexo x Um copo de licor ajuda a curar a constipação ou gripe</i>	132	0,052	0,267	0,052	-0,215	0,006
<i>Sexo x O consumo excessivo de bebidas alcoólicas conduz ao aumento da criminalidade</i>	133				0,159	0,043
<i>Sexo x As festas são mais divertidas se tiverem álcool</i>	133	0,004	0,343	0,004		
<i>Sexo x Já não me sei divertir sem consumir álcool</i>	132	0,009	0,320	0,009		
<i>Sexo x Sinto necessidade de ter mais conhecimentos acerca dos efeitos e consequências do álcool</i>	133	0,029	0,285	0,029	0,218	0,004
<i>Sexo x AUDIT</i>	128				0,147	0,051

Apesar de tanto a maioria das raparigas como dos rapazes concordar que o álcool cria dependência psíquica, esta concordância é mais evidente nas raparigas (Figura 205). Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,031$  e  $0,022$ , então as variáveis *Sexo* e *O álcool cria dependência psíquica* são dependentes (Tabela 190).

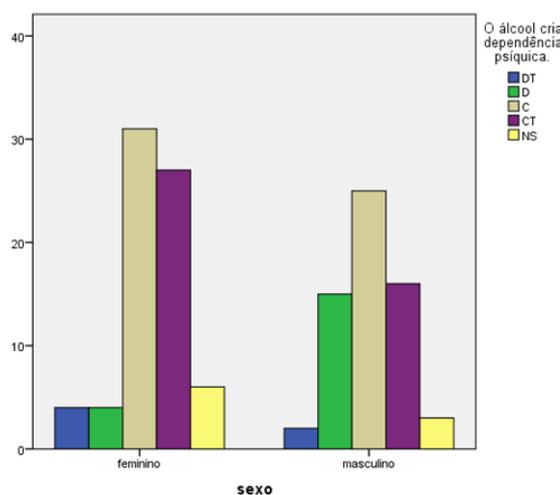


Figura 205. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O álcool cria dependência psíquica”.

É evidente na Figura 206 a discordância de que o consumo de álcool provoca doenças sem importância, tanto nos rapazes como nas raparigas, sendo mais evidente nestas. Atendendo a que o  $p\text{ value} = 0,003$ , então as variáveis *Sexo* e *O álcool provoca doenças sem importância* são dependentes (Tabela 190).

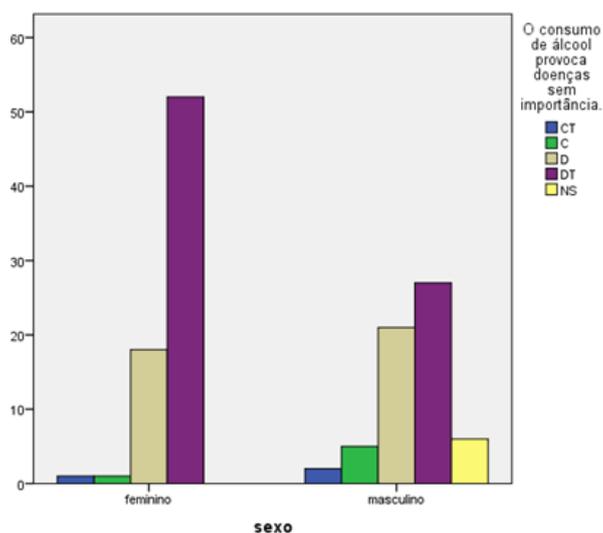


Figura 206. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O álcool provoca doenças sem importância”.

Apesar de haver alguma divergência entre as opiniões, na Figura 207 verifica-se predomínio da concordância de que o consumo de álcool facilita a integração nos grupos de amigos, tanto nas raparigas como nos rapazes. Como o  $p\text{ value} = 0,048$ , então as variáveis *Sexo* e *O consumo de álcool facilita a integração no grupo de amigos* são dependentes (Tabela 190).

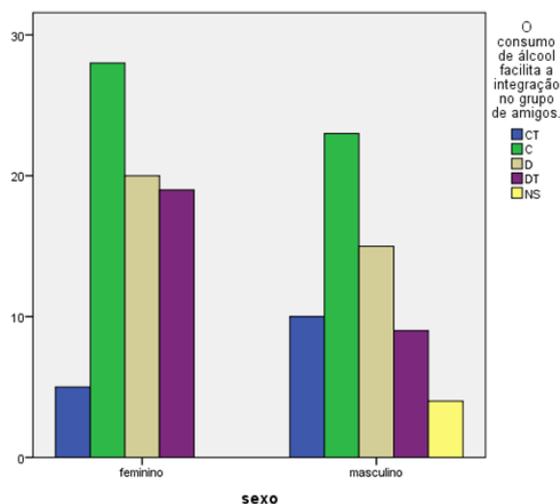


Figura 207. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O álcool provoca doenças sem importância”.

Enquanto a maior parte das raparigas refere que se os seus amigos as incentivassem a consumir bebidas alcoólicas numa festa, não aceitariam, ou não sabem como reagiriam, já a maior parte dos rapazes aceitaria, de acordo com a Figura 208. Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,005$  e  $0,000$ , então as variáveis *Sexo* e *Se os meus amigos me incentivassem a consumir bebidas alcoólicas numa festa, eu aceitaria* são dependentes (Tabela 190).

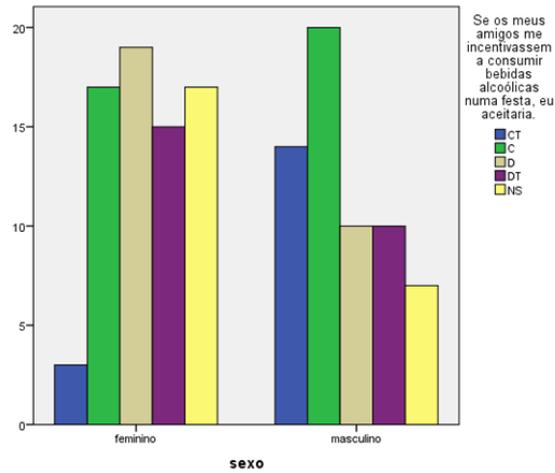


Figura 208. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Se os meus amigos me incentivassem a consumir bebidas alcoólicas numa festa, eu aceitaria”.

É clara a discordância na Figura 209, tanto nas raparigas como nos rapazes, de que o consumo de álcool dificulta a aceitação pelo grupo de amigos. Atendendo a que o  $p\text{ value} = 0,006$ , então as variáveis *Sexo* e *O consumo de álcool dificulta a aceitação pelo meu grupo de amigos* são dependentes (Tabela 190).

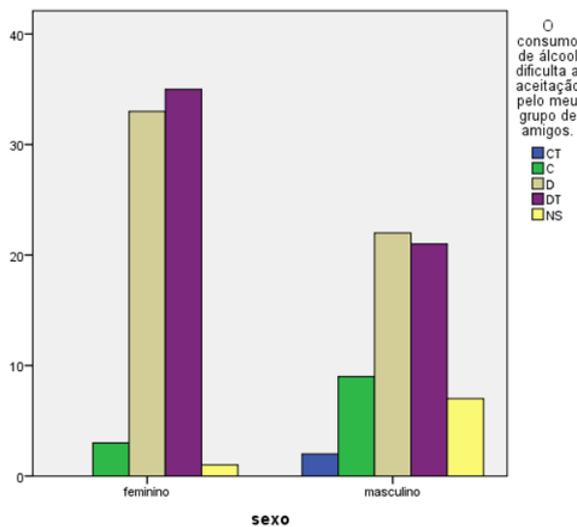


Figura 209. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O consumo de álcool dificulta a aceitação pelo meu grupo de amigos”.

Novamente na Figura 210 predomina a discordância, tanto nas raparigas como nos rapazes, de que o consumo de álcool torna o jovem mais adulto. Sabendo que o  $p$  value = 0,014, então as variáveis *Sexo* e *O consumo de álcool torna o jovem mais adulto* são dependentes (Tabela 190).

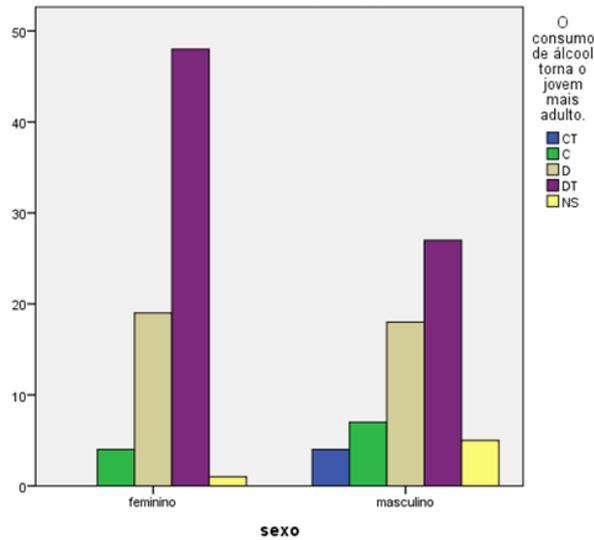


Figura 210. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O consumo de álcool torna o jovem mais adulto”.

A concordância de que os jovens consomem bebidas alcoólicas para fugir à realidade é mais nítida nas raparigas do que nos rapazes (Figura 211). Visto que o  $p$  value = 0,018, então as variáveis *Sexo* e *Os jovens que consomem bebidas alcoólicas bebem para fugir à realidade* são dependentes (Tabela 190).

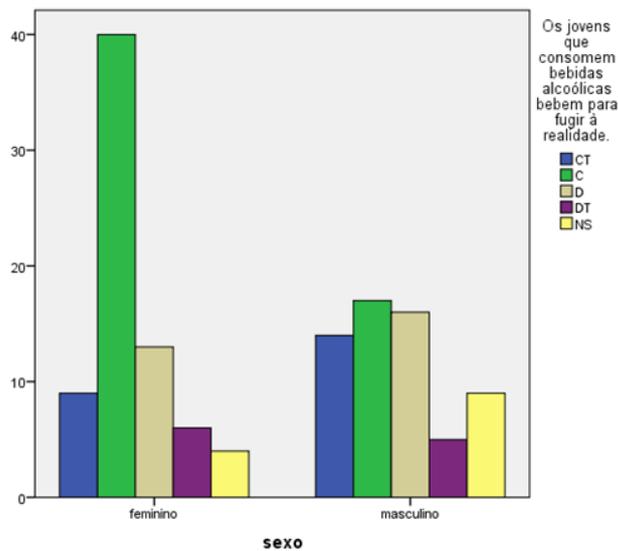


Figura 211. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Os jovens que consomem bebidas alcoólicas bebem para fugir à realidade”.

Verificamos na Figura 212 o predomínio da discordância em considerar que consumir bebidas alcoólicas melhora a capacidade de memorização, tanto nas raparigas como nos rapazes. Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,026$ , então as variáveis *Sexo* e *Consumir álcool melhora a capacidade de memorização* são dependentes (Tabela 190).

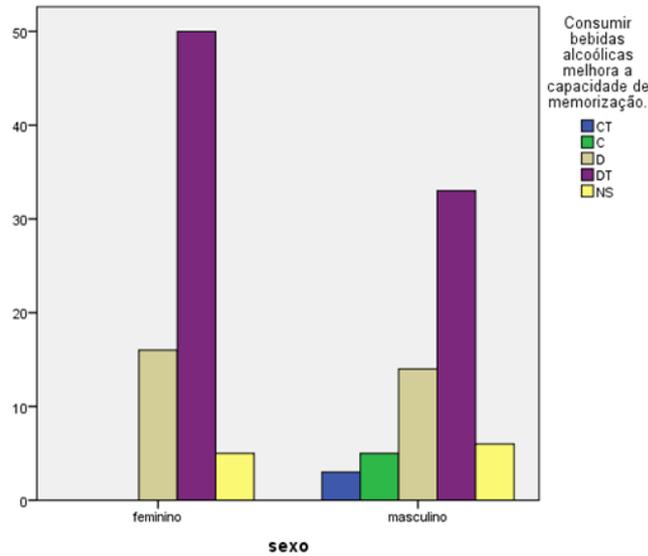


Figura 212. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Consumir álcool melhora a capacidade de memorização”.

Novamente é evidente o predomínio da discordância que consumir bebidas alcoólicas melhora o desempenho académico, tanto nas raparigas como nos rapazes (Figura 213). Como o  $p\text{ value} = 0,003$  e  $0,017$ , então as variáveis *Sexo* e *Consumir bebidas alcoólicas melhora o desempenho académico* são dependentes (Tabela 190).

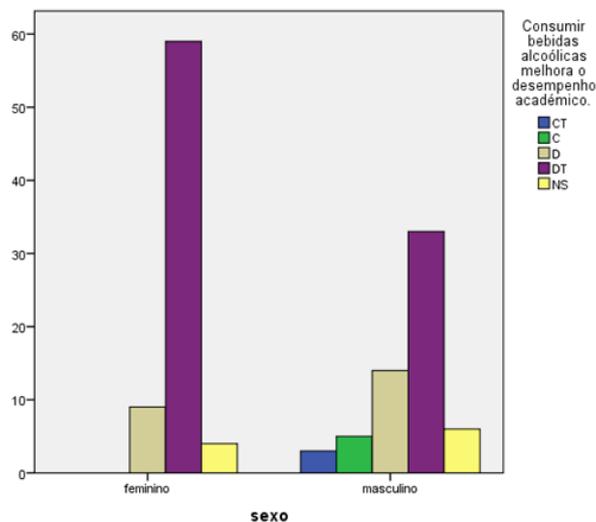


Figura 213. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Consumir bebidas alcoólicas melhora o desempenho académico”.

Enquanto nas raparigas há uma divisão paritária entre a concordância e a discordância total, predominando a discordância de que consumir bebidas alcoólicas melhora a capacidade de relacionamento com os outros, nos rapazes temos um ligeiro predomínio da concordância com a afirmação (Figura 214). Sendo o  $p\text{ value} = 0,008$ , então as variáveis *Sexo* e *Consumir bebidas alcoólicas melhora a capacidade de relacionamento com os outros* são dependentes (Tabela 190).

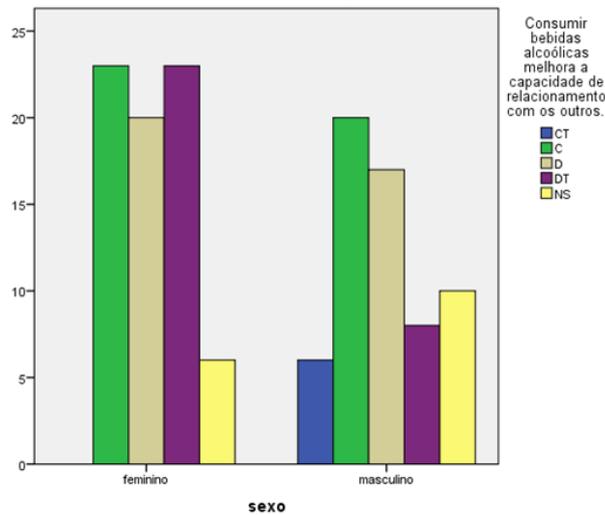


Figura 214. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Consumir bebidas alcoólicas melhora a capacidade de relacionamento com os outros”.

Verificamos na Figura 215 que, apesar de tanto os rapazes como as raparigas discordarem de que o álcool torna as pessoas mais bonitas, esta discordância é mais evidente nas raparigas. Considerando que o  $p\text{ value} = 0,000$ , então as variáveis *Sexo* e *O álcool torna as pessoas mais bonitas* são dependentes (Tabela 190).

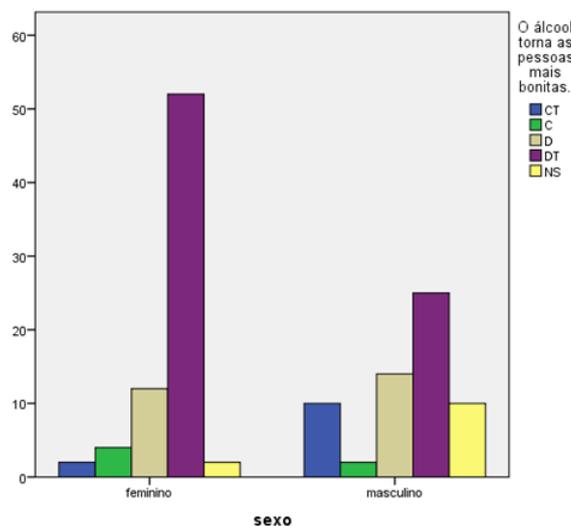


Figura 215. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O álcool torna as pessoas mais bonitas”.

Enquanto a maior parte das raparigas desconhece se o vinho é uma bebida leve, por conter menos álcool do que as outras bebidas, a maior parte dos rapazes concorda com a afirmação (Figura 216). Atendendo a que o  $p\text{ value} = 0,006$ , então as variáveis *Sexo* e *O vinho é uma bebida leve, pois contém menos álcool do que as outras bebidas* são dependentes (Tabela 190).

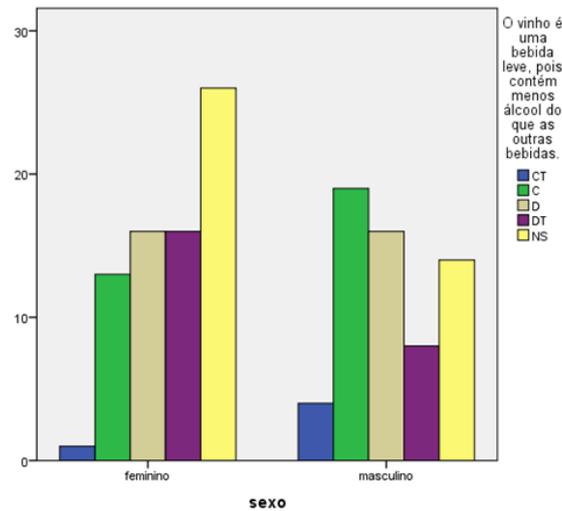


Figura 216. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O vinho é uma bebida leve, pois contém menos álcool do que as outras bebidas”.

Observamos na Figura 217 que enquanto a maior parte dos rapazes desconhece se o álcool permite controlar o peso, a grande maioria das raparigas discorda da afirmação. Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,026$ , então as variáveis *Sexo* e *O álcool permite controlar o peso* são dependentes (Tabela 190).

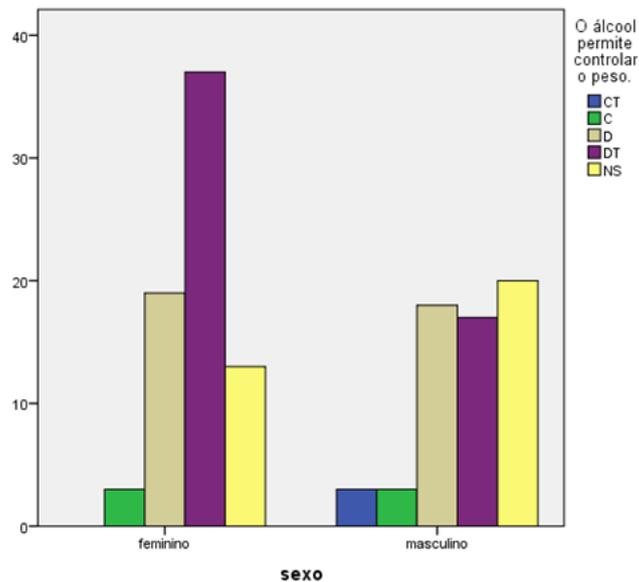


Figura 217. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O álcool permite controlar o peso”.

É evidente na Figura 218, o desconhecimento em ambos os sexos, se o álcool é afrodisíaco. Em seguida, enquanto nas raparigas observamos uma divisão paritária entre a concordância e a discordância total, nos rapazes predomina a concordância. Atendendo a que o  $p\text{ value} = 0,029$  e  $0,007$ , então as variáveis *Sexo* e *O álcool é afrodisíaco* são dependentes (Tabela 190).

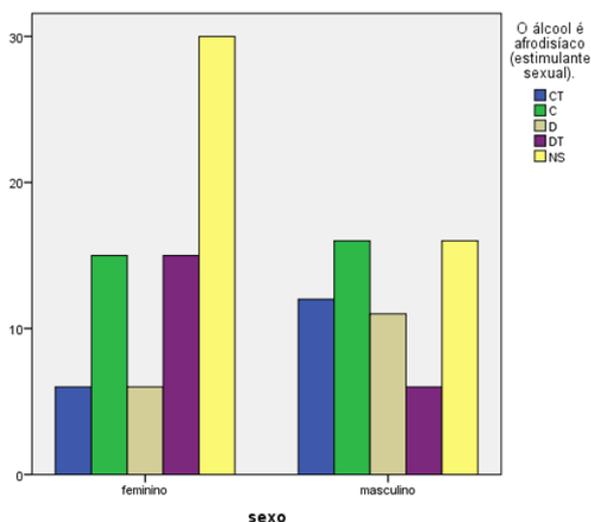


Figura 218. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O álcool é afrodisíaco”.

Também nesta variável predomina a dúvida, em ambos os sexos, se beber azeite faz diminuir a taxa de alcoolemia (Figura 219). Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,022$ , então as variáveis *Sexo* e *Beber azeite faz diminuir a taxa de alcoolemia* são dependentes (Tabela 190).

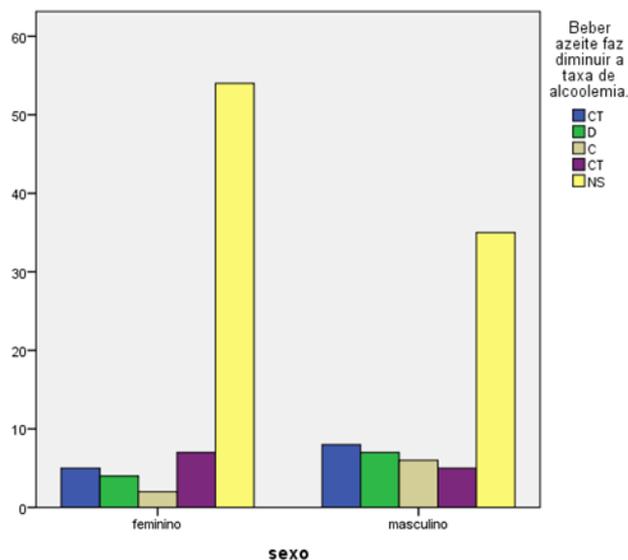


Figura 219. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Beber azeite faz diminuir a taxa de alcoolemia”.

Enquanto a maior parte das raparigas não considera que o álcool mate a sede, a maior parte dos rapazes acredita que o álcool tem essa capacidade (Figura 220). Considerando que o  $p\text{ value} = 0,002$  e  $0,010$ , então as variáveis *Sexo* e *O álcool mata a sede* são dependentes (Tabela 190).

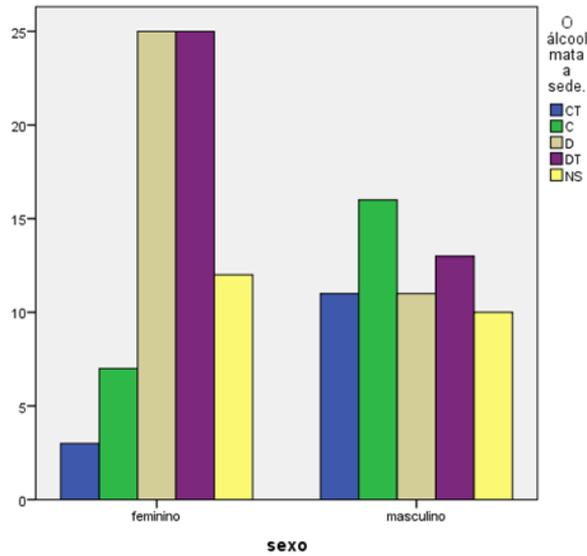


Figura 220. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O álcool mata a sede”.

Verificamos na Tabela 221 que, tanto a maioria dos rapazes como das raparigas tem dúvidas se mascar pastilha elástica faz diminuir a taxa de alcoolemia. Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,022$ , então as variáveis *Sexo* e *Mascar pastilha elástica faz diminuir a taxa de alcoolemia* são dependentes (Tabela 190).

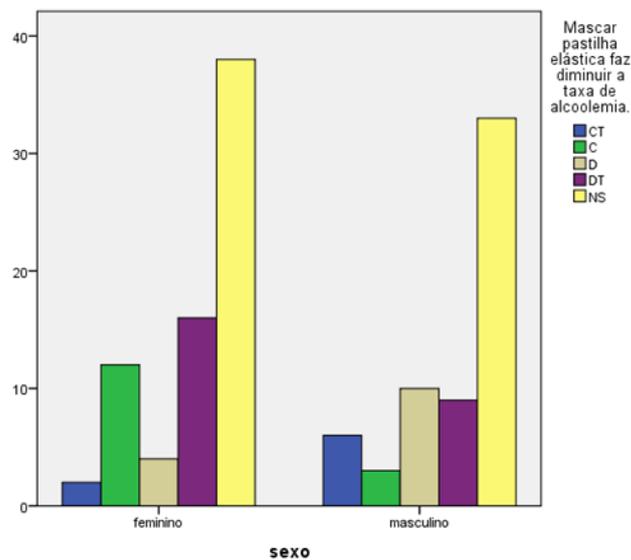


Figura 221. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Mascar pastilha elástica faz diminuir a taxa de alcoolemia”.

De acordo com os gráficos da Figura 222, atestamos que a maior parte das raparigas e dos rapazes considera que o álcool não alimenta. Visto que o  $p$  value = 0,014, então as variáveis *Sexo* e *O álcool alimenta* são dependentes (Tabela 190).

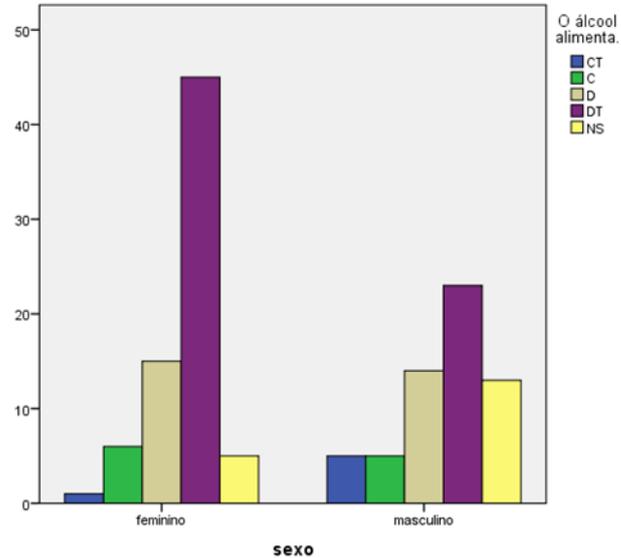


Figura 222. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O álcool alimenta”.

Da análise da Figura 223, verificamos que tanto a maior parte dos rapazes como das raparigas considera que o consumo de álcool não torna mais fácil arranjar namorado(a), sendo esta discordância mais evidente nas raparigas. Sendo o  $p$  value = 0.010, então as variáveis *Sexo* e *Consumir bebidas alcoólicas torna mais fácil arranjar namorado(a)* são dependentes (Tabela 190).

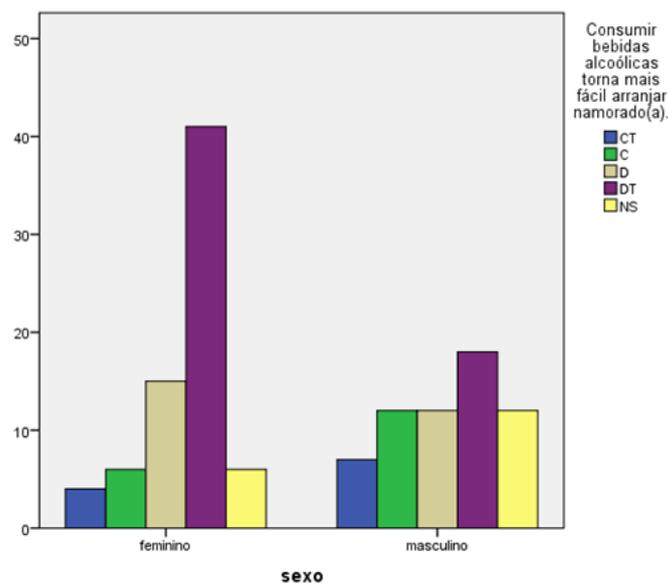


Figura 223. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Consumir bebidas alcoólicas torna mais fácil arranjar namorado(a).”.

A maior parte das raparigas e dos rapazes considera que se beber durante as refeições, os efeitos do álcool são obrigatoriamente menores (Figura 224). Como o  $p$  value = 0,000 e 0,005, então as variáveis *Sexo* e *Se beber durante as refeições, os efeitos são obrigatoriamente menores* são dependentes (Tabela 190).

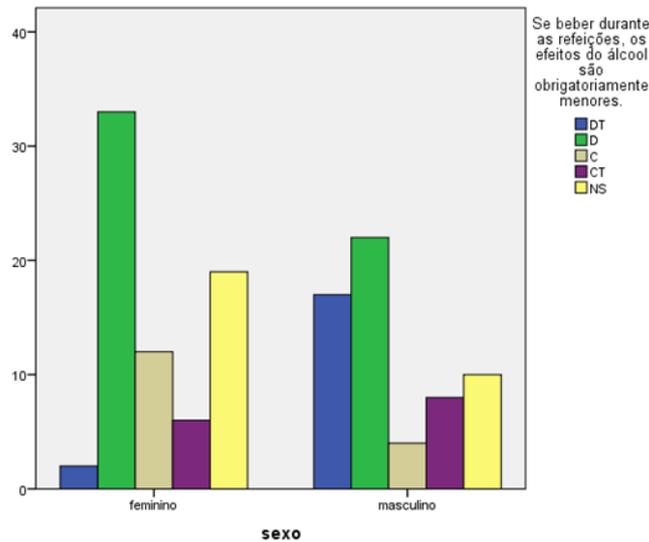


Figura 224. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Se beber durante as refeições, os efeitos são obrigatoriamente menores”.

É nítida a prevalência na Figura 225, tanto nas raparigas como nos rapazes, da discordância de que o álcool faz bem ao coração. Considerando o  $p$  value = 0,011, então as variáveis *Sexo* e *O álcool faz bem ao coração* são dependentes (Tabela 190).

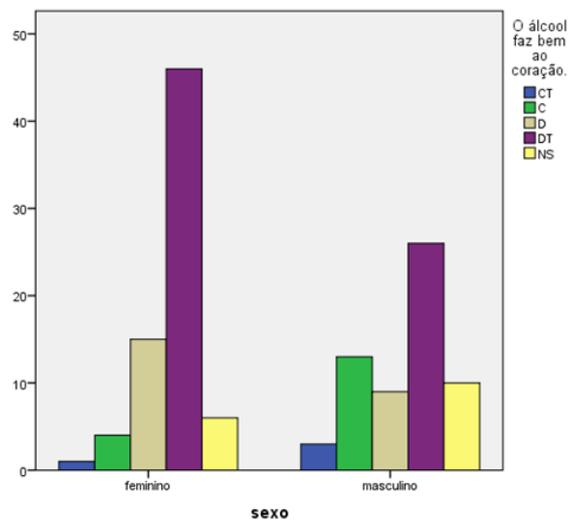


Figura 225. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O álcool faz bem ao coração”.

Da análise da Figura 226 verificamos que, enquanto a maior parte das raparigas não sabe se misturar cerveja, vinho e destilados leva à embriaguez mais rapidamente do

que tomar somente um tipo de bebida, a maior parte dos rapazes concorda totalmente com a afirmação. Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,029$ , então as variáveis *Sexo* e *Misturar cerveja, vinho e destilados leva à embriaguez mais rapidamente do que tomar somente um tipo de bebida* são dependentes (Tabela 190).

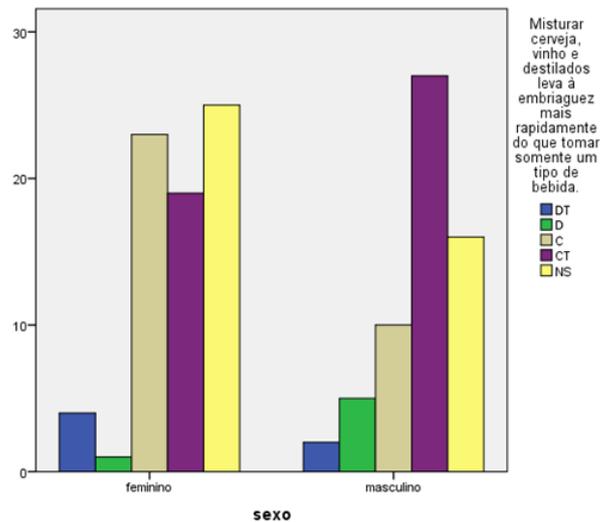


Figura 226. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Misturar cerveja, vinho e destilados leva à embriaguez mais rapidamente do que tomar somente um tipo de bebida”.

Apuramos na Figura 227 que a maior parte das raparigas considera que os efeitos do álcool no corpo da mulher não são iguais aos efeitos do álcool no corpo do homem, enquanto a maior parte dos rapazes tem dúvidas sobre essa questão. Considerando que o  $p\text{ value} = 0,014$ , então as variáveis *Sexo* e *Os efeitos do álcool no corpo da mulher são iguais aos efeitos do álcool no corpo do homem* são dependentes (Tabela 190).

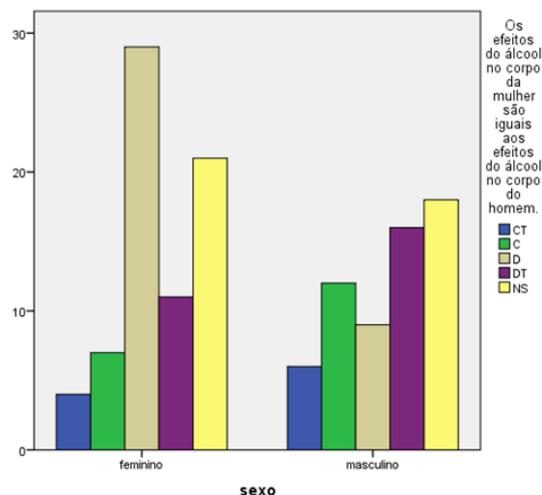


Figura 227. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Os efeitos do álcool no corpo da mulher são iguais aos efeitos do álcool no corpo do homem”.

Verificamos na Figura 228 um predomínio do desconhecimento tanto nas raparigas como nos rapazes, se fazer exercício ajuda a fazer baixar os níveis de alcoolemia. Sendo o  $p\text{ value} = 0,001$  e  $0,000$ , então as variáveis *Sexo* e *Fazer exercício físico faz baixar os níveis de alcoolemia* são dependentes (Tabela 190).

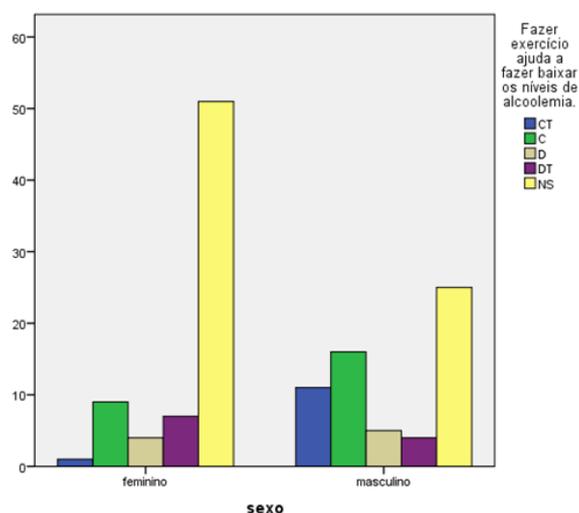


Figura 228. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Fazer exercício físico faz baixar os níveis de alcoolemia”.

É evidente na Figura 229 a supremacia da dúvida tanto nas raparigas como nos rapazes, se ingerir menta ou qualquer outra erva aromática faz diminuir a taxa de alcoolemia. Visto que o  $p\text{ value} = 0,001$  e  $0,000$ , então as variáveis *Sexo* e *Ingerir menta ou qualquer outra erva aromática faz diminuir a taxa de alcoolemia* são dependentes (Tabela 190).

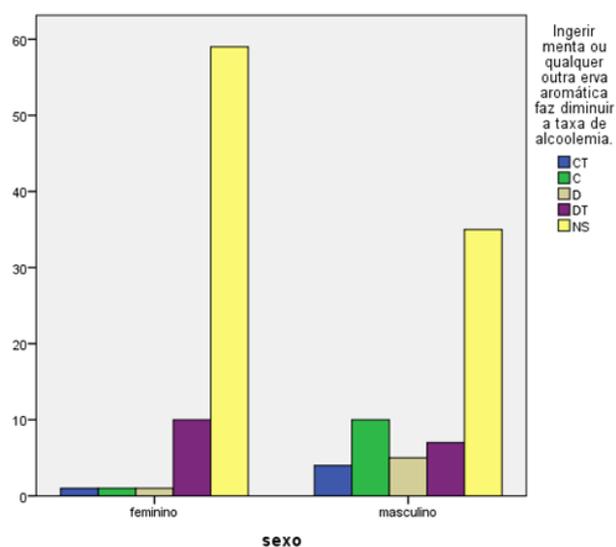


Figura 229. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Ingerir menta ou qualquer outra erva aromática faz diminuir a taxa de alcoolemia”.

Enquanto a maior parte das raparigas está segura que o álcool não é um medicamento, a maior parte dos rapazes desconhece se o álcool tem esse efeito terapêutico (Figura 230). Como o  $p\text{ value} = 0,003$ , então as variáveis *Sexo* e *O álcool é um medicamento* são dependentes (Tabela 190).

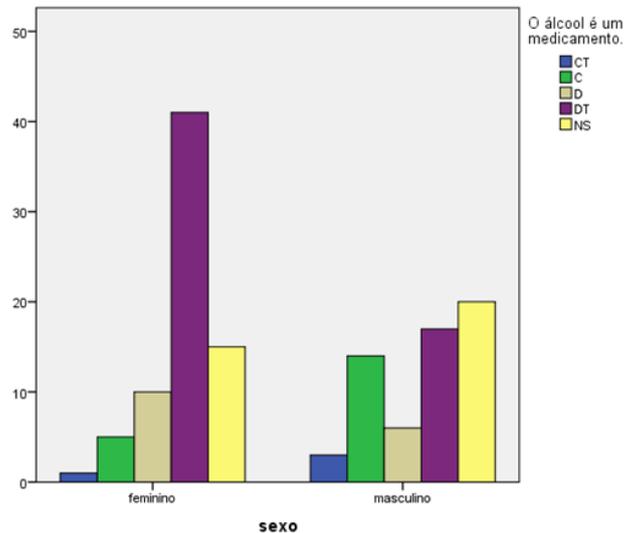


Figura 230. Gráfico de frequências das variáveis “Sexo” e “O álcool é um medicamento”.

Observamos na Figura 231 que tanto nas raparigas como nos rapazes, predomina o desconhecimento se vaporizar a boca com um *spray* de mentol faz diminuir a taxa de alcoolemia. Considerando que o  $p\text{ value} = 0,054$ , então as variáveis *Sexo* e *Vaporizar a boca com um spray de mentol faz diminuir a taxa de alcoolemia* são dependentes (Tabela 190).

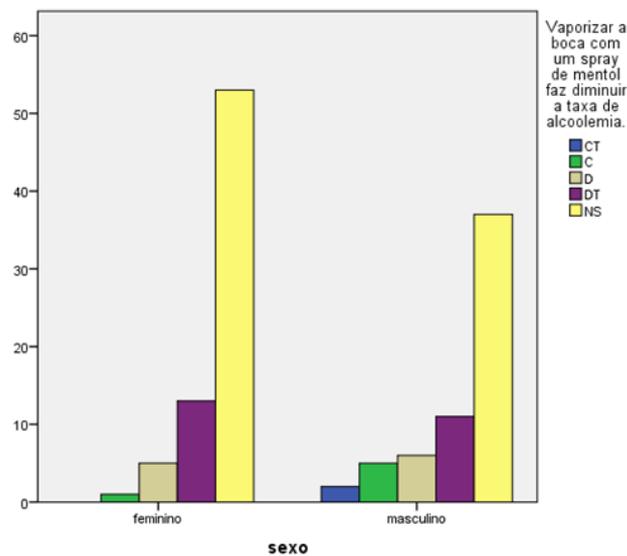


Figura 231. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Vaporizar a boca com um spray de mentol faz diminuir a taxa de alcoolemia”.

Também nesta variável a maior parte das raparigas e dos rapazes não sabe se beber muita água após ter ingerido álcool diminui a taxa de alcoolemia (Figura 232). Atendendo a que o  $p\text{ value} = 0,022$ , então as variáveis *Sexo* e *Beber muita água após ter ingerido álcool diminui a taxa de alcoolemia* são dependentes (Tabela 190).

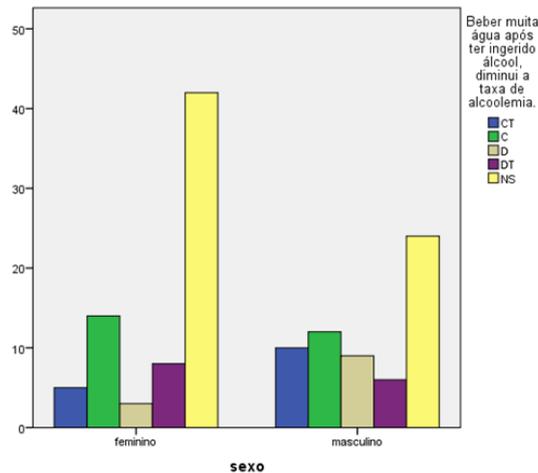


Figura 232. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Beber muita água após ter ingerido álcool diminui a taxa de alcoolemia”.

De acordo com os gráficos da Figura 233, observamos que tanto nos rapazes como nas raparigas predomina a concordância de que o consumo continuado de bebidas alcoólicas pode provocar alterações mentais muito graves, porque destrói os neurónios do cérebro, sendo esta concordância mais evidente nas raparigas. Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,013$ , então as variáveis *Sexo* e *O consumo continuado de bebidas alcoólicas pode provocar alterações mentais muito graves, porque destrói os neurónios do cérebro* são dependentes (Tabela 190).

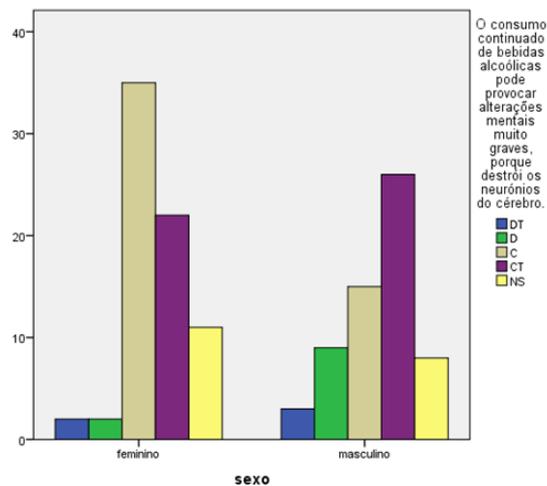


Figura 233. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O consumo continuado de bebidas alcoólicas pode provocar alterações mentais muito graves, porque destrói os neurónios do cérebro”.

A maioria, tanto das raparigas como dos rapazes, não sabe se o álcool dificulta a digestão (Figura 234). Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,010$  e  $0,001$ , então as variáveis *Sexo* e *O álcool dificulta a digestão* são dependentes (Tabela 190).

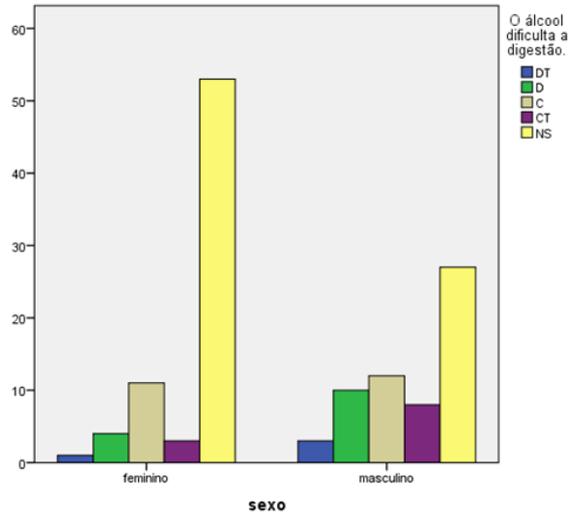


Figura 234. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O álcool dificulta a digestão”.

Verificamos na Figura 235 que enquanto as raparigas se encontram divididas entre a concordância e a discordância, havendo um ligeiro predomínio da concordância de que, se beber um pouco mais de álcool aos fins de semana, não apresenta perigo de alcoolismo, desde que não se beba durante a semana, os rapazes encontram-se mais determinados pela concordância. Como o  $p\text{ value} = 0,013$ , então as variáveis *Sexo* e *Beber um pouco mais de álcool aos fins de semana, não apresenta perigo de alcoolismo, desde que não se beba durante a semana* são dependentes (Tabela 190).

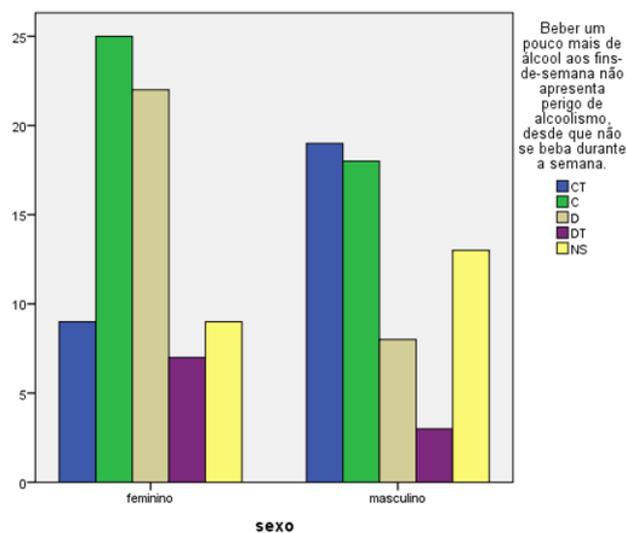


Figura 235. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Beber um pouco mais de álcool aos fins de semana, não apresenta perigo de alcoolismo, desde que não se beba durante a semana”.

Observamos na Figura 236 que tanto a maior parte das raparigas como dos rapazes tem dúvidas se a ingestão de um copo de licor ajuda a curar a constipação, sendo estas dúvidas mais evidentes nas raparigas. Considerando que o  $p\text{ value} = 0,052$  e  $0.006$ , então as variáveis *Sexo* e *Um copo de licor ajuda a curar a constipação ou gripe* são dependentes (Tabela 190).

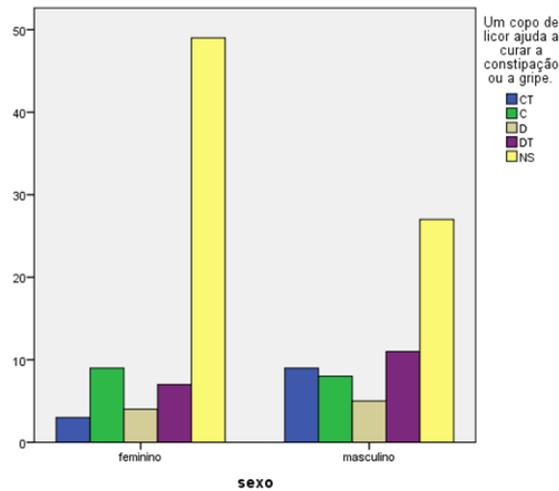


Figura 236. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Um copo de licor ajuda a curar a constipação ou gripe”.

É evidente na Figura 237, o predomínio da concordância, em ambos os géneros, que o consumo excessivo de bebidas alcoólicas conduz ao aumento da criminalidade. Atendendo a que o  $p\text{ value} = 0,043$ , então as variáveis *Sexo* e *O consumo excessivo de bebidas alcoólicas conduz ao aumento da criminalidade* são dependentes (Tabela 190).

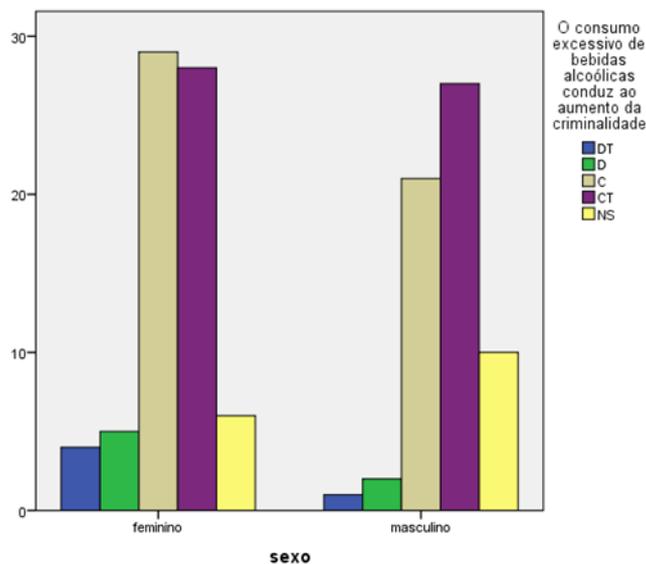


Figura 237. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O consumo excessivo de bebidas alcoólicas conduz ao aumento da criminalidade”.

Enquanto a maior parte das raparigas considera que as festas não são mais divertidas se tiverem álcool, já a maior parte dos rapazes acha que são mais divertidas com álcool (Figura 238). Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,004$ , então as variáveis *Sexo* e *As festas são mais divertidas se tiverem álcool* são dependentes (Tabela 190).

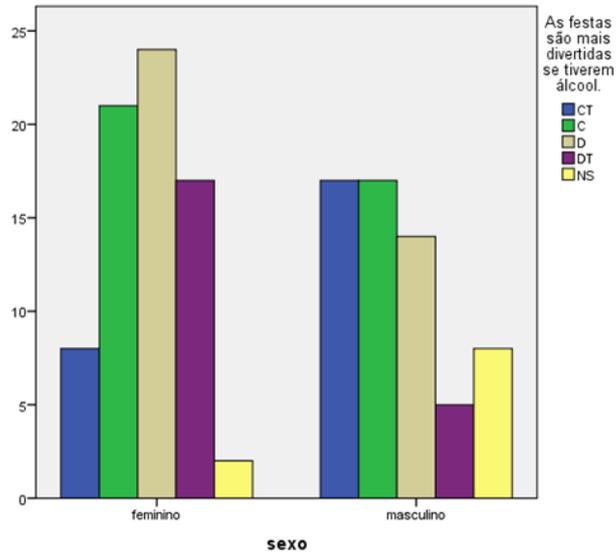


Figura 238. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “As festas são mais divertidas se tiverem álcool”.

É evidente na Figura 239 a discordância, em ambos os géneros, de que já não se sabem divertir sem consumir bebidas alcoólicas. Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,009$ , então as variáveis *Sexo* e *Já não me sei divertir sem consumir álcool* são dependentes (Tabela 190).

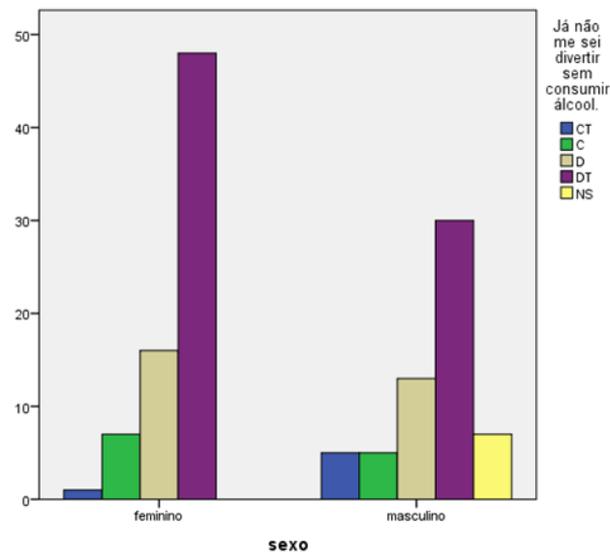


Figura 239. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Já não me sei divertir sem consumir álcool”.

Enquanto a maior parte das raparigas não sente necessidade de ter mais conhecimentos acerca dos efeitos e consequências do álcool, a maior parte dos rapazes sente essa necessidade (Figura 240). Sendo o  $p\text{ value} = 0,029$  e  $0,004$ , então as variáveis *Sexo* e *Sinto necessidade de ter mais conhecimentos acerca dos efeitos e consequências do álcool* são dependentes (Tabela 190).

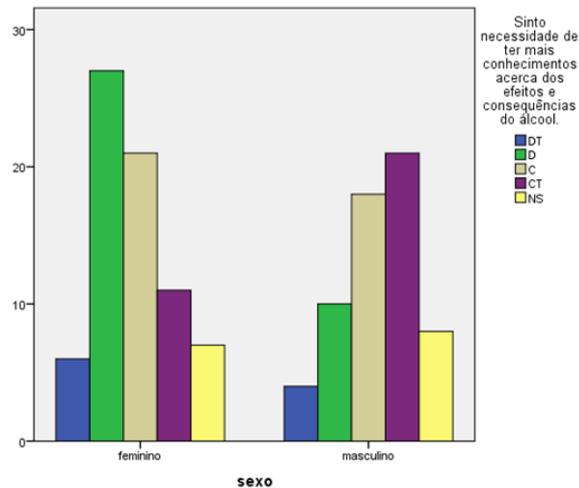


Figura 240. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Sinto necessidade de ter mais conhecimentos acerca dos efeitos e consequências do álcool”.

Verificamos na Figura 241 um predomínio, tanto nas raparigas como nos rapazes, de consumos de baixo risco, ou seja, com valores entre 0 e 7. Apenas nos rapazes verificamos caso de dependência, com valor superior a 20. Como o  $p\text{ value} = 0,051$ , então as variáveis *Sexo* e *AUDIT* são dependentes (Tabela 190).

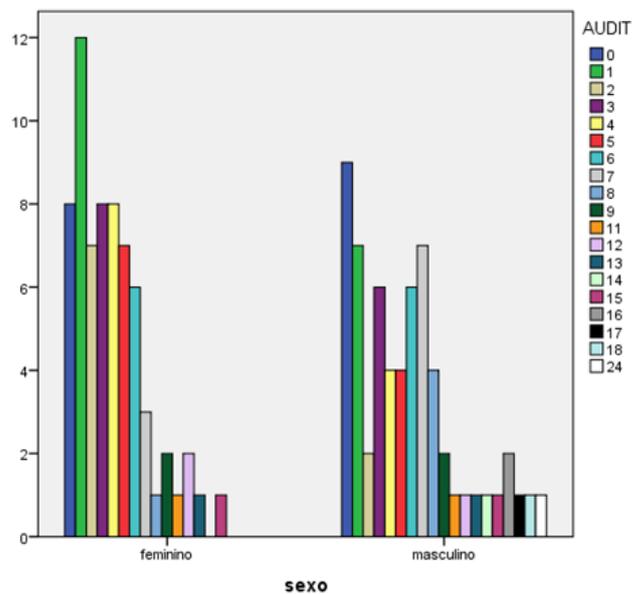


Figura 241. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “AUDIT”.

Fazendo um resumo dos resultados, tanto as raparigas como os rapazes defendem que: o álcool cria dependência psíquica, provocando doenças graves; o álcool facilita a integração no grupo de amigos, bem como o consumo de álcool facilita a aceitação, pelo grupo de amigos; o consumo de álcool não torna o jovem mais adulto, mas os jovens consomem bebidas alcoólicas para fugir à realidade; o consumo de álcool não melhora a capacidade de memorização, nem o desempenho académico; o álcool não alimenta; o consumo de álcool não torna mais fácil arranjar namorado; se se beber durante as refeições, os efeitos do álcool são obrigatoriamente menores; o álcool não faz bem ao coração; o consumo excessivo de bebidas alcoólicas faz aumentar a taxa de criminalidade; se sabem divertir sem álcool.

Ambos os sexos desconhecem se: o álcool é afrodisíaco; beber azeite ou muita água, mascar pastilha elástica, fazer exercício físico, ingerir menta ou outra erva aromática, vaporizar a boca com *spray* de menta faz diminuir a taxa de alcoolemia; o álcool dificulta a digestão ou se a ingestão de um copo de licor ajuda a curar a constipação.

A maior parte das raparigas refere que os amigos as incentivassem a consumir bebidas alcoólicas, não aceitariam, enquanto os rapazes aceitariam. Enquanto as raparigas se dividem entre a concordância e a discordância de que o consumo de álcool melhora a capacidade de relacionamento, os rapazes concordam. Se a maior parte das raparigas desconhece se o vinho é uma bebida leve, por conter menos álcool do que as outras bebidas. Se as raparigas discordam que o álcool permite controlar o peso, ou que os efeitos do álcool são iguais no corpo do homem e da mulher, os rapazes desconhecem. Enquanto a maior parte discorda que o álcool mata a sede, que as festas são mais divertidas com álcool ou que sentem necessidade de ter mais conhecimentos acerca dos efeitos e das consequências do álcool, a maior parte dos rapazes concorda.

Se a maior parte das raparigas desconhece se misturar cerveja, vinho e destilados leva à embriaguez mais rapidamente do que se tomar só uma bebida, a maior parte dos rapazes concorda totalmente. Enquanto as raparigas se dividem entre a concordância e a discordância de que se se beber um pouco ao fim de semana não apresenta perigo de alcoolismo, desde que não se beba durante a semana, os rapazes concordam.

Em ambos os sexos predominam os consumos de baixo risco, de acordo com o teste *AUDIT*.

Tabela 191

Análise da intensidade e sentido da associação entre variáveis "Sexo" e as restantes, nos alunos do 11.º ano

Variáveis	N.º de casos válidos	Chisquare	Cramer's V Value	Approx. Sig.	Kendall's tau-b Value	Approx. Sig.
<i>Sexo x O álcool é uma droga</i>	117	0,001	0,397	0,001		
<i>Sexo x O álcool cria dependência física</i>	117				-0,178	0,033
<i>Sexo x O álcool cria dependência psíquica</i>	117	0,050	0,285	0,050	-0,231	0,005
<i>Sexo x Se os meus amigos me incentivassem a consumir bebidas alcoólicas num festa, eu aceitaria</i>	117	0,014	0,327	0,014		
<i>Sexo x Os jovens consomem bebidas alcoólicas porque se sentem aborrecidos e tristes</i>	116				0,171	0,041
<i>Sexo x Os jovens consome bebidas alcoólicas para relaxar ou acalmar os nervos</i>	117				0,204	0,017
<i>Sexo x Os jovens que consomem bebidas alcoólicas bebem para fugir à realidade</i>	116	0,003	0,368	0,003	0,320	0,000
<i>Sexo x Consumir bebidas alcoólicas melhora a capacidade de memorização</i>	117				-0,203	0,025
<i>Sexo x O vinho é uma bebida leve, pois contém menos álcool do que as outras bebidas</i>	117	0,031	0,301	0,031	-0,203	0,012
<i>Sexo x O álcool mata a sede</i>	117	0,017	0,320	0,017	-0,236	0,005
<i>Sexo x Consumir bebidas alcoólicas torna mais fácil arranjar namorado(a)</i>	117	0,000	0,455	0,000		
<i>Sexo x O dependente do álcool é uma pessoa fraca e irresponsável</i>	116				0,181	0,030
<i>Sexo x O álcool é um medicamento</i>	116	0,029	0,305	0,029		
<i>Sexo x Beber muita água após ter ingerido álcool, diminui a taxa de alcoolemia</i>	116	0,008	0,346	0,008	-0,217	0,013
<i>Sexo x O álcool dá força e/ou energia</i>	116	0,048	0,288	0,048		
<i>Sexo x O álcool misturado com um refrigerante (como o vinho com gasosa) afeta menos o organismo do que a bebida pura</i>	116	0,044	0,291	0,044	0,288	0,002
<i>Sexo x O alcoólico é um indivíduo a quem o álcool faz mal fisicamente</i>	115	0,010	0,339	0,010	0,226	0,005
<i>Sexo x O consumo continuado de bebidas alcoólicas pode provocar alterações mentais muito graves, porque destrói os neurónios do cérebro</i>	116	0,026	0,308	0,026	-0,248	0,003

Verificamos na Figura 242 que enquanto na maior parte das raparigas é evidente a concordância de que o álcool é uma droga, já os rapazes se encontram divididos entre a concordância e a discordância, verificando-se um ligeiro predomínio da concordância de que o álcool é uma droga. Como o  $p\text{ value} = 0,001$ , então as variáveis *Sexo* e *O álcool é uma droga* são dependentes (Tabela 191).

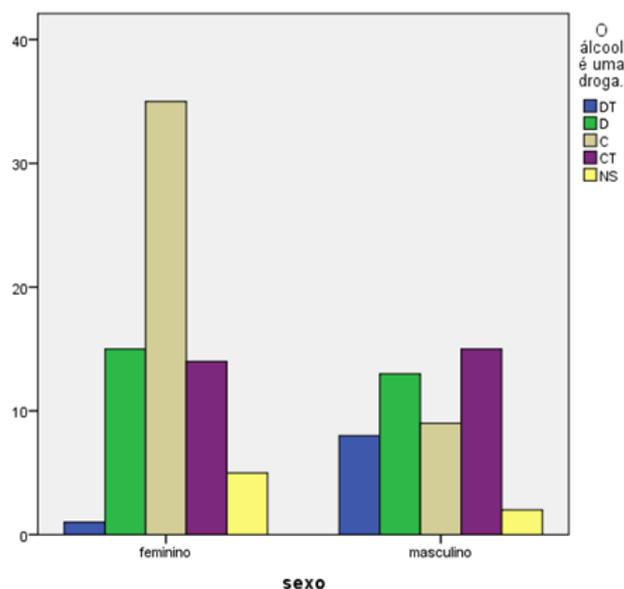


Figura 242. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O álcool é uma droga”.

A maior parte, tanto dos rapazes como das raparigas considera que o álcool cria dependência física (Figura 243). Considerando que o  $p\text{ value} = 0,033$ , então as variáveis *Sexo* e *O álcool cria dependência física* são dependentes (Tabela 191).

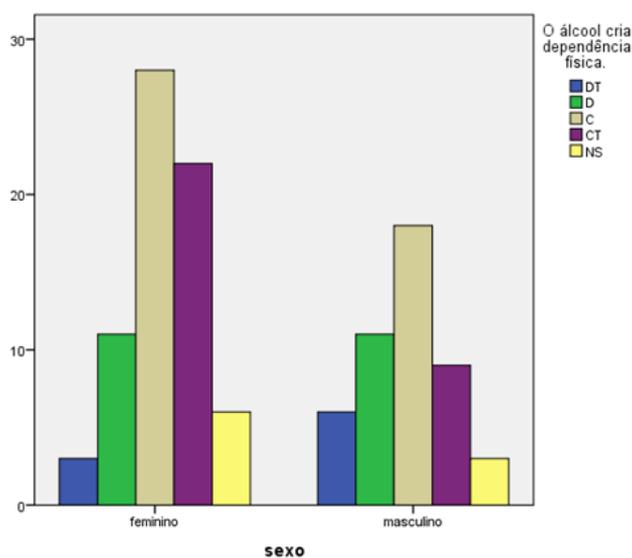


Figura 243. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O álcool cria dependência física”.

Tal como na variável anterior, a maior parte dos alunos, de ambos os sexos considera que o álcool cria de pendência psíquica (Figura 244). Como o  $p\text{ value} = 0,050$  e  $0,005$ , então as variáveis *Sexo* e *O álcool cria dependência psíquica* são dependentes (Tabela 191).

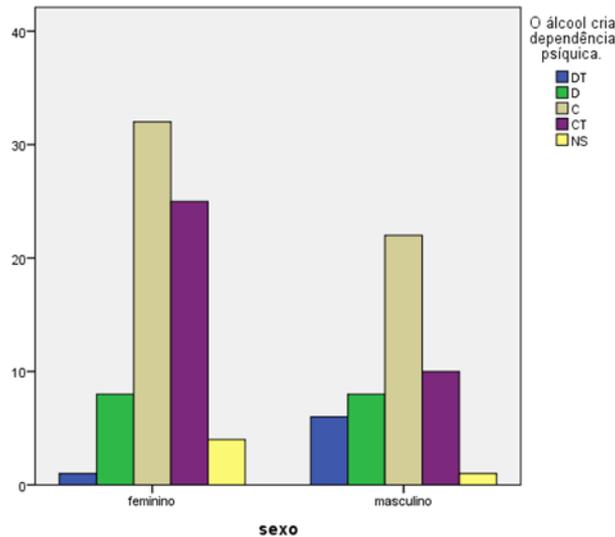


Figura 244. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O álcool cria dependência psíquica”.

A discordância de que se os amigos as incentivassem a consumir bebidas alcoólicas numa festa, aceitariam é mais evidente nas raparigas, visto que nos rapazes, apesar de divergência de opiniões, a maior parte concorda que aceitaria (Figura 245). Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,014$ , então as variáveis *Sexo* e *Se os meus amigos me incentivassem a consumir bebidas alcoólicas numa festa, eu aceitaria* são dependentes (Tabela 191).

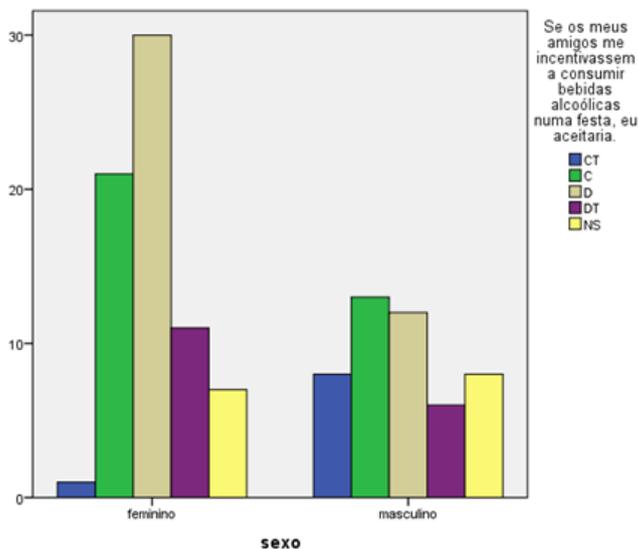


Figura 245. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Se os meus amigos me incentivassem a consumir bebidas alcoólicas numa festa, eu aceitaria”.

Verificamos na Figura 246 que as opiniões tanto das raparigas como dos rapazes encontram-se divididas, mas enquanto nas raparigas predomina a concordância de que os jovens consomem bebidas alcoólicas, porque se sentem aborrecidos e tristes, nos rapazes verifica-se a tendência contrária, predominando a discordância. Tendo em

conta que o  $p\text{ value} = 0,041$ , então as variáveis *Sexo* e *Os jovens consomem bebidas alcoólicas porque se sentem aborrecidos e tristes* são dependentes (Tabela 191).

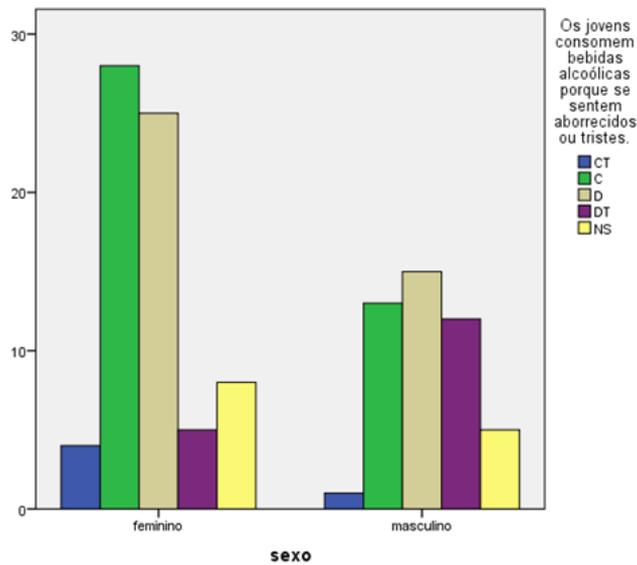


Figura 246. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Os jovens consomem bebidas alcoólicas porque se sentem aborrecidos e tristes”.

A prevalência da concordância de que os jovens consomem bebidas alcoólicas para relaxar ou acalmar os nervos é mais evidente nas raparigas do que nos rapazes (Figura 247). Considerando que o  $p\text{ value} = 0,017$ , então as variáveis *Sexo* e *Os jovens consomem bebidas alcoólicas para relaxar ou acalmar os nervos* são dependentes (Tabela 191).

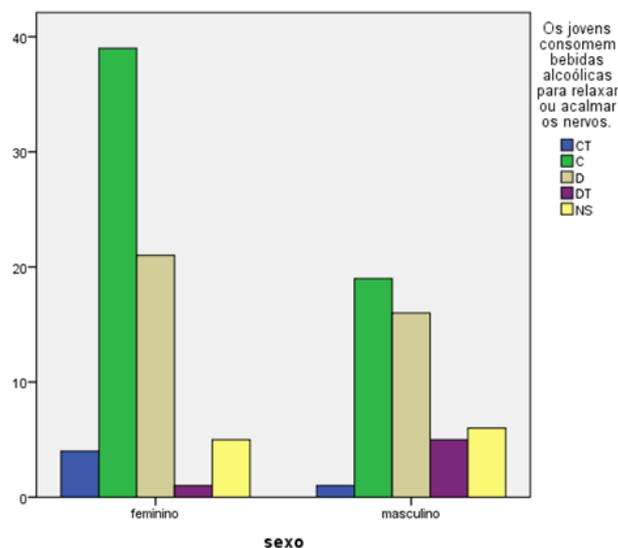


Figura 247. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Os jovens consomem bebidas alcoólicas para relaxar ou acalmar os nervos”.

Da análise dos gráficos da Figura 248, resulta que a maioria das raparigas considera que os jovens consomem bebidas alcoólicas para fugir à realidade, já os rapazes encontram-se mais divididos, verificando-se um ligeiro predomínio da discordância em relação à afirmação. Como o  $p\text{ value} = 0,003$  e  $0,000$ , então as variáveis *Sexo* e *Os jovens que consomem bebidas alcoólicas bebem para fugir à realidade* são dependentes (Tabela 191).

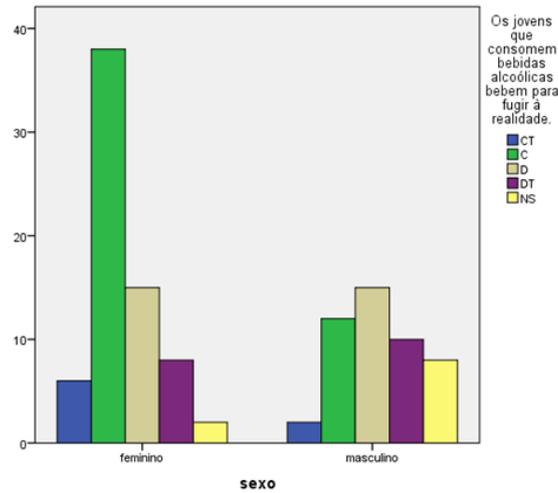


Figura 248. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Os jovens que consomem bebidas alcoólicas bebem para fugir à realidade”.

Já nesta associação apresentada na Figura 249, é nítida a discordância, tanto nas raparigas como nos rapazes, de que consumir bebidas alcoólicas melhora a capacidade de memorização. Considerando o  $p\text{ value} = 0,025$ , então as variáveis *Sexo* e *Consumir bebidas alcoólicas melhora a capacidade de memorização* são dependentes (Tabela 191).

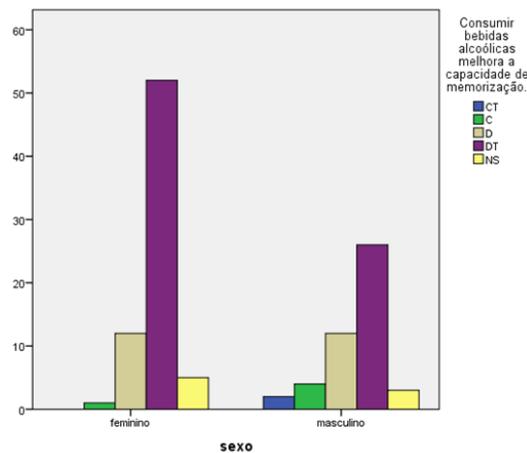


Figura 249. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Consumir bebidas alcoólicas melhora a capacidade de memorização”.

Apesar da divisão de opiniões evidente na Figura 250, em ambos os gêneros, verifica-se um predomínio da discordância de que o vinho é uma bebida leve, por conter menos álcool do que as outras bebidas, havendo mais desconhecimento nas raparigas. Atendendo a que o  $p\text{ value} = 0,031$  e  $0,012$ , então as variáveis *Sexo* e *O vinho é uma bebida leve, pois contém menos álcool do que as outras bebidas* são dependentes (Tabela 191).

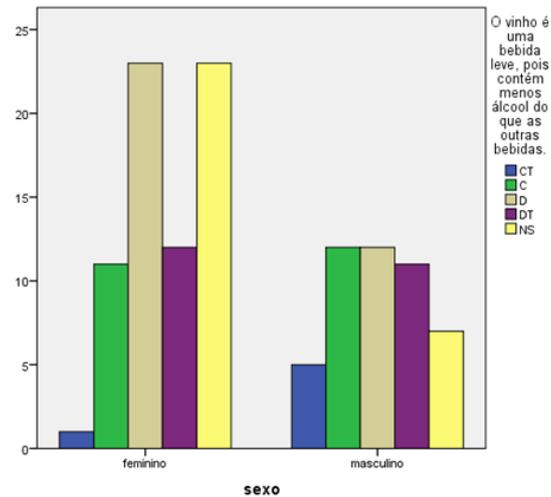


Figura 250. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O vinho é uma bebida leve, pois contém menos álcool do que as outras bebidas”.

Verificamos na Figura 251 que a maior parte dos alunos considera que o álcool não mata a sede, sendo esta opinião mais defendida pelas raparigas. Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,017$  e  $0,005$ , então as variáveis *Sexo* e *O álcool mata a sede* são dependentes (Tabela 191).

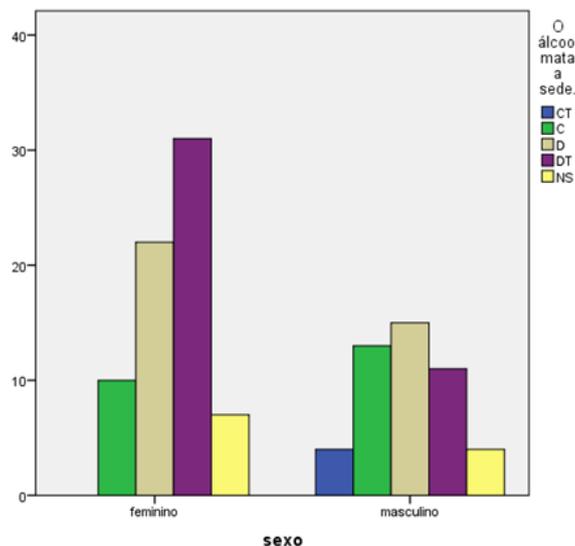


Figura 251. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O vinho é uma bebida leve, pois contém menos álcool do que as outras bebidas”.

Na Figura 252 verifica-se que a discordância de que consumir bebidas alcoólicas facilita arranjar namorado(a) é mais defendida pelas raparigas do que pelos rapazes. Considerando o  $p\text{ value} = 0,000$ , então as variáveis *Sexo* e *Consumir bebidas alcoólicas torna mais fácil arranjar namorado(a)* são dependentes (Tabela 191).

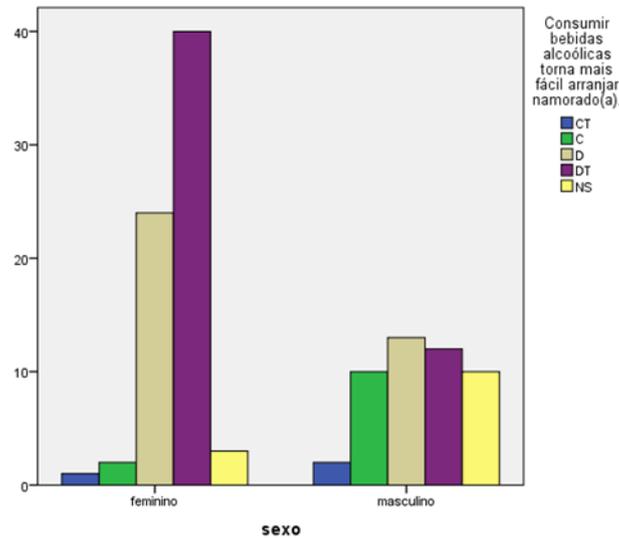


Figura 252. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Consumir bebidas alcoólicas torna mais fácil arranjar namorado(a)”.

Tanto a maior parte das raparigas como dos rapazes considera que o dependente de álcool é uma pessoa fraca e irresponsável (Figura 253). Sendo o  $p\text{ value} = 0,030$ , então as variáveis *Sexo* e *O dependente do álcool é uma pessoa fraca e irresponsável* são dependentes (Tabela 191).

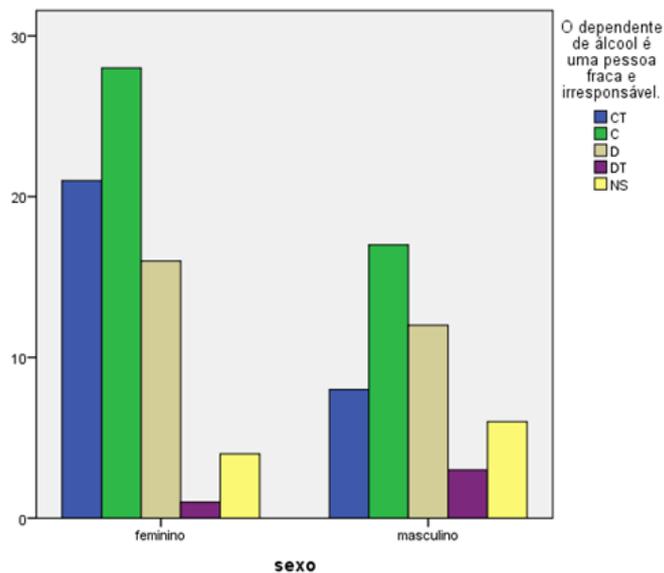


Figura 253. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O dependente do álcool é uma pessoa fraca e irresponsável”.

Observamos na Figura 254 que tanto a maior parte das raparigas como dos rapazes acredita que o álcool não é um medicamento, sendo esta opinião mais clara nas raparigas. Como o  $p\text{ value} = 0,029$ , então as variáveis *Sexo* e *O álcool é um medicamento* são dependentes (Tabela 188).

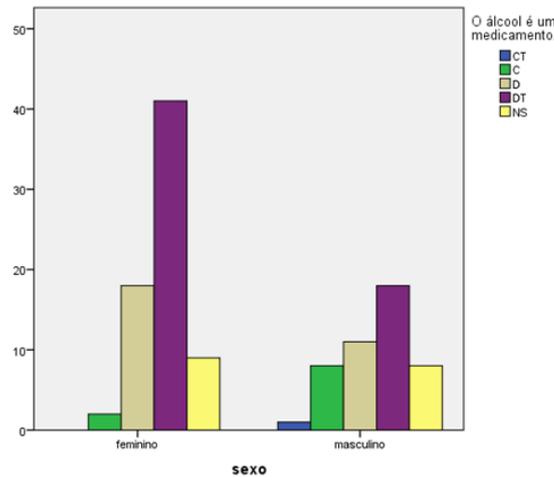


Figura 254. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O álcool é um medicamento”.

Analisando os resultados da Figura 255, verificamos que prevalece o desconhecimento, tanto nas raparigas como nos rapazes, se beber muita água após ter ingerido álcool, diminui a taxa de alcoolemia. Em seguida, nas raparigas predomina a discordância e nos rapazes a concordância de que beber muita água após elevado consumo de álcool, faz diminuir a taxa de alcoolemia. Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,008$  e  $0,013$ , então as variáveis *Sexo* e *Beber muita água após ter ingerido álcool, diminui a taxa de alcoolemia* são dependentes (Tabela 191).

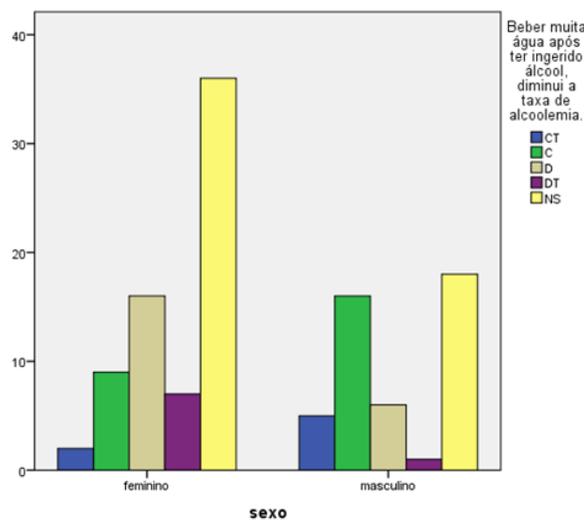


Figura 255. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Beber muita água após ter ingerido álcool, diminui a taxa de alcoolemia”.

Enquanto nas raparigas é clara a discordância de que o álcool dá força e/ou energia, nos rapazes as opiniões dividem-se entre a concordância e a discordância (Figura 256). Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,048$ , então as variáveis *Sexo* e *O álcool dá força e/ou energia* são dependentes (Tabela 191).

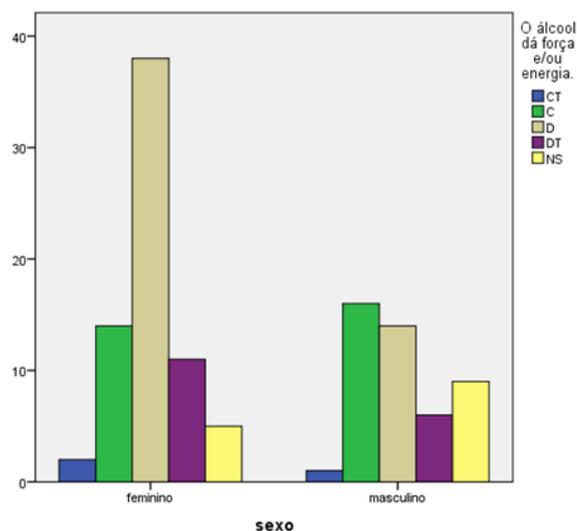


Figura 256. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O álcool dá força e/ou energia”.

É nítida na Figura 257 a opinião das raparigas e dos rapazes, no sentido de acreditarem que o álcool misturado com um refrigerante (como o vinho com gasosa) afeta menos o organismo do que a bebida pura. Como o  $p\text{ value} = 0,044$  e  $0,002$ , então as variáveis *Sexo* e *O álcool misturado com um refrigerante (como o vinho com gasosa) afeta menos o organismo do que a bebida pura* são dependentes (Tabela 191).

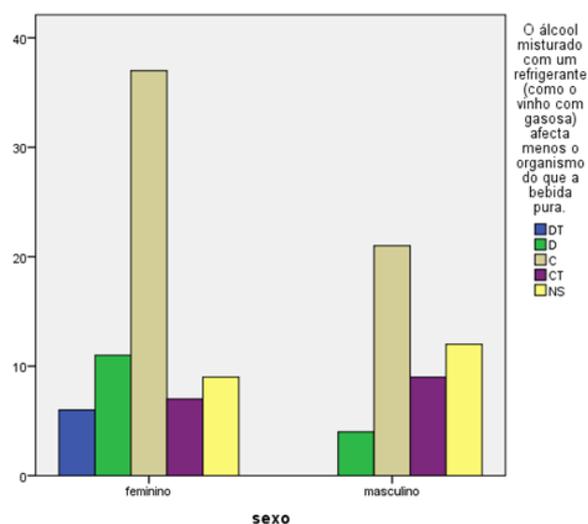


Figura 257. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O álcool misturado com um refrigerante (como o vinho com gasosa) afeta menos o organismo do que a bebida pura”.

Verificamos na Figura 258 que ambos os sexos consideram que o alcoólico é um indivíduo a quem o álcool faz mal fisicamente. Visto que o  $p$  value = 0,010 e 0,005, então as variáveis *Sexo* e *O alcoólico é um indivíduo a quem o álcool faz mal fisicamente* são dependentes (Tabela 191).

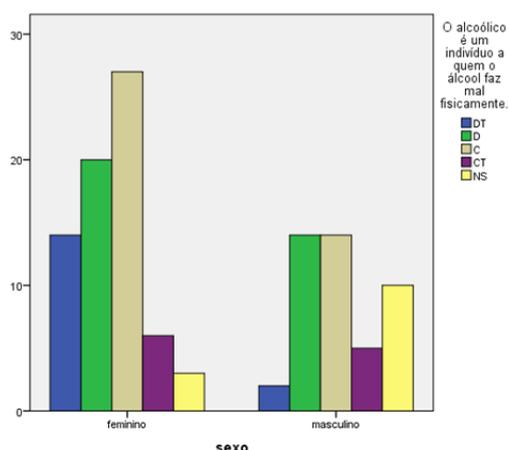


Figura 258. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O alcoólico é um indivíduo a quem o álcool faz mal fisicamente”.

Verifica-se na Figura 259 uma clara concordância, tanto nas raparigas como nos rapazes, de que o consumo continuado de bebidas alcoólicas pode provocar alterações mentais muito graves, porque destrói os neurónios do cérebro, havendo maior desconhecimento nas raparigas. Sabendo que o  $p$  value = 0,026 e 0,003, então as variáveis *Sexo* e *O consumo continuado de bebidas alcoólicas pode provocar alterações mentais muito graves, porque destrói os neurónios do cérebro* são dependentes (Tabela 191).

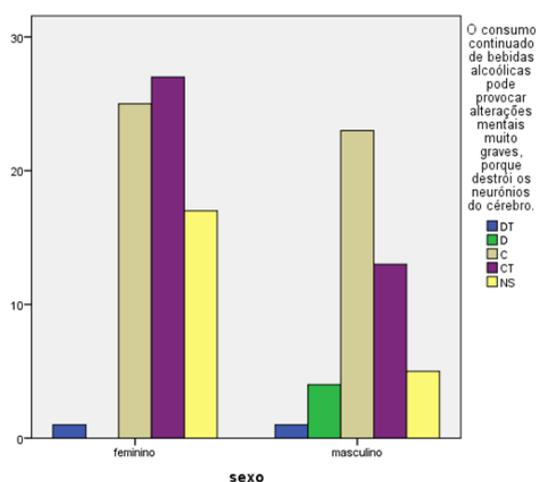


Figura 259. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O consumo continuado de bebidas alcoólicas pode provocar alterações mentais muito graves, porque destrói os neurónios do cérebro”.

Numa breve súmula verificamos predomino da concordância, tanto na maior parte das raparigas como dos rapazes, de que: o álcool cria dependência física e psíquica; os jovens consomem bebidas alcoólicas para relaxar e acalmar os nervos; o consumo de bebidas alcoólicas não melhora a capacidade de memorização, nem facilita arranjar namorado; o vinho não é uma bebida leve por conter menos álcool do que as outras bebidas; o álcool não mata a sede; o dependente de álcool é uma pessoa fraca e irresponsável, a quem o álcool faz mal fisicamente; o álcool não é um medicamento; o álcool misturado com refrigerante afeta menos o organismo do que a bebida pura; o consumo continuado de álcool pode provocar alterações mentais graves, porque destrói os neurnios.

Enquanto a maior parte das raparigas não tem dúvidas que o álcool é uma droga e não d força ou energia, os rapazes dividem-se entre a concordância e a discordância. Tanto a maior parte das raparigas como dos rapazes desconhece se beber muita água após ter ingerido álcool, diminui a taxa de alcoolemia. Se os amigos os incentivassem a consumir bebidas alcoólicas numa festa, a maior parte das raparigas rejeitaria, mas os rapazes aceitariam. Enquanto a maior parte das raparigas concorda que os jovens consomem bebidas alcoólicas, porque se encontram aborrecidos e tristes e para fugir à realidade, a maior parte dos rapazes discorda.

Tabela 192

Análise da intensidade e sentido da associação entre variáveis “Sexo” e as restantes, nos alunos do 12.º ano

Variáveis	N.º de casos válidos	Chisquare	Cramer's V Value	Approx. Sig.	Kendall's tau-b Value	Approx. Sig.
<i>Sexo x O consumo de álcool provoca doenças sem importância</i>	111	0,032	0,308	0,032		
<i>Sexo x Os médicos exageram quando falam dos malefícios do álcool</i>	111				-0,198	0,028
<i>Sexo x Consigo resistir facilmente resistir ao consumo de bebidas alcoólicas</i>	111	0,036	0,304	0,036	-0,248	0,006
<i>Sexo x O consumo de álcool dificulta a aceitação pelo meu grupo de amigos</i>	111	0,026	0,288	0,026	-0,242	0,06
<i>Sexo x O consumo de álcool é meio do jovem se afirmar</i>	110				-0,219	0,011
<i>Sexo x O álcool permite controlar o peso</i>	111				-0,203	0,023
<i>Sexo x Consumir bebidas alcoólicas torna mais fácil arranjar namorado (a).</i>	111	0,000	0,428	0,000	-0,210	0,020
<i>Sexo x Se beber durante as refeições, os efeitos do álcool são obrigatoriamente menores</i>	111				-0,200	0,017
<i>Sexo x O dependente do álcool é uma pessoa fraca e irresponsável</i>	111	0,050	0,292	0,050	-0,229	0,005
<i>Sexo x Fazer exercício físico ajuda a baixar os níveis de alcoolemia</i>	110	0,049	0,294	0,049	-0,214	0,012
<i>Sexo x Consumir bebidas alcoólicas facilita o “engate”</i>	110	0,030	0,310	0,030		
<i>Sexo x Um alcoólico pode deixar facilmente de beber álcool, bastando ter força de vontade</i>	111				-0,172	0,045

Tanto a maioria das raparigas como dos rapazes discordam que o consumo de álcool provoca doenças sem importância, sendo esta discordância mais evidente nas raparigas (Figura 260). Considerando que o  $p$  value = 0,032, então as variáveis *Sexo* e *O consumo de álcool provoca doenças sem importância* são dependentes (Tabela 192).

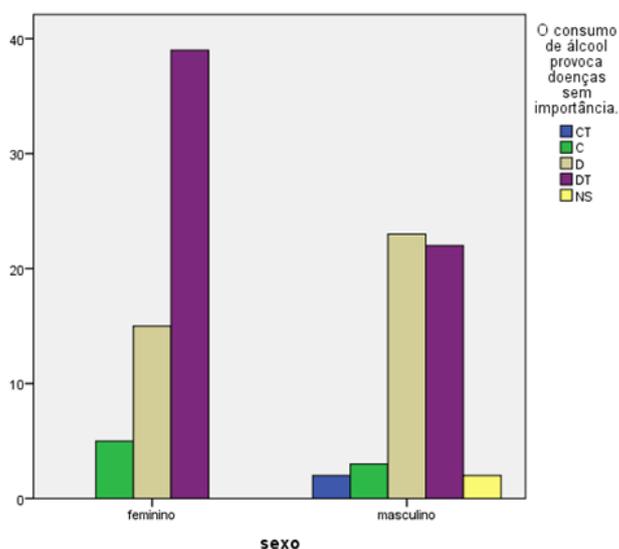


Figura 260. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O consumo de álcool provoca doenças sem importância”.

Verificamos na Figura 261 que a grande maioria das raparigas e dos rapazes discordam que os médicos exageram quando falam dos malefícios do álcool. Atendendo a que o  $p\text{ value} = 0,028$ , então as variáveis *Sexo* e *O consumo de álcool provoca doenças sem importância* são dependentes (Tabela 192).

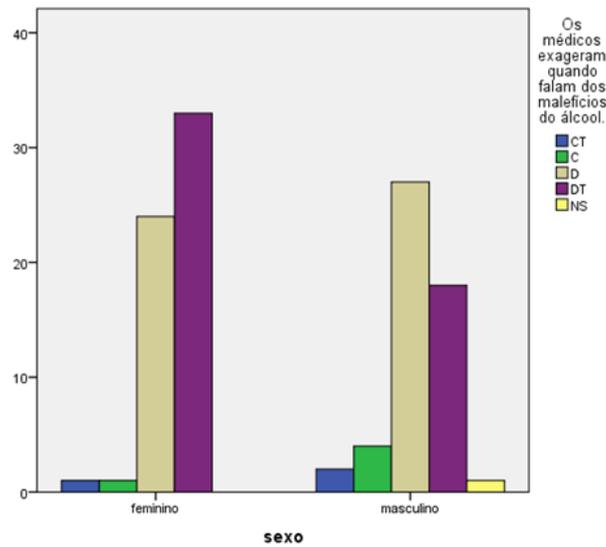


Figura 261. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O consumo de álcool provoca doenças sem importância”.

É clara a concordância na Figura 262, tanto dos rapazes como das raparigas, que conseguem resistir facilmente ao consumo de bebidas alcoólicas. Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,036$  e  $0,006$ , então as variáveis *Sexo* e *Consigo resistir facilmente resistir ao consumo de bebidas alcoólicas* são dependentes (Tabela 192).

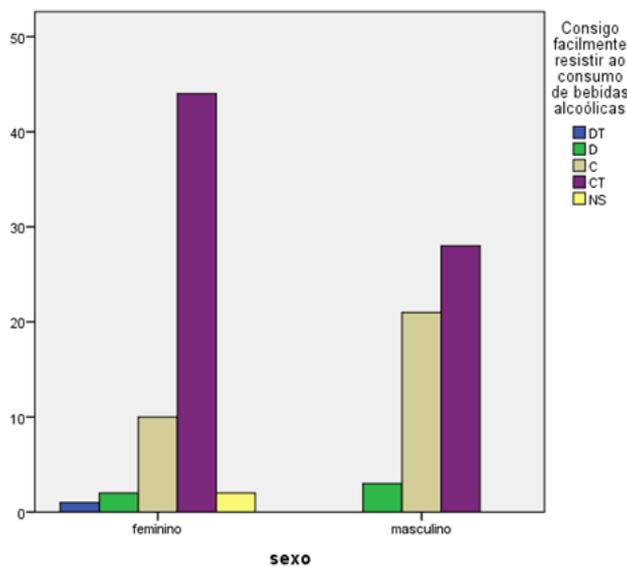


Figura 262. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Consigo resistir facilmente resistir ao consumo de bebidas alcoólicas”.

É bem evidente na Figura 263 a inclinação, em ambos os gêneros, para a discordância de que o consumo de álcool dificulta a aceitação pelo seu grupo de amigos, o que significa que tanto as raparigas como os rapazes consideram que o consumo de álcool facilita a aceitação pelo grupo de amigos. Visto que o  $p\text{ value} = 0,026$  e  $0,006$ , então as variáveis *Sexo* e *O consumo de álcool dificulta a aceitação pelo meu grupo de amigos* são dependentes (Tabela 192).

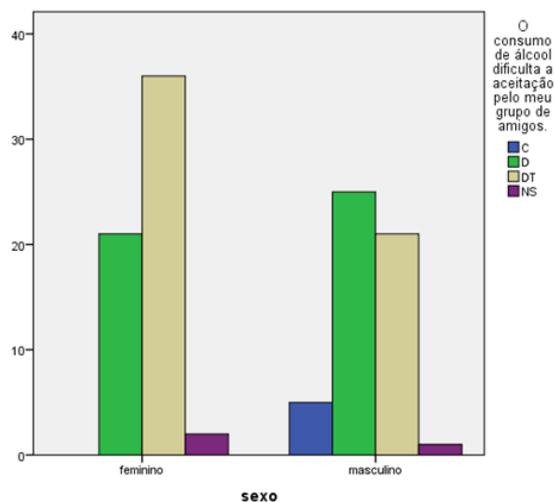


Figura 263. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O consumo de álcool dificulta a aceitação pelo meu grupo de amigos”.

Apesar de haver alguma divisão de opiniões evidentes na Figura 264, em ambos os gêneros, prevalece a discordância de que o consumo de álcool é um meio do jovem se afirmar. Sabendo que o  $p\text{ value} = 0.011$ , então as variáveis *Sexo* e *O consumo de álcool é meio do jovem se afirmar* são dependentes (Tabela 192).

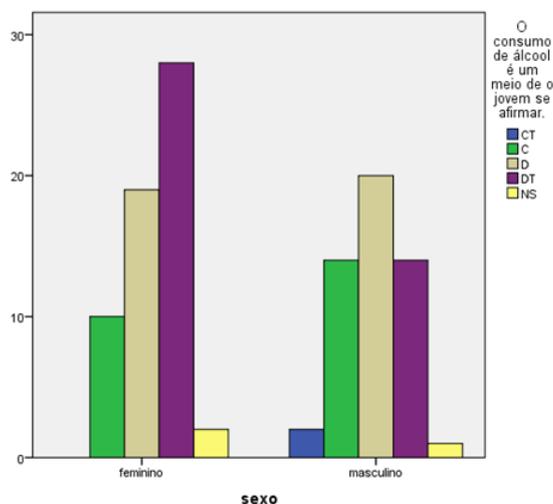


Figura 264. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O consumo de álcool é um meio do jovem se afirmar”.

Para ambos os gêneros, verifica-se na Figura 265 grande preponderância em discordar de que o álcool permite controlar o peso. Sendo o  $p\text{ value} = 0,023$ , então as variáveis *Sexo* e *O álcool permite controlar o peso* são dependentes (Tabela 192).

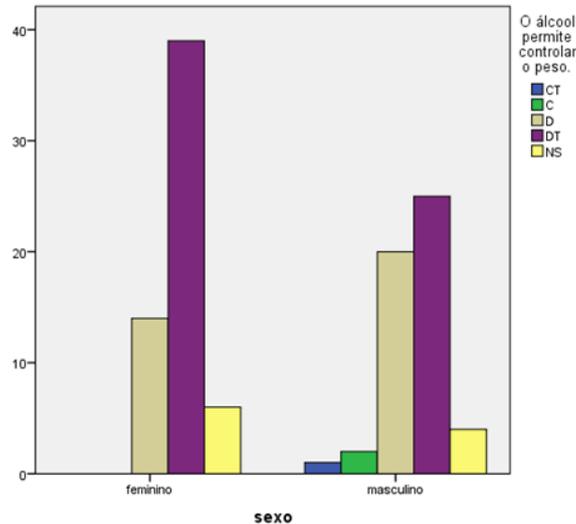


Figura 265. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O álcool permite controlar o peso”.

É clara a inclinação na Figura 266, tanto das raparigas como dos rapazes, em discordar que o consumo de álcool torna mais fácil arranjar namorada(o). Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,000$  e  $0,020$ , então as variáveis *Sexo* e *Consumir bebidas alcoólicas torna mais fácil arranjar namorado (a)* são dependentes (Tabela 192).

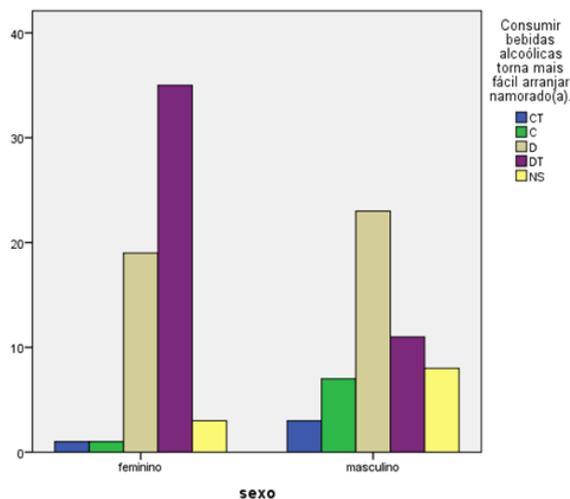


Figura 266. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Consumir bebidas alcoólicas torna mais fácil arranjar namorado (a)”.

Apesar de algum desconhecimento, tanto nas raparigas como nos rapazes, predomina a discordância de que se se beber durante as refeições, os efeitos do álcool

são obrigatoriamente menores (Figura 267). Considerando que o  $p\text{ value} = 0,017$ , então as variáveis *Sexo* e *Se beber durante as refeições, os efeitos do álcool são obrigatoriamente menores* são dependentes (Tabela 192).

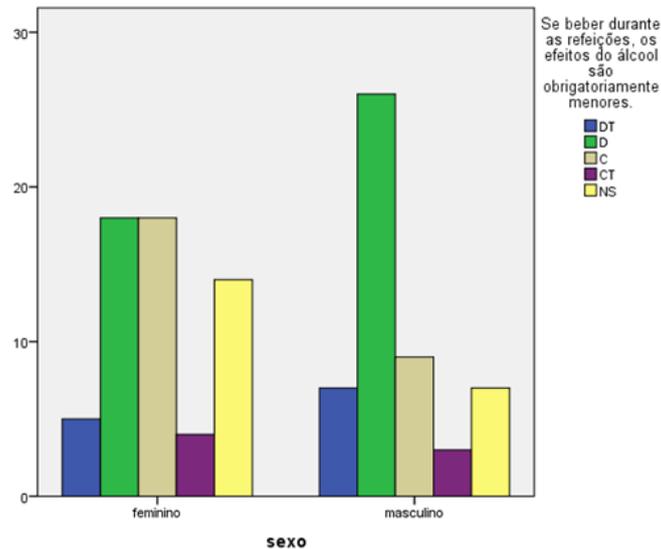


Figura 267. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Se beber durante as refeições, os efeitos do álcool são obrigatoriamente menores”.

Apesar da notória divergência de opiniões, verifica-se na Figura 268 uma maior inclinação dos rapazes do que das raparigas para concordar que o dependente de álcool é uma pessoa fraca e irresponsável. Atendendo a que o  $p\text{ value} = 0,050$  e  $0,005$ , então as variáveis *Sexo* e *O dependente do álcool é uma pessoa fraca e irresponsável* são dependentes (Tabela 192).

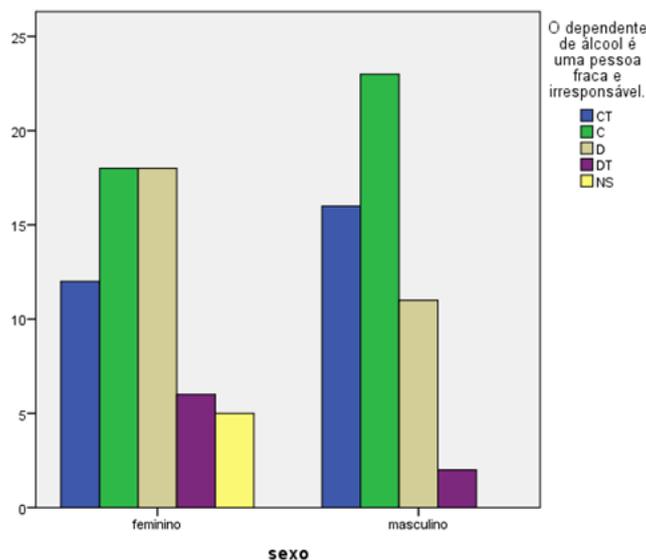


Figura 268. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “O dependente do álcool é uma pessoa fraca e irresponsável”.

Tanto nas raparigas como nos rapazes predomina a dúvida se fazer exercício físico ajuda a baixar os níveis de alcoolemia (Figura 269). Contudo, em seguida predomina a discordância nas raparigas e a concordância nos rapazes. Visto que o  $p$  value = 0,049 e 0,012, então as variáveis *Sexo* e *Fazer exercício físico ajuda a baixar os níveis de alcoolemia* são dependentes (Tabela 192).

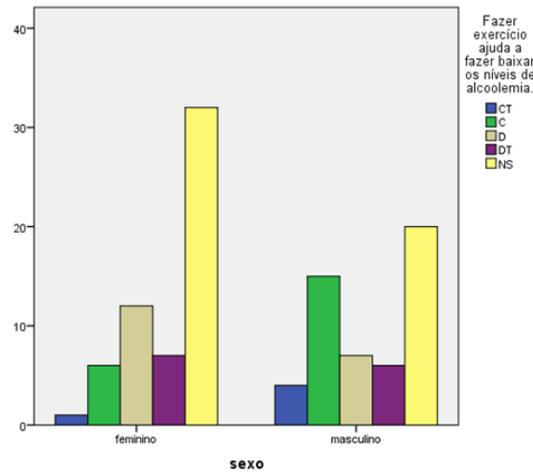


Figura 269. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Fazer exercício físico ajuda a baixar os níveis de alcoolemia”.

A grande maioria das raparigas e dos rapazes manifesta discordância de que as bebidas alcoólicas de grande graduação, como o whisky, são prejudiciais para saúde, não acontecendo o mesmo com a cerveja (Figura 270). Tendo em conta que o  $p$  value = 0,049 e 0,012, então as variáveis *Sexo* e *As bebidas alcoólicas de grande graduação, como o whisky, são prejudiciais para saúde, mas a cerveja, por exemplo, não o é* são dependentes (Tabela 192).

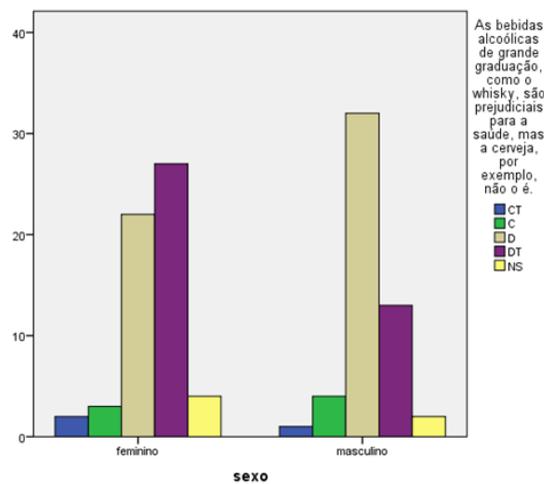


Figura 270. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “As bebidas alcoólicas de grande graduação, como o whisky, são prejudiciais para saúde, mas a cerveja, por exemplo, não o é”.

Apesar da divisão entre a concordância e a discordância, verificamos na Figura 271 um ligeiro predomínio da discordância de que o consumo de bebidas alcoólicas facilita o “engate”, sendo este predomínio mais evidente nas raparigas. Considerando que o  $p\text{ value} = 0,030$ , então as variáveis *Sexo* e *Consumir bebidas alcoólicas facilita o “engate”* são dependentes (Tabela 192).

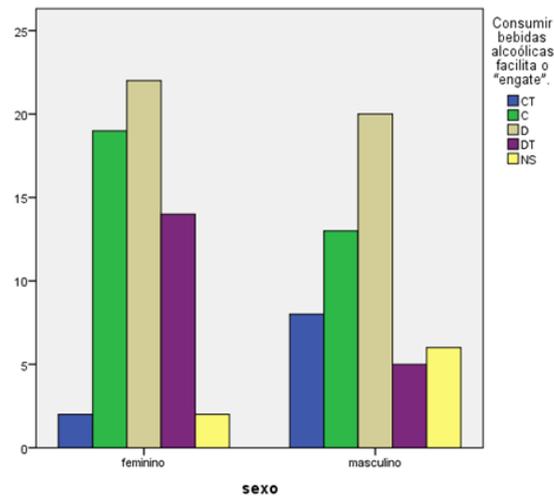


Figura 271. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Consumir bebidas alcoólicas facilita o “engate””.

A maior parte das raparigas discorda que um alcoólico pode deixar facilmente de beber álcool, bastando ter força de vontade, mas a maior parte dos rapazes concorda com a afirmação (Figura 272). Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,045$ , então as variáveis *Sexo* e *Um alcoólico pode deixar facilmente de beber álcool, bastando ter força de vontade* são dependentes (Tabela 192).

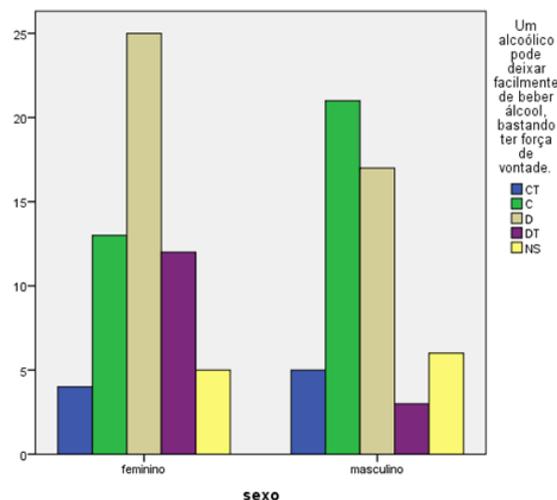


Figura 272. Gráficos de frequências das variáveis “Sexo” e “Um alcoólico pode deixar facilmente de beber álcool, bastando ter força de vontade”.

Resumindo os resultados, tanto a maior parte dos rapazes como das raparigas, considera que: o consumo álcool não é um meio do jovem se afirmar, não permite controlar o peso, não torna mais fácil arranjar namorado, nem facilita o engate; se se beber durante as refeições, os efeitos do álcool não são obrigatoriamente menores; o dependente de álcool é uma pessoa fraca e irresponsável; as bebidas de graduação são prejudiciais para a saúde, tal como a cerveja. Contudo, ambos desconhecem se fazer exercício físico faz diminuir a taxa de alcoolemia. Enquanto a maior parte dos rapazes considera que um alcoólico pode deixar facilmente de beber álcool, bastando ter força de vontade, a maior parte das raparigas discorda.

Tabela 193

*Análise da intensidade e sentido da associação entre variáveis “Escola que frequenta” e as restantes, nos alunos do 9.º ano*

Variáveis	N.º de casos válidos	Chisquare	Cramer's V Value	Approx. Sig.	Kendall's tau-b Value	Approx. Sig.
<i>Escola x O álcool é uma droga</i>	140	0,039	0,268	0,039	-0,215	0,003
<i>Escola x O álcool cria dependência psíquica</i>	140	0,039	0,269	0,039		
<i>Escola x Preocupo-me bastante com os malefícios provocados pelo consumo de álcool</i>	139	0,001	0,363	0,001		
<i>Escola x Beber azeite faz diminuir a taxa de alcoolemia</i>	139	0,005	0,325	0,005		
<i>Escola x Mascar pastilha elástica faz diminuir a taxa de alcoolemia</i>	139	0,027	0,280	0,027		
<i>Escola x O álcool alimenta</i>	139				-0,149	0,052
<i>Escola x Um alcoólico é uma pessoa que se embebeda com muita frequência</i>	139	0,003	0,323	0,003		
<i>Escola x Ingerir menta ou qualquer outra erva aromática faz diminuir a taxa de alcoolemia</i>	138	0,010	0,311	0,010		
<i>Escola x Vaporizar a boca com um spray de mentol faz diminuir a taxa de alcoolemia</i>	139	0,053	0,259	0,053		
<i>Escola x O hábito de consumir álcool pode facilitar o consumo de tabaco, de cocaína ou de outras drogas</i>	130	0,028	0,280	0,028		
<i>Escola x Beber um pouco mais de álcool aos fins de semana não apresenta perigo de alcoolismo, desde que não se beba durante a semana</i>	139	0,034	0,273	0,034	0,170	0,033
<i>Escola x As festas são mais divertidas se tiverem álcool</i>	140	0,020	0,289	0,020		
<i>Escola x Já não me sei divertir sem álcool</i>	140	0,001	0,356	0,001	-0,152	0,048
<i>Escola x AUDIT</i>	130				0,168	0,020

Nos dois tipos de escola verifica-se o predomínio da concordância de que o álcool é uma droga (Figura 273).

Considerando que o  $p$  value = 0,039 e 0,003, então as variáveis *Escola que frequenta* e *O álcool é uma droga* são dependentes (Tabela 193).

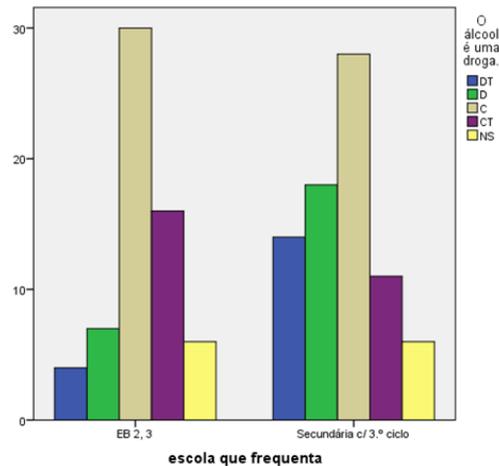


Figura 273. Gráficos de frequências das variáveis “Escola que frequenta” e “O álcool é uma droga”.

Novamente predomina em ambas as escolas a concordância de que o álcool cria dependência psíquica, apesar de haver mais discordância na escola secundária c/ 3.º ciclo, conforme atesta a Figura 274.

Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,039$ , então as variáveis *Escola que frequenta* e *O álcool cria dependência psíquica* são dependentes (Tabela 193).

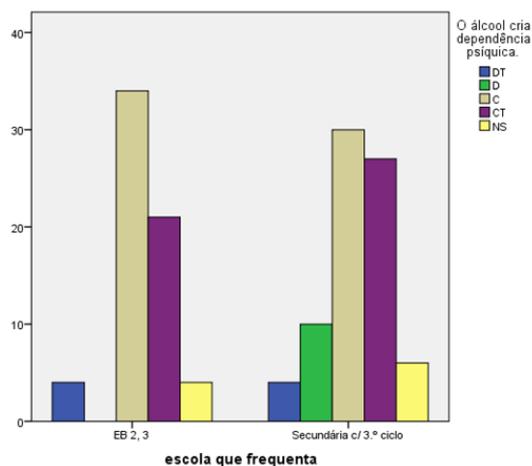


Figura 274. Gráficos de frequências das variáveis “Escola que frequenta” e “O álcool cria dependência psíquica”.

Verificamos na Figura 275 que a preocupação com os malefícios provocados pelo consumo de álcool é mais clara nos alunos das escolas EB 2, 3 do que nos das Escolas Secundárias c/ 3.º Ciclo.

Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,001$ , então as variáveis *Escola que frequenta* e *Preocupo-me bastante com os malefícios provocados pelo consumo de álcool* são dependentes (Tabela 193).

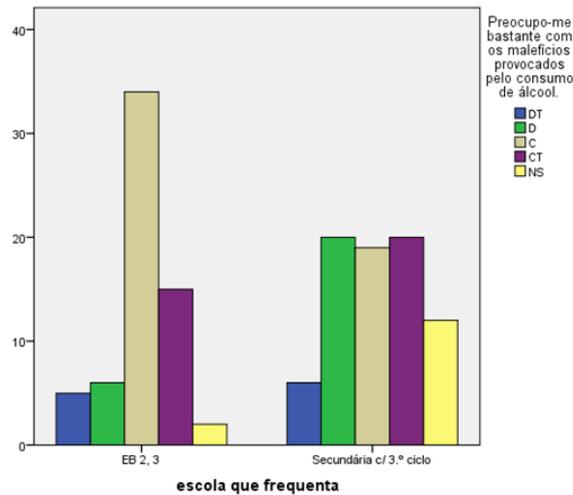


Figura 275. Gráficos de frequências das variáveis “Escola que frequenta” e “Preocupo-me bastante com os malefícios provocados pelo consumo de álcool”.

Apesar do elevado desconhecimento, evidente na Figura 276, se beber azeite faz diminuir a taxa de alcoolemia, segue-se a discordância nas escolas EB 2,3, enquanto nas escolas secundárias c/ 3.º ciclo há mais concordância com este mito.

Visto que o  $p$  value = 0,005, então as variáveis *Escola que frequenta* e *Beber azeite faz diminuir a taxa de alcoolemia* são dependentes (Tabela 193).

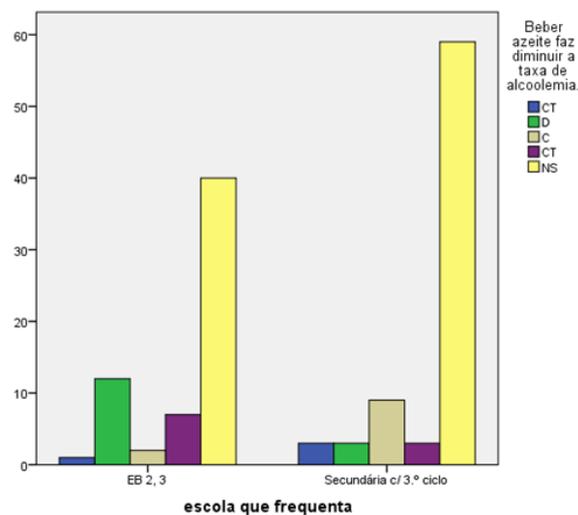


Figura 276. Gráficos de frequências das variáveis “Escola que frequenta” e “Beber azeite faz diminuir a taxa de alcoolemia”.

Também na Figura 277 impera a dúvida se mascar pastilha elástica faz diminuir a taxa de alcoolemia, seguindo-se a discordância e verificando-se apenas concordância total nas escolas secundárias c/ 3.º ciclo.

Como o  $p$  value = 0,027, então as variáveis *Escola que frequenta* e *Mascar pastilha elástica faz diminuir a taxa de alcoolemia* são dependentes (Tabela 193).

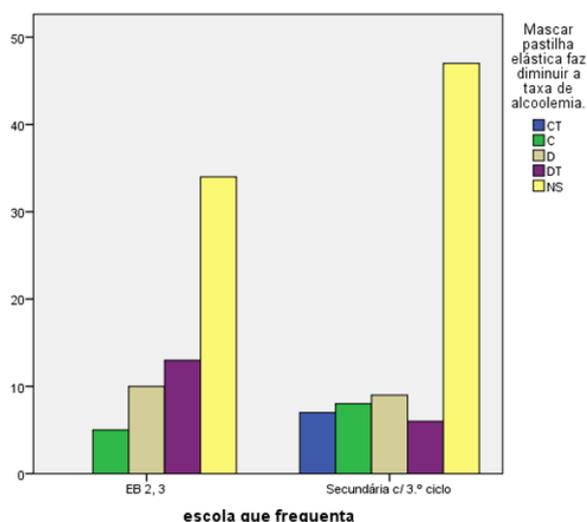


Figura 277. Gráficos de frequências das variáveis “Escola que frequenta” e “Mascar pastilha elástica faz diminuir a taxa de alcoolemia”.

Predomina na Figura 278, em ambas as escolas, a discordância de que o álcool alimenta.

Sendo o  $p\text{ value} = 0,052$ , então as variáveis *Escola que frequenta* e *O álcool alimenta* são dependentes (Tabela 193).

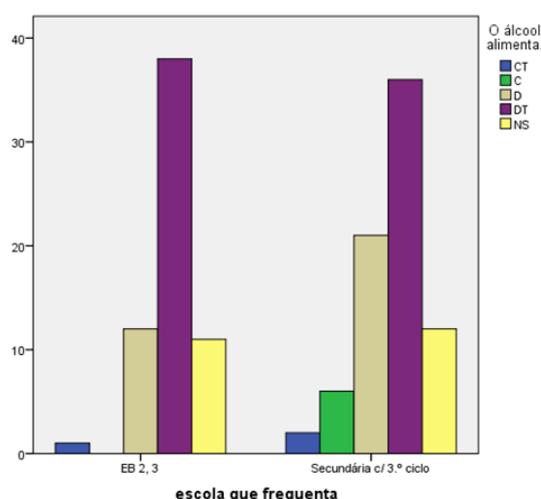


Figura 278. Gráficos de frequências das variáveis “Escola que frequenta” e “O álcool alimenta”.

Em ambas as escolas prevalece a concordância de que um alcoólico é uma pessoa que se embesbeba com muita frequência, havendo maior desconhecimento nos alunos das escolas secundárias c/ 3.º ciclo (Figura 279).

Atendendo que o  $p\text{ value} = 0,003$ , então as variáveis *Escola que frequenta* e *Um alcoólico é uma pessoa que se embesbeba com muita frequência* são dependentes (Tabela 193).

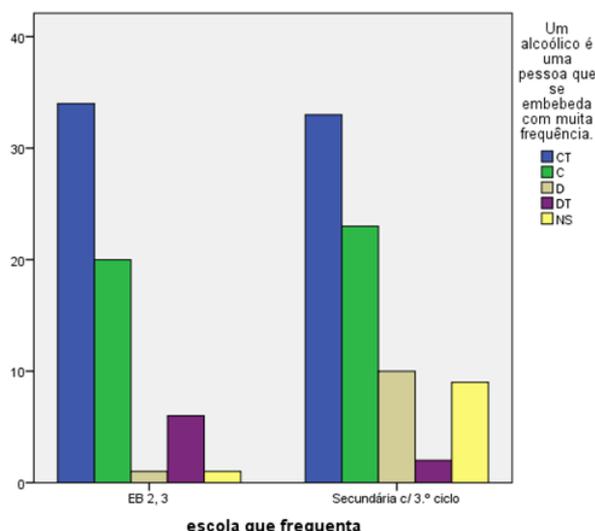


Figura 279. Gráficos de frequências das variáveis “Escola que frequenta” e “Um alcoólico é uma pessoa que se embebeda com muita frequência”.

Verificamos, na Figura 280, que prevalece a dúvida na maioria dos alunos que frequentam os dois tipos de escola, se ingerir menta ou qualquer outra erva aromática faz diminuir a taxa de alcoolemia, seguindo-se a discordância em relação a este mito.

Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,010$ , então as variáveis *Escola que frequenta* e *Ingerir menta ou qualquer outra erva aromática faz diminuir a taxa de alcoolemia* são dependentes (Tabela 193).

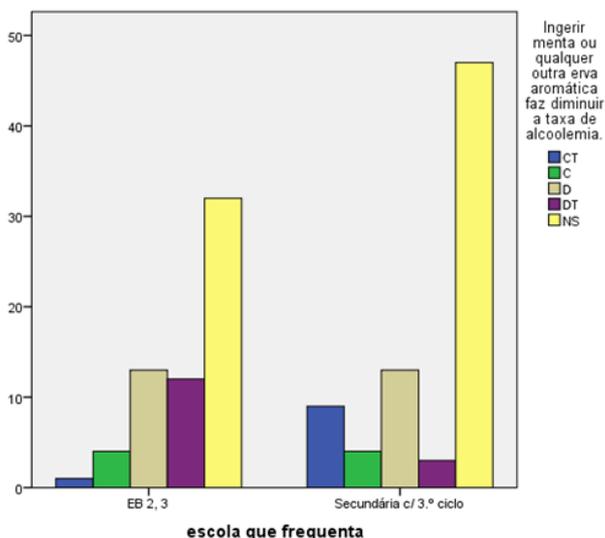


Figura 280. Gráficos de frequências das variáveis “Escola que frequenta” e “Ingerir menta ou qualquer outra erva aromática faz diminuir a taxa de alcoolemia”.

Também na Figura 281 predomina o desconhecimento nos alunos de ambas as escolas, se vaporizar a boca com um *spray* de mentol faz diminuir a taxa de alcoolemia, seguindo-se a discordância com este mito.

Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,053$ , então as variáveis *Escola que frequenta* e *Vaporizar a boca com um spray de mentol faz diminuir a taxa de alcoolemia* são dependentes (Tabela 193).

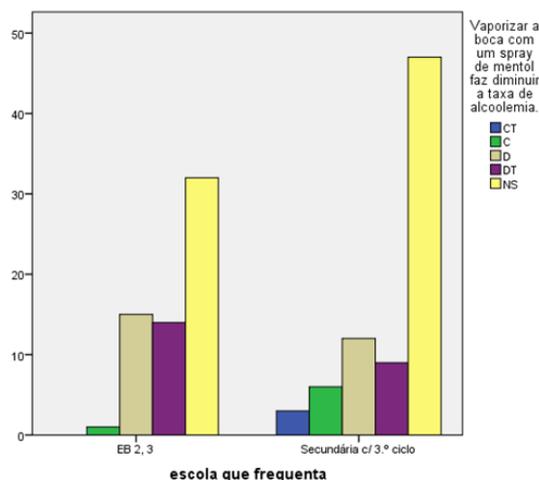


Figura 281. Gráficos de frequências das variáveis “Escola que frequenta” e “Vaporizar a boca com um spray de mentol faz diminuir a taxa de alcoolemia”.

Enquanto a maior parte dos alunos das escolas EB 2,3 predomina a concordância de que hábito de consumir álcool pode facilitar o consumo de tabaco, de cocaína ou de outras drogas, ou seja, os policonsumos, seguindo-se o desconhecimento, já nas escolas secundárias c/ 3.º ciclo, é mais evidente a dúvida, seguindo-se a concordância com este facto (Figura 282).

Visto que o  $p\text{ value} = 0,028$ , então as variáveis *Escola que frequenta* e *O hábito de consumir álcool pode facilitar o consumo de tabaco, de cocaína ou de outras drogas* são dependentes (Tabela 193).

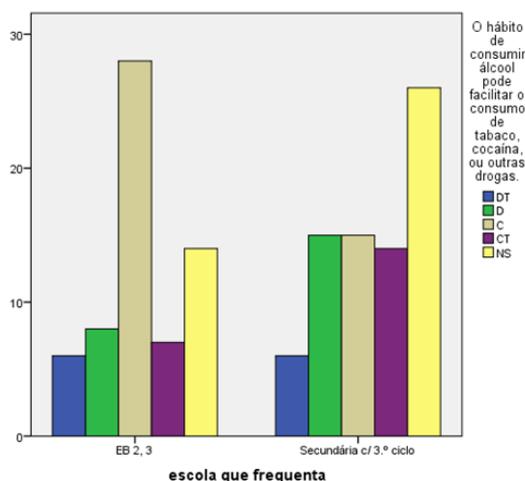


Figura 282. Gráficos de frequências das variáveis “Escola que frequenta” e “O hábito de consumir álcool pode facilitar o consumo de tabaco, cocaína, ou outras drogas”.

Verificamos na Figura 283 que em ambas as escolas, a maior parte dos alunos concorda que se beber um pouco mais de álcool aos fins de semana não apresenta perigo de alcoolismo, desde que não se beba durante a semana, sendo maior o desconhecimento entre os alunos das escolas secundárias c/ 3.º ciclo.

Como o  $p\text{ value} = 0,034$  e  $0,033$ , então as variáveis *Escola que frequenta* e *Beber um pouco mais de álcool aos fins de semana não apresenta perigo de alcoolismo, desde que não se beba durante a semana* são dependentes (Tabela 193).

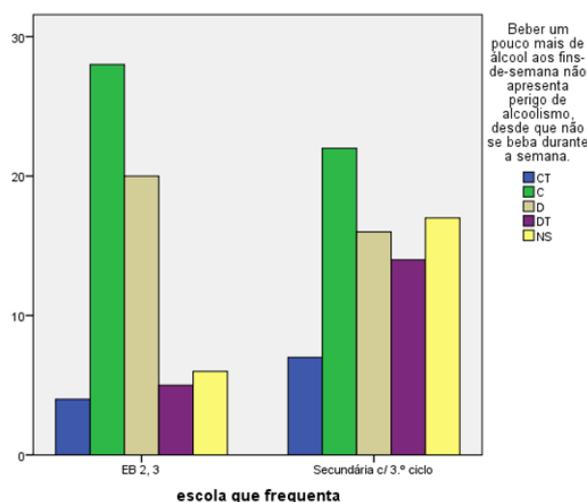


Figura 283. Gráficos de frequências das variáveis “Escola que frequenta” e “Beber um pouco mais aos fins de semana não apresenta perigo de alcoolismo, desde que não se beba durante a semana”.

Nos dois tipos de escolas, as opiniões encontram-se divididas entre a concordância e a discordância de que as festas são mais divertidas se tiverem álcool, havendo nas escolas EB 2, 3 um ligeiro predomínio para a discordância e nas Escolas Secundárias c/ 3.º ciclo uma leve tendência para a concordância, havendo também nestas escolas maior desconhecimento, conforme gráficos da Figura 284.

Sendo o  $p\text{ value} = 0,020$ , então as variáveis *Escola que frequenta* e *As festas são mais divertidas se tiverem álcool* são dependentes (Tabela 193).

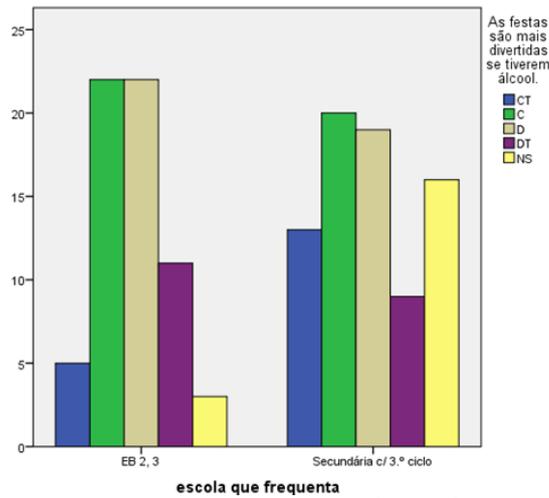


Figura 284. Gráficos de frequências das variáveis “Escola que frequenta” e “As festas são mais divertidas se tiverem álcool”.

Analisando os gráficos da Figura 285, observamos que a maioria dos alunos dos dois tipos de escolas considera que se sabe divertir, sem consumir álcool.

Atendendo que o  $p\text{ value} = 0,001$  e  $0,048$ , então as variáveis *Escola que frequenta* e *Já não me sei divertir sem consumir álcool* são dependentes (Tabela 193).

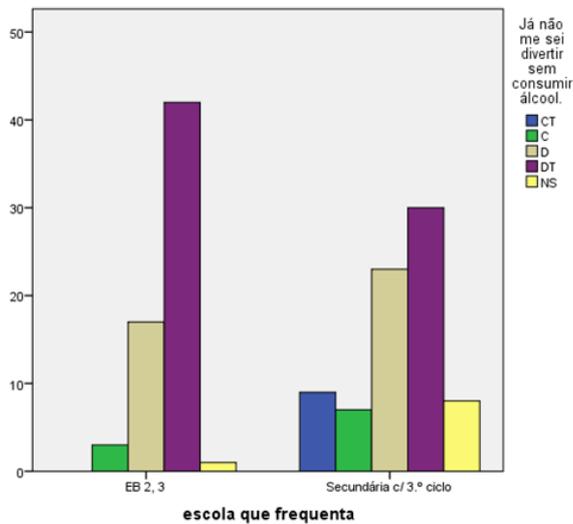


Figura 285. Gráficos de frequências das variáveis “Escola que frequenta” e “Já não me sei divertir sem consumir álcool”.

Verificamos na Figura 286 que em ambas as escolas prevalecem os consumos de baixo risco (entre 0 e 7), apesar de se verificar maior frequência de alunos com consumo abusivo (entre 8 e 19) e de dependência (entre 20 e 40), nos alunos das Escolas Secundária c/ 3.º Ciclo.

Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,020$ , então as variáveis *Escola que frequenta* e *AUDIT* são dependentes (Tabela 193).

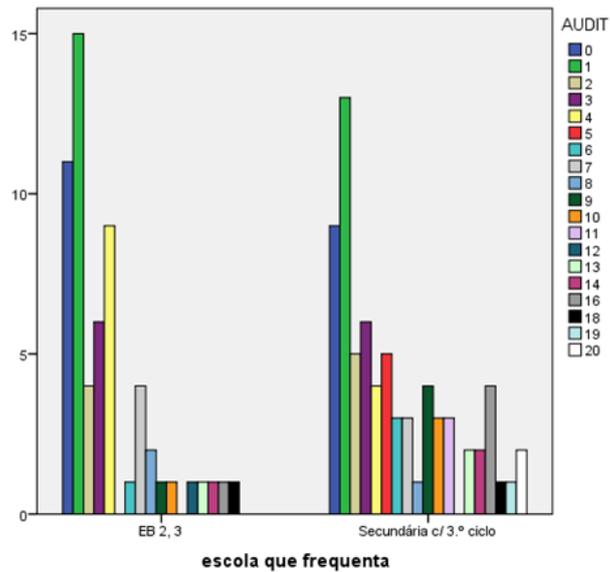


Figura 286. Gráficos de frequências das variáveis “Escola que frequenta” e “AUDIT”.

Fazendo um breve apanhado dos resultados, tanto nas escolas básicas de 2.º e 3.º ciclo, como nas secundárias c/ 3.º ciclo, do 9.º ano, predominam os alunos que consideram que: o álcool é uma droga, que cria dependência psíquica, revelando preocupação com os malefícios provocados pelo consumo de álcool; o álcool não é uma alimento; um alcoólico é uma pessoa que se embebda com muita frequência; se beber um pouco mais de álcool aos fins de semana não apresenta perigo de alcoolismo, desde que não se beba durante a semana; se sabem divertir sem consumir álcool.

Em ambas as escolas prevalecem os alunos que desconhecem se beber azeite, mascar pastilha elástica, ingerir menta ou outra erva aromática ou vaporizar a boca com um spray de mentol faz diminuir a taxa de alcoolemia.

Enquanto a maior parte dos alunos das escolas básicas de 2.º e 3.º ciclo consideram que o hábito de consumir álcool pode facilitar o policonsumo. Verifica-se uma divisão entre a concordância e a discordância de que as festas são mais divertidas com álcool, havendo um ligeiro predomínio da discordância nas escolas básicas de 2.º e 3.º ciclo e da concordância nas escolas secundárias c/ 3.º ciclo.

A maior parte dos alunos, de ambas as escolas apresenta consumo de baixo risco, de acordo com o teste *AUDIT*.

➤ **Reprovação x Variáveis da Dimensão III – Representações sociais dos alunos acerca dos consumos de álcool**

Tabela 194

*Análise da intensidade e sentido da associação entre variáveis “Reprovação” e as restantes, nos alunos do 9.º ano*

<b>Variáveis</b>	<b>N.º de casos válidos</b>	<b>Chisquare</b>	<b>Cramer's V Value</b>	<b>Approx. Sig.</b>	<b>Kendall's tau-b Value</b>	<b>Approx. Sig.</b>
<i>Reprovação x O consumo de álcool provoca doenças sem importância</i>	139	0,009	0,253	0,009		
<i>Reprovação x Os médicos exageram quando falam dos malefícios do álcool</i>	138	0,009	0,253	0,009		
<i>Reprovação x O álcool torna as pessoas mais bonitas</i>	139				-0,173	0,023
<i>Reprovação x Mascar pastilha elástica faz diminuir a taxa de alcoolemia</i>	139	0,006	0,258	0,006		
<i>Reprovação x Consumir bebidas alcoólicas dificulta a capacidade de concentração</i>	138				-0,157	0,033
<i>Reprovação x O álcool faz bem ao coração</i>	138				-0,142	0,042
<i>Reprovação x Vaporizar a boca com spray de mentol faz diminuir a taxa de alcoolemia</i>	139	0,036	0,231	0,036		
<i>Reprovação x O álcool misturado com um refrigerante (como o vinho com gasosa) afeta menos o organismo do que a bebida pura</i>	139				-0,209	0,006

Atestamos na Figura 287 que os alunos que nunca reprovaram ou reprovaram 1 ou 2 vezes, a maior parte discorda totalmente que o consumo de álcool provoca doenças sem importância, enquanto os alunos que reprovaram 3 vezes, sendo em menor número, estão divididos entre a concordância e a discordância. Considerando que o *p value* = 0,009, então as variáveis *Reprovação* e *O consumo de álcool provoca doenças sem importância* são dependentes (Tabela 194).

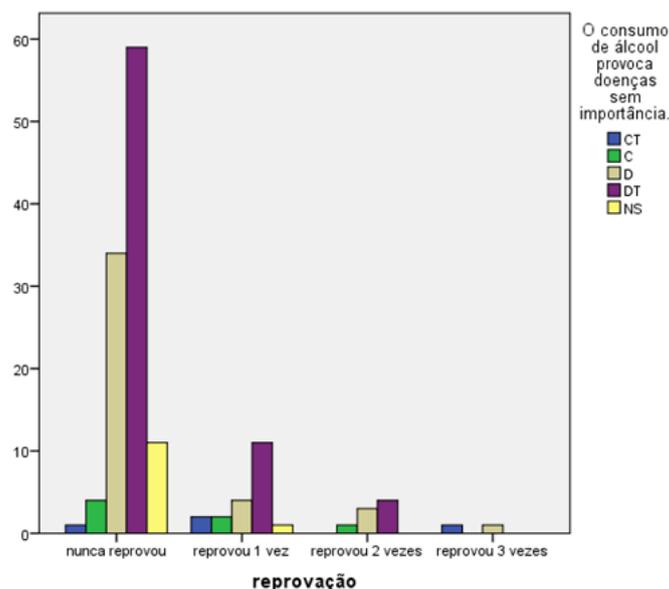


Figura 287. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “O consumo de álcool provoca doenças sem importância”.

Verificamos na Figura 288 que a maior parte dos alunos, tendo já reprovado ou não, considera que os médicos não exageram quando falam dos malefícios do álcool. Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,009$ , então as variáveis *Reprovação* e *Os médicos exageram quando falam dos malefícios do álcool* são dependentes (Tabela 194).

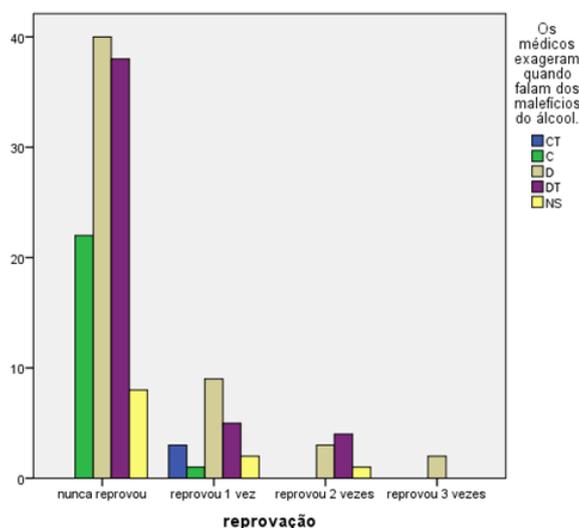


Figura 288. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Os médicos exageram quando falam dos malefícios do álcool”.

É clara na Figura 289 a discordância de que o álcool torna as pessoas mais bonitas, quer nos alunos que já tenham reprovado ou não. Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,023$ , então as variáveis *Reprovação* e *O álcool torna as pessoas mais bonitas* são dependentes (Tabela 194).

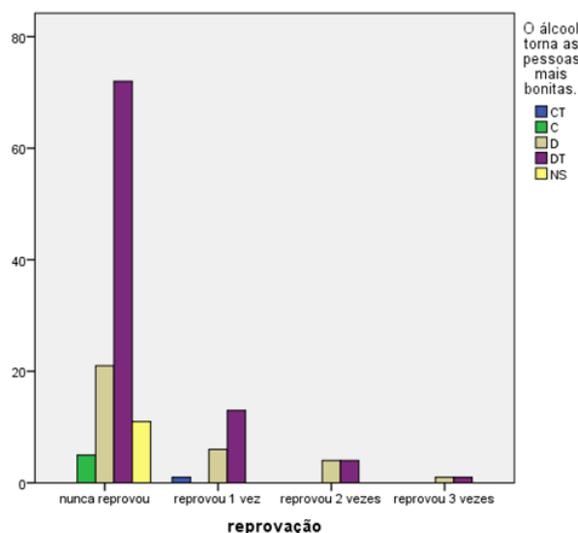


Figura 289. Gráfico de frequências das variáveis “Reprovação” e “O álcool torna as pessoas mais bonitas”.

Verificamos na Figura 290 que maior parte dos alunos que nunca reprovou ou reprovou 1 ou 2 vezes, desconhece se mascar pastilha elástica faz diminuir a taxa de alcoolemia, enquanto os alunos que reprovaram 3 vezes concordam com a afirmação. Visto que o  $p\text{ value} = 0,006$ , então as variáveis *Reprovação* e *Mascar pastilha elástica faz diminuir a taxa de alcoolemia* são dependentes (Tabela 194).

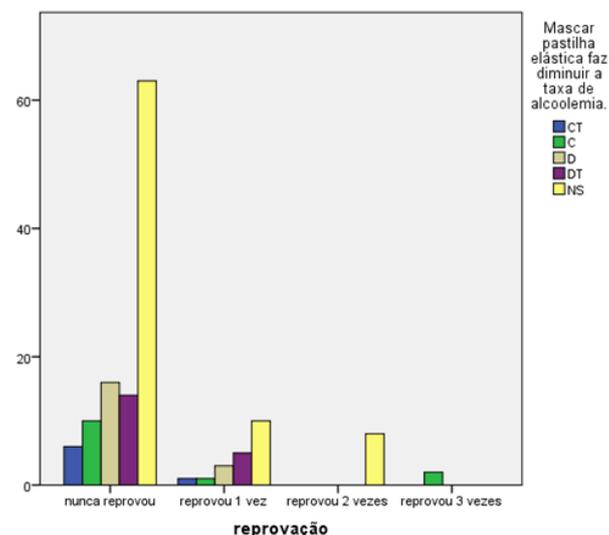


Figura 290. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Mascar pastilha elástica faz diminuir a taxa de alcoolemia”.

A maior parte dos alunos representados na Figura 291 refere que nunca reprovou ou reprovou 1 ou 2 vezes considera que consumir bebidas alcoólicas faz diminuir a capacidade de concentração, enquanto os alunos que reprovaram 3 vezes se encontram divididos entre a concordância e a discordância. Como o  $p\text{ value} = 0,033$ , então as

variáveis *Reprovação* e *Consumir bebidas alcoólicas dificulta a capacidade de concentração* são dependentes (Tabela 194).

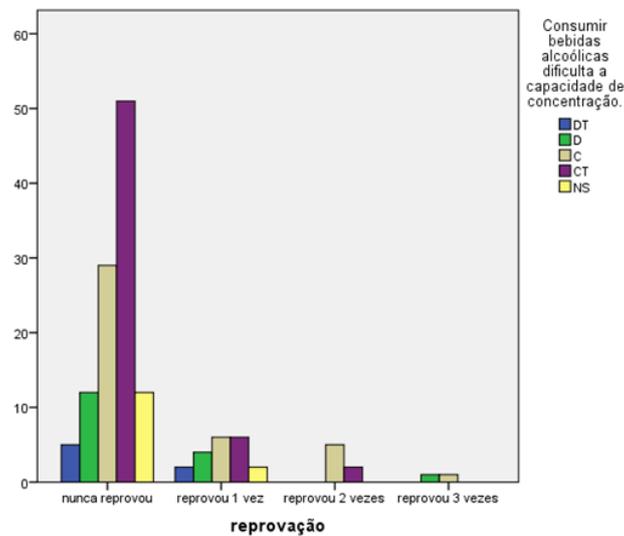


Figura 291. Gráfico de frequências das variáveis “Reprovação” e “Consumir bebidas alcoólicas dificulta a capacidade de concentração”.

A maioria dos alunos que nunca reprovou ou já reprovou discorda que o álcool faça bem ao coração (Figura 292). Atendendo a que o  $p\ value = 0,042$ , então as variáveis *Reprovação* e *O álcool faz bem ao coração* são dependentes (Tabela 194).

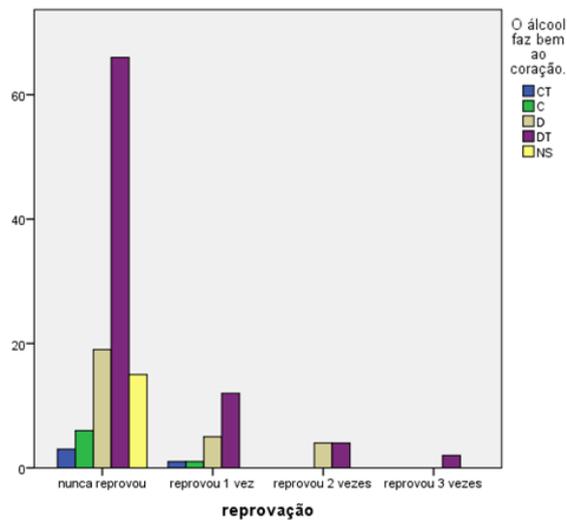


Figura 292. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “O álcool faz bem ao coração”.

A maioria dos alunos quer tenha reprovado ou não, desconhece se vaporizar a boca com um *spray* de mentol faz diminuir a taxa de alcoolemia, conforme o observado na Figura 293. Tendo em conta que o  $p\ value = 0,036$ , então as variáveis *Reprovação* e

Vaporizar a boca com spray de mentol faz diminuir a taxa de alcoolemia são dependentes (Tabela 194).

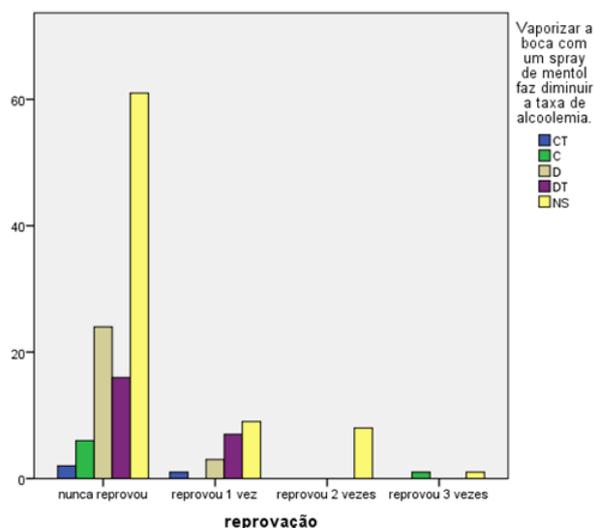


Figura 293. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Vaporizar a boca com spray de mentol faz diminuir a taxa de alcoolemia”.

Apesar de haver uma elevada percentagem de desconhecimento, quer nos alunos que já tenham reprovado ou não, predomina a concordância de que se o álcool estiver misturado com um refrigerante, afeta menos o organismo do que a bebida pura (Figura 294), estando os alunos que reprovaram uma ou três vezes divididos entre a concordância e a discordância. Considerando que o  $p\text{ value} = 0,006$ , então as variáveis *Reprovação* e *O álcool misturado com um refrigerante (como o vinho com gasosa) afeta menos o organismo do que a bebida pura* são dependentes (Tabela 194).

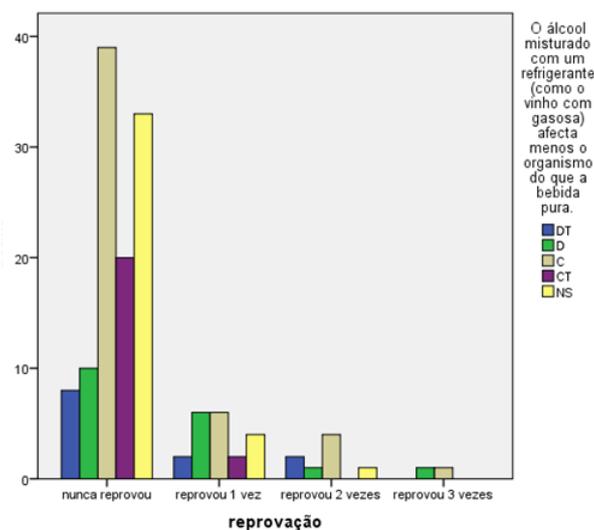


Figura 294. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “O álcool misturado com um refrigerante (como o vinho com gasosa) afeta menos o organismo do que a bebida pura”.

Numa breve sinopse dos resultados, tanto a maior parte dos alunos do que já reprovaram ou não, do 9.º ano, considera que: os médicos não exageram quando falam dos malefícios do álcool; o consumo de álcool não torna as pessoas mais bonitas; o álcool não faz bem ao coração; se o álcool estiver misturado com um refrigerante afeta menos o organismo, do que uma bebida pura. Na generalidade desconhecem se vaporizar a boca com spray de mentol diminui a taxa de alcoolemia, tal como também desconhecem se mascar pastilha elástica tem o mesmo efeito, exceto os alunos que reprovaram três vezes, que acreditam nesta propriedade das pastilhas.

Novamente com exceção da maioria parte dos alunos que reprovaram três vezes, que se encontram divididos entre a concordância e a discordância, os restantes consideram que o álcool não provoca doenças sem importância e dificulta a capacidade de concentração.

Tabela 195

*Análise da intensidade e sentido da associação entre variáveis "Reprovação" e as restantes, nos alunos do 10.º ano*

Variáveis	N.º de casos válidos	Chisquare	Cramer's V Value	Approx. Sig.	Kendall's tau-b Value	Approx. Sig.
<i>Reprovação x Os jovens consomem bebidas alcoólicas para se sentirem mais adultos</i>	133	0,012	0,271	0,012		
<i>Reprovação x O álcool permite controlar o peso</i>	133	0,038	0,350	0,038		
<i>Reprovação x O consumo de café pode curar a ressaca</i>	133	0,026	0,256	0,026	-0,170	0,023
<i>Reprovação x Misturar cerveja, vinho e destilados leva à embriaguez mais rapidamente do que tomar somente um tipo de bebida</i>	132				-0,186	0,009

Observamos na Figura 295 que a maior parte dos alunos que nunca reprovou ou que reprovou duas vezes concorda que os jovens consomem bebidas alcoólicas para se sentirem mais adultos, enquanto a maior parte dos alunos que reprovou uma vez discorda. Como o  $p$  value = 0,012, então as variáveis *Reprovação* e *Os jovens consomem bebidas alcoólicas para se sentirem mais adultos* são dependentes (Tabela 195).

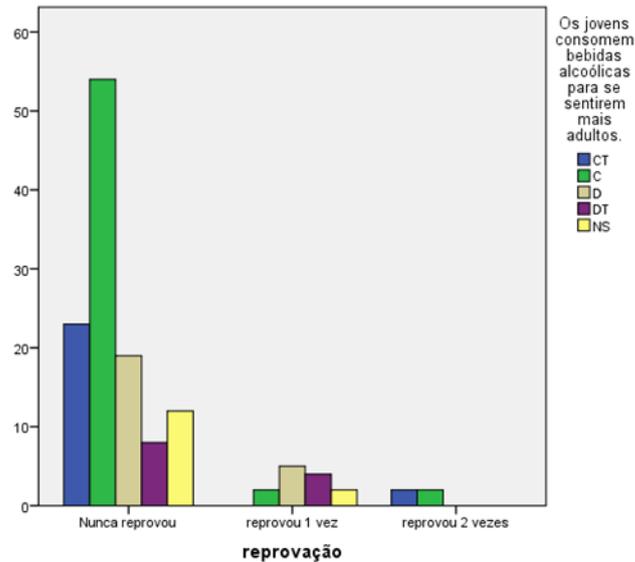


Figura 295. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Os jovens consomem bebidas alcoólicas para se sentirem mais adultos”.

Quer os alunos já tenham reprovado ou não, prevalece na Figura 296 a discordância de que o álcool permite controlar o peso. Considerando o  $p\text{ value} = 0,038$ , então as variáveis *Reprovação* e *O álcool permite controlar o peso* são dependentes (Tabela 195).

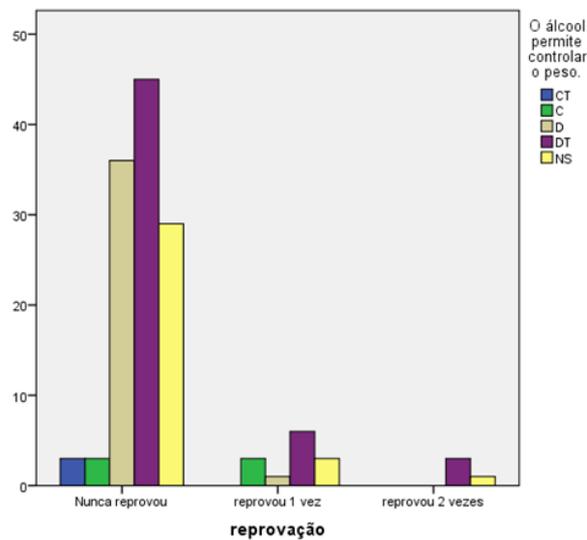


Figura 296. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “O álcool permite controlar o peso”.

Enquanto a maior parte dos alunos que nunca reprovou ou que já reprovou duas vezes desconhece se o consumo de café pode curar a ressaca, os alunos que reprovaram uma vez consideram que o café pode curar a ressaca (Figura 297). Como o  $p\text{ value} = 0,026$  e  $0,023$ , então as variáveis *Reprovação* e *O consumo de café pode curar a ressaca* são dependentes (Tabela 195).

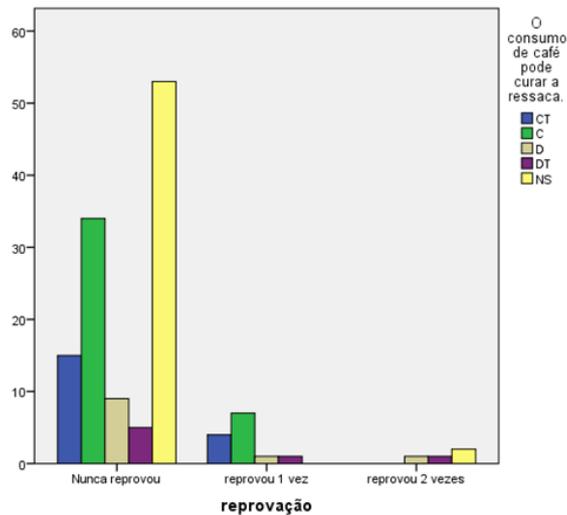


Figura 297. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovção” e “O consumo de café pode curar a ressaca”.

Quer tenha reprovado ou não, a maior parte dos alunos acredita que misturar cerveja, vinho e destilados leva à embriaguez mais rapidamente do que tomar somente um tipo de bebida, apesar de haver uma elevada quantidade de alunos que nunca reprovou, que desconhece se isso acontece ou não (Figura 298). Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,009$ , então as variáveis *Reprovção* e *Misturar cerveja, vinho e destilados leva à embriaguez mais rapidamente do que tomar somente um tipo de bebida* são dependentes (Tabela 195).

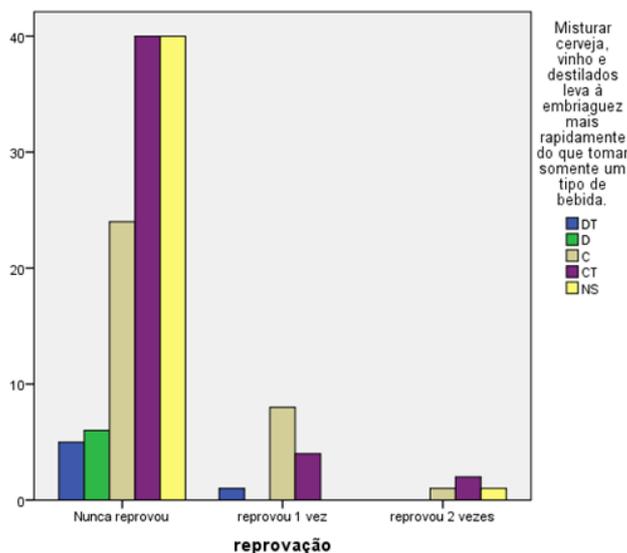


Figura 298. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovção” e “Misturar cerveja, vinho e destilados leva à embriaguez mais rapidamente do que tomar somente um tipo de bebida”.

Fazendo uma súmula dos resultados, tanto a maior parte dos alunos do que já reprovaram ou não, do 10.º ano, considera que: o álcool não permite controlar o peso e

misturar cerveja, vinho e destilados leva à embriaguez mais rapidamente, do que tomar somente um tipo de bebida. Com exceção da maior parte dos alunos que já reprovou uma vez e que discordam, a maior parte dos restantes alunos concorda que os jovens consomem bebidas alcoólicas para se sentirem mais adultos. Também a maior parte dos alunos, com exceção dos que reprovaram uma vez e que concordam, os restantes têm dúvidas se o café pode curar a ressaca.

Tabela 196

*Análise da intensidade e sentido da associação entre variáveis "Reprovação" e as restantes, nos alunos do 11.º ano*

Variáveis	N.º de casos válidos	Chisquare	Cramer's V Value	Approx. Sig.	Kendall's tau-b Value	Approx. Sig.
<i>Reprovação x O álcool alimenta</i>	115	0,017	0,267	0,017		
<i>Reprovação x Consumir bebidas alcoólicas dificulta a capacidade de concentração</i>	116	0,005	0,286	0,005		
<i>Reprovação x Ingerir menta ou qualquer outra erva aromática faz diminuir a taxa de alcoolemia</i>	117	0,012	0,242	0,012		
<i>Reprovação x Os efeitos do álcool são mais intensos se for consumido com estômago vazio</i>	116	0,000	0,448	0,000		
<i>Reprovação x O consumo de bebidas alcoólicas influencia o número de acidentes de viação</i>	116	0,000	0,419	0,000		
<i>Reprovação x As festas são mais divertidas se tiverem álcool</i>	116				0,160	0,052
<i>Reprovação x Já não me sei divertir sem consumir álcool</i>	115	0,044	0,249	0,044		
<i>Reprovação x AUDIT</i>	110	0,006	0,547	0,006		

Verificamos na Figura 299 que tanto nos alunos que nunca reprovaram, como nos que reprovaram uma ou duas vezes, prevalece a discordância de que o álcool alimenta. Contudo, os alunos que reprovaram três vezes acreditam que o álcool alimenta. Como o  $p$  value = 0,017, então as variáveis *Reprovação* e *O álcool alimenta* são dependentes (Tabela 196).

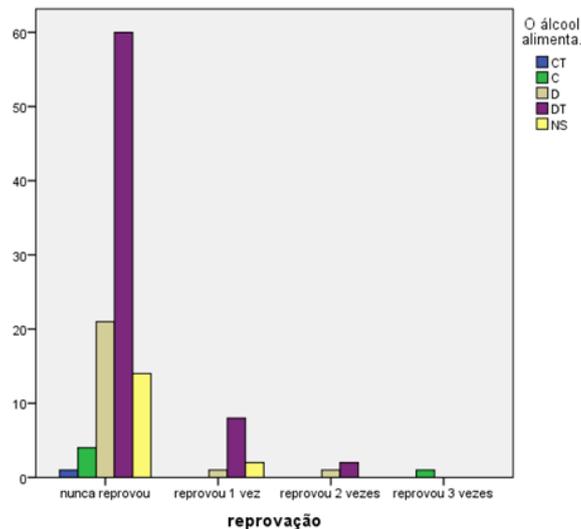


Figura 299. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “O álcool alimenta”.

Mais uma vez, tanto nos alunos que nunca reprovaram, como nos que reprovaram uma ou duas vezes, predomina a concordância de que o consumo de bebidas alcoólicas dificulta a capacidade de concentração, discordando os alunos que reprovaram três vezes (Figura 300). Atendendo a que o  $p\text{ value} = 0,005$ , então as variáveis *Reprovação* e *Consumir bebidas alcoólicas dificulta a capacidade de concentração* são dependentes (Tabela 196).

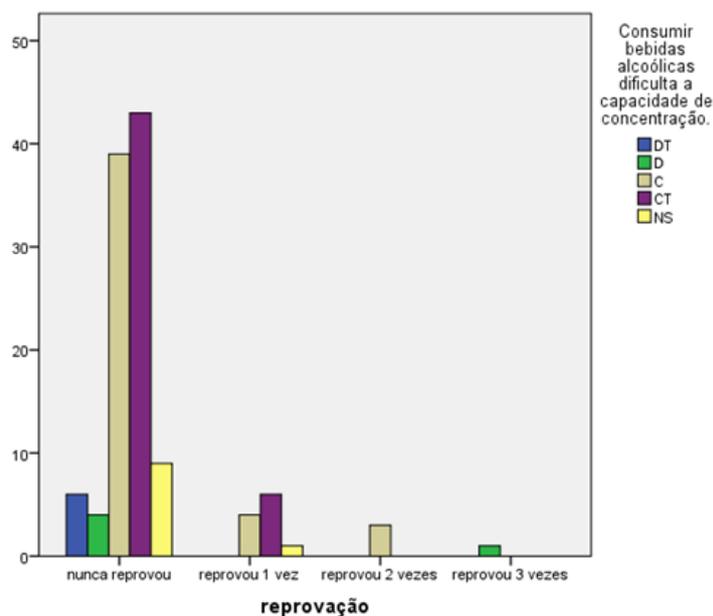


Figura 300. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Consumir bebidas alcoólicas dificulta a capacidade de concentração”.

Verifica-se na Figura 301, um desconhecimento nos alunos que nunca reprovaram, bem como entre os que já reprovaram uma ou duas vezes, sobre se ingerir

menta ou qualquer outra erva aromática faz diminuir a taxa de alcoolemia, com exceção dos alunos que já reprovaram três vezes, que concordam com o referido mito. Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,012$ , então as variáveis *Reprovação* e *Ingerir menta ou qualquer outra erva aromática faz diminuir a taxa de alcoolemia* são dependentes (Tabela 196).

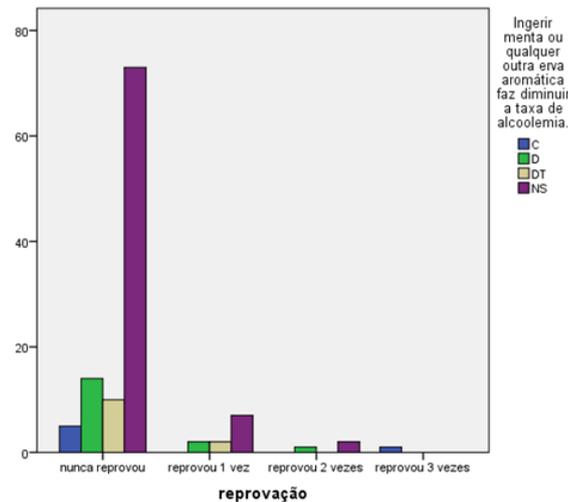


Figura 301. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Ingerir menta ou qualquer outra erva aromática faz diminuir a taxa de alcoolemia”.

Observamos na Figura 302 que a grande maioria dos alunos que nunca reprovou, bem como dos que reprovaram uma ou duas vezes, acreditam que os efeitos do álcool são mais intensos se for consumido com estômago vazio. Contudo, ao alunos que reprovaram três vezes discordam deste facto. Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,000$ , então as variáveis *Reprovação* e *Os efeitos do álcool são mais intensos se for consumido com estômago vazio* são dependentes (Tabela 196).

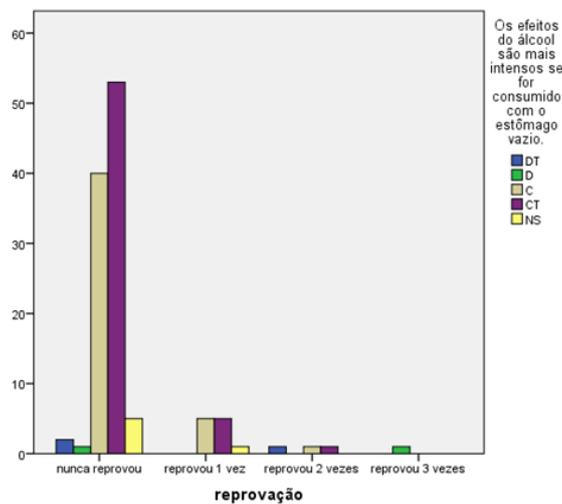


Figura 302. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Os efeitos do álcool são mais intensos se for consumido com estômago vazio”.

Atestamos na Figura 303 que a grande maioria dos alunos que nunca reprovou, bem como dos que reprovaram uma ou duas vezes, acreditam que o consumo de bebidas alcoólicas influencia o número de acidentes de viação. Contudo, os alunos que reprovaram três vezes discordam deste facto. Como o  $p\text{ value} = 0,000$ , então as variáveis *Reprovação* e *O consumo de bebidas alcoólicas influencia o número de acidentes de viação* são dependentes (Tabela 196).

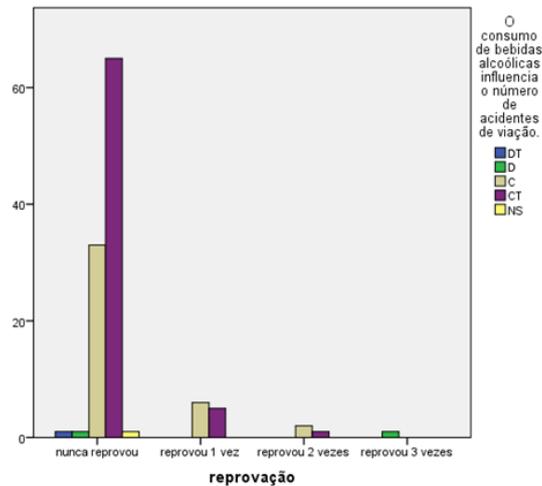


Figura 303. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “O consumo de bebidas alcoólicas influencia o número de acidentes de viação”.

Apenas a maior parte dos alunos que nunca reprovou considera que as festas são mais divertidas se tiverem álcool, discordando da afirmação a maior parte dos alunos que já reprovou pelo menos uma vez (Figura 304). Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,052$ , então as variáveis *Reprovação* e *As festas são mais divertidas se tiverem álcool* são dependentes (Tabela 196).

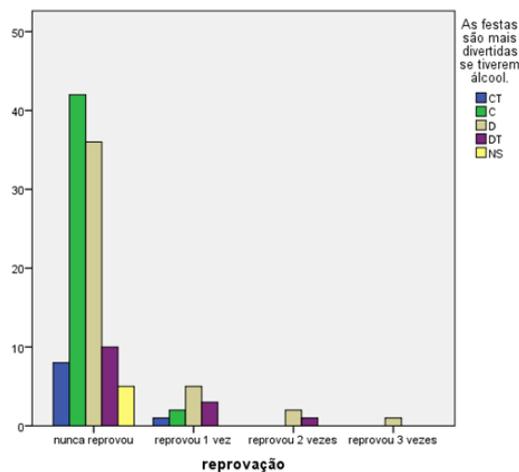


Figura 304. Gráfico de frequências das variáveis “Reprovação” e “As festas são mais divertidas se tiverem álcool”.

A grande maioria dos alunos que nunca reprovou ou que reprovou uma ou duas vezes, evidente na Figura 305 discorda que não se consiga divertir sem álcool, tendo a totalidades dos alunos que reprovaram três vezes respondido que já não se sabem divertir sem consumir bebidas alcoólicas. Como o  $p\text{ value} = 0,044$ , então as variáveis *Reprovação* e *Já não me sei divertir sem consumir álcool* são dependentes (Tabela 196).

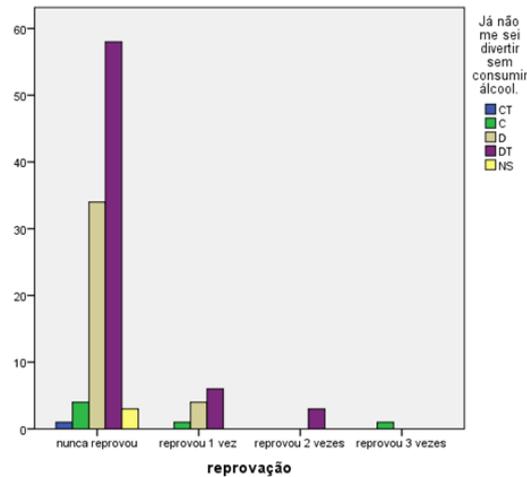


Figura 305. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Já não me sei divertir sem consumir álcool”.

Verificamos na Figura 306 que a maior parte dos alunos, que nunca reprovou, ou que já reprovou uma ou duas vezes, apresnetam consumos de “baixo risco”, ou seja, de 0 a 7, havendo uma pequena quantidade de alunos, que nunca reprovaram, em situação de “dependência”, com valores superiores a 20. Sendo o  $p\text{ value} = 0,006$ , então as variáveis *Reprovação* e *AUDIT* são dependentes (Tabela 196).

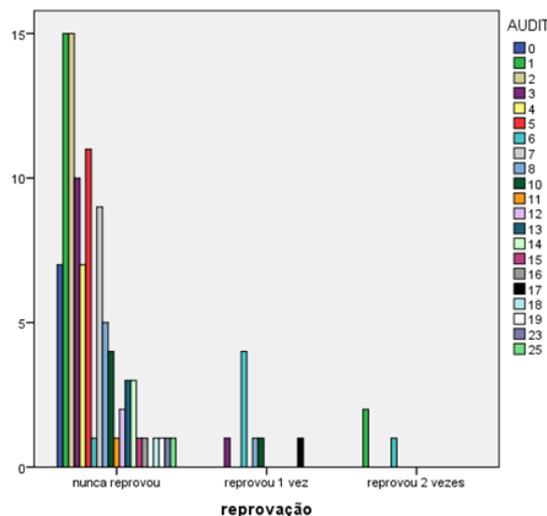


Figura 306. Gráfico de frequências das variáveis “Reprovação” e “AUDIT”.

Resumindo os resultados, verificamos que há maior consonância entre os alunos que nunca reprovaram e os que reprovaram uma ou duas vezes, tendo geralmente outra opinião os alunos que reprovaram 3 vezes. Com exceção dos alunos que reprovaram três vezes e revelam opinião oposta, os restantes consideram que: o álcool não alimenta; o consumo de bebidas alcoólicas dificulta a capacidade de concentração; os efeitos do álcool são mais intensos, se for consumido de estômago vazio; o consumo de bebidas alcoólicas influencia o número de acidentes de viação; conseguem divertir-se sem álcool. Os alunos que nunca reprovaram tendem a considerar que as festas são mais divertidas se tiverem álcool, enquanto os repetentes tendem a pensar o contrário.

A maior parte dos alunos, quer tenha reprovado ou não, apresenta consumos de baixo risco, de acordo com o teste *AUDIT*.

Tabela 197

*Análise da intensidade e sentido da associação entre variáveis "Reprovação" e as restantes, nos alunos do 12.º ano*

Variáveis	N.º de casos válidos	Chisquare	Cramer's V Value	Approx. Sig.	Kendall's tau-b Value	Approx. Sig.
<i>Reprovação x Preocupo-me bastante com os malefícios do álcool</i>	110	0,046	0,297	0,046		
<i>Reprovação x Se os meus amigos me incentivassem a consumir bebidas alcoólicas, eu acabaria por consumir mais do que é costume</i>	111				-0,179	0,025
<i>Reprovação x Se a maioria dos meus amigos consumir bebidas alcoólicas, sinto-me tentado a beber</i>	111	0,038	0,302	0,038		
<i>Reprovação x Os jovens consomem bebidas alcoólicas para se sentirem mais adultos</i>	111	0,015	0,334	0,015		
<i>Reprovação x O consumo de álcool torna os jovens mais adultos</i>	111	0,033	0,307	0,033		
<i>Reprovação x Um alcoólico é uma pessoa que se embebeda com muita frequência</i>	111	0,028	0,313	0,028		
<i>Reprovação x O consumo de café pode curar a ressaca</i>	111	0,047	0,294	0,047		
<i>Reprovação x O dependente de álcool é uma pessoa fraca e irresponsável</i>	111				0,178	0,038
<i>Reprovação x AUDIT</i>	106	0,009	0,575	0,009		

Analisando os gráficos da Figura 307, observamos que a maior parte dos alunos que nunca reprovou, bem como dos que já reprovaram uma vez, revelam bastante preocupação com os malefícios do álcool. Visto que o *p value* = 0,046, então as variáveis *Reprovação* e *Preocupo-me bastante com os malefícios do álcool* são dependentes (Tabela 197).

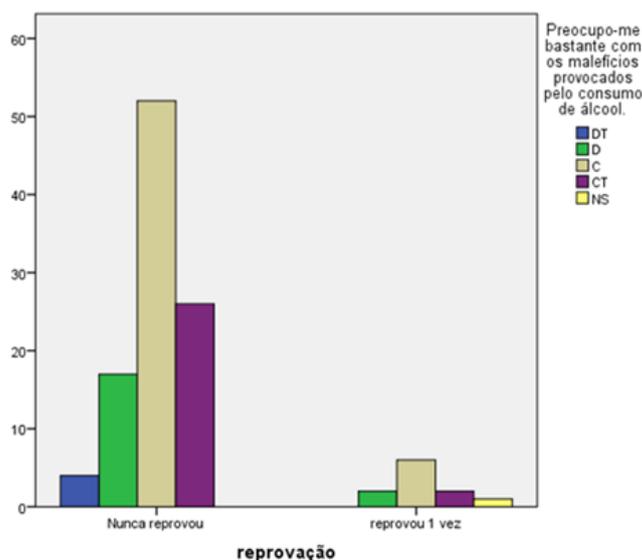


Figura 307. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Preocupo-me bastante com os malefícios do álcool”.

Tanto a maior parte dos alunos que nunca reprovou, como os que reprovaram uma vez consideram que se os seus amigos o incentivassem a consumir bebidas alcoólicas, não acabariam por consumir mais do que o costume (Figura 308). Como o  $p\text{ value} = 0,025$ , então as variáveis *Reprovação* e *Se os meus amigos me incentivassem a consumir bebidas alcoólicas, eu acabaria por consumir mais do que é costume* são dependentes (Tabela 197).

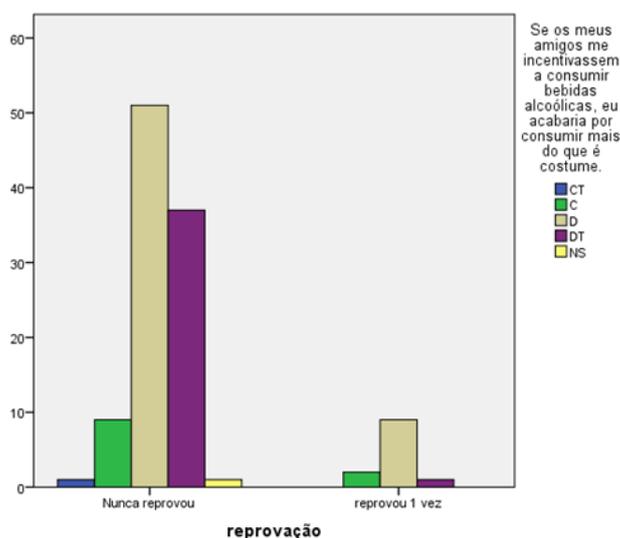


Figura 308. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Se os meus amigos me incentivassem a consumir bebidas alcoólicas, eu acabaria por consumir mais do que é costume”.

Novamente a maior parte dos alunos, que já reprovou ou não, refere na Figura 308 que, se a maioria dos seus amigos consumir bebidas alcoólicas, não se sente tentado

a beber. Sabendo que o  $p\text{ value} = 0,038$ , então as variáveis *Reprovação* e *Se a maioria dos meus amigos consomir bebidas alcoólicas, sinto-me tentado a beber* são dependentes (Tabela 197).

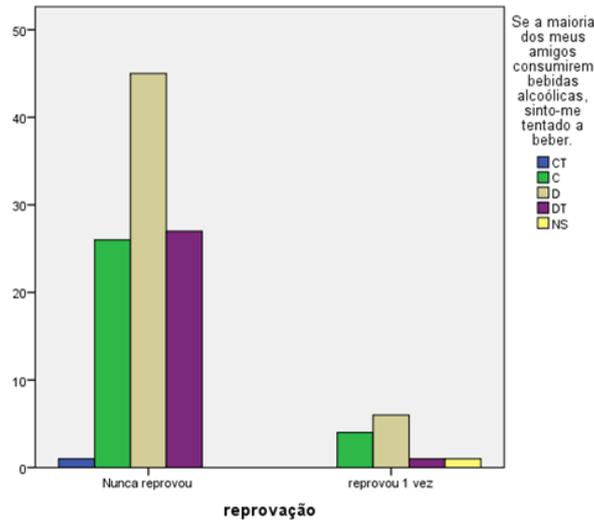


Figura 309. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Se a maioria dos meus amigos consomir bebidas alcoólicas, sinto-me tentado a beber”.

Apesar da divisão nas respostas evidente na Figura 310, obtemos ligeira prevalência da opinião de que os jovens consomem bebidas alcoólicas para se sentirem mais adultos, tanto nos alunos que nunca reprovaram como nos que reprovaram uma vez. Atendendo que o  $p\text{ value} = 0,015$ , então as variáveis *Reprovação* e *Os jovens consomem bebidas alcoólicas para se sentirem mais adultos* são dependentes (Tabela 197).

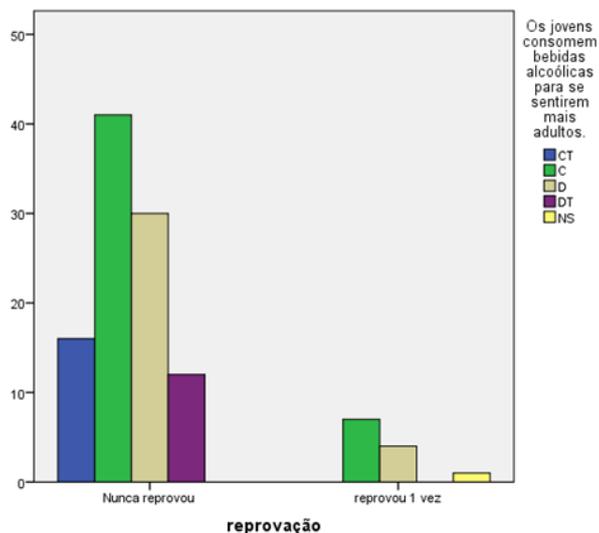


Figura 310. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Os jovens consomem bebidas alcoólicas para se sentirem mais adultos”.

Apesar dos alunos, repetentes ou não, considerarem que os jovens consomem bebidas alcoólicas para se sentirem mais adultos (Figura 310), também a maior parte considera que o consumo de álcool não torna o jovem mais adulto (Figura 311). Considerando que o  $p\text{ value} = 0,033$ , então as variáveis *Reprovação* e *O consumo de álcool torna os jovens mais adultos* são dependentes (Tabela 197).

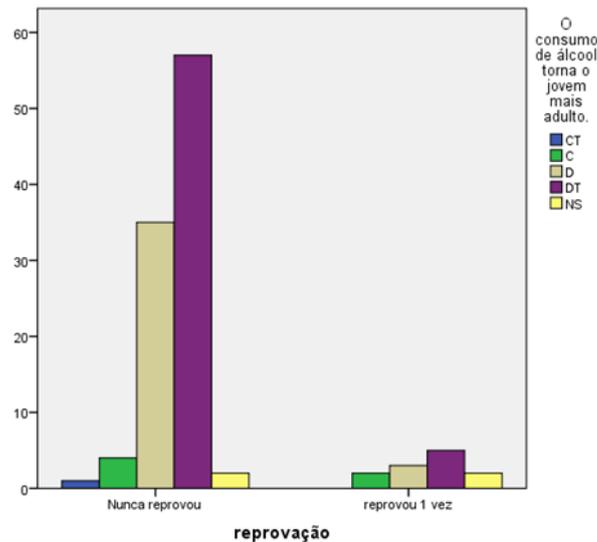


Figura 311. Gráfico de frequências das variáveis “Reprovação” e “O consumo de álcool torna os jovens mais adultos”.

É evidente na Figura 312 a concordância, principalmente nos alunos que nunca reprovaram, que um alcoólico é uma pessoa que se embriaga com muita frequência. Tendo em conta que o  $p\text{ value} = 0,028$ , então as variáveis *Reprovação* e *Um alcoólico é uma pessoa que se embriaga com muita frequência* são dependentes (Tabela 197).

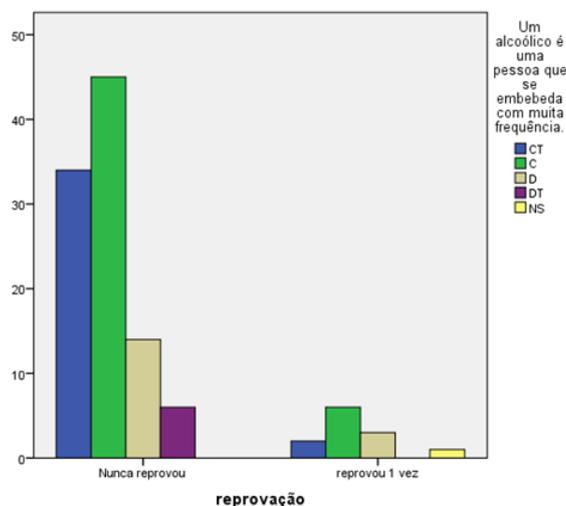


Figura 312. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “Um alcoólico é uma pessoa que se embriaga com muita frequência”.

Enquanto nos alunos que nunca reprovaram predomina o desconhecimento se o consumo de café pode curar a ressaca, nos alunos que reprovaram uma vez predomina a discordância (Figura 313). Sendo o  $p\text{ value} = 0,047$ , então as variáveis *Reprovação* e *O consumo de café pode curar a ressaca* são dependentes (Tabela 197).

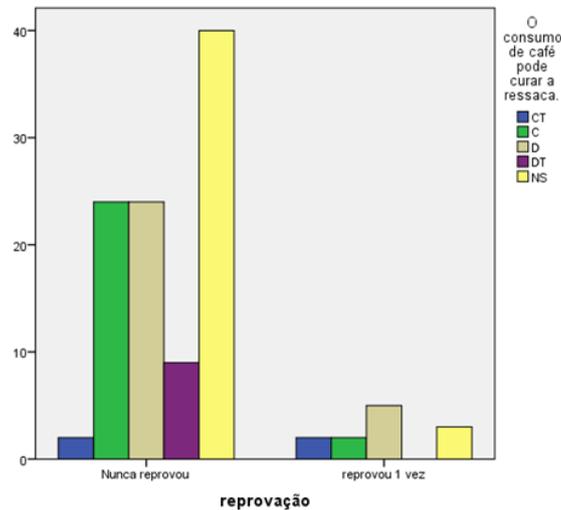


Figura 313. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “O consumo de café pode curar a ressaca”.

De acordo com os dados da Figura 314, observamos que os alunos que nunca reprovaram consideram que o dependente de álcool é uma pessoa fraca e irresponsável, já os alunos repetentes não concordam. Atendendo a que o  $p\text{ value} = 0,038$ , então as variáveis *Reprovação* e *O dependente de álcool é uma pessoa fraca e irresponsável* são dependentes (Tabela 197).

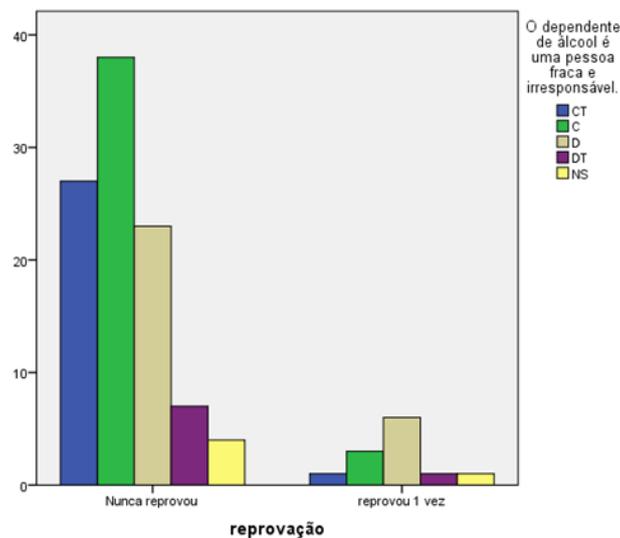


Figura 314. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “O dependente de álcool é uma pessoa fraca e irresponsável”.

Observamos na Figura 315 que a maior parte dos alunos, repetentes ou não, apresentam consumos de baixo risco, ou seja, com valores inferiores ou iguais a 7. Contudo, tanto em alunos repetentes como em não repetentes há situações de dependência, com valores superiores a 20. Como o  $p\text{ value} = 0,009$ , então as variáveis *Reprovação* e *AUDIT* são dependentes (Tabela 197).

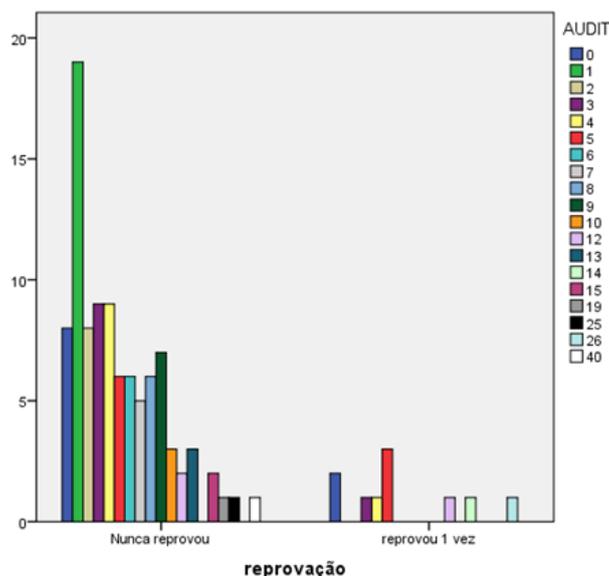


Figura 315. Gráficos de frequências das variáveis “Reprovação” e “AUDIT”.

Resumindo os resultados, tanto a maior parte dos alunos do 12.º ano que já reprovou ou não considera que: se preocupa bastante com os malefícios do álcool; se os amigos o incentivassem a consumir bebidas alcoólicas, não acabariam por consumir mais do que o costume, tal como se a maioria dos seus amigos consumirem bebidas alcoólicas, não se sentem tentados a beber; os jovens consomem bebidas alcoólicas para se sentirem mais adultos, apesar de defenderem que o consumo de álcool não os torna mais adultos; um alcoólico é uma pessoa que se embebeda com muita frequência.

Enquanto a maior parte dos alunos que nunca reprovou desconhece se o café pode curar a ressaca e considera que o dependente de álcool é uma pessoa fraca e irresponsável, nos que reprovaram uma vez predomina a discordância em ambas as variáveis.

No teste *AUDIT*, mais uma vez, predominam os consumos de baixo risco.

#### 4.5. Análise Fatorial

A Análise Fatorial é uma técnica de análise de dados, que pretende encontrar uma estrutura de um conjunto de variáveis que se relacionam entre si, de modo a construir uma escala de medida para fatores, que controlam as variáveis iniciais. Se duas ou mais variáveis são interrelacionáveis, significa que partilham uma característica em comum, não diretamente observável. Assim, a Análise Fatorial, através das correlações observadas entre as variáveis, cria fatores comuns e relações estruturais, que ligam os fatores às variáveis (Maroco, 2010).

O método mais geral é a “medida de adequação da amostragem *de Kaiser-Meyer-Olkin*” (*KMO*), proposta por Kaiser (1970) e Kaiser & Rice (1974) (*in* Maroco, 2010). O *KMO* mede a homogeneidade das variáveis, comparando as correlações simples com as correlações parciais observadas entre as variáveis (Maroco, 2010).

#### **Dimensão II – Hábitos, comportamentos e atitudes acerca dos consumos de álcool**

A seguinte análise fatorial alude à Parte II do nosso questionário, referente à dimensão sobre hábitos, comportamentos e atitudes acerca dos consumos de álcool. A Parte II é constituída por itens de escalas diferentes, apesar de serem de resposta fechada. Apresenta escala dicotómica simples (sim/não), escolha múltipla simples nominal, escolha múltipla simples e ordinal, escolhas múltiplas simples numéricas, escala *check list*, o que dificultou um pouco a análise fatorial. Para além disso, a Parte II apresentava itens em que os alunos poderiam selecionar todas as opções que considerassem pertinentes, pelo que obtivemos, nalgumas questões, um elevadíssimo número de classes de opções de respostas, o que também dificultou a análise das respostas.

Não conseguindo obter a análise fatorial na base de dados, da Parte II do questionário, começámos por reduzir o número de classes, selecionando aquelas que apresentavam maior frequência de respostas e agrupando as que apresentavam um número nulo ou reduzido de frequências. Obtivemos uma seleção de 29 variáveis, da Parte II, que apresentavam o melhor valor de *KMO* e de consistência interna de *Alpha de Cronbach*, referentes aos hábitos, comportamentos e atitudes dos estudantes, do 9.º ao 12.º ano de escolaridade, acerca do consumo de álcool. Os resultados revelaram

adequação da solução final de 9 fatores, com um  $KMO = 0,765$ , que se considera médio (Maroco, 2010), com um total de variância explicada de 58,287%. Os 29 itens foram avaliados quanto à consistência interna pelo método *Alpha de Cronbach*, que apresentou um valor de 0,661, sendo considerado de confiabilidade moderada.

Contudo, insatisfeitos com estes resultados, voltámos a trabalhar na base de dados original, com as 29 variáveis obtidas anteriormente. Fomos inserindo e/ou removendo variáveis, seguindo o critério “*scale if item deleted*”, quando calculamos o Alpha de Cronbach para determinar a consistência interna da escala. Encontrado o melhor resultado, realizámos uma Análise Fatorial, com *rotação Varimax*, a uma seleção de 21 variáveis, da Parte II, que apresentavam o melhor valor de  $KMO$  e de consistência interna de *Alpha de Cronbach*, referentes aos hábitos, comportamentos e atitudes dos estudantes, do 9.º ao 12.º ano de escolaridade, acerca do consumo de álcool. Os 21 itens foram avaliados quanto à consistência interna pelo método *Alpha de Cronbach*, apresentando um valor de 0,828 (Tabela 198), sendo considerado de confiabilidade alta, segundo Freitas & Rodrigues (2005).

Tabela 198  
*Consistência Interna das variáveis da Parte II*

<i>Alpha de Cronbach</i>	N.º de Itens
0,828	21

Os resultados revelaram adequação da solução final de 6 fatores, com um  $KMO = 0,823$ , que se considera Bom (Maroco, 2010), de acordo com os dados da Tabela 199.

Tabela 199  
*KMO e Teste de Bartlett*

<i>Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy.</i>		0,823
<i>Approx. Chi-Square</i>		1694,830
<i>Bartlett's Test of Sphericity</i>	<i>df</i>	210
	<i>Sig.</i>	0,000

Na Tabela 200 apresentamos os valores dos vetores próprios e as percentagens de explicação associada a cada um dos fatores. Neste caso, verifica-se que os 6 primeiros fatores apresentam um total de variância explicada de 61,782%.

Tabela 200  
*Variância Total Explicada*

Componentes	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% de Variância	% Cumulativa	Total	% de Variância	% Cumulativa	Total	% de Variância	% Cumulativa
1	6,072	28,915	28,915	6,072	28,915	28,915	4,088	19,467	19,467
2	2,188	10,419	39,334	2,188	10,419	39,334	2,134	10,161	29,628
3	1,331	6,339	45,673	1,331	6,339	45,673	1,845	8,784	38,411
4	1,249	5,947	51,620	1,249	5,947	51,620	1,703	8,111	46,522
5	1,113	5,301	56,921	1,113	5,301	56,921	1,612	7,674	54,196
6	1,021	4,862	61,782	1,021	4,862	61,782	1,593	7,586	61,782
7	,963	4,587	66,369						
8	,881	4,198	70,567						
9	,803	3,825	74,392						
10	,738	3,514	77,905						
11	,632	3,008	80,913						
12	,606	2,886	83,800						
13	,573	2,726	86,526						
14	,549	2,617	89,142						
15	,498	2,371	91,513						
16	,419	1,998	93,511						
17	,390	1,857	95,367						
18	,317	1,512	96,879						
19	,296	1,411	98,291						
20	,244	1,163	99,453						
21	,115	,547	100,000						

Extraction Method: Principal Component Analysis.

A Tabela 201 apresenta os valores das coordenadas relativas a cada um dos 21 itens, nos 6 primeiros eixos fatoriais. Pela análise da tabela definiremos de seguida os vários fatores, apresentando os itens associados a estes.

Tabela 201  
*Rotated Component Matrix<sup>a</sup>*

	Componentes					
	1	2	3	4	5	6
- Já consumiu heroína?	,844					
- Já consumiu cocaína?	,830					

- Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, teve problemas com autoridades?	,734			
- Alguma vez conduziu embriagado (alterado pelo efeito do álcool)?	,636			,374
- Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou acidente ou ferimentos?	,629	,318		
- Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou problemas sérios com os amigos?	,606	,330		-,361
- Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, teve fraco desempenho na escola?	,484			,375
- Quando consome bebidas alcoólicas costume envolver-se em brigas/lutas?	,477		,321	,463
- Já consumiu tabaco?		,866		
- Quando está embriagado costuma consumir outras substâncias?		,838		
- Já consumiu <i>cannabis</i> ?	,324	,448		
- Os outros conseguem convencê-lo a fazer coisas de que depois se arrepende?			,725	
- Os outros conseguem convencê-lo a fazer coisas que não lhe apetece fazer?			,700	
- Alguma vez fez coisas que os seus amigos lhe pedem, só para não os desiludir?			,618	
- Com que frequência costuma ficar embriagado?			,850	
- Já alguma vez ficou embriagado?		,332	,638	

- Já consumiu álcool?		,319		,423	
- Alguma vez andou de carro ou de moto com o condutor embriagado (alterado pelo efeito do álcool)?					,688
- Numa escala de 1 a 5, indique o grau de embriaguez que experienciou na última vez que consumiu bebidas alcoólicas, em excesso?					,522
- Quando consome bebidas alcoólicas, costuma ter relações sexuais sem preservativo/de risco?					,767
- Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, teve relações sexuais sem proteção?	,459				,648

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

a. Rotation converged in 10 iterations.

## **Definição dos fatores**

### **Fator 1 – Comportamentos de risco associados ao consumo de álcool**

Este fator, que designámos por “*Comportamentos de risco associados ao consumo de álcool*” é definido pelos itens:

- Já consumiu heroína?
- Já consumiu cocaína?
- Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, teve problemas com autoridades?
- Alguma vez conduziu embriagado (alterado pelo efeito do álcool)?
- Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou acidente ou ferimentos?
- Quando consome bebidas alcoólicas costume envolver-se em brigas/lutas?
- Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou problemas sérios com os amigos?

- Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, teve fraco desempenho na escola?

Avaliou-se a consistência interna através do cálculo do *Alpha de Cronbach*, tendo-se obtido um valor igual a 0,806. Este valor indica-nos uma elevada precisão (Tabela 202).

Tabela 202  
*Consistência Interna do Fator 1*

<i>Alpha de Cronbach</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	N.º de Itens
0,806	0,851	6

Foram removidas as duas últimas variáveis, pois a sua remoção aumentava a consistência interna do fator. Neste fator conseguimos identificar alguns comportamentos de risco associados não só ao consumo de álcool em excesso, que conduz a um estado de embriaguez e euforia, que leva a ter comportamentos que não se teriam em estado de sobriedade, mas também ao consumo de drogas ilegais. Estes comportamentos de risco podem relacionar-se com danos causados não só ao próprio consumidor, mas também aos outros.

### **Fator 2 – Álcool associado a policonsumos (consumo de outras drogas)**

A este fator atribuímos a designação de “*Álcool associado a policonsumos (consumo de outras drogas)*”, que é definido pelos itens:

- Já consumiu tabaco?
- Quando está embriagado costuma consumir outras substâncias?
- Já consumiu *cannabis*?

Analisando a Tabela 203, do cálculo do *Alpha de Cronbach* dos itens, obtivemos um valor de 0,778, que revela uma consistência interna com precisão elevada.

Tabela 203  
*Consistência Interna do Fator 2*

<i>Alpha de Cronbach</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	N.º de Itens
0,778	0,779	2

Removendo a última variável, obtivemos melhor resultado de consistência interna do fator. Neste fator é evidente a ideia de que o consumo de álcool está associado a policonsumos, ou seja, ao consumo de outras drogas legais, tal como o tabaco (ou ilegais). O consumo excessivo de álcool conduz a um estado de inebriamento, que desinibe e promove a vontade de fazer/passar por novas experiências, passando pelo consumo de outras substâncias. O tabaco é a segunda droga mais consumida, a seguir ao álcool e seguido da *cannabis* e geralmente quando se embriagam, são estas as substâncias mais consumidas.

### **Fator 3 – Influência dos pares**

O fator 3 foi denominado de “*Influência dos pares*” e é determinado pelos itens:

- Os outros conseguem convencê-lo a fazer coisas que não lhe apetece fazer?
- Os outros conseguem convencê-lo a fazer coisas de que depois se arrepende?
- Alguma vez fez coisas que os seus amigos lhe pedem, só para não os desiludir?

Este fator apresenta uma precisão baixa/moderada, através do cálculo do *Alpha de Cronbach*, cujo valor foi de 0,594, conforme o estabelecido na Tabela 204.

Tabela 204  
*Consistência Interna do Fator 3*

<i>Alpha de Cronbach</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	N.º de Itens
0,594	0,613	3

É evidente que as variáveis deste fator se interrelacionam por se referirem à influência do grupo pares a que se pertence. Tratando-se de adolescentes e jovens que querem ser aceites e integrados no seu grupo de amigos, muitas vezes têm determinados comportamentos ou atitudes que não lhes apetecia ter e que depois se arrependem, apenas para não desiludir os seus amigos.

### **Fator 4 – Embriaguez**

Ao fator 4 atribuímos a designação de “*Embriaguez*” e é definido pelos itens:

- Com que frequência costuma ficar embriagado?
- Já alguma vez ficou embriagado?
- Já consumiu álcool?

Do cálculo do *Alpha de Cronbach*, para análise da consistência interna, obtivemos o valor de 0,549, que traduz uma precisão baixa, conforme Tabela 205.

Tabela 205  
*Consistência Interna do Fator 4*

<i>Alpha de Cronbach</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	N.º de Itens
0,549	0,560	3

Estas variáveis estão associadas no fator 4, por se relacionarem com um consumo excessivo de álcool, que muitas vezes decorre da pressão do grupo de amigos, pelo facto de se querer integrar e ser aceite pelo mesmo.

### **Fator 5 – Consumos abusivos de álcool**

Designámos o quinto fator de “*Consumos abusivos de álcool*”, que é definido por dois itens:

- Alguma vez andou de carro ou de moto com o condutor embriagado (alterado pelo efeito do álcool)?
- Numa escala de 1 a 5, indique o grau de embriaguez que experienciou na última vez que consumiu bebidas alcoólicas, em excesso?

Da análise da consistência interna representada na Tabela 206, verificamos que este fator apresenta uma baixa precisão, com um *Alpha de Cronbach* de 0,456.

Tabela 206  
*Consistência Interna do Fator 5*

<i>Alpha de Cronbach</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	N.º de Itens
0,456	0,457	2

Aqui associam-se variáveis que se interrelacionam por se referirem ambas a comportamentos que advém do consumo excessivo de álcool.

### **Fator 6 – Influência do álcool em comportamentos sexuais de risco**

O sexto e último fator foi designado “*Influência do álcool em comportamentos sexuais de risco*” e é delimitado pelos itens:

- Quando consome bebidas alcoólicas, costuma ter relações sexuais sem preservativo/de risco?
- Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, teve relações sexuais sem proteção?

Analisada a consistência interna do fator 6, verificamos que apresenta uma precisão moderada, com um valor de 0,686, conforme o representado na Tabela 207.

Tabela 207  
*Consistência Interna do Fator 6*

Alpha de Cronbach	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N.º de Itens
0,686	0,723	2

Neste fator associam-se apenas duas variáveis que se referem a comportamentos sexuais de risco, ou seja, sem preservativo, quando há consumo de álcool. Como já foi referido, o consumo de álcool tem efeito desinibidor, promovendo relações fortuitas e muitas vezes, sem proteção.

Destes resultados conclui-se que a escala da Parte II, referente às representações sociais dos alunos do 9.º ao 12.º ano, acerca do consumo de álcool, apresenta uma estrutura fatorial adequada a um modelo de seis fatores, cujas dimensões explicitámos anteriormente. Adicionalmente, a análise de consistência revelou a existência de um fator com elevada consistência (fator 1), três fatores (fator 2, fator 3, fator 6) com precisão moderada na avaliação do constructo e dois com precisão baixa (fator 4, fator 5).

### **Dimensão III – Representações sociais dos alunos acerca dos consumos de álcool**

A seguinte análise fatorial refere-se à Parte III do nosso questionário, que corresponde à dimensão sobre representações sociais dos alunos acerca dos consumos de álcool, onde utilizámos uma escala de likert com *Concordo totalmente*, *Concordo*, *Discordo*, *Discordo totalmente* e *Não sei*. Começámos por colocar todas as variáveis no mesmo sentido, de modo a que escala apresentasse sempre os mesmos *values*.

Depois, realizámos uma Análise Fatorial, com rotação *Varimax*, onde seleccionámos todas a variáveis e fomos calculando o *Alpha de Cronbach*, solicitando

“Scale” e “Scale if item deleted”. Depois fomos eliminando os itens que melhoravam os resultados. Obtivemos alguns bons resultados (Anexo VIII), dos quais selecionámos este, por apresentar excelentes valores de *KMO*, *Alpha de Cronbach* e *variância total* explicada. Obtivemos uma seleção de 30 variáveis depois de eliminar variáveis que, ao serem removidas, aumentavam os valores de *Alpha de Cronbach* e de *KMO*, da Parte III, referente às representações sociais dos estudantes, do 9.º ao 12.º ano de escolaridade, acerca do consumo de álcool.

Os 30 itens foram avaliados quanto à consistência interna pelo método *Alpha de Cronbach*, que apresentou um valor de 0,947, sendo considerado de muito alta confiabilidade, conforme Tabela 208.

Tabela 208  
*Consistência Interna das variáveis da Parte III*

<i>Alpha de Cronbach</i>	<i>N.º de Itens</i>
0,947	30

Os resultados revelaram adequação da solução final de 7 fatores, com um *KMO* = 0.829 (Tabela 209), que se considera Bom (Maroco, 2010).

Tabela 209  
*KMO e Teste de Bartlett*

<i>Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy.</i>		,829
<i>Approx. Chi-Square</i>		1731,662
<i>Bartlett's Test of Sphericity</i>	<i>df</i>	465
	<i>Sig.</i>	,000

Na Tabela 210 mostramos os valores dos vetores próprios, bem como as percentagens de explicação associada a cada fator. Verificamos que os 7 primeiros fatores apresentam um total de variância explicada de 71,234%.

Tabela 210  
*Variância Total Explicada*

Compo- nentes	<i>Initial Eigenvalues</i>			<i>Extraction Sums of Squared</i>			<i>Rotation Sums of Squared</i>		
	Total	% de		Total	% de		Total	% de	
		Variância	Cumulativa		Variância	Cumulativa		Variância	Cumulativa
1	12,313	39,719	39,719	12,313	39,719	39,719	4,321	13,938	13,938
2	2,430	7,838	47,556	2,430	7,838	47,556	3,863	12,461	26,399
3	1,833	5,913	53,469	1,833	5,913	53,469	3,691	11,908	38,307
4	1,604	5,173	58,642	1,604	5,173	58,642	2,805	9,049	47,356
5	1,430	4,613	63,255	1,430	4,613	63,255	2,645	8,532	55,888
6	1,376	4,437	67,692	1,376	4,437	67,692	2,397	7,732	63,619
7	1,098	3,542	71,234	1,098	3,542	71,234	2,361	7,615	71,234
8	,959	3,093	74,327						
9	,806	2,600	76,927						
10	,751	2,423	79,350						
11	,725	2,339	81,689						
12	,659	2,126	83,815						
13	,570	1,838	85,653						
14	,524	1,690	87,343						
15	,455	1,468	88,811						
16	,411	1,327	90,138						
17	,376	1,213	91,350						
18	,350	1,129	92,479						
19	,337	1,088	93,567						
20	,306	,987	94,553						
21	,259	,837	95,390						
22	,250	,807	96,197						
23	,207	,668	96,865						
24	,189	,610	97,474						
25	,186	,599	98,073						
26	,152	,490	98,562						
27	,134	,433	98,996						
28	,111	,358	99,354						
29	,084	,270	99,623						
30	,067	,216	99,839						
31	,050	,161	100,000						

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Na Tabela 211 encontram-se os valores das coordenadas relativas a cada um dos 30 itens, nos 7 primeiros eixos fatoriais. Através da análise desta tabela procederemos à definição dos vários fatores, identificando os itens associados a estes.

Tabela 211  
Rotated Component Matrix<sup>a</sup>

	Componentes						
	1	2	3	4	5	6	7
- O álcool mata a sede.	,788						
- Ingerir menta ou qualquer outra erva aromática faz diminuir a taxa de alcoolemia.	,710					,374	
- O álcool abre o apetite.	,640				,344		
- O álcool permite controlar o peso.	,631		,558				
- Mascar pastilha elástica faz diminuir a taxa de alcoolemia.	,624		,320			,373	
- O álcool dá força e/ou energia.	,612			,380	,412		
- O álcool é afrodisíaco (estimulante sexual).	,603						,360
- Consumir bebidas alcoólicas facilita o “engate”.		,771					
- Consumir bebidas alcoólicas melhora a capacidade de relacionamento com os outros.		,746					
- O álcool facilita as relações sociais.		,697			,315		
- Consumir bebidas alcoólicas torna mais fácil arranjar namorado(a).		,650	,336				,313
- O álcool faz bem ao coração.	,457	,616					
- Já não me sei divertir sem consumir álcool.	,324	,608					,332
- Consumir bebidas alcoólicas melhora a capacidade de memorização.	,306		,779				
- Consumir bebidas alcoólicas melhora o desempenho académico.			,742				
- O consumo de álcool torna o jovem mais adulto.	,313		,628				,341
- O consumo de álcool é um meio de o jovem se afirmar.			,592				,360
- Se no meu grupo de amigos a maioria consumir bebidas alcoólicas, eu acabarei por beber para não me sentir diferente e para me integrar melhor.			,567		,541		
- Os jovens consomem bebidas alcoólicas porque se sentem aborrecidos ou tristes.				,837			
- Os jovens consomem bebidas alcoólicas para relaxar ou acalmar os nervos.				,789			
- Os jovens que consomem bebidas alcoólicas bebem para fugir à realidade.				,645			,316
- Se a maioria dos meus amigos consumirem bebidas alcoólicas, sinto-me tentado a beber.					,816		
- Se os meus amigos me incentivassem a consumir bebidas alcoólicas numa festa, eu aceitaria.					,661		
- Se os meus amigos me incentivassem a consumir bebidas alcoólicas, eu acabaria por consumir mais do que é costume.				,360	,496		

- Beber muita água após ter ingerido álcool, diminui a taxa de alcoolemia.							,726
- Os efeitos do álcool no corpo da mulher são iguais aos efeitos do álcool no corpo do homem.							,678
- O consumo de álcool dificulta a aceitação pelo meu grupo de amigos.			,518				,575
- As bebidas alcoólicas de grande graduação, como o whisky, são prejudiciais para a saúde, mas a cerveja, por exemplo, não o é.	,438			,388			,534
- Os jovens consomem bebidas alcoólicas para se sentirem mais adultos.							,746
- Os jovens que consomem bebidas alcoólicas bebem para se sentirem mais integrados e identificados com o seu grupo.				,329			,675
- O consumo de álcool facilita a integração no grupo de amigos.			,391				,451

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.<sup>a</sup>

a. Rotation converged in 10 iterations.

## **Definição dos fatores**

### **Fator 1 – Alguns mitos relacionados com o consumo de álcool.**

O primeiro fator, que designámos “*Alguns mitos relacionados com o consumo de álcool*”, é definido pelos seguintes itens:

- O álcool mata a sede.
- Ingerir menta ou qualquer outra erva aromática faz diminuir a taxa de alcoolemia.
- O álcool abre o apetite.
- O álcool permite controlar o peso.
- Mascar pastilha elástica faz diminuir a taxa de alcoolemia.
- O álcool dá força e/ou energia.
- O álcool é afrodisíaco (estimulante sexual).

Para analisarmos a consistência interna do fator, calculámos o *Alpha de Cronbach* e obtivemos um valor de 0,868, que traduz uma alta precisão, conforme o representado na Tabela 212.

Tabela 212

*Consistência Interna do Fator 1*

<i>Alpha de Cronbach</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	<i>N.º de Itens</i>
0,868	0,870	7

Neste fator encontram-se alguns dos vários mitos que eram apresentados na Parte III do questionário. O fator estabelece uma relação entre variáveis que correspondem a mitos relacionados com o consumo de álcool e que de alguma forma poderão servir de desculpa para alguns consumos mais abusivos. O facto dos adolescentes e jovens acreditarem que algumas substâncias poderão diminuir a taxa de alcoolemia ou curar a ressaca, poderá conduzi-los a um maior consumo, pois têm a ideia errada de que os efeitos do álcool poderão passar mais facilmente, com o auxílio dessas mesmas substâncias. Ainda neste fator poderemos encontrar efeitos do álcool, que podem justificar o seu consumo, como por exemplo, dar força ou energia, ser estimulante sexual, matar a sede, abrir o apetite ou controlar o peso.

**Fator 2 – O álcool como facilitador das relações sociais, no grupo de pares e para arranjar namorado(a).**

O fator 2 foi denominado como “*O álcool como facilitador das relações sociais, no grupo de pares e para arranjar namorado(a)*” e definido pelos itens:

- Consumir bebidas alcoólicas facilita o “engate”.
- Consumir bebidas alcoólicas melhora a capacidade de relacionamento com os outros.
- O álcool facilita as relações sociais.
- Consumir bebidas alcoólicas torna mais fácil arranjar namorado(a).
- Já não me sei divertir sem consumir álcool.
- O álcool faz bem ao coração.

Da análise da consistência interna, obtivemos um *Alpha de Cronbach* de 0,804, que traduz uma elevada precisão (Tabela 213).

Tabela 213

*Consistência Interna do Fator 2*

<i>Alpha de Cronbach</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	<i>N.º de Itens</i>
0,804	0,804	4

Removendo as duas últimas variáveis, a consistência interna do fator melhora. Neste fator associam-se variáveis que de algum modo se relacionam com a capacidade que se atribui ao álcool, enquanto facilitador das relações sociais. Pelo facto do álcool alterar a consciência do seu consumidor, pode funcionar como desinibidor e facilitador das relações sociais, quer com os amigos, quer num relacionamento amoroso. Muitas vezes, o consumo de álcool é condição *sine qua non* para se obter divertimento e se desenvolver capacidade de relacionamento com os outros, não conseguindo desenvolver esta competência social sem a ajuda do álcool.

### **Fator 3 – Influência do álcool no desempenho académico.**

Este fator foi designado “*Influência do álcool no desempenho académico*” e é delimitado pelos seguintes itens:

- Consumir bebidas alcoólicas melhora a capacidade de memorização.
- Consumir bebidas alcoólicas melhora o desempenho académico.
- O consumo de álcool torna o jovem mais adulto.
- O consumo de álcool é um meio de o jovem se afirmar.
- Se no meu grupo de amigos a maioria consumir bebidas alcoólicas, eu acabarei por beber para não me sentir diferente e para me integrar melhor.

Também a análise de consistência interna deste fator, representada na Tabela 214 revelou uma elevada precisão, com um *Alpha de Cronbach* de 0,837.

Tabela 214  
*Consistência Interna do Fator 3*

<i>Alpha de Cronbach</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	<i>N.º de Itens</i>
0,837	0,838	2

Removendo as três últimas variáveis melhorou a consistência interna do fator. Obtivemos uma associação de variáveis que se referem não só ao efeito do consumo de álcool no desempenho académico e capacidade de memorização, ou seja, refere-se à influência do álcool não só nas capacidades e competências cognitivas, mas também nas competências sociais, referentes ao modo como os adolescentes e jovens se pode afirmar ou impor na escola e na sociedade em geral. Tendo o álcool um consumo generalizado e despenalizado na nossa sociedade, o seu consumo é muitas vezes

incitado pelos próprios familiares, como forma de os emancipar. Assim, os adolescentes e jovens consomem muitas vezes bebidas alcoólicas para se afirmarem, para se considerarem mais adultos, para serem aceites pelo seu grupo de amigos, não conseguindo muitas vezes resistir a esse consumo.

**Fator 4 - Objetivos do consumo de álcool (para relaxar, fugir à tristeza ou à realidade).**

O fator 4, designado “*Objetivos do consumo de álcool (para relaxar, fugir à tristeza ou à realidade)*”, delimita os seguintes itens:

- Os jovens consomem bebidas alcoólicas para relaxar ou acalmar os nervos.
- Os jovens consomem bebidas alcoólicas porque se sentem aborrecidos ou tristes.
- Os jovens que consomem bebidas alcoólicas bebem para fugir à realidade.

A Tabela 215 representa a consistência interna do fator 4, cujo valor de *Alpha de Cronbach* de 0,730 revela uma precisão moderada.

Tabela 215  
*Consistência Interna do Fator 4*

<i>Alpha de Cronbach</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	N.º de Itens
0,730	0,730	2

Removemos a terceira e última variável, por melhorar a consistência interna do fator. Neste fator, a associação das variáveis relacionam-se com objetivos/metasp referentes ao consumo de álcool. Os jovens consomem bebidas alcoólicas para obterem determinados efeitos que sejam facilitadores da sua vida com o seu grupo de amigos ou na sociedade, como por exemplo, acalmar os nervos ou por se sentirem tristes, ou seja, para de algum modo camuflarem a realidade que vivenciam.

**Fator 5 – Influência dos pares no consumo de álcool.**

No quinto fator, que denominámos “*Influência dos pares no consumo de álcool*”, estão definidos os três itens seguintes:

- Se a maioria dos meus amigos consumirem bebidas alcoólicas, sinto-me tentado a beber.

- Se os meus amigos me incentivassem a consumir bebidas alcoólicas numa festa, eu aceitaria.
- Se os meus amigos me incentivassem a consumir bebidas alcoólicas, eu acabaria por consumir mais do que é costume.

Sendo o valor de *Alpha de Cronbach* de 0,779 (Tabela 216), inferimos que a consistência interna do fator 5 revela uma elevada precisão.

Tabela 216  
*Consistência Interna do Fator 5*

<i>Alpha de Cronbach</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	N.º de Itens
0,779	0,781	3

Aqui observamos uma associação de variáveis que se relacionam com a influência e a pressão que os pares/amigos exercem sobre os adolescentes e jovens e que podem condicionar os seus consumos de álcool. Nem sempre os adolescentes e jovens são suficientemente assertivos para defenderem os seus pontos de vista e resistirem à pressão dos pares/amigos, sendo muitas vezes incentivados a consumirem bebidas alcoólicas, por vezes, mais do que o que é costume, para não se sentirem diferentes e se integrarem melhor no grupo de amigos.

### **Fator 6 – Outros mitos associados ao consumo de álcool.**

Ao fator 6 atribuímos a designação “*Outros mitos associados ao consumo de álcool*”, para distinguir do fator 1, e que é definido pelos itens:

- Beber muita água após ter ingerido álcool, diminui a taxa de alcoolemia.
- Os efeitos do álcool no corpo da mulher são iguais aos efeitos do álcool no corpo do homem.
- O consumo de álcool dificulta a aceitação pelo meu grupo de amigos.
- As bebidas alcoólicas de grande graduação, como o whisky, são prejudiciais para a saúde, mas a cerveja, por exemplo, não o é.

Analisada a consistência interna, através do cálculo do *Alpha de Cronbach*, obtivemos um valor de 0,545, que traduz uma baixa precisão (Tabela 217).

Tabela 217  
*Consistência Interna do Fator 6*

<i>Alpha de Cronbach</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	<i>N.º de Itens</i>
0,545	0,556	4

Neste fator associam-se outras variáveis que também se referem a mitos associados ao consumo de álcool. Trata-se de mitos referentes aos efeitos do consumo de álcool, no homem e na mulher, bem como aos efeitos de diferentes tipos de bebidas alcoólicas.

### **Fator 7 – Importância do álcool na emancipação e integração no grupo de pares.**

Por último, designámos o fator 7 de “*Importância do álcool na emancipação e integração no grupo de pares*”, definido pelos seguintes itens:

- Os jovens consomem bebidas alcoólicas para se sentirem mais adultos.
- Os jovens que consomem bebidas alcoólicas bebem para se sentirem mais integrados e identificados com o seu grupo.
- O consumo de álcool facilita a integração no grupo de amigos.

Com um *Alpha de Cronbach* de 0,686, verificamos que o fator 7 apresenta uma precisão moderada, de acordo com a Tabela 218.

Tabela 218  
*Consistência Interna do Fator 7*

<i>Alpha de Cronbach</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	<i>N.º de Itens</i>
0,686	0,686	2

Novamente removemos a última variável, pois melhorava a consistência interna do fator. Mais uma vez obtemos um fator onde se associam variáveis relacionadas com a integração no grupo de pares, considerando-se que o álcool tem um papel emancipador, facilitando a integração no grupo de amigos.

Destes resultados conclui-se que a escala da Parte III, referente às representações sociais dos alunos do 9.º ao 12.º ano, acerca do consumo de álcool, apresenta uma estrutura fatorial adequada a um modelo de sete fatores, cujas dimensões explicitámos anteriormente. Adicionalmente, a análise de consistência revelou a existência quatro

fatores (fator 1, fator 2, fator 3 e fator 5) com elevada precisão na avaliação do constructo, dois com precisão moderada (fator 4 e fator 7) e um com baixa precisão (fator 6).

#### **4.6. Regressão Linear**

A Regressão Linear (RL) consiste num conjunto de técnicas estatísticas que permitem estabelecer relações entre variáveis e predizer o valor de uma variável dependente (de resposta) a partir de um conjunto de variáveis independentes (preditoras), numa relação do tipo causa-efeito. Nalguns casos a relação de dependência de causa-efeito é óbvio, não o sendo noutros casos (Maroco, 2010).

Procuramos nesta secção avaliar a influência de um conjunto de variáveis contextuais relativamente a variáveis comportamentais e de atitude. Foram seleccionadas da Parte I, dimensão sociocultural do questionário, as variáveis contextuais, consideradas variáveis independentes ou preditoras: *Idade* e *Sexo*. Estas duas variáveis independentes foram cruzadas com as variáveis dependentes da Parte II, do questionário, dimensão sobre os hábitos, comportamentos e atitudes face ao álcool, bem como com variáveis dependentes da Parte III do questionário, dimensão sobre as representações sociais acerca do consumo de álcool, cujas dimensões/fatores foram obtidos através da análise fatorial.

#### **Dimensão II – Hábitos, comportamentos e atitudes acerca dos consumos de álcool**

Nesta secção apresentamos uma análise de regressão para avaliar a significância das variáveis independentes *Sexo* e *Idade* relativamente a alguns dos fatores obtidos na Análise Fatorial.

Para o fator 1, Comportamentos de risco associados ao consumo de álcool, fator 2, Álcool associado a policonsumos (consumo de outras drogas) e fator 3, Influência dos pares, a RL não foi significativa, pelo que não apresentamos os resultados.

Para o fator 6, Influência do álcool em comportamentos sexuais de risco, apesar do teste da ANOVA das variáveis preditoras *Sexo* e *Idade* com o fator 6 apresentar um *p-value* = 0,000 e o modelo ser extremamente significativo, através da análise da regressão residual, verifica-se uma violação da normalidade dos resíduos, logo

consideramos que a regressão linear não valida os pressupostos do modelo, pelo que não se apresentam os resultados.

#### **Fator 4 – Embriaguez**

Para a avaliar a influência ou não das variáveis contextuais sobre o fator 4, realizámos a RL. Na Tabela 219 é apresentado um sumário do modelo de RL onde se apresentam: os coeficientes de correlação múltipla,  $R$  (multiple  $R$ ), isto é, a correlação entre  $Y_i$  e  $\hat{Y}_i$ , o coeficiente de determinação,  $R^2$  ( $R$  square) e o coeficiente de determinação ajustado,  $R_a^2$  (adjusted  $R$  square). Sendo  $R_a^2 = 0.105$ , podemos afirmar que 10,5% da variabilidade total em  $Y$  é explicada pelas variáveis independentes presentes no modelo de RL ajustado. Esta tabela apresenta ainda a estimativa da  $\sqrt{QME}$  na coluna “*std. error of the estimative*” e o valor da estatística de Durbin-Watson (Maroco, 2010). A estatística proposta por Durbin e Watson pretende testar o pressuposto da independência dos resíduos, através da determinação da presença de auto-correlação entre os erros ou resíduos do modelo de regressão linear (Maroco, 2010).

Como o valor de *Durbin-Watson*, de acordo com a Tabela 219, é próximo de 2 ( $d = 1,725$ ), logo não rejeitamos  $H_0$ , de não existir auto-correlação positiva entre os resíduos, *versus* a  $H_1$  de que existe auto-correlação positiva entre os resíduos.

Tabela 219  
*Model Summary<sup>b</sup> - Fator 4 (DimensãoII)*

<i>Model</i>	<i>R</i>	<i>R Square</i>	<i>Adjusted R Square</i>	<i>Std. Error of the Estimate</i>	<i>Durbin-Watson</i>
1	,334 <sup>a</sup>	,111	,105	,36999	1,725

a. Predictors: (Constant), sexo, idade

b. Dependent Variable: Embriaguez

A Tabela 220 da ANOVA apresenta os resultados que permitem testar as hipóteses:

$$H_0^{(j)} : \beta_j = 0$$

vs.

$$H_1^{(j)} : \beta_j \neq 0, \quad j = 1, 2$$

Utilizámos o método *Enter*, para incluir todas as variáveis seleccionadas. De acordo com a Tabela 220, o *p-value* é 0,000, logo o modelo é extremamente significativo, pelo que rejeitamos a hipótese nula ( $H_0$ ) e aceitamos a hipótese 1 ( $H_1$ ).

Tabela 220  
ANOVA<sup>a</sup> – Fator 4 (Dimensão II)

<i>Model</i>	<i>Sum of Squares</i>	<i>df</i>	<i>Mean Square</i>	<i>F</i>	<i>Sig.</i>
1 Regression	4,766	2	2,383	17,408	,000 <sup>b</sup>
Residual	38,057	278	,137		
Total	42,823	280			

a. Dependent Variable: Embriaguez

b. Predictors: (Constant), sexo, idade

Considerando a variável dependente “*Embriaguez*”, as variáveis independentes “*Idade*” e “*Sexo*”, afetam significativamente a variável dependente, com *p-value* 0,001 e 0,000, respectivamente, apresentando boa contribuição relativa para explicar o fator *Embriaguez* (Tabela 221). O valor de *VIF* é baixo, logo as variáveis não são colineares, pelo que não devem ser eliminadas da análise.

Tabela 221  
Coefficients<sup>a</sup> – Fator 4 (Dimensão II)

<i>Model</i>	<i>Unstandardized Coefficients</i>		<i>Standardized Coefficients</i>	<i>t</i>	<i>Sig.</i>	<i>Collinearity Statistics</i>	
	<i>B</i>	<i>Std. Error</i>	<i>Beta</i>			<i>Tolerance</i>	<i>VIF</i>
1 <i>Idade</i>	,061	,018	,193	3,412	,001	,998	1,002
<i>Sexo</i>	,223	,045	,281	4,959	,000	,998	1,002

a. Dependent Variable: Embriaguez

Equação do modelo: Fator *Embriaguez* = 0,325 + 0,061*Idade* + 0,225*Sexo*

A análise dos valores absolutos dos coeficientes de regressão estandardizados (Tabela 221) permite-nos concluir que a variável *Sexo* apresenta maiores contribuições relativas para explicar o comportamento do fator 4, *Embriaguez*.

Realizamos agora a validação dos pressupostos do modelo.

Se a análise dos resíduos indica relações do tipo não linear, então o modelo de regressão linear não é válido (Maroco, 2010).

Para validar os pressupostos da regressão, construiu-se um *PP-plot (Normal) dos resíduos* e um gráfico de dispersão dos resíduos estandardizados *versus* os valores preditos. O *PP-plot* dá boas indicações acerca da Normalidade dos resíduos e, para além disso, a mesma análise não põe em causa a independência e igualdade de variância dos mesmos (Maroco, 2010). Analisando os gráficos da probabilidade normal, podemos apurar o pressuposto da distribuição normal dos erros, pois se os erros possuem

distribuição normal, os valores no gráfico devem distribuir-se mais ou menos na diagonal principal (Maroco, 2010).

Pela análise da Figura 316, uma vez que a maioria dos pontos está próxima da reta, podemos concluir que os resíduos apresentam, pelo menos aproximadamente, distribuição normal.

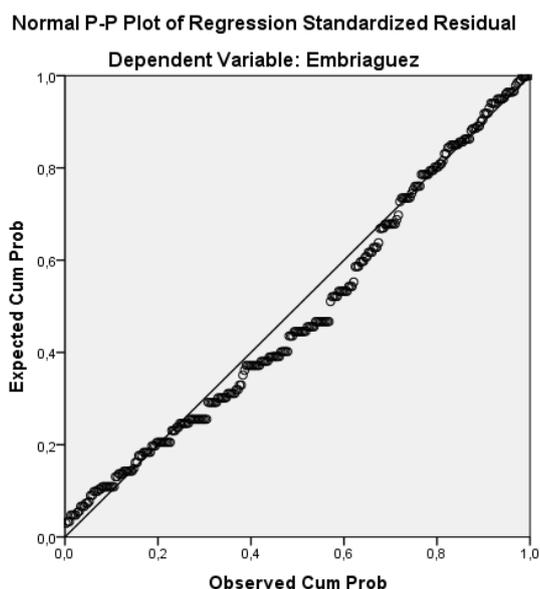


Figura 316. Gráfico de probabilidade normal da variável dependente “Embriaguez”.

### **Fator 5 – Consumos abusivos de álcool**

Analisando a Tabela 222, sendo  $R_a^2 = 0,026$ , podemos dizer que 2,6% da variabilidade total em  $Y$  é explicada pelas variáveis independentes presentes no modelo de RL ajustado. Como o valor de *Durbin-Watson* é próximo de 2 ( $d = 1,995$ ), aceitamos  $H_0$ , de não existir auto-correlação positiva entre os resíduos.

Tabela 222

*Model Summary<sup>b</sup> – Fator 5 (Dimensão II)*

<i>Model</i>	<i>R</i>	<i>R Square</i>	<i>Adjusted R Square</i>	<i>Std. Error of the Estimate</i>	<i>Durbin-Watson</i>
1	,182 <sup>a</sup>	,033	,026	,43966	1,995

a. Predictors: (Constant), sexo, idade

b. Dependent Variable: Consumoabusivo

Utilizámos o método *Enter*, para incluir todas as variáveis seleccionadas. Como *p-value* é 0,009, o modelo é significativo (Tabela 223), aceitamos assim a  $H_1$ .

Tabela 223  
ANOVA<sup>a</sup> – Fator 5 (Dimensão II)

Model	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1 Regression	1,836	2	,918	4,750	,009 <sup>b</sup>
Residual	53,737	278	,193		
Total	55,573	280			

a. Dependent Variable: Consumoabusivo

b. Predictors: (Constant), sexo, idade

Considerando a variável dependente “Consumo abusivo”, a variável independente “Sexo” apresenta maior contribuição relativa para explicar a variável dependente, com *p-value* 0,002, de acordo com a Tabela 224. O valor de *VIF* é baixo, logo as variáveis não são colineares, pelo que não devem ser eliminadas da análise.

Tabela 224  
Coefficients<sup>a</sup> – Fator 5 (Dimensão II)

Model	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	Collinearity Statistics	
	B	Std. Error	Beta			Tolerance	VIF
(Constant)	1,218	,345		3,530	,000		
1 Idade	-,007	,021	-,020	-,347	,729	1,000	1,000
Sexo	,164	,053	,181	3,066	,002	1,000	1,000

a. Dependent Variable: Consumoabusivo

Equação do modelo: Fator *Consumo abusivo* = 1,218 - 0,007*Idade* + 0,164*Sexo*

Analisando os valores absolutos dos coeficientes de regressão estandardizados podemos concluir que a variável *Sexo* apresenta maiores contribuições relativas para explicar o comportamento do fator 5, *Consumo abusivo*.

Da análise da Figura 317, como a maioria dos pontos está próxima da reta, podemos concluir que os resíduos apresentam, pelo menos aproximadamente, distribuição normal, pelo que validam o modelo de *RL*.

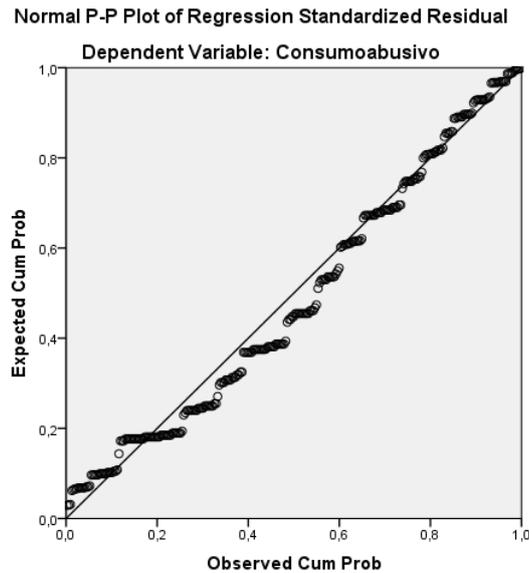


Figura 317. Gráfico de probabilidade normal da variável dependente “Consumo abusivo”.

### Dimensão III – Representações sociais dos alunos face aos consumos de álcool

Através da análise fatorial obtivemos, na Parte III do questionário, sete fatores/dimensões, das quais analisámos todos, cruzando com as variáveis independentes da Parte I, dimensão sociocultural, *Idade* e *Sexo*.

Nesta secção apresentamos uma análise de regressão para avaliar a significância das variáveis independentes *Sexo* e *Idade* relativamente aos fatores obtidos na Análise Fatorial.

Para todos os fatores obtidos nesta dimensão, a RL foi significativa. Contudo, para o fator 3, *Influência do álcool no desempenho académico*, apesar do teste da ANOVA das variáveis predictoras *Sexo* e *Idade* com o fator 3 apresentar um  $p\text{-value} = 0,000$  e o modelo ser extremamente significativo, através da análise da regressão residual, verifica-se uma violação da normalidade dos resíduos, logo consideramos que a regressão linear não valida os pressupostos do modelo, pelo que não se apresentam os resultados.

#### **Fator 1 – Alguns mitos relacionados com o consumo de álcool.**

Na Tabela 225, como  $R_a^2 = 0,082$ , podemos afirmar que 8,2% da variabilidade total em  $Y$  é explicada pelas variáveis independentes presentes no modelo de RL ajustado. Como o valor de *Durbin-Watson* é muito próximo de 2 ( $d = 1,992$ ), logo não rejeitamos  $H_0$ , de não existir auto-correlação positiva entre os resíduos.

Tabela 225

*Model Summary<sup>b</sup> – Fator 1 (Dimensão III)*

<i>Model</i>	<i>R</i>	<i>R Square</i>	<i>Adjusted R Square</i>	<i>Std. Error of the Estimate</i>	<i>Durbin-Watson</i>
1	,314 <sup>a</sup>	,098	,082	,45107	1,992

a. Predictors: (Constant), sexo, idade

b. Dependent Variable: Mitosobreálcool

Utilizámos o método *Enter*, para incluir todas as variáveis selecionadas. Como *p-value* é 0,004, o modelo é significativo, pelo que aceitamos a  $H_1$  (Tabela 226).

Tabela 226

*ANOVA<sup>a</sup> – Fator 1 (Dimensão III)*

<i>Model</i>		<i>Sum of Squares</i>	<i>df</i>	<i>Mean Square</i>	<i>F</i>	<i>Sig.</i>
1	Regression	2,419	2	1,209	5,944	,004 <sup>b</sup>
	Residual	22,178	109	,203		
	Total	24,597	111			

a. Dependent Variable: Mitosobreálcool

b. Predictors: (Constant), sexo, idade

Considerando a variável dependente “*Mitos sobre o álcool*”, as variáveis independentes “*Idade*” e “*Sexo*” apresentam boa contribuição relativa para a variável dependente, afetando-a significativamente, com *p-value* 0,017 e 0,010, respetivamente (Tabela 227). O valor de *VIF* é baixo, logo as variáveis não são colineares, pelo que não devem ser eliminadas da análise.

Tabela 227

*Coefficients<sup>a</sup> – Fator 1 (Dimensão III)*

<i>Model</i>		<i>Unstandardized Coefficients</i>		<i>Standardized Coefficients</i>	<i>t</i>	<i>Sig.</i>	<i>Collinearity Statistics</i>	
		<i>B</i>	<i>Std. Error</i>	<i>Beta</i>			<i>Tolerance</i>	<i>VIF</i>
1	(Constant)	1,127	,492		2,293	,024		
	<i>Idade</i>	,072	,030	,221	2,425	,017	,994	1,006
	<i>Sexo</i>	-,224	,085	-,239	-2,624	,010	,994	1,006

a. Dependent Variable: Mitosobreálcool

Equação do modelo:

$$\text{Fator Mitos sobre o álcool} = 1,127 + 0,072\text{Idade} - 0,225\text{Sexo}$$

A análise dos valores absolutos dos coeficientes de regressão estandardizados permite-nos concluir que as variáveis *Idade* e *Sexo* apresentam boas contribuições relativas, sendo a contribuição da variável *Sexo* melhor para explicar o comportamento do fator 1, *Mitos sobre o álcool*.

Verificamos na Figura 318, que a maioria dos pontos está próxima da reta, pelo que podemos concluir que os resíduos apresentam, pelo menos aproximadamente, distribuição normal, validando os pressupostos do modelo de *RL*.

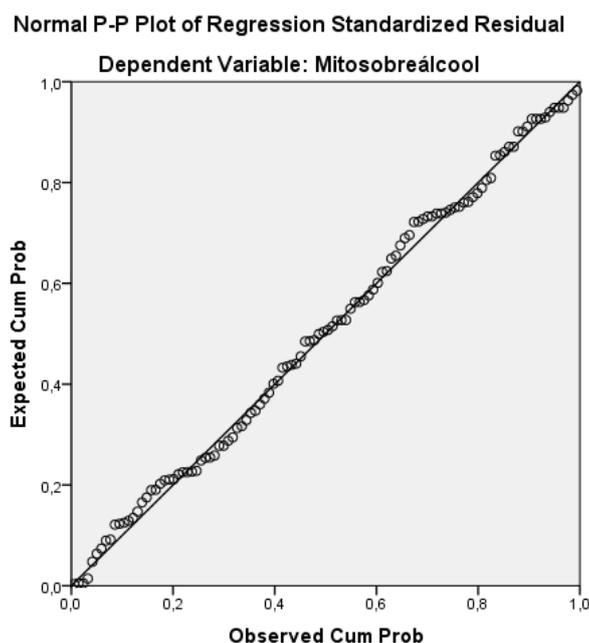


Figura 318. Gráfico de probabilidade normal da variável dependente “Mitos sobre o álcool”.

### **Fator 2 – O álcool como facilitador das relações sociais, no grupo de pares e para arranjar namorado(a).**

De acordo com a Tabela 228, verificamos que o  $R_a^2 = 0,029$ , pelo que podemos afirmar que 2,9% da variabilidade total em *Y* é explicada pelas variáveis independentes presentes no modelo de *RL* ajustado. Como o valor de *Durbin-Watson* é próximo de 2 ( $d = 1,688$ ), logo não rejeitamos  $H_0$ , de não existir auto-correlação positiva entre os resíduos.

Tabela 228

*Model Summary<sup>b</sup> – Fator 2 (Dimensão III)*

<i>Model</i>	<i>R</i>	<i>R Square</i>	<i>Adjusted R Square</i>	<i>Std. Error of the Estimate</i>	<i>Durbin-Watson</i>
1	,185 <sup>a</sup>	,034	,029	,50031	1,688

a. Predictors: (Constant), sexo, idade

b. Dependent Variable: Álcool e relações sociais

Utilizamos o método *Enter*, para incluir todas as variáveis selecionadas. Como *p-value* é 0,002, o modelo é significativo, pelo que aceitamos a  $H_1$  (Tabela 229).

Tabela 229

*ANOVA<sup>a</sup> – Fator 2 (Dimensão III)*

<i>Model</i>		<i>Sum of Squares</i>	<i>df</i>	<i>Mean Square</i>	<i>F</i>	<i>Sig.</i>
1	Regression	3,184	2	1,592	6,359	,002 <sup>b</sup>
	Residual	89,359	357	,250		
	Total	92,543	359			

a. Dependent Variable: Álcool e relações sociais

b. Predictors: (Constant), sexo, idade

Considerando a variável dependente “*Álcool e relações sociais*”, a variável independente “*Sexo*” revela maior contribuição relativa para explicar a variável dependente, afetando-a significativamente, com *p-value* 0,000 (Tabela 230). O valor de *VIF* é baixo, logo as variáveis não são colineares, pelo que não devem ser eliminadas da análise.

Tabela 230

*Coefficients<sup>a</sup> – Fator 2 (Dimensão III)*

<i>Model</i>		<i>Unstandardized Coefficients</i>		<i>Standardized Coefficients</i>	<i>t</i>	<i>Sig.</i>	<i>Collinearity Statistics</i>	
		<i>B</i>	<i>Std. Error</i>	<i>Beta</i>			<i>Tolerance</i>	<i>VIF</i>
1	(Constant)	2,301	,328		7,003	,000		
	<i>Idade</i>	-,003	,020	-,007	-,134	,894	,993	1,007
	<i>Sexo</i>	-,191	,054	-,185	-3,539	,000	,993	1,007

a. Dependent Variable: Álcool e relações sociais

Equação do modelo:

$$\text{Fator Álcool e relações sociais} = 2,301 - 0,003\text{Idade} - 0,191\text{Sexo}$$

Da análise dos valores absolutos dos coeficientes de regressão estandardizados podemos concluir que a variável *Sexo* apresenta maiores contribuições relativas para explicar o comportamento do fator 2, *Álcool e relações sociais*.

De acordo com a Figura 319, estando a maioria dos pontos próxima da reta, podemos concluir que os resíduos apresentam, pelo menos aproximadamente, distribuição normal, pelo que validam os pressupostos do modelo de *RL*.

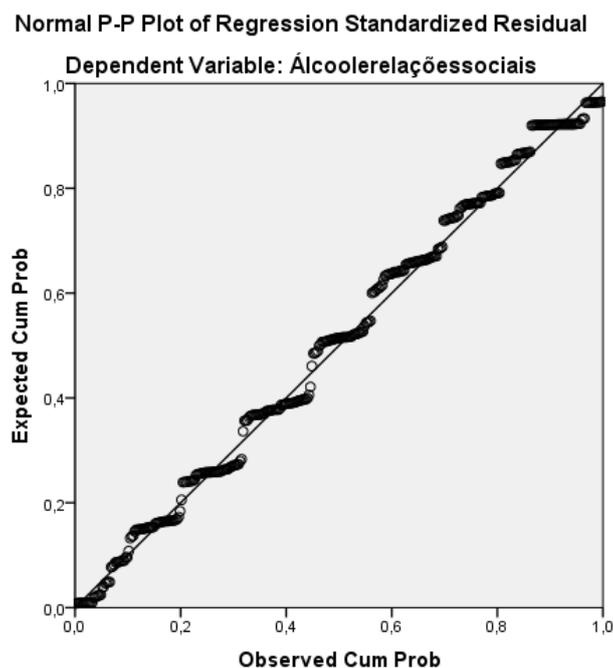


Figura 319. Gráfico de probabilidade normal da variável dependente “Álcool e relações sociais”.

**Fator 4 - Objetivos do consumo de álcool (para relaxar, fugir à tristeza ou à realidade).**

Na Tabela 231, verificamos que  $R_a^2 = 0,015$ , então 1,5% da variabilidade total em *Y* é explicada pelas variáveis independentes presentes no modelo de *RL* ajustado. Como o valor de *Durbin-Watson* é próximo de 2 ( $d = 1,950$ ), logo não rejeitamos  $H_0$ , de não existir auto-correlação positiva entre os resíduos.

Tabela 231  
Model Summary<sup>b</sup> – Fator 4 (Dimensão III)

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate	Durbin-Watson
1	,139 <sup>a</sup>	,019	,015	,57632	1,950

a. Predictors: (Constant), sexo, idade

b. Dependent Variable: Objetivos do consumo de álcool

Utilizamos o método *Enter*, para incluir todas as variáveis selecionadas. Na Tabela 232, como *p-value* é 0,016, então o modelo é significativo, pelo que aceitamos a  $H_1$ .

Tabela 232  
ANOVA<sup>a</sup> – Fator 4 (Dimensão III)

Model	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1 Regression	2,760	2	1,380	4,154	,016 <sup>b</sup>
Residual	140,829	424	,332		
Total	143,588	426			

a. Dependent Variable: Objetivosdoconsumodeálcool

b. Predictors: (Constant), sexo, idade

Considerando a variável dependente “*Objetivos do consumo de álcool*”, as variáveis independente “*Idade*” e “*Sexo*” afetam significativamente a variável dependente, apresentando boas contribuições relativas para a explicar, com *p-value* 0,049 e 0,041, respetivamente (Tabela 233). O valor de *VIF* é baixo, logo as variáveis não são colineares, pelo que não devem ser eliminadas da análise.

Tabela 233  
Coefficients<sup>a</sup> – Fator 4 (Dimensão III)

Model	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	Collinearity Statistics	
	B	Std. Error	Beta			Tolerance	VIF
(Constant)	1,225	,351		3,486	,001		
1 <i>Idade</i>	,042	,021	,095	1,976	,049	,999	1,001
<i>Sexo</i>	,115	,056	,099	2,053	,041	,999	1,001

a. Dependent Variable: Objetivosdoconsumodeálcool

Equação do modelo:

$$\text{Fator } \textit{Objetivos do consumo de álcool} = 1,225 + 0,042\textit{Idade} + 0,115\textit{Sexo}$$

A análise dos valores absolutos dos coeficientes de regressão estandardizados permite-nos concluir que as variáveis *Idade* e *Sexo* apresentam contribuições relativas semelhantes para explicar o comportamento do fator 4, *Objetivos do consumo de álcool*.

Analisando a Figura 320, verificamos que a maioria dos pontos está próxima da reta, pelo que podemos concluir que os resíduos apresentam, pelo menos, aproximadamente, distribuição normal, validando os pressupostos do modelo de *RL*.

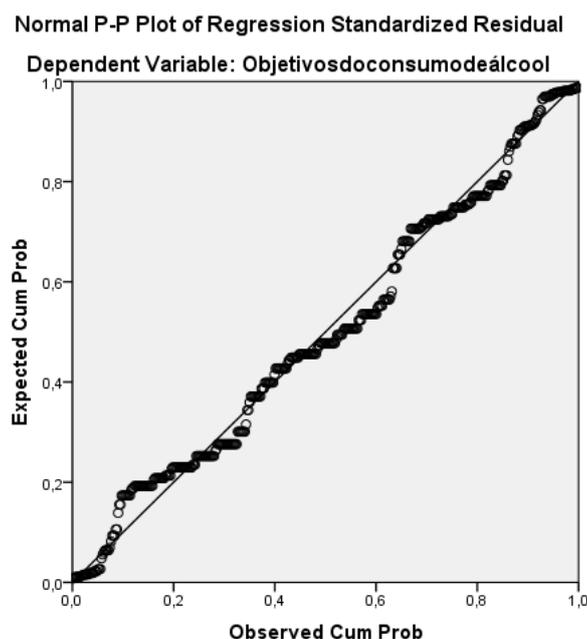


Figura 320. Gráfico de probabilidade normal da variável dependente “Objetivos do consumo de álcool”.

### **Fator 5 – Influência dos pares no consumo de álcool.**

Analisando os dados da Tabela 234, verificamos que  $R_a^2 = 0,023$ , então 2,3% da variabilidade total em  $Y$  é explicada pelas variáveis independentes presentes no modelo de RL ajustado. Como o valor de *Durbin-Watson* é próximo de 2 ( $d = 1,982$ ), logo não rejeitamos  $H_0$ , de não existir auto-correlação positiva entre os resíduos

Tabela 234  
*Model Summary<sup>b</sup> – Fator 5 (Dimensão III)*

<i>Model</i>	<i>R</i>	<i>R Square</i>	<i>Adjusted R Square</i>	<i>Std. Error of the Estimate</i>	<i>Durbin-Watson</i>
1	,168 <sup>a</sup>	,028	,023	,46598	1,982

a. Predictors: (Constant), sexo, idade

b. Dependent Variable: Influenciaparesnoconsumoálcool

Utilizamos o método *Enter*, para incluir todas as variáveis selecionadas. Como *p-value* é 0,003, de acordo com a Tabela 235, então o modelo é significativo, pelo que aceitamos a  $H_1$ .

Tabela 235  
ANOVA<sup>a</sup> – Fator 5 (Dimensão III)

Model	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1 Regression	2,601	2	1,300	5,988	,003 <sup>b</sup>
Residual	89,676	413	,217		
Total	92,277	415			

a. Dependent Variable: Influênciaparesnoconsumoálcool

b. Predictors: (Constant), sexo, idade

Analisando a Tabela 236 e considerando a variável dependente “*Influência dos pares no consumo de álcool*”, a variável independente “*Idade*” revela maior contribuição relativa para explicar o comportamento da variável dependente, afetando-a significativamente, com *p-value* de 0,001. O valor de *VIF* é baixo, logo as variáveis não são colineares, pelo que não devem ser eliminadas da análise.

Tabela 236  
Coefficients<sup>a</sup> – Fator 5 (Dimensão III)

Model	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	Collinearity Statistics	
	B	Std. Error	Beta			Tolerance	VIF
	(Constant)	1,072	,289				
1 Idade	,056	,017	,156	3,225	,001	1,000	1,000
Sexo	-,056	,046	-,059	-1,218	,224	1,000	1,000

a. Dependent Variable: Influênciaparesnoconsumoálcool

Equação do modelo:

$$\text{Fator Influência dos pares no consumo de álcool} = 1,72 + 0,056\text{Idade} - 0,056\text{Sexo}$$

Da análise dos valores absolutos dos coeficientes de regressão estandardizados podemos concluir que a variável *Idade* apresenta maiores contribuições relativas para explicar o comportamento do fator 5, *Influência dos pares no consumo de álcool*.

De acordo com a análise da Figura 321, atestamos que a maioria dos pontos está próxima da reta, pelo que podemos concluir que os resíduos apresentam, pelo menos aproximadamente, distribuição normal, validando os pressupostos do modelo de *RL*.

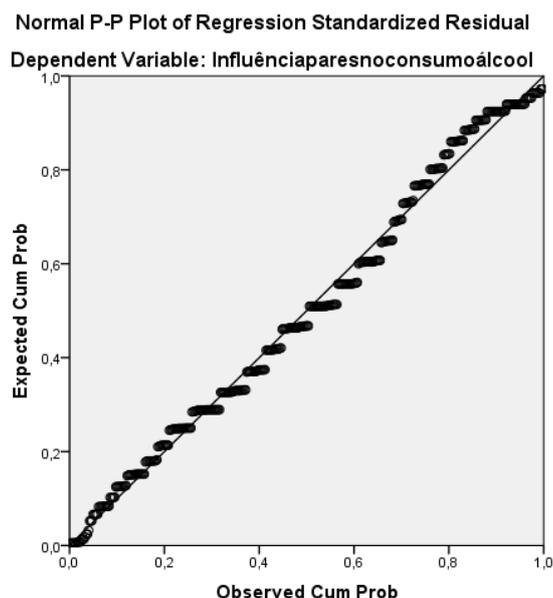


Figura 321. Gráfico de probabilidade normal da variável dependente “Influência dos pares no consumo de álcool”.

### **Fator 6 – Outros mitos associados ao consumo de álcool.**

De acordo com a Tabela 237, verificamos que  $R_a^2 = 0,066$ , então 6,6% da variabilidade total em  $Y$  é explicada pelas variáveis independentes presentes no modelo de RL ajustado. Como o valor de *Durbin-Watson* é próximo de 2 ( $d = 1,814$ ), logo não rejeitamos  $H_0$ , de não existir auto-correlação positiva entre os resíduos.

Tabela 237  
Model Summary<sup>b</sup> – Fator 6 (Dimensão III)

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate	Durbin-Watson
1	,273 <sup>a</sup>	,075	,066	,33792	1,814

a. Predictors: (Constant), sexo, idade

b. Dependent Variable: Mitos2

Utilizamos o método *Enter*, para incluir todas as variáveis selecionadas. Analisando a Tabela 238, como *p-value* é 0,000, o modelo é extremamente significativo, pelo que aceitamos a  $H_1$ .

Tabela 238  
ANOVA<sup>a</sup> – Fator 6 (Dimensão III)

Model	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1 Regression	1,912	2	,956	8,374	,000 <sup>b</sup>
Residual	23,752	208	,114		
Total	25,664	210			

a. Dependent Variable: Mitos2

b. Predictors: (Constant), sexo, idade

Considerando a variável dependente “Mitos 2”, as variáveis independentes “Idade” e “Sexo” revelam boas contribuições relativas para explicar o comportamento da variável dependente, afetando-a significativamente, com *p-value* 0,046 e 0,000, respectivamente (Tabela 239). O valor de *VIF* é baixo, logo as variáveis não são colineares, não devendo ser eliminadas da análise

Tabela 239  
Coefficients<sup>a</sup> – Fator 6 (Dimensão III)

Model	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	Collinearity Statistics	
	B	Std. Error	Beta			Tolerance	VIF
1 (Constant)	1,522	,282		5,405	,000		
Idade	,034	,017	,134	2,007	,046	,993	1,007
Sexo	-,174	,047	-,249	-3,721	,000	,993	1,007

a. Dependent Variable: Mitos2

Equação do modelo:

Fator *Outros mitos associados ao consumo de álcool* = 1,522 + 0,034*Idade* - 0,174*Sexo*

A análise dos valores absolutos dos coeficientes de regressão estandardizados permite-nos concluir que a variável *Sexo* apresenta maiores contribuições relativas para explicar o comportamento do fator 6, *Outros mitos associados ao consumo de álcool*.

Da análise da Figura 322, como a maioria dos pontos está próxima da reta podemos concluir que os resíduos apresentam, pelo menos aproximadamente, distribuição normal, pelo que permite validar os pressupostos do modelo de *RL*.

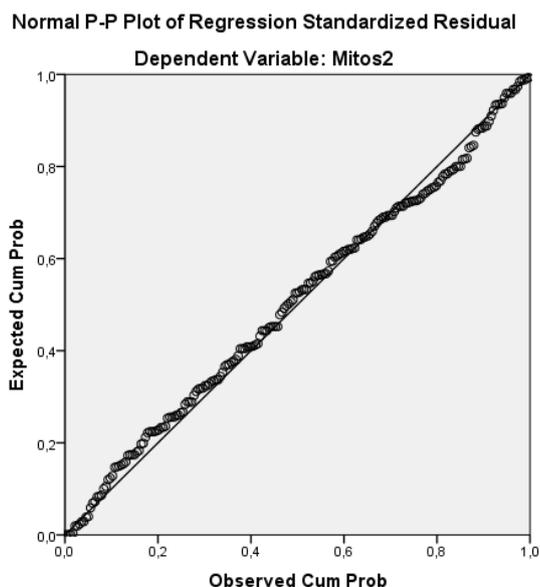


Figura 322. Gráfico de probabilidade normal da variável dependente “Mitos 2”.

**Fator 7 – Importância do álcool na emancipação e integração no grupo de pares.**

Com base nos dados da Tabela 240, verificamos que  $R_a^2 = 0,012$ , então 1,2% da variabilidade total em  $Y$  é explicada pelas variáveis independentes presentes no modelo de RL ajustado. Como o valor de *Durbin-Watson* é próximo de 2 ( $d = 1,917$ ), logo não rejeitamos  $H_0$ , de não existir auto-correlação positiva entre os resíduos.

Tabela 240  
*Model Summary<sup>b</sup> – Fator 7 (Dimensão III)*

<i>Model</i>	<i>R</i>	<i>R Square</i>	<i>Adjusted R Square</i>	<i>Std. Error of the Estimate</i>	<i>Durbin-Watson</i>
1	,130 <sup>a</sup>	,017	,012	,53804	1,917

a. Predictors: (Constant), sexo, idade

b. Dependent Variable: Álcoolemancipaçãoeintegração

Utilizamos o método *Enter*, para incluir todas as variáveis selecionadas. De acordo com a Tabela 241, como *p-value* é 0,024, o modelo é significativo, pelo que aceitamos a  $H_1$ .

Tabela 241  
ANOVA<sup>a</sup> – Fator 7 (Dimensão III)

Model	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1 Regression	2,190	2	1,095	3,782	,024 <sup>b</sup>
Residual	127,954	442	,289		
Total	130,144	444			

a. Dependent Variable: Álcoolemancipaçãoeintegração

b. Predictors: (Constant), sexo, idade

Considerando a variável dependente “*Álcool, emancipação e integração*”, a variável independente “*Idade*” apresenta maior contribuição relativa para explicar a variável dependente, com *p-value* 0,007 (Tabela 242). O valor de *VIF* é baixo, logo as variáveis não são colineares, pelo que não devem ser eliminadas da análise.

Tabela 242  
Coefficients<sup>a</sup> – Fator 7 (Dimensão III)

Model	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	Collinearity Statistics	
	B	Std. Error	Beta			Tolerance	VIF
(Constant)	,811	,316		2,568	,011		
1 <i>Idade</i>	,052	,019	,129	2,731	,007	,999	1,001
<i>Sexo</i>	-,021	,051	-,019	-,405	,686	,999	1,001

a. Dependent Variable: Álcoolemancipaçãoeintegração

Equação do modelo:

$$\text{Fator } \textit{Álcool, emancipação e integração} = 0,811 + 0,052\textit{Idade} - 0,021\textit{Sexo}$$

Da análise dos valores absolutos dos coeficientes de regressão estandardizados podemos concluir que a variável *Idade* apresenta maiores contribuições relativas para explicar o comportamento do fator 7, *Importância do álcool na emancipação e integração no grupo de pares*.

Analisando a Figura 323, verificamos que a maioria dos pontos está próxima da reta, logo podemos concluir que os resíduos apresentam, pelo menos aproximadamente, distribuição normal, validando os pressupostos do modelo de *RL*.

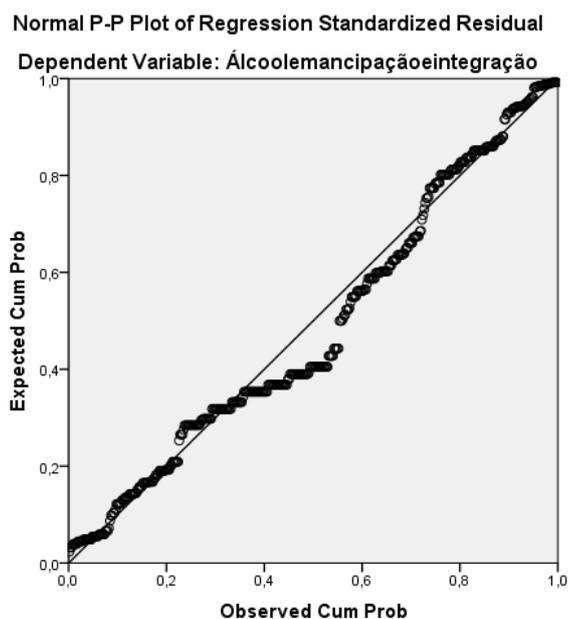


Figura 323. Gráfico de probabilidade normal da variável dependente “Álcool, emancipação e integração”.

### AUDIT

Também cruzámos o autoteste *AUDIT* com as variáveis da Parte I, dimensão sociocultural: *Idade e Sexo, Reprovação, Ano de escolaridade, Escolaridade da mãe, Escolaridade do pai, Onde vive e Com quem vive.*

Analisando a Tabela 243, verificamos que  $R_a^2 = 0,026$ , então 2,6% da variabilidade total em  $Y$  é explicada pelas variáveis independentes presentes no modelo de RL ajustado. Como o valor de *Durbin-Watson* é próximo de 2 ( $d = 1,749$ ), logo não rejeitamos  $H_0$ , de não existir auto-correlação positiva entre os resíduos

Tabela 243  
Model Summary<sup>b</sup> – Fator *AUDIT*

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate	Durbin-Watson
1	,209 <sup>a</sup>	,044	,026	5,191	1,749

a. Predictors: (Constant), vivecom\_1, sexo, idade, escolaridade mãe, reprovação, onde vive, escolaridade pai, ano escolaridade

b. Dependent Variable: *AUDIT*

Utilizámos o método *Enter*, para incluir todas as variáveis selecionadas. De acordo com a Tabela 244, como  $p$ -value é 0,012, o modelo é significativo, pelo que aceitamos a  $H_1$ .

Tabela 244  
ANOVA<sup>a</sup> - Fator *AUDIT*

<i>Model</i>	<i>Sum of Squares</i>	<i>df</i>	<i>Mean Square</i>	<i>F</i>	<i>Sig.</i>
1 Regression	538,038	8	67,255	2,496	,012 <sup>b</sup>
Residual	11803,698	438	26,949		
Total	12341,736	446			

a. Dependent Variable: *AUDIT*

b. Predictors: (Constant), *vivecom\_1*, *sexo*, *idade*, *escolaridade mãe*, *reprovação*, *onde vive*, *escolaridade pai*, *ano escolaridade*

Considerando a variável dependente “*AUDIT*”, as variáveis independentes “*Idade*” e “*Sexo*” revelam boas contribuições relativas para explicar o comportamento da variável dependente, afetando-a significativamente, com *p-value* 0,006, 0,007, respectivamente, conforme Tabela 245. Os valores de *VIF* é baixo, logo as variáveis não são colineares, pelo que não devem ser eliminadas da análise.

Tabela 245  
Coefficients<sup>a</sup> - Fator *AUDIT*

<i>Model</i>	<i>Unstandardized Coefficients</i>		<i>Standardized Coefficients</i>	<i>t</i>	<i>Sig.</i>	<i>Collinearity Statistics</i>	
	<i>B</i>	<i>Std. Error</i>	<i>Beta</i>			<i>Tolerance</i>	<i>VIF</i>
1 (Constant)	-10,986	5,219		-2,105	,036		
<i>Idade</i>	,992	,359	,242	2,761	,006	,285	3,507
<i>Sexo</i>	1,370	,505	,129	2,712	,007	,959	1,042
<i>Ano escolaridade</i>	-,736	,411	-,157	-1,791	,074	,283	3,536
<i>Reprovação</i>	-,460	,584	-,042	-,788	,431	,783	1,277
<i>Escolaridade mãe</i>	-,001	,179	-,001	-,008	,993	,567	1,762
<i>Escolaridade pai</i>	,238	,176	,080	1,354	,176	,620	1,613
<i>Onde vive</i>	-,223	,314	-,036	-,711	,477	,847	1,181
<i>Com quem vive</i>	-,257	,352	-,034	-,729	,466	,987	1,013

a. Dependent Variable: *AUDIT*

Equação do modelo:

$$\text{Fator } AUDIT = -10,986 + 0,992Idade + 1,370Sexo - 0,736Anoescolaridade - 0,460Reprovação - 0,001Escolaridademãe + 0,238Escolaridadepai - 0,223Ondevive - 0,257Comquemvive$$

A análise dos valores absolutos dos coeficientes de regressão estandardizados permite-nos concluir que a variável *Idade* apresenta maiores contribuições relativas para explicar o comportamento do fator *AUDIT*.

Da análise da Figura 324, como a maioria dos pontos está próxima da reta podemos concluir que os resíduos apresentam, pelo menos aproximadamente, distribuição normal.

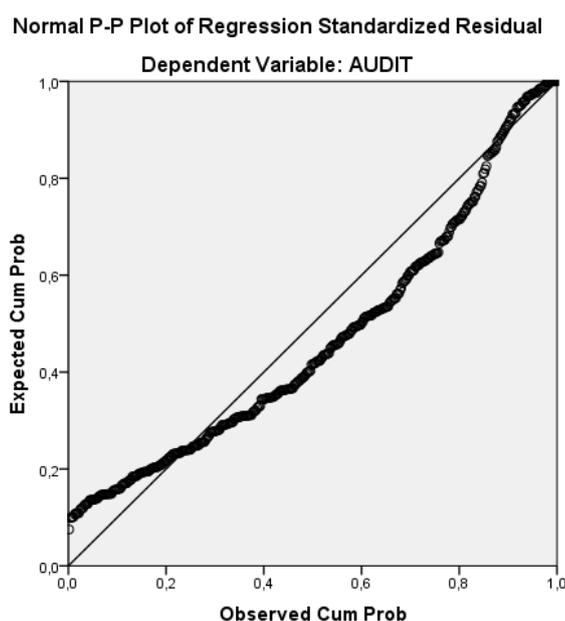


Figura 324. Gráfico de probabilidade normal da variável dependente “Autoteste *AUDIT*”.

Podemos concluir que as variáveis *Sexo* e a *Idade* contribuem de forma significativa para explicar possíveis variações no fator 4, *Embriaguez*, da dimensão II, nos fatores 1, *Alguns mitos relacionados com o consumo de álcool*; 4, *Objetivos do consumo de álcool (para relaxar, fugir à tristeza ou à realidade)*; 6, *Outros mitos associados ao consumo de álcool*, bem como do fator *AUDIT*.

Para o fator 5, *Consumos abusivos de álcool*, da dimensão II, e fator 2, *O álcool como facilitador das relações sociais, no grupo de pares e para arranjar namorado(a)*, é a variável *Sexo* que apresenta maior contribuição relativa para explicar a variável dependente.

Já para os fatores 5, *Influência dos pares no consumo de álcool* e 7, *Importância do álcool na emancipação e integração no grupo de pares*, da dimensão III, é a variável

independente *Idade* que revela maior contribuição relativa para explicar o comportamento da variável dependente, afetando-a significativamente.

## CAPÍTULO 5 - INTERVENÇÃO EM PREVENÇÃO

### 5.1. Métodos e Materiais

O nosso papel privilegiado de educador, formador de cidadãos conscientes, permite-nos ir mais além, concebendo um plano de intervenção, no âmbito do Projeto de Educação para a Saúde, com vista à prevenção e diminuição do consumo de bebidas alcoólicas. Trata-se assim, de uma investigação para-aplicada.

Da análise do questionário aplicado a 501 alunos, do 9.º ao 12.º ano, de escolas do distrito de Beja, verificamos que maior parte dos alunos inquiridos já consumira álcool, com idades de experimentação aos 13 anos de idade. Os consumos fazem-se com os amigos, em contextos festivos, aos fins de semana e preferencialmente à noite, para obter alegria e diversão, tendo a maior parte consumido a última bebida no último mês, anterior à aplicação do questionário, o que corresponde a um consumo atual. Apesar da maior parte dos alunos ter referido que nunca se embriagou nem praticou o *binge drinking*, essas tendências diminuem com a idade e com o ano de escolaridade.

Predomina a discordância de que o consumo de álcool facilita a integração no grupo de amigos. Contudo, a maior parte dos alunos considera que os jovens consomem bebidas alcoólicas para se sentirem mais integrados e identificados com o grupo, podendo consumir mais álcool quando incentivados pelos amigos, embora considerem que eles próprios não o fazem (os alunos respondentes do questionário acham que o álcool não tem a capacidade de facilitar a integração, mas consideram que os jovens consomem álcool com esse propósito). O facto de os amigos beberem constitui uma “tentação”, para que muitos persigam aquele comportamento.

Preocupados com os resultados obtidos, concebemos um programa preventivo na Escola Secundária c/ 3.º Ciclo D. Manuel I, de Beja e foram avaliados alguns dos seus efeitos sobre os hábitos de consumo, as representações e as declarações de práticas dos jovens envolvidos. Esta avaliação foi feita através da aplicação do questionário que construímos e aplicámos inicialmente a 501 alunos do 9.º ao 12.º ano, de escolas do distrito de Beja.

A intervenção fez-se com alunos a partir 7.º ano, função da idade detetada da experimentação com o álcool, pois de acordo com Costa & López (2008), quanto mais precoce for a intervenção, mais efetiva será.

Pretendemos implementar um programa de intervenção pedagógica, que envolvesse os pais e/ou encarregados de educação, os alunos, os professores, os assistentes operacionais, profissionais de saúde, P.S.P, I.D.T, com vista ao esclarecimento de possíveis falsos conceitos ou crenças dos alunos e à prevenção e/ou redução do consumo de álcool.

No início do ano letivo de 2011/2012, fazendo parte do Plano Anual de Atividades do Projeto de Promoção e Educação para a Saúde, foi apresentado e aprovado em Conselho Pedagógico, um Programa de Intervenção Preventiva de Consumo de Álcool, no âmbito da disciplina de Formação Cívica, do 7.º ao 10.º ano.

A disciplina de Formação Cívica foi alargada ao 10.º ano de escolaridade, apenas no ano letivo de 2011/2012 (Decreto-Lei n.º 50/2011, de 8 de abril), tendo no ano de 2012/2013, de acordo com a nova organização curricular (Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho) sido eliminada do ensino não superior, dificultando ou até mesmo inviabilizando o desenvolvimento de projetos, no futuro, com esta envergadura.

O programa incluiu sessões de esclarecimento e desenvolvimento de trabalhos por parte dos alunos. Cada sessão teve a duração de 45 minutos semanais, durante parte do segundo período e todo o 3.º período letivo. (Anexo IX)

O Programa incluiu duas turmas 7.º ano (A e B), duas de 8.º ano (A e B), uma de 9.º ano (B) e seis turmas de 10.º ano (A, B, C, D, E e F), do Curso Científico-Humanísticos. No total, foram envolvidos 245 alunos (34,2% do total de alunos da escola). No final do projeto, tivemos apenas 228 alunos, devido à existência de anulações de matrícula, pedidos transferência de escola/de turma/de curso e abandono do sistema.

Nas turmas de 7.º ano, as sessões de informação e sensibilização tiveram início mais cedo do que o previsto, pois alguns pais e/ou encarregados de educação dirigiram-se aos respetivos diretores de turma, manifestando preocupação pela existência de uma loja *smartshop*, que havia aberto recentemente em Beja e que comercializava substâncias psicoativas (Anexo X). Assim, houve um número mínimo de 12 sessões e um número máximo de 17 sessões, nas diferentes turmas, tendo as duas turmas de 7.º tido mais sessões, bem como as turmas de 10.º ano, que tiveram sessões de informação e sensibilização a partir de meados do 2.º período, até ao final do ano.

As sessões foram asseguradas pela autora deste estudo (7.º A - 19 alunos; 7.º B - 23 alunos; 8.º A - 21 alunos; 8.º B - 24 alunos; 9.º B - 26 alunos; 10.º A - 22 alunos; 10.º E - 32 alunos) e pela professora Dores Sardinha, que dinamizou as demais sessões (10.º

B - 20 alunos; 10.º C - 19 alunos; 10.º D - 21 alunos; 10.º F - (1 aluno com Necessidades Educativas Especiais). Foi selecionada a professora Dores Sardinha por ser, tal como a autora, detentora de formação no âmbito da Educação para a Saúde, creditada pela DGIDC e por já fazer parte da equipa do Projeto de Promoção e Educação para a Saúde (PES), coordenada pela autora, desde 2009.

As sessões formativas abordaram as seguintes temáticas (Tabela 246):

Tabela 246

*Temas abordados nas sessões formativas do programa de prevenção de consumo de álcool.*

<b>Sessões formativas</b>	<b>Temáticas</b>
1. <sup>a</sup>	Objetivos do programa de prevenção de consumos. Tipos de drogas: lícitas e ilícitas.
2. <sup>a</sup>	Epidemiologia do álcool.
3. <sup>a</sup>	Tempestade de ideias sobre álcool “Beber/Não beber”.
4. <sup>a</sup>	Tipos de consumo.
5. <sup>a</sup> e 6. <sup>a</sup>	Causas, efeitos e consequências do consumo de álcool. Contextos sociais e fatores que levam ao consumo de álcool.
7. <sup>a</sup>	Análise de fatores de risco e de proteção para o consumo de álcool.
8. <sup>a</sup>	Análise e esclarecimento de mitos relacionados com o consumo de álcool.
9. <sup>a</sup> e 10. <sup>a</sup>	Como dizer: “Não aos consumos de substâncias psicoativas!”, sem magoar os outros. Promover competências pessoais e sociais.
11. <sup>a</sup> e seguintes	Preparação/organização de trabalhos a desenvolver com os alunos: Campanhas de prevenção de consumo de álcool; Construção de artigos e postais; <i>Role-playing</i> sobre comportamentos de risco e de proteção; Debates e sessões de esclarecimentos para professores, funcionários, pais e encarregados de educação e outros alunos da escola;

As sessões foram planificadas conjuntamente pelas duas autoras e suportadas por apresentações em *PowerPoint*, também realizadas conjuntamente, com o objetivo de aferir estratégias e conteúdos a abordar. Contudo, as sessões acabaram por seguir o rumo que as discussões, participações e dinâmicas imprimiam às sessões.

Começámos o programa de prevenção de consumo de álcool apresentando, num *PowerPoint*, os objetivos do programa e de seguida, apresentámos outro *PowerPoint*, onde começámos por questionar se o álcool é uma droga e, a partir do conceito de substância psicoativa, fizemos uma breve referência e análise de legislação (Decreto-Lei n.º 9/2002, de 24 de Janeiro, posteriormente revogado pelo Decreto-Lei n.º 50/2013, de 16 de abril; Plano Nacional para a Redução dos Problemas ligados ao álcool: 2009-2012; Decreto-Lei n.º 332/2001, de 24 de Dezembro; Portaria n.º 390/2002, de 11 de Abril; Resolução do Conselho de Ministros n.º 166/2000 – Plano de Ação contra o

Alcoolismo). Apresentámos ainda o álcool não só como a droga mais perigosa (Nutt, 2007), mas também como a mais consumida (ESPAD, 2009).

Na segunda sessão abordámos a epidemiologia do álcool, apresentada em *PowerPoint*, onde expusemos dados do relatório ECATD (2011), *ESPAD* de 2007 (2009), *HBSC* (relatório preliminar de 2010) e INSA (2005). No final, lançámos o tema para a sessão seguinte “Beber ou não beber? Eis a questão?”, para que os alunos pudessem refletir e defender uma posição.

Na terceira sessão realizámos uma tempestade de ideias sobre “Beber ou não beber? Eis a questão?”. Todos os alunos foram estimulados a participar e a tomar uma posição, justificando a sua escolha. Verificou-se um equilíbrio nas tomadas de posição, registando-se um ligeiro predomínio nas razões para não beber (Anexo XI). No final tentámos esclarecer os alunos, nas suas tomadas de decisão.

Na quarta sessão explorámos um *PowerPoint*, onde abordámos os diferentes tipos de consumo: consumo de baixo risco, beber até à embriaguez (intoxicação aguda), consumo esporádico excessivo ou *binge drinking*, consumo nocivo, dependência alcoólica, acompanhados de imagens impactantes. Apresentámos alguns sinais e sintomas de alerta de dependência e terminámos com a apresentação do caso da cantora Amy Winehouse, que morreu a 23 de julho de 2011, vítima de álcool.

Na quinta e sexta sessões abordámos num *PowerPoint* causas, efeitos e consequências do consumo de álcool. Com base nos resultados obtidos no nosso questionário, abordámos as questões: Por que se inicia o consumo de álcool? Qual a idade média do primeiro consumo? Com quem se consome bebidas alcoólicas? O que se procura no consumo de álcool? Que bebidas alcoólicas se consomem? Em que contextos sociais/ocasiões se consome? Que efeitos tem o consumo de álcool? Aproveitando esta última questão, apresentámos algumas imagens impactantes, não só por serem chocantes, mas também embaraçosas. Explorámos o texto: “A morte de uma inocente...”, com o qual os alunos ficam sensibilizados. (Anexo XII)

Explorámos o vídeo da *National Geographic* sobre “Saúde e ressaca”, falámos sobre a ação do álcool no sistema nervoso, apresentando animações da transmissão do impulso nervoso sem e com consumo de álcool e terminámos com um jogo interativo, da *internet*. (Anexo XIII)

Na sétima sessão explorámos um *PowerPoint* sobre de fatores de risco e de proteção para o consumo de álcool, onde abordámos a família, os amigos/grupo de pares, o(a) namorado(a), a escola, a ocupação dos tempos livres, a frequência de bares e

discotecas, os contextos festivos, as saídas aos fins de semana, os bailes e as viagens de finalistas. A abordagem tentou sempre seguir o rumo de que todos estes fatores podem ser de risco e/ou de proteção. Terminámos a sessão a solicitar aos alunos que pesquisassem, para a sessão seguinte, mitos e/ou factos relacionados com o consumo de álcool.

Na oitava sessão começámos por analisar e esclarecer os mitos e/ou factos que os alunos apresentaram. Houve turmas que apresentaram mais e outras menos mitos, pelo que nas turmas que apresentaram menos, apresentámo-los nós.

Na nona e décima sessões foram apresentadas situações fictícias, criadas pelas duas professoras dinamizadoras das sessões, que tentavam reproduzir situações da vida real e os alunos eram convidados a tomar uma determinada posição, promovendo-se o debate da situação. Através da análise destas situações-problema, pretendemos promover a assertividade dos alunos, bem como a sua capacidade de resistir à posição dos pares. (Anexo XIV)

A duração das sessões foi variável, de acordo com a participação e interesse que os temas despertavam nos alunos, das diferentes turmas.

Para avaliação na disciplina de Formação Cívica, todos os alunos, das diferentes turmas desenvolveram trabalhos individuais ou em grupo, (Anexo XV) no âmbito do programa de prevenção de consumo de álcool, que foram avaliados de acordo com grelhas específicas, contribuindo assim, para a avaliação sumativa dos alunos, na disciplina. (Anexo XVI)

Com os trabalhos realizados pelos alunos, dinamizámos uma campanha impactante de prevenção de consumo de álcool na escola, alargada à comunidade, que foi divulgada através dos meios de comunicação escolar (páginas Web da escola, do Projeto de Educação para a Saúde, da biblioteca escolar) e regional (rádios e jornais). (Anexo XVII). Os alunos desenvolveram vários trabalhos à sua escolha (Anexo XV), em grupo ou individualmente, expostos na escola, ou apresentados à comunidade escolar e à comunidade em geral, na Ovibeja.

Tentámos ainda organizar uma sessão de sensibilização e debate para pais e/ou encarregados de educação, dinamizada por técnicos do Centro de Saúde e P.S.P. Apesar de ter sido divulgada e agendada para horário pós-laboral, não se realizou por falta de comparência e participação do público-alvo. Verificamos que os pais e/ou encarregados de educação só se deslocam à escola, se forem receber informações sobre os seus educandos ou para assistir a trabalhos desenvolvidos por eles.

A avaliação da eficácia deste programa de formação seguiu o modelo CIPP (Contexto-Input-Processo-Produto) de Stufflebeam.

A avaliação dos trabalhos realizados pelos alunos, ao longo e/ou no final das sessões, foi realizada juntamente com a respetiva professora de Formação Cívica e traduziu-se na avaliação final da disciplina. A disciplina de Formação Cívica, de acordo com o Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho, apresenta uma avaliação final qualitativa, através das menções de Não satisfaz, Satisfaz ou Satisfaz Bastante. Devido ao grande envolvimento da generalidade dos alunos, ao seu empenho e criatividade na realização dos trabalhos propostos, todos os alunos, com a exceção de dois, que tiveram Satisfaz, receberam a menção de Satisfaz Bastante.

Foi construído um questionário de satisfação, para avaliação das sessões, que foi aplicado aos alunos e às docentes de Formação Cívica, do ensino básico. (Anexo XXXI)

No final do programa de prevenção de consumos foi aplicado novamente o mesmo questionário, realizado por nós (pós-teste), aos alunos envolvidos (Anexo XXXII). Através da análise dos resultados do questionário, tentámos certificar-nos se as representações dos alunos acerca do consumo de álcool se alteraram e em que medida interferem nos seus consumos, avaliando assim, a eficácia do programa de intervenção preventiva.

Apesar de termos consciência de que quanto mais longas forem as intervenções e quantos mais reforços forem tendo, mais eficazes são (Barroso et al., 2008), não quisemos deixar de aplicar o nosso programa de prevenção de consumo de álcool, mesmo que fosse apenas durante o ano letivo de 2011-2012. Não podíamos deixar de aproveitar a oportunidade última de usufruir das aulas de Formação Cívica, para trabalhar com os alunos do 7.º ao 10.º ano, no sentido de os sensibilizar para os riscos do consumo de álcool.

Em 2012-2013, a temática da prevenção de consumo de álcool voltou a ser abordada, mas em sessões mais esporádicas, para os alunos do 10.º ano, ministradas pelos técnicos de saúde do centro de saúde, que se deslocaram à escola, na Unidade Móvel, do programa “Cuida-te”. Para além disso, no final do ano letivo realizou-se a 2.ª Festa da Saúde, dia 5 de junho, com novamente dois espetáculos (15:30 e 21:30), com apresentação de canções, vídeos e a peça de teatro “A minha primeira vez”, onde se abordaram temas variados, como os primeiros pelos, a primeira menstruação, o primeiro beijo, o primeiro consumo de álcool, entre outros (Anexo XXXIII). No dia 12 de junho

realizámos o 2.º *Peddypaper* da Saúde, onde também tratámos o consumo de álcool (Anexo XXXIII).

## **5.2. Resultados pós-Programa de Prevenção de Consumo de Álcool**

### **Parte I – Dimensão Sociocultural: Caracterização da amostra**

#### **➤ Escola que frequenta**

Visto que o nosso programa de intervenção de prevenção de consumos de substâncias psicoativas, em especial o álcool, foi aplicado apenas na Escola Secundária c/ 3.º Ciclo D. Manuel I, de Beja, todos os alunos participantes, frequentavam a mesma escola. Este programa de prevenção de consumos, tal com já foi referido anteriormente, foi constituído por várias sessões, que foram ministradas nas aulas de Formação Cívica, que no ensino básico foram gentilmente cedidas pelas respetivas diretoras de turma, para o efeito. O número de sessões ministrado em cada turma foi variável, consoante as necessidades e o interesse das próprias turmas, tendo havido um mínimo de 12 sessões, que abordando os consumos nocivos de substâncias psicoativas, incidiram preferencialmente sobre o consumo de álcool.

#### **➤ Idade**

Da análise da Tabela 247, os 43 alunos do 7.º ano de escolaridade apresentam em média 12,65 anos (*DP* 0,752 e *erro standard da média* 0,115), sendo o valor mais frequente (moda) os 12 anos e a idade mínima dos elementos da amostra era de 12 anos e o máximo de 15 anos.

Já os 44 alunos do 8.º ano de escolaridade apresentam uma média de 13,45 anos (*DP* 0,504 e *erro standard da média* 0,076), com uma moda bem como idade mínima de 13 anos e o máximo de 14 anos.

Quanto aos 25 alunos do 9.º ano de escolaridade, estes apresentam uma média de 14,76 anos (*DP* 0,597 e *erro standard da média* 0,119), sendo o valor de 15 anos o mais frequente, com uma idade mínima de 14 anos e máxima de 16 anos.

Os 103 alunos do 10.º ano de escolaridade apresentam uma média de 15,73 anos (*DP* 0,689 e *erro standard da média* 0,068), com o valor mais frequente de 16 anos, com uma idade mínima de 15 anos e máxima de 18 anos.

Tabela 247  
*Frequências absolutas e percentagens da variável “Idade”*

<i>Idade dos alunos</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
12	21	48,9						
13	17	39,5	24	54,5				
14	4	9,3	20	45,5	8	32,0		
15	1	2,3			15	60,0	40	38,8
16					2	8,0	53	51,5
17							8	7,8
18							2	1,9
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0	25	100,0	103	100,0

Comparativamente com a amostra total antes da aplicação do programa de prevenção de consumos nocivos, esta amostra é constituída por alunos mais novos. O primeiro questionário foi aplicado a alunos do 9.º ao 12.º ano, oscilando as idades entre os 14 e os 19 anos (havendo um aluno com 12 anos e outro com 21 anos), enquanto o questionário aplicado após o programa de intervenção preventiva abrangeu alunos do 7.º ao 10.º ano, com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos. Assim, o questionário aplicado após a intervenção do programa de prevenção de consumos abarcou alunos mais novos, pelo que os consumos nocivos serão mais preocupantes.

### ➤ **Sexo**

De acordo com a Tabela 248, dos 43 alunos do 7.º ano, 18 pertencem ao sexo feminino, o que corresponde a 41,9% da amostra. No 8.º ano, dos 44 alunos, também 18 são do sexo feminino, correspondendo a 40,9% da amostra. No 9.º ano de escolaridade, 16 alunos pertencem ao sexo feminino, o que corresponde a 64% da amostra. Dos 103 alunos do 10.º ano de escolaridade, 46 são do sexo feminino, correspondendo a 44,7%.

Considerando os quatro anos de escolaridade, para um total de 215 alunos, obtivemos 98 questionários respondidos por raparigas, correspondendo a 45,6% do total da amostra.

Tabela 248

Frequências absolutas e percentagens da variável "Sexo"

Sexo dos alunos	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
<b>Feminino</b>	18	41,9	18	40,9	16	64,0	46	44,7
<b>Masculino</b>	25	58,1	26	59,1	9	36,0	57	55,3
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0	25	100,0	103	100,0

### ➤ Reprovação

De acordo com a Tabela 249, a maior parte dos alunos, dos quatro anos de escolaridade nunca reprovou.

No 7.º ano, 36 alunos nunca reprovaram (83,7%), 5 alunos reprovaram uma vez (11,6%) e 2 reprovaram duas vezes (4,7%).

No 8.º ano, 40 alunos nunca reprovaram (90,9%) e 4 alunos reprovaram uma vez (9,1%).

No 9.º ano, dos 25 alunos, 17 nunca reprovaram (68%), 5 alunos reprovaram uma vez (20%) e 3 reprovaram duas vezes (12%).

Já no 10.º ano, 90 alunos referem que nunca reprovaram (87,4%), mas 10 alunos referem que reprovaram uma vez 9,7% e 3 alunos reprovaram duas vezes (2,9%).

Num total de 215 respostas válidas, cerca de 85% dos alunos dos quatro anos de escolaridade nunca reprovou.

Tabela 249

Frequências absolutas e percentagens da variável "Reprovação"

Reprovação dos alunos	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
<b>Nunca rep.</b>	36	83,7	40	90,9	17	68,0	90	87,4
<b>Rep. 1 vez</b>	5	11,6	4	9,1	5	20,0	10	9,7
<b>Rep. 2 vezes</b>	2	4,7			3	12,0	3	2,9
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0	25	100,0	103	100,0

### ➤ Categoria Profissional da Mãe e Nível de Escolaridade

Apenas no 7.º ano, a maior parte das mães pertencem a uma categoria profissional de nível superior ou médio, predominando nos restantes anos de escolaridade mães que pertencem a uma categoria profissional de nível inferior (Tabela 250). No total da amostra, temos 47% das mães com categoria profissional de nível superior e médio.

Tabela 250  
Frequências absolutas e percentagens da variável “Categoria Profissional da mãe”

Categoria Profissional da mãe	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
Nível superior e médio	23	53,5	16	36,4	8	32,0	37	35,9
Nível inferior	16	37,2	17	38,6	14	56,0	58	56,3
<b>Total</b>	39	90,7	33	75,0	22	88,0	95	92,2
<i>Missing</i>	4	9,3	11	25,0	3	12,0	8	7,8
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0	25	100,0	103	100,0

Observamos na Tabela 251 que, quanto ao nível de escolaridade da mãe, dos alunos do 7.º ano, predominam as que têm licenciatura (30,2%), havendo mais de metade com nível de escolaridade superior (51,1%). Ainda existem duas mães que têm apenas o 1.º ciclo do ensino básico.

No 8.º ano predominam mães com licenciatura e ensino secundário (27,3%). Contudo, menos de metade (43,2%) das mães apresenta um nível de escolaridade superior.

No 9.º ano, a maior parte das mães (40%) apresenta o ensino secundário, seguindo-se 20% com licenciatura. Menos de metade das mães (42%) apresenta nível de escolaridade superior.

Em relação ao 10.º ano, a maior parte das mães concluiu o ensino secundário (35%), seguindo-se 21,4% com licenciatura. Apesar de cerca de 37% das mães apresentar uma escolaridade de nível superior, ainda existem dez mães apenas com o 2.º ciclo do ensino básico e duas com o 1.º ciclo.

Tabela 251

Frequências absolutas e percentagens da variável “Nível de escolaridade da mãe”

Nível de escolaridade da mãe	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
<b>Nunca estudou</b>								
<b>1.º ciclo</b>	2	4,7					2	1,9
<b>2.º ciclo</b>	2	4,7	2	4,5	1	4,0	10	9,7
<b>3.º ciclo</b>	4	9,3	3	6,8	4	16,0	11	10,7
<b>Sec</b>	10	23,3	12	27,3	10	40,0	36	35,0
<b>Bacharel</b>	1	2,3	2	4,5			3	2,9
<b>Licenciatura</b>	13	30,2	12	27,3	5	20,0	22	21,4
<b>Mestrado</b>	5	11,6	4	9,1	3	12,0	6	5,8
<b>Doutoramento</b>	4	9,3	3	6,8			7	6,8
<b>Total</b>	41	95,3	38	86,4	23	92,0	97	94,2
<i>Missing</i>	2	4,7	6	13,6	2	8,0	6	5,8
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0	25	100,0	103	100,0

Considerando o nível de escolaridade da mãe, obtivemos 178 respostas válidas (82,7%), tendo 68 mães (31,6%) ensino secundário, 52 mães licenciatura (24,2%). Quase metade das mães (cerca de 42%) apresenta ensino superior, predominando a licenciatura, seguindo-se o mestrado (8,4%), o doutoramento (6,5%) e por último o bacharelato (1,4%). Contudo, quatro mães apresentam apenas o 2.º ciclo do ensino básico.

### ➤ Categoria Profissional do Pai e Nível de Escolaridade

Observamos na Tabela 252 que, apenas no 9.º ano predominam os pais pertencentes a uma categoria profissional de nível superior e médio. Num total de 188 respostas, cerca de 32% pertence a uma categoria profissional de nível superior e médio.

Tabela 252

*Frequências absolutas e percentagens da variável “Categoria Profissional do pai”*

<i>Categoria Profissional do pai</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Nível superior e médio</b>	16	37,2	10	22,7	12	48,0	22	21,4
<b>Nível inferior</b>	23	53,5	23	52,3	11	44,0	71	68,9
<b>Total</b>	39	90,7	33	75,0	23	92,0	93	90,3
<i>Missing</i>	4	9,3	11	25,0	2	8,0	10	9,7
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0	25	100,0	103	100,0

Observamos na Tabela 253 que, quanto ao nível de escolaridade do pai dos alunos do 7.º ano, predominam os que completaram o ensino secundário (30,2%), seguindo os que têm apenas o 3.º ciclo do ensino secundário com 16,3%. Cerca de 42% dos pais têm habilitações superiores. Ainda existem 2 pais que têm apenas o 1.º ciclo do ensino básico.

No 8.º ano predominam pais com o 3.º ciclo (27,3%), seguindo-se com o ensino secundário (25%). Apenas cerca de 23% dos pais apresenta um nível de escolaridade superior. De realçar a existência ainda de um pai com apenas o 1.º ciclo do ensino básico.

No 9.º ano, a maior parte dos pais (28%) apresenta o ensino secundário ou licenciatura. Menos de metade dos pais (44%) apresenta nível de escolaridade superior.

Em relação ao 10.º ano, a maior parte dos pais concluiu ou o 3.º ciclo ou o ensino secundário (27,2%), seguindo-se 15,5% com o 2.º ciclo. Apenas 10,7% dos pais apresenta habilitações de nível superior.

Tabela 253

Frequências absolutas e percentagens da variável “Nível de escolaridade do pai”

Nível de escolaridade do pai	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
<b>Nunca estudou</b>								
<b>1.º ciclo</b>	2	4,7	1	2,3			3	2,9
<b>2.º ciclo</b>	2	4,7	3	6,8	3	12,0	16	15,5
<b>3.º ciclo</b>	7	16,3	12	27,3	3	12,0	28	27,2
<b>Secundário</b>	13	30,2	11	25,0	7	28,0	28	27,2
<b>Bacharel</b>	4	9,3			1	4,0	5	4,9
<b>Licenciatura</b>	6	14,0	7	15,9	7	28,0	8	7,8
<b>Mestrado</b>	4	9,3	3	6,8	2	8,0	6	5,8
<b>Doutoramento</b>	4	9,3			2	8,0	4	3,9
<b>Total</b>	42	97,7	37	84,1	25	100,0	98	95,1
<b>Missing</b>	1	2,3	7	15,9			5	4,9
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0			103	100,0

Considerando o nível de escolaridade do pai, obtivemos 202 respostas válidas (94%), tendo 59 pais (27,4%) ensino secundário, 50 pais o 3.º ciclo de ensino básico (23,3%). Apenas 29,3% dos pais apresenta nível de escolaridade superior, predominando a licenciatura (13%), seguindo-se o mestrado (5,6%) e depois o bacharelato e o doutoramento com 4,7%. Contudo, seis pais apresentam apenas o 1.º ciclo do ensino básico.

Verificamos que as habilitações literárias dos pais são, em geral, inferiores às das mães, tal como também se verificava no questionário aplicado antes do programa de prevenção de consumos (Tabelas 14 e 16).

### ➤ Local onde vive

A maior parte dos alunos dos quatro anos de escolaridade vive numa cidade. Das 211 respostas válidas, cerca de 74% dos alunos vive numa cidade (Tabela 254).

Tabela 254

Frequências absolutas e percentagens da variável "Local onde vive"

Local onde vive	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
Monte	1	2,3	3	6,8	3	12,0	6	5,8
Aldeia	4	9,3	1	2,3	2	8,0	17	16,5
Vila					2	8,0	16	15,5
Cidade	38	88,4	38	86,4	18	72,0	62	60,2
<b>Total</b>	43	100,0	42	95,5	25	100,0	101	98,1
Missing			2	4,5			2	1,9
<b>Total</b>			44	100,0			103	100,0

➤ **Com quem vive**

A maior parte dos alunos dos quatro anos de escolaridade vive com pai, mãe e irmão(s). Das 213 respostas válidas, cerca de 57% dos alunos vive com pai, mãe e irmão(s), seguindo-se os que vivem apenas com pai e mãe.

**Parte II – Dimensão Pessoal: Hábitos de consumo de álcool**

➤ **Já consultou psicólogo ou psiquiatra? e Já tomou calmantes?**

No questionário aplicado antes do programa de intervenção preventiva de consumos nocivos, das 350 respostas válidas, cerca de 70% nunca consultou psicólogo ou psiquiatra e depois do programa, das 215 respostas válidas, temos cerca de 78% de alunos que nunca o consultaram (Tabela 255).

Tabela 255

Frequências absolutas e percentagens da variável "Já consultou psicólogo ou psiquiatra?"

Já consultou psicólogo ou psiquiatra?	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
Sim	9	20,9	7	15,9	5	20,0	26	25,2
Não	34	79,1	37	84,1	20	80,0	77	74,8
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0	25	100,0	103	100,0

Anteriormente, cerca de 70% dos alunos refere que nunca consumiu calmantes e agora temos 88,8% a referi-lo (Tabela 256).

Tabela 256  
Frequências absolutas e percentagens da variável “Já tomou calmantes?”

<i>Já consultou psicólogo ou psiquiatra?</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Sim</b>	2	4,7	4	9,1	2	8,0	13	12,6
<b>Não</b>	40	93,0	40	90,9	22	88,0	89	86,4
<b>Total</b>	42	97,7	44	100,0	24	96,0	102	99,0
<i>Missing</i>	1	2,3			1	4,0	1	1,0
<b>Total</b>	43	100,0			25	100,0	103	100,0

➤ **Já consumiu *cannabis*?**

Apesar de a *cannabis* ser a terceira droga mais consumida, a seguir ao álcool e tabaco e a droga ilícita mais consumida (ESPAD, 2012; ECATD, 2011; HBSC, 2012, INME, 2011), antes do programa de intervenção cerca de 85% dos alunos nunca a havia consumido e cerca de 1,9% consome-a regularmente e agora temos cerca de 88% de alunos que nunca consumiram *cannabis* e 1,8% consome-a regularmente, pelo que se tratando de alunos mais novos, os consumos são semelhantes (Tabela 257).

Tabela 257  
Frequências absolutas e percentagens da variável “Já consumiu *cannabis*?”

<i>Consumo de cannabis</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Nunca</b>	41	95,4	41	93,2	20	80,0	88	85,4
<b>Uma vez</b>			1	2,3	2	8,0		
<b>Mais do que uma vez</b>	1	2,3					4	3,9
<b>Regularmente</b>			2	4,5	2	8,0		
<b>Total</b>	42	97,7	44	100,0	24	96,0	92	89,3
<i>Missing</i>	1	2,3			1	4,0	11	10,7
<b>Total</b>	43	100,0			25	100,0	103	100,0

➤ **Já consumiu heroína?**

Antes da aplicação do programa de prevenção de consumos, 92,2% dos alunos nunca havia consumido heroína, mas 0,2% fá-lo regularmente. Depois do programa 91,6% nunca o fez e 0,5% consome heroína regularmente, conforme Tabela 258.

Tabela 258  
Frequências absolutas e percentagens da variável “Já consumiu heroína?”

Consumo de heroína	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
<b>Nunca</b>	41	95,4	42	95,4	22	88,0	90	87,4
<b>Uma vez</b>	1	2,3	1	2,3				
<b>Mais do que uma vez</b>					1	4,0		
<b>Regularmente</b>			1	2,3				
<b>Total</b>	42	97,7	44	100,0	23	92,0	90	87,4
<i>Missing</i>	1	2,3			2	8,0	13	12,6
<b>Total</b>	43	100,0			25	100,0	103	100,0

➤ **Já consumiu cocaína?**

Anteriormente ao programa de prevenção 89,4% dos alunos nunca consumiu cocaína e 0,4% consome-a regularmente. A Tabela 259 evidencia que no questionário aplicado após o programa de prevenção de consumo 90,7% refere nunca o fez e 0,9% consome cocaína regularmente.

Tabela 259  
Frequências absolutas e percentagens da variável “Já consumiu cocaína?”

Consumo de cocaína	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
<b>Nunca</b>	41	95,3	42	95,5	23	92,0	89	86,4
<b>Uma vez</b>							1	1,0
<b>Mais do que uma vez</b>	1	2,3						
<b>Regularmente</b>			2	4,5				
<b>Total</b>	42	97,7	44	100,0	23	92,0	90	87,4
<i>Missing</i>	1	2,3			2	8,0	13	12,6
<b>Total</b>	43	100,0			25	100,0	103	100,0

### ➤ Já consumiu tabaco?

Tratando-se o tabaco da segunda SPA mais consumida, a seguir ao álcool, antes do programa de prevenção 39,5% refere nunca ter fumado e 17,2% dos alunos fuma regularmente.

Depois do nosso programa de prevenção e de acordo com a Tabela 260, observamos que 57,7% nunca consumiu tabaco, mas 7,4% fá-lo regularmente. A percentagem de alunos que nunca consumiu tabaco diminui com a idade.

De realçar que o nosso programa de intervenção preventiva de consumos incidia fundamentalmente no consumo de álcool, por se tratar da droga mais consumida pelos nossos adolescentes e jovens.

Tabela 260  
Frequências absolutas e percentagens da variável “Já consumiu tabaco?”

Consumo de tabaco	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Nunca	35	81,4	33	75,0	12	48,0	44	42,7
Uma vez	3	7,0	1	2,3	2	8,0	15	14,6
Mais do que uma vez	3	7,0	9	20,4	8	32,0	29	28,2
Regularmente	1	2,3	1	2,3	3	12,0	11	10,7
<b>Total</b>	42	97,7	44	100,0	25	100,0	99	96,2
Missing	1	2,3					4	3,8
<b>Total</b>	43	100,0					103	100,0

### ➤ Já consumiu álcool?

Sendo o álcool a droga mais consumida pelos jovens, tratou-se do principal alvo de ação do nosso programa de intervenção preventiva. Antes da aplicação do programa de prevenção apenas 7,2% dos alunos refere que nunca consumiu álcool, 56,9% consumiu mais do que uma vez e 29,5% bebe regularmente. Depois do nosso programa de prevenção, verificamos na Tabela 261 que 27% dos alunos nunca tinha consumido álcool, 47,9% consumiu mais do que uma vez e 13% fá-lo regularmente.

Verificamos que a percentagem de alunos que nunca consumiu álcool diminui com a idade.

De realçar que amostra deste questionário inclui indivíduos do 7.º ao 10.º ano, pelo que são de faixas etárias menores. Assim, se os consumos são semelhantes ou mais

frequentes do que os obtidos no questionário aplicado aos alunos do 9.º ao 12.º anos, este resultados acabam por ser mais preocupantes.

Tabela 261  
Frequências absolutas e percentagens da variável “Já consumiu álcool?”

Consumo de álcool	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Nunca	23	53,5	19	43,2	3	12,0	13	12,6
Uma vez	8	18,6	6	13,6	2	8,0	8	7,8
Mais do que uma vez	10	23,3	17	38,6	17	68,0	59	57,3
Regularmente	1	2,3	1	2,3	3	12,0	23	22,3
<b>Total</b>	42	97,7	43	97,7	25	100,0	103	100,0
Missing	1	2,3	1	2,3				
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0				

Como no 7.º ano houve 23 jovens que nunca consumiram álcool, no 8.º ano houve 18 alunos, no 9.º ano 3 alunos e no 10.º ano houve 13 alunos, estes 57 alunos não responderam às onze questões que se seguiam no questionário, sobre os seus hábitos de consumo de álcool, por indicação nossa. Assim, de um total de 215 alunos, vamos apenas considerar as respostas de 158 alunos que já consumiram álcool, pelo menos uma vez.

#### ➤ Idade com que consumiu a primeira bebida alcoólica?

No questionário aplicado após o programa de prevenção de consumos, verificamos na Tabela 262 que no 7.º ano, para 30% da amostra inquirida o primeiro contacto com a bebida alcoólica fez-se aos 12 anos de idade, ainda que, cerca de 15% a tivesse experimentado um ano antes e um ano depois. A média das idades do 1.º consumo é de 11,26 anos ( $DP = 2,353$  e *erro standard da média* = 0,540). No 8.º ano, 40% dos alunos consumiu a primeira bebida alcoólica aos 12 anos e 36% consumiu aos 13 anos. A média de idades do primeiro consumo é de 12,23 ano ( $DP = 0,813$  e *erro standard da média* = 0,173). Considerando os alunos do 9.º ano, 31,8% iniciou o consumo de bebidas alcoólicas aos 13 anos e 27,3% iniciou aos 14 anos. A média de idades do primeiro consumo foi de 12,65 anos ( $DP = 1,348$  e *erro standard da média* = 0,302). Nos alunos do 10.º ano, 27,9% iniciou o consumo de álcool aos 13 anos,

seguindo-se 16,7% que o iniciou aos 14 anos, apresentando uma média de 12,92 anos ( $DP = 2,007$  e *erro standard da média* = 0,215)

Antes da aplicação do programa de prevenção de consumos, a maior parte dos alunos do 9.º ano havia iniciado o consumo de bebidas alcoólicas com 13 anos, no 10.º ano e 11.º ano com 14 anos e no 12.º ano, a maior parte consumiu a primeira bebida alcoólica com 13 ou 15 anos.

Tabela 262

*Frequências absolutas e percentagens da variável “Idade com que consumiu a primeira bebida alcoólica?”*

<i>Idade do primeiro consumo de álcool</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>5</b>	1	5,0					1	1,1
<b>7</b>	1	5,0						
<b>8</b>							2	2,2
<b>9</b>	1	5,0					3	3,3
<b>10</b>	2	10,0	1	4,0	3	13,6	4	4,4
<b>11</b>	3	15,0	2	8,0			5	5,5
<b>12</b>	6	30,0	10	40,0	4	18,2	13	14,4
<b>13</b>	3	15,0	9	36,0	7	31,8	25	27,9
<b>14</b>	1	5,0			6	27,3	15	16,7
<b>15</b>	1	5,0					14	15,6
<b>16</b>							5	5,6
<b>Total</b>	19	95,0	22	88,0	20	90,9	87	96,7
<i>Missing</i>	1	5,0	3	12,0	2	9,1	3	3,3
<b>Total</b>	20	100,0	25	100,0	22	100,0	90	100,0

Na altura da aplicação tanto do primeiro questionário, como do programa de prevenção, bem como do segundo questionário, estava em vigor o Decreto-Lei n.º 9/2002, de 24 de janeiro, que proibia a venda e consumo de qualquer tipo de bebidas alcoólicas a menores de 16 anos. Apesar disso os alunos do 12.º para o 9.º ano, do primeiro questionário, tendem a iniciar o consumo de bebidas alcoólicas cada vez mais cedo, havendo uma diminuição da idade do primeiro consumo dos 14 para os 12 ou 13 anos e apenas 1,6% dos adolescentes do 9.º ano, 2,5% do 10.º ano, 11,6% do 11.º ano e 7,6% do 12.º ano, refere ter consumido a primeira bebida alcoólica com 16 ou mais anos. No segundo questionário, apenas cinco alunos têm 16 anos, pelo que os restantes consomem bebidas alcoólicas sem terem idade para tal. Presentemente, o Decreto-Lei n.º 50/2013, de 16 de abril revoga o Decreto-Lei referido anteriormente e estabelece que

é proibida a venda e consumo de qualquer tipo de bebidas alcoólicas a menores de 16 anos e consumo de bebidas espirituosas a menores de 18 anos.

➤ **Local onde consumiu a primeira bebida alcoólica?**

Antes do programa de prevenção de consumos, as discotecas/bares são os locais onde a maior parte dos alunos diz ter consumido a sua primeira bebida alcoólica, seguindo-se a casa dos pais. Após o programa de intervenção, os alunos do 8.º ao 10.º ano também consumiram a primeira bebida alcoólica em discotecas/bares, seguindo-se no 8.º e 10.º ano a casa dos pais e no 9.º ano a casa dos amigos (Tabela 263). Contudo, os alunos do 7.º ano referem que consumiram a primeira bebida alcoólica em casa dos pais, pelo que deduzimos que os pais têm um papel relevante e nefasto/prejudicial na iniciação do consumo de bebidas alcoólicas dos seus filhos.

Tabela 263

*Frequências absolutas e percentagens da variável “Local onde consumiu a primeira bebida alcoólica?”*

<i>Local do primeiro consumo de álcool</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Escola</b>							3	3,3
<b>Café</b>	1	5,0	2	8,0	1	4,5	9	10,0
<b>Disc/bar</b>	4	20,0	8	32,0	8	36,4	39	43,4
<b>Casa pais</b>	7	35,0	6	24,0	3	13,7	22	24,5
<b>Casa amigos</b>	4	20,0	1	4,0	7	31,9	8	8,9
<b>Outro - festa</b>	2	10,0	5	20,0			3	3,3
<b>Rua</b>	1	5,0			1	4,5	1	1,1
<b>Ovibeja</b>			1	4,0	1	4,5	2	2,2
<b>Restaurante</b>							1	1,1
<b>Feira</b>							1	1,1
<b>Total</b>	19	95,0	23	92,0	21	95,5	89	98,9
<i>Missing</i>	1	5,0	2	8,0	1	4,5	1	1,1
<b>Total</b>	20	100,0	25	100,0	22	100,0	90	100,0

➤ **O que o levou a consumir a 1.ª bebida alcoólica?**

Se no questionário antes da aplicação do programa de prevenção de consumos, a maior parte dos alunos refere a “curiosidade” como a principal razão que os levou a

iniciar o consumo de bebidas alcoólicas, também depois do programa de intervenção preventiva a “curiosidade” continua a ser a principal razão para se iniciarem no consumo de álcool. Das 158 respostas válidas, a “curiosidade” está associada a 79% das respostas dadas pela totalidade da amostra, correspondendo 70% dos alunos do 7.º ano, 92% dos alunos do 8.º ano, 82% dos do 9.º ano e 78% dos do 10.º ano. As restantes respostas distribuem-se por um grande leque de opções e combinações das várias opções. Não apresentamos tabela pelo facto de haver grande dispersão de respostas, logo muitas combinações diferentes

➤ **Em que contextos sociais costuma consumir bebidas alcoólicas?**

Os contextos sociais onde os jovens costumam consumir bebidas alcoólicas também são semelhantes nos questionários antes e depois do programa de prevenção de consumo. As escolhas dos contextos de consumo recaem essencialmente em festas, em saídas com amigos e essencialmente aos fins de semana. Os contextos festivos estão associados a 78% das opções da totalidade da amostra, correspondendo 55% aos alunos do 7.º ano, 80% aos do 8.º ano, 82% aos do 9.º ano e também do 10.º ano. Voltámos a não apresentar a tabela nesta variável, devido ao grande leque de combinações de respostas obtido.

➤ **Com quem consumiu a primeira bebida alcoólica?**

No questionário aplicado antes do programa de prevenção de consumo, a maior parte dos alunos do 9.º ao 12.º ano refere ter consumido a primeira bebida alcoólica com os amigos, seguindo-se com a família.

Após a aplicação do programa de prevenção e cruzando os resultados desta variável com os obtidos na variável “*Local onde consumiu a primeira bebida alcoólica?*” (Tabela 263), verificamos que existe uma coerência nas respostas dadas pelos alunos do 7.º ano, que consumiram a primeira bebida alcoólica com os amigos e quanto ao local referirem que foi em casa dos pais (Tabela 264). Já a maior parte dos alunos do 8.º ao 10.º ano consumiu a primeira bebida alcoólica com os amigos.

Tabela 264

Frequências absolutas e percentagens da variável “Com quem consumiu a primeira bebida alcoólica?”

Com quem consumiu a primeira bebida?	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Família	9	45,0	7	28,0	3	13,7	32	35,6
Amigos	8	40,0	13	52,0	18	81,8	53	58,9
Sozinho			1	4,0				
Namorado(a)	1	5,0						
Amigos e namorado(a)							2	2,2
Família, amigos e namorado(a)	1	5,0			1	4,5		
Família e amigos			1	4,0			2	2,2
Colega								
Colegas da comunidade								
<b>Total</b>	19	95,0	22	88,0	22	100,0	89	98,9
<i>Missing</i>	1	5,0	3	12,0			1	1,1
<b>Total</b>	20	100,0	25	100,0			90	

### ➤ O que procura no consumo de bebidas alcoólicas?

De entre a enorme diversidade de efeitos que os jovens procuram obter através do consumo de álcool, há a destacar a procura de “diversão” e “alegria”, como as opções mais escolhidas pelos alunos dos quatro níveis de escolaridade, no questionário aplicado antes do programa de prevenção de consumos. Também no questionário aplicado após o programa de prevenção de consumos, a procura de “diversão” e “alegria” está associada a 63% das respostas da totalidade dos alunos do 7.º ao 10.º ano, correspondendo 40% aos alunos do 7.º ano, 60% aos do 8.º ano, 59% aos do 9.º ano e 70% ao do 10.º ano. As restantes respostas distribuem-se pelas diversas opções e associações de opções. De realçar que a maior parte dos alunos do 9.º ano (cerca de 27%) refere que não procura nada no consumo de bebidas alcoólicas. Não apresentamos novamente a tabela, pelo facto de haver grande combinação de respostas.

➤ **Em que parte do dia costuma consumir bebidas alcoólicas?**

Tal como se verificou no questionário aplicado antes do programa de prevenção de consumos, também no questionário aplicado depois do programa de prevenção, a maior parte dos consumos de bebidas alcoólicas se fazem preferencialmente à noite (Tabela 265). Ao contrário do primeiro questionário, neste não houve nenhum aluno a afirmar que se levanta de noite para consumir bebidas alcoólicas e apenas cinco alunos costumam beber às refeições.

Tabela 265  
Frequências absolutas e percentagens da variável “Em que parte do dia costuma consumir bebidas alcoólicas?”

Parte do dia em que costuma consumir álcool	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Refeições	1	5,0					1	1,1
Noite	12	60,0	18	72,0	18	81,9	77	85,6
Tarde e noite					1	4,5	7	7,8
Refeições, à noite	1	5,0	1	4,0			1	1,1
Tarde			2	8,0			1	1,1
<b>Total</b>	14	70,0	21	84,0	19	86,4	87	96,7
<i>Missing</i>	6	30,0	4	16,0	3	13,6	3	3,3
<b>Total</b>	20	100,0	25	100,0	22	100,0	90	100,0

➤ **Quando tomou o último copo?**

Da análise da Tabela 266 verificamos que, à medida que aumenta o ano letivo e a idade dos alunos, aumenta a frequência de consumo de bebidas alcoólicas. Enquanto maior parte dos alunos do 7.º ano consumiu a última bebida alcoólica há mais de três meses, a maior parte dos alunos do 8.º ano fê-lo entre um e três meses. Já a maior parte dos alunos do 9.º e do 10.º têm consumos recentes. A maior parte dos alunos do 9.º ano consumiu a última bebida alcoólica entre uma semana e um mês e a maior parte dos alunos do 10.º ano consumiu-a na última semana. Considerando a totalidade da amostra, mais de metade dos alunos (52,5%) têm consumos atuais, ou seja, consumiram a última bebida alcoólica no último mês.

Tabela 266

Frequências absolutas e percentagens da variável “Quando tomou o último copo?”

Quando tomou o último copo?	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
Hoje	1	5,0			1	4,5	3	3,3
Ontem	2	10,0					10	11,1
Última semana			1	4,0	3	13,6	26	28,9
Entre 1 semana e 1 mês	3	15,0	7	28,0	9	40,9	17	18,9
Entre 1 e 3 meses	4	20,0	10	40,0	6	27,4	16	17,8
Há mais de 3 meses	8	40,0	5	20,0	3	13,6	17	18,9
<b>Total</b>	18	90,0	23	92,0	22	100,0	89	98,9
<i>Missing</i>	2	10,0	2	8,0			1	1,1
<b>Total</b>	20	100,0	25	100,0			90	100,0

No questionário aplicado antes do programa de prevenção, a maior parte dos alunos do 9.º ao 12.º ano, consumiu a última bebida alcoólica na última semana e cerca de 79% refere ter consumido no último mês, ou seja, apresentam consumos atuais.

### ➤ Que bebidas alcoólicas costuma consumir?

A maior parte dos alunos do 7.º ano e do 10.º ano costumam consumir cerveja, estando esta bebida associada a 60% e 71,1% das opções destes alunos, respetivamente. Já a maior parte dos alunos do 8.º e 9.º ano prefere consumir bebidas brancas/espirituosas, estando estas associadas a 52% e 86,4% das preferências destes alunos, respetivamente. De realçar que a grande maioria destes consumos são proibidos, de acordo com o disposto legal. Também nesta variável não apresentamos tabela pelo facto de haver grande dispersão de respostas, obtendo bastantes combinações diferentes.

No primeiro questionário, antes da aplicação do programa de prevenção, apenas a maior parte dos alunos do 9.º ano prefere consumir cerveja, seguindo-se as bebidas brancas/espirituosas. Já a maior parte dos alunos do 10.º ao 12.º ano prefere consumir bebidas brancas, seguindo-se a cerveja.

➤ **Quanto dinheiro costuma gastar em bebidas alcoólicas, por semana?**

Verificamos na Tabela 267 que a maior parte dos alunos do 7.º e 8.º ano refere que como não bebe, não gasta dinheiro, havendo igual percentagem no 8.º ano que gasta menos de 5€ em bebidas alcoólicas, por semana. Já a maior parte dos alunos do 9.º ano gasta entre 5 e 10 € em bebidas alcoólicas, por semana e no 10.º ano gasta menos de 5 €. Contudo, é preocupante verificar ¼ dos alunos do 7.º ano, 1/5 dos alunos do 8.º ano, 27,3% dos alunos do 9.º ano e 14,4% dos alunos do 10.º ano, consomem bebidas alcoólicas sem pagar. Tendo e conta que muitos alunos referiram consumir bebidas alcoólicas em casa dos pais, acabam por consumir sem pagar.

Tabela 267

*Frequências absolutas e percentagens da variável “Quanto dinheiro costuma gastar em bebidas alcoólicas, por semana?”*

<i>Quantidade de dinheiro que costuma gastar em álcool</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>- 5 €</b>	4	20,0	6	24,0	5	22,8	41	45,6
<b>5-10 €</b>	1	5,0	3	12,0	6	27,3	16	17,8
<b>10-20 €</b>	1	5,0	2	8,0			8	8,9
<b>20-30 €</b>							1	1,1
<b>+ 30€</b>					1	4,5	1	1,1
<b>Consumo sem pagar</b>	5	25,0	5	20,0	6	27,3	13	14,4
<b>Não bebo, não gasto</b>	6	30,0	6	24,0	3	13,6	9	10,0
<b>Total</b>	17	85,0	22	88,0	21	95,5	89	98,9
<b>Missing</b>	3	15,0	3	12,0	1	4,5	1	1,1
<b>Total</b>	20	100,0	25	100,0	22	100,0	90	100,0

Antes da aplicação do programa de prevenção de consumo de álcool, a maior parte dos alunos dos quatro anos de escolaridade refere gastar menos de 5 €, seguindo-se os que gastam entre 5 a 10 € e depois entre 10 a 20 €. Cerca de 82% dos alunos da totalidade da amostra gastam menos de 20€.

➤ **Se tivesse mais dinheiro, consumia mais álcool?**

Observamos na Tabela 268 que a maior parte dos alunos da totalidade da amostra, não consumiria mais álcool, se tivesse mais dinheiro. Cruzando estes resultados com os obtidos na variável anterior, muitos alunos do 7.º ao 10.º ano conseguem obter bebidas alcoólicas sem pagar.

No questionário aplicado antes do programa de prevenção de consumos, cerca de 22% dos alunos do 9.º ano, 18,3% dos do 10.º ano, 12,5% dos alunos do 11.º ano e 10,5%, refere que se tivesse mais dinheiro, consumia mais bebidas alcoólicas, logo a maior parte do total da amostra também não consumiria mais álcool, caso tivesse mais dinheiro.

Tabela 268

*Frequências absolutas e percentagens da variável “Se tivesse mais dinheiro, consumia mais álcool?”*

<i>Se tivesse mais dinheiro, consumia mais álcool?</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Sim</b>			3	12,0	5	20,0	16	17,8
<b>Não</b>	19	95,0	19	76,0	17	68,0	70	77,8
<b>Total</b>	19	95,0	22	88,0	22	88,0	86	95,6
<i>Missing</i>	1	5,0	3	12,0	3	12,0	4	4,4
<b>Total</b>	20	100,0	25	100,0	25	100,0	90	100,0

➤ **Qual a opinião acerca do preço do álcool?**

Nesta questão voltamos a considerar as respostas dos 215 alunos e a maior parte dos alunos do 7.º ao 10.º ano considera que o preço das bebidas alcoólicas é acessível (Tabela 269), até porque como já verificámos, muitos alunos conseguem obter bebidas alcoólicas sem pagar.

No questionário aplicado antes do programa de intervenção preventiva de consumo de álcool, a maior parte também considera que o preço das bebidas alcoólicas é acessível.

Tabela 269

Frequências absolutas e percentagens da variável “Qual a sua opinião acerca do preço do álcool?”

Opinião sobre o preço do álcool	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
Muito elevado	8	18,6	6	13,6	4	16,0	23	22,3
Elevado	3	7,0	5	11,4	8	32,0	26	25,2
Acessível	17	39,5	26	59,2	10	40,0	46	44,8
Barato	2	4,7	2	4,5			3	2,9
Muito barato	5	11,6	3	6,8	2	8,0	2	1,9
<b>Total</b>	35	81,4	42	95,5	24	96,0	100	97,1
<i>Missing</i>	8	18,6	2	4,5	1	4,0	3	2,9
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0	25	100,0	103	100,0

➤ **Qual a idade mínima para permitir o consumo de álcool?**

Observamos na Tabela 270 que a maior parte dos alunos do 7.º ano (27,9%) considera que a idade mínima permitida para consumir de álcool deveria ser de 18 anos (moda), com uma média de 18,02 anos ( $DP = 2,515$  e *erro standard da média* de 0,393).

No 8.º ano, também 31,8% considera que os jovens não deveriam consumir bebidas alcoólicas antes dos 16 anos (moda), com uma média de 17,24 anos ( $DP = 1,203$  e *erro standard da média* 0,181).

Também quase metade dos alunos do 9.º ano (48%) considera que os jovens não deveriam consumir bebidas alcoólicas antes dos 16 anos (moda), apresentando uma média de 16,40 anos ( $DP = 1,607$  e *erro standard da média* de 0,321).

Mais de metade dos alunos do 10.º ano (60,2%) também é da opinião que os jovens não deveriam consumir bebidas alcoólicas antes dos 16 anos (moda), revelando uma média 16,16 anos ( $DP = 1,517$  e *erro standard da média* 0,152).

Tabela 270

Frequências absolutas e percentagens da variável “Qual a idade mínima para permitir o consumo de bebidas alcoólicas”

<i>Idade mínima de consumo de álcool</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>9</b>							1	1,0
<b>10</b>								
<b>11</b>								
<b>12</b>	1	2,3			1	4,0	2	1,9
<b>13</b>	1	2,3	2	4,5				
<b>14</b>			4	9,1	2	8,0	5	4,8
<b>15</b>	4	9,3	1	2,3	1	4,0	7	6,8
<b>16</b>	8	18,6	14	31,8	12	48,0	62	60,2
<b>17</b>			1	2,3				
<b>18</b>	12	27,9	11	25,0	8	32,0	21	20,4
<b>19</b>	1	2,3			1	4,0		
<b>20</b>	7	16,3	5	11,4				
<b>21</b>	5	11,6	3	6,8				
<b>22</b>							1	1,0
<b>23</b>	2	4,7						
<b>25</b>			1	2,3				
<b>Total</b>	41	95,3	42	95,5	25	100,0	99	96,1
<i>Missing</i>	2	4,7	2	4,5			4	3,9
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0			103	100,0

Comparando a idade que os alunos consideram que deva ser a mínima para o consumo de bebidas alcoólicas e a idade em que realmente consumiram a primeira bebida alcoólica (Tabela 262), verificamos que, na generalidade, a maior parte dos alunos o fez precocemente, tanto no questionário aplicado antes como depois do programa de prevenção de consumos, pelo que podemos concluir que os alunos, na generalidade, têm noção que deveriam iniciar o consumo de álcool mais tarde, mas, na realidade, começam antes.

No questionário aplicado antes do programa de prevenção, a maior parte dos alunos do 9.º ano consumiu a primeira bebida alcoólica com 13 anos, no 10.º e 11.º ano com 14 anos e no 12.º ano com 15 anos. Contudo, também consideram que a idade mínima para ser permitido o consumo de bebidas alcoólicas deve ser os 16 anos.

➤ **Em 100 jovens da sua idade e da sua região, quantos acha que consomem regularmente (pelo menos 1 vez por semana) bebidas alcoólicas?**

De acordo com os dados da Tabela 271, pouco mais de 1/4 dos alunos do 7.º ano considera que em 100 jovens, entre 1 e 25 jovens da sua idade e da sua região, consomem regularmente bebidas alcoólicas, ou seja, pelo menos uma vez por semana e a mesma proporção de alunos do 7.º ano considera que são entre 26 a 50 jovens em 100 que consomem regularmente bebidas alcoólicas. No 8.º ano, também cerca de 31% dos alunos considera que entre 1 a 25 jovens da sua idade e da sua região, em 100, consomem regularmente bebidas alcoólicas. Já a maior parte dos alunos do 9.º ano (44%) e do 10.º ano (35%) considera que em 100 jovens da sua idade e da sua região, entre 51 e 75 consomem regularmente bebidas alcoólicas. À medida que aumenta o ano de escolaridade, aumenta a percentagem de amigos que consome bebidas alcoólicas regularmente.

Esta mesma tendência também se verifica no questionário aplicado antes do programa de prevenção, onde a maior parte dos alunos do 9.º ao 12.º ano considera que, em 100 jovens da sua idade e da sua região, mais de metade (entre 51 e 100%) consome regularmente bebidas alcoólicas.

Tabela 271

Frequências absolutas e percentagens da variável “Em 100 jovens da sua idade e da sua região, quantos acha que consomem regularmente (pelo menos 1 vez por semana) bebidas alcoólicas?”

<i>Em 100 jovens da sua idade e da sua região, quantos acha que consomem regularmente (pelo menos 1 vez por semana) bebidas alcoólicas?</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Nenhum</b>	6	14,0						
<b>1-25</b>	11	25,6	14	31,8			15	14,6
<b>26-50</b>	11	25,6	11	25,0	3	12,0	18	17,5
<b>51-75</b>	9	20,9	9	20,5	11	44,0	36	35,0
<b>76-99</b>	3	7,0	9	20,5	8	32,0	27	26,2
<b>100</b>	3	7,0	1	2,3	3	12,0	6	5,8
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0	25	100,0	102	99,0
<i>Missing</i>							1	1,0
<i>Total</i>							103	100,0

➤ **Do seu grupo de amigos, quantos consomem bebidas alcoólicas?**

Verificamos na Tabela 272 que enquanto a maior parte dos alunos do 7.º ano refere que nenhum dos seus amigos consome bebidas alcoólicas, do 8.º ao 10.º ano, a maior parte destes alunos refere que mais de metade dos seus amigos consome álcool.

Comparando com os resultados obtidos no questionário aplicado antes do programa de prevenção de consumo de álcool, como a amostra é constituída por alunos mais velhos, na generalidade, verificamos que, em qualquer dos anos de escolaridade, a maior parte das respostas recaem sobre as opções *Mais de metade* ou *Todos os amigos do grupo* consomem bebidas alcoólicas. Enquanto no 9.º e 10.º anos a maior parte dos alunos refere que mais de metade dos amigos consome álcool, no 11.º e 12.º anos, a maior parte refere que todos os amigos consomem bebidas alcoólicas, pelo que podemos mais uma vez concluir que este consumo aumenta com a faixa etária.

Tabela 272

Frequências absolutas e percentagens da variável "Do seu grupo de amigos, quantos consomem bebidas alcoólicas?"

<i>Quantos amigos do seu grupo consomem bebidas alcoólicas?</i>	<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>		<i>11.º ano</i>		<i>12.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Nenhum</b>	15	34,9	7	15,9			1	1,0
<b>Poucos</b>	11	25,6	5	11,4			10	9,6
<b>Menos de metade</b>	9	20,8	5	11,4			4	3,9
<b>Metade</b>	3	7,0	7	15,9	4	16,0	12	11,6
<b>Mais de metade</b>	2	4,7	12	27,3	10	40,0	49	47,6
<b>Todos</b>	1	2,3			7	28,0	22	21,4
<b>Não sei</b>	2	4,7	8	18,1	3	12,0	4	3,9
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0	24	96,0	102	99,0
<i>Missing</i>					1	4,0	1	1,0
<b>Total</b>					25	100,0	103	100,0

### ➤ Já alguma vez ficou embriagado?

A maior parte dos alunos do 7.º ao 10.º ano nunca se embriagou, pelo que os 40 alunos do 7.º ano, os 35 do 8.º ano, os 13 do 9.º ano e os 49 do 10.º ano que nunca se embriagaram, não responderam às questões que se seguiam, por indicação nossa no questionário (Tabela 273). A percentagem de alunos que nunca se embriagou diminui com o ano de escolaridade, ou seja, à medida que aumenta a idade e o ano de escolaridade temos mais alunos a consumir álcool de modo abusivo.

A mesma tendência se verifica no questionário aplicado antes do programa de prevenção de consumos. A maior parte dos alunos do 9.º ao 12.º ano nunca se embriagou, mas esta percentagem diminui com o aumento da idade e do ano de escolaridade.

Tabela 273

Frequências absolutas e percentagens da variável “Já alguma vez ficou embriagado?”

Ocorrência de embriaguez	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
Nunca	40	93,0	35	79,5	13	52,0	49	47,6
1 vez			5	11,4	2	8,0	17	16,5
2-3 vezes	1	2,3	3	6,8	5	20,0	17	16,5
4-10 vezes	2	4,7	1	2,3	5	20,0	19	18,4
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0	25	100,0	102	99,0
<i>Missing</i>							1	1,0
<i>Total</i>							103	100,0

As próximas catorze questões foram respondidas apenas por 77 alunos, sendo três do 7.º ano, nove do 8.º ano, doze do 9.º ano e cinquenta e quatro do 10.º ano, que referem ter-se já embriagado, pelo menos uma vez.

➤ **Com que frequência costuma ficar embriagado?**

Observamos na Tabela 274 que, os dois alunos do 7.º ano que já se embriagaram fazem-no com uma frequência de 1 a 2 vezes por mês e preferencialmente ao fim de semana. A maior parte dos alunos do 8.º ao 10.º ano costuma ficar embriagado menos de 12 vezes por ano, o que corresponde a uma média de menos do que uma vez por mês.

Comparando com os dados obtidos no questionário aplicado antes do programa de prevenção de consumos, quase metade dos alunos do 9.º ano (48,4%) e mais de metade dos alunos de 10.º, 11.º e 12.º ano, referem que se embriagaram menos de doze vezes por ano, o que dá uma média de menos de uma embriaguez por mês (Tabela 37).

Estes resultados são bastante preocupantes, pois levam-nos a pensar que parte dos consumos de álcool é abusiva, mesmo que com baixa frequência, pois trata-se de idades em que o consumo de álcool pode provocar danos irreversíveis.

Tabela 274

Frequências absolutas e percentagens da variável “Com que frequência costuma ficar embriagado?”

Frequência de embriaguez	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
-12 vezes/ano			8	88,9	7	58,3	42	77,8
1-2 vezes/mês	1	33,3	1	11,1	2	16,7	7	13,0
1-2 vezes/ semana fds	1	33,3			1	8,3	4	7,4
1-2 vezes/ semana qq dia								
+ 8 vezes/mês					2	16,7		
<b>Total</b>	2	66,6	9	100,0	12		53	98,2
<i>Missing</i>	1	33,4					1	1,8
<b>Total</b>	3	100,0					54	100,0

➤ **Já alguma vez teve que ser hospitalizado(a), devido a consumo excessivo de álcool?**

A maior parte dos alunos do 7.º ao 10.º ano nunca teve que ser hospitalizado, devido a consumo excessivo de álcool, apesar de uma aluno do 7.º ano e três do 9.º ano já terem sido hospitalizados mais de três vezes (Tabela 275).

Também mais de 90% dos alunos que referem no questionário aplicado antes do programa de prevenção, que já se embriagaram, nunca necessitaram de ser hospitalizados.

Tabela 275

Frequências absolutas e percentagens da variável “Já alguma vez teve que ser hospitalizado(a), devido ao consumo excessivo de álcool?”

Ocorrência de hospitalização devido a consumo excessivo de álcool	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
<b>Nunca</b>	2	66,7	8	88,9	9	75,0	52	96,3
<b>Mais de 3 vezes</b>	1	33,3			3	25,0		
<b>Total</b>	3	100,0	8	88,9	12	100,0	52	96,3
<i>Missing</i>			1	11,1			2	3,7
<b>Total</b>			9	100,0			54	100,0

### ➤ **Principais efeitos do consumo de álcool**

Como os alunos podiam escolher um número indeterminado de respostas, verificou-se uma grande dispersão por diferentes opções, tal como aconteceu no questionário aplicado antes do programa de prevenção. Por termos obtido um elevado número de respostas, não apresentamos tabela.

Tanto no primeiro como no questionário aplicado depois do programa de prevenção de consumos, a “alegria” é considerada o principal efeito do consumo de bebidas alcoólicas, estando associada à totalidade das respostas dos alunos do 7.º e do 9.º ano, a 77,8% das escolhas dos alunos do 8.º ano e a 74,1% das opções dos alunos do 10.º ano. Em seguida foram referidos a “euforia”, a “excitação” e a “desinibição”.

Cruzando agora também estes dados sobre os principais efeitos do consumo de bebidas alcoólicas, com o que procuram no consumo de bebidas alcoólicas, os alunos relatam essencialmente a procura de diversão e alegria, sendo esta um dos efeitos que o álcool mais exerce sobre eles.

### ➤ **Numa escala de 1 a 5, indique o grau de embriaguez que experienciou na última vez que consumiu bebidas alcoólicas, em excesso?**

Atestamos na Tabela 276 que o grau de embriaguez dos três alunos do 7.º ano que já se embriagaram, divide-se entre o pouco embriagado, o embriagado e o bastante embriagado, na última ocasião em que se embriagaram. A maior parte dos alunos do 8.º ano que se embriagou, na última ocasião ficou apenas um pouco embriagado. No 9.º ano, verifica-se igual percentagem de alunos que referem ter ficado embriagado e um pouco embriagado, na última ocasião de consumo abusivo de álcool. Também a maior parte dos alunos do 10.º ano refere ter ficado embriagado na última ocasião em que se embriagaram.

Comparando com os resultados obtidos no questionário aplicado antes do programa de prevenção de consumos, verifica-se que nos 9.º, 10.º e 12.º anos, a maior parte dos alunos (35,9%, 34,6% e 35,9%, respetivamente) refere que ficou embriagado, na última vez que consumiu álcool, tendo a maior parte dos alunos do 11.º ano (35,1%) ficado apenas um pouco embriagado.

Tabela 276

Frequências absolutas e percentagens da variável "Numa escala de 1 a 5, indique o grau de embriaguez que experienciou na última vez que consumiu bebidas alcoólicas, em excesso?"

Grau de embriaguez, no último consumo	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Nada embriagado					1	8,3	11	20,4
Um pouco embriagado	1	33,3	5	55,6	5	41,7	14	25,9
Embriagado	1	33,3	3	33,3	5	41,7	15	27,8
Bastante embriagado			1	11,1			12	22,2
Coma alcoólica	1	33,4						
<b>Total</b>	3	100,0	9	100,0	11	91,7	52	96,3
<i>Missing</i>					1	8,3	2	3,7
<b>Total</b>					12	100,0	54	100,0

➤ **Costuma consumir rápida e repetidamente bebidas alcoólicas/"binge drinking"?**

Analisando os dados da Tabela 277, mais de metade dos alunos do 8.º ano costuma praticar o *binge drinking*, enquanto a maior parte dos alunos dos restantes anos de escolaridade não costuma ter esta prática. De realçar que esta prática conduz rapidamente a um estado de embriaguez, tendo em conta a pouca idade dos alunos em questão.

Também no questionário aplicado antes do programa de prevenção de consumos, a maior parte dos alunos do 9.º ao 12.º ano não costuma praticar o *binge drinking*.

Os dois alunos do 7.º ano, os quatro alunos do 8.º ano, os dez do 9.º ano, bem como os trinta e sete alunos do 10.º ano que referem que não costumam consumir rápida e repetidamente bebidas alcoólicas não responderam à questão seguinte, por indicação nossa no questionário, pelo que temos apenas 23 respostas válidas, dos alunos que responderam sim nesta questão.

Tabela 277

Frequências absolutas e percentagens da variável “Costuma consumir rápida e repetidamente bebidas alcoólicas (“binge drinking”)”?

Prática do binge drinking	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
<b>Sim</b>	1	33,3	5	55,6	2	16,7	15	27,8
<b>Não</b>	2	66,7	4	44,4	10	83,3	37	68,5
<b>Total</b>	3	100,0	9	100,0	12	100,0	52	96,3
<i>Missing</i>							2	3,7
<b>Total</b>							54	100,0

### ➤ Quantas bebidas costuma consumir?

Considerando apenas os 23 alunos que referem na questão anterior que costumam praticar o *binge drinking*, verificamos na Tabela 278 que os alunos do 8.º ano distribuem o número de bebidas alcoólicas que costumam consumir, entre uma e cinco, no 9.º ano entre cinco e sete bebidas, consumindo a maior parte dos alunos do 10.º ano seis bebidas. Verificamos que a maior parte dos praticantes de *binge drinking* encontram-se no 10.º ano e quase metade (46,7%) dos alunos consome seis a oito bebidas.

Comparando com os resultados obtidos no questionário aplicado antes do programa de prevenção, a maior parte dos alunos do 9.º refere que consome muitas bebidas, tendo dificuldade em contabilizar. No 10.º e 12.º anos a maior parte consome quatro bebidas e no 11.º ano consomem duas bebidas.

Cruzando estes resultados com dados anteriores, os alunos consomem preferencialmente bebidas espirituosas e cerveja, procurando obter essencialmente alegria.

Tabela 278

Frequências absolutas e percentagens da variável “Quantas bebidas costuma consumir?”

N.º de bebidas	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
1			1	20,0				
2							1	6,7
3			1	20,0			3	20,0
4			1	20,0			1	6,7
5			1	20,0	1	50,0		
6							4	26,7
7					1	50,0	2	13,2
8							1	6,7
<b>Total</b>			4	80,0	2	100,0	12	80,0
<i>Missing</i>	1	100,0	1	20,0			3	20,0
<b>Total</b>	1	100,0	5	100,0			15	100,0

➤ **Já alguma vez tentou reduzir voluntariamente o consumo de álcool?**

Com base nos dados da Tabela 279, verificamos que a maior parte dos alunos do 7.º ao 10.º ano não tentou voluntariamente reduzir o consumo de bebidas alcoólicas. Contudo, no 8.º ano temos 1/3, no 9.º ano quase metade e no 10.º ano quase ¼ dos alunos que referem que tentaram reduzir o consumo de álcool, pelo que terão consciência de que consomem álcool demais, bem como de que se embriagam vezes demais.

Também no questionário aplicado antes do programa de prevenção de consumos, verificamos que a maior parte dos alunos do 9.º ao 12.º ano não tentou reduzir voluntariamente o consumo de álcool, com 20,3% dos alunos do 9.º ano, 17,9% dos alunos do 10.º ano, 24,3% dos do 11.º e 30,8% dos alunos do 12.º ano já tentaram.

Tabela 279

Frequências absolutas e percentagens da variável “Já alguma vez tentou reduzir voluntariamente o consumo de álcool?”

<i>Redução voluntária do consumo de álcool</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Não</b>	3	100,0	6	66,7	6	50,0	26	48,1
<b>Pensei, mas não tentei</b>					1	8,3	13	24,1
<b>Já tentei</b>			3	33,3	5	41,7	13	24,1
<b>Total</b>	3	100,0	9	100,0	12	100,0	52	96,3
<i>Missing</i>							2	3,7
<b>Total</b>							54	100,0

➤ **Acha que é fácil reduzir voluntariamente o consumo de bebidas alcoólicas?**

Nesta questão, as opiniões dos diferentes anos letivos distribuem-se pelas diferentes opções (Tabela 280). A maior parte dos alunos do 7.º ano considera ser muito difícil reduzir voluntariamente o consumo de bebidas alcoólicas. Já as opiniões dos alunos do 8.º ano dividem-se essencialmente entre o muito fácil e o difícil. A maior parte dos alunos do 9.º e do 10.º ano considera ser fácil reduzir o consumo de bebidas alcoólicas.

Comparando com os resultados obtidos no questionário aplicado antes do programa de prevenção de consumo de álcool, cerca de metade dos alunos de cada um dos quatro anos de escolaridade (48,4% no 9.º ano, 39,7% no 10.º ano, 51,4% no 11.º ano e 51,3% no 12.º ano) considera que é fácil reduzir voluntariamente o consumo de bebidas alcoólicas e em seguida, os alunos consideram ser muito fácil.

Provavelmente, esta ideia errónea dos alunos contribui para que eles tenham consumos mais abusivos e irresponsáveis de bebidas alcoólicas, não medindo o perigo desses consumos.

Tabela 280

Frequências absolutas e percentagens da variável “Acha que é fácil reduzir voluntariamente o consumo de bebidas alcoólicas?”

Facilidade de redução voluntária do consumo de álcool	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
Muito fácil	1	33,3	3	33,3	3	25	13	24,1
Fácil			2	22,3	5	41,7	26	48,1
Difícil			3	33,3	3	25	8	14,8
Muito difícil	2	66,7	1	11,1	1	8,3	5	9,3
<b>Total</b>	3	100,0	9	100,0	12	100,0	52	96,2
<i>Missing</i>							2	3,8
<b>Total</b>							54	100,0

➤ **Quando está embriagado costuma consumir outras substâncias?**

De acordo com os dados da Tabela 281, dois dos três alunos do 7.º ano costumam consumir outras substâncias psicoativas, quando está embriagado e o outro fá-lo ocasionalmente. Apesar de serem só 3 alunos, é no 7.º ano que se verifica a maior percentagem de consumo frequente de outras substâncias psicoativas, quando consomem álcool. Em relação aos alunos do 8.º ano, 1/3 refere que nunca consome outras substâncias psicoativas, quando está embriagado e a mesma proporção fá-lo ocasionalmente. No 9.º ano, a maior parte dos alunos refere que estes consumos ocorrem raramente e no 10.º ano, a maior parte refere que nunca o fez.

Comparando com os resultados obtidos no questionário aplicado antes do programa de prevenção de consumos, também cerca de metade dos alunos dos quatro anos de escolaridade (42,2% no 9.º ano, 48,7% no 10.º ano, 58,1% no 11.º ano e 48,7% no 12.º ano) refere que nunca costuma consumir outras substâncias quando está embriagado. Contudo, 25% dos alunos do 9.º ano, 6,4% do 10.º ano, 10,8% do 11.º ano e 16,7% do 12.º ano costumam fazê-lo frequentemente. Também nesta amostra, são os alunos mais novos que evidenciam maior consumo de outras substâncias psicoativas, quando consomem álcool.

Tabela 281

Frequências absolutas e percentagens da variável “Quando está embriagado costuma consumir outras substâncias psicoativas?”

<b>Consumo de outras substâncias quando embriagado</b>	<b>7.º ano</b>		<b>8.º ano</b>		<b>9.º ano</b>		<b>10.º ano</b>	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
<b>Nunca</b>			3	33,3	2	16,7	26	48,1
<b>Raramente</b>			1	11,1	6	49,9	7	13,0
<b>Ocasionalmente</b>	1	33,3	3	33,3	2	16,7	10	18,5
<b>Frequentemente</b>	2	66,7	2	22,3	2	16,7	10	18,5
<b>Total</b>	3	100,0	9	100,0	12	100,0	53	98,1
<b>Missing</b>							1	1,9
<b>Total</b>							54	100,0

Os alunos que referem nesta questão que nunca consumiram outras substâncias, quando estão embriagados, não responderam à questão seguinte, por indicação nossa, no questionário. Assim, na próxima questão temos um total de 47 respostas válidas, sendo três do 7.º ano, seis do 8.º ano, dez do 9.º ano e vinte e oito no 10.º ano.

#### ➤ **Que substâncias costuma consumir?**

Tal como se verifica no questionário aplicado antes do programa de prevenção, também no aplicado depois, verificamos na Tabela 282 que a substância mais consumida pela maior parte destes alunos, do 7.º ao 10.º ano, quando estão embriagados é o tabaco, seguindo-se a *cannabis*. É evidente que o consumo de álcool continua a favorecer o policonsumo.

Tabela 282

Frequências absolutas e percentagens da variável “Que outras substâncias costuma consumir quando está embriagado?”

Substâncias que consome quando está embriagado	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Tabaco	1	33,4	5	83,3	4	40,0	25	92,6
Tabaco, cocaína, ecstasy, haxixe	1	33,3						
Tabaco e heroína	1	33,3						
Tabaco, heroína, cocaína, cannabis			1	16,7				
Tabaco, haxixe					1	10,0	2	7,4
Tabaco, ecstasy, haxixe					1	10,0		
Tabaco, cannabis					2	20,0		
Cocaína, heroína, haxixe, cannabis					1	10,0		
Tabaco, heroína, cocaína, cannabis					1	10,0		
<b>Total</b>	<b>3</b>	<b>100,0</b>	<b>6</b>	<b>100,0</b>	<b>10</b>	<b>100,0</b>	<b>27</b>	<b>100,0</b>

➤ **Quando consome bebidas alcoólicas costume envolver-se em brigas/lutas?**

A maior parte dos alunos do 7.º ao 10.º ano nunca se envolve em lutas, quando consome bebidas alcoólicas (Tabela 283). Contudo, temos um aluno do 7.º ano, dois do 9.º ano e outro do 10.º ano que se envolvem frequentemente em lutas, quando consomem bebidas alcoólicas.

Comparando com os resultados do questionário aplicado antes do programa de prevenção de consumos, também a maior parte dos jovens dos quatro anos de escolaridade não se envolve em brigas, quando consome bebidas alcoólicas. Contudo,

um aluno do 11.º ano e outro do 12.º ano costuma envolver-se em brigas frequentemente.

Tabela 283

Frequências absolutas e percentagens da variável “Quando consome bebidas alcoólicas costuma envolver-se em brigas/lutas?”

<i>Frequência de brigas/lutas sob efeito de bebidas alcoólicas</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Nunca</b>	2	66,7	8	88,9	7	58,3	40	74,0
<b>Muito raramente</b>			1	11,1	3	25,0	11	20,3
<b>Ocasionalmente</b>							1	1,9
<b>Frequentemente</b>	1	33,3			2	16,7	1	1,9
<b>Total</b>	3	100,0	9	100,0	12	100,0	53	98,1
<i>Missing</i>							1	1,9
<b>Total</b>							54	100,0

➤ **Quando consome bebidas alcoólicas, costuma ter relações sexuais sem preservativo/de risco?**

De acordo com os dados do questionário aplicado antes do programa de prevenção, mais de metade dos alunos do 9.º ano (56,3%) e do 10.º ano (51,3%), quase metade dos alunos do 11.º ano (45,9%) e 29,5% dos alunos do 12.º ano nunca tiveram relações sexuais de risco, sem preservativo, sob o efeito do álcool. Verificamos na Tabela 284 que a maioria dos alunos do 7.º ao 10.º ano nunca teve relações sexuais de risco (sem preservativo), quando consome bebidas alcoólicas, sendo preocupante que um aluno do 7.º ano, dois do 9.º ano e três do 10.º ano o façam frequentemente.

Tabela 284

Frequências absolutas e percentagens da variável “Quando consome bebidas alcoólicas, costuma ter relações sexuais sem preservativo/de risco?”

<i>Frequência de relações sexuais de risco sob efeito de bebidas alcoólicas</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Nunca</b>	2	66,7	7	77,8	7	58,3	33	61,1
<b>Sim, mas sem álcool</b>			2	22,2	2	16,7	17	31,5
<b>Muito raramente</b>					1	8,3		
<b>Ocasionalmente</b>								
<b>Frequentemente</b>	1	33,3			2	16,7	3	5,5
<b>Total</b>	3	100,0	9	100,0	12	100,0	53	98,1
<i>Missing</i>							1	1,9
<b>Total</b>							54	100,0

➤ **Alguma vez conduziu embriagado (alterado pelo efeito do álcool)?**

A maioria dos alunos representados na Tabela 285 nunca conduziu embriagado, até porque estamos a falar de alunos menores, pelo que não têm idade para tirar a carta de condução. Apenas dois alunos do 10.º ano têm 18 anos, podendo ter carta de condução.

Comparando com os resultados obtidos no questionário aplicado antes do programa de prevenção de consumos, a maioria dos alunos (75% do 9.º ano, 92,3% do 10.º ano, 89,1% do 11.º ano e 87,1% do 12.º ano) nunca conduziu embriagado, ou seja, sob o efeito do álcool. Nesta amostra existem dois alunos do 9.º ano, três do 10.º ano, doze do 11.º ano e sessenta do 12.º ano com idade superior a 18 anos.

Tabela 285

Frequências absolutas e percentagens da variável “Alguma vez conduziu embriagado/alterado pelo efeito do álcool?”

Frequência de condução sob o efeito do álcool	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Nunca	2	66,7	8	88,9	11	91,7	51	94,4
Uma vez			1	11,1			2	3,7
Ocasionalmente					1	8,3		
Frequentemente	1	33,3						
<b>Total</b>	3		9	100,0	12	100,0	53	98,1
<i>Missing</i>							1	1,9
<b>Total</b>							54	100,0

A questão seguinte só foi respondida, por indicação do questionário, pelos alunos que referem que já haviam conduzido alguma vez sob o efeito do álcool. Assim, temos apenas uma resposta válida no 7.º ano, no 8.º e outra no 9.º ano e duas no 10.º ano, perfazendo um total de cinco respostas.

➤ **Que meio de transporte conduziu embriagado (alterado pelo efeito do álcool)?**

Como nesta amostra temos apenas dois alunos do 9.º ano e sessenta e três do 10.º ano com 16 anos ou mais, os alunos do 7.º, 8.º e 9.º anos, como não têm idade, conduziram apenas bicicleta, sob o efeito do álcool (Tabela 286). Já no 10.º ano um aluno conduziu bicicleta e outro motociclo, sob o efeito do álcool.

No questionário aplicado antes do programa de prevenção de consumos obtivemos dezasseis respostas válidas no 9.º ano, seis no 10.º ano, oito no 11.º ano e dez no 12.º ano, das quais cinco alunos do 9.º ano, um do 10.º ano, dois do 11.º ano e seis alunos do 12.º ano já conduziram automóveis, que necessitam de licença própria, só podendo ser obtida, com mais de 18 anos. A maior parte dos alunos que já conduziu um meio de transporte alterado sob o efeito do álcool, não apresenta a maioria, pelo que seguramente ainda não possui carta de condução. Relativamente à condução de motociclos, cinco alunos do 9.º ano, um aluno do 10.º ano, dois do 11.º ano e outros dois do 12.º ano, referem que já conduziram motociclo, sob o efeito do álcool. Para conduzir motociclo, os jovens já podem obter a licença a partir dos 16 anos, pelo que no

9.º ano temos vinte e dois alunos com idade superior ou igual a 16 anos, no 10.º ano temos setenta alunos e tanto no 11.º ano como no 12.º ano, todos os alunos apresentam idade superior ou igual a 16 anos.

Assim, se o fazem, não basta não terem carta de condução, mas também o facto de conduzirem alterados pelo efeito do álcool, pondo em risco a sua vida e a de terceiros.

Tabela 286

*Frequências absolutas e percentagens da variável “Que meio de transporte conduziu embriagado/alterado pelo efeito do álcool?”*

<i>Meio de transporte conduzido sob o efeito do álcool</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Motociclo</b>							1	50,0
<b>Bicicleta</b>	1	100,0	1	100,0	1	100,0	1	50,0
<b>Total</b>	1	100,0	1	100,0	1	100,0	2	100,0

David Nutt (2007) classificou o álcool como a droga mais perigosa, por ser aquela que provoca, simultaneamente, mais danos ao próprios e aos outros.

➤ **Alguma vez andou de carro ou de moto com o condutor embriagado (alterado pelo efeito do álcool)?**

Apesar da maior parte dos alunos dos quatro anos letivos nunca ter andado com condutor embriagado, dois alunos do 7.º ano e um do 9.º ano fazem-no frequentemente (Tabela 287).

Comparando com os resultados obtidos no questionário aplicado antes do programa de prevenção de consumos, mais de metade dos alunos dos quatro anos de escolaridade (50,5% no 9.º ano, 63,2% no 10.º e no 11.º ano e 59,5% no 12.º ano) refere que nunca andou de carro ou de moto, com um condutor embriagado. Contudo, quatro alunos do 9.º ano, outros quatro do 10.º ano e um aluno do 12.º ano referem que andam frequentemente com condutor embriagado.

Tabela 287

Frequências absolutas e percentagens da variável “Alguma vez andou de carro ou de moto com o condutor embriagado/alterado pelo efeito do álcool?”

Frequência de ser conduzido por condutor sob o efeito do álcool	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
<b>Nunca</b>	36	83,7	40	90,9	17	68,0	77	74,8
<b>Uma vez</b>	3	7,0	4	9,1	4	16,0	16	15,5
<b>Ocasionalmente</b>	1	2,3			3	12,0	9	8,7
<b>Frequentemente</b>	2	4,7			1	4,0		
<b>Total</b>	42	97,7	44	100,0	25	100,0	102	99,0
<i>Missing</i>	1	2,3					1	1,0
<b>Total</b>	43	100,0					103	100,0

➤ **Se um amigo lhe oferecesse agora uma bebida alcoólica, como reagiria?**

Enquanto a maior parte dos alunos do 7.º, 8.º e 10.º ano recusava, se um amigo lhe oferecesse uma bebida alcoólica, a maior parte dos do 9.º refere que dependia do amigo (Tabela 288).

Estas opções também foram as preferências dos alunos que responderam ao questionário, antes da aplicação do programa de prevenção de consumos. Apenas a maior parte dos alunos (55,9%) do 12.º ano refere que recusava, caso um amigo lhe oferecesse uma bebida alcoólica. No 9.º, 10.º e 11.º anos, a maior parte dos alunos (41,4% no 9.º ano, 37,6% no 10.º ano e 35% no 11.º ano) refere que a sua opção de aceitar ou não dependia do amigo que oferecesse a bebida alcoólica e são os alunos do 9.º ano que apresentam maior percentagem de aceitação da bebida alcoólica (25,9%).

Tabela 288

Frequências absolutas e percentagens da variável “Se um amigo lhe oferecesse agora uma bebida alcoólica, como reagiria?”

<i>Reação à oferta de uma bebida alcoólica, por um amigo</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Recusava</b>	24	55,8	22	50,0	6	24,0	40	38,8
<b>Aceitava</b>	6	14,0	3	6,8	6	24,0	20	19,3
<b>Dependia do amigo</b>	5	11,6	13	29,5	9	36,0	36	35,0
<b>Não sei</b>	7	16,3	5	11,4	2	8,0	5	4,9
<b>Dependia da bebida</b>					1	4,0		
<b>Dependia do estado de espírito</b>			1	2,3			1	1,0
<b>Dependia da bebida e do amigo</b>					1	4,0		
<b>Total</b>	42	97,7	44	100,0	25	100,0	102	99,0
<i>Missing</i>	1	2,3					1	1,0
<b>Total</b>	43	100,0					103	100,0

➤ **Na sua opinião, um consumidor de bebidas alcoólicas é uma pessoa:**

Como os alunos poderiam selecionar todas as opções que considerassem pertinentes, as respostas dos alunos dos diferentes anos de escolaridade distribuíram-se muito, pelo que não realizámos tabela.

A maior parte dos alunos do 7.º ano considera que uma pessoa que bebe é dependente, estando esta resposta associada a 32,6% das opções.

No 8.º ano, a maior parte dos alunos considera que uma pessoa que bebe é exibicionista, verificando-se que esta opção está associada a 54,5% das respostas.

Relativamente ao 9.º ano, a maior parte avalia a pessoa que bebe como fraca ou divertida, estando a fraqueza associada a 36% das opções e a opção “divertida” associada a 32% das opções.

Já no 10.º ano, a maior parte dos alunos considera que uma pessoa que bebe é normal e bebe porque gosta, seguindo-se a opção “segura”, que associada a outras opções, foi selecionada por 20,4% dos alunos.

Verificamos que, enquanto os alunos mais novos avaliam uma pessoa que bebe com adjetivos pejorativos, já os mais velhos, consideram-na normal.

Comparando com os alunos da amostra antes da aplicação do programa de prevenção de consumos, como temos alunos mais velhos, a sua visão da pessoa que bebe é mais positiva.

No 9.º ano 10,7% considera que uma pessoa que consome bebidas alcoólicas é segura de si própria e a mesma percentagem acha que é dependente, havendo 9,3% que a considera divertida.

No 10.º ano, 18% considera essa pessoa normal, pois bebe porque gosta, 7,5% considera-a exibicionista, 6,8% segura de si própria e 6% divertida.

Tal como no 10.º ano, a maior parte dos alunos do 11.º ano (15,4%) considera que a pessoa que bebe é normal, considerando 11,1% que é divertida, 6% que é segura e a mesma percentagem considera que é exibicionista.

Também no 12.º ano, cerca de ¼ dos alunos refere que a pessoa que consome álcool é normal, 9,9% é segura de si, 8,1% consideram-na divertida e 5,4% exibicionista.

A maior parte dos alunos mais velhos considera que a pessoa que consome bebidas alcoólicas é normal, justificando os seus próprios consumos, pois os alunos consomem por considerarem ser um comportamento normal.

➤ **Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou por luta física?**

Considerando os hábitos de consumo dos alunos, nos últimos 12 meses, a maior parte nunca passou por luta física (Tabela 289). Contudo, temos um aluno do 7.º ano, um do 9.º ano e outro do 10.º ano que já passaram mais de 20 vezes por luta física.

A mesma tendência se verifica no questionário aplicado antes do programa de prevenção de consumos, onde a grande maioria dos alunos (cerca de 90%), dos quatro anos de escolaridade nunca se envolveu em luta física. Contudo, um aluno do 9.º ano e outro do 12.º ano já se envolveram entre 6 a 10 vezes em lutas físicas e dois alunos do 12.º ano já se envolveram mais de 20 vezes.

Tabela 289

Frequências absolutas e percentagens da variável "Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou por luta física?"

N.º de vezes que se envolveu em luta física, nos últimos 12 meses	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
<b>0</b>	37	86,1	39	88,6	19	76,0	88	85,4
<b>1 – 5</b>	1	2,3	2	4,5	4	16,0	10	9,7
<b>6 – 10</b>			1	2,3			1	1,0
<b>11 - 20</b>			1	2,3	1	4,0	1	1,0
<b>Mais de 20</b>	1	2,3			1	4,0	1	1,0
<b>Total</b>	39	90,7	43	97,7	25	100,0	101	98,1
<i>Missing</i>	4	9,3	1	2,3			2	1,9
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0			103	100,0

➤ **Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou acidente ou ferimentos?**

Verifica-se também na Tabela 290, que a maior parte dos alunos nunca passou por acidentes ou ferimentos, nos últimos 12 meses, atendendo aos seus hábitos de consumo. Contudo, dois alunos do 7.º ano, um do 8.º ano, outro do 9.º ano e mais um do 10.º ano já passaram por acidentes ou ferimentos mais de 20 vezes.

Comparando com a amostra de alunos antes da aplicação do programa de prevenção de consumos, a maioria dos alunos, dos quatro anos de escolaridade (90,8% no 9.º ano, 83,5% no 10.º ano, 89,7% no 11.º ano e 87,4% no 12.º ano), nunca passou por acidentes ou ferimentos. Contudo, um aluno do 11.º ano e dois do 12.º ano passaram por acidentes mais de vinte vezes.

Tabela 290

Frequências absolutas e percentagens da variável “Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou por acidentes ou ferimentos?”

N.º de vezes que passou por acidentes ou ferimentos, nos últimos 12 meses	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
<b>0</b>	37	86,0	38	86,4	18	72,0	90	87,4
<b>1 – 5</b>			4	9,1	3	12,0	9	8,7
<b>6 – 10</b>					1	4,0	1	1,0
<b>11 – 20</b>					2	8,0		
<b>Mais de 20</b>	2	4,7	1	2,3	1	4,0	1	1,0
<b>Total</b>	39	90,7	43	97,7	25	100,0	101	98,1
<i>Missing</i>	4	9,3	1	2,3			2	1,9
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0			103	100,0

➤ **Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou problemas sérios com os pais?**

Mais uma vez se apura na Tabela 291, que a maior parte dos alunos nunca passou por problemas sérios com os pais, nos últimos meses, tendo em conta os seus hábitos de consumo. Contudo, dois alunos do 7.º ano e um do 8.º ano já passaram por esse tipo de problemas, mais de 20 vezes.

Comparando com os resultados obtidos no questionário aplicado antes do programa de prevenção de consumos, nos últimos 12 meses, mais de  $\frac{3}{4}$  dos alunos dos quatro anos de escolaridade (79,3% no 9.º ano, 78,2% no 10.º ano, 83,8% no 11.º bem como no 12.º ano), nunca passou por problemas sérios com os pais. No entanto, dois alunos do 10.º ano e outros dois alunos do 12.º ano já passaram por problemas com os pais mais de vinte vezes.

Tabela 291

Frequências absolutas e percentagens da variável “Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou problemas sérios com os pais?”

N.º de vezes que teve problemas sérios com os pais, nos últimos 12 meses	9.º ano		10.º ano		11.º ano		12.º ano	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
<b>0</b>	35	81,4	37	84,1	19	76,0	90	87,4
<b>1 – 5</b>	2	4,7	4	9,1	3	12,0	10	9,7
<b>6 – 10</b>					2	8,0	1	1,0
<b>11 – 20</b>	1	2,3	1	2,3	1	4,0	1	1,0
<b>Mais de 20</b>	2	4,7	1	2,3				
<b>Total</b>	40	93,0	43	97,7	25	100,0	102	99,0
<i>Missing</i>	3	7,0	1	2,3			1	1,0
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0			103	100,0

➤ **Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou problemas sérios com os amigos?**

Verificamos na Tabela 292 que mais de 80% dos alunos dos quatro anos de escolaridade nunca passou por problemas sérios com os amigos, nos últimos meses e tendo em conta os seus hábitos de consumo. Contudo, um aluno do 8.º ano, um do 9.º e outro do 10.º ano passaram por esse tipo de problemas mais de 20 vezes.

Também a maioria dos alunos que responderam ao questionário antes do programa de prevenção de consumos (86,5% no 9.º ano, 75,1% no 10.º ano, 86,3% no 11.º ano e 76,6% no 12.º ano) nunca passou por problemas sérios com os amigos. Contudo, dois alunos já passaram mais de vinte vezes por esse tipo de problemas.

Tabela 292

Frequências absolutas e percentagens da variável “Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou problemas sérios com os amigos?”

N.º de vezes que teve problemas sérios com os amigos, nos últimos 12 meses	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
<b>0</b>	37	86,0	38	86,4	22	88,0	86	83,5
<b>1 – 5</b>	1	2,3	3	6,8	2	8,0	13	12,6
<b>6 – 10</b>							1	1,0
<b>11 – 20</b>	1	2,3	1	2,3			1	1,0
<b>Mais de 20</b>			1	2,3	1	4,0	1	1,0
<b>Total</b>	39	90,7	43	97,7	25	100,0	102	99,0
<i>Missing</i>	4	9,3	1	2,3			1	1,0
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0			103	100,0

➤ **Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, teve fraco desempenho na escola?**

Observamos na Tabela 293 que a maior parte dos alunos dos quatro anos de escolaridade nunca teve fraco desempenho académico, nos últimos 12 meses, mas dois alunos do 7.º ano e um do 10.º ano já tiveram fraco desempenho na escola, mais de 20 vezes.

Também a maior parte dos alunos que responderam ao questionário antes do programa de prevenção (75% no 9.º ano, 78,9% no 10.º ano, 83,8% no 11.º ano e 86,5% no 12.º ano) nunca teve fraco desempenho na escola. Contudo, quatro alunos do 9.º ano, um aluno do 10.º ano e três alunos referem ter, frequentemente, fraco desempenho na escola.

Tabela 293

Frequências absolutas e percentagens da variável “Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, teve fraco desempenho na escola?”

N.º de vezes que teve fraco desempenho na escola, nos últimos 12 meses	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
<b>0</b>	32	74,4	38	86,4	19	76,0	79	76,7
<b>1 – 5</b>	5	11,6	3	6,7	4	16,0	16	15,5
<b>6 – 10</b>			1	2,3	1	4,0	4	3,9
<b>11 – 20</b>			1	2,3	1	4,0	1	1,0
<b>Mais de 20</b>	2	4,7					1	1,0
<b>Total</b>	39	90,7	43	97,7	25	100,0	101	98,1
<i>Missing</i>	4	9,3	1	2,3			2	1,9
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0			103	100,0

➤ **Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, foi vítima de assalto?**

A grande maioria da totalidade da amostra evidente na Tabela 294 nunca foi vítima de assalto, nos últimos 12 meses e de acordo com os seus hábitos consumo, apesar de haver um aluno do 8.º ano que refere já ter sido assaltado mais de 20 vezes.

O mesmo se verifica na amostra que respondeu ao questionário aplicada antes do programa de prevenção de consumo, onde a grande maioria dos alunos dos quatro anos de escolaridade (cerca de 95%) nunca foi vítima de assalto. Contudo, um aluno do 9.º ano e dois do 12.º ano referem ter sido vítimas de assalto mais de vinte vezes.

Tabela 294

Frequências absolutas e percentagens da variável “Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, foi vítima de assalto?”

N.º de vezes que foi vítima de assalto, nos últimos 12 meses	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
<b>0</b>	38	88,4	42	95,5	24	96,0	99	96,1
<b>1 – 5</b>							2	1,9
<b>6 – 10</b>								
<b>11 – 20</b>	1	2,3			1	4,0		
<b>Mais de 20</b>			1	2,3				
<b>Total</b>	39	90,7	43	97,7	25	100,0	101	98,1
<i>Missing</i>	4	9,3	1	2,3			2	1,9
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0			103	100,0

➤ **Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, teve problemas com autoridades?**

Novamente certificamos na Tabela 295 que a grande maioria dos alunos dos quatro anos de escolaridade nunca teve problemas com as autoridades, nos últimos 12 meses, apesar de haver um aluno que já teve esses problemas mais de vinte vezes.

A mesma tendência se verifica com os alunos que responderam ao questionário aplicado antes do programa de prevenção, a grande maioria dos alunos dos quatro anos de escolaridade (entre 90% e 95%) nunca teve problemas com as autoridades. Contudo, um aluno do 9.º ano e dois do 12.º ano referem ter tido problemas com as autoridades, mais de vinte vezes.

Tabela 295

Frequências absolutas e percentagens da variável “Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, teve problemas com autoridades?”

N.º de vezes que teve problemas com autoridades, nos últimos 12 meses	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
<b>0</b>	38	88,4	42	95,5	22	88,0	96	93,2
<b>1 – 5</b>							5	4,9
<b>6 – 10</b>								
<b>11 – 20</b>	1	2,3	1	2,3	2	8,0		
<b>Mais de 20</b>					1	4,0		
<b>Total</b>	39	90,7	43	97,7	25	100,0	101	98,1
<b>Missing</b>	4	9,3	1	2,3			2	1,9
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0			103	100,0

➤ **Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, teve relações sexuais sem proteção?**

Mais uma vez, na Tabela 296, predominam os alunos que nunca tiveram relações sexuais de risco, nos últimos 12 meses e tendo em conta os seus hábitos de consumo. Contudo, um aluno do 7.º ano, dois do 8.º ano, um do 9.º ano e outro do 10.º ano, já tiveram relações sexuais sem proteção mais de vinte vezes.

Também no questionário aplicado antes do programa de prevenção de consumos, mais de 90% dos alunos dos quatro anos de escolaridade (90,1% no 9.º ano, 91,7% no 10.º ano, 94% no 11.º ano e 91% no 12.º ano), nunca teve relações sexuais sem proteção. Contudo, três alunos do 9.º ano e outros três do 12.º ano já tiveram relações sexuais de risco, mais de vinte vezes.

Dada a elevada frequência de alunos que tiveram relações sexuais de risco, estes alunos poderão ter uma gravidez não desejada ou contrair uma infeção sexualmente transmissível.

Tabela 296

Frequências absolutas e percentagens da variável “Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, teve relações sexuais sem proteção/de risco?”

N.º de vezes que teve relações sexuais de risco, nos últimos 12 meses	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
<b>0</b>	37	86,1	41	93,2	19	76,0	97	94,2
<b>1 – 5</b>	1	2,3			3	12,0	2	1,9
<b>6 – 10</b>							1	1,0
<b>11 – 20</b>					2	8,0		
<b>Mais de 20</b>	1	2,3	2	4,5	1	4,0	1	1,0
<b>Total</b>	39	90,7	43	97,7	25	100,0	101	98,1
<i>Missing</i>	4	9,3	1	2,3			2	1,9
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0			103	100,0

➤ **Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou por experiência que se tenha arrependido no dia seguinte?**

Também nesta variável atestamos na Tabela 297 que a maior parte dos alunos da amostra refere que nunca se arrependeu, no dia seguinte, de experiências pelas quais passou nos últimos 12 meses, havendo um aluno no 7.º ano, dois no 9.º ano e quatro no 10.º ano que já se arrependeram mais de 20 vezes.

Tendo em conta os seus hábitos de consumo, nos últimos 12 meses, dos alunos que responderam ao questionário aplicado antes do programa de prevenção de consumos, 73,7% dos alunos do 9.º ano, 55,6% do 10.º ano, 65,8% do 11.º ano e 62,2% do 12.º ano, nunca passou por experiências que se tenha arrependido no dia seguinte. No entanto, um aluno do 9.º, do 10.º e do 11.º anos e dois alunos do 12.º ano já passaram por experiências de que se arrependeram no dia seguinte, mais de vinte vezes.

Tabela 297

Frequências absolutas e percentagens da variável “Tendo em conta os seus hábitos de consumo, quantas vezes, nos últimos 12 meses, passou por experiências que se tenha arrependido, no dia seguinte?”

N.º de vezes que passou por experiência de que se tenha arrependido, nos últimos 12 meses	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
<b>0</b>	34	79,1	36	81,8	15	60,0	74	71,8
<b>1 – 5</b>			4	9,1	6	24,0	16	15,5
<b>6 – 10</b>	1	2,3					6	5,8
<b>11 – 20</b>	1	2,3			1	4,0		
<b>Mais de 20</b>	1	2,3			2	8,0	4	3,9
<b>Total</b>	37	86,0	40	90,9	24	96,0	100	97,1
<i>Missing</i>	6	14,0	4	9,1	1	4,0	3	2,9
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0	25	100,0	103	100,0

Cruzando os dados das respostas a estas questões, provavelmente jovens que tiveram problemas sérios com os pais, amigos e/ou autoridades, que tiveram relações sexuais de risco, ter-se-ão arrependido, no dia seguinte.

➤ **Os outros conseguem convencê-lo a fazer coisas que não lhe apetece fazer?**

A maior parte dos alunos mais novos, do 7.º ao 9.º ano refere que os outros nunca o conseguem convencer a fazer algo que não lhe apetece, mas a maior parte dos alunos do 10.º ano refere que isso pode acontecer, apesar de raramente (Tabela 298).

Comparando com os resultados obtidos anteriormente à aplicação do programa de prevenção de consumos, quase metade dos alunos dos quatro anos de escolaridade (49,3% do 9.º ano, 47,4% do 10.º ano, 48,7% do 11.º ano e 44,1% do 12.º ano) refere que raramente os outros o conseguem convencer de fazer coisas que não lhe apetece fazer e entre 41,1% e 44,4% dos alunos referem que nunca o fazem.

Tabela 298

Frequências absolutas e percentagens da variável “Os outros conseguem convencê-lo a fazer coisas que não lhe apetece fazer?”

<i>Frequência com que os outros o conseguem convencer a fazer algo que não lhe apetece</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Nunca</b>	25	58,1	19	43,3	12	48,0	39	37,9
<b>Raramente</b>	16	37,2	18	40,9	8	32,0	53	51,5
<b>Por vezes</b>	2	4,7	3	6,8	3	12,0	8	7,8
<b>Muitas vezes</b>			2	4,5			2	1,9
<b>Sempre</b>					2	8,0		
<b>Total</b>	43	100,0	42	95,5	25	100,0	102	99,1
<i>Missing</i>			2	4,5			1	0,9
<b>Total</b>			44	100,0			103	100,0

➤ **Considera que é autónomo nas suas decisões?**

A maioria dos alunos representados na Tabela 299 considera que é muitas vezes ou sempre autónomo nas suas decisões, bem como a maior parte dos alunos que responderam ao primeiro questionário, onde quase metade dos alunos do 9.º, do 11.º e do 12.º ano refere que é sempre autónomo na tomada das suas decisões e quase metade dos alunos do 10.º ano menciona que é autónomo muitas vezes. Contudo, seis alunos do 7.º ano dois do 8.º ano, mais dois do 9.º e um do 10.º ano, bem como três alunos do 9.º ano e dois do 10.º ano, do primeiro questionário, referem que nunca são autónomos nas suas decisões.

Estes resultados estão de acordo com as respostas dadas na questão anterior, pois a grande maioria dos jovens refere que os outros nunca ou raramente o conseguem convencer a fazer coisa que não lhe apetece fazer, sendo autónomos nas suas decisões.

Tabela 299

Frequências absolutas e percentagens da variável “Considera que é autónomo nas suas decisões?”

Autonomia nas decisões	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
<b>Nunca</b>	6	14,0	2	4,5	2	8,0	1	1,0
<b>Raramente</b>			2	4,5			3	2,9
<b>Por vezes</b>	2	4,7	7	15,9	3	12,0	13	12,6
<b>Muitas vezes</b>	18	41,9	19	43,2	7	28,0	50	48,5
<b>Sempre</b>	16	37,2	13	29,5	13	52,0	35	34,0
<b>Total</b>	42	97,7	43	97,7	25	100,0	102	99,0
<i>Missing</i>	1	2,3	1	2,3			1	1,0
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0			103	100,0

➤ **Os outros conseguem convencê-lo a fazer coisas de que depois se arrepende?**

Entre 40% e 60,5% dos alunos do 7.º ao 10.º ano consideram que os outros nunca o conseguem convencer a fazer coisas de que depois de arrependem, seguindo-se os que raramente se deixam convencer (Tabela 300). Contudo, dois alunos do 9.º ano referem que fazem sempre coisas que os outros o convencem a fazer, mas que depois se arrependem.

Comparando com os resultados obtidos antes da aplicação do programa de prevenção de consumos, mais de metade dos alunos do 9.º, 10.º e 11.º anos (52,9% no 9.º ano, 52,6% no 10.º ano e 54,7% no 11.º ano) e quase metade dos alunos do 12.º ano (48,6%) refere que os outros nunca os conseguem convencer a fazer coisas que depois se arrependem.

A grande maioria dos alunos dos quatro anos de escolaridade refere que os outros nunca ou raramente o conseguem convencer a fazer coisa que depois se arrependem, sendo autónomos nas suas decisões. Contudo, é preocupante o facto de existir um aluno do 10.º ano e outro do 12.º ano que referem que os outros o conseguem convencer sempre a fazer coisas, de que depois se arrependem.

Tabela 300

Frequências absolutas e percentagens da variável “Os outros conseguem convencê-lo a fazer coisas que depois se arrepende?”

<i>Frequência com que os outros o conseguem convencer a fazer algo que depois se arrepende</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Nunca</b>	26	60,5	23	52,3	10	40,0	61	59,2
<b>Raramente</b>	15	34,9	15	34,1	11	44,0	34	33,0
<b>Por vezes</b>	1	2,3	4	9,1	1	4,0	6	5,8
<b>Muitas vezes</b>					1	4,0	1	1,0
<b>Sempre</b>					2	8,0		
<b>Total</b>	42	97,7	42	95,5	25	100,0	102	99,0
<i>Missing</i>	1	2,3	2	4,5			1	1,0
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0			103	100,0

➤ **Alguma vez fez coisas que os seus amigos lhe pedem, só para não os desiludir?**

A maior parte dos alunos refere, de acordo com os dados da Tabela 301, que nunca faz coisas que os seus amigos lhe pedem, só para não os desiludir, seguindo-se os que o fazem raramente ou por vezes. Contudo, um aluno do 8.º ano e outro 9.º ano fazem sempre o que os seus amigos lhe pedem, para não os desiludir.

Comparando com o questionário aplicado antes do programa de prevenção de consumo, as respostas estão mais divididas, considerando a maior parte dos alunos dos quatro anos de escolaridade que nunca ou raramente fazem coisas que os amigos lhe pedem, só para não os desiludir. Mais uma vez, dois alunos do 9.º ano, um do 10.º ano, três do 11.º ano e um do 12.º ano fazem sempre o que os amigos lhes pedem, para não os desiludir, não revelando autonomia.

Tabela 301

Frequências absolutas e percentagens da variável “Alguma vez fez coisas que os seus amigos lhe pedem, só para não os desiludir?”

Frequência com que faz coisa para não desiludir os amigos	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
<b>Nunca</b>	30	69,8	17	38,6	12	48,0	48	46,6
<b>Raramente</b>	5	11,6	12	27,3	4	16,0	33	32,0
<b>Por vezes</b>	7	16,3	7	15,9	5	20,0	16	15,5
<b>Muitas vezes</b>			4	9,1	3	12,0	5	4,9
<b>Sempre</b>			1	2,3	1	4,0		
<b>Total</b>	42	97,7	41	93,2	25	100,0	102	99,0
<b>Missing</b>	1	2,3	3	6,8			1	1,0
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0			103	100,0

Há uma certa coerência entre as respostas a estas quatro últimas questões, onde a maior parte destes jovens, apesar de ser conhecida a influência dos pares nas suas decisões, consideram-se autónomos na suas decisões, onde nunca ou raramente os outros os conseguem convencer a fazer algo que não lhe apetece e que depois se pode arrepender, só para não os desiludir.

Na Parte II pretendemos caracterizar os hábitos de consumo dos alunos antes e depois da aplicação do programa de prevenção de consumo de álcool, o que nos permite traçar um perfil dos alunos. As tendências verificadas num questionário pré e pós programa de prevenção são semelhantes, pelo que não se encontram diferenças significativas. Esta tendência é preocupante, pelo facto dos alunos sujeitos ao questionário após a aplicação do programa de prevenção serem mais jovens e apresentarem tendências semelhantes aos alunos mais velhos. Consideramos assim, que o programa de prevenção de consumos não foi suficiente para mudar os hábitos de consumo dos adolescentes, o que era expectável, na medida em que tempo das sessões foi suficiente para informar e esclarecer os alunos sobre os efeitos do álcool, mas manifestamente insuficiente para trabalhar as competências dos alunos para resistir ao consumo de bebidas alcoólicas, bem como a sua capacidade de resistir à pressão dos pares.

Concordando com Costa & López (2008), consideramos que quanto mais precocemente for a intervenção, mais efetiva ela é, pelo que começámos a atuar junto dos alunos, a partir do 7.º ano.

Para desenvolver a assertividade na resistência ao consumo de álcool, bem como à pressão dos pares era necessário que o nosso programa de prevenção de consumo de álcool fosse mais longo e com reforços mais frequentes. Daí a necessidade e a vontade de darmos continuidade ao projeto, durante pelo menos mais cinco anos, pois segundo Barroso, Barbosa e Mendes (2006), quanto mais longa for a intervenção e com mais reforços anuais, mais eficaz se torna.

### **Parte III – Dimensão: Representações sociais acerca dos consumos de álcool.**

#### **➤ O álcool é uma droga**

No questionário antes da aplicação do programa de prevenção de consumo de álcool, a maior parte dos alunos dos quatro anos de escolaridade (41,4% dos alunos do 9.º ano, 37,6% do 10.º ano, 37,6% do 11.º ano e 59,5% do 12.º ano) concorda que o álcool é uma droga. Em seguida, no 10.º ano e no 12.º ano, os alunos concordam totalmente que o álcool é uma droga, mas no 9.º ano e no 11.º ano, as opiniões dividem-se de um modo equilibrado entre os que concordam totalmente e os que discordam. Contudo, 8,5% de alunos do 9.º ano, 3% do 10.º ano, 6% do 11.º ano e 2,7% do 12.º ano não sabem se o álcool é uma droga.

É com satisfação que verificamos na Tabela 302 que após a aplicação desse programa, a grande maioria dos alunos não tem dúvidas que o álcool é uma droga.

Tabela 302  
Frequências absolutas e percentagens da variável “O álcool é uma droga.”

<i>O álcool é uma droga</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Discordo totalmente</b>					1	4,0		
<b>Discordo</b>					1	4,0	4	3,9
<b>Concordo</b>	13	30,2	18	40,9	11	44,0	49	47,6
<b>Concordo totalmente</b>	30	69,8	26	59,1	12	48,0	50	48,5
<b>Não sei</b>								
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0	25	100,0	103	100,0

➤ **O álcool cria dependência física**

Comparando com os resultados do questionário aplicado antes do programa, maior parte dos alunos dos quatro anos de escolaridade (60,7% dos alunos do 9.º ano, 70,8% do 10.º ano, 69,9% do 11.º ano e 70,3% do 12.º ano) concorda ou concorda totalmente que o álcool cria dependência física. Entre 6,3% e 10,7% dos alunos têm dúvidas acerca da capacidade do álcool causar dependência física e entre 18,5% e 26,5% que discordam.

Analisando a Tabela 303 concluímos que o programa de prevenção de consumo de álcool foi eficaz em informar os alunos, pois a grande maioria dos alunos dos quatro anos de escolaridade considera que o álcool cria dependência física, havendo apenas 5 alunos que discordam e outros 5 que não sabem.

Tabela 303  
Frequências absolutas e percentagens da variável “O álcool cria dependência física.”

<i>O álcool cria dependência física</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Discordo totalmente</b>								
<b>Discordo</b>					1	4,0	4	3,9
<b>Concordo</b>	17	39,5	23	52,3	11	44,0	63	61,1
<b>Concordo totalmente</b>	25	58,1	21	47,7	13	52,0	32	31,1
<b>Não sei</b>	1	2,4					4	3,9
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0	25	100,0	103	100,0

➤ **O álcool cria dependência psíquica**

Enquanto antes da aplicação do programa de prevenção de consumo de álcool 80,1% dos alunos do 9.º ano, 74,4% dos do 10.º ano, 76,1% do 11.º ano e 73% do 12.º ano concorda ou concorda totalmente que o álcool cria dependência psíquica, depois do programa de prevenção temos 97,7% para 7.º e 8.º ano, 96% do 9.º ano e 94,2% no 10.º ano, havendo apenas 5 alunos (2,3% da totalidade dos alunos) que discorda (Tabela 304).

Tabela 304

Frequências absolutas e percentagens da variável "O álcool cria dependência psíquica."

<i>O álcool cria dependência psíquica</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Discordo totalmente</b>							1	1,0
<b>Discordo</b>			1	2,3	1	4,0	2	1,9
<b>Concordo</b>	14	32,6	21	47,7	9	36,0	58	56,3
<b>Concordo totalmente</b>	28	65,1	22	50,0	15	60,0	39	37,9
<b>Não sei</b>	1	2,3					3	2,9
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0	25	100,0	103	100,0

➤ **O consumo de álcool provoca doenças sem importância.**

Verificamos na Tabela 305 que a maior parte dos alunos (72,1% do 7.º ano, 65,9% do 8.º ano, 84% do 9.º ano e 78,6% do 10.º ano) considera que o álcool provoca doenças sem importância. Verificamos que antes da aplicação do programa de prevenção de consumo de álcool a percentagem de alunos a discordar ou a discordar totalmente deste facto é superior (82,9% do 9.º ano, 88,7% o 10.º ano, 91,4%, do 11.º ano e 89,2% do 12.º ano), pelo que o programa de prevenção não terá sido esclarecedor neste aspeto.

Tabela 305

Frequências absolutas e percentagens da variável "O consumo de álcool provoca doenças sem importância."

<i>O consumo de álcool provoca doenças sem importância</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	5	11,6	5	11,4	1	4,0	4	3,9
<b>Concordo</b>	4	9,3	7	15,9	1	4,0	14	13,6
<b>Discordo</b>	10	23,3	17	38,6	12	48,0	31	30,1
<b>Discordo totalmente</b>	21	48,8	12	27,3	9	36,0	50	48,5
<b>Não sei</b>	3	7,0	3	6,8	2	8,0	4	3,9
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0	25	100,0	103	100,0

Mais uma vez atestamos que a maioria dos jovens tem consciência de que o álcool provoca doenças com alguma gravidade, não obstante os seus hábitos de consumo revelarem que o encaram com grande normalidade.

➤ **Os médicos exageram quando falam dos malefícios do álcool.**

A maioria dos alunos antes (72,2% do 9.º ano, 76,7% do 10.º ano, 85,5% do 11.º ano e 91,8% do 12.º ano) e depois do programa de prevenção (67,5% do 7.º ano, 65,9% do 8.º ano, 80% do 9.º ano e 81,6% do 10.º ano) discorda ou discorda totalmente, que os médicos exageram quando falam dos malefícios do álcool (Tabela 306). A grande maioria dos alunos não considera que os médicos exageram quando falam dos malefícios do álcool, pelo que o consideram uma droga potencialmente perigosa. Esta tomada de consciência aumenta com o aumento da idade.

Tabela 306

*Frequências absolutas e percentagens da variável “Os médicos exageram quando falam dos malefícios do álcool.”*

<i>Os médicos exageram quando falam dos malefícios do álcool</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	5	11,6	1	2,2	3	12,0	2	1,9
<b>Concordo</b>	3	7,0	9	20,5	2	8,0	17	16,5
<b>Discordo</b>	12	27,9	13	29,5	12	48,0	39	37,9
<b>Discordo totalmente</b>	17	39,6	16	36,4	8	32,0	45	43,7
<b>Não sei</b>	5	11,6	5	11,4				
<b>Total</b>	42	97,7	44	100,0	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>	1	2,3						
<b>Total</b>	43	100,0						

Mais uma vez verificamos que, apesar de terem conhecimento que o álcool provoca malefícios graves, tais como dependência física e psíquica e que os médicos não exageram quando falam dos malefícios do álcool, os alunos continuam a consumi-lo, como se estes malefícios não tivessem importância.

➤ **Preocupo-me bastante com os malefícios provocados pelo consumo de álcool.**

Tanto a maior parte dos alunos que respondeu ao questionário antes da aplicação do programa de prevenção (62,9% dos alunos do 9.º ano, 79,7% do 10.º ano, 71,8% do 11.º ano e 77,5% do 12.º ano), como a maior parte dos que respondeu depois (72,1% do 7.º ano, 84,1% do 8.º ano, 76% do 9.º ano e 74,8% do 10.º ano) referem que se preocupam bastante com os malefícios provocados pelo consumo de álcool (Tabela 307). Como verificamos uma maior preocupação depois do programa de intervenção, consideramos que o programa pode ter sido eficaz neste aspeto.

Tabela 307

*Frequências absolutas e percentagens da variável “Preocupo-me bastante com os malefícios provocados pelo consumo de álcool.”*

<i>Preocupo-me bastante com os malefícios provocados pelo consumo de álcool</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Discordo totalmente</b>	4	9,3	1	2,3			3	2,9
<b>Discordo</b>	3	7,0	4	9,1	1	4,0	19	18,4
<b>Concordo</b>	14	32,6	25	56,8	9	36,0	54	52,5
<b>Concordo totalmente</b>	17	39,5	12	27,3	10	40,0	23	22,3
<b>Não sei</b>	5	11,6	2	4,5	4	16,0	4	3,9
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0	24	96,0	103	100,0
<i>Missing</i>					1	4,0		
<b>Total</b>					25	100,0		

Mais uma vez a maior parte dos alunos considera o álcool uma droga, que causa dependência física e psíquica, entre outros malefícios, que são alvo de preocupação por parte dos alunos. Apesar desta preocupação aparente, e comparando com os resultados obtidos na Parte II do nosso questionário, os alunos continuam a ter hábitos de consumo de álcool, que tendem a iniciar cada vez mais cedo, não revelando grande preocupação pelos seus malefícios.

➤ **O consumo de álcool facilita a integração no grupo de amigos.**

Verificamos na Tabela 308 que as opiniões dos alunos revelam uma divisão equilibrada entre os que concordam e os que discordam que o consumo de álcool facilita a integração no grupo de amigos, registrando-se no 7.º e 10.º anos um ligeiro predomínio dos alunos que discordam ou discordam totalmente da afirmação e no 8.º e 9.º anos um predomínio de alunos que concordam.

Também antes da aplicação do programa de prevenção de consumo de álcool as opiniões se encontram divididas entre os que concordam e os que discordam que o consumo de álcool facilita a integração no grupo de amigos, registrando-se no 9.º, 11.º e 12.º anos um ligeiro predomínio dos alunos que discordam ou discordam totalmente da afirmação e no 10.º ano um predomínio de alunos que concordam. Verificamos ainda que 7,1% dos alunos do 9.º ano, 3% dos alunos do 10.º ano, 3,5% dos alunos do 11.º ano e 3,6% dos alunos do 12.º ano desconhecem se o consumo de álcool facilita a integração no grupo de amigos.

Tabela 308  
Frequências absolutas e percentagens da variável “O consumo de álcool facilita a integração no grupo de amigos.”

<i>O consumo de álcool facilita a integração no grupo de amigos</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	4	9,3	8	18,2	2	8,0	11	10,6
<b>Concordo</b>	9	20,9	15	34,1	11	44,0	31	30,1
<b>Discordo</b>	10	23,3	12	27,3	5	20,0	34	33,0
<b>Discordo totalmente</b>	16	37,2	6	13,6	6	24,0	21	20,4
<b>Não sei</b>	4	9,3	2	4,5	1	4,0	5	4,9
<b>Total</b>	43	100,0	43	97,7	25	100,0	102	99,0
<i>Missing</i>			1	2,3			1	1,0
<b>Total</b>			44	100,0			103	100,0

O álcool, quando consumido com moderação, pode ter um efeito desinibidor, dando aos jovens a sensação aparente de que os relacionamentos são facilitados.

Se todos no grupo ou a grande maioria consome bebidas alcoólicas, a tendência é para se consumir para ser aceite pelo grupo e facilitar a integração.

- **Se no meu grupo de amigos a maioria consumir bebidas alcoólicas, eu acabarei por beber para não me sentir diferente e para me integrar melhor.**

Apesar de, na questão anterior, as opiniões dos alunos se dividirem entre a concordância e a discordância de que o consumo de álcool facilita a integração no grupo de amigos, nesta questão cujos resultados estão representados na Tabela 309, a maior parte dos alunos (81,2% do 7.º ano, 56,9% do 8.º ano, 56% do 9.º ano e 79,7% do 10.º ano) discorda ou discorda totalmente que acabaria por beber para não se sentir diferente e para melhor se integrar no seu grupo de amigos, se a maioria consumisse bebidas alcoólicas.

Uma tendência semelhante verifica-se no questionário aplicado antes do programa de prevenção de consumo de álcool, onde a maior parte dos alunos (75% do 9.º ano, 77,5% do 10.º ano, 86,3% do 11.º ano e 89,2% do 12.º ano) discorda ou discorda totalmente que acabaria por beber para não se sentir diferente e para melhor se integrar no seu grupo de amigos, se a maioria consumisse bebidas alcoólicas. Temos ainda 5,7% dos alunos do 9.º ano, 1,5% do 10.º ano e 0,9% do 11.º ano que apresentam dúvidas acerca do seu procedimento.

Tabela 309

Frequências absolutas e percentagens da variável “Se no meu grupo de amigos a maioria consumir bebidas alcoólicas, eu acabarei por beber para não me sentir diferente e para me integrar melhor.”

<i>Se no meu grupo de amigos a maioria consumir bebidas alcoólicas, eu acabarei por beber para não me sentir diferente e para me integrar melhor</i>	<b>9.º ano</b>		<b>10.º ano</b>		<b>11.º ano</b>		<b>12.º ano</b>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	3	7,0	4	9,0	5	20,0	3	2,9
<b>Concordo</b>	2	4,6	11	25,0	4	16,0	16	15,5
<b>Discordo</b>	12	27,9	9	20,5	6	24,0	39	37,9
<b>Discordo totalmente</b>	23	53,5	16	36,4	8	32,0	43	41,8
<b>Não sei</b>	3	7,0	3	6,8	2	8,0	2	1,9
<b>Total</b>	43	100,0	43	97,7	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>			1	2,3				
<b>Total</b>			44	100,0				

Sabemos que os pares exercem uma grande pressão nas decisões dos alunos nestas faixas etárias, pelo que é necessário capacitar os jovens para resistir a esta pressão.

- **Os jovens que consomem bebidas alcoólicas bebem para se sentirem mais integrados e identificados com o seu grupo.**

Verificamos na Tabela 310 que a maior parte dos alunos (53,5% do 7.º ano, 68,2% do 8.º ano, 56% do 9.º ano e 67% dos alunos do 10.º ano) concorda que os alunos consomem bebidas alcoólicas para se sentirem mais integrados e identificados com o seu grupo.

O mesmo se verifica no questionário aplicado antes do programa de prevenção de consumo de álcool, onde maior parte dos alunos (57,2% do 9.º ano, 63,2% do 10.º ano, 60,7% do 11.º ano e 57,7% dos alunos do 12.º ano) concorda ou concorda totalmente que os alunos consomem bebidas alcoólicas para se sentirem mais integrados

e identificados com o seu grupo. Contudo, 8,6% do 9.º ano, 9,8% do 10.º ano, 5,1% do 11.º ano e 0,9% dos alunos do 12.º ano revelam dúvidas.

Tabela 310

*Frequências absolutas e percentagens da variável “Os jovens que consomem bebidas alcoólicas, bebem para se sentirem mais integrados e identificados com o seu grupo.”*

<i>Os jovens que consomem bebidas alcoólicas bebem para se sentirem mais integrados e identificados com o seu grupo</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	7	16,3	10	22,7	7	28,0	19	18,4
<b>Concordo</b>	16	37,2	20	45,5	7	28,0	50	48,6
<b>Discordo</b>	6	14,0	6	13,6	4	16,0	25	24,3
<b>Discordo totalmente</b>	7	16,2	4	9,1	5	20,0	7	6,8
<b>Não sei</b>	7	16,3	4	9,1	1	4,0	2	1,9
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0	24	96,0	103	100,0
<i>Missing</i>					1	4,0		
<i>Total</i>					25	100,0		

Cruzando estes dados com os de respostas anteriores, verificamos que consideram que os jovens consomem bebidas alcoólicas para se sentirem mais integrados e identificados com o grupo, mas que eles não o fazem.

➤ **Se os meus amigos me incentivassem a consumir bebidas alcoólicas numa festa, eu aceitaria.**

A maior parte dos alunos (65,1%, 7.º ano, 47,7% do 8.º ano, 52% do 9.º ano e 60,2% do 10.º ano) considera que se os seus amigos o incentivassem a consumir bebidas alcoólicas numa festa, não aceitaria (Tabela 311).

Comparando com o questionário aplicado antes do programa de prevenção, nesta variável, as posições partidárias dividem-se quase pela metade, com 42,2% no 9.º ano, 40,6% no 10.º ano, 36,8% no 11.º ano e 32,4% no 12.º ano a declarar aceitar consumir bebidas alcoólicas numa festa, se os seus amigos os incentivassem e 40,7% no 9.º ano,

40,6% no 10.º ano, 50,4% no 11.º ano e 62,1% no 12.º ano a negá-lo. Já 17,1% dos alunos do 9.º ano, 18% do 10.º ano, 12,8% do 11.º ano e 5,4% do 12.º ano estão inseguros com o que fariam.

Tabela 311

*Frequências absolutas e percentagens da variável “Se os meus amigos me incentivassem a consumir bebidas alcoólicas numa festa, eu aceitaria.”*

<i>Se os meus amigos me incentivassem a consumir bebidas alcoólicas numa festa, eu aceitaria.</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	1	2,3	3	6,8	1	4,0	4	3,9
<b>Concordo</b>	7	16,3	11	25,0	9	36,0	30	29,1
<b>Discordo</b>	9	20,9	10	22,7	6	24,0	39	37,9
<b>Discordo totalmente</b>	19	44,2	11	25,0	7	28,0	23	22,3
<b>Não sei</b>	6	14,0	7	15,9	2	8,0	6	5,8
<b>Total</b>	42	97,7	42	95,5	25	100,0	102	99,0
<i>Missing</i>	1	2,3	2	4,5			1	1,0
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0			103	100,0

Cruzando estes resultados com os anteriores, os jovens acabam por consumir mais bebidas alcoólicas, porque são incentivados pelos amigos e querem sentir-se mais integrados e aceites pelo grupo.

- **Se os meus amigos me incentivassem a consumir bebidas alcoólicas, eu acabaria por consumir mais do que é costume.**

Observamos na Tabela 312 que a maior parte dos alunos (76,8% do 7.º ano, 61,4% do 8.º ano, 76% do 9.º ano e 76,7% do 10.º ano) considera que se os seus amigos o incentivassem a consumir bebidas alcoólicas, não acabaria por consumir mais do que é costume.

Também no questionário aplicado anteriormente ao programa de prevenção, verificamos que 73,6% dos inquiridos do 9.º ano, 76,7% do 10.º ano, 84,6% do 11.º ano

e 88,3% do 12.º ano, acabam por não consumir álcool, mais do que é o seu costume, mesmo que incentivados pelos amigos.

Tendo em conta os resultados anteriores, percebe-se que cerca de metade da amostra é permeável ao consumo pela influência dos amigos, mas não é esse facto que os leva a consumir maiores quantidades que o habitual.

Tabela 312

*Frequências absolutas e percentagens da variável “Se os meus amigos me incentivassem a consumir bebidas alcoólicas, eu acabaria por consumir mais do que é costume.”*

<i>Se os meus amigos me incentivassem a consumir bebidas alcoólicas, eu acabaria por consumir mais do que é costume</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	2	4,6	2	4,5			6	5,8
<b>Concordo</b>	2	4,6	7	15,9	3	12,0	14	13,6
<b>Discordo</b>	11	25,6	11	25,0	8	32,0	45	43,7
<b>Discordo totalmente</b>	22	51,2	16	36,4	11	44,0	34	33,0
<b>Não sei</b>	6	14,0	7	15,9	2	8,0	4	3,9
<b>Total</b>	43	100,0	43	97,7	24	96,0	103	100,0
<i>Missing</i>			1	2,3	1	4,0		
<i>Total</i>			44	100,0	25	100,0		

➤ **Se a maioria dos meus amigos consumirem bebidas alcoólicas, sinto-me tentado a beber.**

O facto de os amigos beberem constitui uma influência tácita (“tentação”), para 37,2% dos alunos do 7.º ano, para 36,4% dos do 8.º ano, para 56% do 9.º ano e 40,8% do 10.º ano, evidente na Tabela 313, bem como para 43,6% dos adolescentes do 9.º ano, para 40,6% do 10.º ano, para 35% do 11.º ano e para 27,9% do 12.º ano, do questionário anterior, para que persigam aquele comportamento. Contudo, a maior parte dos alunos do questionário anterior (49,3% dos alunos do 9.º ano, 54,2% do 10.º ano, 64,1% do 11.º ano e 71,2% do 12.º ano), bem como cerca de metade dos alunos do 7.º ano (55,8%), do 8.º ano (50%) e do 10.º ano (55,3%) e 40% do 9.º ano, considera que se a

maioria dos seus amigos consumir bebidas alcoólicas, não se sentiria tentado a beber, havendo uma pequena percentagem de indecisos.

Tabela 313

Frequências absolutas e percentagens da variável “Se a maioria dos meus amigos consumirem bebidas alcoólicas, sinto-me tentado a beber.”

<i>Se a maioria dos meus amigos consumirem bebidas alcoólicas, sinto-me tentado a beber</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	4	9,3	5	11,4	5	20,0	5	4,9
<b>Concordo</b>	12	27,9	11	25,0	9	36,0	37	35,9
<b>Discordo</b>	8	18,6	10	22,7	5	20,0	31	30,1
<b>Discordo totalmente</b>	16	37,2	12	27,3	5	20,0	26	25,2
<b>Não sei</b>	2	4,7	5	11,4	1	4,0	4	3,9
<b>Total</b>	42	97,7	43	97,7	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>	1	2,3	1	2,3				
<i>Total</i>	43	100,0	44	100,0				

➤ **Os jovens consomem bebidas alcoólicas porque se sentem aborrecidos ou tristes.**

Apesar das opiniões se distribuírem pela concordância e pela discordância, conforme dados da Tabela 314, a maior parte dos alunos do 7.º (48,8%) e do 8.º ano (56,8%) considera que os jovens consomem bebidas alcoólicas porque se sentem aborrecidos e tristes, já a maior parte dos alunos do 9.º (48%) e do 10.º ano (47,5%) discordam deste facto.

No questionário aplicado previamente ao programa de prevenção, predominam os alunos que consideram que os jovens não consomem bebidas alcoólicas porque se sentem aborrecidos ou tristes, com 52,8% dos alunos do 9.º ano, 46,6% do 10.º ano, 48,7% do 11.º ano e 67,6% do 12.º ano, sendo poucos os alunos indecisos.

Tabela 314

Frequências absolutas e percentagens da variável “Os jovens consomem bebidas alcoólicas porque se sentem aborrecidos ou tristes.”

<i>Os jovens consomem bebidas alcoólicas porque se sentem aborrecidos ou tristes</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	8	18,6	7	15,9	1	4,0	4	3,9
<b>Concordo</b>	13	30,2	18	40,9	7	28,0	44	42,8
<b>Discordo</b>	14	32,6	8	18,2	9	36,0	33	32,0
<b>Discordo totalmente</b>	3	7,0	8	18,2	3	12,0	16	15,5
<b>Não sei</b>	5	11,6	3	6,8	5	20,0	6	5,8
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0	25	100,0	103	100,0

Cruzando estes dados com dados da parte II, verificamos que os alunos procuram essencialmente obter alegria, quando consomem bebidas alcoólicas, sendo também esse um dos principais efeitos que obtém, o que significa que muitas vezes bebem porque estão aborrecidos e tristes, procurando modificar esse estado de espírito.

➤ **Os jovens consomem bebidas alcoólicas para relaxar ou acalmar os nervos.**

Verificamos na Tabela 315 que a maior parte dos respondentes deste questionário (53,5% do 7.º ano, 56,8% do 8.º ano, 60% do 9.º ano e 58,7% do 10.º ano), bem como a maior parte dos respondentes do questionário aplicado antes do programa de prevenção (47,9% do 9.º ano, 64% do 10.º ano, 53,9% do 11.º ano e 48,7% do 12.º ano) concorda que os jovens consomem bebidas alcoólicas para relaxar ou acalmar os nervos e não porque se sentem aborrecidos ou triste, de acordo com a questão anterior. Contudo, na parte II os alunos procuram obter essencialmente alegria e diversão, e não relaxar ou acalmar os nervos.

Tabela 315

Frequências absolutas e percentagens da variável “Os jovens consomem bebidas alcoólicas para relaxar ou acalmar os nervos.”

<i>Os jovens consomem bebidas alcoólicas para relaxar ou acalmar os nervos</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	7	16,3	8	18,2	4	16,0	9	8,7
<b>Concordo</b>	16	37,2	17	38,6	11	44,0	52	50,5
<b>Discordo</b>	9	20,9	7	15,9	5	20,0	25	24,3
<b>Discordo totalmente</b>	3	7,0	8	18,2	2	8,0	10	9,7
<b>Não sei</b>	7	16,3	4	9,1	2	8,0	7	6,8
<b>Total</b>	42	97,7	44	100,0	24	96,0	103	100,0
<i>Missing</i>	1	2,3			1	4,0		
<b>Total</b>	43	100,0			25	100,0		

➤ **Os jovens consomem bebidas alcoólicas para se sentirem mais adultos.**

Analisando os dados da Tabela 316, observamos que cerca de 2/3 dos alunos (65,1% do 7.º ano, 65,9% do 8.º ano, 64% do 9.º ano e 67% do 10.º ano), concorda que os jovens consomem bebidas alcoólicas para se sentirem mais adultos, bem como mais de metade dos alunos dos quatro anos de escolaridade, 61,4% do 9.º ano, 62,4% do 10.º ano, 58,2% do 11.º ano e 57,7% do 12.º ano, dos alunos que responderam ao questionário antes do programa de prevenção. O consumo de bebidas alcoólicas é encarado como um ato de emancipação dos jovens, pois apesar de ser uma droga lícita, a sua venda e consumo só deve ser permitida a partir dos 16 anos, para vinho e cerveja e dos 18 anos, para as bebidas espirituosas (Decreto-Lei 50/2013, de 16 de abril), pelo que é necessário atingir a maioridade para o seu consumo legal.

Tabela 316

Frequências absolutas e percentagens da variável “Os jovens consomem bebidas alcoólicas para se sentirem mais adultos.”

<i>Os jovens consomem bebidas alcoólicas para se sentirem mais adultos</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	12	27,9	11	25,0	5	20,0	17	16,5
<b>Concordo</b>	16	37,2	18	40,9	11	44,0	52	50,5
<b>Discordo</b>	7	16,3	7	15,9	3	12,0	21	20,4
<b>Discordo totalmente</b>	4	9,3	6	13,6	6	24,0	8	7,8
<b>Não sei</b>	4	9,3	2	4,5			5	4,9
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0	25	100,0	103	100,0

➤ **Consigo facilmente resistir ao consumo de bebidas alcoólicas.**

Verificamos na Tabela 317 que a maior parte dos alunos (79% do 7.º ano, 61,4% do 8.º ano, 76% do 9.º ano e 82,6% do 10.º ano), bem como a grande maioria dos alunos respondentes do primeiro questionário (82,8% dos alunos do 9.º ano, 87,1% do 10.º ano, 91,5% do 11.º ano e 92,8% do 12.º ano) consideram que conseguem facilmente resistir ao consumo de bebidas alcoólicas, havendo uma pequena percentagem de hesitantes.

Tabela 317

Frequências absolutas e percentagens da variável “Consigo facilmente resistir ao consumo de bebidas alcoólicas.”

<i>Consigo facilmente resistir ao consumo de bebidas alcoólicas</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Discordo totalmente</b>	2	4,7	4	9,1	2	8,0	6	5,8
<b>Discordo</b>	1	2,3	7	15,9	2	8,0	10	9,7
<b>Concordo</b>	9	20,9	13	29,5	8	32,0	34	33,0
<b>Concordo totalmente</b>	25	58,1	14	31,9	11	44,0	51	49,6
<b>Não sei</b>	6	14,0	2	4,5	2	8,0	2	1,9
<b>Total</b>	43	100,0	40	90,9	25	100,0	103	100,0
<b>Missing</b>			4	9,1				
<b>Total</b>			44	100,0				

Os jovens não terão ainda bem a noção dos perigos associados ao consumo de álcool, nomeadamente não tanto da possibilidade, mas sim da facilidade com que o álcool pode criar dependência física e psíquica, pelo que consideram que conseguem facilmente resistir ao consumo de bebidas alcoólicas.

➤ **O consumo de álcool dificulta a aceitação pelo meu grupo de amigos.**

Na Tabela 318, a maior parte dos alunos (60,4% do 7.º ano, 56,8% do 8.º ano, 68% do 9.º ano e 77,7% do 10.º ano) discorda ou discorda totalmente que o consumo de álcool dificulte a aceitação pelo seu grupo de amigos, tal como a maioria dos respondentes do primeiro questionário (70% no 9.º ano, 83,5% no 10.º ano, 85,5% no 11.º ano e 92,8% no 12.º ano). Estes resultados estão em coerência com os encontrados anteriormente, no que diz respeito à decisão de consumir álcool, quando a maioria dos amigos segue um comportamento de consumo, a fim de não contrastar com o grupo, apesar de, cerca de metade dos respondentes considerar novamente, que o consumo de álcool não facilita a integração no grupo de amigos, permeando, antes, a sua aceitação.

Tabela 318

*Frequências absolutas e percentagens da variável “O consumo de álcool dificulta a aceitação pelo meu grupo de amigos”.*

<i>O consumo de álcool dificulta a aceitação pelo meu grupo de amigos</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	5	11,6	6	13,6	2	8,0	3	2,9
<b>Concordo</b>	3	7,0	7	15,9	6	24,0	11	10,7
<b>Discordo</b>	13	30,2	14	31,8	6	24,0	42	40,8
<b>Discordo totalmente</b>	13	30,2	11	25,0	11	44,0	38	36,9
<b>Não sei</b>	9	20,9	4	9,1			9	8,7
<b>Total</b>	43	100,0	42	95,5	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>			2	4,5				
<i>Total</i>			44	100,0				

➤ **O consumo de álcool torna o jovem mais adulto.**

Apesar de mais de metade dos alunos que responderam ao questionário aplicado antes do programa de prevenção de consumo de álcool ter referido anteriormente que considera que os jovens consomem bebidas alcoólicas para se sentirem mais adultos, nesta questão, a maior parte (79,3% no 9.º ano, 84,2% no 10.º ano, 88,8% no 11.º ano e 90,1% no 12.º ano) considera que o consumo de álcool não torna o jovem mais adulto. Existe uma pequena percentagem de alunos indecisos. A mesma tendência se verifica nas respostas ao questionário aplicado após o programa de prevenção, onde a maior parte dos alunos (79,1% do 7.º ano, 72,7% do 8.º ano, 76% do 9.º ano e 76,7% do 10.º ano) também considera que o consumo de álcool não torna o jovem mais adulto, apesar de considerarem que consomem para se tornarem mais adultos (Tabela 319).

Tabela 319  
Frequências absolutas e percentagens da variável “O consumo de álcool torna o jovem mais adulto.”

<i>O consumo de álcool torna o jovem mais adulto</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	3	7,0	4	9,1	1	4,0	2	1,9
<b>Concordo</b>	2	4,7	6	13,6	4	16,0	17	16,5
<b>Discordo</b>	12	27,9	13	29,5	4	16,0	31	30,1
<b>Discordo totalmente</b>	22	51,2	19	43,2	15	60,0	48	46,6
<b>Não sei</b>	4	9,3			1	4,0	4	3,9
<b>Total</b>	43	100,0	42	95,5	25	100,0	102	99,0
<i>Missing</i>			2	4,5			1	1,0
<i>Total</i>			44	100,0			103	100,0

➤ **O consumo de álcool é um meio de o jovem se afirmar.**

Apesar de mais de metade dos respondentes, quer do primeiro, quer do segundo questionário, considerar que o consumo de álcool não é um meio de se afirmarem, 37,3% dos alunos do 7.º ano, 40,9% do 8.º ano, 40% do 9.º ano e 28,1% do segundo questionário (Tabela 320) e 33,6% dos alunos do 9.º ano, 30,1% do 10.º ano, 29,9% do 11.º ano e 23,4% do 12.º ano, do primeiro questionário, dão esta importância ao álcool.

Tabela 320

Frequências absolutas e percentagens da variável "O consumo de álcool é um meio de o jovem se afirmar."

<i>O consumo de álcool é um meio de o jovem se afirmar</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	6	14,0	7	15,9	3	12,0	6	5,8
<b>Concordo</b>	10	23,3	11	25,0	7	28,0	23	22,3
<b>Discordo</b>	7	16,3	14	31,8	2	8,0	35	34,0
<b>Discordo totalmente</b>	15	34,9	8	18,2	12	48,0	34	33,0
<b>Não sei</b>	5	11,6	3	6,8	1	4,0	5	4,9
<b>Total</b>	43	100,0	43	97,7	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>			1	2,3				
<i>Total</i>			44	100,0				

É imperioso capacitar os alunos para se conseguirem afirmar através da razão, da coerência, da argumentação e da defesa dos seus pontos de vista e não através do consumo de álcool.

➤ **Os jovens que consomem bebidas alcoólicas bebem para fugir à realidade.**

Observamos na Tabela 321 que a maior parte dos alunos (46,6% do 7.º ano, 63,6% do 8.º ano, 44% e 53,4% do 10.º ano) considera que os jovens consomem bebidas alcoólicas para fugir à realidade. Comparando estes resultados com os obtidos no questionário aplicado antes do programa de prevenção de consumo de álcool, verificamos que mais de metade dos adolescentes do 9.º ano (51,5%) e do 10.º ano (60,2%) e quase metade no 11.º ano (49,6%) e no 12.º ano (45,1%) consideram que os jovens bebem para fugir à realidade.

Na verdade, esse é precisamente um dos efeitos desta substância psicoativa: alteração de consciência, que lhes permite fugir momentaneamente da realidade.

Urge capacitar os jovens para desenvolverem a aptidão de enfrentarem e resolverem os seus problemas.

Tabela 321

Frequências absolutas e percentagens da variável “Os jovens que consomem bebidas alcoólicas bebem para fugir à realidade”.

<i>Os jovens que consomem bebidas alcoólicas bebem para fugir à realidade</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	6	14,0	14	31,8	4	16,0	12	11,7
<b>Concordo</b>	14	32,6	14	31,8	7	28,0	43	41,7
<b>Discordo</b>	10	23,3	12	27,3	5	20,0	31	30,1
<b>Discordo totalmente</b>	5	11,6	1	2,3	5	20,0	6	5,8
<b>Não sei</b>	8	18,6	2	4,5	4	16,0	11	10,7
<b>Total</b>	43	100,0	43	97,7	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>			1	2,3				
<i>Total</i>			44	100,0				

➤ **Consumir bebidas alcoólicas melhora a capacidade de memorização.**

Verificamos na Tabela 322 que a grande maioria dos alunos (97,7% do 7.º e do 8.º anos, 92% do 9.º ano e 99% do 10.º ano) está certa que o consumo de bebidas alcoólicas não melhora a capacidade de memorização, havendo apenas três alunos que concordam com esta capacidade do álcool e um aluno desconhece. O mesmo se verifica com os alunos do primeiro questionário, onde a grande maioria dos adolescentes (85,1% do 9.º ano, 85% do 10.º ano, 87,2% do 11.º ano e 91,9% do 12.º ano) discorda que o consumo de álcool melhora a capacidade de memorização e menos de 10% estão indecisos.

Tabela 322

Frequências absolutas e percentagens da variável “Consumir bebidas alcoólicas melhora a capacidade de memorização.”

<i>Consumir bebidas alcoólicas melhora a capacidade de memorização</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>					1	4,0		
<b>Concordo</b>					1	4,0	1	1,0
<b>Discordo</b>	10	23,3	13	29,5	3	12,0	36	35,0
<b>Discordo totalmente</b>	32	74,4	30	68,2	20	80,0	66	64,0
<b>Não sei</b>	1	2,3						
<b>Total</b>	43	100,0	43	97,7	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>			1	2,3				
<i>Total</i>			44	100,0				

➤ **Consumir bebidas alcoólicas melhora o desempenho académico.**

Os resultados obtidos nesta variável e traduzidos na Tabela 323 e na tabela anterior são muito semelhantes, onde novamente a grande maioria dos alunos (97,7% do 7.º e do 8.º anos, 92% do 9.º ano e 100% do 10.º ano) considera que consumir bebidas alcoólicas não melhora em nada o desempenho académico. A mesma opinião é partilhada pelos alunos do primeiro questionário, onde a grande maioria dos alunos (84,3% do 9.º ano, 86,5% do 10.º ano, 88% do 11.º ano e 94,6% do 12.º ano) é da opinião que o consumo de bebidas alcoólicas não melhora o desempenho académico. Menos de 10% dos alunos desconhecem se o álcool produz ou não esse efeito.

Tabela 323

Frequências absolutas e percentagens da variável "Consumir bebidas alcoólicas melhora o desempenho académico."

<i>Consumir bebidas alcoólicas melhora o desempenho académico</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>					1	4,0		
<b>Concordo</b>					1	4,0		
<b>Discordo</b>	10	23,3	11	25,0	3	12,0	31	30,1
<b>Discordo totalmente</b>	32	74,4	32	72,7	20	80,0	72	69,9
<b>Não sei</b>	1	2,3						
<b>Total</b>	43	100,0	43	97,7	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>			1	2,3				
<i>Total</i>			44	100,0				

Cruzando estes dados com os da questão anterior, se o álcool funciona como um inibidor da transmissão do impulso nervoso, diminui a capacidade de memorização e de realização de tarefas, pelo que afeta negativamente o desempenho académico.

➤ **Consumir bebidas alcoólicas melhora a capacidade de relacionamento com os outros.**

De acordo com os dados da Tabela 324 verificamos que a maior parte dos alunos do 7.º (81,4%), 9.º ano (76%) e de 10.º ano (79,7%) não concorda que consumir bebidas alcoólicas melhore a capacidade de relacionamento com os outros, estando os alunos do 8.º ano mais divididos.

Comparando com os resultados obtidos no questionário aplicado antes do programa de prevenção, mais de metade dos alunos dos quatro anos de escolaridade considera que o consumo de bebidas alcoólicas não melhora a capacidade de relacionamento com os outros. Contudo, 18,6% no 9.º ano, 36,9% no 10.º ano, 30,7% no 11.º ano e 32,5% no 12.º ano consideram que o álcool melhora a capacidade de relacionamento com os outros.

Tabela 324

Frequências absolutas e percentagens da variável “Consumir bebidas alcoólicas melhora a capacidade de relacionamento com os outros.”

<i>Consumir bebidas alcoólicas melhora a capacidade de relacionamento com os outros</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	3	7,0	2	4,5	2	8,0		
<b>Concordo</b>	1	2,3	16	36,4	4	16,0	17	16,5
<b>Discordo</b>	14	32,6	16	36,4	11	44,0	53	51,5
<b>Discordo totalmente</b>	21	48,8	7	15,9	8	32,0	29	28,2
<b>Não sei</b>	3	7,0	3	6,8			4	3,9
<b>Total</b>	42	97,7	44	100,0	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>	1	2,3						
<b>Total</b>	43	100,0						

Tal como já foi referido anteriormente, o consumo moderado de álcool pode ter um efeito desinibidor, parecendo facilitar a convivência. Contudo, não passa de uma ilusão, pois nem sempre é possível controlar os consumos nesse ponto e a relação com os outros torna-se pouco profunda e aparente. Para além disso, passado o efeito do álcool, a pessoa deixa de ter autoconfiança e capacidade para se relacionar naturalmente com os outros.

➤ **O álcool torna as pessoas mais bonitas.**

Apesar da maior parte dos respondentes dos dois questionários discordar que o álcool torna as pessoas mais bonitas, existe maior percentagem de alunos a defender esta opinião no questionário aplicado antes do programa de prevenção de consumos (87,2% do 9.º ano, 77,5% do 10.º ano, 92,3% do 11.º ano e 92,8% do 12.º ano e menos de 10% dos alunos desconhece se o álcool provoca este efeito), do que depois do programa de prevenção (74,4% do 7.º ano, 65,9% do 8.º ano, 64% do 9.º ano e 79,6% do 10.º ano) (Tabela 325).

Tabela 325

Frequências absolutas e percentagens da variável “O álcool torna as pessoas mais bonitas.”

<i>O álcool torna as pessoas mais bonitas</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	4	9,3	4	9,1	1	4,0	4	3,9
<b>Concordo</b>	3	7,0	10	22,7	6	24,0	15	14,6
<b>Discordo</b>	11	25,6	13	29,5	3	12,0	39	37,9
<b>Discordo totalmente</b>	21	48,8	16	36,4	13	52,0	43	41,7
<b>Não sei</b>	3	7,0	1	2,3	2	8,0	2	1,9
<b>Total</b>	42	97,7	44	100,0	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>	1	2,3						
<i>Total</i>	43	100,0						

Como o consumo abusivo de álcool tende a alterar/turvar a visão, pode haver uma alteração da consciência e as imagens podem ser recebidas ligeiramente deturpadas, podendo fazer os outros parecerem mais bonitos. Contudo, não passa de uma imagem virtual e enganosa, que voltará à realidade, à medida que passa o efeito do álcool.

➤ **O vinho é uma bebida leve, pois contém menos álcool do que as outras bebidas.**

Nesta questão, verificamos na Tabela 326 que houve algumas divergência nas respostas, onde a maior parte dos alunos do 7.º ano (46,5%), do 9.º ano (60%) e do 10.º ano (45,7%) e apenas 38,6% dos alunos do 8.º ano, não considera o vinho uma bebida leve, pelo facto de conter menos álcool do que as outras bebidas. Também comungam desta opinião 45,5% dos alunos do 9.º ano, 42,1% do 10.º ano, 49,6% do 11.º ano e 62,1% do 12.º ano, que responderam ao primeiro questionário, apesar de entre 20 e 28% dos alunos destes quatro anos de escolaridade concordar que o vinho é menos nefasto.

A quantidade de álcool que a pessoa ingere depende da quantidade de doses que ela toma. Uma bebida pode conter menor teor alcoólico, por dose, mas se for consumida em maior quantidade de doses, o efeito pode ser bem pior. (ABEAD, n.d.; CISA, 2011)

Tabela 326

Frequências absolutas e percentagens da variável “O vinho é uma bebida leve, pois contém menos álcool do que as outras bebidas.”

<i>O vinho é uma bebida leve, pois contém menos álcool do que as outras bebidas</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	3	7,0	6	13,6	1	4,0	5	4,9
<b>Concordo</b>	12	27,9	15	34,1	5	20,0	31	30,1
<b>Discordo</b>	13	30,2	10	22,7	9	36,0	32	31,1
<b>Discordo totalmente</b>	7	16,3	7	15,9	6	24,0	15	14,6
<b>Não sei</b>	7	16,3	5	11,4	4	16,0	20	19,4
<b>Total</b>	42	97,7	43	97,7	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>	1	2,3	1	2,3				
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0				

Esta ideia errónea de que o vinho é considerado uma bebida leve, conduz a que seja permitido o seu consumo a partir dos 16 anos, mas os nossos governantes esquecem-se que esta bebida, ao ser despenalizado o seu consumo (Decreto-Lei 50/2013, de 16 de abril), acaba por ser mais consumida e em maiores quantidades, provocando efeitos devastadores nos jovens.

➤ **O álcool permite controlar o peso.**

Verificamos na Tabela 327 que as opiniões se inclinam predominantemente para a discordância de que o álcool permite controlar o peso, havendo 90,7% de alunos do 7.º ano, 93,2% do 8.º ano, 84% do 9.º ano e 89,3% do 10.º ano.

Antes do programa de prevenção de consumos as opiniões também se inclinam para a discordância que o álcool permite controlar o peso, embora em menor percentagem (66,5% dos alunos do 9.º ano, 68,4% do 10.º ano, 74,4% do 11.º ano e 88,3% do 12.º ano). O programa de prevenção poderá ter ajudado a esclarecer os alunos nesta questão.

Tabela 327

Frequências absolutas e percentagens da variável “O álcool permite controlar o peso.”

<i>O álcool permite controlar o peso</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	1	2,3			1	4,0		
<b>Concordo</b>							3	2,9
<b>Discordo</b>	16	37,2	23	52,3	8	32,0	49	47,6
<b>Discordo totalmente</b>	23	53,5	18	40,9	13	52,0	43	41,7
<b>Não sei</b>	1	2,3	3	6,8	3	12,0	8	7,8
<b>Total</b>	41	95,3	44	100,0	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>	2	4,7						
<i>Total</i>	43	100,0						

➤ **O álcool é afrodisíaco.**

Novamente observamos na Tabela 328 que as opiniões se inclinam para a discordância de que o álcool é afrodisíaco (95% no 7.º ano, 93,2% no 8.º ano, 82% no 9.º ano e 87,4% no 10.º ano). Comparando com os resultados obtidos antes da aplicação do programa, a maior parte dos alunos do 9.º, 10.º e 11.º anos, desconhece se o álcool é afrodisíaco, estando no 12.º ano as opiniões divididas entre a concordância (35,5%) e a discordância (45%). Verificamos que aqui o programa de prevenção foi esclarecedor, porque depois deste, há menor percentagem de alunos que desconhece e que concorda que o álcool é afrodisíaco.

Tabela 328

Frequências absolutas e percentagens da variável “O álcool é afrodisíaco.”

<i>O álcool é afrodisíaco</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>							1	1,0
<b>Concordo</b>	3	7,0			1	4,0	2	1,9
<b>Discordo</b>	17	39,5	25	56,8	15	60,0	59	57,3
<b>Discordo totalmente</b>	20	46,5	16	36,4	8	32,0	31	30,1
<b>Não sei</b>	2	4,7	2	4,5	1	4,0	10	9,7
<b>Total</b>	42	97,7	43	97,7	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>	1	2,3	1	2,3				
<i>Total</i>	43	100,0	44	100,0				

➤ **Beber azeite faz diminuir a taxa de alcoolemia.**

Enquanto antes da aplicação do programa de prevenção de consumos, a maior parte dos alunos, dos quatro anos de escolaridade, desconhece se beber azeite diminui a taxa de alcoolemia, já a grande maioria dos alunos respondentes após o programa (Tabela 329) discorda que o azeite faz diminuir a taxa de alcoolemia, pelo que podemos concluir que os alunos foram esclarecidos.

Tabela 329

Frequências absolutas e percentagens da variável “Beber azeite faz diminuir a taxa de alcoolemia”.

<i>Beber azeite faz diminuir a taxa de alcoolemia</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>								
<b>Concordo</b>							2	1,9
<b>Discordo</b>	17	39,5	19	43,2	7	28,0	38	36,9
<b>Discordo totalmente</b>	16	37,2	21	47,7	15	60,0	34	33,0
<b>Não sei</b>	9	20,9	3	6,8	3	12,0	29	28,2
<b>Total</b>	42	97,7	43	97,7	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>	1	2,3	1	2,3				
<i>Total</i>	43	100,0	44	100,0				

Trata-se de um dos muitos mitos associados ao consumo de álcool, pois beber azeite nada faz para diminuir a taxa de alcoolemia do sangue, que só diminuirá com o tempo.

➤ **O álcool mata a sede.**

Apesar de tanto antes da aplicação do programa como depois, a maioria dos alunos não consideram que o álcool mate a sede, sendo a percentagem de discordância muito superior depois, de acordo com a Tabela 330 (com 97,7% no 7.º e 8.º anos, 100% no 9.º ano e 90,2%) do que antes (59,3% do 9.º ano, 55,7% do 10.º ano, 67,5% do 11.º ano e 72,9% do 12.º ano). O programa terá esclarecido que quando se toma uma bebida alcoólica, uma considerável quantidade de água, que faz falta ao organismo, sai pela urina, aumentando a concentração de soluto no sangue e aumentando assim a necessidade de água no organismo, logo a sede vai-se agravando, o que significa que o álcool não mata a sede. (Breda, 1996).

Tabela 330  
Frequências absolutas e percentagens da variável “O álcool mata a sede.”

<i>O álcool mata a sede</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>							1	1,0
<b>Concordo</b>							4	3,9
<b>Discordo</b>	11	25,6	14	31,8	5	20,0	51	49,5
<b>Discordo totalmente</b>	31	72,1	29	65,9	20	80,0	42	40,7
<b>Não sei</b>			1	2,3			5	4,9
<b>Total</b>	42	97,7	44	100,0	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>	1	2,3						
<b>Total</b>	43	100,0						

➤ **Mascar pastilha elástica faz diminuir a taxa de alcoolemia.**

Comparando ao resultados antes e depois do programa, apuramos que antes cerca de metade dos alunos não sabe se mascar pastilha elástica faz diminuir a taxa de alcoolemia, seguindo-se aqueles que discordam desta capacidade da pastilha elástica (27,2% do 9.º ano, 29,3% do 10.º ano, 34,1% do 11.º ano e 43,3% do 12.º ano). Depois

do programa, conforme atesta a Tabela 331, a percentagem de desconhecimento diminui e aumenta bastante a percentagem de discordância (86% no 7.º ano, 93,2% no 8.º ano, 100% no 9.º ano e 78,6% no 10.º ano).

Trata-se de mais um mito relacionado com o consumo de álcool, pois mascar pastilha elástica pode “mascarar” o hálito da pessoa, não alterando a taxa de alcoolemia.

Tabela 331

*Frequências absolutas e percentagens da variável “Mascar pastilha elástica faz diminuir a taxa de alcoolemia.”*

<i>Mascar pastilha elástica faz diminuir a taxa de alcoolemia</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>							1	1,0
<b>Concordo</b>							1	1,0
<b>Discordo</b>	9	20,9	20	45,5	8	32,0	38	36,9
<b>Discordo totalmente</b>	28	65,1	21	47,7	17	68,0	43	41,7
<b>Não sei</b>	5	11,7	2	4,5			20	19,4
<b>Total</b>	42	97,7	43	97,7	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>	1	2,3	1	2,3				
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0				

### ➤ O álcool alimenta.

Apesar de antes do programa de prevenção, cerca de ¾ dos alunos respondentes (76,5% do 9.º ano, 72,9% do 10.º ano, 79,5% do 11.º ano e 82% do 12.º ano) considerar que o álcool não alimenta, depois da aplicação do programa, a percentagem de alunos a defender esta ideia é superior (93,1% no 7.º ano, 95,4% no 8.º ano, 92% no 9.º ano e 91,2% no 10.º ano), de acordo com os dados da Tabela 332. O programa terá sido esclarecedor neste sentido.

Tabela 332

Frequências absolutas e percentagens da variável "O álcool alimenta".

<i>O álcool alimenta</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>					2	8,0	1	1,0
<b>Concordo</b>							4	3,9
<b>Discordo</b>	10	23,3	18	40,9	4	16,0	33	32,0
<b>Discordo totalmente</b>	30	69,8	24	54,5	19	76,0	61	59,2
<b>Não sei</b>	2	4,6	1	2,3			4	3,9
<b>Total</b>	42	97,7	43	97,7	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>	1	2,3	1	2,3				
<i>Total</i>	43	100,0	44	100,0				

Voltamos a falar de mais um mito relacionado com o álcool, que não é um nutriente, pois produz calorias inúteis/vazias (7 quilocalorias por grama) para os músculos e não sendo utilizado no funcionamento das células (Breda, 1996).

➤ **Um alcoólico é uma pessoa que se embebda com muita frequência.**

Cerca de 80% dos alunos respondentes no primeiro questionário (78,6% do 9.º ano, 82,7% do 10.º ano, 81,2% do 11.º ano e 78,4% do 12.º ano), bem como 69,8% do 7.º ano, 68,2% do 8.º ano, 72% do 9.º ano e 79,6% do 10.º ano (Tabela 333), concorda que um alcoólico é uma pessoa que bebe muito.

Tabela 333

Frequências absolutas e percentagens da variável “Um alcoólico é uma pessoa que se embেbe com muita frequência”.

<i>Um alcoólico é uma pessoa que se embেbe com muita frequência</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	22	51,2	19	43,2	11	44,0	38	36,9
<b>Concordo</b>	8	18,6	11	25,0	7	28,0	44	42,7
<b>Discordo</b>	4	9,3	7	15,9	5	20,0	13	12,6
<b>Discordo totalmente</b>	6	14,0	3	6,8	2	8,0	4	3,9
<b>Não sei</b>	2	4,6	3	6,8			4	3,9
<b>Total</b>	42	97,7	43	97,7	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>	1	2,3	1	2,3				
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0				

➤ **O álcool abre o apetite.**

Analisando os dados da Tabela 334, verifica-se uma melhoria nos conhecimentos após o programa de prevenção, pois existe maior percentagem de alunos que considera que o álcool não abre o apetite, com 72,2% no 7.º ano, 95,4% no 8.º ano, 92% no 9.º ano e 77,7% no 10.º ano, enquanto antes tínhamos apenas 46,4% do 9.º ano, 41,4% do 10.º ano, 57,3% do 11.º ano e 63,9% do 12.º ano.

Tabela 334

Frequências absolutas e percentagens da variável “O álcool abre o apetite”.

<i>O álcool abre o apetite</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	1	2,3	1	2,3			2	1,9
<b>Concordo</b>	5	11,6			1	4,0	10	9,7
<b>Discordo</b>	13	30,3	21	47,7	12	48,0	53	51,5
<b>Discordo totalmente</b>	18	41,9	21	47,7	11	44,0	27	26,2
<b>Não sei</b>	5	11,6	1	2,3	1	4,0	11	10,7
<b>Total</b>	42	97,7	44	100,0	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>	1	2,3						
<b>Total</b>	43	100,0						

➤ **Fumar abundantemente faz diminuir a taxa de alcoolemia.**

Enquanto antes do programa de prevenção, as respostas se dividem entre os alunos que desconhecem se fumar abundantemente faz diminuir a taxa de alcoolemia e os que discordam (45,7% do 9.º ano, 40,6% do 10.º ano, 49,5% do 11.º ano e 59,5% do 12.º ano), depois do programa e de acordo com a Tabela 335, a grande maioria dos alunos (88,4% do 7.º ano, 95,4% do 8.º ano, 96% do 9.º ano e 83,5% do 10.º ano) considera que fumar abundantemente não faz diminuir a taxa de alcoolemia, pelo que estes alunos terão sido esclarecidos durante o programa.

Trata-se de mais um mito, pois fumar apenas disfarça o hálito a álcool.

Tabela 335

*Frequências absolutas e percentagens da variável “Fumar abundantemente faz diminuir a taxa de alcoolemia.”*

<i>Fumar abundantemente faz diminuir a taxa de alcoolemia.</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	1	2,3					1	1,0
<b>Concordo</b>							1	1,0
<b>Discordo</b>	10	23,3	13	29,5	8	32,0	34	33,0
<b>Discordo totalmente</b>	28	65,1	29	65,9	16	64,0	52	50,5
<b>Não sei</b>	3	7,0	1	2,3	1	4,0	15	14,6
<b>Total</b>	42	97,7	43	97,7	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>	1	2,3	1	2,3				
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0				

➤ **Consumir bebidas alcoólicas dificulta a capacidade de concentração.**

Averiguamos um predomínio dos alunos que consideram que consumir bebidas alcoólicas dificulta a capacidade de concentração, quer no questionário aplicado antes, com 71,5% no 9.º ano, 79,6% no 10.º ano, 81,2% no 11.º ano e 83,8% no 12.º ano, quer no questionário aplicado depois do programa de prevenção, com 88,4% no 7.º ano, 95,5% no 8.º ano, 80% no 9.º ano e 92,2% no 10.º ano (Tabela 336), sendo a percentagem, em geral, superior no segundo questionário.

Devido ao facto do álcool ter um efeito inibidor da transmissão do impulso nervoso, há uma redução da capacidade de concentração (Mello et al., 2001).

Tabela 336

Frequências absolutas e percentagens da variável “Consumir bebidas alcoólicas dificulta a capacidade de concentração.”

<i>Consumir bebidas alcoólicas dificulta a capacidade de concentração</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Discordo totalmente</b>	3	7,0					1	1,0
<b>Discordo</b>					1	4,0	4	3,9
<b>Concordo</b>	8	18,6	20	45,5	11	44,0	43	41,7
<b>Concordo totalmente</b>	30	69,8	22	50,0	9	36,0	52	50,5
<b>Não sei</b>	1	2,3	2	4,5	4	16,0	3	2,9
<b>Total</b>	42	97,7	44	100,0	25	100,0	103	100,0
<b>Missing</b>	1	2,3						
<b>Total</b>	43	100,0						

➤ **Consumir bebidas alcoólicas torna mais fácil arranjar namorado(a).**

A maioria dos alunos dos quatro anos de escolaridade que responderam o questionário antes da aplicação do programa de prevenção de consumos (69,3% do 9.º ano, 64,7% do 10.º ano, 76% do 11.º ano e 79,3% do 12.º ano) considera que o consumo de bebidas alcoólicas não torna mais fácil arranjar namorado(a). Menos de 15% dos alunos desconhece se o álcool provoca esse efeito no álcool. O mesmo se verifica depois da aplicação deste programa, onde 74,4% dos alunos do 7.º ano, 54,5% do 8.º ano, 72% do 9.º ano e 70,9% do 10.º ano discorda de que o consumo de bebidas alcoólicas facilita arranjar namorado(a) e menos de 16% desconhece se isso acontece (Tabela 337).

Se considerarmos que o consumo moderado de bebidas alcoólicas pode desinibir, pode ser entendido como facilitador das relações sociais, tornando mais fácil arranjar namorado(a).

Tabela 337

Frequências absolutas e percentagens da variável “Consumir bebidas alcoólicas torna mais fácil arranjar namorado(a).”

<i>Consumir bebidas alcoólicas torna mais fácil arranjar namorado(a)</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	3	7,0	3	6,8	1	4,0	3	2,9
<b>Concordo</b>	2	4,7	10	22,7	2	8,0	18	17,5
<b>Discordo</b>	12	27,9	14	31,8	6	24,0	35	34,0
<b>Discordo totalmente</b>	20	46,5	10	22,7	12	48,0	38	36,9
<b>Não sei</b>	5	11,6	6	13,7	4	16,0	9	8,7
<b>Total</b>	42	97,7	43	97,7	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>	1	2,3	1	2,3				
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0				

- **Se beber durante as refeições, os efeitos do álcool são obrigatoriamente menores.**

Cerca de metade dos respondentes do primeiro questionário (43,5% do 9.º ano, 55,7% do 10.º ano, 49,6% do 11.º ano e 50,5% do 12.º ano), considera que se o consumo de bebidas alcoólicas for durante as refeições, os efeitos são obrigatoriamente menores, enquanto mais de metade dos respondentes do segundo questionário (62,9% do 7.º ano, 59,1% do 8.º ano, 72% do 9.º ano) considera esses efeitos não são obrigatoriamente menores, tal como verificamos na Tabela 338. Contudo, apesar da divisão de opiniões, a maior parte dos alunos do 10.º ano considera que os efeitos do consumo de bebidas alcoólicas durante as refeições serão obrigatoriamente menores.

Os efeitos podem ser menores em termos de alcoolemia, visto que a absorção é mais lenta, mas poderão existir lesões orgânicas, se a ingestão de álcool for elevada (Breda, 1996). Também é preciso considerar a quantidade de doses que são ingeridas, pois quanto maior for o seu número, piores serão os efeitos.

Tabela 338

Frequências absolutas e percentagens da variável “Se beber durante as refeições, os efeitos do álcool são obrigatoriamente menores.”

<i>Se beber durante as refeições, os efeitos do álcool são obrigatoriamente menores</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	1	2,3	1	2,3			8	7,8
<b>Concordo</b>	5	11,6	11	25,0	6	24,0	35	34,0
<b>Discordo</b>	13	30,2	15	34,1	8	32,0	33	32,0
<b>Discordo totalmente</b>	14	32,7	11	25,0	10	40,0	8	7,8
<b>Não sei</b>	9	20,9	4	9,1	1	4,0	19	18,4
<b>Total</b>	42	97,7	42	95,5	25	100,0	103	100,0
<b>Missing</b>	1	2,3	2	4,5				
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0				

➤ **O consumo de café pode curar a ressaca.**

Enquanto no questionário anterior à aplicação do programa de prevenção, as opiniões se dividem entre o desconhecimento e os que concordam que o café pode curar a ressaca, com 33,6% de alunos do 9.º ano, 45,1% do 10.º ano, 35,% do 11.º ano e 27% do 12.º ano (apesar de haver 34,3% de alunos do 12.º ano que consideram que o café não cura a ressaca), no questionário posterior a este programa, a maioria considera que o álcool não cura a ressaca, com 90,7% no 7.º ano, 95,5% no 8.º ano, 92% no 9.º ano e 69% no 10.º ano, de acordo com os dados da Tabela 339. Concluimos que os alunos foram esclarecidos acerca deste mito.

O desaparecimento do álcool do sangue e do corpo depende exclusivamente do período de tempo, por isso café, duche, ar fresco e outras coisas não resolvem o problema, aumentando a sobriedade. A agravar a situação de desidratação, o café tem uma função diurética (CISA, 2011).

Tabela 339

Frequências absolutas e percentagens da variável “O consumo de café pode curar a ressaca.”

<i>O consumo de café pode curar a ressaca</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>					1	4,0	2	1,9
<b>Concordo</b>			2	4,5	1	4,0	13	12,6
<b>Discordo</b>	15	34,9	16	36,5	7	28,0	37	35,9
<b>Discordo totalmente</b>	24	55,8	24	54,5	16	64,0	34	33,1
<b>Não sei</b>	3	7,0	2	4,5			17	16,5
<b>Total</b>	42	97,7	44	100,0			103	100,0
<i>Missing</i>	1	2,3						
<i>Total</i>	43	100,0						

➤ **O álcool facilita as relações sociais.**

No primeiro questionário verificamos que existe uma divisão das opiniões entre a concordância (com 28,6% para os alunos do 9.º ano, 48,1% do 10.º ano, 49,5% do 11.º ano e 48,6% do 12.º ano) e a discordância (com 51,4% no 9.º ano, 41,4% no 10.º ano, 41,9% no 11.º ano e 46,8% no 12.º ano) de que o álcool facilita as relações sociais. Também no segundo questionário, cujos resultados são apresentados na Tabela 340, as posições se dividem, havendo predomínio da discordância (74,4% no 7.º ano, 45,5% no 8.º ano, 56% no 9.º ano e 46% no 10.º ano), relativamente à concordância (11,6% no 7.º ano, 45,4% no 8.º ano, 36% no 9.º ano e 38,8% no 10.º ano).

Tabela 340

Frequências absolutas e percentagens da variável “O álcool facilita as relações sociais.”

<i>O álcool facilita as relações sociais</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	1	2,3	7	15,9	4	16,0	7	6,8
<b>Concordo</b>	4	9,3	13	29,5	5	20,0	33	32,0
<b>Discordo</b>	12	27,9	15	34,1	4	16,0	36	35,0
<b>Discordo totalmente</b>	20	46,5	5	11,4	10	40,0	14	13,6
<b>Não sei</b>	4	9,3	3	6,8	2	8,0	13	12,6
<b>Total</b>	41	95,3	43	97,7	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>	2	4,7	1	2,3				
<i>Total</i>	43	100,0	44	100,0				

➤ **O álcool faz bem ao coração.**

Apesar de frequentemente a nossa sociedade dizer que beber “um copinho” faz bem ao coração, a maior parte dos nossos alunos discordam, tendo havido 80% de discordâncias no 9.º ano, 72,2% no 10.º ano, 68,4% no 11.º ano e 85,6% no 12.º ano. Esta tendência aumentou ainda mais depois do programa de prevenção, tendo os alunos sido esclarecidos sobre os prejuízos do álcool para a saúde, pelo que 90,7% do 7.º ano, 95,5% do 8.º ano, 82% do 9.º ano e 90,3% do 10.º ano considera que o álcool não faz bem ao coração, tal como é apresentado na Tabela 341.

Tabela 341

Frequências absolutas e percentagens da variável "O álcool faz bem ao coração."

<i>O álcool faz bem ao coração</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	1	2,3			2	8,0		
<b>Concordo</b>					2	8,0	3	2,9
<b>Discordo</b>	12	27,9	22	50,0	3	12,0	47	45,6
<b>Discordo totalmente</b>	27	62,8	20	45,5	15	60,0	46	44,7
<b>Não sei</b>	2	4,7	2	4,5	3	12,0	6	5,8
<b>Total</b>	42	97,7	44	100,0	25	100,0	102	99,0
<i>Missing</i>	1	2,3					1	1,0
<b>Total</b>	43	100,0					103	100,0

➤ **O dependente de álcool é uma pessoa fraca e irresponsável.**

Cerca de 2/3 da nossa primeira amostra (62,9% do 9.º ano, 65,4% do 10.º ano, 63,3% do 11.º ano e 62,1% do 12.º ano) considera que o dependente de álcool é uma pessoa fraca e irresponsável, bem como mais de metade dos alunos da segunda amostra, com 55,8% do 7.º ano, 50% do 8.º ano, 68% do 9.º ano e 53,7% do 10.º ano (Tabela 342).

Tabela 342

Frequências absolutas e percentagens da variável "O dependente de álcool é uma pessoa fraca e irresponsável."

<i>O dependente de álcool é uma pessoa fraca e irresponsável</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	16	37,2	9	20,5	7	28,0	19	18,4
<b>Concordo</b>	8	18,6	13	29,5	10	40,0	43	41,7
<b>Discordo</b>	3	7,0	5	11,4	4	16,0	27	26,3
<b>Discordo totalmente</b>	9	20,9	9	20,5	3	12,0	9	8,7
<b>Não sei</b>	6	14,0	7	15,8	1	4,0	4	3,9
<b>Total</b>	42	97,7	43	97,7	25	100,0	102	99,0
<i>Missing</i>	1	2,3	1	2,3			1	1,0
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0			103	100,0

➤ **O álcool é a causa do alcoolismo.**

Enquanto antes do programa de prevenção, a grande maioria dos adolescentes que responderam a esta questão considera que o álcool é a causa do alcoolismo, com 78,6% no 9.º ano, 82% no 10.º ano, 92,3% no 11.º ano e 84,7% no 12.º ano, já depois desse programa temos uma diminuição dessa percentagem, obtendo 65% no 7.º ano, 61,4% no 8.º ano, 76% no 9.º ano e 78,6% no 10.º ano, de acordo com a Tabela 343. Podemos concluir, que houve uma melhoria na informação, pois apesar do álcool ser a principal causa do alcoolismo, não é a única (Mello et al., 2001). Se assim fosse, qualquer consumidor, mesmo que de um copo apenas, seria dependente de álcool. O alcoolismo resulta não de um único fator (o álcool), mas de uma interação de fatores genéticos, psicológicos, ambientais, variando de indivíduo para indivíduo a predisposição para a dependência.

Tabela 343  
Frequências absolutas e percentagens da variável “O álcool é a causa do alcoolismo.”

<i>O álcool é a causa do alcoolismo</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	18	41,8	15	34,1	11	44,0	29	28,1
<b>Concordo</b>	10	23,2	12	27,3	8	32,0	52	50,5
<b>Discordo</b>	3	7,0	8	18,2	3	12,0	16	15,5
<b>Discordo totalmente</b>	8	18,6	4	9,1	2	8,0	1	1,0
<b>Não sei</b>	2	4,7	3	6,8	1	4,0	5	4,9
<b>Total</b>	41	95,3	42	95,5	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>	2	4,7	2	4,5				
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0				

➤ **O álcool torna as pessoas mais desinibidas.**

A maior parte dos alunos, tanto no primeiro questionário (57,2% do 9.º ano, 74,4% do 10.º ano, 86,3% do 11.º ano e 82,9% do 12.º ano), como no segundo (44,2% no 7.º ano, 56,8% no 8.º ano, 80% no 9.º ano e 70,9% no 10.º ano) concorda que o álcool torna as pessoas mais desinibidas (Tabela 344).

Cruzando estes dados com os de questões da parte II, verificamos que alegria, diversão são os efeitos que os jovens mais procuram, mas também desinibição, quando consomem bebidas alcoólicas.

Tabela 344

Frequências absolutas e percentagens da variável “O álcool torna as pessoas mais desinibidas.”

<i>O álcool torna as pessoas mais desinibidas</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	12	27,9	10	22,7	10	40,0	21	20,4
<b>Concordo</b>	7	16,3	15	34,1	10	40,0	52	50,5
<b>Discordo</b>	8	18,6	10	22,7			22	21,4
<b>Discordo totalmente</b>	9	20,9	3	6,8	5	20,0	2	1,9
<b>Não sei</b>	5	11,6	5	11,4			6	5,8
<b>Total</b>	41	95,3	43	97,7	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>	2	4,7	1	2,3				
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0				

➤ **Misturar cerveja, vinho e destilados leva à embriaguez mais rapidamente do que tomar somente um tipo de bebida.**

Apuramos que no primeiro questionário, a maioria dos adolescentes respondentes concorda que misturar cerveja, vinho e destilados leva à embriaguez mais rapidamente do que tomar somente um tipo de bebida, havendo um aumento da percentagem de concordância do 9.º para o 12.º ano, tendo o 9.º ano 57,9%, o 10.º ano apresenta 59,4%, o 11.º ano com 68,4% e o 12.º ano com 77,5%. Já no segundo questionário verificamos na Tabela 345 que 46,5% dos alunos do 7.º ano, 65,9% do 8.º ano, 96% do 9.º ano e 60,2% do 10.º ano não concorda que misturar cerveja, vinho e destilados leva à embriaguez mais rapidamente do que tomar somente um tipo de bebida. Tendo em conta que a taxa de álcool no sangue (alcoolemia) é que determina o nível de sobriedade ou intoxicação alcoólica do indivíduo e que dependerá da quantidade de doses que a pessoa ingerir, independentemente do tipo de bebidas, consideramos que os alunos terão apreendido a mensagem.

Tabela 345

Frequências absolutas e percentagens da variável “Misturar cerveja, vinho e destilados leva à embriaguez mais rapidamente do que tomar somente um tipo de bebida.”

<i>Misturar cerveja, vinho e destilados leva à embriaguez mais rapidamente do que tomar somente um tipo de bebida</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Discordo</b>	7	16,2	1	2,3	1	4,0	3	2,9
<b>totalmente</b>								
<b>Discordo</b>	4	9,3	6	13,6			8	7,8
<b>Concordo</b>	9	20,9	14	31,8	13	52,0	36	35,0
<b>Concordo</b>	11	25,6	15	34,1	11	44,0	26	25,2
<b>totalmente</b>								
<b>Não sei</b>	10	23,3	7	15,9			30	29,1
<b>Total</b>	41	95,3	43	97,7	25	100,0	103	100,0
<b>Missing</b>	2	4,7	1	2,3				
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0				

- **Os efeitos do álcool no corpo da mulher são iguais aos efeitos do álcool no corpo do homem.**

No questionário aplicado antes do programa de prevenção de consumos, apesar das opiniões estarem divididas entre a concordância, a discordância e o desconhecimento, verificamos que há um predomínio na discordância (com 37,9% no 9.º ano, 48,9% no 10.º ano, 53% no 11.º ano e 62,2% no 12.º ano), onde os alunos consideram que os efeitos do álcool no corpo da mulher são diferentes dos efeitos produzidos no corpo do homem, sendo esta opinião progressivamente mais defendida, com o aumento do nível de escolaridade e com o conhecimento que os próprios adolescentes têm do seu próprio corpo e das diferenças morfofisiológicas entre géneros. No questionário aplicado após o programa de prevenção, de acordo com os dados da Tabela 346, verificamos que a tendência recaiu maioritariamente na discordância de que os efeitos do álcool no corpo da mulher são iguais aos efeitos do álcool no corpo do homem, ideia difundida nas sessões de prevenção de consumo, apesar de depender da frequência e tolerância de cada um.

Tabela 346

Frequências absolutas e percentagens da variável “Os efeitos do álcool no corpo da mulher são iguais aos efeitos do álcool no corpo do homem.”

<i>Os efeitos do álcool no corpo da mulher são iguais aos efeitos do álcool no corpo do homem</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>							2	1,9
<b>Concordo</b>			3	6,8	2	8,0	10	9,7
<b>Discordo</b>	17	39,5	18	40,9	8	32,0	50	48,5
<b>Discordo totalmente</b>	23	53,5	21	47,7	13	52,0	28	27,2
<b>Não sei</b>	2	4,7	1	2,3	2	8,0	13	12,6
<b>Total</b>	42	97,7	43	97,7	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>	1	2,3	1	2,3				
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0				

Geralmente, a ingestão da mesma quantidade de álcool afeta mais rapidamente a mulher do que o homem, pois ela apresenta menos água no seu corpo do que o homem, ficando o álcool mais concentrado (NIAAA, n. d.).

➤ **Fazer exercício ajuda a fazer baixar os níveis de alcoolemia.**

Da análise dos resultados obtidos no primeiro questionário, cerca de metade dos respondentes dos quatro anos de escolaridade desconhece se a prática de exercício físico faz baixar os níveis de álcool no sangue, dividindo-se outra metade de modo equilibrado entre a discordância e a concordância. Após o programa, a maioria dos alunos discorda que fazer exercício ajuda a fazer baixar os níveis de alcoolemia, facto defendido e difundido nas sessões de prevenção (Tabela 347).

O organismo humano sadio demora em média uma hora para processar uma dose de álcool, pelo que apenas o tempo ajuda uma pessoa a recuperar da embriaguez (Peixe, 2008).

Tabela 347

Frequências absolutas e percentagens da variável "Fazer exercício ajuda a fazer baixar os níveis de alcoolemia."

Fazer exercício ajuda a fazer baixar os níveis de alcoolemia	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
Concordo totalmente					2	8,0	2	1,9
Concordo	2	4,7					11	10,7
Discordo	15	34,9	19	43,2	7	28,0	41	39,8
Discordo totalmente	18	41,9	23	52,2	14	56,0	34	33,0
Não sei	7	16,2	1	2,3	2	8,0	15	14,6
<b>Total</b>	42	97,7	43	97,7	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>	1	2,3	1	2,3				
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0				

- **Ingerir menta ou qualquer outra erva aromática faz diminuir a taxa de alcoolemia.**

Mais de metade dos respondentes do primeiro questionário desconhece se a ingestão de menta ou qualquer outra erva aromática faz diminuir a taxa de alcoolemia, seguindo-se 29,3% de alunos do 9.º ano, 17,3% do 10.º ano, 24,8% do 11.º ano e 33,3% do 12.º ano discordam que a menta ou outra erva aromática tenha essa capacidade. A grande maioria dos alunos alvo do programa de prevenção (93% do 7.º ano, 93,2% do 8.º ano, 88% do 9.º ano e 84,5% do 10.º ano) percebeu que a menta tem a capacidade de refrescar o hálito, mascarando o odor a álcool, mas não afeta a taxa de álcool no sangue, conforme é evidente na Tabela 348.

Tabela 348

Frequências absolutas e percentagens da variável “Ingerir menta ou qualquer outra erva aromática faz diminuir a taxa de alcoolemia.”

<i>Ingerir menta ou qualquer outra erva aromática faz diminuir a taxa de alcoolemia</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>							1	1,0
<b>Concordo</b>					1	4,0	1	1,0
<b>Discordo</b>	13	30,2	16	36,4	6	24,0	38	36,9
<b>Discordo totalmente</b>	27	62,8	25	56,8	16	64,0	49	47,6
<b>Não sei</b>	2	4,7	2	4,5	1	4,0	14	13,6
<b>Total</b>	42	97,7	43	97,7	24	96,0	103	100,0
<i>Missing</i>	1	2,3	1	2,3	1	4,0		
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0	25	100,0		

➤ **Mastigar um grão de café faz diminuir a taxa de alcoolemia.**

Novamente, mais de metade dos alunos do primeiro questionário desconhece se mastigar um grão de café faz diminuir a taxa de alcoolemia. Segue-se 27,9% de alunos do 9.º ano que discordam, bem como 16,6% do 10.º ano, 16,3% do 11.º ano e 30,6% do 12.º ano. Já no segundo questionário verificamos na Tabela 349 que a tendência recai maioritariamente na discordância (com 95,4% dos alunos do 7.º ano, 95,4% do 8.º ano, 96% do 9.º ano e 87,3% do 10.º ano) de que mastigar um grão de café faz diminuir a taxa de alcoolemia.

Estes resultados comprovam que a informação de que o café, pelo seu intenso sabor, irá dissimular o hálito a álcool, não afetando a taxa de álcool no sangue, foi apreendida pelos alunos.

Tabela 349

*Frequências absolutas e percentagens da variável “Mastigar um grão de café faz diminuir a taxa de alcoolemia.”*

<i>Mastigar um grão de café faz diminuir a taxa de alcoolemia</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>								
<b>Concordo</b>					1	4,0	2	1,9
<b>Discordo</b>	15	34,9	18	40,9	6	24,0	43	41,7
<b>Discordo totalmente</b>	26	60,5	24	54,5	18	72,0	47	45,6
<b>Não sei</b>	1	2,3	1	2,3			11	10,7
<b>Total</b>	42	97,7	43	97,7	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>	1	2,3	1	2,3				
<i>Total</i>	43	100,0	44	100,0				

➤ **O álcool é um medicamento.**

A maioria dos respondentes do questionário aplicado antes do programa de prevenção (65,8% do 9.º ano, 55,6% do 10.º ano, 75,2% do 11.º ano e 82% do 12.º ano) considera que o álcool não é um medicamento. Atestamos que no 9.º e 10.º ano, cerca de ¼ dos alunos desconhece se o álcool é um medicamento, diminuindo essa percentagem para o 11.º e 12.º ano. Após as sessões de prevenção averiguamos que a grande maioria (95,4% do 7.º ano, 93,2% do 8.º ano, 96% do 9.º ano e 97,1% do 10.º ano) considera que o álcool não é um medicamento, tendo as sessões sido eficazes neste sentido, conforme atesta a Tabela 350.

Tabela 350

Frequências absolutas e percentagens da variável "O álcool é um medicamento."

<i>O álcool é um medicamento.</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>					1	4,0		
<b>Discordo</b>	12	27,9	14	31,8	5	20,0	45	43,7
<b>Discordo totalmente</b>	29	67,5	27	61,4	19	76,0	55	53,4
<b>Não sei</b>	1	2,3	2	4,5			3	2,9
<b>Total</b>	42	97,7	43	97,7	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>	1	2,3	1	2,3				
<i>Total</i>	43	100,0	44	100,0				

Tal como já tínhamos afirmado anteriormente, o álcool é um depressor do sistema nervoso, tendo um efeito exatamente contrário ao de um medicamento, porque provoca apenas uma excitação e anestesia passageiras que podem «disfarçar», durante algum tempo, dores ou sensação de mal-estar, acabando por ter consequências ainda mais graves (Breda, 1996).

➤ **Vaporizar a boca com um *spray* de mentol faz diminuir a taxa de alcoolemia.**

Analisando outro mito acerca do consumo de álcool, antes do programa de prevenção, mais de metade dos alunos dos quatro anos de escolaridade desconhece se vaporizar a boca com *spray* de mentol faz diminuir a taxa de alcoolemia, mas 35,8% do 9.º ano, 26,3% do 10.º ano, 32,5% do 11.º ano e 36,9% do 12.º ano considera que o *spray* de mentol não diminui a taxa de alcoolemia. Já depois do programa de prevenção, consideramos que o mito foi esclarecido, pois a grande maioria dos alunos (90,7% do 7.º ano, 97,7% do 8.º ano, 96% do 9.º ano e 88,3% do 10.º ano) considera que o *spray* de mentol apenas refresca o hálito, não alterando a taxa de alcoolemia (Tabela 351).

Tabela 351

Frequências absolutas e percentagens da variável "Vaporizar a boca com um spray de mentol faz diminuir a taxa de alcoolemia."

<i>Vaporizar a boca com um spray de mentol faz diminuir a taxa de alcoolemia</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>								
<b>Concordo</b>					1	4,0		
<b>Discordo</b>	12	27,9	17	38,6	5	20,0	48	46,6
<b>Discordo totalmente</b>	27	62,8	26	59,1	19	76,0	43	41,7
<b>Não sei</b>	3	7,0	1	2,3			12	11,7
<b>Total</b>	42	97,7	44	100,0	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>	1	2,3						
<b>Total</b>	43	100,0						

➤ **O álcool aquece.**

Enquanto antes do programa de prevenção de consumo, mais de 2/3 dos respondentes, 66,5% do 9.º ano, 70% do 10.º ano, 81,2% do 11.º ano e 72% do 12.º ano considera que o álcool aquece, já mais de 95% dos alunos que assistiram a estas sessões (95,3% do 7.º ano, 97,4% do 8.º ano, 96% do 9.º ano e 96,2% do 10.º ano) sabem que o álcool não aquece, de acordo com a Tabela 352.

Tabela 352

Frequências absolutas e percentagens da variável "O álcool aquece."

<i>O álcool aquece</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>								
<b>Concordo</b>					1	4,0	2	1,9
<b>Discordo</b>	12	27,9	16	36,4	10	40,0	53	51,5
<b>Discordo totalmente</b>	29	67,4	27	61,4	14	56,0	46	44,7
<b>Não sei</b>	1	2,3	1	2,3			2	1,9
<b>Total</b>	42	97,7	44	100,0	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>	1	2,3						
<b>Total</b>	43	100,0						

Como o álcool é vasodilatador, torna a circulação mais superficial, dando a sensação de calor. Pelo exposto, ficamos mais corados e a circulação sanguínea provoca uma libertação de calor, baixando a temperatura interna e prejudicando o funcionamento de todos os órgãos (Breda, 1996). Mais uma vez estamos perante um mito relacionado com o consumo de álcool.

➤ **Comer caramelos ou qualquer outro produto açucarado faz diminuir a taxa de alcoolemia.**

Mais uma vez, cerca de metade dos alunos, 46,4% do 9.º ano, 67,7% do 10.º ano, 57,1% do 11.º ano e 48,7% do 12.º ano, que respondeu ao primeiro questionário não sabe se o consumo de caramelos ou outros produtos açucarados fazem diminuir a taxa de alcoolemia. As restantes opiniões dividem-se entre a concordância e a discordância. Após o programa de prevenção concluímos, de acordo com os dados da Tabela 353, que os alunos foram esclarecidos, pois a grande maioria dos alunos (90,7% do 7.º ano, 91% do 8.º ano, 84% do 9.º ano e 75,8% do 10.º ano) concorda que comer caramelos ou qualquer outro produto açucarado não faz diminuir a taxa de alcoolemia.

O consumo de produtos açucarados aumenta a taxa de açúcar no sangue, mas a taxa de álcool no sangue mantém-se. Apenas o tempo fará diminuir taxa de álcool no sangue.

Tabela 353

Frequências absolutas e percentagens da variável “Comer caramelos ou qualquer outro produto açucarado faz diminuir a taxa de alcoolemia.”

<i>Comer caramelos ou qualquer outro produto açucarado faz diminuir a taxa de alcoolemia</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	1	2,3			1	4,0		
<b>Concordo</b>			1	2,2	1	4,0	3	2,8
<b>Discordo</b>	10	23,3	20	45,5	5	20,0	46	44,7
<b>Discordo totalmente</b>	29	67,4	20	45,5	16	64,0	32	31,1
<b>Não sei</b>	2	4,7	3	6,8	2	8,0	21	20,4
<b>Total</b>	42	97,7	44	100,0	25	100,0	102	99,0
<i>Missing</i>	1	2,3					1	1,0
<b>Total</b>	43	100,0					103	100,0

➤ **Beber muita água após ter ingerido álcool, diminui a taxa de alcoolemia.**

A maior parte dos respondentes do primeiro questionário não sabe se o consumo de água, após a ingestão abusiva de álcool, faz diminuir a taxa de alcoolemia, estando as restantes respostas divididas entre a concordância e a discordância. Após o programa de prevenção de consumo de álcool, a grande maioria dos alunos (90,7% do 7.º ano, 90,9% do 8.º ano, 80% do 9.º ano e 80,6% do 10.º ano) percebe que beber muita água após ter ingerido álcool, a taxa de alcoolemia não diminui (Tabela 354).

O consumo de água evita a desidratação, que é um problema que é agravado quando se verifica um elevado consumo de álcool, mas não diminui a taxa de alcoolemia, que só acontecerá com o tempo.

Tabela 354

Frequências absolutas e percentagens da variável “Beber muita água após ter ingerido álcool, diminui a taxa de alcoolemia.”

<i>Beber muita água após ter ingerido álcool, diminui a taxa de alcoolemia</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	1	2,3			1	4,0		
<b>Concordo</b>			1	2,3	2	8,0	5	4,9
<b>Discordo</b>	14	32,6	23	52,3	6	24,0	56	54,4
<b>Discordo totalmente</b>	25	58,1	17	38,6	14	56,0	27	26,2
<b>Não sei</b>	2	4,7	3	6,8	2	8,0	15	14,5
<b>Total</b>	42	97,7	44	100,0	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>	1	2,3						
<b>Total</b>	43	100,0						

➤ **O álcool dá força e/ou energia.**

Verificamos que 46,5% dos alunos do 9.º ano, 46,6% do 10.º ano, 58,9% do 11.º ano e 62,1% do 12.º ano, da amostra que antecedeu o programa de prevenção, considera que o álcool não dá força, nem energia. Comparando com a amostra que participou no programa de prevenção, a grande maioria (93,1% dos alunos do 7.º ano, 93,2% do 8.º ano, 84% do 9.º ano e 93,2% do 10.º ano) sabe que o álcool não dá força nem energia (Tabela 355).

Tabela 355

Frequências absolutas e percentagens da variável "O álcool dá força e/ou energia."

O álcool dá força e/ou energia	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
<b>Concordo totalmente</b>								
<b>Concordo</b>	1	2,3	2	4,5	1	4,0	3	2,9
<b>Discordo</b>	12	27,9	21	47,7	8	32,0	62	60,2
<b>Discordo totalmente</b>	28	65,2	20	45,5	13	52,0	34	33,0
<b>Não sei</b>	1	2,3	1	2,3	3	12,0	4	3,9
<b>Total</b>	42	97,7	44	100,0	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>	1	2,3						
<i>Total</i>	43	100,0						

O álcool, ao ter uma ação excitante e anestésica, esconde o cansaço físico ou intelectual intenso, dando a ilusão de ganho de energia. Mas quando esse efeito passa, o cansaço é aumentado, porque o álcool gastou energia ao ser metabolizado no fígado.

Apesar do álcool ser muito rico em calorias, estas calorias especificamente têm o problema de nunca serem utilizadas pelo músculo, mas somente para os processos de metabolismo basal (Breda, 1996). Então consumir álcool engorda, mas não dá energia para trabalhar!

- **As bebidas alcoólicas de grande graduação, como o whisky, são prejudiciais para a saúde, mas a cerveja, por exemplo, não o é.**

Da análise do questionário aplicado antes do programa de prevenção verificamos que à medida que aumenta o ano de escolaridade, aumenta a percentagem de vozes que discordam que as bebidas alcoólicas de grande graduação, como o whisky, são prejudiciais para a saúde, mas a cerveja, por exemplo, não o é, com 63,5% no 9.º ano, 68,5% no 10.º ano, 72,6% no 11.º ano e 84,7% no 12.º ano. Também após o programa de prevenção, a grande maioria (74,4% do 7.º ano, 68,2% do 8.º ano, 80% do 9.º ano e 76,7% do 10.º ano) discorda que bebidas alcoólicas de grande graduação, como o whisky, são prejudiciais para a saúde, mas a cerveja não o é (Tabela 356).

Tabela 356

*Frequências absolutas e percentagens da variável “As bebidas alcoólicas de grande graduação, como o whisky, são prejudiciais para a saúde, mas a cerveja, por exemplo, não o é.”*

<i>As bebidas alcoólicas de grande graduação, como o whisky, são prejudiciais para a saúde, mas a cerveja, por exemplo, não o é</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	1	2,3	4	9,1	1	4,0	4	3,9
<b>Concordo</b>	3	7,0	4	9,1	2	8,0	12	11,7
<b>Discordo</b>	16	37,2	20	45,5	12	48,0	52	50,5
<b>Discordo totalmente</b>	16	37,2	10	22,7	8	32,0	27	26,2
<b>Não sei</b>	6	14,0	6	13,6	2	8,0	8	7,8
<b>Total</b>	42	97,7	44	100,0	25	100,0	103	100,0
<b>Missing</b>	1	2,3						
<b>Total</b>	43	100,0						

O prejuízo para a saúde pública e principalmente para os jovens depende, não só do tipo de bebida consumida, mas também das quantidades ingeridas. Apesar do exposto, as autoridades governamentais, através do Decreto-Lei 50/2013, de 16 de abril, resolveram alterar a idade mínima de consumo álcool de 16 para 18 anos, excetuando para o vinho e cerveja, que se mantém nos 16 anos. Os governantes consideram que o vinho e a cerveja são bebidas leves ou menos perigosas, pois podem ser consumidas a partir dos 16 anos. Não esquecer que os consumos dos jovens tendem a ser abusivos, em contextos festivos, pelo que estas bebidas podem causar efeitos nefastos e irreversíveis nos jovens, principalmente no sistema nervoso.

- **O álcool misturado com um refrigerante (como o vinho com gasosa) afeta menos o organismo do que a bebida pura.**

Mais de metade dos alunos inquiridos antes do programa de prevenção, tal como 51,4% do 9.º ano, 60,2% do 10.º ano, 63,3% do 11.º ano e 62,2% do 12.º ano concorda que álcool misturado com refrigerante afeta menos o organismo, do que o consumo da

bebida alcoólica pura. Seguem-se também alguns alunos que desconhecem este facto. Após o programa de prevenção de consumo, as ideias não ficaram bem definidas, pois as opiniões divergem. Verificamos na Tabela 357 que a maior parte dos alunos do 7.º ano (46,5%), bem como 40,9% dos alunos de 8.º ano concorda que o álcool misturado com um refrigerante (como o vinho com gasosa) afeta menos o organismo do que a bebida pura. Igual percentagem de alunos do 8.º ano, 52% do 9.º ano e 67,9% do 10.º ano discorda que o álcool misturado com refrigerante afeta menos o organismo do que a bebida pura.

Tabela 357

Frequências absolutas e percentagens da variável “O álcool misturado com um refrigerante (como o vinho com gasosa) afeta menos o organismo do que a bebida pura.”

<i>O álcool misturado com um refrigerante (como o vinho com gasosa) afeta menos o organismo do que a bebida pura</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Discordo totalmente</b>	11	25,6	6	13,6	2	8,0	6	5,8
<b>Discordo</b>	9	20,9	12	27,3	5	20,0	11	10,8
<b>Concordo</b>	8	18,6	14	31,8	7	28,0	54	52,4
<b>Concordo totalmente</b>	2	4,7	4	9,1	6	24,0	16	15,5
<b>Não sei</b>	11	25,5	7	15,9	3	12,0	16	15,5
<b>Total</b>	41	95,3	43	97,7	23	92,0	103	100,0
<i>Missing</i>	2	4,7	1	2,3	2	8,0		
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0	25	100,0		

As bebidas carbonatadas (refrigerantes gaseificados) atravessam rapidamente, tanto o estômago como as paredes intestinais, arrastando consigo o álcool que entra mais rapidamente na corrente sanguínea. A presença de dióxido de carbono e bicarbonato nas bebidas gaseificadas facilita a absorção do álcool (Dederich, 2007).

➤ **Os efeitos do álcool são mais intensos se for consumido com o estômago vazio.**

Comparando os resultados obtidos antes (72,2% do 9.º ano, 83,4% do 10.º ano, 89,7% do 11.º ano e 91,9% do 12.º ano) e depois do programa de prevenção de consumo de álcool (41,9% do 7.º ano, 61,4% do 8.º ano, 84% do 9.º ano e 84,4% do 10.º ano), a maior parte dos alunos considera que os efeitos do álcool são mais intensos se for consumido com o estômago vazio, aumentando essa opinião com o aumento do ano de escolaridade, de acordo com os dados da Tabela 358.

Tabela 358

*Frequências absolutas e percentagens da variável “Os efeitos do álcool são mais intensos se for consumido com o estômago vazio.”*

<i>Os efeitos do álcool são mais intensos se for consumido com o estômago vazio</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Discordo</b>	5	11,6	2	4,5	1	4,0	1	1,0
<b>totalmente</b>								
<b>Discordo</b>	6	14,0	9	20,5	1	4,0	8	7,8
<b>Concordo</b>	11	25,6	20	45,5	14	56,0	43	41,7
<b>Concordo</b>	7	16,3	7	15,9	7	28,0	44	42,7
<b>totalmente</b>								
<b>Não sei</b>	13	30,2	5	11,3	2	8,0	7	6,8
<b>Total</b>	42	97,7	43	97,7	25	100,0	103	100,0
<b>Missing</b>	1	2,3	1	2,3				
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0				

Neste caso, trata-se de um facto e não de um mito. Quando o estômago está vazio, não possui outros alimentos para diluir o álcool e reduzir a taxa de absorção pelo sangue. Contudo, quando há alimentos no estômago, principalmente ricos em proteínas, a taxa de absorção é mais lenta (Dederich, 2007).

➤ **O alcoólico é um indivíduo a quem o álcool faz mal fisicamente.**

Antes da aplicação do programa de prevenção de consumos, apuramos que as opiniões dos adolescentes estão divididas entre a concordância (37,9% dos alunos do 9.º

ano, 35,4% do 10.º ano, 44,4% do 11.º ano e 40,5% do 12.º ano) e a discordância (38,6% do 9.º ano, 51,8% do 10.º ano, 42,8% do 11.º ano e 52,3% do 12.º ano) de que o alcoólico é um indivíduo a quem o álcool faz mal fisicamente. Também após o programa de prevenção, na generalidade, as opiniões dividem-se entre a concordância (32,5% do 7.º ano, 13,6% do 8.º ano, 40% do 9.º ano e 33% do 10.º ano) e a discordância (41,2% do 7.º ano, 75% do 8.º ano, 44% do 9.º ano e 54,4% do 10.º ano), de acordo com a Tabela 359, verificando-se um predomínio da concordância.

Na realidade um alcoólico, ou uma pessoa dependente do álcool, é um indivíduo a quem o álcool faz mal fisicamente, não podendo nem devendo consumir qualquer bebida alcoólica, mesmo que em pequena quantidade.

Tabela 359

*Frequências absolutas e percentagens da variável “O alcoólico é um indivíduo a quem o álcool faz mal fisicamente.”*

<i>O alcoólico é um indivíduo a quem o álcool faz mal fisicamente</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Discordo</b>	8	18,5	2	4,5	2	8,0	10	9,7
<b>totalmente</b>								
<b>Discordo</b>	6	14,0	4	9,1	8	32,0	24	23,3
<b>Concordo</b>	15	34,9	25	56,8	6	24,0	46	44,7
<b>Concordo</b>	7	16,3	8	18,2	5	20,0	10	9,7
<b>totalmente</b>								
<b>Não sei</b>	5	11,6	5	11,4	4	16,0	13	12,6
<b>Total</b>	41	95,3	44	100,0	25	100,0	103	100,0
<b>Missing</b>	2	4,7						
<b>Total</b>	43	100,0						

➤ **O consumo continuado de bebidas alcoólicas pode provocar alterações mentais muito graves, porque destrói os neurónios do cérebro.**

Tanto antes (com 67,1% dos alunos do 9.º ano, 73,7% do 10.º ano, 75,2% do 11.º ano e 87,4% do 12.º ano) como depois da aplicação do programa de prevenção de consumos (com 81,4% no 7.º ano, 86,4% do 8.º ano, 92% do 9.º ano e 82,6% do 10.º ano) a maioria concorda que o consumo continuado de bebidas alcoólicas pode provocar alterações mentais muito graves, pois destrói os neurónios do cérebro, conforme Tabela 360.

Tabela 360

Frequências absolutas e percentagens da variável "O consumo continuado de bebidas alcoólicas pode provocar alterações mentais muito graves, porque destrói os neurónios do cérebro."

<i>O consumo continuado de bebidas alcoólicas pode provocar alterações mentais muito graves, porque destrói os neurónios do cérebro</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Discordo</b>	1	2,3	1	2,3			2	1,9
<b>Discordo</b>			1	2,3			4	3,9
<b>Concordo</b>	13	30,2	19	43,2	14	56,0	46	44,7
<b>Concordo</b>	22	51,2	19	43,2	9	36,0	39	37,9
<b>Não sei</b>	6	14,0	4	9,0	2	8,0	12	11,6
<b>Total</b>	42	97,7	44	100,0	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>	1	2,3						
<b>Total</b>	43	100,0						

➤ **O álcool dificulta a digestão.**

Antes do programa de prevenção, cerca de metade dos alunos desconhece, se o álcool dificulta ou facilita a digestão, seguindo-se os alunos que concordam que o álcool dificulta a digestão, com 30% de alunos do 9.º ano, 25,6% do 10.º ano, 24,8% do 11.º ano e 40,5% do 12.º ano. Após o programa de prevenção, verifica-se na Tabela 361 um aumento da percentagem de alunos que concorda que o álcool dificulta a digestão, com 41,2% de alunos do 7.º ano, 75% do 8.º ano, 44% do 9.º e 54,4% do 10.º ano.

Tabela 361

Frequências absolutas e percentagens da variável “O álcool dificulta a digestão.”

<i>O álcool dificulta a digestão</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Discordo totalmente</b>							1	1,0
<b>Discordo</b>	2	4,7	1	2,3	1	4,0	4	3,9
<b>Concordo</b>	17	39,5	24	54,5	15	60,0	55	53,4
<b>Concordo totalmente</b>	11	25,6	15	34,1	7	28,0	21	20,4
<b>Não sei</b>	12	27,9	4	9,1	2	8,0	22	21,4
<b>Total</b>	42	97,7	44	100,0	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>	1	2,3						
<i>Total</i>	43	100,0						

Já sabemos que o álcool aumenta a frequência dos movimentos peristálticos do estômago, passando os alimentos mais rapidamente para o intestino, sem estarem devidamente digeridos, dando a sensação de estômago vazio e de digestão feita. Contudo, estamos a atrasar a digestão para o intestino, pelo que o consumo de “digestivos” conduz ao aparecimento de gastrites e úlceras e não facilitam a digestão (Breda, 1996).

➤ **O hábito de consumir álcool pode facilitar o consumo de tabaco, cocaína, ou outras drogas.**

Cerca de metade dos alunos da primeira amostra considera que o consumo de álcool pode facilitar o consumo de outras drogas, com 45,7% do 9.º ano, 56,4% do 10.º ano, 53% do 11.º ano e 57,7% do 12.º ano, bem como mais de metade dos alunos da segunda amostra (58,2% do 7.º ano, 72,8% do 8.º ano, 80% do 9.º ano e 69,9% do 10.º ano), de acordo com a Tabela 362.

Tabela 362

Frequências absolutas e percentagens da variável “O hábito de consumir álcool pode facilitar o consumo de tabaco, cocaína, ou outras drogas.”

<i>O hábito de consumir álcool pode facilitar o consumo de tabaco, cocaína, ou outras drogas</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Discordo totalmente</b>	2	4,7	1	2,3			7	6,8
<b>Discordo</b>	3	7,0	2	4,5	1	4,0	15	14,6
<b>Concordo</b>	14	32,6	23	52,3	13	52,0	54	52,4
<b>Concordo totalmente</b>	11	25,6	9	20,5	7	28,0	18	17,5
<b>Não sei</b>	12	27,8	6	13,6	4	16,0	9	8,7
<b>Total</b>	42	97,7	41	93,2	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>	1	2,3	3	6,8				
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0				

Cruzando os dados desta questão, com dados da Parte II, também nesta amostra verificamos que o álcool é a droga mais consumida pelos jovens, seguindo-se o tabaco e a *cannabis*.

➤ **Beber um pouco mais de álcool aos fins de semana não apresenta perigo de alcoolismo, desde que não se beba durante a semana.**

Na primeira amostra apuramos uma divisão das opiniões, predominando a concordância de que beber um pouco mais aos fins de semana não apresenta perigo de alcoolismo, desde que não se beba durante a semana, com 43,6% no 9.º ano, 53,4% no 10.º ano, 46,2% no 11.º ano, mas no 12.º ano, maior parte (48,7%) já discorda deste facto. O mesmo se verifica na segunda amostra, onde apenas a maior parte dos alunos do 7.º ano (46,5%) considera que se beber um pouco mais aos fins de semana não apresenta perigo de alcoolismo, desde que não se beba durante a semana, mas a maior parte dos alunos do 8.º ano (50%), do 9.º ano (44%) e do 10.º ano (50,5%) discorda deste facto (Tabela 363). Tanto na primeira como na segunda amostra, os alunos mais velhos parecem revelar maior consciência relativamente ao consumo de álcool, contudo,

dados anteriores revelam-nos também que são eles que consomem mais bebidas alcoólicas e com mais frequência.

Tabela 363

*Frequências absolutas e percentagens da variável “Beber um pouco mais de álcool aos fins de semana não apresenta perigo de alcoolismo, desde que não se beba durante a semana.”*

<i>Beber um pouco mais de álcool aos fins de semana não apresenta perigo de alcoolismo, desde que não se beba durante a semana</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	5	11,6	4	9,1	2	8,0	8	7,8
<b>Concordo</b>	15	34,9	11	25,0	7	28,0	34	33,0
<b>Discordo</b>	7	16,3	14	31,8	7	28,0	40	38,8
<b>Discordo totalmente</b>	9	20,9	8	18,2	4	16,0	12	11,7
<b>Não sei</b>	6	14,0	6	13,6	5	20,0	9	8,7
<b>Total</b>	42	97,7	43	97,7	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>	1	2,3	1	2,3				
<i>Total</i>	43	100,0	44	100,0				

Os jovens tendem a consumir preferencialmente com os amigos, em contextos festivos e principalmente aos fins de semana à noite, pelo que este comportamento é considerado normal e aceitável.

➤ **Os efeitos do álcool desaparecem após tomar um banho de água fria.**

Apesar do elevado desconhecimento dos alunos sobre este facto, antes do programa de prevenção, a maior parte considera que os efeitos do álcool não desaparecem após um banho de água fria. Esta consciência aumenta com o aumento do nível de escolaridade, tendo o 9.º ano 40%, o 10.º ano 39,9%, o 11.º ano 54,6% e o 12.º ano 72,1%. Após o programa de prevenção de consumos observamos na Tabela 364 um aumento da discordância de que os efeitos do álcool desaparecem após tomar um banho de água fria.

Tabela 364

Frequências absolutas e percentagens da variável “Os efeitos do álcool desaparecem após tomar um banho de água fria.”

<i>Os efeitos do álcool desaparecem após tomar um banho de água fria</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	1	2,3			1	4,0	2	1,9
<b>Concordo</b>	2	4,7	4	9,1			11	10,7
<b>Discordo</b>	13	30,2	17	38,6	14	56,0	46	44,7
<b>Discordo totalmente</b>	23	53,5	21	47,7	8	32,0	29	28,2
<b>Não sei</b>	3	7,0	1	2,3	2	8,0	15	14,5
<b>Total</b>	42	97,7	43	97,7	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>	1	2,3	1	2,3				
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0				

Trata-se de mais um mito que foi esclarecido para a maior parte dos alunos, visto que o desaparecimento do álcool do sangue depende exclusivamente do tempo e não de café, duche, ar fresco, entre outras coisas (Breda, 1996).

➤ **Consumir bebidas alcoólicas facilita o “engate”.**

Apesar da divisão das respostas, verifica-se uma maior tendência para discordar que o consumo de álcool facilita o “engate”, apresentando o 9.º ano 49,3%, o 10.º ano 40,6%, o 11.º 50,4% e o 12.º ano 77,5%. Também a mesma tendência se verifica após o programa de intervenção preventiva, na Tabela 365, onde a maioria dos alunos do 7.º ano (58,1%), 9.º ano (60%) e 10.º ano (52,4%) discorda que consumir bebidas alcoólicas facilita o “engate”. Estes resultados estão em coerência com outra questão desta parte, em que os alunos também responderam que o consumo de bebidas alcoólicas não torna mais fácil arranjar namorado(a). Já a maior parte dos alunos do 8.º ano (43,3%) concorda que o consumo de álcool desempenhará esse papel facilitador.

Tabela 365

Frequências absolutas e percentagens da variável “Consumir bebidas alcoólicas facilita o “engate”.”

<i>Consumir bebidas alcoólicas facilita o “engate”</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	4	9,3	7	15,9	2	8,0	8	7,8
<b>Concordo</b>	6	14,0	12	27,3	5	20,0	28	27,2
<b>Discordo</b>	8	18,6	7	15,9	7	28,0	28	27,2
<b>Discordo totalmente</b>	17	39,5	10	22,7	8	32,0	26	25,2
<b>Não sei</b>	7	16,3	6	13,7	3	12,0	13	12,6
<b>Total</b>	42	97,7	42	95,5	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>	1	2,3	2	4,5				
<i>Total</i>	43	100,0	44	100,0				

Já constatámos que o álcool pode ter um efeito desinibidor, que pode ser entendido como facilitador das relações sociais. Contudo, estas relações suportadas pelo consumo de álcool podem ser fortuitas, pouco profundas e artificiais, podendo levar a um posterior arrependimento.

➤ **Os efeitos do álcool desaparecem depois de vomitar.**

A maior parte dos alunos respondentes, com 48,7% do 9.º ano, 44,3% do 10.º ano, 52,1% do 11.º ano e 77,5% do 12.º ano, discorda que os efeitos do álcool desaparecem depois de vomitar. Depois da aplicação do programa de prevenção, a percentagem de discordância de que os efeitos do álcool desaparecem depois de vomitar aumenta mais, com 79,1% no 7.º ano, 90,9% no 8.º ano, 84% no 9.º ano e 79,6% no 10.º ano, de acordo com a Tabela 366.

Tabela 366

Frequências absolutas e percentagens da variável “Os efeitos do álcool desaparecem depois de vomitar.”

<i>Os efeitos do álcool desaparecem depois de vomitar</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	1	2,3			2	8,0	1	1,0
<b>Concordo</b>	1	2,3					9	8,7
<b>Discordo</b>	16	37,2	23	52,3	14	56,0	56	54,4
<b>Discordo totalmente</b>	18	41,9	17	38,6	7	28,0	26	25,2
<b>Não sei</b>	5	11,6	3	6,8	2	8,0	11	10,7
<b>Total</b>	41	95,3	43	97,7	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>	2	4,7	1	2,3				
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0				

Os efeitos do álcool decorrem da absorção do álcool para a corrente sanguínea, inibindo a transmissão do impulso nervoso. Como o álcool já não se encontra no estômago, mas sim no sangue, através do vômito, eliminaremos apenas alimentos do estômago e não da corrente sanguínea (NIAAA, n.d.; CISA, 2011).

➤ **Um copo de licor ajuda a curar a constipação ou a gripe.**

Antes do programa de prevenção, cerca de metade dos alunos desconhece se um copo de licor ajuda a curar a constipação ou a gripe, estando depois as restantes opiniões divididas entre a discordância e a concordância. Depois da aplicação do programa de prevenção, a maioria (65,1% no 7.º ano, 88,6% no 8.º ano, 68% no 9.º ano e 54,3% do 10.º ano) discorda que um copo de licor ajuda a curar a constipação ou a gripe, de acordo com a Tabela 367.

Tabela 367

Frequências absolutas e percentagens da variável “Um copo de licor ajuda a curar a constipação ou a gripe.”

<i>Um copo de licor ajuda a curar a constipação ou a gripe</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	2	4,7			1	4,0	4	3,9
<b>Concordo</b>	1	2,3			2	8,0	6	5,8
<b>Discordo</b>	12	27,9	18	40,9	8	32,0	37	35,9
<b>Discordo totalmente</b>	16	37,2	21	47,7	9	36,0	19	18,4
<b>Não sei</b>	11	25,6	4	9,1	5	20,0	37	35,9
<b>Total</b>	42	97,7	43	97,7	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>	1	2,3	1	2,3				
<i>Total</i>	43	100,0	44	100,0				

Os alunos revelaram menos dúvidas em discordar que o álcool é um medicamento, do que nesta questão.

Apesar de estar enraizado na nossa sociedade, que o álcool tem efeitos medicinais, já referimos que o álcool não é um medicamento (Breda 1996). Um doente que consome álcool pode ficar temporariamente alterado, deixando de sentir os sintomas da doença, dando a falsa sensação de cura.

- **As pessoas que aguentam consumir muito álcool sem se embriagarem têm menos possibilidades que as outras de se tornarem alcoólicas.**

Apesar da elevada percentagem de desconhecimentos, a maior parte dos alunos (36,4% do 9.º ano, 45,8% do 10.º ano, 55,6% do 11.º ano e 69,3% do 10.º ano) discorda que as pessoas que aguentam consumir muito álcool sem se embriagarem, têm menos possibilidades do que as outras, de se tornarem alcoólicas, bem como 46,5% do 7.º ano, 45,5% do 8.º ano, 52% do 9.º ano e 56,3% do 10.º ano, da amostra sujeita ao programa de prevenção de consumo (Tabela 368).

Sendo a tolerância o aumento da capacidade de resistir aos efeitos do álcool, com aumento da frequência do consumo de álcool, o hábito de beber regularmente tende a aumentar a tolerância do indivíduo aos seus efeitos, levando-o a suportar cada vez doses maiores, levando mais facilmente a um estado de dependência (DSM-V, 2013).

Tabela 368

Frequências absolutas e percentagens da variável "As pessoas que aguentam consumir muito álcool sem se embebedarem têm menos possibilidades que as outras de se tornarem alcoólicas."

<i>As pessoas que aguentam consumir muito álcool sem se embebedarem têm menos possibilidades que as outras de se tornarem alcoólicas</i>	<b>7.º ano</b>		<b>8.º ano</b>		<b>9.º ano</b>		<b>10.º ano</b>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	3	7,0	3	6,8	2	8,0	3	2,9
<b>Concordo</b>	10	23,2	14	31,8	3	12,0	24	23,3
<b>Discordo</b>	8	18,6	16	36,4	10	40,0	43	41,7
<b>Discordo totalmente</b>	12	27,9	4	9,1	3	12,0	15	14,6
<b>Não sei</b>	8	18,6	7	15,9	7	28,0	18	17,5
<b>Total</b>	41	95,3	44	100,0	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>	2	4,7						
<b>Total</b>	43	100,0						

➤ **Um alcoólico pode deixar facilmente de beber álcool, bastando ter força de vontade.**

No 9.º, 10.º e 11.º anos os alunos concordam que um alcoólico pode deixar facilmente de beber álcool, bastando ter força de vontade, com 50%, 47,4% e 41,9%, respetivamente. Já a maior parte dos alunos do 12.º ano discorda, considerando ser difícil para o alcoólico deixar de beber. Também depois do programa de prevenção as opiniões se mantiveram divididas, de acordo com a Tabela 369, onde a maior parte dos alunos do 7.º ano (46,4%) e do 10.º ano (49,5%) concorda e a maior parte dos alunos do 8.º ano (45,5%) e do 9.º ano (48%) discorda que um alcoólico pode deixar facilmente de beber álcool, bastando ter força de vontade.

Por ser a droga mais consumida, o álcool pode criar dependência física e psíquica, sendo o tratamento difícil, não bastando apenas força de vontade.

Tabela 369

Frequências absolutas e percentagens da variável “Um alcoólico pode deixar facilmente de beber álcool, bastando ter força de vontade.”

<i>Um alcoólico pode deixar facilmente de beber álcool, bastando ter força de vontade</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	10	23,2	10	22,7	4	16,0	17	16,5
<b>Concordo</b>	10	23,2	10	22,7	4	16,0	34	33,0
<b>Discordo</b>	14	32,6	16	36,4	10	40,0	35	34,0
<b>Discordo totalmente</b>	3	7,0	4	9,1	2	8,0	10	9,7
<b>Não sei</b>	4	9,3	3	6,8	5	20,0	7	6,8
<b>Total</b>	41	95,3	43	97,7	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>	2	4,7	1	2,3				
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0				

➤ **O consumo de bebidas alcoólicas influencia o número de acidentes de viação.**

A grande maioria dos alunos respondentes do primeiro questionário (76,4% do 9.º ano, 87,2% do 10.º ano, 95,6% do 11.º ano e 93,7% do 12.º ano), bem como do segundo questionário (72,1% do 7.º ano, 81,8% do 8.º ano, 84% do 9.º ano e 91,3% do 10.º ano) acredita que o consumo de bebidas alcoólicas influencia o número de acidentes de viação, de acordo com os dados da Tabela 370.

Conforme confirmámos em questões do final da parte II, uma pequena percentagem de alunos acabou por envolver-se em acidentes devido ao álcool, tendo até alguns já conduzido alterados pelo efeito do álcool.

Tabela 370

Frequências absolutas e percentagens da variável "O consumo de bebidas alcoólicas influencia o número de acidentes de viação."

<i>O consumo de bebidas alcoólicas influencia o número de acidentes de viação</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Discordo</b>	1	2,3	1	2,3			3	2,9
<b>totalmente</b>								
<b>Discordo</b>	4	9,3	2	4,5	2	8,0	3	2,9
<b>Concordo</b>	9	20,9	17	38,6	5	20,0	34	33,0
<b>Concordo</b>	22	51,2	19	43,2	16	64,0	60	58,3
<b>totalmente</b>								
<b>Não sei</b>	6	14,0	3	6,8	2	8,0	2	1,9
<b>Total</b>	42	97,7	42	95,5	25	100,0	102	99,0
<b>Missing</b>	1	2,3	2	4,5			1	1,0
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0			103	100,0

➤ **O consumo excessivo de bebidas alcoólicas conduz ao aumento da criminalidade.**

A maioria dos alunos pertencentes aos quatro anos de escolaridade que responderam ao primeiro questionário (71,4% do 9.º ano, 79% do 10.º ano, 79,6% do 11.º ano e 83,8% do 12.º ano), bem como dos que responderam ao segundo questionário (79,1% do 7.º ano, 81,8% do 8.º ano, 86% do 9.º ano e 83,5% do 10.º ano), concordam que o consumo excessivo de bebidas alcoólicas conduz a um aumento da criminalidade (Tabela 371).

Cruzando novamente estes dados com as questões do final da parte II, sobre os problemas com as autoridades nos últimos 12 meses, atestamos que houve uma pequena percentagem de alunos que já passou por eles.

Tabela 371

Frequências absolutas e percentagens da variável "O consumo excessivo de bebidas alcoólicas conduz ao aumento da criminalidade."

<i>O consumo excessivo de bebidas alcoólicas conduz ao aumento da criminalidade</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Discordo totalmente</b>	2	4,7						
<b>Discordo</b>	1	2,3	1	2,3	3	12,0	10	9,7
<b>Concordo</b>	14	32,6	22	50,0	3	12,0	49	47,6
<b>Concordo totalmente</b>	20	46,5	14	31,8	16	64,0	37	35,9
<b>Não sei</b>	5	11,6	6	13,6	3	12,0	7	6,8
<b>Total</b>	42	97,7	43	97,7	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>	1	2,3	1	2,3				
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0				

➤ **As festas são mais divertidas se tiverem álcool.**

Verificamos que as opiniões estão divididas entre a concordância e a discordância, de que as festas são mais divertidas se tiverem álcool, tanto na primeira amostra como na segunda (Tabela 372).

As festas constituem os contextos preferenciais dos jovens para consumirem bebidas alcoólicas, procurando essencialmente obter alegria e diversão.

Tabela 372

Frequências absolutas e percentagens da variável “As festas são mais divertidas se tiverem álcool.”

<i>As festas são mais divertidas se tiverem álcool</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	4	9,2	6	13,6	2	8,0	8	7,7
<b>Concordo</b>	7	16,3	8	18,2	10	40,0	36	35,0
<b>Discordo</b>	10	23,3	12	27,3	8	32,0	39	37,9
<b>Discordo totalmente</b>	14	32,6	11	25,0	3	12,0	16	15,5
<b>Não sei</b>	7	16,3	6	13,6	2	8,0	4	3,9
<b>Total</b>	42	97,7	43	97,7	25	100,0	103	100,0
<i>Missing</i>	1	2,3	1	2,3				
<i>Total</i>	43	100,0	44	100,0				

➤ **Já não me sei divertir sem consumir álcool.**

A grande maioria dos adolescentes da primeira amostra (80,1% do 9.º ano, 80,4% do 10.º ano, 89,7%, do 11.º ano e 89,2% do 12.º ano) refere que se sabe divertir sem álcool, bem como a maioria dos alunos da segunda amostra evidente na Tabela 373 (74,2% do 7.º ano, 59,1% do 8.º ano, 64% do 9.º ano e 76,7% do 10.º ano).

Contudo, sabemos que o que estes alunos procuram obter alegria e diversão, quando consomem álcool, não querendo dizer necessariamente que não se sabem divertir sem álcool.

Tabela 373

Frequências absolutas e percentagens da variável “Já não me sei divertir sem consumir álcool.”

<i>Já não me sei divertir sem consumir álcool</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Concordo totalmente</b>	3	7,0	5	11,4	3	12,0	3	2,9
<b>Concordo</b>	3	7,0	9	20,5	3	12,0	11	10,7
<b>Discordo</b>	9	20,9	12	27,3	5	20,0	29	28,2
<b>Discordo totalmente</b>	23	53,5	14	31,8	11	44,0	50	48,5
<b>Não sei</b>	4	9,3	3	6,8	3	12,0	9	8,7
<b>Total</b>	42	97,7	43	97,7	25	100,0	102	99,0
<i>Missing</i>	1	2,3	1	2,3			1	1,0
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0			103	100,0

➤ **Sinto necessidade de ter mais conhecimentos acerca dos efeitos e consequências do álcool.**

Apuramos uma divisão nas opiniões entre a concordância e a discordância de que sentem necessidade de ter mais conhecimentos acerca dos efeitos e consequências do álcool, tanto antes como depois da aplicação dos questionários. A maior parte dos alunos do 9.º e do 12.º ano, com 46,4% e 50,4%, respetivamente, do primeiro questionário, bem como 39,6% dos alunos do 7.º ano do segundo questionário (Tabela 374), consideram não sentir necessidade de ter mais conhecimentos. Enquanto, a maior parte dos alunos do 10.º e 11.º ano, com 53,4% e 52,2%, respetivamente, do primeiro questionários e 50% dos alunos do 8.º ano, 48% do 9.º ano e 56,4% do 10.º ano, do segundo questionário (Tabela 374), sentem necessidade de saber mais sobre os efeitos e consequências do álcool.

Tabela 374

Frequências absolutas e percentagens da variável “Sinto necessidade de ter mais conhecimentos acerca dos efeitos e consequências do álcool.”

<i>Sinto necessidade de ter mais conhecimentos acerca dos efeitos e consequências do álcool</i>	<i>7.º ano</i>		<i>8.º ano</i>		<i>9.º ano</i>		<i>10.º ano</i>	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
<b>Discordo</b>	6	14,0	5	11,4	2	8,0	8	7,8
<b>totalmente</b>								
<b>Discordo</b>	11	25,6	9	20,5	7	28,0	27	26,2
<b>Concordo</b>	13	30,2	15	34,1	9	36,0	46	44,7
<b>Concordo</b>	4	9,3	7	15,9	3	12,0	12	11,7
<b>totalmente</b>								
<b>Não sei</b>	8	18,6	6	13,6	4	16,0	10	9,6
<b>Total</b>	42	97,7	42	95,5	25	100,0	103	100,0
<b>Missing</b>	1	2,3	2	4,5				
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0				

Pelas respostas obtidas ao longo do questionário, seguramente que todos os alunos deveriam sentir esta necessidade, pois haverá muita coisa que desconhecem mesmo e outras que julgam conhecer, mas provavelmente conhecem mal ou pouco.

➤ **A dependência do álcool é um problema de saúde mental.**

A maioria dos alunos considera que a dependência do álcool é um problema de saúde mental, com 63,6% do 9.º ano, 70,6% do 10.º ano, 67,5% do 11.º ano e 60,4% do 12.º ano, no questionário anterior ao programa de prevenção de consumo, aumentando a percentagem de concordância após este programa, com 65,1% no 7.º ano, 88,7% no 8.º ano, 76% no 9.º ano e 70,8% no 10.º ano (Tabela 375).

Tabela 375

Frequências absolutas e percentagens da variável “A dependência do álcool é um problema de saúde mental.”

A dependência do álcool é um problema de saúde mental	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
<b>Discordo totalmente</b>	6	14,0			1	4,0	2	1,9
<b>Discordo</b>	4	9,3			2	8,0	13	12,6
<b>Concordo</b>	11	25,6	20	45,5	10	40,0	47	45,6
<b>Concordo totalmente</b>	17	39,5	19	43,2	9	36,0	26	25,2
<b>Não sei</b>	4	9,3	4	9,1	3	12,0	15	14,6
<b>Total</b>	42	97,7	43	97,7	25	100,0	103	100,0
<b>Missing</b>	1	2,3	1	2,3				
<b>Total</b>	43	100,0	44	100,0				

### ➤ AUDIT

Apenso ao questionário, juntou-se o *Alcohol Use Disorders Identification Test-AUDIT* (Babor, Higgin-Biddle, Saunders e Monteiro, 2001), que consiste num autoteste, que visa avaliar o tipo de consumo dos alunos (consumo de baixo risco, consumo nocivo/abusivo ou dependência). Este teste pretende avaliar os tipos de consumos de álcool, classificando-os em “Consumo de baixo risco”, se se obtiverem resultados entre 0 e 7, “Consumo nocivo/abusivo”, para valores entre 8 e 19 e “Dependência”, se os valores estiverem compreendidos entre 20 e 40.

No questionário aplicado antes do programa de prevenção de consumo, no 9.º ano, obtivemos uma média de 4,94 ( $DP=5,216$  e  $erro\ standard\ da\ média=0,457$ ), sendo o valor mais frequente (moda) 1, com mínimo 0 e máximo 20. No 10.º ano, a média é de 4,84 ( $DP=4,507$  e  $erro\ standard\ da\ média=0,398$ ), sendo também 1 o valor mais frequente, com mínimo 0 e máximo 24. Já no 11.º ano a média subiu um pouco para 5,54 ( $DP=5,109$  e  $erro\ standard\ da\ média=0,487$ ), continuando a moda a ser 1, o mínimo 0 e o máximo 25. Para finalizar, no 12.º ano a média foi de 5,58 ( $DP=6,008$  e  $erro\ standard\ da\ média=0,584$ ), sendo novamente a moda 1, o mínimo 0 e o máximo 40.

Tabela 376

Frequências absolutas e percentagens da variável “Autoteste- AUDIT”

Teste- AUDIT	7.º ano		8.º ano		9.º ano		10.º ano	
	f	%	f	%	f	%	f	%
0	32	74,4	27	61,3	4	16,0	24	23,2
1	3	7,0	5	11,4	7	28,0	18	17,5
2			4	9,1			10	9,7
3	2	4,7	3	6,8	2	8,0	6	5,8
4	1	2,3	1	2,3	2	8,0	5	4,9
5			2	4,5	2	8,0	5	4,9
6	1	2,3			1	4,0	6	5,8
7							5	4,9
8					1	4,0	3	2,9
9							2	1,9
10					1	4,0	2	1,9
11							2	1,9
12	1	2,3						
13							1	1,0
14					1	4,0	1	1,0
15							3	2,9
19							1	1,0
20							1	1,0
21							1	1,0
25			1	2,3				
29							1	1,0
31	1	2,3						
40			1	2,3	1	4,0		
<b>Total</b>	41	95,3	44	100,0	22	88,0	97	94,2
<b>Missing</b>	2	4,7			3	12,0	6	5,8
<b>Total</b>	43	100,0			25	100,0	103	100,0

No questionário aplicado depois do programa de prevenção de consumos, no 7.º ano, obtivemos uma média de 1,51 ( $DP=5,206$  e *erro standard da média*=0,813), sendo o valor mais frequente (moda) 0, com mínimo 0 e máximo 31. No 8.º ano, a média é de 2,30 ( $DP=7,000$  e *erro standard da média*=1,055), sendo também 0 o valor mais frequente, com mínimo 0 e máximo 40. Já no 9.º ano a média subiu um pouco para 4,95 ( $DP=8,627$  e *erro standard da média*=1,839), passando a moda a ser 1, o mínimo 0 e o máximo 40. Para finalizar, no 10.º ano a média foi de 4,30 ( $DP=5,462$  e *erro standard da média*=0,555), sendo novamente a moda 0, o mínimo 0 e o máximo 29.

A maioria dos alunos (70,1%, no 9.º ano, 78,2 no 10.º ano, 70,9% no 11.º ano e 69,3% no 12.º ano) apresenta um “consumo de baixo risco”, havendo 21,3% de alunos

do 9.º ano, 17,5% do 10.º ano, 21,7% do 11.º ano e 23,4% do 12.º ano, com “*consumo nocivo/abusivo*” e é com alguma apreensão que verificamos que 1,4% de alunos (2 alunos) do 9.º ano, 1,4% (1 aluno) do 10.º ano, 1,8% (2 alunos) do 11.º ano e 2,7% (3 alunos) do 12.º ano revelam encontrar-se numa situação de “*dependência*”.

Também depois da aplicação do programa de prevenção, verificamos na Tabela 373 que predominam os alunos que apresentam “*consumos de baixo risco*”, com 90,7% no 7.º ano, 95,4% no 8.º ano, 72% no 9.º ano e 76,7% no 10.º ano. Seguem-se os alunos que apresentam “*consumos nocivos/abusivos*”, com 2,3% no 7.º ano, 12% no 9.º ano e 14,5% no 10.º ano, existindo uma menor percentagem de “*dependência*”, que não deixa de ser preocupante, com 2,3% no 7.º ano, 4,6% no 8.º ano, 4% no 9.º ano e 3% no 10.º ano.

Relativamente aos mitos o programa terá sido eficaz, pois a maioria ficou esclarecida. Quanto à capacitação dos alunos para resistir à pressão dos pares e para resistir ao consumo de substâncias, o programa foi manifestamente insuficiente, bem como para modificar hábitos de consumo dos alunos. Necessitaríamos de mais tempo, pois de acordo com Barroso et al. (2006) e Costa e Lopéz (2008), quanto mais longa for a intervenção mais eficaz se torna. Consideramos assim necessário prolongar o programa de prevenção de consumos de álcool por mais tempo, pelo menos mais cinco anos, tentando acompanhar o público-alvo com que iniciámos o programa de prevenção, ao longo do seu percurso na escola.

### **5.3. Resultados dos questionários de satisfação do Programa de Prevenção de Consumo de Álcool**

#### **5.3.1. Alunos**

O programa de intervenção preventiva do consumo de substâncias psicoativas foi aplicado às duas turmas de 7.º ano (turmas A, com 19 alunos e B com 24 alunos), às duas turmas de 8.º ano (turmas A, com 21 alunos e B com 24 alunos), apenas à turma B do 9.º ano (com 26 alunos), às seis turmas do 10.º ano dos Cursos Científico-Humanísticos (turma A com 25 alunos, turma B com 24 alunos, turma C com 25 alunos, turma D com 24 alunos, turma E com 33 alunos e turma F com apenas 1 aluna do ensino especial). A turma A do 9.º ano não participou do nosso programa de intervenção preventiva, por se encontrar a desenvolver um projeto sobre “*Ética para um Jovem*”.

Iniciámos o projeto com 114 alunos do ensino básico e 132 alunos do ensino secundário, o que corresponde a um total de 246 alunos. Como em 2011-2012 tínhamos um total de 148 alunos no ensino básico, abrangemos no nosso programa de prevenção, 77% dos alunos do ensino básico. Já no ensino secundário só conseguimos aplicar o programa de prevenção de consumos a seis turmas, das dez do 10.º ano e de um total de vinte e seis turmas do ensino secundário, pois só estas seis turmas do 10.º ano tinham no seu currículo a disciplina de Formação Cívica, onde foi possível desenvolver este projeto. Assim, no ensino secundário abrangemos apenas 132 alunos, de um total de 519, o que corresponde a 25% dos alunos do ensino secundário. Contudo, considerando um total de 668 alunos da escola, em 2011-2012, conseguimos abranger cerca de 37% dos alunos totais da escola. Consideramos que a taxa de abrangência dos alunos da escola foi bastante razoável, visto ser impossível abranger a totalidade dos alunos das escolas, devido à falta de recursos humanos, logísticos e materiais.

Estes alunos encontravam-se matriculados no início do ano, tendo havido no 10.º ano alguns alunos que anularam a matrícula no início do terceiro período, não tendo respondido ao questionário de satisfação acerca das sessões do programa de prevenção, nem ao questionário sobre os seus hábitos de consumo e representações sociais acerca do consumo de álcool.

Estas turmas foram selecionadas por terem a disciplina de Formação Cívica e por nos ser mais fácil aplicar um programa com continuidade, nesta disciplina.

No ensino básico, as professoras da disciplina de Formação Cívica eram as respetivas diretoras de turma e permitiram que a autora fosse dar as sessões de esclarecimento, que tiveram início no segundo período e continuidade no terceiro período. No 10.º ano, turmas A e E, as sessões foram ministradas pela autora, professora da disciplina e nas turmas B, C, D e F, as sessões foram dadas pela Prof.<sup>a</sup> Dores Sardinha, que era a professora de Formação Cívica das referidas turmas e, também, elemento da equipa do Projeto de Promoção e Educação para a Saúde, com formação no âmbito da Educação para a Saúde. De qualquer modo, as sessões foram preparadas conjuntamente, para poder haver um tronco comum, apesar das sessões depois poderem ser adequadas às especificidades, necessidades e exigências de cada turma. As turmas do 10.º ano de A a D frequentavam o Curso de Ciências e Tecnologias e as turmas E e F frequentavam o Curso de Ciências Socioeconómicas

As sessões no 7.º ano tiveram início no segundo período, mais cedo do que nas restantes turmas, pelo facto de alguns pais e/ou encarregados de educação revelarem

alguma preocupação em relação ao início do consumo de tabaco de alguns alunos dessas turmas. Assim, resolvemos iniciar as sessões mais cedo, a fim de trabalhar não só no consumo de álcool, mas também na prevenção do consumo de tabaco.

Em seguida apresentamos os resultados obtidos no questionário de satisfação, sobre as sessões do programa de prevenção do consumo de substâncias psicoativas.

Tendo em conta os resultados evidentes na Tabela 377, no final do nosso programa de prevenção de consumo de substâncias psicoativas, nomeadamente do álcool, houve 43 alunos do 7.º ano (100% dos alunos do 7.º ano), 44 alunos do 8.º ano (cerca de 98% dos alunos do 8.º ano), 25 alunos do 9.º ano (cerca de 96% dos alunos do 9.º B, que representaram 45% da totalidade dos alunos do 9.º ano) e 86 alunos do 10.º ano (cerca de 65% dos alunos do 10.º ano) a responder, no final do projeto aos questionários solicitados.

Tabela 377  
Resultados relativos à variável “Ano de escolaridade”

<i>Ano de escolaridade</i>	<b>n</b>	<b>%</b>
7.º ano	43	21,7
8.º ano	44	22,2
9.º ano	25	12,7
10.º ano	86	43,4
Total	198	100,0

Com base nos dados da Tabela 378, podemos verificar que, no início das sessões, a maior parte dos alunos avaliou os seus conhecimentos como bons (cerca de 43% dos alunos) ou suficientes (cerca de 35% dos alunos). Contudo, cerca de 12% dos alunos consideraram que os seus conhecimentos, no início das sessões, eram insuficientes ou muito insuficientes.

Tabela 378  
Resultados relativos à variável “Conhecimento sobre o tema no início da formação”

<i>Conhecimento sobre o tema no início da formação</i>	<b>n</b>	<b>%</b>
Muito insuficientes	2	1,0
Insuficientes	22	11,1
Suficientes	70	35,4
Bons	86	43,4
Muito bons	18	9,1
Total	198	100,0

De acordo com os resultados da Tabela 379, verificamos que a maior parte dos alunos (cerca de 56%) avaliou os seus conhecimentos alunos, no final das sessões como muito bons ou bons (cerca de 38% dos alunos).

Concluimos assim, que houve uma melhoria dos conhecimentos ao longo das sessões. Já não houve alunos a referir que os seus conhecimentos, no final das sessões eram muito insuficientes ou insuficientes. Atendendo a este aspeto, consideramos que as sessões foram eficazes no aumento do conhecimento dos alunos. Um dos objetivos do nosso projeto era fornecer informação correta e fundamentada, com vista a tornar os alunos mais esclarecidos, para que as suas decisões sejam mais racionais. Pensamos ter atingido largamente esse objetivo.

Tabela 379  
Resultados relativos à variável “Conhecimento sobre o tema no final da formação”

<i>Conhecimento sobre o tema no final da formação</i>	<b>n</b>	<b>%</b>
Suficientes	12	6,0
Bons	75	37,9
Muito bons	111	56,1
Total	198	100,0

Os objetivos das sessões do programa de prevenção de consumos foram apresentados logo no início, através de um PowerPoint. Os 5 alunos de um total de 198 alunos (que corresponde a 2,5 % dos alunos), que referiram que os objetivos não foram apresentados no início das sessões, ou não se aperceberam da sua apresentação, ou então faltaram a essa aula/sessão (Tabela 380).

Tabela 380  
Resultados relativos à variável “Os objetivos foram apresentados no início das sessões”

<i>Os objetivos foram apresentados no início das sessões</i>	<b>n</b>	<b>%</b>
Sim	192	97,0
Não	5	2,5
Subtotal	197	99,5
<i>Missing cases</i>	999	1
Total	198	100,0

Considerando os resultados da Tabela 381, observamos que a maior parte dos alunos (cerca de 67% dos alunos) considerou que muitos dos objetivos propostos inicialmente, foram atingidos ao longo das sessões, seguidos de cerca de 18% dos alunos, que consideraram que todos os objetivos propostos foram atingidos. Contudo,

cerca de 2% dos alunos consideraram que poucos objetivos foram atingidos. De realçar que, de acordo com os dados da tabela 4, 2,5% dos alunos referiram que os objetivos não foram apresentados no início das sessões, pelo que não havendo não respostas à questão “*Em que medida os objetivos foram atingidos?*”, estes alunos não saberão quais os objetivos que foram atingidos.

Tabela 381  
*Resultados relativos à variável “Em que medida os objetivos foram atingidos”*

<i>Em que medida os objetivos foram atingidos</i>	<b>n</b>	<b>%</b>
Poucos	4	2,0
Cerca de metade	27	13,6
Muitos	132	66,7
Todos	35	17,7
Total	198	100,0

A maior parte dos alunos, cerca de 49%, referiu que a adequação dos conteúdos ao nível de escolaridade foi boa e cerca de 29% consideraram que foi muito boa, conforme dados da Tabela 382. Contudo, um aluno considerou que a adequação dos conteúdos ao nível de escolaridade foi muito insuficiente e quatro alunos consideraram-na insuficiente.

Tabela 382  
*Resultados relativos à variável “Adequação dos conteúdos ao nível de escolaridade”*

<i>Adequação dos conteúdos ao nível de escolaridade</i>	<b>n</b>	<b>%</b>
Muito insuficiente	1	0,5
Insuficientes	4	2,0
Suficiente	38	19,2
Boa	96	48,5
Muito boa	58	29,3
Subtotal	197	99,5
<i>Missing cases</i>	999	1
Total	198	100,0

De acordo com os dados da Tabela 383, a maior parte dos alunos (cerca de 52%) considerou que a abordagem dos conteúdos, relativamente à profundidade, extensão e correção foi considerada boa, seguida de cerca de 33% de alunos que a consideraram muito boa. Contudo, dois alunos consideraram a abordagem dos conteúdos de insuficiente.

Tabela 383

Resultados relativos à variável “Abordagem dos conteúdos, relativamente à profundidade, extensão e correção”

<i>“ Abordagem dos conteúdos, relativamente à profundidade, extensão e correção”</i>		
	<b>n</b>	<b>%</b>
Insuficiente	2	1,0
Suficiente	28	14,1
Boa	102	51,6
Muito boa	66	33,3
Total	198	100,0

Atendendo aos dados da Tabela 384, cerca de 52% dos alunos consideraram que havia uma boa adequação das estratégias desenvolvidas nas sessões aos objetivos definidos previamente, tendo cerca de 29% dos alunos avaliado a adequação das estratégias como muito boa.

De realçar que, de acordo com os resultados da Tabela 380, cinco alunos haviam referido que os objetivos não foram apresentados no início das sessões, pelo que alguns destes alunos poderão ter avaliado a adequação das estratégias utilizadas aos objetivos previamente definidos, como insuficientes ou como muito insuficientes.

Tabela 384

Resultados relativos à variável “Adequação das estratégias aos objetivos previamente definidos”

<i>Adequação das estratégias aos objetivos previamente definidos</i>		
	<b>n</b>	<b>%</b>
Muito insuficiente	1	0,5
Insuficiente	6	3,0
Suficiente	31	15,7
Boa	102	51,5
Muito boa	57	28,8
Subtotal	197	99,5
Missing cases	999	1
Total	198	100,0

Analisando os dados da Tabela 385, cerca de 57% dos alunos consideraram que a estrutura sequencial das sessões foi boa e cerca de 32% dos alunos consideraram-na muito boa. Contudo, um aluno considerou que a estrutura sequencial das sessões foi fraca.

Tabela 385  
*Resultados relativos à variável “Estrutura sequencial das sessões”*

<i>Estrutura sequencial das sessões</i>	<b>n</b>	<b>%</b>
Fraca	1	0,5
Suficiente	21	10,6
Boa	112	56,6
Muito boa	64	32,3
Total	198	100,0

Verificamos na Tabela 386, cerca de 39% dos alunos avaliaram a duração das sessões como boa, cerca de 26% de suficiente e cerca de 21% avaliaram-na como muito boa.

Queremos acreditar que os alunos que consideraram que a duração das sessões foi muito insuficiente e/ou insuficiente se refere ao facto dos alunos quererem ter mais sessões. No final do questionário de satisfação, foi solicitado aos alunos que apresentassem críticas e sugestões. Muitos alunos referiram que deveriam haver mais sessões e que estas deveriam ser mais longas, ou seja, em vez de terem a duração de 45 minutos, deveriam durar 90 minutos (um bloco), para se desenvolverem mais atividades.

Tabela 386  
*Resultados relativos à variável “Duração das sessões”*

<i>Duração das sessões</i>	<b>n</b>	<b>%</b>
Muito insuficiente	11	5,5
Insuficiente	16	8,1
Suficiente	52	26,3
Boa	78	39,4
Muito boa	41	20,7
Total	198	100,0

De acordo com os dados da Tabela 387, verificamos que cerca de 48% dos alunos avaliaram a adequação das metodologias utilizadas nas sessões do programa de prevenção de consumos, relativamente à eficácia, diversidade, interesse, capacidade de envolvimento, como boa, seguido de cerca de 27% de alunos que avaliaram a adequação das metodologias como muito boa. Contudo, quatro alunos avaliaram a adequação das metodologias como insuficiente.

Tabela 387

Resultados relativos à variável “Adequação das metodologias (relativamente à eficácia, diversidade, interesse, capacidade de envolvimento)”

<i>Adequação das metodologias (relativamente à eficácia, diversidade, interesse, capacidade de envolvimento)”</i>	<b>n</b>	<b>%</b>
Insuficiente	4	2,0
Suficiente	46	23,2
Boa	94	47,5
Muito boa	54	27,3
Total	198	100,0

Analisando os dados da Tabela 388, cerca de 39% dos alunos consideraram os recursos didáticos utilizados nas sessões de prevenção de consumos como muito bons, seguidos de cerca de 37% dos alunos que os avaliaram como bons. Contudo, cerca de 10% dos alunos consideram que os recursos foram insuficientes. De acordo com as críticas e sugestões finais do questionário de satisfação, muitos alunos referiram que deveríamos ter usado mais jogos interativos, mais filmes/vídeos com posterior debate de ideias, mais interatividade...

Tabela 388

Resultados relativos à variável “Recursos didáticos (diapositivos, filmes, animações, jogos,...) utilizados nas sessões”

<i>Recursos didáticos (diapositivos, filmes, animações, jogos,...) utilizados nas sessões</i>	<b>n</b>	<b>%</b>
Insuficientes	19	9,6
Suficientes	29	14,7
Bons	73	36,8
Muito bons	77	38,9
Total	198	100,0

Atestamos na Tabela 389, cerca de 50% dos alunos consideram que a capacidade da formadora de incentivar a participação do grupo foi boa, seguida de cerca de 27% dos alunos que a avaliaram como muito boa. Por este facto, as sessões de prevenção de consumos foi bastante satisfatória.

Tabela 389

Resultados relativos à variável “Capacidade da formadora de incentivar a participação do grupo”

<b>Capacidade da formadora de incentivar a participação do grupo</b>		<b>n</b>	<b>%</b>
	Insuficiente	5	2,5
	Suficiente	42	21,2
	Boa	98	49,5
	Muito boa	52	26,3
	Subtotal	197	99,5
<i>Missing cases</i>	999	1	0,5
<b>Total</b>		<b>198</b>	<b>100,0</b>

De acordo com os dados da Tabela 390, verificamos que cerca de 43% dos alunos consideraram boa a clareza e objetividade da formadora, seguido de cerca de 42% dos alunos, que as avaliaram como muito boas.

Tabela 390

Resultados relativos à variável “Clareza e objetividade da formadora”

<b>Clareza e objetividade da formadora</b>		<b>n</b>	<b>%</b>
	Insuficiente	5	2,5
	Suficiente	24	12,1
	Boa	85	42,9
	Muito boa	83	42,0
	Subtotal	197	99,5
<i>Missing cases</i>	999	1	0,5
<b>Total</b>		<b>198</b>	<b>100,0</b>

Tendo em conta os dados da Tabela 391, cerca de 43% dos alunos avaliaram a disponibilidade da formadora para a resolução de questões e esclarecimento de dúvidas como boa, seguindo de cerca de 42% dos alunos que avaliaram a disponibilidade da formadora como muito boa.

Podemos assim concluir que, na generalidade, os alunos se sentiram bastante à vontade para colocar dúvidas e questões à formadora, durante as sessões.

Tabela 391

Resultados relativos à variável “Disponibilidade da formadora na resolução de questões e esclarecimento de dúvidas”

	<i>Disponibilidade da formadora na resolução de questões e esclarecimento de dúvidas</i>	<b>n</b>	<b>%</b>
	Insuficiente	3	1,5
	Suficiente	27	13,7
	Boa	84	42,7
	Muito boa	82	41,6
	Subtotal	197	99,5
<i>Missing cases</i>	999	1	0,5
Total		198	100,0

Cerca de 41% dos alunos avaliaram a capacidade de relacionamento da formadora com o grupo, tanto como muito boa, como boa (Tabela 392). Consideramos assim que, devido esta boa ou muito boa capacidade de relacionamento da formadora com o grupo, e cruzando com os dados da Tabela 389, na generalidade, os alunos se sentiram bastante à vontade para colocar dúvidas e questões à formadora, durante as sessões. Este bom relacionamento entre a formadora e os alunos fez com que as sessões se tornassem mais dinâmicas e participadas e como tal, mais eficazes.

Tabela 392

Resultados relativos à variável “Capacidade de relacionamento da formadora com o grupo”

	<i>Capacidade de relacionamento da formadora com o grupo</i>	<b>n</b>	<b>%</b>
	Insuficiente	6	3,0
	Suficiente	29	14,7
	Boa	81	40,9
	Muito boa	81	40,9
	Subtotal	197	99,5
<i>Missing cases</i>	999	1	0,5
Total		198	100,0

De acordo com os dados da Tabela 393, verificamos que cerca de 45% dos alunos consideraram que a capacidade da formadora para explorar corretamente os recursos utilizados foi boa, seguido de cerca de 39% de alunos que avaliaram essa capacidade como muito boa. Contudo, quatro alunos avaliaram como insuficiente a capacidade da formadora para explorar corretamente os recursos utilizados.

Tabela 393  
 Resultados relativos à variável “Capacidade da formadora para explorar corretamente os recursos utilizados”

	<i>Capacidade da formadora para explorar corretamente os recursos utilizados</i>	<b>n</b>	<b>%</b>
	Insuficiente	4	2,0
	Suficiente	28	14,1
	Boa	89	44,9
	Muito boa	76	38,5
	Subtotal	197	99,5
<i>Missing cases</i>	999	1	0,5
Total		198	100,0

Cerca de 46% dos alunos avaliaram como boa a capacidade da formadora para motivar e envolver os alunos, seguido de cerca de 36% dos alunos que a avaliaram como muito boa (Tabela 394).

Concluimos assim que conseguimos envolver, na generalidade, os alunos que assistiram e participaram nas sessões de prevenção de consumos.

Cruzando estes resultados com os apresentados na Tabela 392, consideramos que, devido a uma boa ou muito boa capacidade de relacionamento da formadora com o grupo, na generalidade, os alunos se sentiram bastante à vontade para colocar dúvidas e questões à formadora, durante as sessões. Este bom relacionamento entre a formadora e os alunos fez com que as sessões se tornassem mais dinâmicas e participadas e como tal, mais eficazes.

Tabela 394  
 Resultados relativos à variável “Capacidade da formadora para motivar e envolver os alunos”

	<i>Capacidade da formadora para motivar e envolver os alunos</i>	<b>n</b>	<b>%</b>
	Insuficiente	3	1,5
	Suficiente	32	16,1
	Boa	90	45,5
	Muito boa	72	36,4
	Subtotal	197	99,5
<i>Missing cases</i>	999	1	0,5
Total		198	100,0

De acordo com os dados da Tabela 395, verificamos que cerca de 48% dos alunos avaliaram como boas as competências científico-pedagógicas da formadora das sessões de prevenção de consumos, seguindo de cerca de 37% de alunos que as avaliaram como muito boas. Contudo, três alunos avaliaram as competências científico-pedagógicas da formadora como insuficientes.

Tabela 395  
*Resultados relativos à variável “Competências científico-pedagógicas da formadora”*

<i>Competências científico-pedagógicas da formadora</i>	<b>n</b>	<b>%</b>
Insuficientes	3	1,5
Suficientes	24	12,1
Boas	94	47,5
Muito boas	74	37,4
Subtotal	195	98,5
<i>Missing cases</i>	999	3
Total	198	100,0

Verificamos na Tabela 396, que cerca de 64% dos alunos consideraram que houve uma boa adequação dos projetos/trabalhos para avaliação final dos alunos, seguido de cerca de 22% que a avaliaram de muito boa. Contudo, tivemos sete alunos que avaliaram a adequação dos trabalhos propostos para a avaliação dos alunos como insuficiente.

Tabela 396  
*Resultados relativos à variável “Adequação dos projetos/trabalhos propostos para avaliação final dos alunos”*

<i>Adequação dos projetos/trabalhos propostos para avaliação final dos alunos</i>	<b>n</b>	<b>%</b>
Insuficiente	7	3,5
Suficiente	22	11,1
Boa	126	63,7
Muito boa	43	21,7
Total	198	100,0

Podemos concluir que conseguimos envolver ativamente a grande maioria dos alunos, nos trabalhos de avaliação final.

Os trabalhos realizados pelos alunos do ensino básico foram avaliados conjuntamente pela professora da disciplina de Formação Cívica e pela formadora das sessões de prevenção de consumos. Já os trabalhos realizados pelos alunos do ensino secundário foram avaliados pela própria professora da disciplina de Formação Cívica, que coincidiu com a formadora das sessões de prevenção de consumos. Houve uma grande diversidade de trabalhos realizados pelos alunos. Um grupo desenvolveu um projeto conjunto, como por exemplo, o 8.º B (curso com perguntas realizadas pelos alunos, com oferta de sumos de fruta naturais), 9.º B (panfleto que foi distribuído pelos alunos, na Ovibeja) e o 10.º A (peça de teatro “Pisar o risco é um risco!”) e nas restantes turmas, os alunos desenvolveram trabalhos em grupo ou individualmente.

O balanço foi extremamente positivo, pois para além de termos conseguido envolver ativamente a grande maioria dos alunos, todos os trabalhos foram apresentados à comunidade escolar e divulgados nos meios de comunicação social da escola e da cidade.

De acordo com os dados da Tabela 397, cerca de 52% dos alunos consideraram que as sessões foram, na globalidade, boas e cerca de 40% dos alunos as consideraram muito boas. Contudo, houve dois alunos que consideraram as sessões de prevenção de consumos fracas.

Tabela 397  
Resultados relativos à variável “Apreciação global das sessões”

<i>Apreciação global das sessões</i>	<b>n</b>	<b>%</b>
Fracas	2	1,0
Suficientes	14	7,1
Boas	102	51,5
Muito boas	80	40,4
Total	198	100,0

O resultado final deste questionário deixou-nos bastante satisfeitos, pois a elaboração e implementação deste projeto deu-nos imenso trabalho, obrigando-nos a ter trabalho acrescido, pelo que é bastante gratificante verificar que deu frutos, que foi eficaz e que tanto alunos como professores, saíram bastante satisfeitos.

Na globalidade, a avaliação das sessões foi bastante satisfatória, tendo a maioria dos alunos sido envolvida nas sessões e no desenvolvimento dos trabalhos. Contudo, sabemos que nunca conseguimos envolver a totalidade dos alunos e verificámos que havia sempre uma pequena percentagem de alunos pouco envolvida nas atividades propostas.

No final do questionário de satisfação sobre as sessões do programa de prevenção de consumo de substâncias psicoativas, solicitámos aos alunos que fizessem críticas e/ou sugestões. A maior parte dos alunos não preencheu este campo, contudo, houve uma pequena percentagem de alunos que o realizaram e fizeram as seguintes críticas e/ou sugestões:

Ensino Básico:

- mais jogos interativos e mais vídeos/filmes;
- gostariam de ter participado num teatro;

- deveria haver mais sessões e sessões mais longas (de 90 minutos, em vez de 45 minutos);
- foi um bom trabalho;
- sugestão de outros temas: educação para a sexualidade, discriminação social;
- muito interessante e muito importante;
- aprendeu-se muito;
- todas as escolas deveriam ter;
- poderia ter sido mais interativo;

E alguns comentários pontuais:

- por vezes foi um pouco “secante”;
- foi muito tempo;
- foi uma perda de tempo, já tinha ouvido tudo...

#### Ensino Secundário:

- Muito bom;
- deveria haver mais sessões e sessões mais longas (de 90 minutos, em vez de 45 minutos);
- mais jogos interativos e mais vídeos/filmes;
- foi muito completo e dinâmico;
- o tema já está um pouco batido (foi mais do mesmo)...

Infelizmente estas áreas não curriculares foram retiradas dos currículos do 3.º ciclo do ensino básico e do ensino secundário, o que impossibilita o desenvolvimento de projetos deste género, com diagnóstico, implementação e desenvolvimento de projeto e respetiva avaliação.

Os alunos solicitaram mais projetos deste género sobre outras temáticas, nomeadamente sobre educação para a sexualidade, discriminação social, mas torna-se impossível. Sem haver uma disciplina onde se possa desenvolver um trabalho continuado, com vista ao desenvolvimento de um projeto, o nosso trabalho não vai além de sessões ou atividades pontuais.

### 5.3.2. Professores

O questionário de satisfação após a aplicação do programa de prevenção do consumo de substâncias psicoativas, nomeadamente do álcool (e do tabaco também, para as turmas do 7.º ano, por solicitação dos pais e/ou encarregados de educação), também foi aplicado às cinco professoras de Formação Cívica das turmas do ensino básico, pois assistiram e participaram ativamente nestas sessões. Considerámos que as suas opiniões também seriam importantes para a avaliação das nossas sessões.

Assim, obtivemos cinco questionários das professoras do 7.º A, 7.º B, 8.º A, 8.º B e 9.º B, pois as professoras das turmas do 10.º ano, da disciplina de Formação Cívica, foram as próprias dinamizadoras das sessões do programa de intervenção preventiva.

Analisando os dados das tabelas seguintes, verificamos que antes das sessões, uma professora considera insuficientes os seus conhecimentos sobre a temática da prevenção dos consumos, outra considera-os suficientes e três consideram-nos bons (Tabela 398).

Tabela 398  
*Resultados relativos à variável “ Conhecimento sobre o tema no início da formação ”*

<i>Conhecimento sobre o tema no início da formação</i>	<b>n</b>	<b>%</b>
Insuficientes	1	20,0
Suficientes	1	20,0
Bons	3	60,0
Total	5	100,0

Já no final das sessões uma professora considera que os seus conhecimentos são bons e quatro avaliam-nos como muito bons (Tabela 399). Consideramos assim, que os conhecimentos das professoras melhoraram ao longo das nossas sessões.

Tabela 399  
*Resultados relativos à variável “ Conhecimento sobre o tema no final da formação ”*

<i>Conhecimento sobre o tema no final da formação</i>	<b>n</b>	<b>%</b>
Bons	1	20,0
Muito bons	4	80,0
Total	5	100,0

Os objetivos das sessões de prevenção de consumos foram apresentados a todas as turmas através de um PowerPoint, conforme atesta a Tabela 400.

Tabela 400  
*Resultados relativos à variável “ Os objetivos foram apresentados no início das sessões ”*

	<b><i>Os objetivos foram apresentados no início das sessões</i></b>	<b>n</b>	<b>%</b>
	Sim	5	100,0
Total		5	100,0

Analisando a Tabela 401, observamos que três professoras consideraram que muitos objetivos propostos inicialmente foram atingidos e duas professoras consideraram que todos os objetivos foram atingidos. Consideramos assim, que as nossas sessões foram eficazes, pois a maior parte dos objetivos propostos inicialmente foram atingidos.

Tabela 401  
*Resultados relativos à variável “ Em que medida os objetivos foram atingidos ”*

	<b><i>Em que medida os objetivos foram atingidos</i></b>	<b>n</b>	<b>%</b>
	Muitos	3	60,0
	Todos	2	40,0
Total		5	100,0

Observamos na Tabela 402 que uma professora considerou que houve uma boa adequação dos conteúdos ao nível de escolaridade, enquanto as outras quatro consideraram a adequação muito boa.

Tabela 402  
*Resultados relativos à variável “ Adequação dos conteúdos ao nível de escolaridade ”*

	<b><i>Adequação dos conteúdos ao nível de escolaridade</i></b>	<b>n</b>	<b>%</b>
	Boa	1	20,0
	Muito boa	4	80,0
Total		5	100,0

Duas professoras consideraram que a abordagem dos conteúdos, quanto à profundidade, extensão e correção é boa e as restantes três professoras consideraram a abordagem muito boa (Tabela 403).

Tabela 403  
*Resultados relativos à variável “ Abordagem dos conteúdos, relativamente à profundidade, extensão e correção ”*

	<b><i>“ Abordagem dos conteúdos, relativamente à profundidade, extensão e correção ”</i></b>	<b>n</b>	<b>%</b>
	Boa	2	40,0
	Muito boa	3	60,0
Total		5	100,0

Verificamos que na Tabela 404, duas professoras consideram que houve uma boa adequação das estratégias aos objetivos previamente definidos e as restantes três professoras consideram-na de muito boa.

Tabela 404

*Resultados relativos à variável “Adequação das estratégias aos objetivos previamente definidos”*

<i>Adequação das estratégias aos objetivos previamente definidos</i>	<b>n</b>	<b>%</b>
Boa	2	40,0
Muito boa	3	60,0
Total	5	100,0

Na Tabela 405, três professoras consideram que a estrutura sequencial das sessões é muito boa e duas consideram-na boa.

Tabela 405

*Resultados relativos à variável “Estrutura sequencial das sessões”*

<i>Estrutura sequencial das sessões</i>	<b>n</b>	<b>%</b>
Boa	2	40,0
Muito boa	3	60,0
Total	5	100,0

Três professoras consideram que a duração das sessões é muito boa e duas consideram-na boa (Tabela 406).

Tabela 406

*Resultados relativos à variável “Duração das sessões”*

<i>Duração das sessões</i>	<b>n</b>	<b>%</b>
Boa	2	40,0
Muito boa	3	60,0
Total	5	100,0

Analisando a Tabela 407, verificamos que três professoras consideram as metodologias utilizadas nas sessões são boas e duas professoras consideram-nas muito boas. Acreditamos assim, que as metodologias foram eficazes, diversificadas, interessantes e com capacidade de envolvimento.

Tabela 407

Resultados relativos à variável “Adequação das metodologias (relativamente à eficácia, diversidade, interesse, capacidade de envolvimento)”

<i>Adequação das metodologias (relativamente à eficácia, diversidade, interesse, capacidade de envolvimento)”</i>	<b>n</b>	<b>%</b>
Boa	3	60,0
Muito boa	2	40,0
Total	5	100,0

Verificamos na Tabela 408 que duas professoras consideram que os recursos didáticos utilizados nas sessões são bons, duas consideram-nos muito bons, mas uma professora considera-os apenas suficientes. Gostaríamos de ter tido mais tempo para podermos ter utilizados outras estratégias, como por exemplo, ter passado alguns filmes, com tempo para debate participado.

Tabela 408

Resultados relativos à variável “Recursos didáticos (diapositivos, filmes, animações, jogos,...) utilizados nas sessões”

<i>Recursos didáticos (diapositivos, filmes, animações, jogos,...) utilizados nas sessões</i>	<b>n</b>	<b>%</b>
Suficientes	1	20,0
Bons	2	40,0
Muito bons	2	40,0
Total	5	100,0

Três professoras consideram que a formadora tem uma boa capacidade de incentivar a participação do grupo e duas avaliam-na de muito boa (Tabela 409). Consideramos assim, que os alunos foram incentivados a participar nas sessões e nas discussões promovidas.

Tabela 409

Resultados relativos à variável “Capacidade da formadora de incentivar a participação do grupo”

<i>Capacidade da formadora de incentivar a participação do grupo</i>	<b>n</b>	<b>%</b>
Boa	3	60,0
Muito boa	2	40,0
Total	5	100,0

De acordo com os dados da Tabela 410, quatro professoras consideram que a formadora é clara e objetiva durante as sessões de prevenção de consumos e apenas uma professora considera-a apenas boa. Consideramos que as sessões foram dinamizadas com clareza e objetividade, por parte da formadora.

Tabela 410  
*Resultados relativos à variável “ Clareza e objetividade da formadora”*

<i>Clareza e objetividade da formadora</i>	<b>n</b>	<b>%</b>
Boa	1	20,0
Muito boa	4	80,0
Total	5	100,0

Observamos na Tabela 411 que a totalidade das professoras considera que a disponibilidade da formadora, na resolução de questões e esclarecimento de dúvidas é muito boa. Pelo exposto, consideramos que, na generalidade, os alunos se sentiram à vontade para colocar dúvidas e que todas as que foram colocadas pelos alunos, e até mesmo pelas professoras, foram plenamente esclarecidas.

Tabela 411  
*Resultados relativos à variável “Disponibilidade da formadora na resolução de questões e esclarecimento de dúvidas”*

<i>Disponibilidade da formadora na resolução de questões e esclarecimento de dúvidas</i>	<b>n</b>	<b>%</b>
Muito boa	5	100,0
Total	5	100,0

Quatro professoras consideram que a capacidade de relacionamento da formadora com o grupo é muito boa, havendo uma professora que a avalia apenas de suficiente (Tabela 412). Deduzimos que numa turma, terá havido uma menor capacidade de relacionamento entre a formadora e o grupo turma.

Tabela 412  
*Resultados relativos à variável “Capacidade de relacionamento da formadora com o grupo”*

<i>Capacidade de relacionamento da formadora com o grupo</i>	<b>n</b>	<b>%</b>
Suficiente	1	20,0
Muito boa	4	80,0
Total	5	100,0

Quatro professoras avaliam de muito boa a capacidade da formadora para explorar corretamente os recursos utilizados e uma professora avalia-a apenas de boa (Tabela 413).

Tabela 413  
*Resultados relativos à variável “Capacidade da formadora para explorar corretamente os recursos utilizados”*

<i>Capacidade da formadora para explorar corretamente os recursos utilizados</i>	<b>n</b>	<b>%</b>
Boa	1	20,0
Muito boa	4	80,0
Total	5	100,0

De acordo com os dados da Tabela 414, quatro professoras consideram que a capacidade da formadora para motivar e envolver os alunos é muito boa, tendo uma professora considerado que é apenas suficiente. Este resultado está em coerência com os resultados obtidos na Tabela 412, sobre a capacidade de relacionamento da formadora com o grupo.

Tabela 414  
*Resultados relativos à variável “Capacidade da formadora para motivar e envolver os alunos”*

<i>Capacidade da formadora para motivar e envolver os alunos</i>	<b>n</b>	<b>%</b>
Suficiente	1	20,0
Muito boa	4	80,0
Total	5	100,0

Analisando os dados da Tabela 415, verificamos que quatro professoras consideram que as competências científico-pedagógicas da formadora são muito boas, mas uma professora considera que é apenas suficiente. Este resultado está em coerência com os resultados obtidos na Tabela 409, sobre a capacidade de relacionamento da formadora com o grupo e na Tabela 411, sobre a capacidade da formadora para motivar e envolver os alunos. Concluímos assim, que os resultados foram menos conseguidos numa turma.

Tabela 415  
*Resultados relativos à variável “Competências científico-pedagógicas da formadora”*

<i>Competências científico-pedagógicas da formadora</i>	<b>n</b>	<b>%</b>
Suficiente	1	20,0
Muito boa	4	80,0
Total	5	100,0

A adequação dos projetos/trabalhos propostos para avaliação final dos alunos é avaliada como muito boa por três professoras e como boa por duas professoras (Tabela 416).

Os trabalhos realizados pelos alunos foram extramente positivos, pois conseguiram envolvê-los e motivá-los na sua realização.

Tabela 416

*Resultados relativos à variável “Adequação dos projetos/trabalhos propostos para avaliação final dos alunos”*

<i>Adequação dos projetos/trabalhos propostos para avaliação final dos alunos</i>	<b>n</b>	<b>%</b>
Boa	2	40,0
Muito boa	3	60,0
Total	5	100,0

Na globalidade, as sessões são avaliadas de muito boas por três professoras e de boas por duas professoras, de acordo com a Tabela 417.

Tabela 417

*Resultados relativos à variável “Apreciação global das sessões”*

<i>Apreciação global das sessões</i>	<b>n</b>	<b>%</b>
Boas	2	40,0
Muito boas	3	60,0
Total	5	100,0

Consideramos assim, que as sessões de prevenção de consumos foram bem organizadas, interessantes e esclarecedoras, tendo envolvido e motivado a grande maioria dos alunos e a generalidade das professoras. As sessões tiveram uma avaliação extremamente positiva.

As professoras de Formação Cívica foram unânimes em considerar que este tipo de projetos, com diagnóstico, desenvolvimento de sessões e avaliação, são muito importantes para os alunos e fazem sentido serem desenvolvidos nas aulas de Formação Cívica e/ou Área de Projeto. Contudo, estas disciplinas da componente não curricular foram retiradas dos currículos do 3.º ciclo do ensino básico e do ensino secundário.



## CAPÍTULO 6 – CONCLUSÕES

Analisados os resultados do questionário realizado por nós e aplicado antes do programa de prevenção de consumo de álcool, concluímos que a maior parte dos alunos nunca consultou psicólogo ou psiquiatra, nem tomou calmantes. Contudo, estes comportamentos verificaram-se mais entre as raparigas do 12.º ano de escolaridade.

A SPA mais consumida é o álcool, onde mais de 90% dos alunos já a consumiu pelo menos uma vez, seguindo-se o tabaco e depois a *cannabis*. A frequência do consumo destas três drogas aumenta com a idade, sendo o consumo de álcool mais regular nos rapazes do que nas raparigas e o consumo de tabaco, mais frequente entre as raparigas mais velhas e nos alunos que já reprovaram. Nos alunos do 9.º ano, verifica-se um maior consumo de *cannabis* nos alunos que frequentam Escolas Secundárias c/ 3.º ciclo, do que os que frequentam Escolas Básicas 2, 3 ciclos.

O consumo da primeira bebida ocorreu entre os 12 e os 15 anos, tendo ocorrido nos alunos mais novos, entre os 12 e os 14 anos e nos alunos mais velhos entre os 14 e os 15 anos, significando que a iniciação no consumo de álcool é cada vez mais precoce. A maior parte das raparigas consumiu a primeira bebida alcoólica entre os 14 e os 15 anos, tendo a maior parte dos rapazes consumido mais cedo, entre os 13 e os 14 anos. Este primeiro consumo de álcool ocorre, preferencialmente, em bares e discotecas, por curiosidade, em contextos festivos, com os amigos, seguindo-se a família, aos fins de semana e preferencialmente à noite, com vista à obtenção de alegria e diversão.

O último copo foi consumido na última semana, principalmente pela maior parte dos rapazes ou dos alunos mais velhos, ou entre a última semana e um mês, pela maior parte das raparigas e dos alunos mais novos, correspondendo a consumos atuais. As bebidas mais consumidas são cerveja, bebidas espirituosas e *shots*, sendo a cerveja a preferência dos rapazes e as bebidas espirituosas das raparigas.

A maior parte dos alunos mais novos gastam menos de 5 €, gastando os alunos do 12.º ano entre 5 e 10 € e mesmo que tivessem mais dinheiro, não consumiriam mais bebidas alcoólicas, considerando os rapazes que o preço das bebidas alcoólicas é acessível e as raparigas elevado.

Apesar do Decreto-Lei n.º 50/2013, de 16 de abril estabelecer a proibição da venda e consumo de bebidas espirituosas ou não a menores de 16 anos, tendo sido apenas dilatada a proibição do consumo de bebidas espirituosas para menores de 18 anos,

na generalidade, os alunos referem os 16 anos como a idade mínima para o consumo de bebidas alcoólicas, não obstante iniciarem esse consumo mais cedo.

Grande parte dos alunos considera que em 100 jovens da sua idade e da sua região, cerca de 3/4 consomem regularmente (pelo menos 1 vez por semana) bebidas alcoólicas e considerando o seu grupo de amigos, mais de metade consome bebidas alcoólicas, aumentando estas percentagens de jovens e /ou amigos consumidores com o aumento da idade.

A maior parte dos alunos nunca se embriagou, diminuindo essa percentagem com o aumento da idade e do ano de escolaridade. Verifica-se uma maior prevalência de embriaguez nos rapazes do que nas raparigas, com exceção das raparigas mais velhas, que frequentam o 12.º ano e que apresentam maior prevalência de embriaguez. Verifica-se também maior predomínio de embriaguez em alunos que já reprovaram, bem como nos alunos do 9.º ano que frequentam Escolas Secundárias c/ 3.º ciclo, comparativamente com os que frequentam Escolas Básicas 2, 3 Ciclo. Dos alunos que já se embriagaram, a maior parte experiencia este estado menos de 12 vezes por anos, correspondendo em média, a menos do que uma vez por mês. Nestas ocasiões, a maior parte refere que ficou embriagado ou um pouco embriagado. Contudo, a grande maioria nunca teve que ser hospitalizado, devido ao consumo excessivo de álcool.

O principal efeito que o álcool exerce sobre os alunos é a alegria, seguindo-se a euforia, excitação e desinibição. Tontura e enjoos também são referidos por alguns alunos.

A maioria dos alunos nunca praticou o *binge drinking*, ou seja, o consumo rápido e abusivo de bebidas alcoólicas, mas os que o fazem, referem que consomem duas ou três bebidas. Esta prática abusiva é mais frequente nos rapazes do que nas raparigas e nos alunos mais novos, principalmente os que têm 15 e frequentam o 9.º e 10º anos. A maioria dos alunos nunca tentou reduzir voluntariamente o consumo de álcool, considerando ser fácil ou muito fácil fazê-lo.

A maior parte dos alunos que já se embriagou não costuma consumir outras substâncias, quando está embriagado, mas os que o fazem consomem essencialmente tabaco, seguindo-se a *cannabis*.

A maioria dos alunos não costuma envolver-se em brigas ou lutas nem ter relações sexuais de risco (sem preservativo), quando consome bebidas alcoólicas, o que é corroborado pelo relatório *ESPAD* (2012). Contudo, estes comportamentos de risco

verificam-se em alunos que já reprovaram e comparando os alunos do 9.º ano, mais nos que frequentam escolas secundárias c/ 3.º ciclo.

A grande maioria dos alunos nunca conduziu sob o efeito do álcool, mas os que o fizeram, conduziram automóvel, motociclo e bicicleta. Também a maior parte dos alunos nunca andou de carro ou de moto com o condutor embriagado. Contudo, de acordo com os dados da ANSR (2010, 2011, 2012, 2013) verificamos que por vezes os jovens conduzem sem terem atingido a idade para obter licença de condução e também conduzem alcoolizados, o que provoca acidentes.

Se um amigo lhes oferecesse uma bebida alcoólica, a maior parte dos alunos refere que a sua reação dependeria do amigo que lhe oferecesse a bebida.

Enquanto a maior parte dos alunos do ensino secundário considera que um consumidor de bebidas alcoólicas é uma pessoa normal, que bebe porque gosta, seguindo-se a opinião de que é divertida, exibicionista e segura, já a maior parte dos alunos do 9.º ano considera que a pessoa que bebe é segura, dependente, divertida e exibicionista.

Tendo em conta os seus hábitos de consumo, nos últimos 12 meses, a grande maioria nunca passou por luta física, por acidentes ou ferimentos, nem por problemas com os pais ou com os amigos, nem fraco desempenho na escola. A maioria também nunca foi vítima de assalto, não teve problemas com as autoridades, nem teve relações sexuais sem proteção, nem passou por experiências das quais se tenha arrependido no dia seguinte.

A maior parte dos alunos dos quatro anos de escolaridade considera que raramente ou nunca os outros conseguem convencê-lo a fazer coisas que não lhe apetece fazer, considerando ser autónomos muitas vezes ou sempre. Também consideram que nunca ou raramente os outros o conseguem convencer a fazer coisas de que depois se arrepende e raramente ou nunca fez coisas que os seus amigos lhe pedem, só para não os desiludir.

Predomina a concordância de que o álcool é uma droga, provocando dependência física e psíquica, dependência esta que encaram como um problema de saúde mental, podendo o consumo continuado de bebidas alcoólicas provocar alterações mentais muito graves, por destruir os neurónios do cérebro. Acreditam que o consumo de álcool origina doenças graves, não estando os médicos a exagerar quando falam dos malefícios desse consumo, revelando os jovens alguma preocupação com estes malefícios.

Os inquiridos apresentam posições divergentes quanto à função social do consumo de álcool. Por um lado, a maioria dos adolescentes considera que o consumo de álcool não facilita a integração no grupo de amigos, todavia, defende que o mesmo consumo ajuda-os a serem aceites pelo grupo de amigos e, conseqüentemente a sentirem-se mais integrados e identificados com os pares. A influência ou não dos pares no consumo revela uma divisão paritária por dois grupos, com um elevado número de indecisos. Porém, para os que reconhecem essa influência, recusam que por esse facto consumam maiores quantidades que o seu normal. Os dois grupos mantêm-se, quando não existe uma influência explícita, mas apenas um comportamento observado. O facto de os amigos beberem constitui uma “tentação”, para que muitos persigam aquele comportamento.

Os adolescentes consideram que possuem competências para facilmente resistir ao consumo de bebidas alcoólicas. O álcool é um meio para se afirmarem, sentindo-se adultos e, como tal, fugindo da realidade. Com o aumento da idade, predomina a discordância de que o consumo de álcool é um meio de o jovem se afirmar. Cerca de metade dos alunos considera que os jovens que consomem bebidas alcoólicas bebem para fugir à realidade.

Atestamos uma discordância em relação ao consumo dos jovens por se sentirem aborrecidos ou tristes, mas concordam que os jovens consomem para relaxar e acalmar os nervos, bem como para se sentirem mais adultos. Contudo, é nítida a discordância de que o álcool torne realmente o jovem mais adulto. É clara a opinião de que conseguem resistir ao consumo de bebidas alcoólicas, discordando claramente de que o consumo de álcool dificulta a aceitação pelo seu grupo de alunos.

A maioria dos indagados concorda que consumir bebidas alcoólicas não melhora a capacidade de memorização, de concentração, nem o desempenho académico ou a capacidade de relacionamento com os outros, apesar de se encontrarem repartidos entre o acordo e desacordo de que o álcool facilita as relações sociais.

Para grande parte destes alunos, um alcoólico é uma pessoa que se embebeda com muita frequência e a quem o álcool faz mal fisicamente, defendendo que o dependente de álcool é uma pessoa fraca e irresponsável, que pode deixar facilmente de beber álcool, bastando ter força de vontade, já que o álcool é a causa do alcoolismo. Pelo exposto, acreditam que as pessoas que aguentam consumir muito álcool sem se embebedarem, têm menos possibilidades que as outras de se tornarem alcoólicas.

Muitos mitos são desconhecidos entre os adolescentes, pelo que verificamos a presença de muitas dúvidas. Obteve-se uma divisão entre a discordância e a dúvida se fumar abundantemente faz diminuir a taxa de alcoolemia, bem como divisão entre o desconhecimento e concordância se o consumo de café pode curar a ressaca.

Grande parte dos alunos desconhece se o álcool tem efeito afrodisíaco, se beber azeite faz diminuir a taxa de alcoolemia, ou se mascar pastilha elástica faz diminuir a taxa de alcoolemia.

A dúvida instala-se essencialmente se fazer exercício físico, ingerir menta ou qualquer outra erva aromática, mastigar um grão de café, vaporizar a boca com um *spray* de mentol, comer caramelos ou qualquer outro produto açucarado, beber muita água após ter ingerido álcool ajudam a fazer baixar os níveis de alcoolemia, ou até mesmo se beber um copo de licor ajuda a curar a constipação ou a gripe. Contudo, acreditam que o álcool aquece.

A maior parte também acha que o álcool não torna as pessoas mais bonitas, não permite controlar o peso, não mata a sede, não alimenta, não abre o apetite, não dá força nem energia, não é um medicamento, nem faz bem ao coração. Não acreditam que os efeitos do álcool desapareçam após um banho de água fria ou depois de vomitar.

Não consideram que o vinho seja uma bebida leve, por conter menos álcool do que as outras bebidas, nem que as bebidas alcoólicas de grande graduação, como o whisky, sejam prejudiciais para a saúde, ao contrário da cerveja. Contudo, acreditam que misturar cerveja, vinho e destilados leve à embriaguez mais rapidamente do que tomar somente um tipo de bebida.

Cerca de metade dos inquiridos crê que se se beber durante as refeições, os efeitos do álcool são obrigatoriamente menores, não sendo os efeitos do álcool no corpo da mulher iguais aos efeitos do álcool no corpo do homem, concordando que esses efeitos serão mais intensos se o álcool for consumido de estômago vazio.

Atestando o efeito desinibidor do álcool, acreditam que o consumo de bebidas alcoólicas facilita o “engate”, propiciando arranjar namorado(a). Para além disso, creem que o consumo de álcool propicia comportamentos de risco, nomeadamente, os policonsumos (consumo de outras drogas), bem como o aumento da criminalidade ou do número de acidentes de viação.

Desculpando ou justificando os seus consumos, consideram que beber um pouco mais de álcool aos fins de semana não apresenta perigo de alcoolismo, desde que não se beba durante a semana.

Apesar da divisão entre a concordância e discordância de que as festas são mais divertidas se tiverem álcool, a maior parte defende que se consegue divertir sem consumir álcool.

Pese embora a evidência das dúvidas presentes nos alunos, no final repartem-se em concordar ou discordar que sentem necessidade de ter mais conhecimentos acerca dos efeitos e consequências do álcool.

O autoteste *AUDIT* apenso ao nosso questionário, classifica os consumos de álcool “de baixo risco”, para resultados de 0 a 7, “consumo nocivo ou abusivo”, para resultados de 8 a 19 e de “dependência, para valores entre 20 e 40. A maior parte dos consumos dos nossos alunos são de “baixo risco”, apesar de haver alguns casos preocupantes que indiciam “dependência”.

Da Análise Fatorial da dimensão II do questionário, referente aos hábitos de consumo de álcool dos alunos do 9.º ao 12.º ano, obtivemos uma estrutura fatorial adequada a um modelo de seis fatores. Os resultados revelaram adequação da solução final de 6 fatores, com um  $KMO = 0.823$ , que se considera Bom, com um total de variância explicada de 61,782%. Os 21 itens foram avaliados quanto à consistência interna pelo método *Alpha de Cronbach*, que apresentou um valor de 0,828, sendo considerado de confiabilidade alta.

Da Análise Fatorial da escala da dimensão III, referente às representações sociais dos alunos do 9.º ao 12.º anos, acerca do consumo de álcool, verificamos que apresenta uma estrutura fatorial adequada a um modelo de sete fatores. Os resultados revelaram adequação da solução final de 7 fatores, com um  $KMO = 0.829$ , que se considera Bom, com uma variância total explicada de 71,234%. Os 30 itens foram avaliados quanto à consistência interna pelo método *Alpha de Cronbach*, que apresentou um valor de 0,947, sendo considerado de muito alta confiabilidade.

Na dimensão II, para o fator 1, *Comportamentos de risco associados ao consumo de álcool*, fator 2, *Álcool associado a policonsumos (consumo de outras drogas)* e fator 3, *Influência dos pares*, a RL não foi significativa.

Para o fator 6, *Influência do álcool em comportamentos sexuais de risco*, da dimensão II e o fator 3, *Influência do álcool no desempenho académico*, da dimensão III, apesar do teste da ANOVA das variáveis preditoras *Sexo* e *Idade* com estes fatores apresentar um  $p\text{-value} = 0,000$  para ambos e de se considerar que o modelo é extremamente significativo, através da análise da regressão residual, verifica-se uma

violação da normalidade dos resíduos, logo consideramos que a regressão linear não valida os pressupostos do modelo.

Ainda na dimensão II, para o fator 4, *Embriaguez*, as variáveis independentes *Idade* e *Sexo*, afetam significativamente a variável dependente, apresentando a variável *Sexo* maiores contribuições relativas para explicar o comportamento. Para o fator 5, *Consumos abusivos de álcool*, a variável *Sexo* apresenta maior contribuição relativa para explicar a variável dependente.

Na dimensão III, para os fatores 1, *Alguns mitos relacionados com o consumo de álcool*; 4, *Objetivos do consumo de álcool (para relaxar, fugir à tristeza ou à realidade)*; 6, *Outros mitos associados ao consumo de álcool*, as variáveis independentes *Idade* e *Sexo* apresentam boa contribuição relativa para a variável dependente, afetando-a significativamente.

Para o fator 2, *O álcool como facilitador das relações sociais, no grupo de pares e para arranjar namorado(a)*, a variável independente *Sexo* revela maior contribuição relativa para explicar a variável dependente, afetando-a significativamente.

Já para os fatores 5, *Influência dos pares no consumo de álcool* e 7, *Importância do álcool na emancipação e integração no grupo de pares*, é a variável independente *Idade* que revela maior contribuição relativa para explicar o comportamento da variável dependente, afetando-a significativamente.

Também as variáveis independentes *Idade* e *Sexo* revelam boas contribuições relativas para explicar o comportamento da variável dependente *AUDIT*, ou seja, é em função da idade e do sexo que melhor se prediz os resultados do autoteste *AUDIT*.

Analisando os resultados obtidos no questionário aplicado após o programa de intervenção preventiva de consumos, nomeadamente de álcool, atestamos que relativamente aos mitos o programa terá sido eficaz, pois a maioria dos alunos ficou esclarecida. Quanto à capacitação dos alunos para resistir à pressão dos pares e para resistir ao consumo de álcool, o programa foi manifestamente insuficiente, bem como para modificar hábitos de consumo dos alunos.

Foi mais fácil trabalhar com as turmas do 7.º e 8.º anos, que estavam mais recetivos à informação. As sessões de prevenção foram mais participadas, onde os alunos revelaram mais receios, logo menos consumos, apesar da curiosidade. Estes alunos mais novos, comparativamente com os do 9.º e 10.º anos, como ainda receiam os efeitos, as consequências, bem como os problemas associados ao consumo de álcool, acolhem mais facilmente a informação que tentamos transmitir.

Já os alunos do 9.º e principalmente os do 10.º ano, como apresentam mais liberdade e mais dinheiro, apresentam maior disponibilidade para os consumos. Como já gostam de consumir, não reconhecendo muitos malefícios do consumo de álcool, as sessões foram mais informativas do que propriamente preventivas.

O programa de prevenção de consumos (Anexo IX) tinha dez objetivos formulados, dos quais apenas três ficaram muito aquém de serem atingidos. Da comparação dos resultados obtidos no questionário que realizámos e que aplicámos antes e depois do programa de prevenção de consumo de álcool, conseguimos verificar que os alunos ficaram mais informados acerca das causas e consequências do consumo de álcool; foram alertados para os fatores de risco, tal como foram potenciados os fatores de proteção; conseguimos esclarecer dúvidas sobre mitos relacionados com o consumo de álcool; conseguimos realizar com os alunos campanhas de prevenção de consumo de álcool para toda a comunidade escolar, envolvendo mais de 30% dos alunos (37%), que era um indicador; conseguimos envolver os pais e encarregados de educação nas campanhas de prevenção de consumo de álcool, que apesar de não terem aderido à sessão de sensibilização que organizámos juntamente com PSP e técnicos de saúde, aderiram em massa à 1.ª Festa da Saúde, realizada no dia 12 de junho, de 2012. O nosso programa de prevenção de consumo abrangeu um total de 246, cerca de 37% dos alunos da escola, dos quais 92 alunos participaram com atuações, na 1.ª Festa da Saúde. Existiam 220 lugares sentados, estando no espetáculo das 21:30 todos ocupados, mais umas pessoas sentadas na escada. Cerca de metade do público eram familiares dos alunos envolvidos no espetáculo, pelo que conseguimos ultrapassar largamente os 10% de encarregados de educação que esperávamos envolver. Também conseguimos divulgar as campanhas de prevenção de consumo de álcool nos media da região, conforme as notícias que apresentamos em anexo (Anexo XVII e Anexo XXVIII), publicadas no jornal semanário de Beja “Diário do Alentejo”, bem como nas duas rádios locais.

Relativamente aos outros três objetivos do programa não conseguimos atingi-los, pois não conseguimos reduzir o consumo de álcool, nem adiar o início do consumo de álcool, tal como não conseguimos desenvolver satisfatoriamente competências nos alunos, que lhes permitam resistir à pressão dos pares e a outras influências sociais.

Apesar de termos consciência de que quanto mais longas forem as intervenções e quantos mais reforços forem tendo, mais eficazes são (Barroso, Barbosa e Mendes, 2008), não quisemos deixar de aplicar o nosso programa de prevenção de consumo de

álcool, mesmo que fosse apenas durante o ano letivo de 2011-2012. Analisados todos os resultados do programa de prevenção de consumo, consideramos que, apesar de não ter tido a duração necessária, consideramos que a maioria dos objetivos foram atingidos, pois também já prevíamos não conseguir desenvolver satisfatoriamente competências nos alunos de resistir ao consumo de álcool, bem como resistir à pressão dos pares, num período tão reduzido.

Deixamos a ideia, a vontade e a disponibilidade de continuar a trabalhar, bem como voltar a desenvolver este projeto durante mais cinco anos, a fim de avaliar o seu efeito longitudinal.

Os resultados apurados, que confirmam outros estudos, reforçam a necessidade de capacitar os adolescentes para resistir à pressão dos pares relativamente a comportamentos de risco. Revela-se importante aperfeiçoar as competências e habilidades sociais para melhorar relacionamentos e resolver problemas assim como facilitar o acesso a recursos e oportunidades necessários para a vida. A melhoria da competência educativa e da capacidade pessoal para afrontar a doença e as adversidades devem ser treinadas, levando os adolescentes a participar e a influenciar ativamente e com espírito crítico para transformar o meio. Torna-se imperioso que os adolescentes sintam que podem fazer que ocorra o que querem que ocorra, ou seja, que têm poder para preparar e orientar as opções, decisões e ações saudáveis, evitando comprometer negativamente o seu futuro e o da sociedade onde se integram.

Consideramos que os professores deverão educar pelo exemplo, evitando o consumo, não só de álcool, mas também de tabaco (que são as únicas drogas lícitas), junto dos alunos.

Os resultados obtidos apontam para a necessidade de uma intervenção preventiva assente em três vertentes:

(a) promoção de estilos de vida saudáveis, de modo a atrasar se possível o início de consumos, ou pelo menos minimizá-los, enfatizando os problemas ligados ao consumo de álcool. Para que a educação para a saúde e as intervenções sejam profícuas, é fundamental fiscalizar o cumprimento do Decreto-Lei n.º 50/2013, de 16 de abril.

(b) capacitação dos alunos para resistir à pressão dos pares, promovendo a assertividade e a resiliência. As intervenções deverão assentar na comunicação interpessoal, de modo a desenvolver o espírito crítico, capacitando os alunos para a resolução dos seus problemas.

(c) fortalecimento dos contextos. Devido à proximidade com os alunos, as escolas são considerados os contextos privilegiados para o desenvolvimento de programas de educação para a saúde. Contudo, as famílias devem ser envolvidas, que complementando a escolas, deverão constituir fatores de proteção para os seus educandos.

*“Pedras no caminho? Guardo todas, um dia vou construir um castelo...”*

Fernando Pessoa

## BIBLIOGRAFIA

- Aday, L. A. (1989). *Designing and conducting health surveys: A comprehensive guide*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- American Heart Association (2010). *Twin study shows Mediterranean-style diet improves heart function*. Arquivo consultado em 18 de setembro de 2013, em <http://newsroom.heart.org/news/1056>
- American Psychiatric Association (2013). *DSM-V - Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais*. 5.<sup>a</sup> Edição. Lisboa: Climepsi Editores.
- Associação Brasileira de Estudos de Álcool e Outras Drogas (ABEAD) (n.d). *Mitos e realidade*. Arquivo consultado em 2 de Outubro, de 2010 em, <http://www.abead.com.br/educacao/exibEducacao/?codigo=3>
- Babor, T. F., Higgins-Biddle, J. C., Saunders, J. B., & Monteiro, M. G. (2001). *AUDIT. The alcohol use disorders identification test. Guidelines for use in primary care* (2<sup>nd</sup> ed.). s.l.: World Health Organization.
- BÍBLIA SAGRADA (1982). Lisboa: Difusora Bíblica.
- Azevedo, M. (2009). *Teses, relatórios e trabalhos escolares*. Lisboa: Universidade Católica Editora
- Balsa, et al. (2003). *Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoativas na População Portuguesa 2001*. Lisboa: CEOS/FCSH/UNL.
- Balsa, et al. (2008). *II Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoativas na População Geral: Portugal 2007*. Lisboa: CEOS/FCSH/UNL.
- Barroso, T.; Barbosa, A. & Mendes, A. (2006). *Programas de prevenção do consumo de álcool em jovens estudantes – Revisão Sistemática da Literatura do Programa de Doutoramento*. Lisboa: Universidade de Lisboa
- Bonito, J. (Coord.) (2009). *Educação para a saúde no século XXI. Teorias, modelos e práticas*. Évora: Universidade de Évora.
- Breda, J. (1996). *Bebidas alcoólicas e jovens escolares. Um estudo sobre consumos, conhecimentos e atitudes*. Dissertação de Mestrado (inédita). Lisboa: Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
- Breda, J. (1997). *Bebidas alcoólicas e jovens escolares: um estudo sobre consumos, conhecimentos e atitudes*. Boletim do Centro Regional de Alcoologiad de Coimbra, 4, 4-6.
- Buendia, L. (1998). El proceso de investigación. In M. P. Colás, & L. Buendía (Orgs.) *Investigación educativa*.(pp. 69-107).Sevilla: Ediciones Alfar
- Cabral, R. (2004). Alcoolismo juvenil. *Revista Millenium do ISPV*, 30. Consultado em 2 de novembro, de 2012 em, <http://www.ipv.pt/millennium/millennium30/14.pdf>
- Caldwell, L. & Darling, N. (1999). Leisure context, parental control, and resistance to peer pressure as predictors of adolescent partying and substance abuse: An ecological perspective. *Journal of Leisure Research*, (First Quarter 1999), 1-24.
- Câmara Municipal de Beja (2013). *Diagnóstico social do concelho de Beja`13*. Arquivo consultado em 22 de julho de 2013, em [http://www.cm-beja.pt/docs/PDFs/GDS/DS\\_2013.pdf](http://www.cm-beja.pt/docs/PDFs/GDS/DS_2013.pdf)
- Carta de Ottawa. (1986). *Primeira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde*. Documento consultado em 15 de setembro de 2013, em [www.cnpcejr.pt](http://www.cnpcejr.pt)
- Carvalho, A. C. & Leal, I. P. (2006). Construção e validação de uma escala de representações sociais do consumo de álcool e drogas em adolescentes; in *Psicologia Saúde & Doenças*, 7 (2), 287-297.

- CISA - Centro de Informações sobre Saúde e Álcool (n.d.). *História do álcool*. Consultado em 25 de março, de 2013, em <http://www.cisa.org.br/artigo/234/historia-alcool.php>
- CISA - Centro de Informações sobre Saúde e Álcool (2011). *Alguns mitos e verdades sobre as bebidas alcoólicas*. Consultado em 12 de outubro de 2012, em <http://www.cisa.org.br/artigo/226/mitos-realidade.php>
- Costa, M. & López, E. (2008). *Educación para la salud*. Madrid: Ediciones Pirámide.
- Conceição, A. A. (n.d). *Prevenção contra as drogas – Como prevenir contra o uso de drogas*. Monografia consultada 28 de Julho de 2010 em <http://br.monografias.com/trabalhos/drogas-prevencao/drogas-prevencao.shtml>
- Creswell, J. (2003). *Research Design – Qualitative, Quantitative and Mixed Methods Approaches*. 2ª Edição. Thousand Oaks: Sage Publications
- Dai, J. et al. (2010). Twin study shows Mediterranean-style diet improves heart function. *Circulation: Cardiovascular Quality and Outcomes, an American Heart Association journal*. Consultado em 18 de setembro de 2013, em <http://circoutcomes.ahajournals.org/content/3/4/366>
- Darling, N.; Caldwell, L., & Smith, R. (2005). Participation in School-Based Extracurricular Activities and Adolescent Adjustment. *Journal of Leisure Research*, (First Quarter 2005), 1-41.
- Dederich, M. (2007). O álcool nas corridas: use-o a seu favor. *Revista Contra Relógio*, Edição 166, p. 57. Consultado em 17 de março, de 2013, em <http://revistacontrarelogio.com.br/materia/o-alcool-nas-corridas-use-o-ao-seu-favor/>
- DEPS (1990). *Inquérito Nacional de Saúde de 1987: dados gerais*. Lisboa: Departamento de Estudos e Planeamento da Saúde
- DGS (1998). *Inquérito Nacional de Saúde 1995/1996: dados gerais*. Lisboa: Direcção-Geral de Saúde
- DGS (2001). *Álcool e problemas ligados ao álcool em Portugal*. Lisboa: Direcção Geral de Saúde
- DGS (2002). *Relatório de 2001 do Diretor-geral e Alto-comissário da Saúde*. Lisboa: Direcção-Geral da Saúde
- DGE (2009). *Declaração de Vilnius – Melhores Escolas, Escolas mais Saudáveis – Terceira Conferência Europeia de Escolas Promotoras de Saúde*. Arquivo consultado em 20 de agosto de 2013, em <http://www.dge.mec.pt/educacaosaude/index.php?s=directorio&pid=93>
- ESPAD (2004). *The european school survey project on alcohol and drugs report 2003*. Consultado a 6 de setembro, de 2010, em [http://www.espad.org/Uploads/ESPAD\\_reports/2003/The\\_2003\\_ESPAD\\_report.pdf](http://www.espad.org/Uploads/ESPAD_reports/2003/The_2003_ESPAD_report.pdf)
- ESPAD (2009). *The 2007 european school survey project on alcohol and drugs report*. Consultado a 6 de setembro, de 2010, em <http://www.idt.pt/PT/Investigacao/Documents/sintese/ESPAD07.pdf>
- ESPAD (2012). *The 2011 european school survey project on alcohol and drugs report*. Relatório consultado a 24 de novembro, de 2012, em [http://www.espad.org/Uploads/ESPAD\\_reports/2011/The\\_2011\\_ESPAD\\_Report\\_FULL\\_2012\\_10\\_29.pdf](http://www.espad.org/Uploads/ESPAD_reports/2011/The_2011_ESPAD_Report_FULL_2012_10_29.pdf)
- Feijão, F., & Lavado, E. (2001). *Inquérito nacional em meio escolar. 2001 – 3.º ciclo do ensino básico. Consumo de drogas e outras substâncias psicoativas*. Consultado em 21 de setembro, de 2010, em [http://www.ipdt.pt/relatorios/relatorio\\_2001/infoestatistica2001/inme.pdf](http://www.ipdt.pt/relatorios/relatorio_2001/infoestatistica2001/inme.pdf)
- Feijão, F., & Lavado, E. (2001). *Inquérito nacional em meio escolar. 2001 – 3.º ciclo do ensino básico. Consumo de drogas e outras substâncias psicoativas*. Consultado em

- 22 de novembro, de 2011, em [http://www.idt.pt/PT/Investigacao/Documents/sintese/inquerito\\_meio\\_escolar\\_2001\\_sintese\\_grafica.pdf](http://www.idt.pt/PT/Investigacao/Documents/sintese/inquerito_meio_escolar_2001_sintese_grafica.pdf)
- Feijão, F., & Lavado, E. (2003). *Os adolescentes e o álcool: Estudo sobre o consumo de Álcool, Tabaco e Droga*. Instituto da Droga e da Toxicodependência, Portugal. Arquivo consultado a 22 de setembro, de 2010, em [http://www.idt.pt/media/relatorios/investigacao/ECATD/ecatd\\_Alcool.pdf](http://www.idt.pt/media/relatorios/investigacao/ECATD/ecatd_Alcool.pdf)
- Feijão, F., & Lavado, E. (2004). ESPAD/2003 – Portugal. *Que evolução de 1999 para 2003? Resultados Preliminares*. IDT – Observatório de Droga e Toxicodependência. Lisboa. Consultado em 22 de setembro, de 2010, em [http://www.idt.pt/media/relatorios/investigacao/ESPAD\\_2003.pdf](http://www.idt.pt/media/relatorios/investigacao/ESPAD_2003.pdf)
- Feijão, F. (2007). Adolescentes e consumo de substâncias psicoativas: o tempo e o território enquanto fatores subjacentes às dinâmicas de consumo em Portugal e na Europa. *Toxicodependências*, 13(1), 59-80.
- Feijão, F., & Lavado, E. (2007). *Os adolescentes e o álcool: estudo sobre o consumo de álcool, tabaco e droga*. Obtido em 22 de setembro de 2010, de [http://www.idt.pt/media/relatorios/investigacao/ECATD/ecatd\\_Alcool.pdf](http://www.idt.pt/media/relatorios/investigacao/ECATD/ecatd_Alcool.pdf).
- Feijão, F. (2008). *Inquérito nacional em meio escolar 2006: consumo de drogas e outras substâncias psicoativas: uma abordagem integrada. Resultados preliminares*. Consultado em 25 de outubro, de 2012, em <http://www.idt.pt/PT/ComunicacaoSocial/ComunicadosImprensa/Documents/2008/04/18/inqueritoNacMeioEscolar.pdf>
- Feijão, F. (2010). Epidemiologia do consumo de álcool entre os adolescentes escolarizados a nível nacional e nas diferentes regiões geográficas. *Toxicodependências*, 16(1), 29-46.
- Feijão, F., Lavado, E., & Calado, V. (2011). *Estudo sobre o consumo de álcool, tabaco e drogas*. Lisboa: IDT – Observatório de Droga e Toxicodependência. Consultado em 23 de novembro, de 2011, em <http://www.idt.pt/PT/ComunicacaoSocial/ComunicadosImprensa/Paginas/ComunicadoDeImprensaApresentacaodeResultados.aspx>
- Feijão, F. (2011a). *Inquérito nacional em meio escolar, 2011 – 3.º ciclo. Consumo de drogas e outras substâncias psicoativas: uma abordagem integrada. Síntese de resultados*. SICAD. Consultado em 25 de outubro, de 2012, em [http://www.idt.pt/PT/Investigacao/Documents/2012/INME2011\\_3ciclo%20\(2\).pdf](http://www.idt.pt/PT/Investigacao/Documents/2012/INME2011_3ciclo%20(2).pdf)
- Feijão, F. (2011b). *Inquérito nacional em meio escolar, 2011 – secundário. Consumo de drogas e outras substâncias psicoativas: uma abordagem integrada. Síntese de resultados*. SICAD. Consultado em 25 de outubro de 2012, de [http://www.idt.pt/PT/Investigacao/Documents/2012/INME2011\\_secundario.pdf](http://www.idt.pt/PT/Investigacao/Documents/2012/INME2011_secundario.pdf)
- Ferreira-Borges, C., & Filho, H. C. (2004). *Usos, abusos e dependências. Alcoolismo e toxicodependências*, Lisboa, Climepsi Editores.
- Ferreira-Borges, C.; Filho, H. C., & Frasilho, M. O. (2008). *Organização de intervenções preventivas: Gestão de problemas de saúde em meio escolar*. Lisboa: Coisas de Ler Edições.
- Ferreira, J. (2008). *O Top 20 das drogas mais perigosas*. Documento consultado a 16 de julho, de 2010, em <http://ciberculturaismt.pbworks.com/O-Top-20-das-Drogas-mais-perigosas>
- Fishbein, M. e Ajzen, I. (1975). *Beliefs, attitude and Intention: An introduction to theory and research*. Reading, Mass: Adison Wesley Publishing.

- Fishbein, M. (1980). A theory of reasoned action; some applications and implications. In H. E. Howe e M. M Page (eds.), *Beliefs, attitudes and values. Nebraska Symposium on Motivation* (pp. 65-118) Lincoln, NB: University of Nebraska Press.
- Freitas, A. L. P., & Rodrigues, S. G. (2005). *A avaliação da confiabilidade de questionários: uma análise utilizando o coeficiente alfa de Cronbach*. Consultado em 28 de março, de 2013, em [http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&ved=0CDQQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.simpep.feb.unesp.br%2Fanais%2Fanais\\_12%2Fcopiar.php%3Farquivo%3DFreitas\\_ALP\\_A%2520avalia%25E7%25E3o%2520da%2520confiabilidade.pdf&ei=2RkIUuq7B4H17AbehoHoDg&usq=AFQjCNEMx2vCpBZoAHG1qQH0MBsUJfMUBg&sig2=4pyATSO12yT5WdOXg3yN\\_w](http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&ved=0CDQQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.simpep.feb.unesp.br%2Fanais%2Fanais_12%2Fcopiar.php%3Farquivo%3DFreitas_ALP_A%2520avalia%25E7%25E3o%2520da%2520confiabilidade.pdf&ei=2RkIUuq7B4H17AbehoHoDg&usq=AFQjCNEMx2vCpBZoAHG1qQH0MBsUJfMUBg&sig2=4pyATSO12yT5WdOXg3yN_w)
- Gameiro, A. (1998). *Hábitos de consumo de bebidas alcoólicas em Portugal*. s.l.: Editorial Hospitalidade.
- Gaudet, E. (2006). *Drogas e adolescência: respostas às dúvidas dos pais*. Lisboa: Climepsi Editores.
- GEPE (2010). *Alunos transitados no ensino básico e secundário do ensino regular*. Arquivo consultado a 4 de agosto, de 2010, em [http://www.pordata.pt/azap\\_runtime/?n=4](http://www.pordata.pt/azap_runtime/?n=4) Fonte GEPE/ME
- GFORUM (s. d.). *Falsos mitos sobre o álcool*. Consultado em 14 de agosto, de 2010, em <http://www.gforum.tv/board/934/129965/falsos-mitos-sobre-o-alcool.html>,
- Gordon, R. (1987). *Na operational classification of disease prevention*. In J. A. Steinberg e M. M. Silverman (orgs.), *Prevençial mental disorders* (pp. 20-26). Rockville, MD: Department of Health and Humam Services.
- Gual, A. (2002). Monografía alcohol. *Adiciones*. Arquivo consultado em 26 de março, de 2010, disponível em [http://www.irefrea.org/archivos/sa/monografia\\_alcohol.pdf](http://www.irefrea.org/archivos/sa/monografia_alcohol.pdf)
- Grupo de Trabalho de Educação Sexual – GTES. (2007). *Relatório Final do Grupo de Trabalho de Educação Sexual*. Arquivo consultado em 8 de julho de 2010, [http://www.dgidc.min-edu.pt/EducaçaoSexual/Relatório\\_](http://www.dgidc.min-edu.pt/EducaçaoSexual/Relatório_)
- Guerri, C., & Pascual M. (2010). *Mechanisms involved in the neurotoxic, cognitive, and neurobehavioral effects of alcohol consumption during adolescence*. Alcohol. Fayetteville, N.Y.
- Hill, A., & Hill, M. M. (2009). *Investigação por questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.
- IDT – Instituto da Droga e da Toxicodependência (2009). *Substâncias: álcool*. Arquivo consultado em 10 de Agosto de 2010, a partir de <http://www.idt.pt/PT/Substancias/Alcool/Paginas/Historico.aspx>
- INE – Instituto Nacional de Estatística (2012). *Censos 2011: Resultados definitivos do Alentejo*. Lisboa: INE
- INSA – Inquérito Nacional de Saúde (2006). *Inquéritos nacionais de saúde*. Arquivo consultado em 27 de agosto, de 2010, a partir de [http://www.onsa.pt/conteu/proj\\_ins.html](http://www.onsa.pt/conteu/proj_ins.html)
- INSA – Inquérito Nacional de Saúde (2007). *4.º Inquérito nacional de saúde*. Arquivo consultado em 27 de agosto, de 2010, a partir de <http://www.portaldasaude.pt/portal/conteudos/a+saude+em+portugal/noticias/arquivo/2007/8/ivins.htm>
- IREFREA (2003) - *Apreciando a vida noturna na Europa. O papel de moderação*. Consultado em 29 de julho de 2010, em <http://www.irefrea.org>.
- Lakatos, E. M., & Marconi, M. A. (1992). *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Editora Atlas.

- Lomba, L., Apóstolo, J., Mendes, F., & Campos, D. C. (2011). Jovens portugueses que frequentam ambientes recreativos noturnos. Quem são e comportamentos que adoptam. *Toxicodependências*, 17(1), 3-15.
- Matos, M. G., & Equipa do Projeto Aventura Social e Saúde (2000). *A Saúde dos Adolescentes Portugueses: Estudo Nacional da Rede Europeia HBSC/OMS 1998*. Lisboa: Edições FMH
- Matos, M. G., & Equipa do Projeto Aventura Social e Saúde (2003). *A Saúde dos adolescentes portugueses: quatro anos depois*. Lisboa: Edições FMH
- Matos, M. G., & Equipa do Projeto Aventura Social e Saúde (2006). *A Saúde dos adolescentes portugueses: relatório preliminar*. Lisboa: Edições FMH
- Matos, M. G., & Sampaio, D. (Coord.) (2009). *Jovens com saúde*, Lisboa, Texto Editora.
- Matos, M. G., & Equipa do Projeto Aventura Social e Saúde (2012). *A saúde dos adolescentes portugueses: relatório do estudo HBSC*. Lisboa: Edições FMH
- Mello, M. L. M. et al. (1988). *Manual de alcoologia para o clínico geral*. Coimbra: Delagrangue.
- Mello, L., Barrias, J., & Breda, J. (2001). *Álcool e problemas ligados ao álcool em Portugal*. Lisboa: Direção Geral de Saúde.
- Ministério da Educação (1998). *A rede europeia e portuguesa de escolas promotoras de saúde*. Lisboa: Ministério da Saúde.
- Ministério da educação (2009). *Construindo Escolas Promotoras de Saúde: Directrizes para Promover a Saúde em Meio Escolar*. Arquivo consultado em 20 de agosto de 2013, em <http://www.dge.mec.pt/educacaoosauade/index.php?s=directorio&pid=93>
- Ministério da Saúde (2001). *A rede nacional de escolas promotoras de saúde*. Lisboa: Ministério da Saúde.
- Ministério da Saúde (2009). *Plano nacional para redução dos problemas ligados ao álcool*. Arquivo consultado em 2 de outubro de 2010, em <http://www.min-saude.pt/NR/rdonlyres/DF77BEF4-9F5F-4470-B058-8376F8644B16/0/PlanoNacionalPLA202009II.pdf>
- National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism - NIAAA (s. d). *Mitos e realidade*. Arquivo consultado em 2 de outubro, de 2010, em, <http://www.niaaa.nih.gov/FAQs/General-English/FAQ2.htm>
- National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism - NIAAA (s. d). *Mitos e realidade*. Arquivo consultado em 2 de outubro, de 2010, em, <http://www.niaaa.nih.gov/FAQs/General-English/FAQ8.htm>
- National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism - NIAAA (s. d). *Mitos e realidade*. Arquivo consultado em 2 de outubro, de 2010, em, <http://www.niaaa.nih.gov/FAQs/General-English/FAQs16.htm>
- National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism - NIAAA (s. d). *Alcohol's effects on the body*. Arquivo consultado em 2 de julho, de 2013, em, <http://www.niaaa.nih.gov/alcohol-health/alcohols-effects-body>
- NEPRE – Núcleo de Educação e Prevenção de Joinville (2009). *Álcool na juventude*. Arquivo consultado em 26 de agosto, de 2011, em, <http://projetonepre.blogspot.com/2009/09/alcool-na-juventude.html>
- Nutt, J., Robbins T. W., Stimson G., Ince M., & Jackson A. (2006), *Drugs and the future– Brain Science, addiction and society*. Elsevier Ltd.
- Nutt, D., King, L., Salisbury, W., & Blakemore, C. (2007). *Alcohol 'nearly as harmful as heroin'*. Arquivo consultado em 12 janeiro de 2011, em [http://www.ias.org.uk/resources/publications/alcoholalert/alert200701/al200701\\_p8.html](http://www.ias.org.uk/resources/publications/alcoholalert/alert200701/al200701_p8.html).

- OCDE (2011). *Health at a glance 2011. OCDE indicators*. OECD Publishing. Consultado em 2012, 13 de novembro, a partir de <http://www.oecd.org/health/healthpoliciesanddata/49105858.pdf>.
- OCDE (2012). *OCDE Health Data 2012*. Consultado em 24 de maio de 2013, em [http://stats.oecd.org/Index.aspx?DataSetCode=HEALTH\\_LVNG](http://stats.oecd.org/Index.aspx?DataSetCode=HEALTH_LVNG)
- OEDT - Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência (2013) - *Relatório Europeu das Drogas 2013*. Consultado em 10 de junho, de 2013, em, [http://www.emcdda.europa.eu/attachements.cfm/att\\_212374\\_PT\\_TDAT13001PTN.pdf](http://www.emcdda.europa.eu/attachements.cfm/att_212374_PT_TDAT13001PTN.pdf).
- Pawelko, K., & Magafas, A. (1997). Leisure well being among adolescent groups: time, choices and self-determination [Electronic Version]. Parks & Recreation. Consultado em 17 de agosto, de 2010, em [http://www.findarticles.com/p/articles/mi\\_m1145/is\\_n7\\_v32/ai\\_19649715/pg\\_4](http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m1145/is_n7_v32/ai_19649715/pg_4)
- Pinto, J. M. (1999). O Grupo na adolescência: vicissitudes do processo de construção/desconstrução. *Revista de educação e formação em enfermagem*, 2, 27-33.
- Portal da Saúde (2006). *Problemas ligados ao álcool*. Documento consultado em 12 de julho, de 2010, em <http://www.min-saude.pt/portal/conteudos/enciclopedia+da+saude/estilos+de+vida/alcoolismo.htm>
- Portal da Saúde (2006). *Fatores de risco, sintomas, diagnóstico, consequências e tratamento da dependência alcoólica ou alcoolismo*. Documento consultado a 12 de julho, de 2010, em <http://www.min-saude.pt/portal/conteudos/enciclopedia+da+saude/estilos+de+vida/dependenciaalcohol.htm>
- Portal da saúde (2008). *O álcool e os jovens*. Arquivo consultado em 8 de Agosto de 2010, a partir de <http://www.minsaude.pt/portal/conteudos/a+saude+em+portugal/noticias/arquivo/2008/10/alcool+jovens.htm>
- Portal da saúde (2008). *Dependência alcoólica*. Arquivo consultado em 12 de julho, de 2010, em <http://www.minsaude.pt/portal/conteudos/enciclopedia+da+saude/estilos+de+vida/dependenciaalcohol.htm>
- Portal da Saúde (2008). *IDT divulga resultados preliminares de inquéritos sobre o consumo de drogas e outras substâncias psicoativas*. Documento consultado a 12 de agosto, de 2010, em <http://www.min-saude.pt/portal/conteudos/a+saude+em+portugal/noticias/arquivo/2008/4/inqueritos+idt.htm>
- Portal da Saúde (2009). *Jovens consomem menos tabaco e mais álcool*. Arquivo consultado em 15 de agosto, de 2010, em <http://www.min-saude.pt/portal/conteudos/servicos+online/send+newsletter/newsletter1309.htm>
- Punch, K. (2005). *Introduction to social research. Quantitative and qualitative approaches*. London: Sage publication.
- Ribeiro, J. (2010). *Metodologia de investigação em psicologia e saúde*. Porto:Legis Editora/Livpsic.
- Rodrigues, M.; Pereira, A., & Barroso, T. (2005). *Educação para a saúde. Formação pedagógica de educadores de saúde*. Coimbra: Formasau.
- Saiba de Saúde (2009). *Álcool moderado pode reduzir risco da doença de Alzheimer*. Arquivo consultado em 18 de setembro de 2013, em <http://saibadesaude.blogspot.pt/2009/01/lcool-moderado-pode-reduzir-risco-da.html>

- Sampaio, D. (1994). *Ninguém morre sozinho: o adolescente e o suicídio* (5.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Caminho.
- Sanmartí, L. S. (1985). *Educación sanitaria. Principios, métodos y aplicaciones*. Barcelona: Ediciones Dias de Santos.
- Sena, A., & Ferret-Sena, V. (2004). Neurobiológico uso de álcool e outras drogas. In , C. Ferreira-Borges & H. C. Filho (Eds.), *Usos, abusos e dependências. Alcoolismo e toxicodependências* (pp. 95-110). Lisboa: Climepsi Editores.
- Sieving, R., Perry, C., & Williams, C. (2000). Do friendships change behaviors, or do behaviors change friendships? Examining paths of influence in young adolescents' alcohol use. *Journal of adolescent health*, 26(1), 27-35.
- Simões, M. C. R. (2005). *Comportamentos de risco na adolescência*. Tese de Doutorado. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa.
- Sousa, A. et al. (2007). *Consumo de substâncias psicoativas e prevenção em meio escolar*. Lisboa: DGS, DGIDC, Ministério da Educação, IDT.
- Schuckit, M. (1991). *Abuso de álcool e drogas: uma orientação clínica do diagnóstico e tratamento*. Porto Alegre: Editora Artes Médica.
- Schuckit, M. A. (1995). *Drug and alcohol abuse. A clinical guide to diagnosis and treatment* (4th Ed.). New York: Plenum Press.
- Schuckit, M. A. (1998). *Abuso de álcool e drogas*. Lisboa: CLIMEPSI Editores.
- Smith, H. (1975). *Strategies of social research: the methodological imagination*. New Jersey: Prentice-Hall, Inc.
- Tomásio, J. (2009). *Novos alcoólicos têm entre 20 e 30 anos*. Artigo consultado em 2 de setembro, de 2010, em [http://medicosdeportugal.saude.sapo.pt/action/2/cnt\\_id/2288/](http://medicosdeportugal.saude.sapo.pt/action/2/cnt_id/2288/), ADBDCommunicare, Consultores Associados
- UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina (s. d). *Afrodisíacos, mitos e verdade sobre a química do sexo*. Consultado em 2 de setembro, de 2010, em <http://www.qmc.ufsc.br/qmcweb/artigos/afrodisiacos.html>
- Vaillant, G. (2004). História natural da adição e caminhos para a recuperação. In Ferreira-Borges & H. C. Filho (Eds.), *Usos, abusos e dependências. Alcoolismo e toxicodependências* (pp. 29-45). Lisboa: Climepsi Editores.
- Watson, S. (2007). *Como funciona o alcoolismo*. Consultado a 23 de julho, de 2010, em <http://saude.hsw.com.br/alcoolismo4.html>
- World Advertising Research Center (2005). *World Drink Trends 2005*. Edition, World Advertising Research Center Ltd.
- WHO - World Health Organization (1948). *Summary report on proceedings minutes and final acts of the international health conference*. Documento consultado em 25 de setembro de 2013, em [http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/85573/1/Official\\_record2\\_eng.pdf](http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/85573/1/Official_record2_eng.pdf)
- WHO - World Health Organization (1986). *Health Promotion Glossary, WHO/HPR/HEP/98.1*. Geneve: WHO Press. Glossário sobre a promoção da saúde, consultado em 25 de setembro de 2013, em [http://whqlibdoc.who.int/hq/1998/WHO\\_HPR\\_HEP\\_98.1.pdf](http://whqlibdoc.who.int/hq/1998/WHO_HPR_HEP_98.1.pdf)
- World Health Organization (1999). *Health 21. Health for all in the 21st century*. Copenhagen: World Health Organization. Regional Office for Europe.
- WHO - World Health Organization (2003) – *Health for all databases*. Geneva: World Health Organization
- WHO - World Health Organization (2011). *Global Statusreport on alcohol and health*. Geneve: WHO Press.

## LEGISLAÇÃO CONSULTADA

- Lei n.º 48/90, de 24 de agosto: Lei de Bases da Saúde. *Diário da República n.º 195/90 - I Série*. Ministério da Saúde. Lisboa
- Decreto-Lei n.º 15/93, de 22 de janeiro. *Diário da República n.º 18/93 - I Série - A*. Ministério da Justiça. Lisboa
- Despacho n.º 15587/99, de 12 de agosto. *Diário da República n.º 187/99 - 2ª Série*. Ministério da Educação. Lisboa.
- Despacho conjunto n.º 734/2000, de 18 de julho de 2000. *Diário da República n.º 164/00 - 2ª Série*. Ministério da Educação e Ministério da Saúde. Lisboa.
- Lei n.º 30/2000, de 29 de novembro. *Diário da República n.º 276/00 - I Série - A*. Assembleia da República. Lisboa
- Resolução do Conselho de Ministros n.º 166/2000. *Diário da República n.º 276/00 - I Série - B*. Presidência de Conselho de Ministros. Lisboa.
- Resolução da Assembleia da República n.º 76/2000, de 18 de novembro. *Diário da República n.º 267/00 - I Série - A*.
- Decreto-Lei n.º 332/2001, de 24 de dezembro. *Diário da República n.º 296/01 - I Série - A*. Presidência de Conselho de Ministros. Lisboa.
- Decreto-Lei n.º 9/2002, de 24 de Janeiro. *Diário da República n.º 20/02 - I Série - A*. Presidência de Conselho de Ministros. Lisboa.
- Portaria n.º 390/2002, de 11 de Abril. *Diário da República n.º 85/02 - I Série - B*. Ministério da Saúde, do Ambiente e do ordenamento da Território e da Reforma do Estado e da administração Pública. Lisboa.
- Lei n.º 47/2003, de 22 de Agosto. *Diário da República n.º 193/03 - I Série - A*.
- Lei n.º 14/2005, de 26 de Janeiro. *Diário da República n.º 18/05 - I Série - A*.
- Despacho n.º 25 995/2005. *Diário da República n.º 240/05 - 2ª Série*. Ministério da Educação. Lisboa.
- Protocolo entre o Ministério da Educação e o Ministério da Saúde, de 7 de fevereiro de 2006.
- Programa Nacional de Saúde Escolar (PNSE): Despacho n.º 12.045/2006, de 7 de junho. *Diário da República n.º 110/06 - 2ª série*. Ministério da Saúde, do Ambiente e do ordenamento da Território e da Reforma do Estado e da administração Pública. Lisboa.
- Despacho de 27 de Setembro de 2006. Ministério da Educação. Lisboa.
- Portaria n.º 1556/2007, de 10 de Dezembro. *Diário da República n.º 237/07 - I Série*.
- Despacho n.º 2506/2007, de 20 de Fevereiro. *Diário da República n.º 36/07- 2ª Série*. Ministério da Educação. Lisboa.
- Despacho de Setembro de 2009, do Projeto de Educação para a Saúde
- Decreto-Lei n.º 50/2011, de 8 de Abril. *Diário da República n.º 70/11- I Série*. Ministério da Educação. Lisboa.
- Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho. *Diário da República n.º 129/12- I Série*. Ministério da Educação. Lisboa.
- Decreto-Lei n.º 50/2013, de 16 de abril. *Diário da República n.º 74/13 - I Série*. Ministério da Saúde. Lisboa.